



**Universidad de Extremadura**

Departamento: Didáctica de la Expresión Musical, Plástica y Corporal

**Tesis Doctoral**



**Música de Tradição Oral em Alcongosta,  
Alpedrinha, Casal da Serra, Castelo Novo,  
Louriçal do Campo,  
S. Vicente, Soalheira e Souto da Casa.**

Doctorando: Miguel Nuno Marques Carvalhinho

Tutora: Dra. M<sup>a</sup> del Pilar Barrios Manzano, Catedrática de Didáctica de la Expresión Musical de la Facultad de Formación del Profesorado

**Cáceres 2010**

Doctorando: Miguel Nuno Marques Carvalhinho  
D.N.I.: 9496088  
Nº de Expediente: 47



### **Beira Baixa**

A quadra é o vaso de flores que  
O Povo põe à janela da sua alma  
Da órbita triste do vaso obscuro  
A graça exilada das flores  
atreve o seu olhar de alegria.  
Quem faz quadras  
Portuguesas comunga a alma  
do povo, humildemente de todos  
nós e errante dentro de si próprio.

**Fernando Pessoa**

Onde as searas cruzam o granito  
e a voz de longe é feita de suor.  
A suave beleza solitária  
das oliveiras raras numa encosta.  
A estranha consolação das giestas  
tão floridas em campos desolados.  
E o verde esperança filho da sem  
esperança.

**António Salvado**

**Em memória do meu pai Horácio**  
**Em memória da minha madrinha Ernestina**



## **Agradecimentos**

A todos os habitantes das povoações estudadas que nos ofereceram o seu testemunho, à Professora M<sup>a</sup> del Pilar Barrios, ao Fernando Gordo, ao José Raimundo, ao Rui Monteiro, ao Pedro Ladeira, à Luísa Tender, à Joana Carvalhinho, ao Henrique Carvalhinho, ao Horácio Carvalhinho, à Rita Carvalhinho.

## ÍNDICE ANALÍTICO

	<b>Pag.</b>
<b>Poesia</b>	<b>iii</b>
<b>Agradecimentos</b>	<b>v</b>
<b>1- Introdução</b>	<b>3</b>
1.1- Fundamentação e escolha do tema	3
1.2- Estrutura do trabalho	8
1.3- Objectivos	9
<b>2- Contexto histórico, geográfico e sócio-cultural</b>	<b>11</b>
2.1 Serra da Gardunha	13
2.2 Alcongosta	16
2.3 Alpedrinha	18
2.4 Casal da Serra	20
2.5 Castelo Novo	21
2.6 Lourçal do Campo	23
2.7 São Vicente da Beira	25
2.8 Soalheira	27
2.9 Souto da Casa	29
<b>3- Metodologia, o estado da questão e fontes</b>	<b>31</b>
3.1- Metodologia	33
3.2- Estado da questão e fontes indirectas	35
3.3- Fontes directas	39
3.3.1- Entrevistas	40
3.3.2- Selecção dos informantes	40
3.3.3- Contexto das canções	45
3.3.4- Calendário agrícola e pecuário	49
3.3.5- Calendário religioso católico	50
3.3.6- Fichas de análise/classificação	51
<b>4- Canções recolhidas</b>	<b>55</b>
<b>4.1.- Canções de Carnaval</b>	<b>57</b>
4.1.1- Análise das canções de carnaval recolhidas	57
4.1.2- Repertório	59
Recolha nº 2- Menina da garrafinha (Alcongosta)	59
Recolha nº 3- Ó ladrão (Alcongosta)	61
Recolha nº 8- Quem me dera (Alcongosta)	63
Recolha nº 13- O Entrudo (Alcongosta)	65

Recolha nº 23- Menina do Balho (Alpedrinha)	67
Recolha nº 33- As carvoeiras (Castelo Novo)	69
Recolha nº 34- A saia da nossa Ana (Castelo Novo)	71
Recolha nº 38- Anda lá para diante (Castelo Novo)	73
Recolha nº 42- Encontrei a Amélia (Castelo Novo)	76
Recolha nº 43- Entrudo (Castelo Novo)	78
Recolha nº 54- Ó Laurindinha olha o gaio (Castelo Novo)	80
Recolha nº 55- Os olhos da padeirinha (Castelo Novo)	82
Recolha nº 56- Os pratos da cantareira (Castelo Novo)	84
Recolha nº 64- Um abraço é pouco (Castelo Novo)	86
Recolha nº 92- Ó ciranda (Soalheira)	89
<b>4.2- Canções de Trabalho</b>	<b>91</b>
4.2.1-Análise das canções de trabalho recolhidas	91
4.2.2- Repertório	93
Recolha nº 1 - Já o sol se vai a por (Alcongosta)	93
Recolha nº 4- O meu amor é padeiro (Alcongosta)	95
Recolha nº 7- Que sachais sachadeiras (Alcongosta)	97
Recolha nº 17- Alumia-me ó candeia (Alpedrinha)	99
Recolha nº 22- Loureiro (Alpedrinha)	101
Recolha nº 24- Moda da azeitona (Alpedrinha)	103
Recolha nº 25- Moda da ceifa (Alpedrinha)	105
Recolha nº 26- Moda da Rega (Alpedrinha)	107
Recolha nº 27- Ó és tão linda (Alpedrinha)	109
Recolha nº 30- Vamos ao colégio (Alpedrinha)	111
Recolha nº 111- Ó prima (Casal da Serra)	113
Recolha nº 40- Chora ó videira (Castelo Novo)	116
Recolha nº 41- Desfolhada (Castelo Novo)	118
Recolha nº 44- Fui-me deitar a dormir (Castelo Novo)	121
Recolha nº 46- Loureiro (Castelo Novo)	123
Recolha nº 53- Ó enleia (Castelo Novo)	125
Recolha nº 74- Ai Mondadeiras (S. Vicente da Beira)	127
Recolha nº 76- Amores da azeitona (S. Vicente da Beira)	129
Recolha nº 78- Ó prima (S. Vicente da Beira)	131
Recolha nº 84- A oliveira se queixa (Soalheira)	133

Recolha nº 87- Dom Solidom (Soalheira)	135
Recolha nº 91- Milho verde (Soalheira)	138
Recolha nº 95- Ó Rosita (Soalheira)	140
Recolha nº 96- Oliveira da serra (Soalheira)	142
Recolha nº 99- Vamos à ceifa (Soalheira)	144
Recolha nº 100- Vivó meu (Soalheira)	146
Recolha nº 121- Cantiga da Cereja (Souto da Casa)	148
Recolha nº 125- Moda da Castanha (Souto da Casa)	151
Recolha nº 126- Ó lua ó linda lua (Souto da Casa)	153
Recolha nº 130- Sachadeiras (Souto da Casa)	155
Recolha nº 127- Ora bate lavadeira (Souto da Casa)	157
Recolha nº 132- Semeei linho na serra (Souto da Casa)	160
<b>4.3- Canções de Lazer</b>	<b>163</b>
4.3.1- Análise das canções de lazer recolhidas	163
4.3.2- Repertório	165
Recolha nº 102- A ciência do amar (Casal da Serra)	165
Recolha nº 104- Ai ai ai ai (Casal da Serra)	168
Recolha nº 106- Chapéu Preto (Casal da Serra)	171
Recolha nº 108- Ó Margarida moleira (Casal da Serra)	173
Recolha nº 110- Ó mulher (Casal da Serra)	177
Recolha nº 112- Ora vem comigo (Casal da Serra)	180
Recolha nº 116- Tim tim (Casal da Serra)	182
Recolha nº 117- Hino do Casal da Serra (Casal da Serra)	185
Recolha nº 35- Adeus ó Castelo Novo (Castelo Novo)	188
Recolha nº 63- Toutinegra (Castelo Novo)	190
Recolha nº 65- Viradinho ao Norte (Castelo Novo)	192
Recolha nº 66- Ai de mim (Louriçal do Campo)	194
Recolha nº 68- Dá cá um beijinho (Louriçal do Campo)	196
Recolha nº 69- Hino do Louriçal do Campo (Louriçal do Campo)	198
Recolha nº 71- Ó que pinheiro tão alto (Louriçal do Campo)	201
Recolha nº 72- Pim pim ao redor (Louriçal do Campo)	203
Recolha nº 73- Salta o paspalhão para o meio (Louriçal do Campo)	206
Recolha nº 77- Hino de S. Vicente (S. Vicente da Beira)	209
Recolha nº 82- A chita da minha blusa (Soalheira)	212

Recolha nº 83- A mim não me enganas tu (Soalheira)	214
Recolha nº 85- Ai orvalhadas (Soalheira)	216
Recolha nº 88- Já passei a roupa a ferro (Soalheira)	218
Recolha nº 90- Loureiro (Soalheira)	220
Recolha nº 94- O meu pai (Soalheira)	222
Recolha nº 119- Alecrim (Souto da Casa)	224
Recolha nº 124- Marcha do Souto da Casa (Souto da Casa)	226
Recolha nº 131- Se fores ao monte (Souto da Casa)	230
<b>4.4- Canções de Janeiras</b>	<b>233</b>
4.4.1- Análise das canções de Janeiras recolhidas	233
4.4.2- Repertório	235
Recolha nº 21- Janeiras (Alpedrinha)	235
Recolha nº 107- Janeiras (Casal da Serra)	237
Recolha nº 45- Janeiras (Castelo Novo)	239
Recolha nº 70- Janeiras (Louriçal do Campo)	241
<b>4.5- Canções de Natal</b>	<b>245</b>
4.5.1- Análise das canções de Natal recolhidas	245
4.5.2- Repertório	247
Recolha nº 5- Ó meu menino Jesus (Alcongosta)	247
Recolha nº 28- Ó meu menino Jesus (Alpedrinha)	250
Recolha nº 109- Ó meu menino Jesus (Casal da Serra)	252
Recolha nº 50- Natal espanhol (Castelo Novo)	254
Recolha nº 51- Natal Natal (Castelo Novo)	256
Recolha nº 52- Ó meu menino Jesus (Castelo Novo)	258
Recolha nº 93- Ó meu menino Jesus (Soalheira)	260
<b>4.6- Cânticos Religiosos</b>	<b>263</b>
4.6.1- Análise dos cânticos religiosos recolhidos	263
4.6.2- Repertório	265
Recolha nº 6- Ó pão do céu (Alcongosta)	265
Recolha nº 9- S. João (Alcongosta)	267
Recolha nº 10- Salvai a minh'alma (Alcongosta)	269
Recolha nº 11- Senhora da Anunciação (Alcongosta)	271
Recolha nº 12 - Senhora da Póvoa (Alcongosta)	273
Recolha nº 14- Martírios (Alcongosta)	275

Recolha nº 15- Aleluia (Alpedrinha)	279
Recolha nº 16- Almas (Alpedrinha)	281
Recolha nº 18- Anjo da guarda (Alpedrinha)	283
Recolha nº 19- Anjo da guarda (2) (Alpedrinha)	285
Recolha nº 20- Boas festas (Alpedrinha)	287
Recolha nº 29- S. João (Alpedrinha)	289
Recolha nº 31- Verónica (Alpedrinha)	291
Recolha nº 32- Martírios (Alpedrinha)	293
Recolha nº 103- Aleluia (Casal da Serra)	297
Recolha nº 105- Aleluia (Casal da Serra)	299
Recolha nº 113- S. João (Casal da Serra)	301
Recolha nº 114- S. António (Casal da Serra)	304
Recolha nº 115- Senhora d'Orada (Casal da Serra)	306
Recolha nº 36- Aleluia (Castelo Novo)	308
Recolha nº 37- Aleluia (Castelo Novo)	310
Recolha nº 39- Bendito e Louvado (Castelo Novo)	312
Recolha nº 47- Mãe dolorosa (Castelo Novo)	314
Recolha nº 48- Martírios (Castelo Novo)	317
Recolha nº 49- Miraculosa (Castelo Novo)	319
Recolha nº 57- Perdão ò meu Deus (Castelo Novo)	323
Recolha nº 58- Salve Rainha (Castelo Novo)	324
Recolha nº 59- Santo (Castelo Novo)	326
Recolha nº 60- Senhor da Misericórdia (Castelo Novo)	328
Recolha nº 61- Senhora da Serra (Castelo Novo)	330
Recolha nº 62- Terço (Castelo Novo)	332
Recolha nº 67- Almas (Louriçal do Campo)	336
Recolha nº 75- Aleluia (S. Vicente da Beira)	338
Recolha nº 79- S. António (S. Vicente da Beira)	340
Recolha nº 80- Senhora da Orada (S. Vicente da Beira)	342
Recolha nº 81- Martírios (S. Vicente da Beira)	345
Recolha nº 86- Almas (Soalheira)	347
Recolha nº 89- Ladaíinha (Soalheira)	354
Recolha nº 97- S. João (Soalheira)	356
Recolha nº 98- Senhora das Necessidades (Soalheira)	359

Recolha nº 101- Martúrios (Soalheira)	361
Recolha nº 118- Três Marias (Souto da Casa)	364
Recolha nº 120- Alvichas (Souto da Casa)	367
Recolha nº 122- Encomendação das almas (Souto da Casa)	369
Recolha nº 123- Marcha do Senhor da Saúde (Souto da Casa)	376
Recolha nº 128- Paixão (Souto da Casa)	379
Recolha nº 129- S. João (Souto da Casa)	383
Recolha nº 133- Bendito (Souto da Casa)	385
Recolha nº 134- Senhor da Saúde (Souto da Casa)	387
Recolha nº 135- Senhor Deus de Misericórdia (Souto da Casa)	389
Recolha nº 136- Verónica (Souto da Casa)	391
Recolha nº 137- Martúrios (Souto da Casa)	393
4.6.3- Quadro das canções recolhidas ordenadas por tipos	395
4.6.4- Gráfico representando as canções recolhidas	398
<b>4.7- Análise Comparativa</b>	<b>399</b>
<b>5- Propostas para a difusão do repertório recolhido e perspectivas de investigação</b>	<b>415</b>
5.1- Propostas para difusão do repertório	416
5.1.1- Arranjos das canções recolhidas	416
5.1.2- Projecto e “Compact Disc” Ninho	434
5.2- Proposta pedagógica para o futuro	443
5.3- Criação de um Centro de Estudos	443
<b>6- Conclusão</b>	<b>451</b>
<b>7- Bibliografia</b>	<b>453</b>
<b>8- Anexos (em suporte C.D. e D.V.D)</b>	

# **1- Introdução**

## **1.1 - Fundamentação e escolha do tema**

## **1.2 - Estrutura do trabalho**

## **1.3 - Objectivos**





# 1- Introdução

## 1.1- Fundamentação e escolha do tema

A nossa relação com esta região é umbilical pois residimos na Beira Baixa desde sempre. Os usos e costumes desta região fazem parte da nossa identidade cultural e em especial a música, uma vez que foi sempre uma paixão e que, seguindo a formação de conservatório em guitarra clássica, se tornou na profissão que desempenhamos. Durante a infância e adolescência contactámos com o mundo rural onde as canções eram como uma “banda sonora” que acompanhava o dia-a-dia. As vozes rurais das mulheres e homens da Beira Baixa estiveram presentes no nosso crescimento pessoal. Escutámo-las na missa dominical, no Natal, em Janeiro, no Carnaval, nos Santos Populares ou durante as tarefas agrícolas.

Mais tarde quando residimos em Paris, onde realizámos estudos superiores em guitarra clássica, formámos um grupo de música popular chamado “Chapéu Preto” que durante três anos deu a conhecer canções de tradição oral portuguesas. O repertório deste grupo era constituído por canções de diversas regiões, uma vez que a diáspora abrange todo o território continental e ilhas.

A música de tradição oral portuguesa e a música erudita fizeram sempre parte da nossa vida artística.

Com a frequência do curso de Doctorado da Universidade de Extremadura e conseqüente contacto com o trabalho etnomusicológico de investigação, recolha e difusão que se está realizando na Extremadura

(Espanha) surgiu uma enorme motivação para realizar investigação nesta área do conhecimento “...la investigación en Folklore musical o Etnomusicología, la curiosidad, interés y entusiasmo se comparte entre gente más o menos cualificada, pero toda ella capaz de salvaguardar y conservar el legado de los antepasados. Pueden existir distintos tipos de investigación (...) pero el hecho de grabar y de escribir existe en la posibilidades de todos o casi todos, y es el primer paso para la recopilación y conservación de nuestro Folklore.”<sup>1</sup>

Castelo Novo foi a aldeia por onde começámos a recolha, pois aí residíamos na altura. O senhor António Cafede e o senhor Francisco Costa, nossos vizinhos e apaixonados pela música de tradição oral, mostraram-nos as canções que se cantavam na aldeia. Quando tomámos conhecimento deste repertório e nos apercebemos da sua diversidade, da riqueza melódica e do facto de não haver nenhum registo que impedisse o seu desaparecimento decidimos realizar este estudo sistemático e aprofundado. A experiência que desenvolvemos com este trabalho sobre Castelo Novo despertou-nos a curiosidade para procurar, nas povoações vizinhas, as canções do repertório de tradição oral. Decidimos então escolher oito povoações que se situam nas encostas da serra da Gardunha: Alcongosta, Alpedrinha, Casal da Serra, Castelo Novo, Lourical do Campo, São Vicente, Soalheira e Souto da Casa.

Sendo o primeiro trabalho de investigação por nós realizado, neste âmbito, surgiram várias dúvidas, mas ao consultar a bibliografia existente deparámo-nos com opiniões e experiências de outros investigadores de referência que nos ajudaram neste trabalho. “En el marco preliminar de los cursos de introducción a la etnomusicología, tengo la costumbre de señalar tres aspectos que para mi son de gran importancia para la práctica

---

<sup>1</sup> BARRIOS MANZANO, Maria del Pilar: “*Fuentes y metodología para el estudio de la música de Tradición oral en Extremadura*”. En Saber Popular, Revista Extremeña de Folklore, números 19-20 (2002-2003), p. 45.

investigadora: la curiosidad, la duda y el saber escaparse – cuando convenga – de los esquemas preconcebidos.”<sup>2</sup>

As surpresas que foram acontecendo e a nobreza inerente à actividade a que nos propusemos, incentivaram-nos a continuar e a descobrir o gosto pela etnomusicologia e pela preservação das tradições orais que constituem o património inteligível de um povo.

A linha de investigação que seguimos pressupõe a recolha de canções de tradição oral, a edição em partitura, a análise musical e textual e a criação de arranjos para a difusão deste repertório em público, através de concertos ou gravações. Incluímos assim o aspecto criativo e o performativo ao nosso trabalho, seguindo o espírito do Processo de Bolonha e justificando “el reto de la necesaria acogida de lo creativo y lo performativo como legítima y evaluable investigación, aspecto sustancial e inseparable de una auténtica y eficaz docencia superior artística”.<sup>3</sup>

A recolha fez-se através de entrevistas que se realizaram nas aldeias e vilas objecto deste estudo. Desde logo a proximidade afectiva entre o investigador e o objecto estudado colocou alguns problemas na realização deste trabalho. Manter a atitude de quem estava a ouvir as canções pela primeira vez, revelar desconhecimento em relação aos usos e costumes que nos relatavam não foi tarefa fácil. No entanto, “El estudio de la música en sus

---

<sup>2</sup> CAMARA DE LANDA, Enrique: “*Etnomusicologia*”. Colección Música Hispana. Madrid. Ediciones del Instituto Complutense de Ciencias Musicales. 2004, p. 7.

<sup>3</sup> ZALDÍVAR GRACIA, Álvaro: “*Las enseñanzas musicales y el nuevo Espacio Europeo de Educación Superior: El reto de un marco organizativo adecuado y la necesidad de la investigación creativa y performativa*”. En Revista Interuniversitaria de Formación de Profesorado, 19(1), 2005, p 95.

proprios elementos y el estudio de la música como comportamiento humano deberían ser tareas complementarias, no excluyentes”.<sup>4</sup>

Depois de recolhermos as canções, transcrevemos as entrevistas, interiorizando de uma forma mais intensa o que se passou durante estes encontros marcantes, e começámos as edições em partitura utilizando o programa **Finale 2007**.

Ao consultarmos outros cancioneiros para aprofundar o nosso conhecimento sobre esta matéria, encontrámos o testemunho de Rodney Gallop que afirma que se tem estudado de uma forma desigual o folclore de Portugal. Homens de cultura como Almeida Garrett, na obra *Romanceiro e Cancioneiro Geral* (vol. I. Lisboa, 1843 vols. II e III, Lisboa 1851), Teófilo Braga na obra *Antologias: Cancioneiro Popular* (1867), Tomás Pires em obras como *Adivinhas portuguesas / recolhidas da tradição oral, na província do Alentejo* (1920) ou *Leite de Vasconcelos em Romanceiro Português* (ed. 1958, em dois volumes) e *Contos Populares e Lendas* (ed. 1964, em dois volumes), realizaram estudos aprofundados sobre a literatura do povo, recolhendo inúmeros romances e quadras. No entanto não registaram a parte musical deste repertório, pois “Deve apontar-se que a notação rigorosa de melodias, pelo cantar de cantores rústicos, é tarefa que requer aptidões especiais e experiência de ordem técnica.”<sup>5</sup>

Sentimos a dificuldade que reside no facto de traduzir, da forma mais fiel, em partitura, o que ouvimos cantar. Sentimos também que, depois de perceber o processo, a edição de partituras se tornou uma tarefa estimulante.

---

<sup>4</sup> MANZANO ALONSO, Miguel: “*Aspectos metodológicos en la investigación etnomusicológica*”, En *Revista de Musicología* vol. XX nº2, 1997, p. 999.

<sup>5</sup> GALLOP, Rodney: “*Cantares do Povo Português*”, Instituto para a alta cultura (2ª edição), Lisboa, 1960, p 9.

A análise musical foi muito exaustiva. Os elementos analisados permitem um conhecimento profundo sobre a partitura apresentada pois indicamos o âmbito, os intervalos utilizados, a tonalidade ou modalidade, o compasso, as alterações ocorrentes e a estrutura rítmica.

A análise textual descreve a estrutura em que os versos estão organizados e o número de sílabas de cada verso. Fazemos ainda uma análise semântica, referindo o tema tratado e as imagens sugeridas pelo texto porque somos conscientes da importância da poesia popular, que segundo Teófilo Braga era o acto mais sério da vida e não um simples rasgo de inspiração individual.

No que respeita a difusão deste repertório apresentamos uma proposta de cariz pedagógico que prevê a inclusão destes temas nos programas de formação musical e análise e técnicas de composição nas escolas de ensino de música; conservatórios, escolas profissionais e escolas superiores. A segunda proposta é a difusão deste repertório através da realização de arranjos para coro, voz e instrumentos, para que se possam apresentar em concerto.

O disco, CD, “Ninho”, que apresentamos em anexo, bem como a gravação do arranjo feito para coro da canção “A Oliveira se queixa” pelo Coro da Sociedade Recreativa e Musical da Pedreira, constituem dois exemplos de reinvenção deste repertório. Através de arranjos que respeitem a melodia inicial, pode-se dar a conhecer ao grande público estas canções de âmbito mais restrito.

## 1.2- Estrutura do trabalho

**A estrutura do trabalho** foi sendo construída à medida que fomos tomando conhecimento de outros trabalhos de investigação e consequentemente adquirindo mais conhecimentos neste campo da etnomusicologia, que no início nos era estranho. A informação disponível em livros editados, em teses realizadas, ou ainda a informação disponível na internet são o exemplo de como esta ciência se está a desenvolver a nível mundial. Sítios como [www.sibetrans.com](http://www.sibetrans.com) ou <http://nuestramusica.unex.es>, são exemplos de como a internet pode ajudar a divulgar, a nível global, investigações e trabalhos de cariz etnomusicológico.

No segundo capítulo do trabalho apresentamos um **contexto histórico e geográfico** das povoações estudadas completando assim, com uma singela perspectiva etnográfica, este trabalho de cariz etnomusicológico.

No terceiro capítulo, apresentamos a **metodologia, o estado da questão e fontes**, descrevendo quais as fases da nossa investigação que contextualizaram a recolha e análise das canções do repertório cantado nas povoações referidas desde, pelo menos, meados do século dezanove.

No quarto capítulo apresentamos as **canções recolhidas**, editadas em partitura, seguidas das fichas de análise/classificação. Analisamos também **outros cancioneiros** onde encontrámos canções parecidas às recolhidas no presente trabalho.

No quinto capítulo, apresentamos os **resultados da investigação**, fazendo propostas para a **difusão deste repertório a nível pedagógico e a nível de espectáculo musical**.

No sexto capítulo apresentamos a **conclusão** deste trabalho.

No sétimo capítulo apresentamos a **bibliografia** consultada.

No oitavo capítulo apresentamos os **anexos**: a transcrição das entrevistas realizadas aquando da recolha do material, o CD Ninho e o DVD com a gravação da canção “A oliveira se queixa”, num arranjo para coro a quatro vozes, cantado pelo coro da Sociedade Recreativa e Musical da Pedreira.

### 1.3- Objectivos

“El intento de solucionar un problema parte de consciencia del investigador de que existe y su intención de solucionarlo...”<sup>6</sup>

Os objectivos do presente trabalho são os seguintes:

- Recolher as canções que se cantam em Alcongosta, Alpedrinha, Casal da Serra, Castelo Novo, Lourçal do Campo, São Vicente, Soalheira e Souto da Casa;
- Fazer a análise musical das canções;
- Fazer a análise semântica do texto das canções;
- Fazer a análise formal do texto das canções;
- Descrever o contexto em que se cantavam as canções;
- Fazer o estudo comparativo entre as canções recolhidas neste trabalho e as de outros cancioneiros portugueses;

---

<sup>6</sup> BARRIOS MANZANO, Maria del Pilar: *Op. Cit.*, p. 45.



- Delinear estratégias de difusão deste repertório no ensino vocacional e ensino superior de música;
- Delinear estratégias de difusão deste repertório em recitais.

## **2- Contexto histórico, geográfico e sócio-cultural**

### **2.1 Serra da Gardunha**

### **2.2 Alcongosta**

### **2.3 Alpedrinha**

### **2.4 Casal da Serra**

### **2.5 Castelo Novo**

### **2.6 Louriçal do Campo**

### **2.7 São Vicente da Beira**

### **2.8 Soalheira**

### **2.9 Souto da Casa**



## 2.1 Serra da Gardunha



[http://www.mapas-portugal.com/Satellite\\_Image\\_Photo\\_Portugal.htm](http://www.mapas-portugal.com/Satellite_Image_Photo_Portugal.htm)



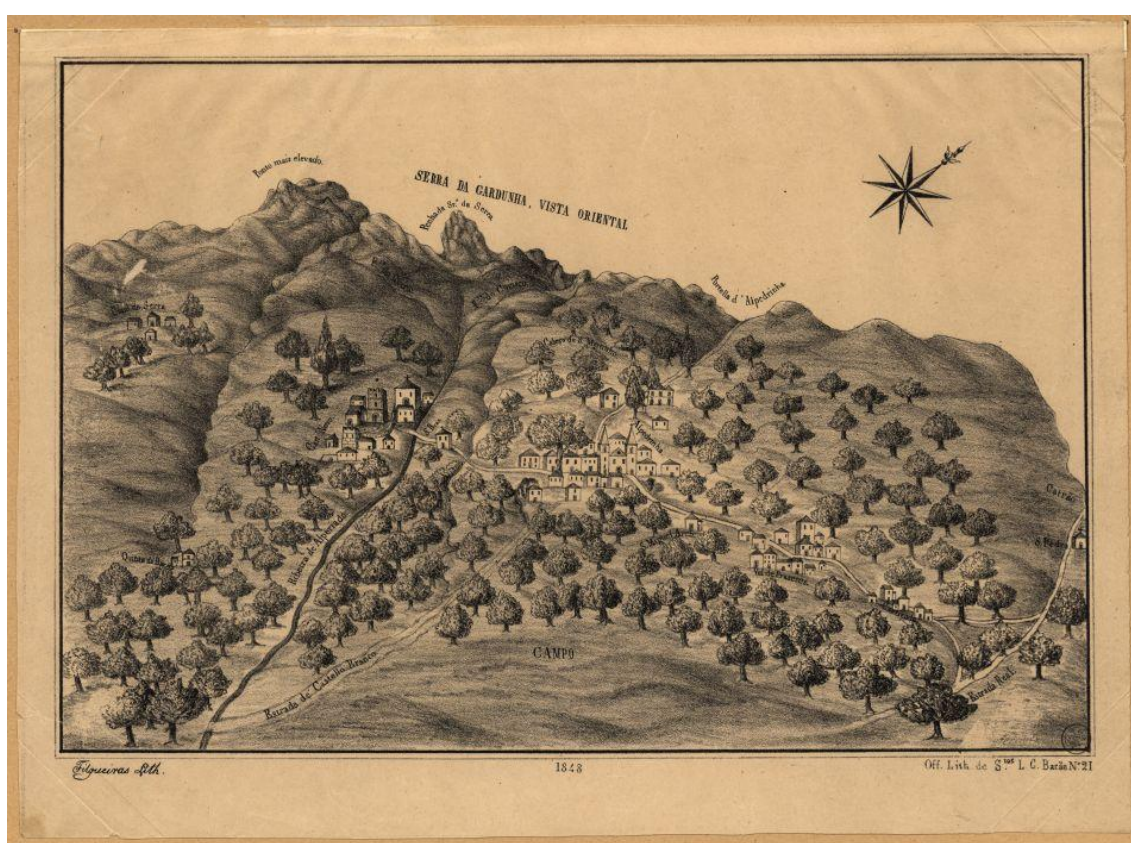
A serra da Gardunha situa-se entre dois rios, o Ponsul e o Zêzere. Tem cerca de mil e duzentos metros de altitude, mede vinte quilómetros de comprimento e dez quilómetros de largura. A rocha predominante é o granito. Tem sido fustigada pelos fogos nas últimas décadas o que lhe roubou muito da sua flora e fauna, tornando-a em alguns pontos, árida e desértica. Do alto desta serra avista-se a serra da Estrela, a planície beirã e, mais longe, terras de Espanha.

A região Beira Baixa, onde estas povoações se inserem, “está delimitada a sul pelo Tejo, a norte pela serra da Estrela e a nascente pela raia de Espanha;



e que é, de certa forma, o ponto de transição da metade norte para a metade sul do País.”<sup>7</sup>

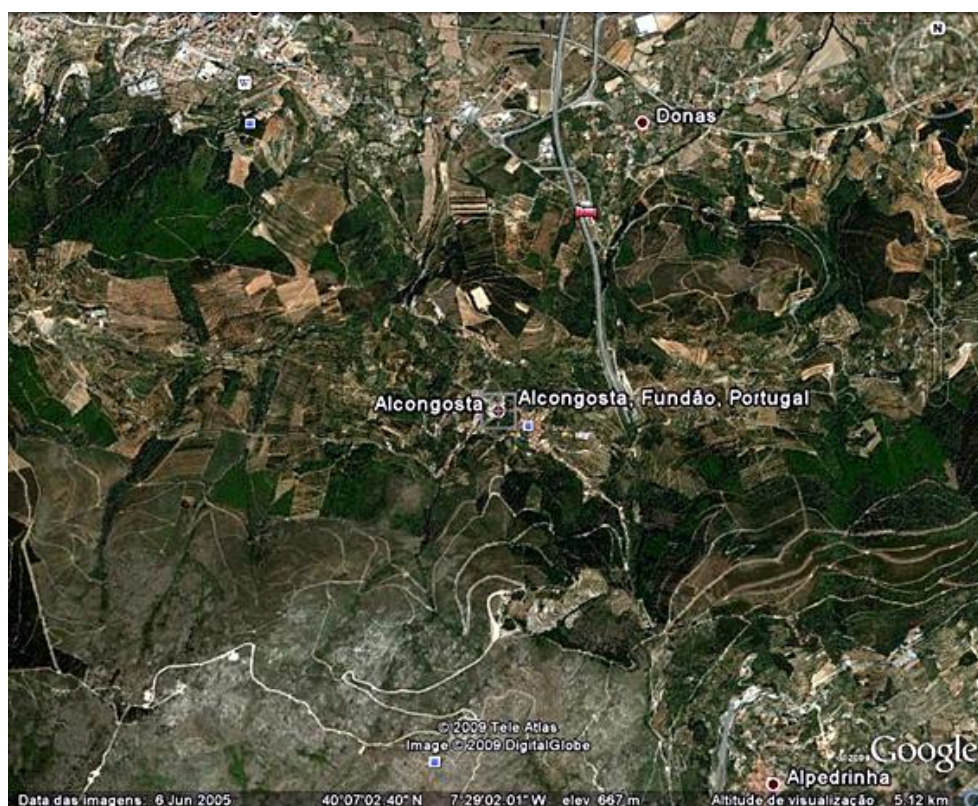
As cidades mais importantes desta região são Castelo Branco que é capital de distrito, Covilhã e Fundão.



FILGUEIRAS, ca 1848. Serra da Gardunha [Visual gráfico : vista oriental / Filgueiras lith.. - [Lisboa? : s.n.], 1848 ([Lisboa] : Off. Lith. de S. tº s. - 1 gravura : litografia, p&b <http://purl.pt/4024>

<sup>7</sup> LOPES MARCELO, Manuel: *“Beira Baixa, Novos Guias de Portugal”*, Editorial Presença 1993, .capa.

## 2.2 Alcongosta



“Alcongosta é uma das freguesia do concelho do Fundão, no distrito de Castelo Branco e dista da sede concelhia cerca de 4 quilómetros; o seu orago é Nossa Senhora da Anunciação, celebrada todos os anos no segundo Domingo de Setembro.





Alcongosta é um interessante topónimo, pois ao nome de origem latina "congosta", que deriva do baixo-latim "canal angusta", significando "canal estreito", foi acrescentado do prefixo árabe "al-". Este topónimo existiu também como "Congosta", tendo sido desta forma registada a freguesia nos finais do século XIII, nas Inquirições de D. Dinis; assim, a natureza do topónimo desta freguesia dá a entender que a designação de Alcongosta é anterior à Nacionalidade, sendo devida às populações moçarábicas, assim se explicando o artigo "al-". Esta região onde se insere a freguesia é arqueologicamente bem documentada, existindo desde vestígios materiais de povos pré e proto-históricos, a fortificados castrejos e edificações dolménicas. Situada em plena Serra da Gardunha e protegida pelos cumes vizinhos que forneciam fácil defesa e abrigo às populações primitivas, a freguesia de Alcongosta foi repovoada nos finais do século XII..."<sup>8</sup>

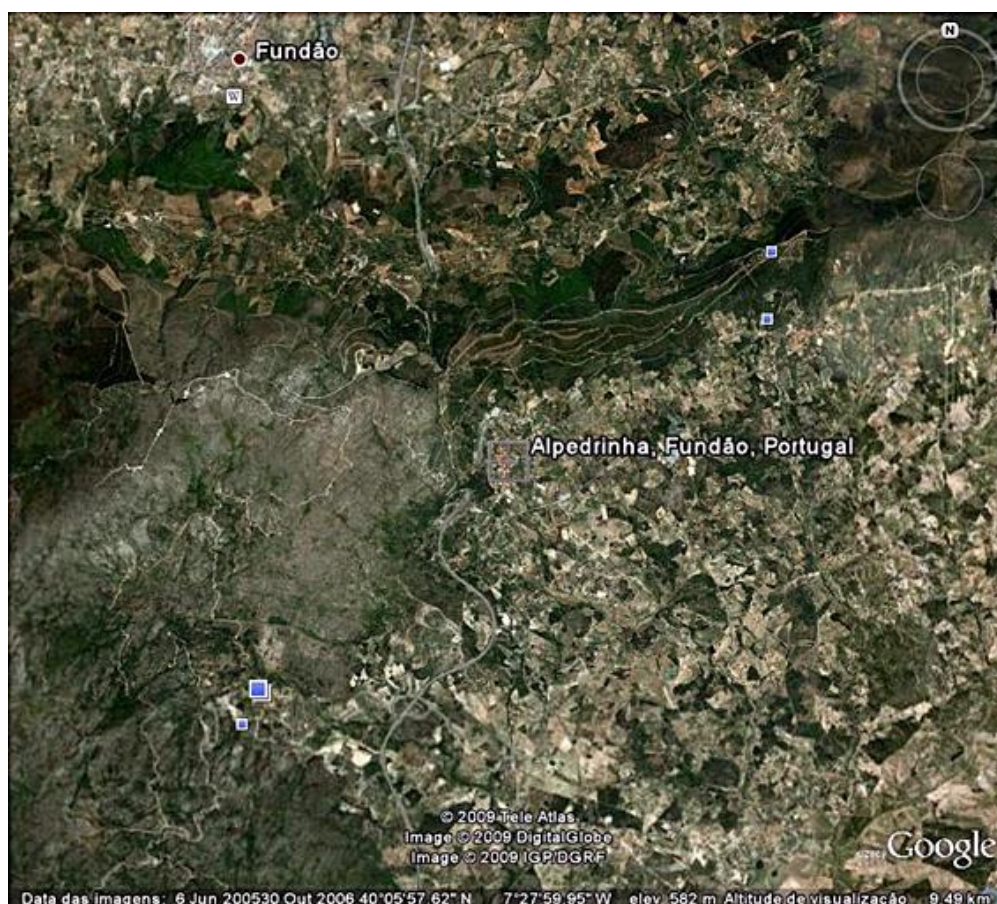


---

<sup>8</sup> <http://alcongosta.com/>, acedido em 25/01/10.



## 2.3 Alpedrinha



Alpedrinha situa-se a quinhentos e oitenta e dois metros de altitude “graciosamente reclinada a meia encosta sul da serra da Gardunha, tem um aspecto formosíssimo que encanta e atrai a quantos a olham de perto ou de longe, está exposta ao Nascente e completamente abrigada dos ventos do Norte e Poente”.<sup>9</sup>

A data da fundação de Alpedrinha não é conhecida. A julgar pelos vestígios encontrados de períodos pré-romanos, é possível afirmar que a presença

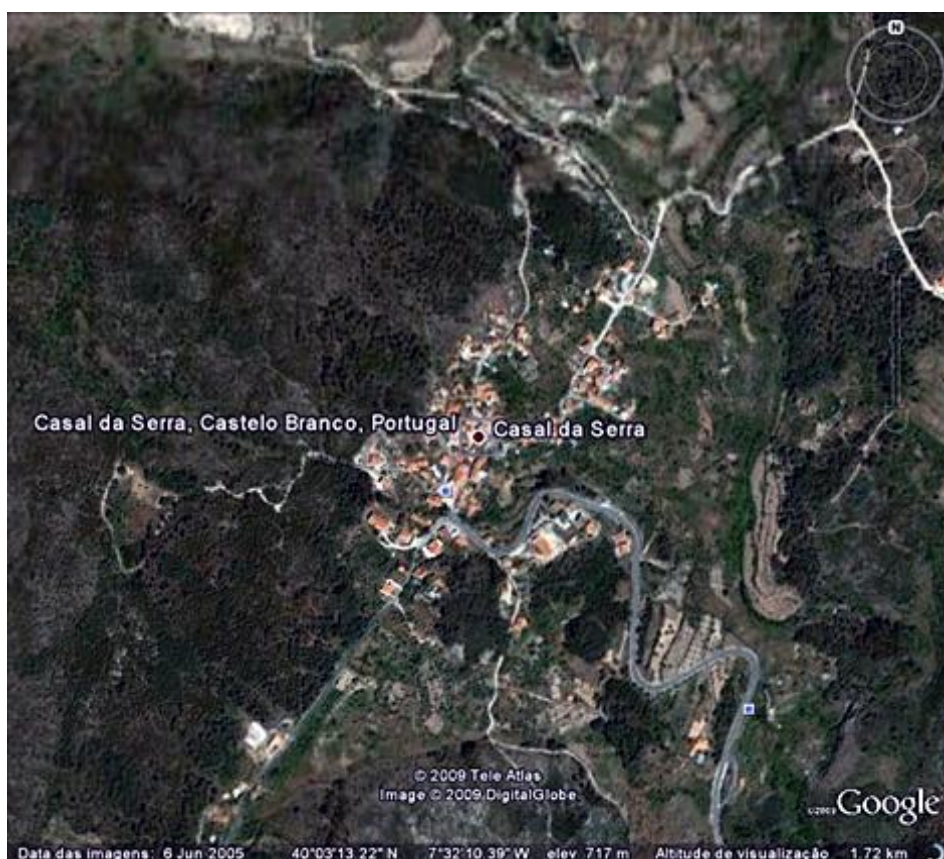
<sup>9</sup> MOTA, A.J. Salvado: “*Monografia d’Alpedrinha*”, Tipografia Particular e Curiosa, 1933, p. 12.

humana é anterior a esta civilização, não havendo no entanto outras provas documentais.

Na época dos romanos existia a povoação com o nome de “Petratínia” e os vestígios desta civilização são numerosos: Inscrições em pedras, moedas ou restos de calçada romana.



## 2.4 Casal da Serra

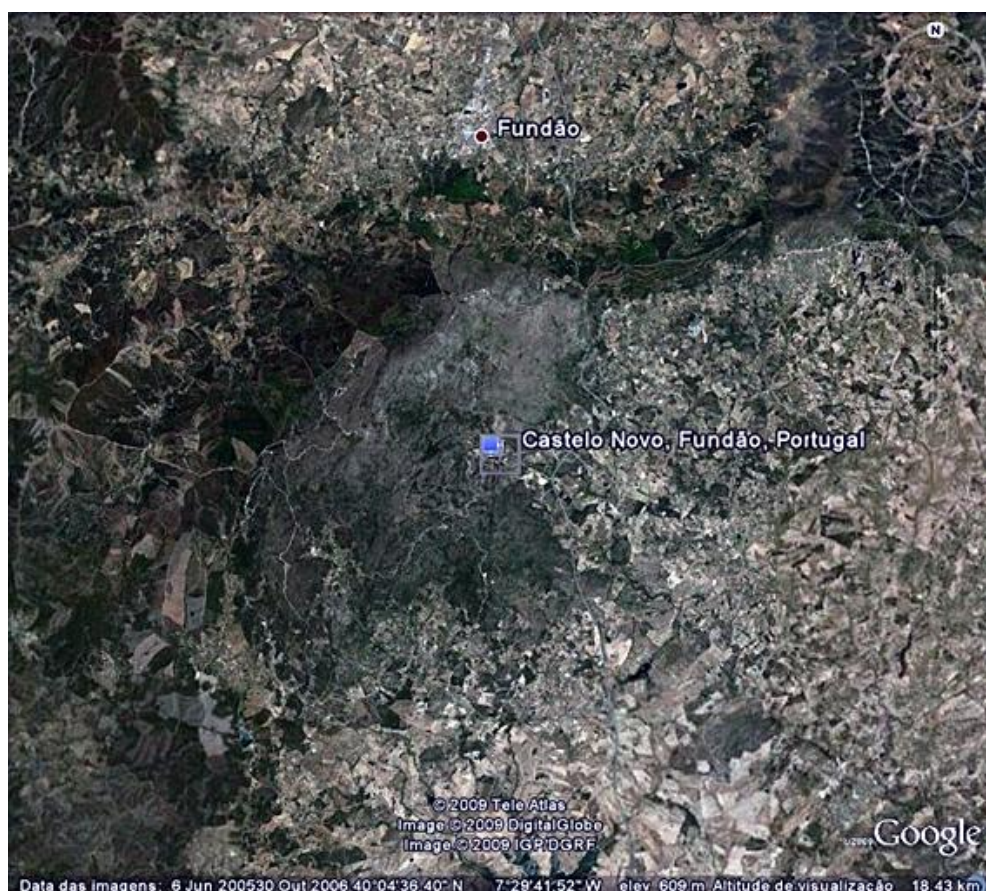


Esta pequena aldeia está alojada no cimo da serra, é uma freguesia anexa de S. Vicente da Beira. Não encontramos nenhuma informação sobre a sua história nas bibliotecas que visitámos, nem na internet. Os habitantes disseram-nos que a aldeia cresceu a partir de uma casa grande e que deve ter aproximadamente duzentos anos. Tem o Sagrado Coração de Jesus como padroeiro.





## 2.5 Castelo Novo



Castelo Novo foi município com foral e administração própria, foi também sede de concelho até 1835, sendo depois anexado a Alpedrinha, que é uma povoação maior, actualmente vila, e dista cerca de quatro quilómetros. Faz parte do concelho do Fundão desde vinte e quatro de Outubro de mil oitocentos e cinquenta e cinco e depende judicialmente da comarca desta cidade.

“Tem por Orago Nossa Senhora das Graças. (N.S.<sup>a</sup> das Graças da Ordem de Christo, de que he cabeça a villa de Castello Novo – D. Geográfico, 1747, I, p.356, V. Alpedrinha).”<sup>10</sup>

---

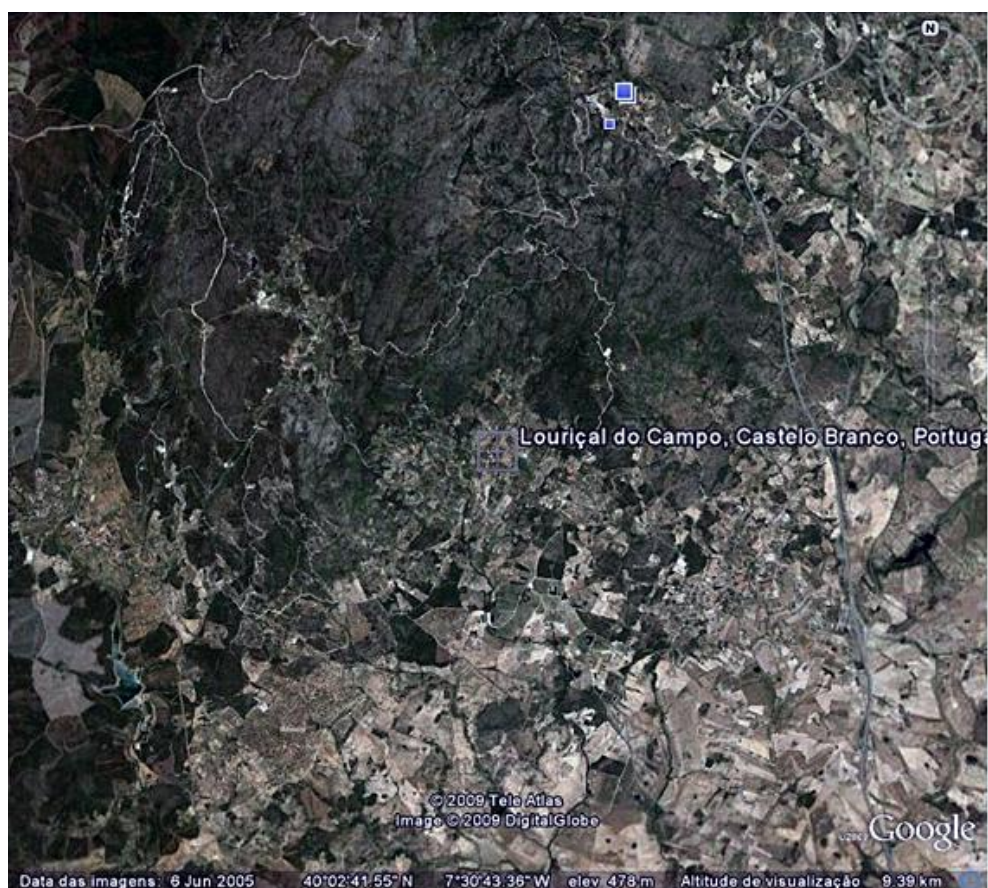
<sup>10</sup> MAPONE: “*Castelo Novo Estudos Para Uma Monografia*”. Gráfica de Coimbra, Coimbra 1975., p. 11.

O estatuto de Aldeia Histórica foi-lhe atribuído em 1998 e está a ser recuperado o seu património arqueológico e arquitectónico, tornando Castelo Novo um ponto de interesse turístico.





## 2.6 Louriçal do Campo



Esta aldeia situa-se na vertente sul da Serra da Gardunha e pertence ao concelho de Castelo Branco. Até 1895 pertenceu ao concelho de S.Vicente da Beira.



“O nome da povoação deriva da remota existência de um grande número de loureiros no seu território. Habitada desde muito cedo, aqui surgiram alguns achados arqueológicos que comprovam a afirmação anterior, como sepulturas ou restos de tijoleiras. A agricultura, ontem como hoje, era a principal actividade económica das suas gentes, actividade essa incrementada pelos Romanos, que puseram em prática uma espécie de "capitalismo agrícola"<sup>11</sup>.

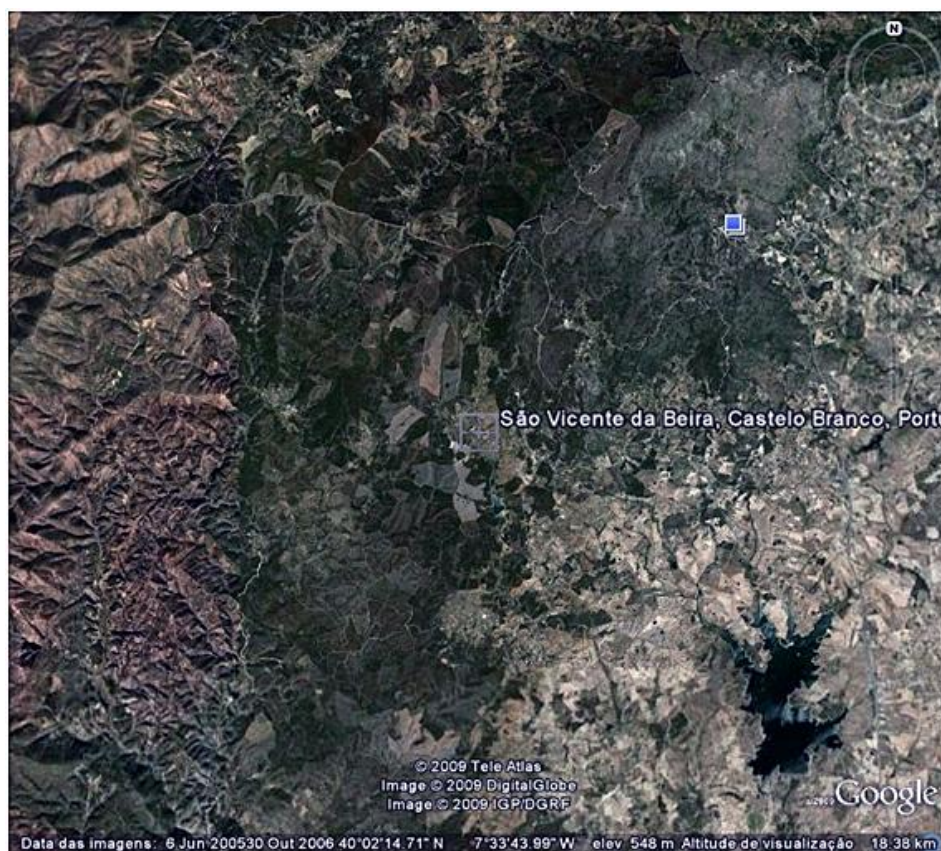


---

<sup>11</sup> [http://www.cm-castelobranco.pt/freguesias\\_louricalcampo](http://www.cm-castelobranco.pt/freguesias_louricalcampo). Acedido em 25/01/10



## 2.7 São Vicente da Beira



“A antiquíssima vila de São Vicente da Beira, fundada por D. Afonso Henriques no contexto da guerra contra os árabes que recebeu foral de D. Sancho I, que contava com ela para o povoamento destas longínquas e revoltas terras da Beira, do Século XII, foi um baluarte da Reconquista. Essa circunstância fez dela uma das povoações mais antigas da Beira Baixa...”<sup>12</sup>

Esta povoação situa-se a quinhentos e quarenta e oito metros de altitude no sopé da Serra da Gardunha. As marcas monumentais da época

---

<sup>12</sup> PRATA, Maria do Carmo Ramos: “*Cadernos de património cultural da Beira Baixa, São Vicente da Beira uma Vila Medieval*”, Câmara Municipal de Castelo Branco, 2001, p. 11.



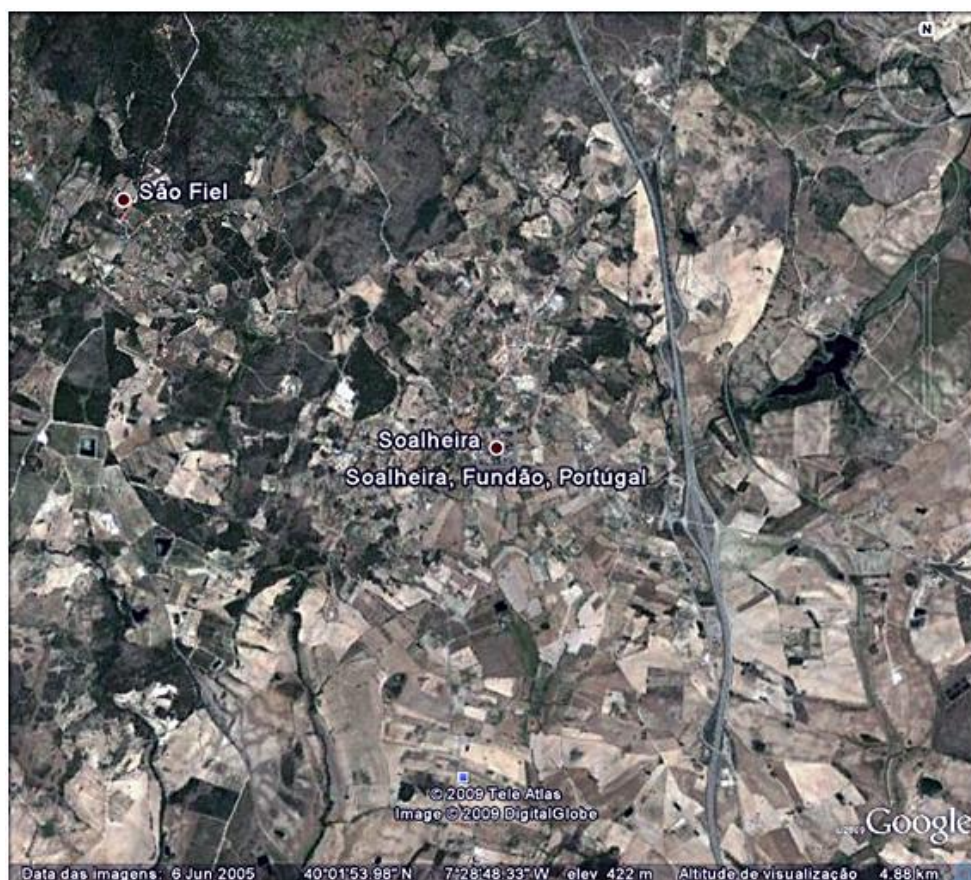
medieval e a beleza natural que rodeia S. Vicente tornam esta vila um sítio magnífico.



Há vestígios de uma via romana nas imediações, nomeadamente perto da Barragem do Pisco, no santuário da Senhora da Orada e nalgumas quintas particulares. Esta via ligava S. Vicente, atravessando a serra da Gardunha, ao Fundão. Este facto atesta a antiguidade da presença humana neste sítio.

Esta vila tem o epíteto de Lisboa Pequena pois o seu nome está intimamente ligado à capital portuguesa. Em 1173, aquando da transladação do corpo do mártir S. Vicente do Cabo dos Corvos para Lisboa, encontrava-se na corte um grupo de habitantes que iam oferecer ao rei Afonso Henriques a povoação que tinham edificado e povoado. O rei atribuiu o nome do santo à povoação e deu-lhes uma parte do queixo do santo como relíquia.

## 2.8 Soalheira



“A poucos quilómetros a sul da graciosa Serra da Gardunha, numa recolhida concha geográfica, nasceu a povoação da Soalheira que, desde há séculos, se tornou por virtude e valor dos seus habitantes, a terra maior entre Alpedrinha e a sede do Distrito.”<sup>13</sup>

Não há referências à Soalheira no foral de Alpreada (Castelo Novo), concedido pelo rei D. Sancho I no ano de 1200, a primeira referência aparece somente em 1505 em que o Tombo da Comenda de Castelo Novo e

---

<sup>13</sup> FERNANDES, Cónego A. Mendes Fernandes: “*Vila da Soalheira (subsídios para uma monografia)*”, edição de autor, 2001, p. 9.

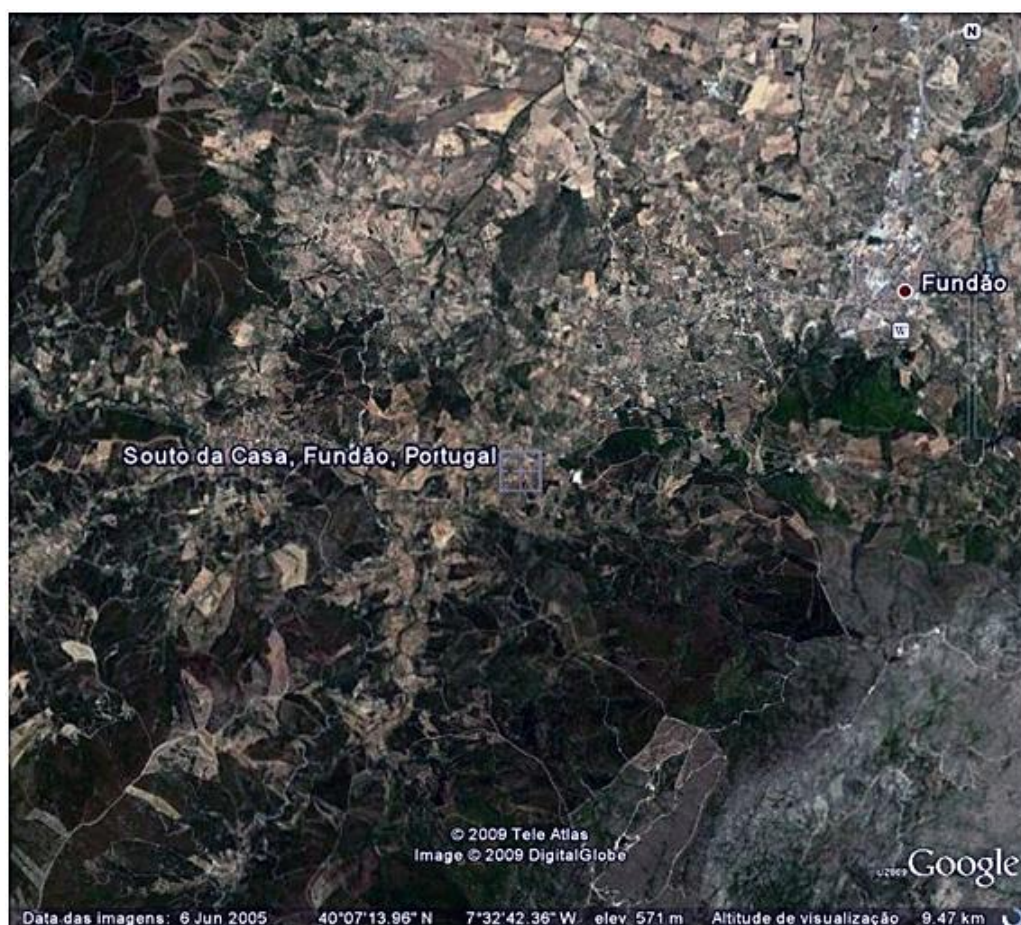
Alpedrinha faz referência a “caminho velho que sohia de hir de (Castelo Novo) para a Soalheira, per hum alicerce de pedra”.



Mais tarde, a Soalheira terá sido habitada por judeus que se converteram em Cristãos Novos. Prova disso são algumas cruzeiras esculpidas nas portadas das casas.



## 2.9 Souto da Casa



Esta aldeia, também apelidada de Povo da Rama do Castanheiro, teve na sua origem duas outras povoações denominadas Vila Ribeira d’Alva e, posteriormente, Vila Nova do Ocaia.

“Conta a lenda que a deslocação do Povo da Vila Nova da Ocaia e consequente abandono da povoação para a vizinhança da Casa do Souto, se deveu a uma intensa praga de formigas que atacavam as crianças durante o sono enquanto os pais prosseguiam no amanho das terras.”<sup>14</sup> A Casa do Souto seria uma casa senhorial, a povoação passou a chamar-se Souto da Casa.

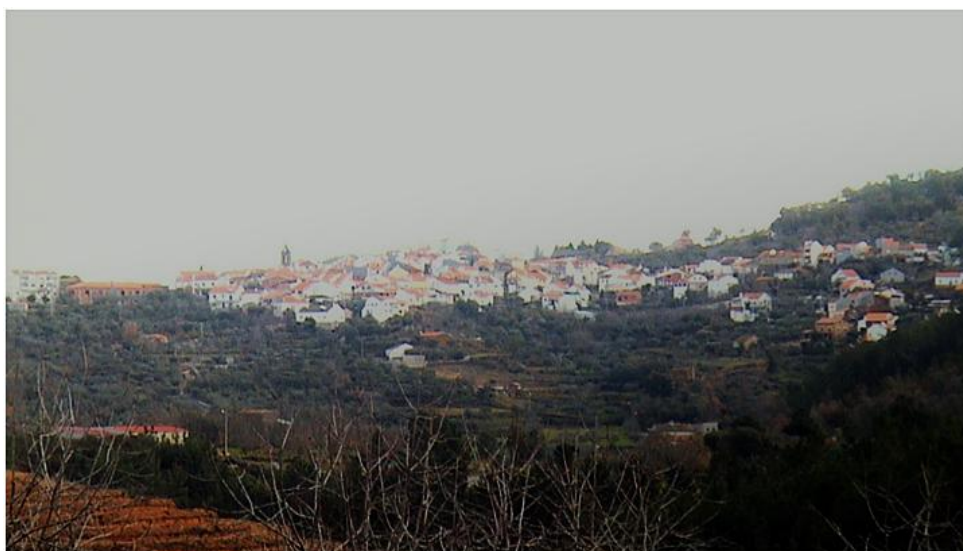
“É muito provável que ao povoado do Souto da Casa tenha sido concedido Foral em Agosto de 1207 por D. Sancho. Pela inquirição de D.

---

<sup>14</sup> <http://www.jf.soutodacasa.com/>. Acedido em 09/02/10

João I (provisão de 4 de Novembro de 1395), viria a ser demarcado o reguengo do Souto del-Rei ou do Alcambar e nele, incluído o lugar do Souto da Casa.”<sup>15</sup>

Tem por orago S. Pedro.



---

<sup>15</sup> <http://www.jf.soutodacasa.com/>. Acedido em 09/02/10.

## **3- Metodologia, o estado da questão e fontes**

### **3.1- Metodologia**

### **3.2- Estado da questão e fontes indirectas**

### **3.3- Fontes directas**

#### **3.3.1- Entrevistas**

#### **3.3.2- Selecção dos informantes**

#### **3.3.3- Contexto das canções**

#### **3.3.4- Calendário agrícola e pecuário**

#### **3.3.5- Calendário religioso católico**

#### **3.3.6- Fichas de análise/classificação**





### 3.1- Metodologia

Segundo o “Gráfico de Junker, 1960, reproduzido por Hammerley y Atkinson, (1994:110) El investigador en Folklore Musical o en General puede pasar por distintas fases o permanecer desde el principio hasta el final en una, o pasar por vários estádios.”<sup>16</sup>

O resultado da pesquisa bibliográfica, fontes indirectas, e do contacto com os habitantes/informantes, fontes directas, permitiu-nos desenvolver uma proposta metodológica para a realização deste trabalho.

Esta proposta foi sendo construída à medida que o trabalho progredia. Por um lado o nosso conhecimento enriquecia, com o acompanhamento da orientadora de tese, com a realização das entrevistas e com as pesquisas bibliográficas. Por outro lado as possibilidades de abordagens metodológicas aumentavam também abrindo novos caminhos para este trabalho.

Assim, a metodologia que seguimos adoptou várias perspectivas: observante/participante, etnográfica, de análise musical, etnológica literária/semiológica, histórica/sociológica, pedagógica e de divulgação do repertório.

A perspectiva **observante/participante** é consequência de termos vivido desde sempre nesta região; Ninho do Açor, Castelo Branco e Castelo Novo. Além deste facto o contacto que desde sempre tivemos com o mundo rural, participando em tarefas agrícolas, em festas, bailes e outras manifestações culturais, impossibilita-nos de adoptar outra perspectiva.

---

<sup>16</sup>BARRIOS MANZANO, Maria del Pilar: *Op. Cit.*, p. 50.

A perspectiva **etnográfica** apresenta a recolha do repertório que era cantado nestas povoações descrevendo o contexto e a função da canção.

A perspectiva de **análise musical** apresenta uma análise aprofundada das características musicais das canções. Analisamos o âmbito, os intervalos, a tonalidade ou modalidade, o compasso e a estrutura rítmica.

A perspectiva **etnológica** apresenta uma análise de outros cancionários identificando se as canções aqui apresentadas já foram recolhidas ou se há semelhanças a nível musical ou textual.

A perspectiva **literária/semiológica** e a perspectiva **histórica/sociológica** não foram muito desenvolvidas, pois o objecto deste estudo é eminentemente musical. No entanto, as informações recolhidas podem ser úteis para enquadrar este trabalho no âmbito de outras disciplinas. Assim, a primeira apresenta uma análise do texto da canção a nível da forma, descrevendo a estrutura das estrofes e a métrica dos versos. A nível semântico analisamos o texto descodificando, quando se justifica, as imagens sugeridas e as figuras de estilo utilizadas. A segunda perspectiva apresenta uma descrição sucinta da história destes povos, localizando-os geograficamente.

A perspectiva **pedagógica** apresenta uma proposta de utilização deste repertório no ensino vocacional da música, a nível dos Conservatórios e a nível superior.

A perspectiva de **difusão do repertório** apresenta arranjos para coro, guitarra clássica e voz que podem ser interpretados em contexto de concerto. Apresentamos ainda o CD Ninho e a gravação do Coro da Sociedade Recreativa e Musical da Pedreira que consubstancia o último passo da nossa investigação.

### 3.2-Estado da questão e fontes indirectas

A pesquisa bibliográfica que antecedeu o começo deste estudo levou--nos ao início do século vinte, quando se começou, em Portugal, a problematizar a diferença entre a música tradicional e a música culta.

A música culta por ser composta e escrita em partitura tem um autor definido, ou, caso não se conheça o autor, podemos perceber qual a época em que foi composta, ditando assim, com reduzida margem de erro, a sua origem.

A música de tradição oral como não fora escrita nem editada suscitou diversas opiniões acerca da sua origem. Será o povo capaz de criar ou somente de copiar e adaptar?

Esta problemática pareceu-nos bastante importante pois coincidirá com os primeiros passos da etnomusicologia no nosso país.

O folclore, ou música tradicional, no Ocidente, tem sido tratada de uma forma muito discriminatória em relação à música dita clássica ou culta ou mesmo erudita. “The relationship between ‘high’ art Western music and anonymous popular music presents another kind of difficulty. The relationship has been mutually beneficial and the gap that began to open between them during the nineteenth century has been harmful to both.”<sup>17</sup>.

Esta visão romântica da música que, segundo Gerald Abraham, foi prejudicial para ambos os estilos de música gerou duas formas de pensar diferentes em relação ao saber popular e saber erudito. No artigo “Cancioneiro da Beira Baixa” publicado na Revista Lusitana, por José

---

<sup>17</sup> ABRAHAM, Gerald: “*The Concise Oxford History of Music*”, Oxford University Press, 1991, prefácio.

Monteiro<sup>18</sup> põe em evidência as diferenças entre estas duas formas de pensar. Por um lado, Teófilo Braga afirma que a origem da poesia popular é espontânea e emotiva e que depois é recolhida e sistematizada por personalidades cultas ou conscientes. Por outro lado, M. Rodrigues Lapa afirma que o povo não é capaz de criar mas sim assimilar, transformar e conservar. Este autor refere ainda que a poesia popular é a menos popular de todas pois não tem capacidade de difusão, isto é, circunscreve-se ao perímetro da aldeia, vila ou cidade.

José Monteiro aponta uma posição intermédia para interpretar a criação popular. A ideia de que as canções foram criadas por um grupo de populares que se juntaram para o efeito, não será muito crível. Considerar que o melhor da poesia popular tem origem literária será também excessivo. Assim José Monteiro conclui “que os primeiros tipos de canções se criaram individual, embora anonimamente, quer fossem seus autores pessoas do povo, quer pessoas cultas ou semi-cultas: No primeiro caso nasceram do povo, no segundo e terceiro foram por êle modificadas, de modo que, passados tempos, certas canções de começo por acaso singelas ou pobres tornaram-se obras-primas.”<sup>19</sup>. Parece-nos uma visão bastante equilibrada da problemática e que motiva o interesse no trabalho etnomusicológico. Como observa Leite de Vasconcelos “Quanto às cantigas e rimas dos poetas populares, embora lhes falte com frequência forma delicada ou pensamento fino, (...), adquirirão gradualmente essas qualidades desde que passem à turba.”<sup>20</sup>

Na Beira Baixa, região que segundo Rodney Gallop, “é a parte de Portugal que oferece mais rica e interessante variedade de canções populares”<sup>21</sup>, têm sido

---

<sup>18</sup> MONTEIRO, José: “*Introdução ao Cancioneiro da Beira Baixa*”. Em Revista Lusitana nº 38, Livraria Sá da Costa, Lisboa 1941.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 144.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 145.

<sup>21</sup> GALLOP, Rodney. *Op. Cit.*, p. 27.

realizados estudos de vários etnógrafos e etnomusicólogos como, por exemplo, Neves de Melo, P. Fernandes Tomaz, Francisco Serrano, Correia Lopes, Rodney Gallop, Gonçalo Sampaio, Maria C. Pires de Lima T. de Sousa, J. Lopes Dias, ou as gravações dirigidas por Armando Leça em que se registaram dez canções do mesmo tipo na Beira Baixa. Referimos também o trabalho de José Monteiro que tem informações e recolhas das canções da Beira Baixa, não registando no entanto em partitura, ou então Michel Giacometti que, como refere Domingos Morais, “foi sem dúvida uma personagem marcante no panorama da etnomusicologia em Portugal. Foi com Fernando Lopes Graça um pioneiro na recolha de músicas para fazer um cancioneiro de referência em Portugal.”<sup>22</sup> Este autor refere a região da Beira Baixa fazendo uma análise da expressão polifónica popular referindo que “cantos rituais da Beira Baixa e Beira Litoral e certas modas alentejanas de trabalho, que admitem respectivamente vozes masculinas e femininas.”<sup>23</sup>, ou refere as músicas de romeiros que se entoavam baseados em “incisivas fórmulas melódicas (Beira Baixa) ou estruturadas polifonias (Minho, Beira Alta, Beira Baixa e Beira Litoral)”<sup>24</sup>.

A Beira Baixa tem também algumas personalidades no campo da etnografia. Uma das mais importantes é o Dr. Jaime Lopes Dias, personagem interessantíssima que apresenta um vasto estudo etnográfico sobre a sua região, a “Etnografia da Beira” de mil novecentos e sessenta e quatro. Encontram-se aí recolhas de músicas escritas das canções religiosas que se cantavam nas romarias mais importantes da Beira Baixa: Senhora da Póvoa, no Vale da Senhora da Póvoa; Senhora do Almotão e senhora da Graça, em Idanha a Nova; Senhora dos altos Céus, na Lousa; Senhora da Granja, em

---

<sup>22</sup> MORAIS, Domingos: “*O Estado Presente da Etnomusicologia em Portugal*”, Associação Portuguesa de Educação Musical, Boletim 42/43, Jul./Out, Lisboa, 1984, p. 9.

<sup>23</sup> GIACOMETTI, Michel: “*Cancioneiro Popular Português*”, Círculo de Leitores, 1981, p. 8

<sup>24</sup> GIACOMETTI, Michel: *Op. Cit.* p. 9.

Proença a Velha. No entanto não é um estudo musicológico das canções, trata-se somente do registo importantíssimo destas canções em partitura, garante de que não passarão ao esquecimento.

Outra obra importante do estudo etnográfico da Beira Baixa, realizada por um beirão é “Beira Baixa, Novos Guias de Portugal”, de 1993, de Manuel Lopes Marcelo. Nesta obra e à semelhança do que se passa na obra de Lopes Dias, as músicas são registadas mas não são alvo de análise musicológica profunda. Assim o autor refere como “trabalhavam e cantavam todo o dia modas do tempo da azeitona”<sup>25</sup>, descrevendo como se executavam. De igual modo faz o tratamento das músicas das Romarias. Dedicar também um capítulo à música, “A Música Popular” onde faz um estudo dos instrumentos tocados na Beira Baixa e transcreve algumas músicas do cancioneiro recolhidas por Lopes Dias.

Existe também um estudo de Maria da Ascensão Gonçalves Carvalho, “Cancioneiro da Cova da Beira” de 1986 “Recolha principal no Ferro e completada em Boidobra, Covilhã, Peraboa, Peso, Teixoso, Tortosendo, Peroviseu, etc...”. Nesta obra aparecem canções com partitura, mas não se faz uma análise musical.

Existem também diversas monografias sobre aldeias ou vilas beirãs que, de uma maneira geral, têm algum capítulo dedicado à música tradicional. Na grande maioria referem os textos das músicas sem partitura. Estes livros têm uma tiragem reduzida e são difíceis de encontrar uma vez que não se encontram nas bibliotecas.

Apesar dos inúmeros estudos realizados, este tipo de manifestação musical, em Portugal, foi considerada uma arte menor e deixada ao abandono pelos músicos de formação erudita, que poderiam interpretá-la, recolhê-la, registá-la ou

---

<sup>25</sup> LOPES MARCELO, Manuel: *Op. Cit.*, p 85.

porque não parafraseá-la em obras eruditas de inspiração popular. Esta atitude, que não nos cabe a nós criticar, levou a que este tipo de música tenha sido deixado ao sabor da tradição oral que é muito mais sujeita à erosão da história do que a música escrita. “The music of history is for a very long time largely the music of kings and priests, poets or philosophers; the music of common folk has left few records in almost every age.”<sup>26</sup>

Deduzimos pelas pesquisas efectuadas que não existe em relação às povoações alvo deste estudo; Alcongosta, Alpedrinha, Casal da Serra, Castelo Novo, Louriçal do Campo, São Vicente, Soalheira e Souto da Casa: nenhum estudo musicológico do seu cancioneiro.

### **3.3- Fontes directas**

Consideramos como fontes directas todas as informações recolhidas quando contactámos directamente com os habitantes/informantes dos povos estudados.

Nas últimas décadas do século vinte o mundo rural sofreu rudes golpes, tornando-o muito menos produtivo do que até então. Este facto aliado a políticas de desenvolvimento de grandes centros em detrimento de pequenos pólos rurais, levou a um êxodo em massa.

O envelhecimento da população rural terá efeitos dramáticos na desertificação humana do interior de Portugal. A consequência mais grave para o objecto do nosso estudo é que, sem população nem actividades

---

<sup>26</sup> ABRAHAM, Gerald: *Op. Cit.*, p. 3.



agrícolas ou de lazer, as canções populares desta região e deste povo desaparecerão perdendo-se um aspecto importante da nossa identidade.

Torna-se assim urgente encontrar as pessoas que ainda possam transmitir o repertório de tradição oral e recolher essas canções.

### **3.3.1-Entrevistas**

A forma de recolher a informação pretendida foi através de entrevistas aos habitantes locais. As entrevistas não obedeceram a um guião rígido, foram de tipo aberto. A nossa intenção principal era conseguir que as pessoas cantassem. Depois, tentávamos saber onde, quando e em que contexto teriam ouvido a canção, para determinar a sua origem e a sua idade.

### **3.3.2-Seleccção dos informantes**

As pessoas que ainda conhecem o repertório que recolhemos são poucas e têm já uma idade avançada. Além deste facto, algumas não têm disposição para cantar, desculpam-se com a falta de saúde ou com a falha de memória para não nos darem a informação pretendida.

Nas povoações estudadas encontrámos sempre pessoas que nos deram a informação, no entanto não podemos considerar que foi uma tarefa fácil. Descrevemos seguidamente a forma como contactámos os informantes nas povoações estudadas, a forma como organizámos os encontros e como decorreram as entrevistas.

## **Alcongosta**

Deslocámo-nos à aldeia de Alcongosta para falar com o senhor José Mendes, artesão de esparto, com quem já tínhamos tido contacto anteriormente. Realizámos uma entrevista com ele pois tem um conhecimento profundo da história da aldeia, uma vez que sempre aí residiu, e como é um poeta popular registámos algumas composições suas muito interessantes que apresentamos em anexo. Em relação ao repertório de canções não conseguimos nenhuma informação relevante uma vez que o senhor José não sabe cantar. Indicou-nos então o centro de dia de Alcongosta onde, segundo ele, se encontrariam pessoas que se lembravam das canções. Dirigimo-nos ao referido centro mas não tivemos a felicidade de encontrar ninguém com disposição para cantar pois, como nos disseram, a saúde já não permite. No entanto, os cerca de cinco idosos indicaram-nos uma pessoa que vive ao cimo da aldeia e que seria a mais indicada para cantar as canções que pedimos.

Encontrámos então a senhora Gertrudes Rolão Nunes, de setenta e seis anos, sentada numa velha caixa de fruta, de costas para o vale, debaixo de um estendal de roupa à beira da estrada. Estava acompanhada pela senhora Maria Delfina dos Santos que tem oitenta e sete anos. Como a tarde estava soalheira tinham um xaile preto pela cabeça, completando assim um quadro de uma autenticidade tocante. O contacto foi fácil e espontâneo, depois de nos apresentarmos e de apresentar o nosso trabalho, as senhoras começaram a cantar as canções que recolhemos com entusiasmo. Voltámos passado uma semana para continuar o nosso trabalho. Nesse dia, além das duas senhoras que mencionámos estava também a senhora Leopoldina Correia Rodrigues Nunes. Esta senhora não cantou mas participou na conversa.

## **Alpedrinha**

Nesta vila que conhecemos bem, uma vez que lá trabalhamos há dez anos, encontrámos um grupo de senhoras que, segundo nos disseram, seriam as pessoas indicadas para a recolha que expusemos. No entanto, apesar de termos marcado encontros sucessivos, nunca conseguimos juntar as pessoas. Assim, uma tarde, dirigimo-nos à casa da senhora Conceição, de surpresa, e propusemos fazer a entrevista e a gravação imediatamente. Tinham-nos referenciado que esta senhora de setenta e quatro anos, seria uma das pessoas mais credenciadas para nos transmitir o repertório que pretendíamos, pois pertenceu a diversos coros e sempre gostou de cantar.

Como o acolhimento foi agradável, iniciámos logo uma serie de três entrevistas onde recolhemos o repertório apresentado.

## **Casal da Serra**

Nesta aldeia, metida no meio da serra da Gardunha, dirigimo-nos ao café e expusemos o nosso trabalho. Indicaram-nos então a casa de uma senhora que saberia cantar. Batemos à porta da senhora que estava de cama e não pudemos fazer a entrevista. De volta ao café, combinámos com o dono um encontro no domingo depois da missa. No domingo combinado, encontrámo-nos com as pessoas para fazer a entrevista. Não houve disponibilidade nesse dia, ficando então o encontro marcado para outro domingo, quinze dias depois, no fim de um almoço de celebração do dia da mulher e do homem. Pareceu-nos que seria uma boa oportunidade para fazermos a recolha pois teríamos muitas pessoas capazes de nos transmitir o repertório pretendido.

No domingo combinado a seguir ao almoço, dirigimo-nos ao centro de dia do Casal da Serra onde encontrámos dezenas de habitantes, quase a totalidade, segundo nos disseram. As senhoras e os senhores, depois de termos explicado o nosso propósito, começaram a cantar. Havia um participante que propunha cantar uma canção e os outros acompanhavam de seguida, sinal que o repertório recolhido é conhecido na povoação.

### **Castelo Novo**

Esta recolha teve um carácter particular pois, na altura em que realizámos as duas entrevistas, residíamos em Castelo Novo. Os dois informantes eram nossos vizinhos e sabiam que tínhamos interesse na área da etnomusicologia. As entrevistas surgiram naturalmente no seguimento das inúmeras conversas que mantivemos sobre este assunto.

### **Louriçal do Campo**

Como não tínhamos contactos nesta aldeia dirigimo-nos a um dos cafés, aí existentes, indagando sobre se haveria alguém que ainda soubesse cantar as canções antigas. A dona do café indicou-nos duas senhoras, que moravam ao lado do estabelecimento. Dirigimo-nos a uma das casas e combinámos, com uma das senhoras, um encontro para daí a uma semana na casa paroquial. A senhora comprometeu-se a convidar outras pessoas que ajudassem a cantar o repertório pretendido.

No dia combinado fomos à casa paroquial do Louriçal do Campo onde nos esperavam duas senhoras, uma com setenta e oito anos e outra com

setenta e nove. Não tinha sido possível juntar mais gente pois era na altura da apanha da azeitona e os possíveis informantes estavam a trabalhar. No entanto, com o evoluir da conversa, percebemos que não haveria muito mais gente disposta a cantar.

### **São Vicente da Beira**

Um domingo, enquanto almoçávamos no restaurante Mila no Casal da Fraga, freguesia anexa de São Vicente da Beira, perguntámos à dona do restaurante se haveria gente capaz de cantar as canções mais antigas na vila. A senhora dispôs-se a promover um encontro para o domingo seguinte com algumas senhoras. Na data combinada realizámos a reunião no restaurante e as quatro senhoras com quem nos reunimos transmitiram-nos canções e vivências populares que nos surpreenderam. As senhoras tinham idades compreendidas entre os setenta e os oitenta anos de idade.

### **Soalheira**

Nesta vila há um grupo organizado de mais de uma dezena de pessoas intitulado Rancho Folclórico da Soalheira. Embora o repertório executado por este grupo não seja interessante para o nosso estudo, pareceu-nos que poderia haver aí pessoas que nos pudessem informar sobre o repertório que nos interessa.

Assim, depois de um ensaio, numa sexta-feira à noite, dirigimo-nos à antiga Escola Primária da Soalheira para contactar com os membros do referido rancho. Quando explicámos a natureza do nosso estudo e quais as nossas pretensões as senhoras e os senhores presentes dispuseram-se a,

imediatamente proceder à entrevista. A recolha foi muito profícua mas o tempo não foi suficiente, pois já era muito tarde. Assim marcámos mais um encontro para daí a uma semana para concluir o trabalho. Os informantes tinham entre os sessenta e os oitenta anos de idade.

### **Souto da Casa**

Nesta aldeia existe um grupo que se chama Grupo de Cantares do Souto da Casa. O coordenador deste grupo é o senhor Albano, que nós já conhecíamos. Quando explicámos o que pretendíamos o este senhor convidou-nos a assistir e gravar um ensaio deste grupo. No dia combinado dirigimo-nos à casa do povo do Souto da Casa. A senhora mais idosa deste grupo tem noventa anos e a mais nova trinta e dois. Os outros elementos têm entre sessenta e oitenta anos.

#### **3.3.3- Contexto das canções**

As actividades de entretenimento têm mudado muito ao longo dos últimos anos. O avanço tecnológico que permitiu levar electricidade à maioria dos lares, bem como o aparecimento da rádio, da televisão e dos computadores teve um papel decisivo na mudança da forma como as pessoas se divertem, com consequências a nível cultural.

No tempo a que se reportam estas canções, havia necessidade de manter um repertório vivo. Cantar, tocar e dançar tinham um papel muito importante, quer no complemento do trabalho agrícola, quer nos tempos

livres de recreação, quer nas manifestações religiosas. Quem quisesse ouvir música tinha que a executar ou, pedir para que o fizessem. “Finalmente, la música funciona como mecanismo de alivio emocional para un grupo de personas que realizan actividades juntas.”<sup>27</sup>

O ano dividia-se, em termos de divertimento, em duas épocas: a altura da Quaresma, em que não havia nenhuma manifestação que exteriorizasse alegria ou diversão, e o resto do ano.

Haviam determinadas épocas do ano em que era obrigatório cantar determinadas músicas do repertório. No mês de Janeiro havia a tradição de cantar as janeiras (aguinaldos em castelhano). Há um repertório também executado em toda a região. No entanto há pequenas diferenças na melodia que faz com que cada povo tenha a sua forma de cantar as Janeiras.

O Carnaval era também pretexto para se cantarem e dançarem diversas canções quer quando se cantava o “Entrudo” de porta em porta, quer nos bailes que faziam os foliões.

Na semana santa há cânticos próprios para as cerimónias na igreja, para a encomendação das almas e para os martírios. Devia ser uma emoção forte ouvir regravar os martírios em noites frias nas ruas escuras, sem luz eléctrica, barulho de carros, ou outros aparelhos de difusão sonora.

Nas festas dos santos venerados pelo povo cantavam-se determinados cânticos.

---

<sup>27</sup> MERRIAM, Alan P.: “Usos y funciones”. En CRUCES, Francisco: *Las culturas Musicales, lecturas de etnomusicología*. Madrid. Editorial Trotta, 2001, p. 289.



Pelo Natal há cânticos que são bastante populares na Beira Baixa e que apresentamos. Há um cântico que recolhemos que não faz parte deste repertório conhecido e que se torna interessante porque tem uma mistura da língua portuguesa com a espanhola, como apresentaremos a seguir.

Depois havia as canções que acompanhavam os trabalhos agrícolas, nomeadamente as vindimas, as sachas do milho, as desfolhadas. Nas desfolhadas juntavam-se as pessoas, sobretudo os jovens, e iam descamisar as maçarocas do milho. Era um sistema comunitário de inter-ajuda. Durante o tempo das desfolhadas andava um grupo de quinta em quinta a realizar este trabalho. Normalmente pela noite dentro, sentavam-se os rapazes e as raparigas à volta do monte de maçarocas de milho e começavam a descascá-las. As maçarocas iam para um lado e o folhelho ia para o outro. Durante este trabalho cantavam-se as Desfolhadas, canção que apresentamos mais à frente. Além de cantar, as conversas giravam em torno dos namoros. Havia um jogo que faziam, revestido de enorme erotismo, que se processava da seguinte forma: “quando aparecia uma maçaroca, assim, vermelha, chamavam-lhe a maçaroca do amor, quer dizer, se era ela que aparecia com a maçaroca tinha que receber um beijo dos rapazes todos, se era um rapaz, tinha que receber um beijo das raparigas todas. Era uma sorte, aquilo era sorte. Depois estava tudo a descascar com maior força a ver aquele que havia de encontrar a maçaroca. Às vezes aparecia mais que uma, e mais que duas e aquilo era uma paródia.”<sup>28</sup> No fim de estar o trabalho feito, havia comida e bebida e acabava quase sempre em festa. “... havia sempre um garrafão com aguardente, havia sempre um prato com figos. Comiam-se uns figos, bebiam-se uns copos de aguardente, se havia um indivíduo que tocasse realejo, toca de tocar realejo, toca de haver baile, era até às tantas ali a divertir-se não é. Eu tive um ano,

---

<sup>28</sup> Entrevista com o Senhor Casimiro, anexo 10.

mais um irmão meu que está em Castelo Branco, que levámos trinta e uma ou trinta e duas noites sempre nessas festas por fora.”<sup>29</sup>

Durante o ano, normalmente aos domingos à tarde, organizavam-se bailes que eram animados por instrumentistas. Segundo a entrevista com o senhor Casimiro, juntava-se muita gente e “os bailes naquela altura era um armónicozito, era uma concertinazita, era um realejo, que eu naquela altura comecei assim a ter uma certa idade vamos lá, eu fazia maiores bailes em Castelo Novo do que se faz num arraial, do que se hoje se faz numa festa.”<sup>30</sup> A música era o pretexto para as pessoas se juntarem e para se divertirem. Algumas vezes convidava-se um músico profissional e “aí em 1946. O ano de 1946 nunca me esqueceu, todos os domingos tínhamos um baile cá no açougue, no largo da bica. Juntava-se ali a rapaziada toda e então pagávamos uma cota, um dava 25 tostões, o outro dava 10 tostões, outro dava cinco escudos, conforme era as posses e tivemos então o Manuel Augusto que era do Salgueiro do Campo, um acordeonista, todos os domingos tínhamos o baile.”<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> Entrevista com o Senhor Casimiro, anexo 10.

<sup>30</sup> Entrevista com o senhor Casimiro, anexo 10.

<sup>31</sup> Entrevista com o senhor Casimiro, anexo 10.

### 3.3.4- Calendário agrícola e pecuário

Meses do Ano	Actividades Agrícolas	Actividades Pecuárias
Janeiro	Lavoura das terras para preparar as culturas de Inverno: batata, favas e ervilhas, centeio, couve galega. Realizar as podas.	Vacinação do gado ovino, caprino, bovino, cavalar e os porcos contra as doenças rubras.
Fevereiro	Semear alface, couves, nabo, nabiça, pimento, tomate, etc... Continuar as podas. Plantar árvores. Tansfegar o vinho.	Dar um suplemento de farinha, amendoim e linhaça às vacas leiteiras. Vacinar os cães contra a raiva.
Março	Preparar a terra para o milho e a batata de regadio. Semear o trigo, aveia, centeio e cevada. Continuar as podas das árvores frutícolas, resinar os pinheiros, e combarer o oídio na vinha. Semear alface, couves, nabo, nabiça, pimento, tomate, nabiça, abóboras, etc...	
Abril	Mondar e sachar os campos semeados no mês anterior. Semear milho e batata. Semear alface, couves, nabo, nabiça, pimento, tomate, nabiça, abóbora, cenoura, melão, melancia, etc...	Higiene das vacas, separar os vitelos das mães, tosquiar as ovelhas.
Maio	Tratar e regar os batatais. Semear melão, melancia, pepino, agrião, feijão, fava. Colher cerejas.	Castrar o gado, tosquiar as ovelhas, procriação de coelhos e cabras.
Junho	Cavar, estrumar e semear. Ceifar o trigo, centeio e cevada. Apanhar a batata de Fevereiro. Extrair o mel e a cortiça.	Pastorear o gado que deve sair dos estábulos de manhã e entrar ao entardecer depois de beber água.
Julho	Ceifar e debulhar os cereais, roçar mato para estrume.	
Agosto	Cavar e sachar o milharal e as hortaliças.	Completar a forragem com suplemento alimentar natural.
Setembro	Vindimar, estrumar as terras, ceifar arroz, colher as amêndoas e a azeitona.	Semear centeio e cevada.
Outubro	Colher a azeitona, semear cereais praganosos, abrir e estrumar as covas para embacelar as árvores.	
Novembro	Podar os pomares e estrumá-los. Colher os frutos secos.	O gado começa a comer feno, palha e grão.
Dezembro	Arrotear terras e mato para as sementeiras de Primavera. Continuar a sementeira de trigo e centeio.	Proteger o gado do frio e da chuva.

### 3.3.5- Calendário religioso católico

Meses do Ano	Datas
Janeiro	Santíssimo Sacramento no 3º Domingo em Alcongosta.
Fevereiro	Festa em honra de S.Brás no 1º fim de semana em Castelo Novo.
Março	Procissão dos Passos, durante a Quaresma, em todas as povoações.
Abril	Festa em honra da Senhora da Serra, segunda feira a seguir ao domingo de Páscoa, em Castelo Novo. Festa em honra da Senhora da Necessidades no domingo a seguir ao domingo de Páscoa, na Soalheira.
Maio	Festa do Corpo de Deus. Mês de Maria, reza do terço todos os dias. Procissão em louvor da Nossa Senhora de Fátima no dia 13, em Castelo Novo. Festa em honra da Senhora d'Orada no 4º domingo em S. Vicente.
Junho	Festa em honra de Santa Bárbara no 1º domingo, em Alcongosta. Festa de Santo António e São João em todas as povoações.
Julho	
Agosto	Festa em honra de São Lourenço, dia 10, na Soalheira. Festa em honra do Anjo da Guarda no 3º domingo, em Alpedrinha. Festa em honra de Santo António no 3º domingo, no Casal da Serra. Festa em honra do Senhor da Saúde no 4º fim de semana, no Souto da Casa.
Setembro	Festa em honra do Senhor da Misericórdia no primeiro fim de semana, em Castelo Novo. Festa em honra da Senhora da Anunciação, no 2º fim de semana, em Alcongosta. Festa de Santa Ana e São Joaquim no último fim-de-semana em Castelo Novo.
Outubro	
Novembro	Dia de todos os Santos em todas as povoações.
Dezembro	Natal.

### 3.3.6- Fichas de análise/classificação

As canções recolhidas foram analisadas seguindo uma ficha de análise/classificação elaborada para o efeito. Este instrumento de análise foi feito depois de estudar as fichas de classificação utilizadas por vários etnomusicólogos nas suas recolhas, citados por M<sup>a</sup> del Pilar Barrios Manzano (*Op. Cit.*, pp. 57 a 81), tais como Eduardo Martinez, Federico Olmeda, Felipe Pedrell, Bonifácio Gil, Agapito Marazuela, Manuel Garcia Matos, Marius Schneider, Luís Díaz Viana, Joaquín Díaz , José Delfín Val, Miguel Garoz, Pedro Majada Neila, Francisco Redondo, Miguel Manzano, Francisco Tejada Vizuite, Miguel Manzano, Francisco Rodilla León, Fernando Flores del Manzano, Rosario Guerra Iglesias. Estas consultas permitiram-nos estudar as obras em profundidade para depois construir a nossa própria ficha de análise/classificação.

A abordagem proposta por M<sup>a</sup> del Pilar Barrios Manzano parece-nos a mais abrangente e completa, pois reúne critérios de análise musical, análise literária, critérios geográficos, critérios ligados aos ciclos da agricultura e pecuária e também critérios sociológicos.

Assim sendo, elaborámos a ficha que apresentamos seguidamente, com catorze campos de análise que abarcam os critérios acima referidos.

No primeiro campo aparece o **Nome** pelo qual os informantes conhecem a canção, quando não sabem o nome assumimos as primeiras palavras do texto.

No segundo campo aparece o **Tipo de canção**. Considerámos seis tipos de canções diferentes. Esta classificação tem em conta o calendário religioso católico e o agrícola pecuário, apresentados anteriormente. **As Canções de Carnaval** eram sempre cantadas nesta época do ano pois tinham



uma função específica a cumprir. **As Canções de Trabalho** que se cantavam enquanto se trabalhava na agricultura e pecuária, realizando as tarefas necessárias na época do ano. **As Canções de Lazer** que se cantavam em situações fora do trabalho ou em situações de festa. **As Canções das Janeiras** (Aguinaldos em Castelhana) ligadas a um ritual que ainda é praticado e que tem um repertório próprio, sendo diferente de povo para povo. **As Canções de Natal** que se cantavam nesta quadra. **Os Cânticos Religiosos** que se cantavam na missa ou nas procissões ou em festas religiosas.

Esta classificação das canções não é restritiva pois as canções eram interpretadas quando havia oportunidade. A nossa experiência enquanto observador/participante em trabalhos agrícolas e em actividades de lazer desta região permite-nos afirmar que se cantavam canções, acima descritas como de Carnaval, noutras épocas do ano. Ou as canções acima descritas como sendo de Lazer serem cantadas em situação de trabalho ou vice-versa.

No terceiro campo descreve-se o **Contexto** em que se cantavam as canções: Em bailes ou desfiles, nas tabernas, enquanto se sachava o milho, nas desfolhadas, na missa ou em procissões.

No quarto campo indica-se a **Origem** da canção, isto é, onde é que os informantes a ouviram cantar e se já a ouviram cantar em mais sítios.

No quinto campo surge a indicação da **Recolha**, isto é, onde a canção foi recolhida. Referimos o nome e a idade das pessoas quando a recolha foi feita, em entrevista, a um máximo de três pessoas. Quando a recolha foi feita num grupo mais vasto, indicamos o nome do grupo. Na transcrição das entrevistas estão informações relativas ao nome e à idade destes informantes.

No sexto campo refere-se o **Âmbito** da canção, isto é, qual a nota mais grave e a mais aguda. A indicação que é dada tem a ver com a ordem de oitavas, assim, indica-se a seguir à nota o número dois, três ou quatro.

No sétimo campo são indicadas as **Tonalidades** que são utilizadas nas canções. A letra (M) indica a tonalidade maior e a letra (m) a menor. As tonalidades referidas nas fichas de análise não são, em algumas canções, as tonalidades utilizadas pelos informantes e gravadas por nós. Como não havia uma nota de referência, dada por um diapasão ou qualquer outro instrumento com afinação definida, os informantes procuravam o tom e entoavam as canções. Por vezes as tonalidades que utilizaram tinham muitas alterações na armação de clave. Como um dos objectivos deste trabalho é a difusão destas canções, o facto de haver muitas alterações na armação de clave iria dificultar certamente a execução quer vocal quer instrumental destas canções. Assim sendo, transpusemo-las para tonalidades com um máximo de três alterações.

No oitavo campo indica-se o **Modo** em que está escrita a canção, se for modal. Os modos referidos são os doze modos gregorianos. “La música modal há permanecido en numerosas obras del folklore. Basada en los modos gregorianos o eclesiásticos han quedado gran número de melodias.”<sup>32</sup>.

No nono campo refere-se as **Alterações ocorrentes** que aparecem na melodia, identificando qual a modulação operada.

No décimo campo faz-se uma análise dos **Intervalos** utilizados na melodia indicando se são maiores (M), menores (m) ou perfeitos (p). Não foram identificados intervalos aumentados ou diminutos.

---

<sup>32</sup> BARRIOS MANZANO, Maria del Pilar: *Op. Cit.*, p. 88.

No décimo primeiro campo indica-se qual o **Compasso** utilizado na canção referindo a unidade de tempo e a unidade de compasso. Indica-se também se o compasso é simples ou composto.

No décimo segundo campo analisa-se a **Estrutura rítmica** da canção referindo quais as figuras mais utilizadas, a existência de frases rítmicas repetidas ou mudanças de tempo. Indicamos também se há anacrusas.

No décimo terceiro campo indica-se a **Estrutura da letra** da canção indicando o número de versos por estrofe e a métrica.

No décimo quarto campo faz-se a **Análise Semântica**, ou seja, dos temas tratados nos textos das canções: o amor correspondido, o amor não correspondido, o amor ilícito, a ausência, motivos satíricos, o elogio à aldeia, o Natal, o Carnaval, a liberdade, etc...

Apresentamos seguidamente a ficha de análise/classificação modelo que elaborámos.

Nome	
Tipo	
Contexto	
Origem	
Recolha	
Âmbito	
Tonalidade	
Modos	
Alterações Ocorrentes	
Intervalos	
Compasso	
Estrutura Rítmica	
Estrutura da Letra	
Análise Semântica	

## **4- Canções recolhidas**

### **4.1.- Canções de Carnaval**

#### **4.1.1- Análise das canções de recolhidas**

#### **4.1.2- Repertório**

### **4.2- Canções de Trabalho**

#### **4.2.1- Análise das canções de Trabalho**

#### **4.2.2- Repertório**

### **4.3- Canções de Lazer**

#### **4.3.1- Análise das canções de Lazer**

#### **4.3.2- Repertório**

### **4.4- Canções de Janeiras**

#### **4.4.1- Análise das canções de Janeiras**

#### **4.4.2- Repertório**

### **4.5 Canções de Natal**

#### **4.5.1- Análise das canções de Natal**

#### **4.5.2- Repertório**

### **4.6- Cânticos Religiosos**

#### **4.6.1- Análise dos Cânticos Religiosos**

#### **4.6.2- Repertório**



## 4.1- Canções de Carnaval

### 4.1.1- Análise das Canções de Carnaval recolhidas

Recolhemos quinze canções de Carnaval. Os informantes especificaram que estas canções se cantavam no tempo do Carnaval e acompanhavam os bailes e os jogos de grupo que se faziam. Estas canções podiam ser cantadas durante o resto do ano, no entanto tinham a função de acompanhar actividades típicas das folias do Carnaval. As recolhas número três, Ó ladrão de Alcongosta, sessenta e quatro, Um abraço é pouco de Castelo Novo ou trinta e oito, Anda lá para diante de Castelo Novo, são exemplo disso uma vez que a própria letra indica os movimentos que os pares faziam nos bailes.

As recolhas números treze, O Entrudo de Alcongosta, e quarenta e três, Entrudo de Castelo Novo, têm o mesmo nome e tinham a mesma função, eram cantadas quando se chorava o Entrudo. No Carnaval juntava-se um grupo de mascarados e iam pela povoação chorar o Entrudo. O tema das canções era satírico, além dos textos já existentes podiam ser inventados outros relativos a situações ocorridas durante o ano e que eram satirizadas. No Louriçal do Campo contaram-nos a história da sátira que fizeram a um senhor que tinha levado um coice de um burro e lhe partido um dente. Os foliões gozaram a situação dizendo “Olha lá Joaquim Manel então tu não te



envergonhas de teres um burro dentista? Não te envergonhas!”<sup>33</sup>. No Casal da Serra contaram-nos que, a um grupo de foliões que choravam o Entrudo, lhes deram morcelas feitas com cinza. O grupo quando se preparava para comer o enchido, depois de estar a assar, percebeu o engano. Voltaram à casa da pessoa que os tinha enganado e fizeram-lhe uma quadra maldizente.

O Carnaval era uma época do ano em que as pessoas se divertiam com estas brincadeiras antes de entrar no período penitencial da Quaresma.

---

<sup>33</sup> Entrevista no Lourçal do Campo. Anexo 8.

## 4.1.2- Repertório

### Recolha nº 2

#### Menina da garrafinha

Alcongosta

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato



The musical score is written on ten staves of five-line systems. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one flat (B-flat), and a 2/4 time signature. The melody is composed of eighth and quarter notes. The lyrics are written below the notes, with some words split across lines. Measure numbers 3, 6, 9, 11, 14, 17, 20, and 23 are indicated at the start of their respective staves. The piece concludes with a double bar line at the end of the final staff.

Me ni na da ga rra fi nha que  
le vas que tão bem chei ra le vo sau da des d'a  
mor que em bar ca à quar ta fei ra o  
meu a mor vem a lé em pe  
lo an dar o co nhe ço tem o pa sso mi u  
di nho com o'a fo lhi nha do sei xo  
ai a go ra é que me ma nci o é que me ma  
nei o é que me re bo lo nos bra ços do meu a  
mor or a go ra é que me con so lo

Menina da garrafinha  
Que levas que tão bem cheira  
Levo saudades de amor  
Que embarca à quarta-feira

O meu amor vem além  
Pelo andar o conheço  
Tem o passo miudinho  
Como à folhinha do seixo

Ai agora é que me maneio  
É que me maneio é que me rebolo  
Nos braços do meu amor  
Agora é que me consolo

<b>Nome</b>	Menina da garrafinha.
<b>Tipo</b>	Canção de Carnaval.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se para dançar em roda.
<b>Origem</b>	Esta canção é conhecida a nível nacional.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Gertrudes Nunes de 76 anos de idade e Sr <sup>a</sup> Delfina dos Santos de 87 anos, em Alcongosta.
<b>Âmbito</b>	La 2, Si 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Do # m. Transposta para Re m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Há um Do # quando modula para La M.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos e intervalos de 5 <sup>a</sup> P, 3 <sup>o</sup> m, 3 <sup>a</sup> M e 4 <sup>a</sup> P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia. A frase rítmica  repete-se ao longo da canção  havendo uma variação no final 
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema é o amor. O namorado vai embarcar na quarta-feira e a menina já tem saudades.

## Recolha nº 3

### Ó ladrão

Alcongosta

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato


Ó la drão ó la drão ó la drão sou cu s'cu fô  
ra la drão rou ba va te eu ó la drão ó la drão ó la  
drão sou eu s'eu fô ra la drão rou ba va te eu já cá  
vai rou ba da já cá vai na mão já cá vai me tida no meu  
co ra ção já cá vai rou ba da já cá vai na mão já cá  
vai me tida no meu co ra ção

Ó ladrão ó ladrão  
Ó ladrão sou eu  
Se eu fora ladrão  
Roubava-te eu

Já cá vai roubada  
Já cá vai na mão  
Já cá vai metida  
No meu coração

(Andava um rapaz na roda sem par, então  
ia roubar uma rapariga da roda e depois  
dizia.)

(Esta canção era acompanhada com  
estalar dos dedos.)

<b>Nome</b>	Ó ladrão.
<b>Tipo</b>	Canção de Carnaval.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se para dançar em roda.
<b>Origem</b>	Alcongosta.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Gertrudes Nunes de 76 anos de idade e Sr <sup>a</sup> Delfina dos Santos de 87 anos, em Alcongosta.
<b>Âmbito</b>	Do 3, La 3.
<b>Tonalidade</b>	Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas depois há intervalos 5 <sup>a</sup> P, 3 <sup>a</sup> M, 3 <sup>a</sup> m e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de duas semicolcheias. A frase rítmica -  - repete-se durante a canção.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 6 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Os versos desta canção descrevem o jogo que é feito.



## Recolha n.º 8

### Quem me dera

Alcongosta

Moderato


Recolha de Miguel Carvalhinho

Quem me dera um pão quente  
ma laranja partida  
quem me dera um pão  
quente uma laranja partida  
para dar ao meu amor  
que anda de beica caída  
para dar ao meu amor  
que anda de beica caída

Quem me dera um pão quente  
Uma laranja partida  
Quem me dera um pão quente  
Uma laranja partida

Para dar ao meu amor  
Que anda de beica caída  
Para dar ao meu amor  
Que anda de beica caída

Ó enleio ó enleiozinho  
Vamos nós a desenleiar  
Meu amor é contrabandista  
Vamos nós a contradança

<b>Nome</b>	Quem me dera.
<b>Tipo</b>	Canção de Carnaval.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se nos bailes para dançar durante o período de Carnaval.
<b>Origem</b>	Esta melodia foi-nos cantada em Castelo Novo com o nome de “Enleia”.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Gertrudes Nunes de 76 anos de idade e Sr <sup>a</sup> Delfina dos Santos de 87 anos, em Alcongosta.
<b>Âmbito</b>	La 2, Sib 3.
<b>Tonalidade</b>	Re m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Do # quando modula para La M.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas e graus conjuntos. Depois há intervalos de 3 <sup>a</sup> m, 4 <sup>a</sup> P. Há um salto de 8 <sup>a</sup> quando o tema repete.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima com um ponto. É um compasso ternário (3/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de semínima. O ritmo de marcha baseia-se na frase  que é repetida durante a canção.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor. O amor anda de “beíça caída” o que quer dizer que anda muito apaixonado.

## Recolha n° 13

### Entrudo

Alcongosta

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

O En tru do já vem pe cr to

4 vem che gan do Al pe dri nha vem che gan do

7 a'Al pe dri nha vem di zen do


10 às ca cho o pas vem di zen do

13 às ca cho pas dai me cal dos de ga li nha

O Entrudo era bom homem  
 O Entrudo era bom homem  
 Se não fosse tão velhaco  
 Foi à fonte com três moças  
 Foi à fonte com três moças  
 Trouxe de lá vinte e quatro

O Entrudo já vem perto  
 Vem chegando a Alpedrinha  
 Vem chegando a Alpedrinha  
 Vem dizendo às cachopas  
 Vem dizendo às cachopas  
 Dai-me caldos de galinha

O Entrudo era bom homem  
 Se não fosse tão magão (maganão)  
 Se não fosse tão magão (maganão)  
 Foste a almoçar a Alpedrinha  
 Foste a almoçar a Alpedrinha  
 E jantar foi ao Fundão

<b>Nome</b>	O Entrudo.
<b>Tipo</b>	Canção de Carnaval.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se durante o Carnaval.
<b>Origem</b>	Esta canção foi-nos cantada também em Castelo Novo.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Gertrudes Nunes de 76 anos de idade e Sr <sup>a</sup> Delfina dos Santos de 87 anos, em Alcongosta.
<b>Âmbito</b>	Re 3, Si 3.
<b>Tonalidade</b>	Re M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Esta canção começa com graus conjuntos, depois há intervalos de 4 <sup>a</sup> P, 3 <sup>a</sup> M e 3 <sup>a</sup> m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo da canção é baseado na frase - 
<b>Estrutura da Letra</b>	As estrofes têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Esta canção satiriza a personagem do Entrudo, adjectivando-a de velhaco, maganão, mulherengo e boémio.

## Recolha n.º 23

### Menina do Balho

Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**

A Me ni na qu'an da no Bail lho a'mc  
 ni na qu'an da no ba lho ai é bo ni ta ba lha  
 bem em ai é bo ni t'a balh a bem em hei  
 d'ir pe di l'a seu pai ai hei d'ir pe di l'a seu  
 pa ai ai an tes que lha pe ç'al guém em ai an  
 tes que lha pe ç'al guém em

A menina que anda no bailho  
 A menina que anda no bailho  
 Ai é bonita bailha bem  
 Ai é bonita bailha bem


Hei-de ir pedi-la a seu pai  
 Ai hei-de ir pedi-la a seu pai  
 Antes que lha peça alguém  
 Ai antes que lha peça alguém

Ai as armas do meu adufe  
 Ai as armas do meu adufe  
 Ai são de pau de laranjeira  
 Ai são de pau de laranjeira

Ai quem quiser vir tocar nele  
 Ai quem quiser vir tocar nele  
 Ai há-de ter a mão ligeira  
 Ai há-de ter a mão ligeira

Ai minha mãe perdi o lenço  
 Ai minha mãe perdi o lenço  
 Ai no terreiro a bailar  
 Ai no terreiro a bailar

Ai minha mãe não me dá outro  
 Ai minha mãe não me dá outro  
 Ai em cabelo hei-de andar  
 Ai em cabelo hei-de andar

<b>Nome</b>	Menina do Bailho.
<b>Tipo</b>	Canção de Carnaval.
<b>Contexto</b>	Cantava-se nos bailaricos que se faziam ao domingo. Como não havia instrumentistas que tocassem guitarra ou concertina, quando se juntava um grupinho e havia festa, cantavam, tocavam adufe e dançavam ao mesmo tempo.
<b>Origem</b>	Alpedrinha.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha. Esta canção está gravada num disco vinil pelo Coro da Liga dos Amigos de Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Dó 3, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	La M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 3 <sup>a</sup> m e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de duas semicolcheias. O ritmo convida a dançar pois é baseado em  - terminando com uma hemiolia.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras são de oito sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor. A menina que anda no baile tem pretendentes que a querem para namorar e casar.



## Recolha n.º 33

### As carvoeiras

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Li ber da de li ber da de ca da

um go za se de la cu não te nho li ber

da de nem de asso mar à ja ne la

são tão bo ni tas as car vo

ei ras são tão ca ti tas

as fei ti cei ras ó que be lo

ran cho tem a mo ci da de

dan çam ra pa ri gas vi v'á li ber

da de ó que be lo ran cho tem

a mo ci da de dan çam ra pa



ri gas vi v'á li ber da de

Liberdade liberdade  
Quem a tem goza-se dela  
Eu não tenho liberdade  
Nem de assomar à janela

Liberdade liberdade  
Quem a tem chama-lhe sua  
Eu não tenho liberdade  
Nem de por os pés na rua

São tão bonitas as carvoeiras  
São tão catitas as feiticeiras  
Ó que belo rancho tem a mocidade  
Dançam raparigas  
Viva a liberdade

Agora é que ela vai boa  
Já me cá vai agradando  
Estava tão empenhadinha  
Já me vou desempenhando

<b>Nome</b>	As Carvoeiras.
<b>Tipo</b>	Canção de Carnaval.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se durante o Carnaval e era dançada pelas ruas, em desfile, ou nos largos em roda. Era um grito de liberdade pois no “Carnaval ninguém leva a mal”.
<b>Origem</b>	Castelo Novo.
<b>Recolha</b>	Sr. António Cafêde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Fá 2, Lá 3.
<b>Tonalidade</b>	Fá M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 3ª m, 4ª P, 6ª M, 5ª P e 8ª P.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima, é um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase  dá o ritmo de marcha A frase  confere um tempo mais lento e salteado voltando no fim a misturar as figuras rítmicas que foram sendo utilizadas.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 5 e 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é a liberdade que as carvoeiras não têm enquanto vivem na casa dos pais, nem podem “assomar à janela” nem “por o pé na rua”. Mas no Carnaval podem dançar e mostrar que são “bonitas” e “catitas”. No fim voltam para casa pois acabou o tempo do Carnaval.

## Recolha n.º 34

### A saia da nossa Ana

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**



A sai a da no ssa A na ai tai

3 pum chi ri bi ri bi ri bum é co mo'a ro da dum

6 ca rro é co ma'a ro da dum carro

A saia da nossa Ana  
Ai tapum chiribiribiribum  
É como a roda dum carro  
É como a roda dum carro

Quando vai para a cozinha  
Ai taipumchiribiribiribum  
Faz abanar o sobrado  
Faz abanar o sobrado

<b>Nome</b>	A saia da nossa Ana.
<b>Tipo</b>	Canção de Carnaval.
<b>Contexto</b>	Esta canção dançava-se em roda.
<b>Origem</b>	Castelo Novo.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Fá 3.
<b>Tonalidade</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 6ª M ascendente. Depois há graus conjuntos e intervalos de 4ª P, 5ª P 3ª M e 3ª m .
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de duas colcheias. A frase  dá o ritmo de dança. A onomatopeia tem a frase  que é um ritmo mais rápido.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é satírico pois compara a saia da Ana com a roda de um carro que, talvez por ser pesada, faz abanar o sobrado. A onomatopeia que ilustra o movimento da saia da Ana é bastante elucidativa “aitaipumchiribiribiribum”.

## Recolha n.º 38

### Anda lá para diante

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

An da lá pa ra di an an te qu'eu a trás de ti não

vo ou an da lá pa ra di an an te

qu'eu a trás de ti não vo ou não me pe de'o co ra

çã ão a mar a quem me dei xou

não me pe de'o co ra çã ão a mar a quem me dei

xou dá me'um só bei jo

dá me'um só dá a dá me'um só

bei jo dá me'um só dá a

se tu não me deres um bei jo o li'á mim não se me

Anda lá para diante

2





Anda lá para diante  
Que eu atrás de ti não vou  
Não me pede o coração  
Amar a quem me deixou

Quem não dança a mascarita  
Quem não dança a mascarota  
Mascarita que não dança  
Olha a mim não se me importa

Dá-me um só beijo  
Dá-me um só dá  
Se tu não me dás um beijo  
Olha a mim não se me dá



<b>Nome</b>	Anda lá para diante.
<b>Tipo</b>	Canção de Carnaval.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se durante o Carnaval e era dançada nos largos em roda.
<b>Origem</b>	Castelo Novo.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Lá 2, Lá 3.
<b>Tonalidade</b>	Ré M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Esta canção começa com graus conjuntos. Depois aparecem intervalos de 3ª m, 3ªM, 4ª P e 6 M.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima com um ponto. É um compasso ternário (3/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase inicial -  - dá o ritmo de marcha. A frase da segunda parte -  - confere um ritmo mais lento e salteado.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 5 e 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor não correspondido que se tenta menosprezar dançando.

## Recolha n.º 42

### Encontrei a Amélia

Castelo Novo


Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

En con trei A mé lia no la ran jal a'a  
pa nhar la ran jas p'ró a ven ta al vem co mi go  
A mé lia vem s'eu te não a mo não a mo nin guém  
vem co mi go A mé lia vem  
s'eu te não a mo não a mo nin guém

Encontrei a Amélia no laranjal  
A apanhar laranjas p'ró avental  
Vem comigo Amélia vem  
Se eu te não amo não amo ninguém

Encontrei a Amélia na laranjeira  
A apanhar laranjas por brincadeira  
Vem comigo Amélia vem  
Se eu te não amo não amo ninguém

<b>Nome</b>	Encontrei a Amélia.
<b>Tipo</b>	Canção de Carnaval.
<b>Contexto</b>	Esta canção dançava-se em roda dando as mãos.
<b>Origem</b>	Castelo Novo.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Dó 3, Ré 4.
<b>Tonalidade</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 3ª M, 3ª m e 4ª p.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso mínima com um ponto de aumentação. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia. A frase -  - dá o ritmo de dança.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 9 e 10 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é amoroso pois a Amélia é encontrada a apanhar laranjas num laranjal. Surge então o convite para que ela vá com o namorado que a ama só a ela. Há uma aproximação física da primeira quadra para a segunda. Na primeira o encontro é num laranjal e na segunda é já na laranjeira.

## Recolha n.º 43

### Entrudo

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

O en trudo já vem pe cr to

o en trudo já vem per to vem che

gan do à ra ti nha vem che

gan do à ra ti nha

O Entrudo já vem perto  
Vem chegando à ratinha  
Ele vem muito doente  
Cachopas dai-lhe galinha

Já roubaram ao moleiro  
A sua filha Inês  
Levaram-na a vinte quatro  
Trouxeram-na a vinte e três

O moleiro é bom homem  
Se não fosse tão ladrão  
Ele há-de ir para o inferno  
Com a maquia na mão

Já roubaram ao moleiro  
Sua filha pelo telhado  
Julgavam que era toucinho  
Que lá tinha dependurado

Ao ouvir cantar a rola  
Ao redor da ribeirinha  
Ó moleiro sai cá fora  
Sacudir a farinha

<b>Nome</b>	Entrudo.
<b>Tipo</b>	Canção Carnaval.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se pelas ruas por grupos de mascarados e ouvia-se, durante a noite, o chorar do Entrudo, que satirizava qualquer facto pitoresco que tivesse acontecido na aldeia nesse ano.
<b>Origem</b>	A tradição de chorar o Entrudo era comum fazer-se em toda a região e há várias canções que a ilustram.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Ré 3, Dó 4.
<b>Tonalidade</b>	Ré M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Esta canção começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 3ª M, 3ª m, 4ª P e 5ª P.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de duas colcheias. O ritmo é repetido $\text{—} \bullet \text{—}$ conferindo uma cadência lenta e lamuriosa.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é satírico. O texto apresentado tem quadras sobre o moleiro, mas poderia ser de qualquer outra personalidade da terra. “O Entrudo vem chegando à ratinha” que é um lugar em Castelo Novo.

## Recolha n.º 54

### Ó Laurindinha olha o gaio

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho


Moderato

The musical score is written in G major (one sharp) and 8/8 time. It consists of five staves of music with Portuguese lyrics underneath. The tempo is marked 'Moderato'. The lyrics are: Ó Lau rin di nh'ó lh'ó gai o lh'ó pa pa gaio da pe n'a ma re la \_\_\_\_\_ ele diz que cai mas não cai o lh'ó pa pa gaio na que la ja nela \_\_\_\_\_ ele diz que cai mas não cai o lh'ó pa pa gaio na que la ja nela. The score includes measure numbers 3, 6, 9, and 11.

Ó Laurindinha olha o gaio  
Olha o papagaio  
Da pena amarela  
Ó Laurindinha olha o gaio  
Olha o papagaio da pena amarela

Ele diz que cai mas não cai  
Olha o papagaio naquela janela  
Ele diz que cai mas não cai  
Olha o papagaio naquela janela



<b>Nome</b>	Ó Laurindinha olha o gaio.
<b>Tipo</b>	Canção de Carnaval.
<b>Contexto</b>	Esta canção servia para dançar em roda.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar esta canção em Castelo Novo desde sempre.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Sol M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com uma série de seis intervalos de 4ª P. Depois há intervalos de 3ª m e 3ª M.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a semínima com um ponto, é um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia.  Repete-se a frase rítmica  o que dá um balanço de dança.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm os versos com 6 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é um pouco difuso. É uma brincadeira que envolve uma moça que olha para um gaio ou um papagaio que está numa janela.

## Recolha n.º 55

### Os olhos da padeirinha

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho


**Allegro**

The musical score is written on three staves in 2/4 time. The melody is simple, using a treble clef and a key signature of one flat (B-flat). The lyrics are written below the notes. The first staff contains the first line of the song, the second staff contains the second line, and the third staff contains the third line. The tempo is marked 'Allegro'.

Ó que lin dos o lhos tem a pa dei  
ri nha são mal em pre ga dos an  
dar à fa ri nha

Ó que lindos olhos  
Tem a padeirinha  
São mal empregados  
Andar à farinha

Andar à farinha  
Andar ao calor  
Ó que lindos olhos  
Tem o meu amor

<b>Nome</b>	Os olhos da padeirinha.
<b>Tipo</b>	Canção de Carnaval.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se durante o Carnaval nos bailes de roda.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar esta canção em Castelo Novo desde sempre.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Dó 3, Si 3.
<b>Tonalidade</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 3ª M seguido de outro de 3ª m, harpejando o acorde de Do M. Depois há intervalos de 4ª P e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima, é um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase  é repetida durante a canção.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 6 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é um elogio aos lindos olhos da padeirinha que são mal empregados para fazerem o trabalho que fazem. A figura de estilo que é utilizada é a sinédoque que, neste caso, toma a parte pelo todo. Os “olhos da padeirinha” querem dizer a padeirinha enquanto moça bonita e que não merecia fazer aquele tipo de trabalho.

## Recolha n.º 56

### Os pratos da cantareira

Castelo Novo


Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**

Os pra tos da can ta rei ra sem pre estão a  
dar a dar os pra tos da can ta rei ra  
sem pre estão a dar a dar a ssim é o  
meu a mo or quan do está a na mo rar  
a ssim é o meu a mo or  
quan do está a na mo rar

Os pratos da cantareira  
Sempre estão a dar a dar  
Assim é o meu amor  
Quando está a namorar

Quando está a namorar  
Quando está ao pé de mim  
Os pratos da cantareira  
Sempre estão delim delim

<b>Nome</b>	Os pratos da cantareira.
<b>Tipo</b>	Canção de Carnaval.
<b>Contexto</b>	Esta canção dançava-se em roda.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar esta canção desde sempre.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 3ª M, 4ª P e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase  é repetida durante a canção dando o ritmo de marcha.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 7 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é amoroso pois compara os pratos da cantareira que fazem “delim delim” com o companheiro “quando está a namorar”. Há uma onomatopeia que imita os pratos da cantareira a baterem uns nos outros.

## Recolha n.º 64

### Um abraço é pouco

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

The musical score is written on ten staves, each with a treble clef and a key signature of one flat (B-flat). The time signature is 2/4. The melody is simple and folk-like. The lyrics are written below the notes, with some words split across lines. The score includes measure numbers 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, and 25 at the beginning of their respective staves.

An da lá pa ra di an an te  
an da lá pa ra di an an te  
qu'eu a trás de ti não vo  
ou qu'eu a trás de  
ti não vo ou An da lá pa  
ra di an an te an da lá pa  
ra di an an te qu'eu a  
trás de ti não vo ou  
qu'eu a trás de ti não vo



2 Um abraço é pouco

28

ou um abraço é pou

31

co mas é coisa cer

34

ta to ma lá mais ou

37

tro o r'a per t'a per

40

ta um abraço bem a per

43

ta do na flor da ro sa na



46

ra iz do cra vo

Anda lá para diante  
Que eu atrás de ti não vou  
Não me pede o coração  
Amar a quem me deixou

Um abraço é pouco  
Mas é coisa certa  
Toma lá mais outro  
Ora aperta aperta

Um abracinho  
Bem apertado  
Na flor da rosa  
Na raiz do cravo

<b>Nome</b>	Um abraço é pouco.
<b>Tipo</b>	Canção de Carnaval.
<b>Contexto</b>	Esta canção dançava-se em roda.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar esta canção desde sempre.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Lá 2, Dó 4.
<b>Tonalidade</b>	Ré m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	No 12º compasso aparece um Dó # quando modula para Lá M.
<b>Intervalos</b>	A canção começa em graus conjuntos. Depois há intervalos de 4ª P, 5ª P, 6 m e 3 M.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase -  - dá o ritmo de marcha. O ritmo depois torna-se mais lento utilizando -  .
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos são de 5,6, 7 ou 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é amoroso pois fala do contacto entre o homem e a mulher, “a flor da rosa” a raiz do cravo” que só se concretiza num abraço. Este contacto é pouco mas é certo.

## Recolha n.º 92

### Ó Ciranda


Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Ó ci ran da ci ran  
di nha an da sem pr'a  
ci ran da ar a zci  
to na mi u di nha  
an d'a ci ran  
da no a ar

Ó ciranda cirandinha  
Anda sempre a cirandar  
A azeitona miudinha  
Anda a ciranda no ar

<b>Nome</b>	Ciranda.
<b>Tipo</b>	Canção de Carnaval.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se para dançar nas festas durante o Carnaval.
<b>Origem</b>	As informantes ouviram esta canção ao rancho da Idanha ou dos Enxames, duas localidades da região.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	Do 3, Do 4.
<b>Tonalidade</b>	Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 3ª m seguido de graus conjuntos. Depois há intervalos de 3ª M e 4ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia e a unidade de compasso é a mínima com uma ponto.
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo baseia-se em  que é um ritmo para dançar.
<b>Estrutura da Letra</b>	A quadra tem versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Esta quadra fala da dança que a ciranda, que é uma joeira grossa e serve para limpar a azeitona, faz com a azeitona miudinha. O termo ciranda também quer dizer dança popular.

## 4.2- Canções de Trabalho

### 4.2.1- Análise das canções de trabalho recolhidas

Recolhemos trinta e duas canções de trabalho. As canções recolhidas reflectem as actividades que se realizavam na agricultura nesta região.

A recolha número sete, Que sachais sachadeiras de Alcongosta, é exemplo da actividade de sachar o milho.

A recolha número vinte e quatro, Moda da azeitona de Alpedrinha, é exemplo da actividade da apanha da azeitona. Esta actividade tem um número significativo de canções que lhe são dedicadas. É uma actividade típica de grupo, pois organizavam-se ranchos para apanhar azeitona. Além deste facto é uma actividade que ainda se pratica com alguma intensidade e talvez por isso tenha um repertório ainda vivo.

A recolha número vinte e seis, Moda da Rega de Alpedrinha, é exemplo da actividade da rega.

A recolha número noventa e nove, Vamos à ceifa da Soalheira, é exemplo da actividade da ceifa.

A recolha número cento e vinte e um, Cantiga da Cereja do Souto da Casa, é exemplo da actividade da apanha da cereja.

A recolha número cento e vinte e cinco, Moda da Castanha do Souto da Casa, é exemplo da actividade da apanha da castanha.

A recolha número quarenta e um, Desfolhada de Castelo Novo, é exemplo das desfolhadas, quando descamisavam o milho.

Qualquer uma destas actividades demorava muitos dias, trabalhando de sol a sol. Não é possível que as pessoas só cantassem as canções descritivas das actividades que estavam a fazer. O repertório era variado, até se cantavam cânticos religiosos. Por exemplo em Alcongosta cantavam o cântico Nossa Senhora da Póvoa, recolha cento e trinta e oito, durante a monda do trigo no mês de Março. Quando havia desgarradas inventavam-se versos, e quem ganhava cantava por exemplo a canção, recolha número cem Vivó meu da Soalheira, que diz “viv’ó meu que é melhor que o teu”.

## 4.2.2- Repertório

### Recolha nº 1

#### Já o sol se vai a por

Alcongosta

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato


3 Já o sol se vai a po or lá

6 p'ra detrás do barracão a le gri a pa ra

nós ós tris te za pa r'ó pa trão

Já o sol se vai a pôr  
Lá p'ra detrás do barracão  
Alegria para nós  
Tristeza para o patrão



<b>Nome</b>	Já o sol se vai a por.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se no final do dia quando o trabalho estava a acabar.
<b>Origem</b>	Esta melodia é igual à de uma canção conhecida como “Ó Rosa arredonda a saia”, aqui aparece com uma letra diferente.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Gertrudes Nunes de 76 anos de idade e Sr <sup>a</sup> Delfina dos Santos de 87 anos, em Alcongosta.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 6 <sup>a</sup> M. Depois aparecem graus conjuntos, intervalos de 4 <sup>a</sup> P e 3 <sup>a</sup> m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo é baseado em 
<b>Estrutura da Letra</b>	A quadra tem versos de 7 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é a alegria para os trabalhadores, por o trabalho estar a acabar e a tristeza para o patrão pois gostaria que trabalhassem mais.

## Recolha n.º 4

### O meu amor é padeiro

Alcongosta

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

3 O meu amor é padeiro ó ai traz

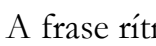
6 a cara enfa ri nha d'ó ai traz a ca ra en fa

9 ri nhada os bei jos sa bem m'a pã o ó ai não

11 que ro sa ber mais na d'ó ai não

que ro sa ber mais na da

O meu amor é padeiro ó ai  
Traz a cara enfarinhada  
Ó ai traz a cara enfarinhada  
Os beijos sabem-me a pão ó ai  
Não quero saber mais nada  
Ó ai não quero saber mais nada

<b>Nome</b>	O meu amor é padeiro.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se enquanto andavam a regar.
<b>Origem</b>	Esta canção é conhecida a nível nacional.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Gertrudes Nunes de 76 anos de idade e Sr <sup>a</sup> Delfina dos Santos de 87 anos, em Alcongosta.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 4 <sup>a</sup> P. Depois aparecem graus conjuntos, 3 <sup>a</sup> m e 3 <sup>a</sup> M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase rítmica  repete-se ao longo da canção.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 8 e 10 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor. A rapariga fala do seu amor padeiro que traz a cara enfarinhada.

## Recolha n.º 7

### Que sachais sachadeiras

Alcongosta

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

The musical score is written on five staves in 6/8 time. The melody is in a single key with one flat (B-flat). The lyrics are written below the notes. Measure numbers 4, 7, 10, and 13 are indicated at the start of their respective staves.

Que sa chai is sa cha dei ras que sa  
cha is os mi i lhei rais do meu  
so gro do meu so gro Deus vos  
fa ç'ó di a gran de ai p'ra sa a  
char o milho to do

Que sachais  
Sachadeiras que sachais  
Ai os milheirais do meu sogro  
Deus vos faça o dia grande  
Para sachar o milho todo

<b>Nome</b>	Que sachais sachadeiras.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se quando se sachava o milho.
<b>Origem</b>	Alcongosta.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Gertrudes Nunes de 76 anos de idade e Sr <sup>a</sup> Delfina dos Santos de 87 anos, em Alcongosta.
<b>Âmbito</b>	Re 3, Si 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Do # m, transposta para Re m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com uma 3 <sup>a</sup> m seguida de uma 3 <sup>a</sup> M ascendentes, harpejando o acorde de Re m. Depois há intervalos de 4 <sup>a</sup> P, e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia e a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é baseado em semínimas com um ponto de aumento, semínimas e colcheias - ♩.♩.♩.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 4, 8 e 9 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o trabalho da sachadeira que sacha o milho do sogro. Há a prece a Deus que faça o dia grande para o trabalho ficar acabado.

## Recolha nº 17

### Alumia-me ó candeia

Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

A lu mi a m'ó can

de ci a ai a té ao ci mo

da ru a a lu mi a

m'ó can dci ci a ai a

té ao ci mo da ru a

ai co mo t'hei d'a lu mi ar a

re s'c le está cla ro faz lu

a ai co mo t'hei d'a

lu mi ar a re s'c le está cla


ro faz lu a

Alumia-me ó candeia  
Ai até ao cimo da rua  
Alumia-me ó candeia  
Ai até ao cimo da rua

A candeia por estar alta  
Ai não deixa de alumiar  
A candeia por estar alta  
Ai não deixa de alumiar

Ai como te hei-de alumiar  
S'ele está claro e faz lua  
Ai como te hei-de alumiar  
S'ele está claro e faz lua

Ai o meu amor por estar longe  
Não deixa de me lembrar  
Ai o meu amor por estar longe  
Não deixa de me lembrar

<b>Nome</b>	Alumia-me ó candeia.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Cantava-se nas descamisas do milho.
<b>Origem</b>	Alpedrinha.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Mi 3, Si 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhido em La M transposto para Re M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3 <sup>a</sup> m e 4 <sup>a</sup> P.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia O ritmo é baseado em  .
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos da quadra são de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	A candeia está personificada pois é lhe pedido que alumie a rua. Ela diz que não é necessário pois há luar.



## Recolha nº 22

### Loureiro

Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

3 Lou rei ro ver de lou rei ro lou

6 rei ro da ba ga pre e ta lou rei ro ver de lou

9 rei ro lou rei ro da ba ga pre e ta na

12 vi da dos na mo ra dos ai há sem pr'al guém que se

15 me ta na vi da dos na mo ra dos ai há

sem pr'al guém que se me ta

Loureiro verde loureiro  
Loureiro da бага preta  
Loureiro verde loureiro  
Loureiro da бага preta

Na vida dos namorados  
Ai sempre há-de haver quem se meta  
Na vida dos namorados  
Ai sempre há-de haver quem se meta

Hei-de subir ao loureiro  
Hei-de descer pela rama  
Hei-de subir ao loureiro  
Hei-de descer pela rama

Só para ver o travesseiro  
Ai que a menina tem na cama  
Só para ver o travesseiro  
Ai que a menina tem na cama

Por mais que o loureiro cresça  
Ao céu não há-de chegar  
Por mais que o loureiro cresça  
Ao céu não há-de chegar

Por mais amores que eu tenha  
Ai a ti não te hei-de deixar  
Por mais amores que eu tenha  
Ai a ti não te hei-de deixar

O loureiro bate bate  
Que eu bem no oiço bater  
O loureiro bate bate  
Que eu bem o oiço bater

Com as pontas no telhado  
Ai para o amor entender  
Com as pontas no telhado  
Ai para o amor entender

<b>Nome</b>	Loureiro
<b>Tipo</b>	Canção de trabalho
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se durante as vindimas ou nas desfolhadas.
<b>Origem</b>	Esta canção é idêntica à recolhida em Castelo Novo que tem o mesmo nome.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Re 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhido em Mi b m transposto para Re m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 4 <sup>a</sup> perfeita. Depois há notas repetidas, graus conjuntos e intervalos de 3 <sup>a</sup> m, e 3 <sup>a</sup> M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa na 6 <sup>a</sup> colcheia (♪) do compasso. Tem no 2º compasso uma hemiólia (♪♪) que lhe dá um balanço rítmico diferente.
<b>Estrutura da Letra</b>	A letra está escrita em quadras de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor. O loureiro é uma árvore virtuosa que, na mitologia grega, era a árvore do Deus Apolo.

## Recolha n.º 24

### Moda da Azeitona

Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Da o li vei ci ra de bai xo da o li vei ra ai


3 nem cho ve nem cai or va lho \_\_\_\_\_ nem cai or va \_\_\_\_\_ lho me ni na'qu'

6 há de ser ni nha ai não me \_\_\_\_\_ dê tan to tra ba lho \_\_\_\_\_

Da oliveira  
Debaixo da oliveira  
Ai nem chove nem cai orvalho  
Nem cai orvalho  
Menina que há-de ser minha  
Ai não me dê tanto trabalho

D'água se cria  
Debaixo de água se cria  
Ai peixinhos que nadam bem  
Que nadam bem  
Também me eu ando criando  
Ai para limpar o de alguém

Da oliveira  
A folha da oliveira  
Ai não é larga nem comprida  
Larga nem comprida  
Nela se pode escrever  
Ai as saudades de uma amiga

<b>Nome</b>	Moda da azeitona.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Cantava-se enquanto se apanhava a azeitona.
<b>Origem</b>	Alpedrinha.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Re 3, La 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Si m transposta para Re m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com uma 3 <sup>a</sup> M ascendente. Depois há notas repetidas e graus conjuntos e intervalos de 3 <sup>a</sup> m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia e a unidade de compasso é a semibreve com um ponto de aumento. É um compasso quaternário de subdivisão ternária (12/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de uma colcheia. O ritmo baseia-se em - 
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 6 ou 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O enamorado convida a menina para se sentar ao pé dele, debaixo da oliveira, onde está abrigado, dizendo que ela há-de ser dele mais tarde ou mais cedo. A segunda estrofe faz alusão á educação para o casamento. A terceira é sobre a amizade.

## Recolha n.º 25

### Moda da Ceifa

Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

A musical score for a song in 8/8 time, marked 'Adagio'. The melody is written on a single staff with a treble clef and a key signature of one flat (B-flat). The lyrics are in Portuguese and are written below the staff. The score is divided into four systems, each starting with a measure number (4, 7, 10, 12). The lyrics are: 'Ai A len te jo não tem som bra', '— ai se não a que vem do cé', 'céu ai a ssen te s'a qui me ni na', and 'som bra do meu cha pé éu'.

4 Ai A len te jo não tem som bra

— ai se não a que vem do cé

7 céu ai a ssen te s'a qui me ni na

12 som bra do meu cha pé éu

Ai Alentejo não tem sombra  
Ai senão a que vem do céu  
Ai assente-se aqui menina  
Ai à sombra do meu chapéu

Ai por cima se ceifa o trigo  
Ai por baixo fica o restolho  
Ai menina não se enamore  
Ai do homem que pisca o olho

<b>Nome</b>	Moda da Ceifa.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se durante o trabalho da ceifa.
<b>Origem</b>	Alpedrinha.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Re 3, La 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Si m transposta para Re m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3 <sup>a</sup> M, 3 <sup>a</sup> m e 4 <sup>a</sup> P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia e a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	Esta canção tem acentuações rítmicas que lhe dão um balanço incerto. A utilização de hemiólías - ♪♪♪ - contribui também para este “desconforto” rítmico.
<b>Estrutura da Letra</b>	A quadra tem versos de 9 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O enamorado diz à menina para se sentar á sombra do seu chapéu, logo encostada a ele, pois é a única sombra que há. Na segunda quadra o enamorado diz à menina que o homem que pisca o olho é considerado restolho, contrariamente ao homem que é trigo.

## Recolha n° 26

### Moda da Rega

Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

Re ga do re á gua le v'ó re ga a — do o

3 re ai á gua le va vai re

5 gan do vai re gan do en quan

7 to re go'e nã ã o re c go ai no meu


9 a mor vou pen san do

Regador  
Água leva o regador  
Ai água leva vai regando

Vai regando  
Enquanto rego e não rego  
Ai no meu amor vou pensando

Vou pensando  
Enquanto rego e não rego  
Ai no meu amor vou pensando



<b>Nome</b>	Moda da Rega.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Cantava-se enquanto se regavam as hortas ou os pomares.
<b>Origem</b>	Alpedrinha.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Si M transposta para Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3 <sup>a</sup> M ou 6 <sup>a</sup> M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é sincopado, baseado em - 
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 4 e 9 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Esta canção é cantada pelo trabalhador enquanto anda a regar. A mensagem é muito simples: enquanto rega no seu amor vai pensando.

## Recolha n.º 27

**Ó és tão linda**

## Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

3 O meu a mor me dei xou o

6 meu a mor me dei xou ou na Pri ma ve ra das

9 flores ó és tão lin da na Pri ma ve ra das

12 flo res 'in da me dei xou a tem po 'in

15 da me dei xou a tem po d'eu a mar ou tros a

17 mores ó és tão lin da d'eu

a mar ou tros a mo res

O meu amor me deixou  
O meu amor me deixou  
Na primavera das flores  
Ó és tão linda  
Na primavera das flores


Inda me deixou a tempo  
Inda me deixou a tempo  
De eu amar outros amores  
Ó és tão linda  
De eu amar outros amores

Abaixa-te ó serra alta  
Abaixa-te ó serra alta  
Que eu quero ver o Fundão  
Ó és tão linda  
Que eu quero ver o Fundão

Para ver o meu amor  
Para ver o meu amor  
Nas grades duma prisão  
Ó és tão linda  
Nas grades duma prisão

Se Alpedrinha fosse minha  
Se Alpedrinha fosse minha  
Como é da liberdade  
Ó és tão linda  
Como é da liberdade

Fazia dela uma vila  
Fazia dela uma vila  
Ou então uma cidade  
Ó és tão linda  
Ou então uma cidade

<b>Nome</b>	Ó és tão linda.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se nas desfolhadas.
<b>Origem</b>	Recolhemos uma canção com a melodia idêntica em Castelo Novo com o nome Fui-me deitar a dormir. A canção popularizada por Max, chamada A mula da cooperativa, é também idêntica a nível da melodia, a letra é totalmente diferente.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, La 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Si b M transposta para Do M
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com uma 4 <sup>a</sup> P. Depois há notas repetidas, graus conjuntos, intervalos de 3 <sup>a</sup> M, 5 <sup>a</sup> P, 6 <sup>a</sup> M e 8 <sup>a</sup> P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumentação. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo baseia-se em - 
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 5 ou 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Nas quatro primeiras estrofes a temática é o amor. As duas últimas estrofes são um louvor à vila de Alpedrinha que se deseja ver cidade.

## Recolha n.º 30

### Vamos ao colégio

Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

4 Va mos ao co lé gio no vo

7 pe lo ca mi nho da luz

10 va mos ao co lé gio no vo

13 pe lo ca mi nho da luz

16 va mos a ver São Fi e el

19 San ta T're e sa a de Je sus

22 va mos a ver São Fi e el

25 San ta T're e sa a de Je sus


Vamos ao colégio novo  
Pelo caminho da luz  
Vamos colégio novo  
Pelo caminho da luz

Vamos a ver São Fiel  
Santa Teresa de Jesus  
Vamos a ver São Fiel  
Santa Teresa de Jesus

Santa Teresa de Jesus  
 Caiu uma queda no chão  
 Santa Teresa de Jesus  
 Caiu uma queda no chão  
 Os fieis que a levantaram  
 Todos com o chapéu na mão  
 Os fieis que a levantaram  
 Todos com um chapéu na mão

O primeiro foi seu pai  
 O segundo seu irmão  
 O primeiro foi seu pai  
 O segundo seu irmão

O terceiro Jesus do céu  
 Ó que linda geração  
 O terceiro Jesus do céu  
 Ó que linda geração

<b>Nome</b>	Vamos ao colégio.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se nas desfolhadas.
<b>Origem</b>	Alpedrinha.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Do 3, La 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Si M transposta para Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 3 <sup>a</sup> M, de 3 <sup>a</sup> m e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo baseia-se em -  - sendo repetido ao longo da canção.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 7 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Esta canção canta a peregrinação ao S. Fiel, onde há um colégio e onde se fazia missa ao Domingo. Esta cerimónia levava muita gente a fazer a caminhada dominical.

## Recolha nº 111

### Ó prima

Casal da Serra

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

No tem po qu'a li vi vi i ó pri ma ó  
lin da os teus o lhos a cho ra ar és tão lin  
da co ra di nha lo go meu co ra ção  
di sse ó pri ma ó lin da a lém  
vem que hei d'a ma ar és tão lin da  
da co ra di nha

No tempo que além vivi  
Ó prima ó linda  
Os teus olhos a chorar  
És tão linda coradinha

O coração mais os olhos  
Ó prima ó linda  
São dois amigos leais  
És tão linda coradinha

Logo o meu coração disse  
Ó prima ó linda  
Além vem quem hei-de amar  
És tão linda coradinha

Quando o coração está triste  
Ó prima ó linda  
Logo os olhos dão sinais  
És tão linda coradinha

No alto daquela serra  
Ó prima ó linda  
Tem meu pai um castanheiro  
És tão linda coradinha

Castelo Branco se queixa  
Ó prima ó linda  
De não ter moças formosas  
És tão linda coradinha

Ó lindo Casal da Serra  
Ó prima ó linda  
Quem te agora passeasse  
És tão linda coradinha


Ó lindo Casal da Serra  
Ó prima ó linda  
Ao lado tens um pinhal  
És tão linda coradinha

Que dá castanhas em Maio  
Ó prima ó linda  
Cravos roxos em Janeiro  
És tão linda coradinha

Venham ao Casal da Serra  
Ó prima ó linda  
Que até as silvas dão rosas  
És tão linda coradinha

Desde o cimo até ao fundo  
Ó prima ó linda  
E no meio se sentasse  
És tão linda coradinha

Onde os rapazes se juntam  
Ó prima ó linda  
Quando vão pr'ó arraial  
És tão linda coradinha

<b>Nome</b>	Ó prima.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se durante a apanha da azeitona ou nas desfolhadas.
<b>Origem</b>	Esta canção foi recolhida também em S. Vicente com o mesmo nome. As diferenças são muito poucas.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Mi 3
<b>Tonalidade</b>	Sol M
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Do # no primeiro e no quinto compassos, e depois quando repete a melodia. É uma alteração de expressão melódica, pois não modula para outra tonalidade.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 3ªM e outro de 3ªm, ambos ascendentes, harpejando o acorde de Sol M. Depois há graus conjuntos e intervalos de 4ªP.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima com um ponto. É um compasso ternário (3/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O início da frase é com duas semicolcheias e depois a frase desenvolve em colcheias e semínimas - 
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 6, 7 ou 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor e o elogio à aldeia do Casal da Serra. Há um refrão no segundo e no quarto versos das quadras, “Ó prima ó linda” e “És tão linda coradinha”.



## Recolha n.º 40

### Chora ó videira

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho


Moderato

Ó vi dei ra dá m'um ca cho ó ca cho dá m'um ba gui nho  
ó vi dei ra dá m'um ca cho ó ca cho dá m'um ba gui nho  
cho ra ó vi dei ra ó vi dei ri nha cho ra pe lo meu a mor or que  
se vai em bo ra cho ra ó vi dei ra ó vi dei ri nha cho ra  
pe lo meu a mor or que se vai em bo ra

Ó videira dá-me um cacho  
Ó cacho dá-me um baguinho  
Meu amor dá-me um abraço  
Que eu te darei um beijinho

Chora ó videira  
Ó videirinha chora  
Pelo meu amor  
Que se vai embora

Rosa branca toma cor  
Não sejas tão desmaiada  
Pois dizem as outras rosas  
Rosa branca não é nada

<b>Nome</b>	Chora ó videira.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se durante as vindimas no mês de Setembro.
<b>Origem</b>	Castelo Novo.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Sol M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas depois há graus conjuntos, intervalos de 3ª M e 3ªm.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase -  - dá o ritmo de marcha.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 7 e 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor que se ausenta. No entanto a amada que fica tem que “tomar cor” pois “rosa branca não é nada”, ou seja a dor da separação tem que ser disfarçada ou esquecida.

## Recolha n.º 41

### Desfolhada

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

A lu mia me ó can dei a a té  
ao ci mo da ru a a lu mia me ó can  
dei a a té ao ci mo da ru a  
co mo hei de'a lu mi ar  
s'e le está cla ro faz lu a  
co mo hei de'a lu mi ar  
s'e le está cla ro faz lu a

Alumia-me ó candeia  
Até ao cimo da rua  
Como hei-de alumiar  
Se ele está claro faz lua

A candeia por estar alta  
Não deixa de alumiar  
O meu amor por estar longe  
Não me deixa de lembrar

Candeia que não dá luz  
Não se espeta na parede  
O amor que não é firme  
Não se faz caso (ou cabedal) dele

Ó estrela da manhã  
Roubadora de quem dorme  
Não sei qual a estrela  
Que tanto sono consome

Ó estrela da manhã  
Espera mais uma hora  
Deixa dormir minha amada  
Que ainda se deitou agora

As estrelas do céu correm  
Todas numa carreirinha  
Assim os teus beijos corressem  
Da tua boca para a minha

O sete estrela vai alto  
Mais alto vai o luar  
Mais alta está a ventura  
Que Deus tem para nos dar

O sete estrela gabou-se  
Que me enganou uma vez  
De noite pelo escuro  
Olha o milagre que fez

Perguntai ao sete estrela  
Que ele bem deve saber  
Em que ponto vai a lua  
Quando quer amanhecer

Se o sete estrela caísse  
Meio mundo se arrasava  
Se o meu amor morresse  
Por minhas mãos me matava

Ó estrelinha do norte  
Alumia cá para baixo  
Perdi o meu amor  
Às escuras não o acho



As estrelas miudinhas  
Fazem o céu bem composto  
Assim são os sinais pretos  
Menina nesse teu rosto

As estrelas do céu correm  
Eu bem as vejo correr  
Elas correm para o norte  
Eu corro para te ver

Ó estrelinha do norte  
Vai andando que eu já vou  
Que me quero despedir  
Duma mãe que me criou

O meu amor disse que vinha  
Antes da lua nascer  
O meu amor disse que vinha  
Antes da lua nascer

Ai ó lua que vais tão alta  
E o meu amor sem aparecer  
Ai ó lua que vais tão alta  
E o meu amor sem aparecer

<b>Nome</b>	Desfolhada.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se pelo grupo de trabalhadores, na sua maioria jovens, que desfolhavam as maçarocas do milho no mês de Agosto e Setembro.
<b>Origem</b>	Castelo Novo.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Dó 3, Lá 3.
<b>Tonalidade</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 5ª P, 3ª M e 3ªm.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	Começa com uma anacrusa de duas semicolcheias. O ritmo é lento e ponteadado na primeira parte -  A segunda parte é ainda mais tranquila usando -  .
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de oito sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção o amor dos jovens, um amor ingénuo e dedicado. Estas quadras muitas vezes eram inventadas de improviso na hora em que se cantava.

## Recolha n.º 44

### Fui-me deitar a dormir

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Fui m'a dei tar a dor mi i ir fui  
m'a dei tar a dor mi ir jun to à á gua que  
co rre ó és tão lin da jun  
to à á gua que co rre

Fui-me deitar a dormir

Fui-me deitar a dormir

Junto à água que corre

Ó és tão linda

Junto à água que corre

Quem tem amores não dorme

Quem tem amores não dorme

Nem de noite nem de dia

Ó és tão linda

Nem de noite nem de dia

A água me respondeu

A água me respondeu

Quem tem amores não dorme

Ó és tão linda

Quem tem amores não dorme



Anda sempre navegando

Anda sempre navegando

Como peixe em água fria

Ó és tão linda

Como peixe em água fria

<b>Nome</b>	Fui-me deitar a dormir.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção era cantada durante a sacha do milho.
<b>Origem</b>	Esta melodia é idêntica à de uma canção popularizada pelo cantor insular Max intitulada “A mula da cooperativa”.
<b>Recolha</b>	Castelo Novo.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Lá 3.
<b>Tonalidade</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo é de 4ª P, depois há graus conjuntos, 3ª m, 5ªP e 3ª M.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a semínima com um ponto. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	Alternam células -  - com -  .
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 5 e 7 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o desassossego que tem quem tem amores pois não consegue descansar. Apesar de se deitar à beira da água que corre este enamorado não consegue dormir.

## Recolha n° 46

### Loureiro

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

3 Lou rei ro ver de lou rei ro lou

6 rei ro a ssi a ssi im lou rei ro ver de lou

rei ro lou rei ro a ssi a ssi im en

9 ga nas t'u ma don ze la ca sa com e la ó Jo a

12 quim im en ga nas t'u ma don ze la ca sa com

15 e la ó Jo a quim im

Loureiro verde loureiro  
Loureiro assim, assim  
Enganaste uma donzela  
Casa com ela ó Joaquim

Casar com ela não caso  
Que ela a mim não me faz conta  
Loureiro verde loureiro  
Seco no meio verde na ponta

Tendes um loureiro à porta  
Tendes o balcão sombrio  
Quem tem sombra tem regalo  
Quem tem regalo tem brio

Eu hei-de subir ao loureiro  
Hei-de descer pela rama  
Só para ver o travesseiro  
Ai que o meu amor tem na cama

Loureiro verde loureiro  
Loureiro da azinhaga  
Todos fazem o que podem  
Ai e o loureiro é que paga

E o loureiro é que paga  
O loureiro paga tudo  
Loureiro verde loureiro  
Da azinhaga ramalhudo



<b>Nome</b>	Loureiro.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se na apanha da azeitona no mês de Novembro.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar esta canção em Castelo Novo e noutras terras dos arredores, desde sempre. Recolhemos esta canção também em Alpedrinha.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Re 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Sol m transposta para Rem.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 4ª P, depois há intervalos de 3ª m e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a semínima com um ponto de aumentação. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa na 6ª colcheia (♩) do compasso. Tem no 2º compasso uma hemiólia (♩♩) que lhe dá um balanço rítmico diferente. O tempo é moderado.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	<p>O tema desta canção é o amor. Há situações de amores ilícitos em que houve um “engano” originando uma gravidez que obrigará a um casamento. No entanto o casamento não se realizará porque o homem não ama a moça. Então o “loureiro é seco no meio e verde na ponta”</p> <p>Os outros temas da canção têm a ver com o significado da árvore virtuosa que é o loureiro e que, na mitologia grega, era a árvore do Deus Apolo.</p>

## Recolha n.º 53

### Ó enleia

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Ó enleia a ó enleia a zinha

va mos to dos en le a ar

ó en leia a ó en leia a zinha

va mos to dos en le a ar

meu a mor é con tra ban dis ta

va mos nós con tra dan çar

meu a mor é con tra ban dis ta


va mos nós con tra dan çar

Ó enleia ó enleiazinha  
Vamos todos enleiar  
Ó enleia ó enleiazinha  
Vamos todos enleiar

Meu amor é contrabandista  
Vamos nós contradançar  
Meu amor é contrabandista  
Vamos nós contradançar

Quando eu quis tu não quiseste  
 Aceitar o meu pedido  
 Quando eu quis tu não quiseste  
 Aceitar o meu pedido

Agora metes empenhos  
 Para falares comigo  
 Agora metes empenhos  
 Para falares comigo

<b>Nome</b>	Ó Enleia.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se durante as sachas do milho e as desfolhadas.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar esta canção em Castelo Novo desde sempre.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Mi 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Si m, transposta para La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Sol # quando modula para Mi M.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas, depois há graus conjuntos e intervalos de 3ª m e 4ª P.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a semínima; a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase -  - dá o ritmo de marcha.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o namoro que não é concretizado porque um dos intervenientes não quer. Depois, quando o que não queria já quer não consegue pois há agora indisponibilidade do outro lado. Há uma referência aos contrabandistas, que era uma realidade bem presente na Raia.
<b>Observações</b>	O termo enleia quer dizer “corda fina” e o termo enleiar quer dizer enredo, indecisão, sedução.

## Recolha n.º 74

### Ai Mondadeiras

São Vicente

Recolha de Miguel Carvalhinho


**Moderato**

Mon da dei ras do meu  
mi i lho ai sa chai o meu mi lho  
bem em - - - não o lhcis pa r'o ca  
mi i nho ai que'a me ren da já lá  
vem em

Mondadeiras do meu milho  
Ai mondaí (ou sachaí) o meu milho bem  
Não olheis para o caminho  
Ai que a merenda já lá vem

Ó que grande calma tem  
Ai para quem anda no campo  
Meu amor que tu lá andas  
Ai encosta-te ao lírio branco

O Alentejo não tem sombras  
Ai senão a que vem do céu  
Encosta-te aqui amor  
Ai á sombra do meu chapéu

<b>Nome</b>	Ai Mondadeiras.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se enquanto se sachava o milho.
<b>Origem</b>	S. Vicente da Beira.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras em S. Vicente da Beira.
<b>Âmbito</b>	Mi 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Sib m, transposta para La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Esta canção começa com um intervalo de 4ªP. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3ªm e 3ªM.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo é baseado em colcheias, semínimas e mínimas – (  )
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o trabalho no campo ligado ao cultivo do milho. A primeira quadra surge também na canção recolhida no Souto da Casa e na canção “Milho verde” popularizada por Zeca Afonso.

## Recolha nº 76

### Amores da Azeitona

São Vicente

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

3 Os a mo res da'a zeí to o na

ai so lí dão so lí dão são com os da co to

6 vi i a ai ai ai ai ai a ca

9 ba das da'a zeí to o na ai so lí dão so lí

12 dão vai - te'cm bo r'cm ro ma ri i a

15 ai ai ai ai ai vai de

18 la ço ó Ma ri a tu do é um bem que


21 rer esta v'ó pa ar a mo

24 ro so não te po sso ir a ver

Os amores da azeitona  
Ai solidão solidão  
São como os da cotovia  
Ai ai ai ai ai

Acabadas da azeitona  
Ai solidão solidão  
Vai-te embora em romaria  
Ai ai ai ai ai

Vai de laço ó Maria  
Tudo é um bem querer  
Estava o par amoroso  
Não te posso ir a ver

<b>Nome</b>	Amores da azeitona.
<b>Tipo</b>	Canção de trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se na apanha da azeitona.
<b>Origem</b>	S. Vicente.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras em S. Vicente da Beira.
<b>Âmbito</b>	La 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em La # m, transposta para La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Sol # quando modula para Mi M.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 3ªM ascendente e outro de 3ªm também ascendente, harpejando o acorde de La m. Depois há notas repetidas, graus conjuntos, intervalos de 4ªP e 5ªP.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de duas semicolcheias. A primeira frase rítmica é baseada em semicolcheias, colcheias e semínimas. O refrão “ai ai ai ai ai” tem uma hemiólia, pois passamos a um compasso de (6/8) - 
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 e 5 versos.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor. Durante a apanha da azeitona arranjavam-se namoros que, quando terminava a tarefa, acabavam.

## Recolha n.º 78

### Ó prima

São Vicente

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

O meu a mor disse que vi nha ó pri ma ó

lin da an tes da lu a nas ce er és tão lin

da co ra di nha

O meu amor disse que vinha  
Ó prima ó linda  
Antes da lua nascer  
És tão linda coradinha

Ó lua que vais tão alta  
Ó prima ó linda  
Meu amor sem aparecer  
És tão linda coradinha

Eu tenho um limão correndo  
Ó prima ó linda  
À tua porta parou  
És tão linda coradinha

Quando o limão te quer bem  
Ó prima ó linda  
Que fará quem o deitou  
És tão linda coradinha


Toma lá meu coração  
Ó prima ó linda  
Se o quiseres matar podes  
És tão linda coradinha

Olha que andas dentro dele  
Ó prima ó linda  
Se o matas também morres  
És tão linda coradinha

Eu te dei meu coração  
Ó prima ó linda  
Coisa que dar não podia  
És tão linda coradinha

Já te dei a melhor coisa  
Ó prima ó linda  
Que no meu peito havia  
És tão linda coradinha



<b>Nome</b>	Ó prima.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se durante a apanha da azeitona ou nas desfolhadas.
<b>Origem</b>	S. Vicente.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras em S. Vicente da Beira.
<b>Âmbito</b>	La 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	La M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Re # no primeiro e no quinto compassos. É uma alteração de expressão melódica, pois não modula para outra tonalidade.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 3ªM e outro de 3ªm, ambos ascendentes, harpejando o acorde de La M. Depois há graus conjuntos e intervalos de 4ªP.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima com um ponto. É um compasso ternário (3/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O início da frase é com duas semicolcheias e depois a frase desenvolve em colcheias e semínimas - 
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 6, 7 ou 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor. Há um refrão no segundo e no quarto versos das quadras, “Ó prima ó linda” e “És tão linda coradinha”. A história fica completa em duas quadras.

## Recolha n.º 84

### A Oliveira se Queixa

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

A o li vei ra se quei ci xa a o li vei ra se  
 quei ci xa ai se quei xa e tem ra zão ai se  
 quei xa e tem ra zão que lhe co lhem a ze i  
 to o na que lhe co lhem a ze i to o na ai lhe  
 dei tam a ra ma'ao chão ai lhe dei tam a ma'ao chão

A oliveira se queixa  
 A oliveira se queixa  
 Ai se queixa e tem razão  
 Ai se queixa e tem razão

Que lhe colhem a azeitona  
 Que lhe colhem a azeitona  
 Ai lhe deitam a rama ao chão  
 Ai lhe deitam a rama ao chão

Debaixo da oliveira  
 Debaixo da oliveira  
 Ai nem chove nem cai orvalho  
 Ai nem chove nem cai orvalho

Menina que há-de ser minha  
 Menina que há-de ser minha  
 Ai não me dê tanto trabalho  
 Ai não me dê tanto trabalho

Os amores da azeitona  
 Os amores da azeitona  
 Ai são como o milho miúdo  
 Ai são como o milho miúdo

A acabada da azeitona  
 A acabada da azeitona  
 Ai lá vai amor lá vai tudo  
 Ai lá vai amor lá vai tudo

Debaixo da oliveira  
 Não faz frio nem faz calor  
 Debaixo da oliveira  
 Não faz frio nem faz calor

À sombra da sua rama  
 encontrei o meu amor  
 À sombra da sua rama  
 encontrei o meu amor

A folha da oliveira  
Tem biquinhos como a renda  
A folha da oliveira  
Tem biquinhos como a renda

A estes rapazes de agora  
Já não há quem os entenda  
A estes rapazes de agora  
Já não há quem os entenda

A folha da oliveira  
Não é curta nem comprida  
A folha da oliveira  
Não é curta nem comprida

Nela se pode escrever  
Saudades a uma amiga  
Nela se pode escrever  
Saudades a uma amiga

A azeitona miudinha  
Apanhada uma a uma  
A azeitona miudinha  
Apanhada uma a uma

As meninas de hoje em dia  
Não têm vergonha nenhuma  
As meninas de hoje em dia  
Não têm vergonha nenhuma



## Recolha n.º 87

### Dom Solidom

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

O lha Ro si nha dom so li dom co mo  
vai ai ro sa o lha Ro si nha  
dom so li dom co mo vai ai ro sa pôe a  
mão na tran ça dom so li dom não te ca ia'a ro  
sa pôe a mão na tran ça do so li dom não te  
cai a'a ro sa

Olha a rosinha  
Dom Solidom  
Como vai airosa  
Olha a rosinha  
Dom Solidom  
Como vai airosa

Não te caia a rosa  
Dom Solidom  
Não te caia a fita  
Não te caia a rosa  
Dom Solidom  
Não te caia a fita

Põe a mão na trança  
Dom Solidom  
Não te caia a rosa  
Põe a mão na trança  
Dom Solidom  
Não te caia a rosa

Olha a rosinha  
Dom Solidom  
Como vai bonita  
Olha a rosinha  
Dom Solidom  
Como vai bonita

(Uma senhora canta umas quadras que inventou para esta música.)

Olha a rosinha  
Lá vai ela a passear  
Olha a rosinha  
Lá vai ela a passear

Mentiu à mãe  
Para ir a namorar  
Mentiu à mãe  
Para ir a namorar

Lá vai a rosinha  
Com a saia a dar a dar  
Lá vai a rosinha  
Com a saia a dar a dar

Mentiu ao pai  
Para ir a namorar  
Mentiu ao pai  
Para ir a namorar

<b>Nome</b>	Dom Solidom.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Cantava-se esta canção quando realizavam os diversos trabalhos agrícolas.
<b>Origem</b>	Esta canção é muito conhecida nesta região.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	Sol # 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Lá m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Sol # uma das vezes que modula para Mi M.
<b>Intervalos</b>	O início da canção é com notas repetidas. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3 <sup>a</sup> m, 5 <sup>a</sup> P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia. A frase rítmica - ♪♪♪♪.♪♪♪♪♪♪♪♪. - repete-se ao longo da canção.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 4, 5 ou 6 sílabas. O nome Dom Solidom repete-se a seguir a cada verso.
<b>Análise semântica</b>	O tema é o elogio da beleza da Rosinha e da forma como arranja o cabelo.

## Recolha n.º 91

### Milho verde milho verde

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Mi lho ver de mi lho ver de mi lho ver de mi lho ver de mi u di nho mi lho ver de mi lho ver de mi u di nho à som bra do mi lho ver de na mo rei um ra pa zi nh à som bra do mi lho ver de na mo rei um ra pa zi nho

Milho verde milho verde  
Milho verde maçaroca  
Milho verde milho verde  
Milho verde maçaroca

À sombra do milho verde  
Namorei uma cachopa  
À sombra do milho verde  
Namorei uma cachopa

Milho verde milho verde  
Milho verde miudinho  
Milho verde milho verde  
Milho verde miudinho



À sombra do milho verde  
Namorei um rapazinho  
À sombra do milho verde  
Namorei um rapazinho

Milho verde milho verde  
Milho verde do sertão  
Milho verde milho verde  
Milho verde do sertão

À sombra do milho verde  
Namorei o meu João (ou um rapazão)  
À sombra do milho verde  
Namorei o meu João (ou um rapazão)

(As senhoras contaram que faziam outras quadras com o nome de propriedades da Soalheira.

Por exemplo: “Milho verde do Enchidro” e “Namorei o meu Isidro”).

<b>Nome</b>	Milho Verde.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se enquanto se trabalhava nos milheirais: a regar, a sachar ou a apanhar.
<b>Origem</b>	Soalheira. O letra desta canção é idêntico ao da canção Milho Verde popularizada por Zeca Afonso.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	Re 3, Si 3.
<b>Tonalidade</b>	Re M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 5ª P, 3ª M e 3ª m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de duas semicolcheias. O ritmo é baseado em -  - e em - 
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema da canção é os namoros dos jovens enquanto andavam a tratar do milho.



## Recolha n.º 95

### Ó Rosita

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Ó Ro si ta eu pe di t'um bei jo ó Ro si ta eu pe di pe  
 di i Ó Ri si ta eu pe di t'um bei jo ó Ro  
 si ta eu pe di pe di i pas sas te não me fa  
 las te nem p'ra mim o lhas te mas eu bem te vi pas  
 sas te não me fa las te nem p'ra mim o  
 lhas te mas eu bem te vi

Ó Rosita eu pedi-te um beijo  
 Ó Rosita eu pedi pedi  
 Ó Rosita eu pedi-te um beijo  
 Ó Rosita eu pedi pedi

Passaste  
 Não me falaste  
 Nem p'ra mim olhaste  
 Mas eu bem te vi

Eu sou rapariga nova  
 Quero me ir a divertir  
 Eu sou rapariga nova  
 Quero me ir a divertir

Passaste  
 Não me falaste  
 Nem p'ra mim olhaste  
 Mas eu bem te vi

Siga a roda siga a roda  
 Que eu também lá quero ir  
 Siga a roda siga a roda  
 Que eu também lá quero ir

Ó Rosita eu pedi-te um beijo  
 Ó Rosita eu pedi pedi  
 Ó Rosita eu pedi-te um beijo  
 Ó Rosita eu pedi pedi

Passaste  
Não me falaste  
Nem p'ra mim olhaste  
Mas eu bem te vi

Anda lá para diante  
Que eu atrás de ti não vou  
Anda lá para diante  
Que eu atrás de ti não vou

Passaste  
Não me falaste  
Nem p'ra mim olhaste  
Mas eu bem te vi

Eu quero encontrar  
O amor que me deixou  
Eu quero encontrar  
O amor que me deixou

<b>Nome</b>	Ó Rosita.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta música antigamente cantava-se com o nome de Helena em vez de Rosita. Cantava-se no tempo da azeitona, ou na ceifa, ou quando sachavam o milho. Durante o trabalho agrícola “cantavam todo o dia, era a alegria! Quando havia pessoas a sachar, toda a gente sabia”.
<b>Origem</b>	Ouviram cantar esta música também ao rancho do Fundão.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	Re 3, Re 4.
<b>Tonalidade</b>	Re m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Do # quando modula para La M.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com dois intervalos de 4ª P, um ascendente e outro descendente. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3ª M, 3ª m e 5ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento. É um compasso ternário (3/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo desta canção é baseado em semínimas e colcheias - ♪ ♪ ♪ ♪ ♪ ♪ ♪ ♪ - .
<b>Estrutura da Letra</b>	As estrofes têm versos de 6,8,10 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o namoro não correspondido. Alguém pede um beijo à Rosita mas ela não dá.

## Recolha nº 96

### Oliveira da serra

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Ó oliveira da serra  
O vento leva a flor  
Ó oliveira da serra  
O vento leva a flor

Ó i ó ai  
Só a mim ninguém me leva  
Ó i ó ai  
Para o pé do meu amor

Ó oliveira da serra  
O vento leva a flor  
Ó oliveira da serra  
O vento leva a flor

Ó i ó ai  
Só a mim ninguém me leva  
Ó i ó ai  
Para o pé do meu amor

Ó i ó ai  
Só a mim ninguém me leva  
Ó i ó ai  
Para o pé do meu amor


A oliveira se queixa  
Se queixa e tem razão  
A oliveira se queixa  
Se queixa e tem razão

Ó i ó ai  
Se lhe colhem a azeitona  
Ó i ó ai  
Lhe deitam a rama ao chão

Ó i ó ai  
Se lhe colhem a azeitona  
Ó i ó ai  
Lhe deitam a rama ao chão

A folha da oliveira  
Tem biquinhos como a renda  
A folha da oliveira  
Tem biquinhos como a renda

Ó i ó ai  
Estes rapazes de agora  
Ó i ó ai  
Já não há quem os entenda  
Ó i ó ai  
Estes rapazes de agora  
Ó i ó ai  
Já não há quem os entenda

<b>Nome</b>	Oliveira da serra.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Cantava-se esta canção quando se apanhava a azeitona.
<b>Origem</b>	Esta canção é muito conhecida a nível nacional.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 3ª m. Depois há graus conjuntos, 4ª P e 8ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é baseado em - 
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8, 6 e 4 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor que está longe. Enquanto se apanha a azeitona anseia-se pelo amor que não está presente.

## Recolha n.º 99

### Vamos à ceifa

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

4 Va mos à cei fa cei fa na mã

7 o cei far o tri go qu'o

10 tri go'é pã ã o va mos à cei

13 fa cei fa na mã o cei

16 far o tri go qu'o tri go'é pã ã

19 o bai lam nas fontes co ra di nhas

21 co mo nós ben di to se


23 j'o se nhor mas di zci

— a uma só voz

Vamos à ceifa  
Ceifa na mão  
Ceifar o trigo  
Que o trigo é pão

Vamos à ceifa  
Ceifa na mão  
Ceifar o trigo  
Que o trigo é pão

Bailam nas fontes  
Coradinhas como nós  
Bendito seja o senhor  
Mas dizei a uma só voz

<b>Nome</b>	Vamos à ceifa.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se quando andavam a ceifar.
<b>Origem</b>	Soalheira.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	Fa 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Sol M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 3ª m, 4ª P e 5º P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de tempo é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo é baseado em colcheias e semínimas -  .
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 5 e 7 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é a actividade de cortar o trigo com uma ceifa ou foice.

## Recolha n.º 100

### Viv'ó meu


Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**

Vi vó me u chu rra o te u vi v'ó  
meu qu'ê me lhor qu'ê o teu vi vó me u chu rra o  
te u vi v'ó meu qu'ê me lhor te u

Viva o meu  
Churra no teu  
Viva o meu  
Que é melhor  
Que o teu

<b>Nome</b>	Viv'ó meu.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se quando andavam à azeitona.
<b>Origem</b>	Soalheira.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	La 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Si m, transposta para La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 3ª M, 4ª P e 5ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia e a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento. É um compasso binário de subdivisão ternária.
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia. O balanço incerto é dado pelas hemiólías - 
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos são de 3 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este texto é como se fosse um pregão, um dito popular. Quando se trabalhava ao desafio, isto é, a ver qual o rancho que trabalhava mais depressa, cantavam esta melodia.



## Recolha n.º 121

### Cantiga da Cereja

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

3 So mos da co va da Bei ra

6 cá da ter ra das ce re jas

9 so mos da co va da Bei ra

12 cá da ter ra das ce re jas

15 que'a se nho ra da Gar du nha lá do al to

18 nos pro te ja o ra to ma to ma lá

21 o ra to ma to ma lá mi nha ter ra

Sou to'da Ca sa ou tra mais lin da não há

Somos da Cova da Beira  
Cá da terra das cerejas  
Somos da Cova da Beira  
Cá da terra das cerejas

Que a senhora da Gardunha  
Lá do alto nos proteja  
Ora toma toma lá  
Ora toma toma lá  
Nossa terra Souto da Casa  
Outra mais linda não há

Lindas e boas cerejas  
Vão para muitos países  
Lindas e boas cerejas  
Vão para muitos países


Quando andamos na colheita  
Cantamos alegremente  
Quando andamos na colheita  
Cantamos alegremente

Até os passarinhos cantam  
Com muito mais alegria  
Até os passarinhos cantam  
Com muito mais alegria

Mas é na nossa terra  
Que elas têm as raízes  
Ora toma toma lá  
Ora toma toma lá  
Nossa terra Souto da Casa  
Outra mais linda não há

Pois são as nossas cerejas  
Que governam muita gente  
Ora toma toma lá  
Ora toma toma lá  
Nossa terra Souto da Casa  
Outra mais linda não há

É no tempo das cerejas  
Que eles comem todo o dia  
Ora toma toma lá  
Ora toma toma lá  
Nossa terra Souto da Casa  
Outra mais linda não há

<b>Nome</b>	Cantiga da Cereja.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Canta-se quando se apanha a cereja.
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	Fa 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Mi b M, transposta para Re M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos, intervalos de 4ª P, 3ª m e 3ª M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de duas semicolcheias. O ritmo baseia-se em -  - dando a cadência de marcha.
<b>Estrutura da Letra</b>	As estrofes têm versos de 7 e 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é a importância que a cultura da cereja tem para a população do Souto da Casa.

## Recolha n.º 125

### Moda da castanha

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

3

No al to da Gar dunha ai meu bem no al

to da Gar dunha ai meu bem tem meu pai um cas ta

6



nhei ro tem meu pai um cas ta nhei ro

No alto da Gardunha  
Ai meu bem  
Tem meu pai um castanheiro  
Que dá castanhas em Maio  
Ai meu bem  
Cravo roxo em Janeiro

No souto do carvalhal  
Ai meu bem  
Está um reboleiro a abanar  
Está dizendo viva viva  
Ai meu bem  
Morra quem não sabe amar

O ouriço quando nasce  
Ai meu bem  
Logo começa a picar  
Também eu quando nasci  
Ai meu bem  
Foi logo para te amar

A castanha quando nasce  
Ai meu bem  
Nasce dentro do ouriço  
Também tu quando nasceste  
Ai meu bem  
Nasceu o meu feitiço

<b>Nome</b>	Moda da Castanha.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	<p>Esta canção está muito ligada à população do Souto da Casa por vários motivos como nos foi contado: Segundo reza a lenda, havia um grande souto nesta encosta da Gardunha, dos soutos do Alcambar do Fundão, plantados no tempo do rei D. Dinis e que se estendiam quase até S. Vicente da Beira. Este Souto tinha uma casa. A população que residia num lugar que hoje se chama a Courela, antes chamada Feijoeira, depois de uma praga de gafanhotos, mudou-se mais para cima para a encosta onde se situava o Souto da Casa.</p> <p>A base de alimentação nos tempos antigos, antes da introdução da batata, era a castanha.</p> <p>A história do Carvalhal passa-se no século dezanove em que um nobre de nome Garret queria tirar os terrenos baldios aos camponeses que os amanhavam e os consideravam seus. Então a população do Souto da Casa, em mil oitocentos e noventa revoltou-se, tocando os bombos, e impediram que lhes fosse retirada a terra, os castanheiros e os pastos. Ainda hoje na quarta-feira de cinzas se deslocam em procissão até ao Carvalhal, onde fazem uma grande festa. A festa era tão importante que até foi concedida uma autorização do arcebispado da Guarda que autorizava quem fosse à festa a comer carne, apesar de ser tempo de quaresma.</p> <p>À pergunta “De quem é o Carvalhal?”, a resposta em coro “É nosso!”.</p>
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	La 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	La M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com dois intervalos de 3ª M e 3ª m ascendentes, que harpejam o acorde de La M. Depois há graus conjuntos e intervalos de 4ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	<p>A canção começa com uma anacrusa de duas colcheias.</p> <p>A frase -  - alterna com a frase - .</p>
<b>Estrutura da Letra</b>	A estrofe tem versos de 3, 7 e 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	A propósito das castanhas e dos castanheiros, estas estrofes falam de amor.

## Recolha n.º 126

### Ó lua ó linda lua

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato


Ó lua a ó lin da lu a não ve  
nas cá ao se rã o ó lu a ó lin da  
lu a não ve nhas cá ao se rão  
Ai pa ra quem an da d'a mo res ó  
ai quer escu ro e lu ar não  
Ai pa ra qem an da d'a mo res ó  
ai quer escu ro e lu ar não

Ó lua ó linda lua  
Não venhas cá ao serão  
Ai para quem anda de amores  
Ó ai quer escuro e luar não

Ao romper da madrugada  
Sai o pastor da cabana  
Ai gritando em voz alta  
Ó ai muito padece quem ama

Ó lua ó linda lua  
Não digas à minha amada  
Ai que eu passei à porta dela  
Ó ai ao romper da madrugada

Muito padece quem ama  
Mais padece quem adora  
Ai mais padece quem vê  
Ó ai o amor a toda a hora

<b>Nome</b>	Ó lua ó linda lua.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se na descamisada do milho. Utilizaram dois termos: descamisar e descamuchar o milho.
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	Si 2, La 3.
<b>Tonalidade</b>	La M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa em graus conjuntos. Depois há intervalos de 3ª M, 5ª P, 3ª m, 4ª P e 6ª M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A primeira frase da canção imprime um ritmo de marcha -  - a segunda frase tem uma síncopa que dá um andamento mais dançado.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 7, 8 e 9 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor. Os namorados não gostam que a lua apareça de noite, porque a luz do luar não os esconde.

## Recolha n.º 130

### Sachadeiras

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Moderato**

Que sa chais is sa cha de ei ras que sa a cha a

**Lento**

is o o mi lhe ral do meu so gro

**Moderato**

di a gran de Deus vos fa a ç'o dia a a gra an

**Lento**

de que sa cha ai is mi lho to do

Que sachais sachadeiras  
Que sachais  
O milheral do meu sogro

Dia grande  
Deus vos faça o dia grande  
Que sachais o milho todo

Dia grande  
Deus vos faça o dia grande  
Que sachais o milho todo

A sachar não me mandai  
A sachar  
Que eu não sei correr o eito

Falar de amores  
Mandai-me falar de amores  
Para isso tenho jeito

Falar de amores  
Mandai-me falar de amores  
Para isso tenho jeito

Que sachais sachadeiras  
Que sachais  
Sachais o meu milho bem

Para o caminho não olheis  
Para o caminho não olheis  
Que a merenda já lá vem

Para o caminho não olheis  
Para o caminho não olheis  
Que a merenda já lá vem



<b>Nome</b>	Sachadeiras.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho
<b>Contexto</b>	Esta canção era cantada quando se sachava o milho. A Ti Ana referiu que aprendera esta canção quando tinha sete ou oito anos e ia sachar com um sachinho pequenino para ao pé das mulheres. Ela hoje tem noventa.
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, La 3.
<b>Tonalidade</b>	Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 3ª M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A parte mais rápida da música é baseada no ritmo - ♩.♩.♩.♩ - a parte mais lenta é baseada no ritmo - ♩♩♩♩
<b>Estrutura da Letra</b>	As estrofes têm versos de 4, 8 e 9.
<b>Análise semântica</b>	Os temas desta canção são o amor e as relações laborais. Na primeira estrofe a sachadeira sacha o milho do sogro, e pede a Deus que lhe faça o dia grande para acabar o trabalho. Na segunda estrofe a sachadeira diz que prefere falar de amor do que sachar. Na última estrofe o patrão diz à sachadeira para sachar o milho bem e para não olhar para o caminho porque a merenda está a chegar. Esta imagem da sachadeira á espera da merenda é também utilizada na canção “Milho verde”, popularizada pelo cantor Zeca Afonso.

## Recolha n.º 127

### Ora bate lavadeira

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

4 Fui à ri bei r'a la var \_\_\_\_\_ le vou m'a á gu'ó sa

7 bã ão la vei a rou pa com ro sas \_\_\_\_\_ fi cou

9 m'o **Allegro** chei ro na mã ão

o ra ba te la va dei ra la

12 va dei ra ba te as nos sas can

15 ti gas não têm em reba te o ra

18 ba te la va dei ra e tor na ba

21 te er as nos sas can ti gas não

24 têm em que ver

Fui à ribeira a lavar  
Levou-me a água o sabão  
Lavei a roupa com rosas  
Ficou-me o cheiro na mão

Ora bate lavadeira  
E torna a bater  
As nossas cantigas  
Não têm que ver

Ora bate lavadeira  
Lavadeira bate  
As nossas cantigas  
Não têm remate

Fui à ribeira p'ra ver Ana  
Encontrei a Isabel  
Encontrei-me com quem eu queria  
Caiu-me a sopa no mel

Ora bate lavadeira  
E torna a bater  
As nossas cantigas  
Não têm que ver

Ora bate lavadeira  
Lavadeira bate  
As nossas cantigas  
Não têm remate

Se eu quisesse dar penas  
Dava ao povo que falar  
Ia-te ver à ribeira  
Quando estavas a lavar

Ora bate lavadeira  
E torna a bater  
As nossas cantigas  
Não têm que ver

Ora bate lavadeira  
Lavadeira bate  
As nossas cantigas  
Não têm remate

<b>Nome</b>	Ora bate lavadeira.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho
<b>Contexto</b>	Esta canção era cantada enquanto iam lavar a roupa à ribeira.
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	La 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Do m, transposta para La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Esta canção começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 3ª m, 4ª P, 3ª M e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	Na primeira parte da canção: a unidade de tempo é a colcheia e a unidade de compasso é a mínima com um ponto. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8). Na segunda parte da canção a unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	Na primeira parte da canção o ritmo é baseado em - ♪♪♪ ♪♪♪ ♪.- e - ♪♪ ♪♪ ♪.- o que dá um balanço de “barcarola”. Corresponde ao movimento que a roupa tem quando é passada na água da ribeira. Na segunda parte da canção a frase - ♪♪♪ ♪♪♪ ♪ ♪♪ ♪- é num andamento mais vivo. Corresponde ao movimento das lavadeiras a esfregar e a bater a roupa com o sabão.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 6,7 e 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é a tarefa de lavar roupa. O tema do amor também está presente pois o namorado ia à ribeira para encontrar a sua amada que era lavadeira.

## Recolha n.º 132

### Semeei linho na serra

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Se me ci li nho na ser ra sem lei ra

nem mei a lei ra quan do nas ce ram os

ho mens nas ceu'a má se men teira

Hei de t'a mar truz truz hei de t'a

mar traz traz hei de t'a mar bem m'en

ten des ó de li ca do ra paz

Semeei linho na serra  
Sem leira nem meia leira  
Quando nasceram os homens  
Nasceu a má sementeira

Hei-de te amar truz truz  
Hei-de te amar traz traz  
Hei-de te amar bem entendes  
Ó delicado rapaz

Semeei linho na serra  
Não me nasceu nem um grão  
Quando nasceu a mulher  
Nasceu logo a ilusão



Hei-de te amar truz truz  
Hei-de te amar traz traz  
Hei-de te amar bem entendes  
Ó delicado rapaz

Semeei linho na serra  
Sem rego nem meio rego  
Quando nasceram os homens  
Nasceu o nosso degredo

Hei-de te amar truz truz  
Hei-de te amar traz traz  
Hei-de te amar bem entendes  
Ó delicado rapaz

Semeei linho na serra  
E ficou todo queimado  
Quando nasceu a mulher  
Logo nasceu o pecado

Hei-de te amar truz truz  
Hei-de te amar traz traz  
Hei-de te amar bem entendes  
Ó delicado rapaz

<b>Nome</b>	Semeei linho na serra.
<b>Tipo</b>	Canção de Trabalho.
<b>Contexto</b>	Cantava-se quando se trabalhava o linho.
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	La 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Mi b M, transposta para Re M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3ª M e 3ª m.
<b>Compasso</b>	Na primeira parte a unidade de tempo é a colcheia e a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumentação. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8). Na segunda parte a unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A primeira parte o ritmo é baseado em -  - Na segunda parte o ritmo é baseado em - 
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 6 e 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor. Apesar de ser uma canção de maldizer entre os homens e as mulheres, o refrão indica que o amor há-de acontecer.



## 4.3- Canções de Lazer

### 4.3.1- Análise das canções de Lazer recolhidas

Recolhemos vinte e sete canções de Lazer. O termo lazer surge por oposição ao termo trabalho. As canções de lazer cantavam-se aos domingos, nas festas, quando se encontravam grupos de trabalhadores depois do trabalho, nas tabernas ou nas ocasiões em que era preciso representar a povoação.

A recolha número sessenta e seis, Ai de mim do Louriçal do Campo, é exemplo de uma canção que se cantava nos bailes de domingo, o tema é o amor e o namoro que está para acontecer e o ritmo é de dança.

A recolha número cento e oito, Ó Margarida moleira do Casal da Serra, é exemplo de uma canção que tem uma coreografia engraçada. Os pares fingem que vão marrar um no outro, o que provoca o riso da assistência.

As recolhas números sessenta e três, Toutinegra de Castelo Novo, e sessenta e cinco, Viradinho ao Norte de Castelo Novo, são exemplo das canções de taberna. O tema destas canções tem um erotismo subentendido e eram cantadas por homens.

As recolhas números cento e dezassete, Hino do Casal da Serra, trinta e cinco, Adeus ó Castelo Novo, sessenta e nove, Hino do Louriçal do Campo, setenta e sete, Hino de S. Vicente, ou cento e vinte e quatro, Marcha do Souto da Casa, são exemplo das músicas em louvor das povoações. Estas canções eram cantadas quando se representavam as povoações, por exemplo numa excursão a outra terra, um encontro de grupos de folclore ou outros como o famoso concurso “A aldeia mais portuguesa de Portugal”. Este concurso “foi



organizado em 1938 pelo Secretariado da Propaganda Nacional (SPN). Este evento bianual pretendia celebrar a aldeia do território continental que “maior resistência (tivesse) oferecia(o) a decomposições e influências estranhas”... O concurso ficou pela sua primeira edição...”<sup>34</sup>

Nenhuma das povoações estudadas foi seleccionada para participar neste concurso, sendo Monsanto e Paúl as representantes da Beira Baixa e Monsanto acabaria por ganhar o concurso, ficando até hoje com o título. As canções recolhidas têm todas muitas parecenças a nível musical, como se tivessem sido todas compostas pela mesma pessoa, ou grupo de pessoas.

---

<sup>34</sup> FÉLIX, Pedro: “O Concurso a aldeia mais portuguesa de Portugal (1938)”. Em: CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shaw; BRANCO, Jorge Freitas: *Vozes do Povo*. Oeiras: Celta editora, 2003, p. 207.

### 4.3.2- Repertório

#### Recolha n.º 102

## A ciência do amar

Casal da Serra

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

A ciência do amar para  
r'a mar é qu'a pren di i A ciência do a  
ma ar pa r'a mar é qu'a pren di i se  
me tens al gum in ten en to fa la me qu'eu estou a  
qui se me tens al gum in ten en to fa  
la me qu'eu estou a qui

E a ciência do amar  
Para amar é que aprendi  
E a ciência do amar  
Para amar é que aprendi  
Se me tens algum intento  
Fala-me que eu estou aqui  
Se me tens algum intento  
Fala-me que eu estou aqui

Eu sei que estás aí  
Tão bonita tão perfeita  
Eu sei que estás aí  
Tão bonita tão perfeita  
Só te quero procurar  
Se queres ser minha sujeita  
Só te quero procurar  
Se queres ser minha sujeita

Eu sujeita não sou  
Não és do meu pai contente  
Eu sujeita não sou  
Não és do meu pai contente  
Não quero ficar no mundo  
Desgraçada para sempre  
Não quero ficar no mundo  
Desgraçada para sempre



Eu a fama não a tenho  
Mas ainda me pode vir  
Eu a fama não a tenho  
Mas ainda me pode vir  
Fala mais devagarinho  
Que está meu pai a ouvir  
Fala mais devagarinho  
Que está meu pai a ouvir

E o jurar ainda tem tempo  
Até lá ao dar da mão  
E o jurar ainda tem tempo  
Até lá ao dar da mão  
Só lhes quero procurar  
Pela tua geração  
Só lhes quero procurar  
Pela tua geração

Desgraçada para sempre  
Você não há-de ficar  
Desgraçada para sempre  
Você não há-de ficar  
Se tiver alguma fama  
Ainda espero de lha tirar  
Se tiver alguma fama  
Ainda espero de lha tirar

Se seu pai está a dormir  
Vamo-lo nós a acordar  
Se seu pai está a dormir  
Vamo-lo nós a acordar  
Com testemunhas à frente  
Para falso não jurar  
Com testemunhas à frente  
Para falso não jurar

Minha geração é boa  
Nada tem que procurar  
Minha geração é boa  
Nada tem que procurar  
Sou de raça dos judeus  
Só por morte há-de acabar  
Sou de raça dos judeus  
Só por morte há-de acabar

<b>Nome</b>	A ciência do amar.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção foi cantada por uma senhora e um senhor num teatro que fizeram na aldeia. A canção é conhecida dos locais.
<b>Origem</b>	Casal da Serra.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	Sol # 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Si b m, transposta para La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Sol # quando modula para Mi M.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3ª m, 4ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo é sincopado -  - ou - 
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 7 ou 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor. É uma história de pedido de namoro para depois casar.

## Recolha nº104

### Ai ai ai ai

Casal da Serra

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Me ni nas a mai o co xo qu'o co xo tam bém se  
a ma pois dá mui to gos to vê lo ir aos  
sal ti nhos p'ra ca ma ai ai ai  
ai o lh'o chei ro qu'a ro sa tem em  
ai ai ai ai vem à ja  
ne la don ze la vem vem

Meninas amai o coxo  
Que o coxo também se ama  
Pois dá muito gosto vê-lo  
Ir aos saltinhos p'ra cama

Atirei com o meu martelo  
Para dentro do convento  
Ai como as freiras brincavam  
Com o meu martelo lá dentro

Ai ai ai ai  
Olha o cheiro que a rosa tem  
Ai ai ai ai  
Vem à janela donzela vem vem  
Ai ai ai ai  
Olha o cheiro que a rosa tem  
Ai ai ai ai  
Vem à janela donzela vem vem

Ai ai ai ai  
Olha o cheiro que a rosa tem  
Ai ai ai ai  
Vem à janela donzela vem vem  
Ai ai ai ai  
Olha o cheiro que a rosa tem  
Ai ai ai ai  
Vem à janela donzela vem vem


Minha avó ia mijar  
Para debaixo da ramada  
Ai como a gente se ria  
Com os traques que a velha dava

Ai ai ai ai  
Olha o cheiro que a rosa tem  
Ai ai ai ai  
Vem à janela donzela vem vem  
Ai ai ai ai  
Olha o cheiro que a rosa tem

Ai ai ai ai  
Vem à janela donzela vem vem

O meu pai quando me fez  
Minha mãe não estava quieta  
(ai ai ai que bom!)  
Por isso é que me chamam  
Rosalina levada da breca

Ai ai ai ai  
Olha o cheiro que a rosa tem  
Ai ai ai ai  
Vem à janela donzela vem vem  
Ai ai ai ai  
Olha o cheiro que a rosa tem  
Ai ai ai ai  
Vem à janela donzela vem vem

<b>Nome</b>	Ai ai ai ai.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se nas festas. Devido ao texto satírico com referências jocosas e eróticas, era cantado já no fim quando estavam animados.
<b>Origem</b>	Esta melodia é muito conhecida a nível nacional, é cantada sobretudo por estudantes nas tunas. Os versos são inventados, mas o refrão mantém-se.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	La 2, Si 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Do m, transposta para Re m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Do # quando modula para La M.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 3ª m, 3ª M, 5ª P, 4ª P e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é mínima com um ponto de aumento. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é baseado na frase 
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm de 4 e 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é satírico sendo os temas abordados de cariz erótico ou jocoso.

## Recolha n° 106

### Chapéu Preto

Arlindo de Carvalho

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

4 A zei to na já está pre e ta

7 a zei to na já está pre ta

10 já se po d'ar mar aos tor dos

13 já se po d'ar mar aos tor dos

16 — é men ti ra é men ti ra é men

19 ti ra sim se nhor eu nun ca pe di um

22 bei jo quem m'o deu foi meu a mior é men

ti ra é men ti ra é men ti ra sim se



Chapéu Preto

2

25

nhor eu nun ca pe di um bei jo quem m'o

28

deu foi meu a mor

A azeitona já está preta  
A azeitona já está preta  
Já se pode armar aos tordos  
Já se pode armar aos tordos

É mentira é mentira  
É mentira sim senhor  
Eu nunca pedi um beijo  
Quem mo deu foi meu amor

É mentira é mentira  
É mentira sim senhor  
Eu nunca pedi um beijo  
Quem mo deu foi meu amor

Ó que lindo chapéu preto  
Ó que lindo chapéu preto  
Naquela cabeça vai  
Naquela cabeça vai

Ó que lindo rapazinho  
Ó que lindo rapazinho  
Para genro do meu pai  
Naquela cabeça vai

É mentira é mentira  
É mentira sim senhor  
Eu nunca pedi um beijo  
Quem mo deu foi meu amor

É mentira é mentira  
É mentira sim senhor  
Eu nunca pedi um beijo  
Quem mo deu foi meu amor

Quem me dera ser colete  
Quem me dera ser colete  
Quem me dera ser botão  
Quem me dera ser botão

Para andar agarradinho  
Para andar agarradinho  
Juntinho ao teu coração  
Quem me dera ser botão

É mentira é mentira  
É mentira sim senhor  
Eu nunca pedi um beijo  
Quem mo deu foi meu amor

<b>Nome</b>	Chapéu Preto .
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se nas festas.
<b>Origem</b>	Esta canção é do compositor Arlindo de Carvalho, natural da Soalheira, no entanto está popularizada por todo o país sendo muito conhecida.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	Mi 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	La m
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Sol # quando modula para Mi M.
<b>Intervalos</b>	Esta canção começa com notas repetidas, depois há intervalos de 3ª m, 5ª P e 3ªM e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	Na primeira parte o ritmo é baseado em - ♪♪♪♪- na segunda parte repete-se a frase - ♪♪♪♪.♪♪♪♪
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 7 ou 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor.

## Recolha n.º 108

### Ó Margarida Moleira

Casal da Serra

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Ó Mar ga ri da mo lei ra ó

mi nha ca ra sa fa da ó Mar ga ri da mo

lei ra ó mi nha ca ra sa fa da vai

le var a rou p'ó do no que a tra zes em pres

tada vai le var a rou p'ó do no que

a tra zes em pres tada Se a tra go em pres ta da não

te nho na da qu'ê te u se a tra go em pres

ta da não te nho na da qu'ê teu pum pum

Ó Margarida Moleira

2

25

pum mi nha Mar ga ri da pum pum mi nha pren d'a

28

mada pum pum já te pa guci tu do pum

31

pum não te de vo nada


Ó Margarida moleira  
 Ó minha cara safada  
 Ó Margarida moleira  
 Ó minha cara safada  
 Vai levar a roupa ao dono  
 Que a trazes emprestada  
 Vai levar a roupa ao dono  
 Que a trazes emprestada

Se a trago emprestada  
 Não tenho nada que é teu  
 Se a trago emprestada  
 Não tenho nada que é teu  
 Tenho muito gosto nela  
 Foi o meu pai que me a deu  
 Tenho muito gosto nela  
 Foi o meu pai que me a deu

Pum pum minha Margarida  
 Pum pum minha prenda amada  
 Pum pum minha Margarida  
 Pum pum minha prenda amada  
 Pum pum já te paguei tudo  
 Pum pum não te devo nada  
 Pum pum já te paguei tudo  
 Pum pum não te devo nada

Semeei no meu quintal  
 Uma semente de repolho  
 Semeei no meu quintal  
 Uma semente de repolho  
 Nasceu-me lá um careca  
 Com uma batata no olho  
 Nasceu-me lá um careca  
 Com uma batata no olho

Pum pum minha Margarida  
 Pum pum minha prenda amada  
 Pum pum minha Margarida  
 Pum pum minha prenda amada  
 Pum pum já te paguei tudo  
 Pum pum não te devo nada  
 Pum pum já te paguei tudo  
 Pum pum não te devo nada

<b>Nome</b>	Ó Margarida Moleira.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção serve uma coreografia em que os pares simulam que vão “marrar” um com o outro. É uma canção satírica que era cantada nas festas.
<b>Origem</b>	Casal da Serra.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	La 2, La 3.
<b>Tonalidade</b>	La M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Esta canção começa com notas repetidas, depois há graus conjuntos e intervalos de 4ª P, 6ª M, 3ª M e 3ª m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia.  A frase rítmica -  - é repetida ao longo da canção.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é satírico porque o amado acusa a Margarida de trazer roupa emprestada. Ela defende-se dizendo que não lhe deve nada pois foi o pai que lha deu.  O refrão é a parte em que os pares na, dança, dão uma cabeçada um no outro e daí a onomatopeia “Pum pum”.  A estrofe que fala da sementeira no quintal parece-nos fora de contexto pois não tem nada a ver com a história da Margarida.

## Recolha n.º 110

### Ó mulher

Casal da Serra

Recolha de Miguel Carvalhinho



Moderato

Ó mu lher eu com pro t'u ma  
sai a ó mu lher eu  
com pro t'u ma sai a i sso  
não ma ri dinho i sso não ma ri  
dinho qu'eu não sou mu lher de praia  
com pra m'um li tro de  
vinho á gua fria faz mal i sso  
sim ma ri dinho á gua fria faz  
mas i sso sim ma ri dinho

Ó mulher eu compro-te uma saia  
Ó mulher eu compro-te uma saia  
Isso não maridinho  
Isso não maridinho  
Que eu não sou mulher de praia  
Compra-me um litro de vinho  
Água fria faz mal  
Isso sim maridinho  
Água fria faz mal  
Isso sim maridinho

Ó mulher eu compro-te umas meias  
Ó mulher eu compro-te umas meias  
Isso não maridinho isso não maridinho  
Que eu não tenho as pernas feias  
Compra-me um litro de vinho  
Água fria faz mal  
Isso sim maridinho  
Água fria faz mal  
Isso sim maridinho

Ó mulher eu compro-te um burrinho  
Ó mulher eu compro-te um burrinho  
Isso sim maridinho isso sim maridinho  
Para andar a cavalinho  
Mas compra-me um litro de vinho  
Água fria faz mal  
Isso sim maridinho  
Água fria faz mal  
Isso sim maridinho

<b>Nome</b>	Ó mulher.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção humorística era cantada nas festas.
<b>Origem</b>	Casal da Serra.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	Si 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com dois intervalos de 3ª ascendente harpejando o acorde de Do M. Depois há notas repetidas, graus conjuntos e intervalos de 5ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário.
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia com um ponto de aumentação e uma semicolcheia. O ritmo é ponteadado utilizando -  - ou - 
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 6, 7, 8 e 10 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é satírico pois o homem quer oferecer prendas bonitas à mulher mas, ela só quer um litro de vinho pois a água fria faz mal.



## Recolha n.º 112

### Ora vem comigo

Casal da Serra

Recolha de Miguel Carvalhinho


O ra vem co mi go Ce les te vem co mi go o ra vem co

mi go re gar o jar dim ai eu não n'es que ço de ti ó Ce

les te ai não t'es que ças Ce les te de mi im

Ora vem comigo ó Celeste vem comigo  
Ora vem comigo regar o jardim  
Ai eu não me esqueço de ti ó Celeste  
Ai não te esqueças Celeste de mim

Ai eu sou filho de um pobre marinheiro  
E a minha casa são praias do mar  
E a minha cama é feita de rosas  
Eu durmo sozinho de noite ao luar

<b>Nome</b>	Ora vem comigo.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção era cantada nas festas.
<b>Origem</b>	Casal da Serra.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	Do 3, Mi 4.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Mi M, transposta para Re M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Sol # no 1º compasso e um La# no 3º compasso. São alterações de expressão melódica não havendo modulação harmónica.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas, depois há graus conjuntos e intervalos de 3ª M, 3ª m, 7ª M, 4ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de duas semicolcheias e duas colcheias. A frase rítmica -  - repete-se ao longo da canção.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 10, 12 ou 13 versos.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor. O amado pede à Celeste para não se esquecer dele enquanto anda embarcado.

## Recolha nº 116

### Tim tim

Casal da Serra

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Tim tim eu sou do Casal eu sou  
do Casal da terra sadia di a  
tim tim eu sou do Casal cu sou  
do Casal da terra sadia di a  
ao entrar neste local ca al só  
ve jo se rras c pc dre ni as  
ao entrar neste local ca al só  
ve jo se rras c pc dre ni

Tim tim eu sou do Casal  
Eu sou do Casal da terra sadia  
Tim tim eu sou do Casal  
Eu sou do Casal da terra sadia

Ao entrar neste local  
Só vejo serras e pedrenias  
Ao entrar neste local  
Só vejo serras e pedrenias

Tim tim olaré tim tim  
Você diz que não eu digo que sim  
Tim tim olaré tim tim  
Você diz que não eu digo que sim

Ao romper da bela aurora  
É que a gente canta p'la estrada a fora  
Ao romper da bela aurora  
É que a gente canta p'la estrada a fora

Tim tim eu sou do Casal  
Eu sou do Casal da terra sadia  
Tim tim eu sou do Casal  
Eu sou do Casal da terra sadia

Ao entrar neste local  
Só vejo serras e pedrenias  
Ao entrar neste local  
Só vejo serras e pedrenias

Adeus que eu me vou embora  
Se eu não me demoro porque é que choras  
Adeus que eu me vou embora  
Se eu não me demoro porque é que choras

Não vale a pena chorares  
Que eu vou depressa e hei-de voltar  
Não vale a pena chorares  
Que eu vou depressa e hei-de voltar

Tim tim eu sou do Casal  
Eu sou do Casal da terra sadia  
Tim tim eu sou do Casal  
Eu sou do Casal da terra sadia

Ao entrar neste local  
Só vejo serras e pedrenias  
Ao entrar neste local  
Só vejo serras e pedrenias

<b>Nome</b>	Tim tim.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção canta-se nas festas e nos momentos em que se representa a aldeia.
<b>Origem</b>	Casal da Serra.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	Mi 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Si m, transposta para La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Sol # quando modula para Mi M.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas, depois há intervalos de 3ª m, 3ª M, 4ª P e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é baseado em semínimas e colcheias.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 7,8 e 9 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Esta canção é em louvor do Casal da Serra, os versos são elogios às belezas da aldeia e virtudes das suas gentes.

## Recolha n.º 117

### Hino do Casal da Serra

Casal da Serra

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Das aldeias por tu

guic c sas a no

ssa não tem ri val é a

te rra mais bo ni ta é a

te rra mais bo ni ta das te

rras de Por tu gal

Ca sal da s rra te rra na

tal can ti nho lin do

Hino do Casal da Serra

2

24

— de Por tu gal va mos can

27

tá lo com ter nos can tos

30

— mos tran d'ao mun d'os

32

seus en can tos

Das aldeias portuguesas  
A nossa não tem rival  
É a terra mais bonita  
É a terra mais bonita  
Das terras de Portugal

É pequena mas airosa  
No cimo da serra fica  
Não há terra mais formosa  
Não há terra mais formosa  
Não há terra tão bonita

Casal da Serra terra natal  
Cantinho lindo de Portugal  
Vamos cantá-lo em ternos cantos  
Mostrando ao mundo os seus encantos

Casal da Serra terra natal  
Cantinho lindo de Portugal  
Vamos cantá-lo em ternos cantos  
Mostrando ao mundo os seus encantos

Este povo é gente humilde  
Quando a amizade se encerra  
Cantai de novo a canção  
Cantai de novo a canção  
De louvores à nossa terra

Desde o vale até ao pico  
Desde o monte ao sopé  
Fica a serra da Gardunha  
Fica a serra da Gardunha  
E o Casal que lindo é

Casal da Serra terra natal  
Cantinho lindo de Portugal  
Vamos cantá-lo em ternos cantos  
Mostrando ao mundo os seus encantos

Casal da Serra terra natal  
Cantinho lindo de Portugal  
Vamos cantá-lo em ternos cantos  
Mostrando ao mundo os seus encantos

<b>Nome</b>	Hino do Casal da Serra.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção canta-se nas festas e nos momentos em que se representa a aldeia.
<b>Origem</b>	Casal da Serra.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	La 2, La 3.
<b>Tonalidade</b>	Sol m
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 4ª P, 3ª m, 7ª p, 5ª P, 3ª M e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de duas colcheias. O ritmo é baseado em mínimas, semínimas e colcheias (♩♩).
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 7,8 e 9 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Esta canção é em louvor do Casal da Serra, os versos são elogios às belezas da aldeia e virtudes das suas gentes.



## Recolha n.º 35

### Adeus ó Castelo Novo

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

A deus ó Cas te lo No  
vo du as coi sas te dão  
gra ça a deus ó Cas te  
lo No vo du as coi  
sas te dão gra ça ai ai  
ai é o cas te lo no al to  
ai ai ai e'o pe lou ri nho na  
praça ai ai ai é o  
cas te lo no al to ai ai  
ai e'o pe lou ri nho na pra ça

Adeus ó Castelo Novo  
Duas coisas te dão graça  
Adeus ó Castelo Novo  
Duas coisas te dão graça

Ai ai ai é o castelo no alto  
Ai ai ai e o pelourinho na praça  
Ai ai ai é o castelo no alto  
Ai ai ai e o pelourinho na praça

Adeus ó Castelo Novo  
Ao cimo ao fundo não  
Adeus ó Castelo Novo  
Ao cimo ao fundo não

Ai ai ai ao cimo trabalha o luxo  
Ai ai ai ao fundo a presunção  
Ai ai ai ao cimo trabalha o luxo  
Ai ai ai ao fundo a presunção

<b>Nome</b>	Adeus ó Castelo Novo.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção é uma homenagem a Castelo Novo sendo cantada quando a ocasião se proporcionava, nomeadamente em bailes no fundo e no cimo do povo.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar esta canção em Castelo Novo desde sempre. Devido à especificidade desta letra esta canção devia ser cantada só nesta aldeia.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Lá 3.
<b>Tonalidade</b>	Lá M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 4ª P ascendente, o segundo é de 4ª P descendente. Depois há graus conjuntos, 3ª m e 3ª M.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	Na primeira parte o ritmo é ponteadado - ♩.♩ - e sincopado -  ♩.♩ Na segunda parte repete-se a frase - ♩.♩.♩.♩.♩.♩.♩.♩.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm os dois primeiros versos com 8 sílabas e os outros com 11 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é um elogio que se faz aos monumentos de Castelo Novo, o castelo e o pelourinho. No entanto em nota-se uma rivalidade entre o cimo do povo e o fundo do povo que é concretizada numa crítica severa: “Ao cimo trabalha o luxo e ao fundo a presunção”.

## Recolha n.º 63

### Toutinegra

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

3 Cas te lo No vo sin ge lo é mo des

6 to sem vai da de tem tu do pa ra ser be lo ai me

9 re ce'a no ssa a mizade ——— ó tou ti ne gra não

vol tes cá ——— o lha que'a pom ba já cá não está ——— já

12 cá não está ——— e la fu giu pa ra'o seu ni nho se di ri

15 giu já cá não está ——— e la vo ou pa ra'o eu



18 ni nho se en ca mi nhou

Castelo Novo singelo  
É modesto sem vaidade  
Tem tudo para ser belo  
Merece a nossa amizade

Ó toutinegra não voltes cá  
Olha que a pomba já cá não está  
Já cá não está ela voou  
Para o seu ninho se encaminhou  
Já cá não está ela fugiu  
Para o seu ninho se dirigiu

Se o penedo da saudade  
Pudesse falar um dia  
Muita tricana corava  
Muito doutor sorria

O padre quando namora  
Sempre põe as mãos na coroa  
Namora padre namora  
Ai que o senhor tudo perdoa

<b>Nome</b>	Toutinegra.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se nas tabernas sendo a quadra cantada por um solista e o refrão pelo coro dos presentes.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar esta canção desde sempre em Castelo Novo.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Ré 4.
<b>Tonalidade</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 4ª P. Depois há intervalos de 3ª M, 3ª m, 5ª P e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	<p>A canção começa com uma anacrusa de semínima.</p> <p>O ritmo é sincopado nas quadras - </p> <p>No refrão o ritmo é uma repetição  sendo por isso mais tranquilo.</p>
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 e 9 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	<p>O tema desta canção é satírico e tem um erotismo muito forte. No refrão aparecem a toutinegra; que é um pássaro que vive de noite e é associado à boémia; e a pomba que é associada à paz, pureza e virgindade. A toutinegra vai ver da pomba mas ela já lá não está, sendo por isso um encontro frustrado.</p> <p>Nas quadras os temas são diversos dando a ideia de serem improvisados e inventados na hora. Homenageia-se Castelo Novo, fala-se da vida boémia dos estudantes de Coimbra ou da vida amorosa do padre.</p>

## Recolha n.º 65

### Viradinho ao Norte

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho



Moderato

The musical score is written on five staves in 4/4 time, with a key signature of one flat (B-flat). The melody is simple and folk-like. The lyrics are written below the notes, with some words split across lines. The score includes measure numbers 3, 6, 9, and 11.

Se fo res ao porto com pra m'um sa io te que se ja  
lin do e não de bo te a sil va pren de a ro sa  
chei ra vi ra di nho'ao Nor te meu a mor le va'a ban deira a sil va  
pren de a ro sa chei ra vi ra di nh'ao  
Nor te meu a mor le va'a ban deira

Se fores ao Porto compra-me um saiote  
Que seja lindo e não debote  
A silva prende e a rosa cheira  
Viradinho ao Norte meu amor leva a bandeira

Leva a bandeira da fita azul  
Viradinho ao Norte viradinho ao Sul  
A silva prende e a rosa cheira  
Viradinho ao Norte meu amor leva a bandeira

<b>Nome</b>	Viradinho ao Norte.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se nas tabernas pelos homens.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar esta canção a um grupo de velhotes de Castelo Novo há muitos anos.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Lá 2, Ré 4.
<b>Tonalidade</b>	Ré m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Do # no 2º compasso quando modula pela primeira vez para Lá 7.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 4ª P. Depois há intervalos de 3ª m, 3ª M, 8ª p e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de 3 colcheias. O ritmo é sincopado nas quadras -  No refrão o ritmo é uma repetição -  - sendo por isso mais tranquilo.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 10 e 12 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção fala de uma relação amorosa entre duas pessoas em que a moça pede que o companheiro lhe compre um saiote que seja lindo e de boa qualidade. Referem-se também duas plantas, a silva e a rosa. A primeira é uma planta daninha e prende, a outra uma flor bela que cheira bem.

## Recolha n.º 66

### Ai de mim

Lourçal do Campo

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**

Ai de mim tanta laranja  
tanta silva tanta amora  
Ai de mim tanta laranja  
tanta silva tanta amora  
tanta menina bonita  
E o meu pai sem uma nora  
tanta menina bonita  
E o meu pai sem uma nora

Ai de mim tanta laranja  
Tanta silva tanta amora  
Ai de mim tanta laranja  
Tanta silva tanta amora

Tanta menina bonita  
E o meu pai sem uma nora  
Tanta menina bonita  
E o meu pai sem uma nora

<b>Nome</b>	Ai de mim.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se para dançar aos domingos.
<b>Origem</b>	Louriçal do Campo.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Nunes de 78 anos de idade e Maria José Manuel de 79 anos do Louriçal do Campo.
<b>Âmbito</b>	Mi 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Re M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 3 <sup>a</sup> m, 3 <sup>a</sup> m e 4 <sup>a</sup> P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é baseado em semínimas e colcheias.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 7 e 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor. O rapaz anda à procura de uma nora para o pai.



## Recolha n.º 68

### Dá cá um beijinho

Lourçal do Campo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

3 Dá cá um bei ji nho dois é  
con ta cer ta dá me cá mais ou tro  
6 — or' a per t'a per ta mas bem a per ta do na fo  
9 lha da ro sa na ra iz do cra vo or' a per t'a per ta mas bem  
12 a per ta do na fo lha da ro sa na ra iz do cravo

Dá cá um beijinho  
Dois é conta certa  
Dá-me cá mais outro  
Ora aperta aperta  
Mas bem apertado  
Na folha da rosa  
Na raiz do cravo

Ora aperta aperta  
Mas bem apertado  
Na folha da rosa  
Na raiz do cravo

<b>Nome</b>	Dá cá um beijinho.
<b>Tipo</b>	Canção de lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se nos bailes para dançar.
<b>Origem</b>	Louriçal do Campo. Recolhemos em Castelo Novo uma canção muito parecida com esta chamada Um abraço é pouco.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Nunes de 78 anos de idade e Maria José Manuel de 79 anos do Louriçal do Campo.
<b>Âmbito</b>	Mi 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 4 <sup>a</sup> P, 3 <sup>a</sup> m e 3 <sup>a</sup> M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de duas semicolcheias. O ritmo é baseado em colcheias, semicolcheias e semínimas (♩ ♪ ♪).
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 6 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Esta canção servia para dançar. O texto descreve a forma como se dança.

## Recolha n° 69

### Hino do Louriçal do Campo

Louriçal do Campo

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**

3 Mi nha ter r'ê u m'al dei a —

6 — tão ac ti va tão ai ro sa —

9 — é um re ga lo can tar nes te

gru po po pu lar fi ca um bo tão de

12 ro sa se rra da Gar du nha não há

15 na Bei ra i gual o teu no m'es tá li

18 ga do ao po vo do Lou ri çal em

21 teu re ga ço jun to ao meu co ra ção

Hino do Louriçal do Campo

2

24



fí ca Lou ri çal do Cam po

a ben çoa di nho to rrão


Minha terra é uma aldeia  
Tão activa tão airosa  
É um regalo cantar  
Neste grupo popular  
Fica um botão de rosa

As belezas naturais  
Que o nosso povo encerra  
Tem perfumes nos pinhais  
Onde cantam os pardais  
Belezas da nossa terra

Serra da Gardunha  
Não há na Beira igual  
O teu nome está ligado  
Ao povo do Louriçal  
Em teu regaço  
Junto ao meu coração  
Fica Louriçal do Campo  
Abençoadinho torrão

Serra da Gardunha  
Não há na Beira igual  
O teu nome está ligado  
Ao povo do Louriçal  
Em teu regaço  
Junto ao meu coração  
Fica Louriçal do Campo  
Abençoadinho torrão

Tão pequenino e gentil  
Cabe na palma da mão  
Louriçal de encantos mil  
Se um dia for ao Brasil  
Cabe no meu coração

<b>Nome</b>	Hino do Louriçal do Campo.
<b>Tipo</b>	Canção de lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se nas ocasiões em que se representava a aldeia.
<b>Origem</b>	Louriçal do Campo.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Nunes de 78 anos de idade e Maria José Manuel de 79 anos do Louriçal do Campo.
<b>Âmbito</b>	Fa 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Re M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Re # quando modula para Si M.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com graus conjuntos. Depois há notas repetidas, intervalos de 3 <sup>a</sup> M, 3 <sup>a</sup> m, 4 <sup>a</sup> P e 5 <sup>a</sup> P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase -  - confere um ritmo de marcha.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 6, 7 e 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Esta canção é um hino em louvor da aldeia de Louriçal do Campo.

## Recolha n.º 71

### Ó que pinheiro tão alto

Lourçal do Campo

Recolha de Miguel Carvalhinho


Moderato

Ó que pinheiro tão alto quem  
lh'háde colher as pinhas é a me ni na  
Joana que se cha ma Ma ri qui nhas Ma ri  
qui nhas como pa ssou o lá como tem pa  
ssa do cu pa sso bem c'vo cê c vo  
cê mui t'o bri ga do

Ó que pinheiro tão alto  
Quem há-de colher as pinhas  
É a menina Joana (ou outro nome de quem estivesse a  
dançar)  
Que se chama Mariquinhas  
Mariquinhas como passou  
Olá como tem passado

(agarravam-se e depois)

Eu passo bem e você  
E você muito obrigado

<b>Nome</b>	Ó que pinheiro tão alto.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se durante os domingos para dançar.
<b>Origem</b>	Louriçal do Campo.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Nunes de 78 anos de idade e Maria José Manuel de 79 anos do Louriçal do Campo.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Sol 3
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Fá M, transposta para Sol M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Esta canção começa com um intervalo de 5 <sup>a</sup> P. Depois há notas repetidas, intervalos de 3 <sup>a</sup> M, 3 <sup>a</sup> m e 4 <sup>a</sup> P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia. A frase -  - repete-se ao longo da canção.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 7 ou 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Nesta dança os versos referem um pinheiro alto que tem pinhas para apanhar. Depois de escolher quem colhe as pinhas agarravam-se os pares e continuavam a dança.

## Recolha n.º 72

### Pim pim ao redor

Lourçal do Campo

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**

Pim pim ao redor meu bem co m'ó sol can

t'ó pin ta ssil go bai l'ó rou xi nol pim pim ao re dor meu

bem co m'ó sol can t'ó pin ta ssil go bai l'ó rou xi nol i

gre ja do Lou ri çal ó ai cai a di nh'a té ao

chã ão por cau sa das ra pa rigas ó ai é

qu'os ra pa zes lá vâ ão pim pim ao re dor meu bem co m'ó

sol can t'ó pin ta ssil go bai l'ó rou xi nol pim pim ao re dor meu bem co m'ó

sol can t'ó pin ta ssil go bai l'ó rou xi nol



Pim pim ao redor  
Meu bem como o sol  
Canta o pintassilgo  
Baila o rouxinol

Pim pim ao redor  
Meu bem como o sol  
Canta o pintassilgo  
Baila o rouxinol

Igreja do Louriçal ó ai  
Caiadinha até ao chão  
Igreja do Louriçal ó ai  
Caiadinha até ao chão  
Por causa das raparigas ó ai  
É que os rapazes lá vão

Pim pim ao redor  
Meu bem como o sol  
Canta o pintassilgo  
Baila o rouxinol

Pim pim ao redor  
Meu bem como o sol  
Canta o pintassilgo  
Baila o rouxinol

Adeus lindo Louriçal ó ai  
Estás formado num cabeçaço  
Adeus lindo Louriçal ó ai  
Estás formado num cabeçaço  
Tens rapazes como a lua ó ai  
Raparigas de alto preço


Pim pim ao redor  
Meu bem como o sol  
Canta o pintassilgo  
Baila o rouxinol

Pim pim ao redor  
Meu bem como o sol  
Canta o pintassilgo  
Baila o rouxinol

Adeus lindo Louriçal ó ai  
Logo aqui à entrada  
Adeus lindo Louriçal ó ai  
Logo aqui à entrada  
Tens uma roseira branca ó ai  
Ao pé de outra encarnada

Pim pim ao redor  
Meu bem como o sol  
Canta o pintassilgo  
Baila o rouxinol

Pim pim ao redor  
Meu bem como o sol  
Canta o pintassilgo  
Baila o rouxinol

<b>Nome</b>	Pim pim ao redor.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção era para ser dançada nas festas.
<b>Origem</b>	Senhor Pardal, que era professor no colégio de S. Fiel.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Nunes de 78 anos de idade e Maria José Manuel de 79 anos do Louriçal do Campo.
<b>Âmbito</b>	Re 3, Fa# 4.
<b>Tonalidade</b>	Re M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Esta canção começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 4 <sup>a</sup> P, 6 <sup>a</sup> m, 3 <sup>a</sup> m, 5 <sup>a</sup> P e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de uma colcheia. O ritmo é baseado em colcheias e semínimas. No refrão existe a célula rítmica - 
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 5, 7 ou 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta dança é o elogio da aldeia do Louriçal do Campo e da sua juventude.

## Recolha n.º 73

### Salta o paspalhão para o meio

Louriçal

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**

Sal t'ó pas pa lhão p'ró mei o sal t'ó pas pa  
lhão p'ró mei o du as vol tas que ro dar  
du as vol tas que ro dar es ta  
ru a tem pe dri nhas  
es ta ru a tem pe  
dri nhas que ro as man  
dar ti ra a ar que ro  
as man dar ti ra ar

Salta o paspalhão para o meio

2

25

— com bi qui nhos d'al fi

28

ne te — pa r'ó meu a

31

mor pa ssc ar — com bi

34

qui nhos d'al fi ne te —

37

— pa r'ó meu a mor pa ssc

40

ar — a lar gai vos

43

ra pa ri gas — a lar

46

gai vos ra pa ri gas —

49

— que'o te rrei ro é es



Salta o paspalhão para o meio  
 Salta o paspalhão para o meio  
 Duas voltas quero dar  
 Duas voltas quero dar

Esta rua tem pedrinhas  
 Quero as mandar tirar  
 Esta rua tem pedrinhas  
 Quero as mandar tirar

Com biquinhos de alfinete  
Para o meu amor passear  
Com biquinhos de alfinete  
Para o meu amor passear

Alargai-vos raparigas  
Que o terreiro é estreito  
Alargai-vos raparigas  
Que o terreiro é estreito

Quero dar duas voltinhas  
Quero dá-las a meu jeito  
Quero dar duas voltinhas  
Quero dá-las a meu jeito

<b>Nome</b>	Salta o paspalhão para o meio.
<b>Tipo</b>	Canção de lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se para dançar aos domingos.
<b>Origem</b>	Louriçal do Campo.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Nunes de 78 anos de idade e Maria José Manuel de 79 anos do Louriçal do Campo.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Si b M, transposta para Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Esta canção começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 3 <sup>a</sup> M, 3 <sup>a</sup> m e 4 <sup>o</sup> P,
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O refrão baseia-se em colcheias  nas estrofes aparece o ritmo - 
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 7 ou 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O texto da canção indica os movimentos que se fazem na dança.

## Recolha n.º 77

### Hino de São Vicente

São Vicente

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**

4 So mos de tão lin da te c

7 rra São Vi cente mi mo jar

10 di i im nas ci

dos na Bei ra Bai xa

13 on d'há en can tos sem fim

16 im nas ci dos na Bei ra

19 Bai xa on d'há

22 en can tos sem fim im

25 te mos por berço a Gar du nha

Hino de São Vicente

2

28

— can tan do hi nos d'a

31

mor — mais lin da —

34

— não há ne nhu ma — São Vi

37

cente jar dim em flor

40

a nos sa — vi la can ta mos —

43

— pa ra mais a su bli

46

ma ar — e a to

49

dos sau da mos — com o


52

nosso a legre can tar

Somos de tão linda terra  
S.Vicente mimo jardim  
Nascidos na Beira Baixa  
Onde há encanto sem fim  
Nascidos na Beira Baixa  
Onde há encanto sem fim

S. Vicente terra tão nobre  
Tão risonha e tão fagueira  
Em teu seio se descobre  
Alma grande a nossa beira  
No teu seio se descobre  
Alma grande a nossa beira

Temos por berço a Gardunha  
 Cantando hinos de amor  
 Mais linda não há nenhuma  
 S. Vicente jardim em flor  
 A nossa vila cantamos  
 Para mais a sublimar  
 E a todos saudamos  
 Com o nosso alegre cantar

<b>Nome</b>	Hino de S. Vicente.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção era cantada nas festas.
<b>Origem</b>	Foi composta por Zé Lourenço há mais ou menos cem anos.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras em S. Vicente da Beira.
<b>Âmbito</b>	Do 3, Re 4.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Fa# M, transposta para Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 3ªM, 4ªP, 3ªm e 6ª M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é de marcha - 
<b>Estrutura da Letra</b>	As estrofes têm versos de 7 e 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Esta canção é um hino de louvor à vila de S. Vicente.



## Recolha n.º 82

### A Chita da minha blusa

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**

A chi ta da mi nha blu sa já se não u sa as sim as  
 4  
 sim a chi ta da mi nha blu sa já se não  
 7  
 u sa as sim as sim não quero a tu a ri  
 10  
 que za só que ro'a po bre za do meu Jo a quim não  
 13  
 quero a tu a ri que za só que ro'a po bre za do meu Jo a  
 16  
 quim vai de ro da ra pa ri gas  
 19  
 vai de ro da sem pa ra ar  
 21  
 can te mos nos sas can ti gas  
 23  
 ? ? ? ? ? ? ? ?

A chita da minha blusa  
 Já se não usa assim assim  
 A chita da minha blusa  
 Já se não usa assim assim


Não quero a minha riqueza  
 Só quero a pobreza do meu Joaquim  
 Não quero a minha riqueza  
 Só quero a pobreza do meu Joaquim

Vai de roda raparigas  
 Vai de roda sem parar  
 Cantemos nossas cantigas  
 (não se lembram do último verso)

A chita da minha blusa  
 Já se não usa da cor do grão  
 A chita da minha blusa  
 Já se não usa da cor do grão

Não quero a minha riqueza  
Só quero a pobreza do meu João  
Não quero a minha riqueza  
Só quero a pobreza do meu João

Vai de roda raparigas  
Vai de roda sem parar  
Cantemos nossas cantigas  
(não se lembram do último verso)

<b>Nome</b>	A chita da minha blusa.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Cantava-se esta canção durante as festas e os bailes de Domingo.
<b>Origem</b>	Soalheira. Recolhida por Fernando Gordo em Cedilho (Espanha) embora com texto diferente.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	Do 3, Do 4.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Sib M, transposta para Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O primeiro intervalo é de 5ª P. Depois há graus conjuntos, 3ª M e 4ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo baseia-se em -  - o que dá um balanço para dançar.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 8 sílabas ou 10 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor não correspondido. Refere a cor da chita da blusa, ou a forma como é usada. No entanto, na quadra seguinte refere-se a recusa de um pretendente rico pois há um comprometimento com o “Joaquim” que é pobre.

## Recolha nº 83

### A mim não me enganas tu

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

A mim não m'en ga nas tu a

mim não m'en ga nas tu a mim não m'en ga nas

tu a pa ne l'ao lu m'e'o a rroz está cru está

cru dei xa o co zer está cru dei xa o co

zer está cru dei xa o co zer di zem mal de

mim dei xai o di zer

A mim não me enganas tu  
A mim não me enganas tu  
A mim não me enganas tu  
A panela ao lume e o arroz está cru

Está cru deixai-o cozer  
Está cru deixai-o cozer  
Está cru deixai-o cozer  
Dizem mal de mim deixai-o dizer



## Recolha n.º 85

### Ai orvalhadas

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**


2 Ai or va lha das or va lha das

4 or va lhci ras ai vi v'o ran cho das mu lhres

6 sol tei ras ai or va lha das or va lha das

or va lha das ai vi v'o ran cho das mu lhres ca sa das \_

Ai orvalhadas orvalhadas orvalheiras  
Ai viva o rancho das moças solteiras  
Ai orvalhadas orvalhadas orvalhadas  
Ai viva o rancho das mulheres casadas

<b>Nome</b>	Ai orvalhadas.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se enquanto se saltavam as fogueiras de S. João.
<b>Origem</b>	Soalheira.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Re 3.
<b>Tonalidade</b>	Sol M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3ª m, 4ª P e 5ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo baseia-se em colcheias repetidas que terminam em semínimas -  ... Este ritmo convida a acompanhar com palmas, batendo o tempo.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 13 sílabas e 11 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema é o elogio das mulheres casadas e das mulheres solteiras que saltam as fogueiras ao desafio.

## Recolha n.º 88

### Já passei a roupa a ferro

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho



Moderato

3 Já pas sei a rou pa fer ro já pas  
6 sei o meu ves ti do a ma nhã vou - me ca  
9 sar c'o Ma nel é meu ma ri do to dos me  
12 que rem eu que ro al gum que r'o meu Ma nel não que ro mais ne  
15 nhum to dos me que rem eu que ro al guém que r'o meu Ma  
nel não que ro mais nin guém

Já passei a roupa a ferro  
Já passei o meu vestido  
Amanhã vou-me casar  
E o Manel é meu marido

Todos me querem  
Eu quero algum  
Quero o meu Manel  
Não quero mais nenhum

Todos me querem  
Eu quero alguém  
Quero o meu amor  
Não quero mais ninguém

<b>Nome</b>	Já passei a roupa a ferro.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção canta-se nas festas e momentos de convívio.
<b>Origem</b>	Esta canção é conhecida a nível nacional.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Sol M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos e intervalos de 4ª P, 5ª P, 6ª M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É uma compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de duas semicolcheias. A frase rítmica -  - alterna com outra frase rítmica - 
<b>Estrutura da Letra</b>	A primeira quadra tem versos de 7 e 8 versos. As outras duas quadras têm versos de 3 versos.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção á a alegria da noiva que passa a ferro pois vai-se casar no dia seguinte. Ainda por cima é cobiçada por mais pretendentes além do seu Manuel.



## Recolha n.º 90

### Loureiro

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho



Loureiro verde loureiro  
Loureiro assim assim  
Loureiro verde loureiro  
Loureiro assim assim

Enganaste uma donzela  
Casa com ela ò Joaquim  
Enganaste uma donzela  
Casa com ela ò Joaquim

Casar com ela não caso  
Ela a mim não me faz conta  
Casar com ela não caso  
Ela a mim não me faz conta


Loureiro verde loureiro  
Seco no meio verde na ponta  
Loureiro verde loureiro  
Seco no meio verde na ponta

Por mais que o loureiro cresça  
Ao céu não há-de chegar  
Por mais que o loureiro cresça  
Ao céu não há-de chegar

Por mais amores que eu tenha  
Ai a ti não quero deixar  
Por mais amores que eu tenha  
Ai a ti não quero deixar

Hei-de subir ao loureiro  
Hei-de descer pela rama  
Hei-de subir ao loureiro  
Hei-de descer pela rama

Só p'ra ver o travesseiro  
Ai que a menina tem na cama  
Só p'ra ver o travesseiro  
Ai que a menina tem na cama

<b>Nome</b>	Loureiro.
<b>Tipo</b>	Canção de lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se para dançar nos bailes.
<b>Origem</b>	Esta canção tem o mesmo nome e a letra idêntica a outra recolhida em Alpedrinha e Castelo Novo. No entanto a melodia, a harmonia e o ritmo são diferentes. Na Soalheira indicaram que esta canção se cantava para dançar e em momentos de lazer, nas outras localidades indicaram-nos que se cantavam enquanto desempenhavam trabalhos agrícolas.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	La b 2, La 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Fa #m – transposto para La m .
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um La B ou Sol# quando modula para Mi M.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 4ª P e 4ª D e 7ª D.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É uma compasso binário(2/2).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase rítmica -  - repete-se ao longo da canção.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de oito sílabas.
<b>Análise semântica</b>	<p>O tema desta canção é o amor. Há situações de amores ilícitos em que houve um “engano” originando uma gravidez que obrigará a um casamento. No entanto o casamento não se realizará porque o homem não ama a moça. Então o “loureiro é seco no meio e verde na ponta”</p> <p>Os outros temas da canção têm a ver com o significado da árvore virtuosa que é o loureiro e que, na mitologia grega, era a árvore do Deus Apolo.</p>

## Recolha n.º 94

### O Meu Pai


Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**

Meu pai ralha-me a valer  
Se eu vou à janela só para te ver  
Meu pai ralha-me a valer  
Se eu vou à janela só para te ver  
Salta o muro do quintal  
Vem falar-me ao roseiral

Meu pai ralha-me a valer  
Se eu vou à janela só para te ver  
Meu pai ralha-me a valer  
Se eu vou à janela só para te ver  
Salta o muro do quintal  
Vem falar-me ao roseiral

<b>Nome</b>	O meu pai.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	A senhora lembra-se que o pai cantava esta canção quando vinha do trabalho e se sentava à lareira com ela ao colo.
<b>Origem</b>	Soalheira.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	Mi 2, La 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Si b m – Transposto para La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Sol # quando modula para Mi M.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um salto de 4ª P. Depois há graus conjuntos, 3ª M, 6ª M e 9ª M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é rápido baseado em colcheias e semicolcheias - 
<b>Estrutura da Letra</b>	A estrofe tem 6 versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor furtivo. A moça não pode nem sequer ir à janela falar com o namorado. Ela pede-lhe para saltar o muro do quintal e encontrarem-se no roseiral.

## Recolha n.º 119

### Alecrim

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho


**Allegro**

A le crim a le crim aos  
 mo lhos por cau sa de ti cho ram  
 os meus o lhos ai meu a  
 mor quem te dis se'a ti que a  
 flor do monte e r'o a le  
 crim ai meu a mor quem te  
 dis se'a ti que a flor do  
 monte e r'o a le crim

Alecrim alecrim aos molhos  
 Por causa de ti choram os meus olhos  
 Ai meu amor quem te disse a ti  
 Que a flor do campo é o Alecrim

Alecrim alecrim dourado  
 Que nasce no campo sem ser semeado  
 Ai meu amor quem te disse a ti  
 Que a flor do campo é o alecrim

Alecrim tens a condição  
 De morrer queimado pelo S. João  
 Ai meu amor quem te disse a ti  
 Que a flor do campo é o Alecrim

<b>Nome</b>	Alecrim.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Cantava-se pelo S. João quando se saltavam as fogueiras.
<b>Origem</b>	Esta canção é muito conhecida a nível nacional.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	Do 3, Si 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Sib M, transposta para Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 3 <sup>a</sup> M, 3 <sup>a</sup> m, 6 <sup>a</sup> M
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4)
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é baseado em 
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 9 e 10 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Nesta canção o alecrim, que é uma planta silvestre, aparece personificado. Num verso o alecrim faz chorar os olhos do seu amor, noutro é posto em dúvida se o “alecrim” é a flor do campo. O amor chora mas não é por causa do alecrim.

## Recolha n.º 124

### Marcha do Souto da Casa

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Somos do Souto da

ca sa Sou to da Casa Cá do co ra ção da

bei ra coração da Beira O teu lin do

nome teu lin do nome ou ve se na ter r'in

teira na ter r'in teira Al to da Gar

du nha da Gar dunha al tar de Por tu

gal de Por tu gal vem a ju ven

tude com'alc gri a sem i

gual e sem i gual a deus Sou to da

2

Marcha do Souto da Casa

18  
Ca sa ó ter ra de be

20  
le za és o en

22  
can to da ter ra por tu

24  
gue sa A deus \_\_\_\_\_ Sou to da

26  
Ca sa al dei a sem i

28  
gual ter ra tão lin

30  
da Or gu lho de Por tu

32  
gal de Por tu gal



Somos do  
Souto da Casa  
Souto da Casa  
Cá do coração da Beira  
Coração da Beira  
O teu lindo nome  
Teu lindo nome  
Ouve-se na terra inteira  
Na terra inteira  
Alto da Gardunha  
Da Gardunha  
Altar de Portugal  
De Portugal  
Vem juventude  
Com alegria sem igual  
E sem igual

Adeus Souto da Casa  
Ó terra de beleza  
És o encanto  
Da terra portuguesa  
Adeus Souto da Casa  
Aldeia sem igual  
Terra tão linda  
Orgulho de Portugal  
De Portugal

Podes orgulhar-te  
E orgulhar-te  
Da beleza dos teus campos  
E dos teus campos  
Os teus arredores  
Teus arredores  
Estão cheios de encantos  
E de encantos  
Os que te visitam  
Te visitam  
Têm grande recordação  
És a linda aldeia


Predilecta da nação  
E da Nação

Adeus Souto da Casa  
Ó terra de beleza  
És o encanto  
Da terra portuguesa  
Adeus Souto da Casa  
Aldeia sem igual  
Terra tão linda  
Orgulho de Portugal  
De Portugal

Oferecemos flores  
Oferecemos flores  
Cantar com alegria  
Com alegria  
Eis o nosso lema  
O nosso lema  
Quer de noite quer de dia  
E quer de dia

Temos dentro do peito  
Dentro do peito  
O coração a pular  
E a pular  
Queremos com afecto  
A todos abraçar  
Abraçar

Adeus Souto da Casa  
Ó terra de beleza  
És o encanto  
Da terra portuguesa  
Adeus Souto da Casa  
Aldeia sem igual  
Terra tão linda  
Orgulho de Portugal  
De Portugal

<b>Nome</b>	Marcha do Souto da Casa.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	É cantada como despedida do rancho do palco.
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	Do 3, Do 4.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Si b M, transposta para Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 4ª P, 3ª m,
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima.
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia com um ponto de aumentação e semicolcheia. A frase -  - dá o ritmo para marchar.
<b>Estrutura da Letra</b>	As estrofes têm versos de 6,7e 8 versos.
<b>Análise semântica</b>	Esta canção faz o elogio ao Souto da Casa.

## Recolha nº 131

### Se fores ao monte

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Se fores ao mon te le\_\_\_\_\_ v'ò pu ca ri to be\_\_\_\_\_ b'á gua da

3 f'ón te p'ra\_\_\_\_\_ fí cares bo ni to\_\_\_\_\_ olh' as ra pa ri gas que lin das que

6 sã ão c las são ma ga nas da no ssa pai não\_\_\_\_\_ o lh'òs ra

9 pa zes tão de sem pe na dos são os guar da

11 do res dos no ssos pe cados

Se fores ao monte leva  
O pucarito bebe  
Água da fonte p'ra  
Ficares bonito

Olha as raparigas  
Que lindas que são  
Elas são maganas  
Da nossa paixão

Olha os rapazes  
Que desempenados  
São os guardadores  
Dos nossos pecados

Se fores ao monte  
A apanhar as pinhas  
Não vás sozinho  
Vai com as meninas

Olha as raparigas  
Que lindas que são  
Elas são maganas  
Da nossa paixão

Olha os rapazes  
Que desempenados  
São os guardadores  
Dos nossos pecados

Se fores ao monte  
Apanhar a lenha  
Não vás sozinho  
Espera que eu venha

Olha as raparigas  
Que lindas que são  
Elas são maganas  
Da nossa paixão



Olha os rapazes

Que desempenados  
São os guardadores  
Dos nossos pecados

Se fores ao monte  
Em dias de frio  
Leva o cestinho  
Que está vazio

Olhas as raparigas  
Que lindas que são  
Elas são maganas  
Da nossa paixão

Olha os rapazes  
Que desempenados  
São os guardadores  
Dos nossos pecados

<b>Nome</b>	Se fores ao monte.
<b>Tipo</b>	Canção de Lazer.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se quando se juntavam os rapazes e as raparigas para se divertirem.
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	La 2, La 4
<b>Tonalidade</b>	La M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Esta canção começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 3ª M, 4ª P e 3ª m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	<p>A canção começa com uma anacrusa de semicolcheia, colheia, semicolcheia.</p> <p>A primeira parte da canção baseia-se no ritmo – </p> <p>Na segunda parte da canção o ritmo é sincopado - </p>
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 5 e 7 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor. Quando se ia ao monte apanhar pinhas ou lenha aproveitava-se para namorar.



## 4.4- Canções de Janeiras

### 4.4.1- Análise das canções de Janeiras recolhidas

Recolhemos quatro canções de Janeiras. Todas servem a tradição de cantar as Janeiras, durante o mês de Janeiro, à porta das pessoas que tinham mais posses e que podiam dar comida ou dinheiro ao grupo que cantava. Esta tradição ainda se mantém viva, embora já com menos adeptos que noutros tempos.

A recolha número vinte e um, Janeiras de Alpedrinha, é uma canção de autor conhecido. O Padre Parente que esteve em Alpedrinha fez esta letra e esta música. O ritmo de marcha que esta canção tem, aliada à tonalidade Maior dá-lhe uma alegria festiva que a canção mais antiga não tem. No entanto, como esta composição foi feita há mais de vinte anos e continua a ser cantada, pareceu-nos interessante transcrevê-la.

As recolhas números quarenta e cinco, Janeiras de Castelo Novo, e setenta, Janeiras do Lourical do Campo, têm a melodia e o ritmo muito parecidos. As diferenças são a nível do texto, mantendo no entanto semelhanças a nível semântico. Serão estas as canções mais antigas uma vez que, ao contrário da recolha número vinte e um, os informantes não me souberam indicar a origem desta canção dizendo que a cantavam desde sempre.

A recolha número cento e sete, Janeiras do Casal da Serra, é uma canção com uma melodia diferente das outras e a tonalidade é Maior. O ritmo da primeira parte da canção é semelhante aos das recolhas números quarenta e cinco e setenta. Os informantes não nos souberam indicar quem a terá composto, informando-nos que a cantavam desde sempre.



## 4.4.2- Repertório

### Recolha nº 21

#### Janeiras

Padre Parente Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

Dai as Ja nei ras com a le gri a as bo as

3 fes tas vos vi mos da ar dai as Ja nei ras com a le

6 gri a que Deus vos há de por bem pa gar

9 um di a mui to fe liz vos tra ga vos so se nhor

13 qu'e le nas ç'em vo ssas ca sas chei o de paz e d'a mor

17 um a no mui to fe liz vos tra ga nos so se nho or\_\_\_\_\_

21 qu'e le en tr'em vos sas ca sas\_\_\_\_\_ chei o de paz e a mor



Dai as janeiras com alegria  
As boas festas vos vimos dar  
Dai as janeiras com alegria  
Que Deus vos há-de por bem pagar

Um dia muito feliz  
Vos traga nosso senhor  
Que ele nasça em vossas casas  
Cheio de paz e de amor

Um ano muito feliz  
Vos traga nosso senhor  
Que ele entre em vossas casas  
Cheio de paz e amor

Rindo e cantando com alegria  
As boas festas vos vimos dar  
Dai as janeiras com alegria  
Que Deus vos há-de por bem paga



<b>Nome</b>	Janeiras.
<b>Tipo</b>	Canção de Janeiras.
<b>Contexto</b>	Durante o mês de Janeiro grupos de pessoas, à noite, iam cantar esta canção de porta em porta. Os donos da casa davam geralmente enchido, bolos ou dinheiro.
<b>Origem</b>	Padre Parente.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Re 3, Mi 4.
<b>Tonalidade</b>	Recolhido em Mi M transposto para Re M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 3 <sup>a</sup> M seguido de outro de 4 <sup>a</sup> P, harpejando o acorde de Re M. Ao longo da canção acontece este harpejo em La M 7. No final há um intervalo de 8 <sup>a</sup> P.
<b>Compasso</b>	Este cântico tem dois compassos diferentes. Um em que a unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a semibreve, é um compasso quaternário (4/4); e outro em que a unidade de tempo é a colcheia e a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento, um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	No compasso 4 por 4, o ritmo baseia-se em -  No compasso de 6 por 8, o ritmo baseia-se em- 
<b>Estrutura da Letra</b>	Esta canção tem quadras de 9 sílabas e quadras de 7 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Nesta canção pede-se que o dono da casa dê as Janeiras, e em troca dessa dádiva haverá a graça divina.

## Recolha n.º 107

### Janeiras

Casal da Serra


Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

In d'a go r'a qui che guei i pus o  
3 pé nu ma es ca da lo g'o meu co ra ção  
6 di sse a qui mo ra gen t'hon ra da lo g'o  
9 meu co ra ção di ssc a qui  
11 mo ra gen t'hon ta da

Ainda agora aqui cheguei  
Pus o pé numa escada  
Logo o meu coração disse  
Aqui mora gente honrada  
Logo o meu coração disse  
Aqui mora gente honrada

De quem é aquele chapéu  
Que além está dependurado  
É do senhor desta casa  
Que é um homem muito honrado  
É do senhor desta casa  
Que é um homem muito honrado

<b>Nome</b>	Janeiras.
<b>Tipo</b>	Canção de Janeiras.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se em grupos que percorriam a aldeia de porta em porta durante o mês de Janeiro. As quadras elogiavam as pessoas que viviam na casa onde se parava para cantar, e pedia-se que as pessoas dessem qualquer coisa para o grupo que cantava as Janeiras. Geralmente comida, bebida ou dinheiro.
<b>Origem</b>	Casal da Serra. O texto desta canção é parecido com outras canções recolhidas, a função da canção era a mesma, no entanto a melodia é diferente e a tonalidade é maior.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	La 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Re M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 4ª P, depois há graus conjuntos, notas repetidas e intervalos de 3ªM, 3ª m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa duas colcheias. O ritmo é baseado em - 
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 7 e 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O texto enaltece a honra da pessoa que mora na casa, sensibilizando-o para o donativo. A imagem do “chapéu dependurado” faz também parte do famoso romance “Ó Laurinda linda linda”.

## Recolha nº 45

### Janeiras

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato



Sua o fer ta ge ne ro sa \_\_\_\_\_ foi um  
 3 pou co do qu'ê se eu \_\_\_\_\_ me re ce uma lin da  
 6 ro sa \_\_\_\_\_ c um can ti nho no cé u \_\_\_\_\_ me re  
 9 ce uma lin da ro sa \_\_\_\_\_ e um can ti nho no  
 12 cé u dei ta dos nas pa lhas co ber tos de véus e  
 15 acom pa nha di nhos p'los an jos dos céus ó an jos do cé u que tão bem can  
 18 tais can tai ao me ni no ben di to se jais \_\_\_\_\_ ó an jos do cé u que tão bem can  
 21 tais can tai ao me ni no ben di to se jais \_\_\_\_\_

Sua oferta generosa  
 Foi um pouco do que é seu  
 Merece uma linda rosa  
 E um cantinho no céu

Deitado nas palhas  
 Coberto de véus  
 E acompanhadinho  
 P'los anjos do céu

Ó anjos do céu que tão bem cantais  
 Cantai ao menino se jais  
 Neste mês de Janeiro  
 Com o seu belo luar  
 Vá ao saco do seu dinheiro  
 Tire algum para nos da

Não nos quer abrir a porta  
 Lá terá suas razões  
 Não faz mal não importa  
 Fique lá com os seus tostões

<b>Nome</b>	Janeiras.
<b>Tipo</b>	Canção de Janeiras.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se em grupos que percorriam a aldeia de porta em porta durante o mês de Janeiro. As quadras elogiavam as pessoas que viviam na casa onde se parava para cantar, e pedia-se que as pessoas dessem qualquer coisa para o grupo que cantava as Janeiras. Geralmente comida, bebida ou dinheiro. Se as pessoas dessem agradecia-se cantando, se não davam nada as quadras eram ofensivas e maldizentes.
<b>Origem</b>	Castelo Novo. Recolhemos também no Lourçal do Campo uma canção parecida.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Mi 3, Mi 4.
<b>Tonalidade</b>	La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Esta canção começa com notas repetidas, depois há intervalos de 4ª P, 3ª m, 3ª M e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a semínima com um ponto. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de duas colcheias. O ritmo é lento na primeira parte da canção -   A segunda parte, no refrão, é mais agitada -   sugerindo o ostinato que faz o adufe, instrumento popular desta região.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de oito sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o elogio da generosidade e da bondade das pessoas. Se essas virtudes não se verificam então o tema muda e é a avareza e a maldade que são criticadas.

## Recolha n.º 70

### Janeiras

Louriçal do Campo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

3 Ain d'a go r'a qui che guc ci já pus  
6 o pé na es ca da lo g'o meu co ra ção  
di sse a qui mo ra gen t'hon ra da lo g'o  
9 meu co ra ção di sse a qui mo ra gen t'hon

Adagio

12 ra da na que la rel vi nha qu'o ven to ge lou a  
15 vir gem Ma ri a tempo a por  
16 e la pa ssou de ve ras à nas  
18 cen ça que já deu à luz já nas

Janeiras Louriçal do Campo

2

21  
ceu em Be lém o me ni no Je  
24  
sus de ve ras à nas cen ça que  
27  
já é nas cido já nas ceu em Be  
30  
lém o me ni no tão querido

Ainda agora aqui cheguei  
Já pus o pé na escada  
Logo o meu coração disse  
Aqui mora gente honrada  
Logo o meu coração disse  
Aqui mora gente honrada

Aquela relvinha que o vento gelou  
A virgem Maria por ela passou  
Deveras à nascença que já deu à luz  
Já nasceu em Belém o menino Jesus  
Deveras à nascença que já deu à luz  
Já nasceu em Belém o menino Jesus

Levante-se senhor João  
Desse banquinho de prata  
Venha-nos dar as Janeiras  
Que está um frio que mata  
Venha-nos dar as Janeiras

Que está um frio que mata

Deveras à nascença que já deu à luz  
Já nasceu em Belém o menino Jesus  
Deveras à nascença que já é nascido  
Já nasceu em Belém o menino querido  
Levante-se minha senhora  
Desse banco de cortiça

Venha-nos dar as Janeiras  
Ou morcela ou chouriça  
Venha-nos dar as Janeiras  
Ou morcela ou chouriça

Deveras à nascença que já deu à luz  
Já nasceu em Belém o menino Jesus  
Deveras à nascença que já é nascido  
Já nasceu em Belém o menino querido

<b>Nome</b>	Janeiras
<b>Tipo</b>	Canção de Janeiras
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se em grupos que percorriam a aldeia de porta em porta durante o mês de Janeiro. As quadras elogiavam as pessoas que viviam na casa onde se parava para cantar, e pedia-se que as pessoas dessem qualquer coisa para o grupo que cantava as Janeiras. Geralmente comida, bebida ou dinheiro. Se as pessoas dessem agradecia-se cantando, se não davam nada as quadras eram ofensivas e maldizentes, como o exemplo seguinte: Talinc'o martelo E torna a talincar O barbas de farelo Não tem nada p'ra nos dar.
<b>Origem</b>	Louriçal do Campo. Recolhemos uma canção muito parecida em Castelo Novo chamada também Janeiras.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Nunes de 78 anos de idade e Maria José Manuel de 79 anos do Louriçal do Campo.
<b>Âmbito</b>	Mi 2, Mi 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Do m, transposta para La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 4 <sup>a</sup> P. Depois há notas repetidas, intervalos de 3 <sup>a</sup> M, 3 <sup>a</sup> m e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	Na primeira parte a unidade de tempo é a colcheia e a unidade de compasso é a mínima com um ponto, é um compasso binário de subdivisão ternária. Na última parte a unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima, é um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de duas colcheias. A primeira parte é baseada no ritmo - ♪♪ - a segunda parte mais lenta é baseada no ritmo - ♪.♪♪ - a última parte, que volta ao andamento inicial, embora mude para (2/4), é baseada no ritmo - ♪♪
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 7, 8, 11 e 12 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	É uma canção que tem o tema do Natal, do nascimento do menino Jesus e da pureza da Virgem Maria. Como a função da canção é fazer um peditório, elogia-se o morador da casa para o sensibilizar ao donativo.





## 4.5- Canções de Natal

### 4.5.1- Análise das canções de Natal recolhidas

Recolhemos sete canções de Natal.

A recolha número cinquenta, Natal espanhol de Castelo Novo, é uma canção que tem uma letra original. O significante das palavras pretende imitar o idioma espanhol, no entanto o significado é inexistente nessa língua. O termo “chicharrone” não existe em espanhol, no entanto e no nosso entender, pretende significar “chicharro” que é um peixe, espécie carapau, grande. A nível semântico significa o sexo do menino. Esconde-se assim, ironicamente, a palavra que não se pode dizer inventando um termo em espanhol.

A recolha número cinquenta e um, Natal Natal de Castelo Novo, é um dito popular utilizado em toda a região da Beira. A melodia não é parecida com nenhuma das canções recolhidas. Esta canção não se cantava dentro da igreja devido ao conteúdo do texto. No entanto é uma canção de Natal que reflecte a parte da festa pagã. É uma altura do ano em que se come e bebe mais do que o costume. No nosso entender a música foi adaptada posteriormente a este provérbio.

As recolhas números cinco, Ó meu menino Jesus de Alcongosta, vinte e oito, Ó meu menino Jesus de Alpedrinha, cinquenta e dois, Ó meu menino Jesus de Castelo Novo, noventa e três, Ó meu menino Jesus da Soalheira, e cento e nove, Ó meu menino Jesus do Casal da Serra, têm o mesmo nome. De facto trata-se da mesma canção embora haja diferenças de povoação para povoação. A nível do texto há diferenças em algumas estrofes, a nível semântico têm todas o mesmo sentido. Transcrevemo-las todas porque há diferenças a nível da melodia e do ritmo que nos pareceram interessantes. Estas diferenças prendem-se com a interpretação dos informantes. No

entanto a recolha número noventa e três é bastante interessante, pois é a mesma canção mas a primeira frase é em modo Maior. Na entrevista que realizámos na Soalheira, aquando da recolha desta canção, disseram-nos que ninguém cantava desta maneira nas redondezas. A alteração cromática que faz a diferença entre os dois modos dá um carácter diferente à canção e que é notado e preservado pelos habitantes.

## 4.5.2- Repertório

### Recolha nº 5

# Ó meu menino Jesus

Alcongosta

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Ó meu me ni no Je su u se ó

meu me ni no tão lin do lo go vi es te nas

ce er na noi te de tan to frio na

noi te de tan to fri i o na noi te do ca ra

me lo ó meu me ni no Je su u se ó

meu me ni no tão be lo

Ó meu menino Jesus  
Ó meu menino tão lindo  
Logo quisestes nascer  
Na noite de tanto frio

Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria  
Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria

Na noite de tanto frio  
Na noite do caramelo  
Ó meu menino Jesus  
Ó meu menino tão belo

Filho da virgem Maria  
Convosco é que eu estou bem  
Filho da virgem Maria  
Convosco é que eu estou bem

Alegre-se o céu e a terra  
Cantemos com alegria  
Alegre-se o céu e a terra  
Cantemos com alegria

Nada deste mundo quero  
Nada me parece bem  
Nada deste mundo quero  
Nada me parece bem

São José e Maria  
A caminho de Belém  
São José e Maria  
A caminho de Belém

Numa noite escura e fria  
Nossa Senhora foi mãe  
Numa noite escura e fria  
Nossa Senhora foi mãe

Entraí pastores entraí  
Por esses portais adentro  
Entraí pastores entraí  
Por esses portais adentro

Vinde a adorar o menino  
No seu santo nascimento  
Vinde a adorar o menino  
No seu santo nascimento

Entraí pastores entraí  
Por esses portais sagrados  
Entraí pastores entraí  
Por esses portais sagrados


Vinde a adorar Deus menino  
Numas palhinhas deitado  
Vinde a adorar Deus menino  
Numas palhinhas deitado

Alegre-se o céu e a terra  
Cantemos com alegria  
Alegre-se o céu e a terra  
Cantemos com alegria

Que já nasceu Deus menino  
Filho da virgem Maria  
Que já nasceu Deus menino  
Filho da virgem Maria

Nossa Senhora lavava  
São José estendia  
Nossa Senhora lavava  
São José estendia

O menino está chorando  
Com tanto frio que tinha  
O menino está chorando  
Com tanto frio que tinha

<b>Nome</b>	Ó meu menino Jesus.
<b>Tipo</b>	Canção de Natal.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se durante a missa do galo, na noite de dia 24 de Dezembro.
<b>Origem</b>	Este cântico é cantado por toda a região.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Gertrudes Nunes de 76 anos de idade e Sr <sup>a</sup> Delfina dos Santos de 87 anos, em Alcongosta.
<b>Âmbito</b>	La 2, La# 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Mi b m, transposta para Re m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Do # quando modula para Lá M. O La # é uma alteração de expressão, não havendo modulação harmónica.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3 <sup>a</sup> m, 3 <sup>a</sup> M e 4 <sup>a</sup> P.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo baseia-se em - 
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de oito sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico é de alegria por ter nascido o Menino Jesus. É um cântico natalício. Normalmente na época do Natal está muito frio e as poças de água na terra ficam geladas, aquela cor dá a impressão de ser caramelo. Por isso é a noite do caramelo.

## Recolha n.º 28

### Ó meu menino Jesus

Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

Ó meu — me ni no Je su — us ó

meu me ni no tão be — lo ó meu me ni no Je

su — us ó meu me ni no tão be — lo lo

go vi es te nas ce — er na noi te do ca ra

melo — lo go vi es te nas ce — er na


noi te do ca ra melo

Ó meu menino Jesus  
Ó meu menino tão belo  
Ó meu menino Jesus  
Ó meu menino tão belo

Logo vieste nascer  
Na noite do caramelo  
Logo vieste nascer  
Na noite do caramelo

Alegrem-se os céus e a terra  
Cantemos com alegria  
Alegrem-se os céus e a terra  
Cantemos com alegria

Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria  
Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria

<b>Nome</b>	Ó meu menino Jesus.
<b>Tipo</b>	Canção de Natal.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se durante a missa do galo no dia 24 de Dezembro.
<b>Origem</b>	Este cântico é cantado em toda a região.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Mi 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Há um Sol # quando se modula para Mi M.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 3 <sup>a</sup> m, 3 <sup>a</sup> M, 4 <sup>a</sup> P, 5 <sup>a</sup> P e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo baseia-se em - 
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico é de alegria por ter nascido o Menino Jesus. É um cântico natalício. Normalmente na época do Natal está muito frio e as poças de água na terra ficam geladas, aquela cor dá a impressão de ser caramelo. Por isso é a noite do caramelo.



Recolha n.º 109

# Ó meu menino Jesus

Casal da Serra

Recolha de Miguel Carvalhinho

3 A le grem s'os céus e a terra can

6 te mos com a le gri i a a le grem s'os céus e a

9 te e rra can te mos com a le gri i a que


12 já nasceu o meni i no fi lho da vir gem Ma

15 lho da vir gem Ma ria

Alegrem-se os céus e a terra  
Cantemos com alegria  
Alegrem-se os céus e a terra  
Cantemos com alegria  
Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria  
Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria

Entrai pastores entrai  
Por esse portal adentro  
Entrai pastores entrai  
Por esse portal adentro  
Vinde adorar o menino  
No seu santo nascimento  
Vinde adorar o menino  
No seu santo nascimento

Alegrem-se os céus e a terra  
Cantemos com alegria  
Alegrem-se os céus e a terra  
Cantemos com alegria  
Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria  
Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria

<b>Nome</b>	Ó meu menino Jesus.
<b>Tipo</b>	Canção de Natal.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se durante a missa do galo no dia 24 de Dezembro.
<b>Origem</b>	Este cântico é cantado em todas as povoações estudadas. Há, no entanto, sempre diferenças a nível melódico.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	Mi 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhido em Si m, transposto para La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3ª m, 3ª M e 4ª P.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento, é um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo baseia-se em -  O andamento é moderado.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de oito sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico é de alegria por ter nascido o Menino Jesus. É um cântico natalício.

## Recolha n.º 50

### Natal Espanhol

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Às por ta lhas de Be lém es tá um ni ño sem cal zo ne às por  
ta lhas de Be lém es tá um ni ño sem cal zo ne por de trás e pe la fren te se lhe  
vê o chi cha rro ne por de trás e pe la fren te se lhe vê o chi cha rro ne  
a rre bu rri qui to a rre a rre a rre va mos p'ra Be lém que já se  
es tá a fazer tar de a rre bu rri qui to a rre a rre a rre  
va mos p'ra Be lém que já se es tá a fazer tar de

Às portalhas de Belém  
Está un niño sem calzone  
Por detrás e por diante  
Se lhe vê o chicharrone

Arre burriquito  
Arre arre arre  
Arre burriquito  
Que se está a fazer tarde



## Recolha n.º 51

### Natal Natal

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Moderato**

Na tal Na tal Na

tal Na tal fi lhós com

vinho não fa zem mal

Natal Natal Natal Natal  
Filhós com vinho não fazem mal

<b>Nome</b>	Natal Natal.
<b>Tipo</b>	Canção de Natal.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se na altura do Natal fora da igreja.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar esta canção desde sempre em Castelo Novo. Esta canção é cantada por toda a região.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Fá 3, Dó 4.
<b>Tonalidade</b>	Fá M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O primeiro intervalo é 3ª m descendente, o segundo é 3ª M também dêscendente arpejando o acorde de Fá M, depois há graus conjuntos e um intervalo de 5ª P.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a semínima com um ponto. É um compasso ternário (3/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	Há uma anacrusa de 1 colcheia (♩). A frase rítmica - ♩ ♩ ♩ - é repetida.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos são de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este texto é como um adágio popular que foi musicado. Os elementos são o Natal, as filhós, que são fritos típicos desta quadra, e o vinho. Como no Natal se come e bebe mais do que o habitual este adágio avisa que se pode beber e comer.

## Recolha n.º 52

### Ó meu menino Jesus

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho


Moderato

En traí pas to res en tra a ai por  
c sse por tal sa gra a do en traí pas to res en  
tra a ai por c sse por tal sa gra a do vin  
de'a do rar o me ni i no nu mas pa lhi nhas dei  
tado vin de'a do rar o me ni i  
no nu mas pa lhi nhas dei tado

Entraí pastores entraí  
Por esse portal sagrado  
Vinde a adorar o menino  
Numas palhinhas deitado

Ó meu menino Jesus  
Ó meu menino tão belo  
Logo viestes nascer  
Na noite do caramelo

Alegrem-se os céus e a terra  
Cantemos com alegria  
Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria

<b>Nome</b>	Ó meu menino Jesus.
<b>Tipo</b>	Canção de Natal.
<b>Contexto</b>	Esta canção canta-se na noite de Natal na missa do galo, que é a missa da consoada. No final quando se vai beijar o menino Jesus canta-se esta canção.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar esta canção desde sempre em Castelo Novo. No entanto esta canção faz parte do repertório que é cantado em toda a região nesta quadra.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	La 2, Si 3.
<b>Tonalidade</b>	Ré m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	No segundo e no quarto compasso há um Dó # pois modula para Lá 7.
<b>Intervalos</b>	O primeiro intervalo é 5ª P, depois há graus conjuntos, 3ª M, 3ª m, 4ª P, 8ª P.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a semínima com um ponto. É um compasso ternário (3/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	Há uma anacrusa de uma colcheia. A frase rítmica -  - é repetida.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o Natal e é um elogio ao menino Jesus.



## Recolha n.º 93

### Ó meu menino Jesus

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Ó meu me ni no Je su u us ó  
 meu me ni no tão be e lo Ó meu me ni no Je  
 su u us ó meu me ni no tão be e lo só  
 vós vi es tes nas ce e er na  
 noi te do ca ra me lo só  
 vós vi es tes nas ce e er na  
 noi te do ca ra me lo

Alegrem-se os céus e a terra  
 Cantemos com alegria  
 Alegrem-se os céus e a terra  
 Cantemos com alegria

Que já nasceu o menino  
 Filho da virgem Maria  
 Que já nasceu o menino  
 Filho da virgem Maria

Em Belém à meia-noite  
 Meia-noite de Natal  
 Em Belém à meia-noite  
 Meia-noite de Natal

Nasceu Jesus no presépio  
 Maravilha sem igual  
 Nasceu Jesus no presépio  
 Maravilha sem igual

Ó meu menino Jesus  
 Meu tão lindo amor perfeito  
 Ó meu menino Jesus  
 Meu tão lindo amor perfeito

Se vós tendes frio frio  
 Vinde lá para o meu peito  
 Se vós tendes frio frio


Vinde lá para o meu peito

Ó meu menino Jesus  
Delícia do coração  
Ó meu menino Jesus  
Delícia do coração

Só por vós se pode estar  
Toda à noite em oração  
Só por vós se pode estar  
Toda à noite em oração

Alegrem-se os céus e a terra  
Cantemos com alegria  
Alegrem-se os céus e a terra  
Cantemos com alegria

Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria  
Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria

<b>Nome</b>	Ó meu menino Jesus.
<b>Tipo</b>	Canção de Natal.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se na missa do galo.
<b>Origem</b>	Esta canção canta-se em todas as povoações estudadas. Há, no entanto, uma diferença nesta recolha. O Fa # na primeira dá uma ambiguidade na tonalidade. Nas outras recolhas é sempre Fa $\flat$ ou seja tonalidade menor.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	La 2, Si b 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Do M – transposta para Re M
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Esta canção inicia-se em modo maior, mas a segunda parte modula para menor. Assim aparece o Fa, que antes era sustenido, bequadro. As alterações Si b e Mi b não têm a ver com modulação mas sim com expressão melódica.
<b>Intervalos</b>	Esta canção começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 5ª P, 3ª m, 3ª M, 8ª P (quando repete a frase).
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia e a unidade de compasso é a mínima com um ponto. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase -  - repete-se durante a canção.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é a alegria pelo nascimento de Jesus Cristo.



## 4.6- Cânticos Religiosos

### 4.6.1- Análise dos Cânticos Religiosos recolhidos

Recolhemos cinquenta e dois Cânticos Religiosos nas povoações estudadas. Os contextos em que estes cânticos são cantados são diversos.

As recolhas número trinta e nove, Bendito e Louvado de Castelo Novo, e quarenta e sete, Mãe dolorosa de Castelo Novo, são exemplos de cânticos que eram cantados durante todo o ano na missa.

As recolhas números cento e catorze, S. António do Casal da Serra, nove, S. João de Alcongosta, e setenta e nove, S. António de S. Vicente da Beira, são exemplos de cânticos que se cantavam em honra dos santos populares, nomeadamente São João e Santo António.

As recolhas números oitenta, Senhora d'Orada de São Vicente da Beira, sessenta e um, Senhora da Serra de Castelo Novo e noventa e oito, Senhora das Necessidades da Soalheira são exemplos de cânticos em louvor de Santas que se festejam nas povoações. Estes festejos realizam-se a seguir à Páscoa e é curioso notar as similitudes com o cântico Aleluia; recolhas número trinta e sete, Aleluia de Castelo Novo, cento e cinco, Aleluia do Casal da Serra, ou setenta e cinco, Aleluia de S. Vicente da Beira; que é o cântico mais importante da Páscoa celebrando a ressurreição de Jesus.

Recolhemos vinte e um cânticos da altura da Páscoa. Durante a Semana Santa faz-se a encomendação das almas cantando vários cânticos, aqui recolhidos, que culmina na Páscoa cantando a Aleluia. Estes cânticos estão bem presentes na memória dos informantes de todas as povoações estudadas. Nalgumas povoações como o Souto da Casa ou Soalheira ainda se continuam

a fazer. Nas outras povoações já raramente se fazem. No entanto a recordação destes cânticos está muito viva. Pelos testemunhos que recolhemos os cânticos da semana santa eram impressionantes. Durante a noite, sem iluminação pública, sem barulho de televisão ou rádios, as pessoas a dormir, ouvir um grupo de homens e mulheres cantando as Almas, os Martírios ou a Ladainha era arrepiante. As recolhas números dezasseis, Almas de Alpedrinha, oitenta e seis, Almas da Soalheira, cento e vinte, Alvichas do Souto da Casa, setenta e cinco, Aleluia de S. Vicente da Beira ou oitenta e nove, Ladaínha da Soalheira são exemplos de cânticos da Semana Santa e da Páscoa.

A recolha número cento e trinta e oito é um Cântico Religioso, a Senhora da Póvoa de Alcongosta. As senhoras referiram que se cantava durante os trabalhos agrícolas, nomeadamente na monda do trigo.

## 4.6.2- Repertório

### Recolha nº 6

# Ó pão do céu

Alcongosta

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

Ó pão do cé é u a quem em sus ten ta i is

a ho o mens in gra a tos ben en di to se jai a is

(Uma pessoa cantava)

Ó pão do céu  
A quem sustentais  
A homens ingratos  
Bendito seiais

(O povo respondia)

Bendito seiais  
Mil vezes ainda mais  
No céu e na terra  
Bendito seiais

<b>Nome</b>	Ó pão do céu.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Cantava-se durante a Quaresma antes da Páscoa.
<b>Origem</b>	Alcongosta.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Gertrudes Nunes de 76 anos de idade e Sr <sup>a</sup> Delfina dos Santos de 87 anos, em Alcongosta.
<b>Âmbito</b>	Do 3, Sol # 3.
<b>Tonalidade</b>	Lá M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com um intervalo de 3 <sup>a</sup> m. Depois há graus conjuntos e 3 <sup>a</sup> M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é muito variado pois há muitas ornamentações.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 5 e de 6 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico bendiz o pão do céu.

## Recolha n.º 9

### S. João

Alcongosta


Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

João o ó meu lindo São João  
ai ó meu belo marinheiro  
levei-me na vossa barca  
ai para o rio de Janeiro

João ai ó meu lindo São João  
Ai ó meu belo marinheiro  
nheiro levei-me na vossa barca  
Ai para o rio de Janeiro



<b>Nome</b>	S. João.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se durante os festejos em louvor de S. João.
<b>Origem</b>	Alcongosta.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Gertrudes Nunes de 76 anos de idade e Sr <sup>a</sup> Delfina dos Santos de 87 anos, em Alcongosta.
<b>Âmbito</b>	Mi 3, La 3.
<b>Tonalidade</b>	La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Sol # quando modula para Mi M.
<b>Intervalos</b>	Este cântico começa com um intervalo de 4 <sup>a</sup> P. Depois há notas repetidas, graus conjuntos e 3 <sup>a</sup> M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima com um ponto. É um compasso ternário.
<b>Estrutura rítmica</b>	O cântico começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo é sincopado, embora o andamento seja lento, caindo no tempo quando acaba a frase - 
<b>Estrutura da Letra</b>	A quadra tem versos de 9 e 10 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Esta quadra é uma prece a S. João, que é chamado de belo marinheiro, no sentido de ir com ele para o Rio de Janeiro.

## Recolha n.º 10

### Salvai a minh'alma

Alcongosta

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

4 No me de Ma ria que tão do ce é

7 sal vai a minh' al ma qu'e la vo ssa é

10 c la vo ssa é sem pr'o há de ser

13 sal vai a minh' al ma quan do eu mo rrer

16 quan do eu mo rrer quan do a ca bar

19 sal vai a minh' al ma pa r'um bom lu gar

22 pa r'um bom lu gar pa r'ó pa ra iso

25 sal vai a minh' al ma di a de ju ízo

28 di a de ju ízo nu ma bo a hora

sal vai a minh' al ma pr'ó rei no d'a gora

Nome de Maria  
Que tão doce é  
Salvai a minha alma  
Que ela vossa é

Ela vossa é  
Sempre o há-de ser  
Salvai a minha alma  
Quando eu morrer

Quando eu morrer  
Quando acabar  
Salvai a minha alma  
Para um bom lugar

Para um bom lugar  
Para o paraíso  
Salvai a minha alma  
Dia de juízo

Dia de juízo  
Numa boa hora  
Salvai a minha alma  
P'ro reino de agora

<b>Nome</b>	Salvai a minh'alma.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se depois do Natal, no 3º Domingo a seguir ao Natal.
<b>Origem</b>	Alcongosta.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Gertrudes Nunes de 76 anos de idade e Sr <sup>a</sup> Delfina dos Santos de 87 anos, em Alcongosta.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Re m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Do # quando modula para La M.
<b>Intervalos</b>	Este cântico começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 4ª P, 3ª m e 3ª M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é baseado em colcheias e semínimas, no meio da frase há uma tercina.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 5 e 6 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico é uma oração a Santa Maria para que “a minha alma” seja salva no paraíso.

## Recolha n.º 11

### Senhora da Anunciação

Alcongosta

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Moderato**

Se nho ra d'A nun cia çã ã o

que lá estais na ta a bu i nha

o que tão pe que c no tro o no

pa ra tão al ta ra i nha

Senhora da Anunciação  
Que lá estais na tabuinha  
Ó que tão pequeno trono  
Para tão alta rainha

Senhora da Anunciação  
Ela lá em cima vem  
Com o seu menino ao colo  
Seu cabelo ao desdém

Senhora da Anunciação  
Estais virada para a rua  
Estais a ver se vês entrar  
Alguma devota sua

Senhora da Anunciação  
Minha mãe minha madrinha  
Dai-me da vossa riqueza  
Que eu sou muito pobrezinha

Senhora da Anunciação  
Minha roseirinha branca  
Quando nascestes ao mundo  
Logo foi para ser santa


Senhora da Anunciação  
Olhai para mim olhai  
Sou filha de uma viúva  
Tenho mãe e não tenho pai

Senhora da Anunciação  
A vossa capela cheira  
Cheira a cravos cheira a rosas  
Cheira à flor da laranjeira

Senhora da Anunciação  
Como estais tão encarnada  
Estais virada para o povo  
Foste agora restaurada

Alcongosta pequenina  
Duas coisas lhe dão graça  
É o relógio na torre  
E a amoreirinha na praça

Ó meu São João Batista  
Ó meu Batista três vezes  
Já cortaram a amoreira  
Que era o regalo dos malteses

<b>Nome</b>	Senhora da Anunciação.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico era cantado aquando dos festejos da senhora da Anunciação.
<b>Origem</b>	Alcongosta.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Gertrudes Nunes de 76 anos de idade e Sr <sup>a</sup> Delfina dos Santos de 87 anos, em Alcongosta.
<b>Âmbito</b>	Mi 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	La M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Re# no segundo compasso mas não há modulação harmónica.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 3 <sup>a</sup> M e 3 <sup>a</sup> m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase -  - é repetida ao longo do cântico.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de oito sílabas.
<b>Análise semântica</b>	É um cântico de louvor à Senhora da Anunciação.

## Recolha nº12

### Nossa Senhora da Póvoa

Alcongosta

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

No ssa Sc nho ra da Pó voa

o vo sso pa no tem ren da


tem ren da bem po di as

vós Sc nho ra dar-me - gen

te com quem m'en ten da

Nossa Senhora da Póvoa  
E o vosso manto tem renda  
Tem renda bem podias vós senhora  
Dar-me gente com quem me entenda

Nossa Senhora da Póvoa  
Vinde abaixo à ladeira  
Ladeira vinde a ver nascer o sol  
Debaixo de uma salgueira

<b>Nome</b>	Senhora da Póvoa.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se no tempo da monda do trigo, em Março que é o mês que anda o passarinho mais rente ao chão.
<b>Origem</b>	Alcongosta.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Gertrudes Nunes de 76 anos de idade e Sr <sup>a</sup> Delfina dos Santos de 87 anos, em Alcongosta.
<b>Âmbito</b>	Re 3, La 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Mi b M. Transposta para Re M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos e intervalos de 4 <sup>a</sup> P, 3 <sup>a</sup> M e 3 <sup>a</sup> m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase rítmica -  - repete-se ao longo do cântico.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico á senhora da Póvoa é uma prece para que a santa dê um bom companheiro de vida.

## Recolha nº 14

### Martírios

Alcongosta

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

De mons trai vos Je sus Cri is to

é de se gun un do Ma teus

di gam to dos os em voz a al

ta em voz al ta a mo rreu

Deus di gam to dos os em voz

a al ta em voz al

ta a mo rreu Deus Ben di to'e

lou va do se c ja a pai xão

do o rc den tor pa ra nos



Martirios

2

28

li i vtar das cu u ul pas

31

mo rreu por no o sso a mor

Demonstrai-nos Jesus Cristo  
É de segundo Mateus  
Digam todos em voz alta  
Em voz alta morreu Deus

O vosso divino nome  
É Jesus de Nazaré  
A quem fora tão ditoso  
Que morrera pela fé

A vossa divina cabeça  
Coroadas de mil espinhos  
Já correm rios de sangue  
Já de sangue correm rios

O vosso divino cabelo  
Mais fino que o próprio ouro  
Onde tendes as raízes  
Tem a minha alma um tesouro

Os vossos divinos olhos  
Estão inclinados ao chão  
Inclinai-os à minha alma  
Também ao meu coração

Os vossos divinos ouvidos  
Estão ouvindo os meus pecados  
Lá no dia de juízo  
Sejam todos perdoados

A vossa divina face  
Está muito magoada  
Foram os cruéis algozes  
Que lhe deram mil bofetadas

A vossa divina boca  
Cheia de fel amargoso  
Por amor dos meus pecados  
Padeceu Deus tão bom poderoso  
(ou castigo eterno horroroso)

O vosso divino rosto  
Cheio de escarros nojentos  
Por amor dos meus pecados  
Padeceu Deus Tantos tormentos

A vossa divina garganta  
Lhe enlearam uma corda  
Entre a minha alma por ela  
Senhor dai-lhe misericórdia

Os vossos divinos ombros  
Estão feridos no madeiro  
Onde tendes a minha alma  
Fazei dela um traveseiro

Os vosso divinos braços  
Estão alvorados na cruz  
Por amor dos meus pecados  
Padeceu Deus tão bom Jesus

As vossas divinas mãos  
Cravadas com duros cravos  
Tudo isto padeceste  
Por amor dos meus pecados

O vosso divino peito  
Cruelmente foi rasgado  
Dele correu em abundância  
Remédio para o pecado

O vosso divino lado  
Lhe espetaram uma lança  
Entre a minha alma por ela  
Dai-lhe senhor confiança

O vosso amável coração  
Que o rasgou dura lança  
Convide que nele entremos  
Cheios com toda a confiança

A vossa divina cintura  
Lhe enlearam uma toalha  
A virgem que está aos pés  
Com uma verde mortal  
(ou)  
A vossa divina cintura  
De grossas cordas ligaram  
De rua em rua com elas  
Como um réu vos arrastaram

Os vossos divinos joelhos  
Mais brancos que a neve pura  
Já correm rios de sangue  
Pelas ruas da amargura

Os vossos divinos pés  
Cravados com duros cravos  
Tudo isto padeceste  
Por amor dos meus pecados

Ó quem os desencravará  
Os três cravos da memória  
Minha alma fora gozar  
O reino da vossa glória



Estas quinze partições  
Ó meu Deus vo-las entrego  
Para que no dia de juízo  
Minha alma tenha remédio

O vosso divino corpo  
Sepultado num caixão  
Por amor dos meus pecados  
Padeceu Deus morte paixão

Recorda se estás dormindo  
Nesse sono tão profundo  
Lá estão as almas gritando  
As almas do outro mundo

O vosso divino corpo  
Ferido e todo chagado  
Dele correu em abundância  
Remédio para o pecado

Recorda se estás dormindo  
Nesse sono tão galante  
Lá estão as almas gritando  
Nesse fogo tão ardente

<b>Nome</b>	Martírios
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso
<b>Contexto</b>	Este cântico era cantado na semana santa, durante a noite.
<b>Origem</b>	Em todas as povoações que estudámos se regram os Martírios.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Gertrudes Nunes de 76 anos de idade e Sr <sup>a</sup> Delfina dos Santos de 87 anos, em Alcongosta.
<b>Âmbito</b>	Fa 3, Do 4.
<b>Tonalidade</b>	Sol M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com notas repetidas e depois há graus conjuntos, intervalos de 3 <sup>a</sup> M e de 3 <sup>a</sup> m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo baseia-se em -  - havendo também sincopas - 
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 7 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico é a sangrenta descrição da aparência de Jesus crucificado. Ao longo desta oração os fiéis partilham a dor de Jesus e apelam para que sejam perdoados os seus pecados.

## Recolha n.º 15

### Aleluia

Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**

A le lui a a le lui a a

le lu ia já é fes ta a le lui a a le

lui a a le lui a já é fes ta a

le grai vos mãe de De us nos s'a le gri a é

es ta a le grai vos mãe de De us nos

s'a le gri a é es ta

Aleluia aleluia  
Aleluia já é festa  
Aleluia aleluia  
Aleluia já é festa

Alegrai-vos mãe de Deus  
Nossa alegria é esta  
Alegrai-vos mãe de Deus  
Nossa alegria é esta

Acorde senhor vigário  
Acorde não durma tanto  
Acorde senhor vigário  
Acorde não durma tanto

Venha a dar as boas festas  
Ao divino espírito santo  
Venha a dar as boas festas  
Ao divino espírito santo

Acorde senhor vigário  
Ponha o pé na escadinha  
Acorde senhor vigário  
Ponha o pé na escadinha

Venha a dar as boas festas  
Ao ranchinho de Alpedrinha  
Venha a dar as boas festas  
Ao ranchinho de Alpedrinha

<b>Nome</b>	Aleluia.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	No sábado que antecede o Domingo de Páscoa o pároco da vila ia dar as boas festas às casas das pessoas que tinham mais posses. A acompanhar o padre ia sempre um rancho de pessoas, de todas as idades, que cantavam este cântico. Os donos da casa davam de comer e de beber ao grupo. Por vezes davam dinheiro aos mais novos.
<b>Origem</b>	Alpedrinha.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Re 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Re M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com dois intervalos de 3 <sup>a</sup> M, um descendente e outro ascendente, seguido de graus conjuntos. Há também intervalos de 4 <sup>a</sup> P.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumentação, é um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de uma colcheia (♩) O ritmo é baseado em ♩ ♩ ♩ ♩ ♩ No 2º e no 6º compassos há uma hemiólia - ♩ ♩ ♩
<b>Estrutura da Letra</b>	As estrofes são de 4 versos de 8 sílabas. Os versos repetem-se de dois a dois.
<b>Análise semântica</b>	É um cântico de alegria pela ressurreição de Jesus Cristo.

## Recolha n.º 16

### Almas



Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

Ó ó ir mãos vos pe ç'ó ir mã ãos me cus ir mãos  
 meus irm ãos meus e eus e eu us ma ais vos  
 peço mais um pa a dre e no os so ir mãos meus ir mãos  
 meus c us

Ó irmãos vos peço  
 Ó irmãos meus  
 Irmãos meus irmãos meus eus  
 Mais vos peço  
 Mais um padre nosso  
 Irmãos meus irmãos meus eus

<b>Nome</b>	Almas.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	As almas eram cantadas terças e sextas-feiras da Quaresma, à noite.
<b>Origem</b>	Alpedrinha.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Si 2, Mi 3.
<b>Tonalidade</b>	Não aplicável.
<b>Modos</b>	Modo de ...
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com um intervalo de 4 <sup>a</sup> P que define o âmbito. Depois há graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário. (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é baseado em -  ou 
<b>Estrutura da Letra</b>	Não há rima nem está organizada por versos. É uma oração.
<b>Análise semântica</b>	Neste cântico pede-se aos irmãos que rezem pelas almas dos defuntos.

## Recolha nº 18

### Anjo da Guarda

Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Ó an jo da mi nha guar da ó an jo da mi nha guar ar  
da ai estais vi ra a di i nho a li  
nha estais vi ra a di i nho à li  
nha estais a ver se vês en tra r'es tais a ver  
se vês en tra ar ai o ran chi  
nho o d'A Al pe drinha o ran chi i  
nho o d'A Al pe drinha

Ó Anjo da minha guarda  
Ó anjo da minha guarda  
Ai estás viradinho à linha  
Estais viradinho à linha

Estás a ver se vês entrar  
Estás a ver se vês entrar  
Ai o ranchinho de Alpedrinha  
O ranchinho de Alpedrinha

Ó Anjo da minha guarda  
Ó Anjo da minha guarda  
Ai quem vos varreu a capela  
Quem vos varreu a capela

Foi o rancho de Alpedrinha  
Foi o rancho de Alpedrinha  
Ai com raminho de de marcela  
Com raminho de marcela




Ó Anjo da minha guarda  
 Ó Anjo da minha guarda  
 Ai que dais a quem vos vem ver  
 Ai que dais a quem vos vem ver

Dou-lhe água da minha fonte  
 Dou-lhe água da minha fonte  
 Ai se a quiserem beber  
 Ai se a quiserem beber

Ó anjo da minha guarda  
 Ó anjo da minha guarda  
 Ai que dais aos vossos romeiros  
 Que dais aos vossos romeiros

Dou-lhe água da minha fonte  
 Dou-lhe água da minha fonte  
 Ai sombra dos meus castanheiros  
 Sombra dos meus castanheiro

<b>Nome</b>	Anjo da guarda.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico era cantado na festa do Anjo da Guarda que se realiza em Agosto.
<b>Origem</b>	Alpedrinha.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	La 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhido em Fa # M transposto para sol M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa em graus conjuntos. Depois há intervalos de 4 <sup>a</sup> P, 3 <sup>a</sup> m e 6 <sup>a</sup> M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é de marcha e é baseado em -  .
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos da quadra são de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	É um cântico de louvor ao Anjo da Guarda pelo povo de Alpedrinha.

## Canção n.º 19

### Anjo da Guarda

Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**

3 San to an jo que me guar das noi te

6 di a sem ce ssa ar eu te ren do mi nhas

9 gra ças e te que ro sem pr'a mar és meu

12 san to com pa nhci ro des d'a ho r'em que nas

15 ci ó per do a s'al gum di a

17 te eus con se lhos

nã ão se gui

Santo Anjo que me guardas  
Noite e dia sem cessar  
Eu te rendo minhas graças  
E te quero sempre amar

És meu santo companheiro  
Desde a hora em que nasci  
Ó perdoa se algum dia  
Teus conselhos não segui


Santo Anjo que me guardas  
Noite e dia sem cessar  
Eu te rendo minhas graças  
E te quero sempre amar

Que seria da minha alma  
Sem a tua protecção  
Não me deixes meu bom anjo  
Em nenhuma ocasião

Santo Anjo que me guardas  
Noite e dia sem cessar  
Eu te rendo minhas graças  
E te quero sempre amar

E na hora derradeira  
Desta vida que é mortal  
Apresenta esta alma a Deus  
Na mansão celestial

Santo Anjo que me guardas  
Noite e dia sem cessar  
Eu te rendo minhas graças  
E te quero sempre amar

<b>Nome</b>	Anjo da Guarda.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico canta-se no final da missa, antes da procissão sair com o Anjo da Guarda, para dar a volta ao recinto.
<b>Origem</b>	Esta canção foi composta pelo Padre Augusto Ruivo.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Fa 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhido em Si M transposto para Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com um intervalo de 6 <sup>a</sup> M. Depois há graus conjuntos e intervalos de 4 <sup>a</sup> P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a mínima. É uma compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de duas semicolcheias. O ritmo é baseado em -  - o que confere um ritmo de marcha.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de oito sílabas.
<b>Análise semântica</b>	É um cântico de louvor ao Anjo da Guarda.

## Recolha n.º 20

### Boas Festas

Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Bo as fes tas bo as fes tas bo as fes tas vi mos da ar

aos a mi gos des ta ca sa nós vi mos cum


pri men ta ar

Boas festas boas festas

Boas festas vimos dar

Aos amigos desta casa (ou diziam o nome das pessoas que moravam na casa)

Nós vimos cumprimentar

<b>Nome</b>	Boas Festas.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	No Sábado de Aleluia um grupo de pessoas ia cantar este cântico às casas mais ricas. As pessoas abriam a porta e davam uma bebida, um bolo ou dinheiro.
<b>Origem</b>	Alpedrinha
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	La 2, Mi 3.
<b>Tonalidade</b>	La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Este cântico começa com um intervalo de 3 <sup>a</sup> m. Depois há graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é baseado em -  - o que confere um ritmo de marcha.
<b>Estrutura da Letra</b>	A quadra tem versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	É um cântico onde se dão as boas festas às pessoas que estão em casa.

## Recolha n.º 29

### S. João

Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

De São João ai no al tar de São Jo

ã ão ai nas cem cem ro sas


a ma re las as a ma re las Sã

Jo o ão su biu ao cé cu

ai a pe e dir pe las don ze las

De S. João  
Ai no altar de S. João  
Ai nascem rosas amarelas

As amarelas  
S. João subiu ao céu  
Ai a pedir pelas donzelas

<b>Nome</b>	S. João.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se durante os festejos de S. João.
<b>Origem</b>	Alpedrinha.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Do 3, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhido em Si M transposto para Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com graus conjuntos e o único intervalo que há é de 3 <sup>a</sup> M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a semibreve com um ponto de aumento. É um compasso quaternário de subdivisão ternária (12/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo baseia-se em - 
<b>Estrutura da Letra</b>	A estrofe tem três versos. O primeiro tem 5 sílabas e os outros dois, 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	No altar deste Santo nascem rosas amarelas. É curioso porque a rosa amarela tem o símbolo da traição. S. João está sempre associado às donzelas e pede por elas.

## Recolha n.º 31

### Verónica (procissão dos passos)

Alpedrinha


Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

Ó vós ho mes qui tran  
si tis per vi am  
a ten di te a ten  
di te e dvi de te  
si es do o lo si  
cu do mo me o

Ó vós homens  
Qui transitis  
Per viam  
Atendite  
Atendite  
Edvidete  
Silensdolo  
Sicudomo  
Meus



<b>Nome</b>	Verónica.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se na procissão do Senhor dos Passos.
<b>Origem</b>	Alpedrinha.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Si 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Não aplicável.
<b>Modos</b>	O cromatismo dificulta a identificação de um modo subjacente, assim como a de alterações ocorrentes. Se considerarmos o dó# como finalis, poderá tratar-se da escala do modo mixolídio transposto a dó#, que começa com a sucessão 1 tom/1tom (dó#-ré#-fá ou mi#) e termina com o intervalo si-dó#, também de um tom. A escala do modo hipolídio também apresenta os intervalos referidos, com a mesma localização; no entanto, o facto de dó# soar como finalis leva-nos a supor que se trate de uma escala mixolídia.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Em relação à escala mixolídia transposta a dó#, dó e ré naturais serão alterações ocorrentes.
<b>Intervalos</b>	Este cântico começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3 <sup>a</sup> m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O andamento lento é cadenciado para ser acompanhado pela procissão. Baseia-se no ritmo - 
<b>Estrutura da Letra</b>	
<b>Análise semântica</b>	

## Recolha n.º 32

### Martírios

Alpedrinha

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

O cen tro da vo sa cruz u

uz é Je sus de Na za ré é

ain da espe ro de mo rre er pe

la vo ssa san ta fê é

a voss a di vi na ca be c

ça co roa da de mil es pi i

os por a mor dos meus pe ca a dos so

freu Deus tan tos mar tí

ri o os

Solista:  
O centro da vossa cruz  
É Jesus de Nazaré

Coro:  
Ainda espero de morrer  
Pela vossa santa fé

Solista:  
A vossa divina cabeça  
Coroada de mil espinhos

Coro:  
Por amor dos meus pecados  
Sofreu Deus tantos martírios

Solista:  
Os vossos divinos cabelos  
Mais finos que o próprio ouro

Coro:  
Aqui tendes a minha alma  
Fazei dela um tesouro

Solista:  
Os vossos divinos olhos  
Estão inclinados ao chão

Coro:  
Inclinai-os à minha alma  
Também ao meu coração

Solista:  
As vossas divinas faces  
Levaram mil bofetadas

Coro:  
Foram dadas pelo Judas  
Pelo Judas foram dadas

Solista:  
A vossa divina boca  
Cheia de fel amargoso

Coro:  
Por amor dos meus pecados  
Sofreu Deus tão poderoso

Solista:  
Os vossos divinos ouvidos  
Estão ouvindo os meus pecados

Coro:  
Lá no dia de juízo  
Serão todos perdoados

Solista:  
294

A vossa divina garganta  
Enrolada com uma corda

Coro:  
Por amor dos meus pecados  
Sofreu Deus misericórdia

Solista:  
Os vossos divinos ombros  
Denegridos do madeiro

Coro:  
Aqui tendes a minha alma  
Fazei dela um travesseiro

Solista:  
As vossas divinas mãos  
Foram pregadas numa cruz

Coro:  
Por amor dos meus pecados  
Perdoai-nos bom Jesus

Solista:  
A vossa divina cintura  
Enrolada com uma toalha

Coro:  
A Virgem que estava a ver  
Com uma linda verde mortalha

Solista:  
Os vossos divinos joelhos  
Arrastados pelo chão

Coro:  
Por amor dos meus pecados  
Senhor tende compaixão

Solista:  
Os vossos divinos pés  
Estão pregados numa cruz

Coro:  
Por amor dos meus pecados  
Perdoai-me bom Jesus

Solista:  
Acorda ó pecador

Nesse sono em que estás


Acorda ó pecador  
Nesse sono do auditório

Coro:  
Rezemos um padre nosso  
Pelas almas dos nossos pais

Coro:  
Rezemos um padre nosso  
Pelas almas do pregatório (purgatório)

Solista:

(Rezava-se um pai nosso no fim

<b>Nome</b>	Martírios.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico era cantado nos domingos da Quaresma. Cantavam à porta de cada capela de Alpedrinha. Primeiro no Calvário e depois na Igreja, depois vinha-se à Cruz, à Misericórdia, ao Santo António, à Capela de St. Catarina, á Nossa Senhora da Oliveira.
<b>Origem</b>	Alpedrinha.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Lucas de 72 anos de idade, em Alpedrinha.
<b>Âmbito</b>	Si b2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	La M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com um intervalo de 3 <sup>a</sup> m. Depois há notas repetidas e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O cântico começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo é baseado em 
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 7 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema deste cântico é os martírios que Jesus sofreu durante a via sacra e na cruz.

## Recolha n.º 103

### Aleluia


Casal da Serra

Recolha de Miguel Carvalhinho

Le van tei'm de ma dru ga da a va rrer o  
meu bal cão en con trei No ssa Se nho ra  
com ra mi nho d'ouro na mão eu pe di lh'u  
ma fo lhi nha c la di sse me que não  
eu tor nei lha a pe dir e  
e la deu m'o seu cor dão

Levantei-me de madrugada  
A varrer o meu balcão  
Encontrei Nossa Senhora  
Com um raminho de ouro na mão  
Eu pedi-lhe uma folhinha  
Ela disse-me que não  
Eu tornei-lhe a pedir  
E ela deu-me o seu cordão

Aleluia aleluia  
Aleluia aleluia  
Aleluia aleluia  
Aleluia aleluia

<b>Nome</b>	Aleluia.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico era cantado na Páscoa, depois de aparecer a aleluia.
<b>Origem</b>	Casal da Serra. Este cântico é comum a todas as povoações estudadas. Neste caso a letra é inventada nesta aldeia pois não tem semelhança com os outros textos.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	La 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	La M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com um intervalo de 3ª M. Depois há graus conjuntos e intervalos de 4ª P e 3ª m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é baseado na frase - 
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 7 ou 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico conta a história dum encontro com Nossa Senhora e depois repete a palavra aleluia.

## Recolha n° 105

### Aleluia

Casal da Serra

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

A le lui a a le lu ia a

le lu ia a le lu ia re ssus ci i tou

co mo disse a le lui a a le lu ia a

le lu ia a le lu ia a le grai vos vir

gem Ma ria a le lui a a le lu ia a

le lu ia a le lu ia

Aleluia aleluia  
Aleluia aleluia  
Aleluia aleluia  
Aleluia aleluia


Aleluia aleluia  
Aleluia aleluia  
Aleluia aleluia  
Aleluia aleluia

Ressuscitou como disse

Alegrai-vos virgem Maria

Aleluia aleluia  
Aleluia aleluia  
Aleluia aleluia  
Aleluia aleluia



<b>Nome</b>	Aleluia
<b>Tipo</b>	Cântico religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se na Páscoa, no sábado quando aparecia a aleluia.
<b>Origem</b>	Este cântico é comum a todas as povoações estudadas.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	La 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	La M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com um intervalo de 3ª M. Depois há graus conjuntos e intervalos de 4ª P e 3ª m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é baseado na frase 
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 7 ou 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema deste cântico é a ressurreição de Jesus.

## Recolha nº 113

### S. João

Casal da Serra

Recolha de Miguel Carvalhinho

Na noi te de S. Jo ão vê lá

3 tu meu gran de tras te que fiz um gran de ba

6 lâ o com as car tas que man das te sol tei

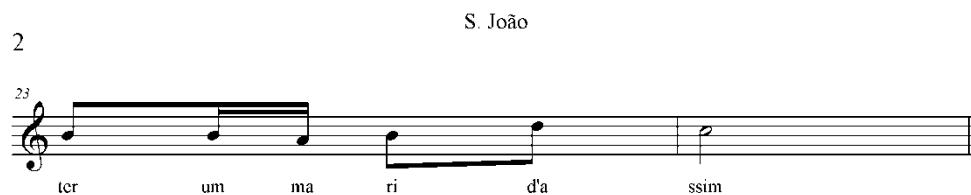
9 u ma fei t'em ti ras vol tou de no v'a ca

12 i ir e r'o pe so das men ti ras qu'a não

15 dei xa vam su bir vê lá São Jo ão vê

18 lá São Jo ão vê lá se tens dó de mim por

21 qu'cu São Jo ão não vou no ba lão de



Na noite de S. João  
Vê lá tu meu grande traste  
Que fiz um grande balão  
Com as cartas que mandaste



Soltei uma feita em tiras  
Voltou de novo a cair  
Era o peso das mentiras  
Que não a deixavam subir

Vê lá S. João vê lá S. João  
Vê lá se tens dó de mim  
Porque eu S. João não vou no balão  
De querer um marido assim

Eu pedi a S. João  
Um milagre bem preciso  
Eu pedi com devoção  
P'ra te dar muito juízo

Logo o Santo se amofina  
A ralhar me respondeu  
Pede outra coisa menina  
Que a tanto não chego eu

Vê lá S. João vê lá S. João  
Vê lá se tens dó de mim  
Porque eu S. João não vou no balão  
De querer um marido assim

<b>Nome</b>	São João.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se durante os festejos de S. João, enquanto se saltavam as fogueiras.
<b>Origem</b>	Casal da Serra.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	Re 3, Re 4.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Fa M, transposta para Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com notas repetidas, depois há intervalos de 4ª P, 3ª M, 3ª m, 8ª P e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A canção começa com uma anacrusa de duas semicolcheias. A frase  repete na primeira parte. O refrão repete a frase 
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 7 ou 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é o amor. A amada pede a S. João para dar juízo ao amado, mas o Santo não consegue.

## Recolha n.º 114

### S. António

Casal da Serra

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Se mi la gres de se ja res re co rrei a san  
t'An tó nio ve reis fu gir o de mó nio  
das ten ta ções in fer nais re cu pe ra se  
o per di i do rom pe s'a du ra pri são  
e no au ge do fu ra cão se gu'o mar em  
bra ve cido e no au ge do fu ra cão  
se gu'o mar em bra ve cido

Se milagres desejares  
Recorrei a Santo António  
Vereis fugir o demónio  
Das tentações infernais  
Recupera-se o pedido  
Rompe-se a dura prisão  
E no auge do furacão  
Segue o mar embravecido  
E no auge do furacão  
Segue o mar embravecido

<b>Nome</b>	Santo António.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se na altura dos festejos de S. António.
<b>Origem</b>	Casal da Serra.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Mi 3.
<b>Tonalidade</b>	La M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Aparece um Do bequadro quando modula para La m e um Re # quando modula para Mi M.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 3ª m e 4ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é baseado em colcheias e semínimas.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema deste cântico é a força que S. António tem para realizar milagres.

## Recolha n.º 115

### Senhora d'Orada

Casal da Serra

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

3 No ssa Se nho ra d'O ra da a

6 vo ssa ca pe la chei ra no ssa Se nho ra d'O

ra da a vo ssa ca pe la chei ra chei

9 ra cra vos chei r'a ro sas chei r'a flor da la ran

12 jei ra chei r'a cra vos chei ra ro sas chei


15 r'a flor da la ran jei ra

Nossa senhora d'Orada  
A vossa capela cheira  
Nossa senhora d'Orada  
A vossa capela cheira

Cheira a cravos cheira a rosas  
Cheira flor da laranjeira  
Cheira a cravos cheira a rosas  
Cheira flor da laranjeira

Nossa senhora d'Orada  
Quem vos varreu o terreiro  
Nossa senhora d'Orada  
Quem vos varreu o terreiro

Foi as moças do Casal  
Com um raminho de loureiro  
Foi as moças do Casal  
Com um raminho de loureiro

<b>Nome</b>	Senhora da Orada.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico canta-se durante os festejos da Senhora da Orada que se celebra no quarto domingo de Maio.
<b>Origem</b>	Em S. Vicente recolhemos o mesmo cântico, pois a ermida desta Santa é perto de S. Vicente.
<b>Recolha</b>	Grupo de habitantes do Casal da Serra.
<b>Âmbito</b>	Re 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Mi M, transposta para Re M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Este cântico começa com um intervalo de 3ª m. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3ª M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	O cântico começa com uma anacrusa de colcheia. A frase  repete-se ao longo do cântico.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico é em louvor da Senhora d'Orada.



## Recolha nº 36

### Aleluia

Castelo Novo

Miguel Carvalhinho

Moderato

A le lu ia a le lu ia a le

lu ia já é fes ta já'a pare ceu a a le

lu ia de trás da por ta tra ve ssa


já apa receu a a le lu ia

de trás da por ta tra ve ssa

Aleluia Aleluia  
Aleluia já é festa  
Já apareceu a Aleluia  
Detrás da porta travessa

Detrás da porta travessa  
Quem a achou quem a acharia  
Achou-a o senhor vigário  
No sacrário de Maria

Aleluia Aleluia  
Aleluia já é festa  
Alegrai-vos mãe de Deus  
Nossa alegria é esta

<b>Nome</b>	Aleluia.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico era cantado pelas ruas, na segunda feira de Páscoa, quando se iam dar as Alvissaras aos novos festeiros da Senhora da Serra.
<b>Origem</b>	Castelo Novo.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Dó 3, Si 3.
<b>Tonalidades</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Este cântico começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 3ª m, 3ª M e 4ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	O cântico começa com uma anacrusa de duas semicolcheias. A frase  é repetida ao longo do cântico.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema é a alegria e a festa pela ressurreição de Jesus.

## Recolha n.º 37

### Aleluia

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato



A le lu ia a le lui ia a

le lu ia a le lu ia re gi na ca le le

ta a re a le lui a a le lui a le

lui a a le lu i a

Povo: Aleluia Aleluia  
Aleluia Aleluia  
Padre: Regina cale letare

<b>Nome</b>	Aleluia.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se na altura da Páscoa quando aparecia a Aleluia, os sinos tocavam, havia chocalhos a tocar pelas ruas.
<b>Origem</b>	Este cântico canta-se nas aldeias que estudámos.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Lá 2, Si 3.
<b>Tonalidades</b>	La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Este cântico tem intervalos de 3 <sup>a</sup> M, 3 <sup>a</sup> m, 4 <sup>a</sup> P e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumentação. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	O cântico começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo alterna  - com -  .
<b>Estrutura da Letra</b>	A letra é a repetição da palavra Aleluia.
<b>Análise semântica</b>	

## Recolha n.º 39

### Bendito e Louvado


Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

Ben di to e lou ou va a do se e ja  
o san tí ssi mo sa cra men en to  
da cu cu ca ris ti i a o fru to do  
o ven tre da vir gem Ma ri  
a sem pe ca do o ri gi na al  
conce bi i do

Bendito e louvado seja  
O santíssimo sacramento  
Da eucaristia  
O fruto do ventre da virgem Maria  
Sem pecado original  
Concebido

<b>Nome</b>	Bendito e Louvado.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se na igreja, na missa, durante o ano.
<b>Origem</b>	Castelo Novo.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Sol 3.
<b>Tonalidades</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com um intervalo de 4ª P depois há intervalos de 3ªM, 3ªm e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é lento sendo baseado em - 
<b>Estrutura da Letra</b>	O texto não tem uma métrica definida.
<b>Análise semântica</b>	O tema do cântico é a paixão de Jesus.

## Recolha n.º 47

### Mãe Dolorosa

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Esta v'a mãe do lo ro o  
sa junt' aos pés da cruz cho  
rosa en quan t'o fi lho pen  
di a en quan t'o fi lho pen  
dia mãc de Je sus tres pa  
ssa da de dor jun  
t'aos pés da cruz ro gai por nós ro  
gai por nós ro gai por

Mãe Dolorosa

2

27

nós a Je sus ro gai por

30

nós ro gai por nós ro

33

gai por nós a Je sus

Estava a mãe dolorosa  
 Junto aos pés da cruz chorosa  
 Enquanto o filho pendia  
 Enquanto o filho pendia

Mãe de Jesus trespassada  
 De dor junto aos pés a cruz  
 Rogai por nós rogai por nós  
 Rogai por nós a Jesus



<b>Nome</b>	Mãe Dolorosa.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se na igreja durante o ano todo mas em especial no dia da mãe.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar esta música desde sempre em Castelo Novo.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Mi 2, Fa 3.
<b>Tonalidades</b>	Recolhido em Do m, transposto para La m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa em graus conjuntos depois há intervalos de 5ª P, 4ª P, e 8ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a semínima com um ponto. É um compasso ternário (3/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase - ♪♪♪♪♪♪ - é repetida.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 7 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O texto é a dramática descrição da crucificação de Jesus e do sofrimento de Maria.

## Recolha n.º 48

### Martírios

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

Já lá vai pa r'ó cal vá á

rio a que le tris te cor dei e

i ro já as ru as estão re ga a

das com seu sangue ver da dei ei ro

ve cr da dei ro

Já lá vai para o calvário  
Aquele manso cordeiro  
Já as ruas estão regadas  
Com seu sangue verdadeiro



Ó meu Deus quando vos deram  
Fel e vinagre a beber  
Que lágrimas choraria  
A virgem que estava a ver

Ó meu Deus da minha alma  
Ó Deus do meu coração  
Trazei-me sempre à memória  
Passos da vossa paixão

Ó meu Deus lá no calvário  
Um craveiro aos pés da cruz  
Cada folha que caía  
Era sangue de Jesus

Ó almas que estais dormindo  
Nesse sono em que estais  
Também eu estava dormindo  
Acordei aos vossos ais

Ó almas que estais dormindo  
Nesse abismo tão profundo  
Rezemos um padre nosso  
P'las almas do outro mundo

<b>Nome</b>	Martírios – Encomendação das almas.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se na semana santa quando se fazia a encomendação das almas. À noite quando estava o povo a dormir, depois de ensaiarem em segredo, um grupo cantava estes cânticos em vários lugares.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar esta canção em Castelo Novo desde sempre. Temos conhecimento que na Soalheira, que é uma aldeia perto, se cantava este cântico com a mesma melodia mas mudando a letra.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Fá 2, Mi 3.
<b>Tonalidades</b>	Lá m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	No 7º, 8º e 11º compassos aparece um Si b.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com uma 3ª m, depois há graus conjuntos, 3ª M e 4ª P.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a colcheia, unidade de compasso é a semínima com um ponto. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	As figuras utilizadas são -  O ritmo -  - faz a cadência da via sacra.
<b>Estrutura da Letra</b>	É uma canção responsorial, um solista cantava o primeiro e o segundo versos, o grupo cantava as outras duas. As quadras têm versos de 7 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema é a paixão de Cristo e a sua caminhada para a cruz. As duas últimas estrofes encomendam as almas do outro mundo.

## Recolha n° 49

### Miraculosa

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

4 Mi ra cu lo sa ra i nha dos

7 céus sob o teu man to te

10 ci do de luz faz com que'a

gue rra se'a ca be na te rra

13 ha j'en tre'os ho mens a paz de Jc

16 sus faz com que'a gue rra se'a

19 ca be na te rra ha j'en tre'os

22 ho mens a paz de Jc sus

Miraculosa

2

25  
em teu regaço bendita

28  
mãe to d'a mar guara

31  
re me dio tem as no ssas

34  
al mas pe dem que vás

37  
jun to da gue rra fa

39  
zer a paz


Miraculosa  
Rainha dos céus  
Sob o teu manto  
Tecido de luz

Em teu regaço  
Bendita mãe  
Toda a amargura  
Remédio tem

Faz com que a guerra  
Se acabe na terra  
Haja entre os homens  
A paz de Jesus

Nossa senhora  
Mãe de Jesus  
Dá-nos a graça  
da tua luz

Virgem Maria  
Divina flor  
Dá-nos a esmola  
Do teu amor

<b>Nome</b>	Miraculosa.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico era cantado na procissão que se fazia, todos os primeiros domingos de cada mês, à volta da igreja.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram este cântico noutros sítios e tem a sua origem depois das aparições de Fátima no início do século XX.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Dó 4.
<b>Tonalidades</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O início do cântico é em graus conjuntos, depois há um intervalo de 3ªM seguido de 3ªm arpejando o acorde de Do M. Aparecem também intervalos de 4ª P e 5ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase -  - é repetida.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 5 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico é em louvor à Virgem Maria.

## Recolha n° 57

### Perdão ó meu Deus




Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Per dão ó meu Deus per dão c in dul gên ci a per dão e cle mên ci a pic da d'e per dão

Perdão ó meu Deus  
Perdão e indulgência  
Perdão e clemência  
Piedade e perdão

<b>Nome</b>	Perdão ò meu Deus.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se na igreja, na missa, durante o ano todo.
<b>Origem</b>	Castelo Novo.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Ré 3, Lá 3.
<b>Tonalidades</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 3ª M, 3ª m e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a semínima com um ponto. É um compasso ternário (3/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	O cântico tem uma frase rítmica que é repetida três vezes, na quarta vez há uma ligeira alteração surgindo -  - em vez de -  A frase rítmica é - 
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 5 e 7 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema do cântico é o pedido de perdão, indulgência, clemência e piedade a Deus.



## Recolha n.º 58

### Salve Rainha

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio


Sal vé é ra i i nha mãe de c mi se ri có or  
dia vi i da a do çu u ra e es pe ran an ça  
no o ssa sal vé é a vós bra da  
mos o o os de c gra da a dos

#### Grupo solista

Salve rainha  
Vida doçura  
Salve a vós bradamos  
Filhos de Eva  
Gemendo e chorando  
Ei-la pois senhora  
Esses vossos olhos  
A nós volvei  
Deste desterro  
Bendito fruto  
Ó clemente  
Ó doce e sempre  
Rogai por nós  
Para que sejamos dignos  
Amen Jesus  
Esta salve que cantamos  
Que nos livre do demónio  
As contas do seu rosário  
Fazem tremer o inferno  
Jesus Maria e José

#### Povo

Mãe de misericórdia  
Esperança nossa  
Os degradados  
Por vós suspiramos  
Neste vale de lágrimas  
Advogada nossa  
Misericordiosos  
E ao depois  
Nos mostrai Jesus  
Do vosso ventre  
Ó piedosa  
Virgem Maria  
Santa mãe de Deus  
Das promessas de Cristo  
  
Oferecemo-la a Maria  
Mais da sua companhia  
Tem uma grande valia  
Quando falam em Maria  
Jesus Maria e José

<b>Nome</b>	Salve Rainha.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se na igreja ao início da missa, durante o ano todo.
<b>Origem</b>	Os informantes ouvem esta canção desde sempre em Castelo Novo.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Dó 3, Lá 3.
<b>Tonalidades</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 5ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário.
<b>Estrutura rítmica</b>	Há duas frases rítmicas que se repetem durante a canção. As figuras utilizadas são -  .
<b>Estrutura da Letra</b>	A texto é responsorial, há um solista que diz uma frase e o povo responde. A métrica é dirigida pela melodia prolongando-se a sílaba segundo a duração da nota.
<b>Análise semântica</b>	O texto é um elogio às virtudes da virgem mãe, pedindo a sua bênção e o seu perdão.

## Recolha n.º 59

### Santo

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

San to san an to san an to ó meu Deus ó  
meu se nhor se nho o or já está o  
céu e a te rra chei a vi va'o seu san an  
to lou vor lou vo or gló ria se  
j'ao pai e ao fi i lho e'ao es pí í ri to san to o

Santo, santo, santo  
Ó meu Deus ó meu senhor senhor  
Já está o céu e a terra cheia  
Viva o seu santo louvor louvor  
Glória seja ao pai e ao filho  
E ao espírito santo

<b>Nome</b>	Santo.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se na igreja, na missa, durante o ano todo.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram este cântico em Castelo Novo.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Fá 3.
<b>Tonalidades</b>	Lá m.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com um intervalo de 3ª m. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3ª M e 4ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é lento sendo baseado em - ♩.
<b>Estrutura da Letra</b>	O texto não tem uma estrutura e uma métrica definida.
<b>Análise semântica</b>	O tema deste cântico é um louvor à divina trindade.

## Recolha n.º 60

### Senhor de Misericórdia

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

The musical score is written on two staves in treble clef with a common time signature (C). The tempo is marked 'Adagio'. The melody is simple and folk-like, with lyrics written below the notes. The first staff contains the first line of the song, and the second staff contains the second line. The lyrics are: 'Je sus' dulci í ssi mo es pelho de mansi dã ã ão im pri mi as vo ssas cha a gas no me eu co o ra çã ão'.

Je sus' dulci í ssi mo es pelho de mansi dã ã ão im pri  
mi as vo ssas cha a gas no me eu co o ra çã ão


Jesus dulcíssimo  
Espelho de mansidão  
Imprimi as vossas chagas  
No meu coração

Jesus dulcíssimo  
De lança ferido  
Livrai a minha alma  
Do infernal inimigo

Jesus dulcíssimo  
Ferido e chagado  
Livrai a minha alma  
Do feio pecado

Jesus dulcíssimo  
Dos cravos ferido  
Quero dar convosco  
O último suspiro

Jesus dulcíssimo  
Na despedida  
Quero gozar convosco  
A eterna vida

<b>Nome</b>	Senhor da Misericórdia.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se durante as três procissões em louvor do Senhor da Misericórdia, no primeiro fim de semana de Setembro.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar este cântico desde sempre em Castelo Novo. O Senhor da Misericórdia celebra-se em Castelo Novo e, sendo este cântico específico para esta ocasião, presume-se que não seria cantado em outros lugares. O registo escrito da letra datado de 1902, é prova da antiguidade deste cântico.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Dó 3, Fá 3.
<b>Tonalidades</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico desenvolve-se em graus conjuntos, não havendo outro tipo de intervalos.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O cântico começa com uma anacrusa de semicolcheia. O ritmo ponteadado -  - faz a cadência da procissão.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 5 sílabas, a estrutura melódica obriga a que, mesmo havendo mais sílabas, se respeite o ritmo.
<b>Análise semântica</b>	O tema é a prece a Jesus para que livre os crentes do pecado, do inferno e para que os aceite na eternidade.

## Recolha n.º 61

### Senhora da Serra

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

No ssa se nho ra da se rra no ssa  
se nho ra da se e rra pe que ni na  
e ai ro sa pe e que ni na  
c ai ro sa

Nossa senhora da serra  
Nossa senhora da serra  
Pequenina e airosa  
Pequenina e airosa

Venho de lá de tantas léguas  
Venho de lá de tantas léguas  
Só p'ra ver tão linda rosa  
Só p'ra ver tão linda rosa

Nossa senhora da serra  
Nossa senhora da serra  
Minha rosa encarnada  
Minha rosa encarnada


Ao fundo do Alentejo  
Ao fundo do Alentejo  
Chega a vossa nomeada  
Chega a vossa nomeada

Nossa senhora da serra  
Nossa senhora da serra  
Minha rosa em botão  
Minha rosa em botão

Ao fundo do Alentejo  
Ao fundo do Alentejo  
Chega a vossa protecção  
Chega a vossa protecção

Nossa senhora da serra  
Nossa senhora da serra  
Olhai o vosso menino  
Olhai o vosso menino

Que se vai para Castela  
Que se vai para Castela  
Vai a ser castelhaninho  
Vai a ser castelhaninho

<b>Nome</b>	Senhora da Serra.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se durante a festa da Senhora da Serra na segunda-feira a seguir ao domingo de Páscoa.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar esta canção em Castelo Novo desde sempre. A Senhora da Serra é celebrada nesta aldeia, sendo este cântico específico para esta ocasião, presume-se que não fosse cantado noutros lugares.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Lá 2, Lá 3.
<b>Tonalidades</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	No 5º e no 7º compasso aparece um Si b quando modula para si b M.
<b>Intervalos</b>	O início da canção é em graus conjuntos. Depois há intervalos de 3ª M e 3ª m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, unidade de compasso é a semínima com um ponto. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	Há uma repetição da frase rítmica -  .
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 7 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este texto é um elogio à Senhora da Serra que é comparada a uma rosa. “Ao fundo do Alentejo” chega a protecção da santa. A última quadra é enigmática e parece descontextualizada pois fala do menino da santa que vai para Castela.



## Recolha n.º 62

### Terço

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

3 Pai nosso que estais no céu santifi cado se ja o vos so no

6 me venha a nós o vosso rei no seja fei ta a vossa von ta

9 de a ssim na te rra co mo no céu

12 — o'pão no sso de ca da di a'nos dai ho je

15 — per doai'nos as nossas o fensas a ssim co mo nós perdoamos a quem nos tem ofen

di do não nos deixeis cair em tentação mas livrai'nos do'mal a men

18 **Moderato**

A vé Ma ri a cheia de graça o se

21 nhor é con vo os co ben di ta se

24 jais en tr'as mu lhe res ben di t'oe o

Terço

2

27

fru to do vo sso ven en tre Je

30

sus San ta Ma ri a mãe de

33

Deus rogai por nós peca do o res

36

agor a e na ho ra da no ssa mor

39

**Adagio**

te a men Je sus gló ri'ao pai

42

c'ó fi lho c'ao es píri to san to

45

como'era no'prín cí pio ben dito sejai cn tre'as mu

48

lhe res ben di to'é o fru to

51

do vo sso ven en tre Je sus

Terço

3

54  
  
 san ta Ma ri a ro gai por nós peca

57  
  
 do o res a go ra'c na ho ra





60  
  
 da vo ssa mor te'a men Je sus

Pai nosso que estais no céu  
 Santificado seja o vosso nome  
 Venha a nós o vosso reino  
 Seja feita a vossa vontade  
 Assim na terra como no céu

O pão nosso de cada dia nos dai hoje  
 Perdoai as nossas ofensas  
 Assim como nós perdoamos  
 A quem nos tem ofendido  
 Não nos deixeis cair em tentação  
 Mas livrai-nos do mal

Ave Maria cheia de graça  
 O senhor é convosco  
 Bendita sois vós entre as mulheres  
 Bendito é o fruto do vosso ventre  
 Jesus

Santa Maria mãe de Deus  
 Rogai por nós pecadores  
 Agora e na hora da nossa morte  
 Ámen Jesus  
 Glória ao pai, ao filho e ao espírito santo  
 Como era no princípio agora e sempre  
 ámen.

<b>Nome</b>	Terço.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico era cantado na igreja todos os dias durante o mês de Maio que é o mês de Maria.
<b>Origem</b>	Os informantes ouviram cantar este cântico na igreja de Castelo Novo desde sempre.
<b>Recolha</b>	Sr. António Caféde de 70 anos de idade e Sr. Francisco da Costa de 74 anos de idade.
<b>Âmbito</b>	Si b 2, Fá 3.
<b>Tonalidades</b>	Dó M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Na segunda parte aparece um Si b quando modula para Si b M.
<b>Intervalos</b>	Este cântico tem muitas notas repetidas pois é em estilo recitativo. Os intervalos são graus conjuntos, 3ª M, 3ª m e 4ª P.
<b>Compasso</b>	Unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O cântico começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo da primeira parte é baseado em séries de -  - descansando em -  A segunda parte é baseada em -  - sendo a pulsação mais rápida. A terceira parte tem uma célula rítmica repetida -  . A última parte é uma repetição da segunda.
<b>Estrutura da Letra</b>	O texto deste cântico são as orações Pai Nosso, Ave Maria e Glória não tendo uma métrica definida.
<b>Análise semântica</b>	

## Recolha n.º 67

### Almas

Lourçal do Campo

Adagio

Recolha de Miguel Carvalhinho

Ó al mas qu'cs tais dor  
 min in do o  
 ne sse so no tão pro fun  
 un do re ze mos um  
 pa dre no o sso p'las al mas  
 do ou tro mun un do  
 o p'las al mas do ou tro  
 mun do o

Ó almas que estais dormindo  
 Nesse sono tão profundo  
 Rezemos um padre nosso  
 P'las almas do outro mundo  
 P'las almas do outro mundo

(Tocava-se uma campainha e rezava-se um pai nosso pelas alminhas do outro mundo.)

Ó almas que estais dormindo  
Nesse sono em auditório (\*)  
Rezemos um padre nosso  
P'las almas do purgatório  
P'las almas do purgatório

Ó almas que estais dormindo  
Nesse sono em que estais  
Rezemos um padre nosso  
P'la alma dos nossos pais  
P'la alma dos nossos pais

(\*) Foi referido, pelas informantes, que esta palavra era utilizada para rimar com purgatório não tendo importância o significado.

<b>Nome</b>	Almas.
<b>Tipo</b>	Cântico religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se durante a Quaresma, à noite.
<b>Origem</b>	Lourical do Campo.
<b>Recolha</b>	Sr <sup>a</sup> Maria da Conceição Nunes de 78 anos de idade e Maria José Manuel de 79 anos do Lourical do Campo.
<b>Âmbito</b>	La b 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Não aplicável.
<b>Modos</b>	Modo hipodórico (transposto para dó) Escala dó-ré-mib-fá-sol-láb-sib-dó (1 tom, ½ tom, 1 tom, 1 tom, ½ tom 1 tom, 1 tom).
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Ré b.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com um intervalo de 3 <sup>a</sup> m. Depois há notas repetidas, graus conjuntos e 3 <sup>a</sup> M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O cântico começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo é bastante variado por causa das ornamentações que acontecem.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de oito sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema deste cântico é o pedido para que as almas dos defuntos cheguem ao paraíso. Este cântico era cantado durante a Quaresma, à noite, sem iluminação pública, as mulheres embrulhavam-se com os xailes e ninguém as conhecia.

## Recolha nº 75

### Aleluia

São Vicente

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio


Re cor da a se nhor vi gário re cor  
da se nhor vi gário que já dá o sol na  
cruz ve nha a da ar as boas festas  
ve nha'a dar as bo as festas ao co  
ra ção de Je sus ale lu ia e a  
le lui a ale lui a a le lui  
a a le luia a le lui a

Aleluia aleluia aleluia aleluia  
Recorda senhor vigário  
Recorda senhor vigário  
Que já dá o sol na cruz

A roseira do sacrário  
A roseira do sacrário  
Deita (???)  
Vem os anjos colhem rosas

Venha a dar as boas festas  
Venha a dar as boas festas  
Ao coração de Jesus  
Aleluia aleluia aleluia

Vem os anjos colhem rosas  
Quem me dera ter lá uma  
Aleluia aleluia aleluia aleluia

<b>Nome</b>	Aleluia.
<b>Tipo</b>	Cântico religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico era cantado no sábado antes do domingo de Páscoa, quando aparecia a aleluia.
<b>Origem</b>	S. Vicente.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras em S. Vicente da Beira.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Si 3.
<b>Tonalidade</b>	Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com um intervalo de 4ª P. Depois há intervalos de 3ªM, 5ª P, 3ªm e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase -  - repete-se ao longo do cântico.
<b>Estrutura da Letra</b>	Os versos têm 7 e 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema deste cântico é a ressurreição de Jesus.



## Recolha n.º 79

### Santo António

São Vicente

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio


An tó nio san to de

Je sus que ri i do

dai - - me pre'o vos so pa tro

cí ni o

António santo  
De Jesus querido  
Dai-me sempre o vosso patrocínio

<b>Nome</b>	S. António.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se nos festejos de S. António.
<b>Origem</b>	S. Vicente.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras em S. Vicente da Beira.
<b>Âmbito</b>	Do 3, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O cântico começa com uma anacrusa de colcheia. A célula rítmica -  - repete-se ao longo do cântico.
<b>Estrutura da Letra</b>	Este cântico é uma oração sem métrica definida.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico é uma oração a S. António pedindo a sua protecção.

## Recolha n.º 80

### Senhora d'Orada

São Vicente

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Moderato**

No ssa se nho ra d'O ra da — di  
3  
zei me on de mo rai ais — no ssa se nho ra d'O  
6  
ra da — di zei - me on de mo rai is — ao  
9  
ci mo de São Vi cen te — no mei o dos pi nhei  
12  
rai is — ao ci mo de Sã Vi en te — no  
15  
mei o dos pi nhei rai is —

Nossa senhora da serra  
Dizei-me onde morais  
Nossa senhora da serra  
Dizei-me onde morais

Ó cimo de S.Vicente  
No meio dos pinheirais  
Ó cimo de S.Vicente  
No meio dos pinheirais

Nossa senhora d'Orada  
Vinde abaixo à ribeira  
Nossa senhora d'Orada  
Vinde abaixo à ribeira

Vinde a ver a mocidade  
De S. Vicente da Beira  
Vinde a ver a mocidade  
De S. Vicente da Beira

Nossa senhora d'Orada  
A vossa capela cheira  
Nossa senhora d'Orada  
A vossa capela cheira

Cheira a cravos cheira a rosas  
Cheira a flor de laranjeira  
Cheira a cravos cheira a rosas  
Cheira a flor de laranjeira

Nossa senhora d'Orada  
Quem vos varreu a capela  
Nossa senhora d'Orada  
Quem vos varreu a capela

As moças de S.Vicente  
Com raminhos de marcela  
As moças de S.Vicente  
Com raminhos de marcela

Nossa senhora d'Orada  
Vossa água tem virtudes  
Nossa senhora d'Orada  
Vossa água tem virtudes


Com ela tantos doentes  
Recuperam a saúde  
Com ela tantos doentes  
Recuperam a saúde

Nossa senhora d'Orada  
Ó que senhora tão linda  
Nossa senhora d'Orada  
Ó que senhora tão linda

Chega a vossa nomeada  
À cidade de Coimbra  
Chega a vossa nomeada  
À cidade de Coimbra

Nossa senhora d'Orada  
As costas vos vou virando  
Nossa senhora d'Orada  
As costas vos vou virando

Minha alma se vai rindo  
Meus olhos se vão chorando  
Minha alma se vai rindo  
Meus olhos se vão chorando

<b>Nome</b>	Senhora da Orada.
<b>Tipo</b>	Cântico religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico canta-se durante os festejos da Senhora da Orada que se celebra no quarto domingo de Maio.
<b>Origem</b>	S. Vicente. Este cântico também nos foi cantado no Casal da Serra, mas os informantes referiram-se a ele como sendo da Senhora da Orada.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras em S. Vicente da Beira.
<b>Âmbito</b>	Fa 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Fa M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Este cântico começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 3ªM e 3ªm.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento. É um compasso binário de subdivisão ternária (6/8).
<b>Estrutura rítmica</b>	O cântico começa com uma anacrusa de colcheia. A frase -  - repete-se ao longo do cântico.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico é em louvor da Senhora da Orada.

## Recolha n.º 81

# Martírios

São Vicente

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Adagio**

3 E'o vos so no me

— di vi no

6 é Je sus de Na za

9 ré

12 é é

Solista- E o vosso nome  
 Coro- Divino é Jesus de Nazaré  
 S- Quero viver e  
 C- Morrer pela vossa santa fé  
 S- A vossa santa  
 C- Cabeça por uma coroa de espinhos cravada  
 S- Por entre dores  
 C- Vividas fonte de sangue derramado  
 S- Vosso cabelos  
 C- Divinos foram em sangue ensopados  
 S- Sangue que veio  
 C- remindo de nossos feios pecados  
 S- Vosso sagrado  
 C- Ouvido estão ouvindo os meus pecados  
 S- Lá no dia de  
 C- juízo eles serão perdoados  
 S- Os vossos santíssimos  
 C- Olhos verteram lágrimas intensas  
 S- P'ra livrar as nossas  
 C- almas do fogo e penas imensas  
 S- Vosso belíssimo rosto  
 C- Cheio de escarros nojentos  
 S- Por nossos duros pecados  
 C- Senhor de tantos tormentos

<b>Nome</b>	Martírios.
<b>Tipo</b>	Cântico religioso.
<b>Contexto</b>	Cantava-se à noite durante a quaresma.
<b>Origem</b>	S.Vicente da Beira.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras em S. Vicente da Beira.
<b>Âmbito</b>	La 2, Sol 3. A segunda voz que está uma 3ª acima vai a Si 3.
<b>Tonalidade</b>	Não aplicável.
<b>Modos</b>	Modo lídio transposto a ré ou ré maior. A insistência na sucessão dó#-ré faz-nos pensar que se trata de uma canção tonal em ré maior.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com uma 4ª P. Depois há graus conjuntos, intervalos de 3ªM e 3ªm.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O cântico começa com uma anacrusa de semínima. A célula rítmica - ♩ - repete-se ao longo do cântico.
<b>Estrutura da Letra</b>	Este cântico é uma oração sem métrica definida.
<b>Análise semântica</b>	O tema deste cântico é a paixão e morte de Jesus Cristo.

## Recolha n.º 86

### Almas

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

Ben en di ta'e lou

va da se e

ja a

sa gra da pa ai

xão e mo or te

de no o são sc

nhor Je sus Cri i

is to

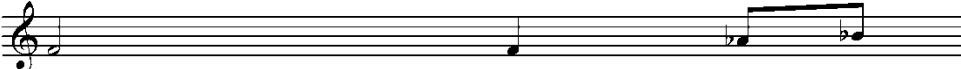
a dvo gai os

fĩ i e is cris tâ â




Almas

2  
11




os lem em \_\_\_\_\_

12



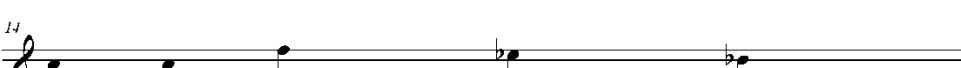
brai vos das ben di tas al mas \_\_\_\_\_

13




— qu'es tão nas pe nas do

14



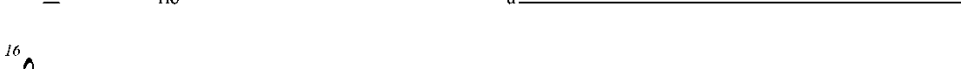
pur ga tó ó \_\_\_\_\_

15



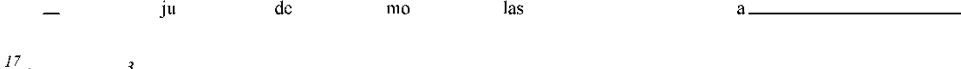
— rio a \_\_\_\_\_

16



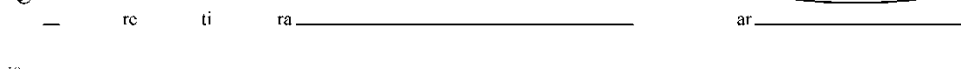
— ju de mo las a \_\_\_\_\_

17



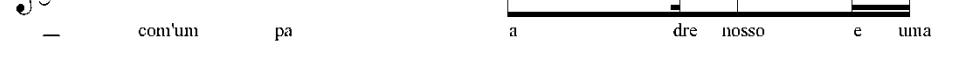
— re ti ra \_\_\_\_\_ ar \_\_\_\_\_

18



— com'um pa a dre nosso e uma

19



A ve Ma ri \_\_\_\_\_

Almas


3

20




a c sc e

21



— ja pe lo di vino a mo

22



or de De e us ma

23



ais vos pe ço i ir

24



mãos me e

25



us um pa a

26



— dre nosso e um'a a ve c Ma

27



ri i a po

28



or a que les que an dam em

Almas

4

29  
ca do mor ta a

30  
al que no

31  
o sso se nhor vos de ei

32  
xe che ga a ar

33  
a ao arre pen di

34  
men to dos seus pe ca

35  
a dos c

36  
sc c ja pe lo di

37  
vino a mo or de De e

Almas

5

38  
us ma ais vos pe ço

39  
i ir mãos me e

40  
us um pa

41  
a dre no sso e um a

42  
ve e Ma ri i a

43  
po or a que les que an dam

44  
sob'as águ as do ma a

45  
al que no

46  
o sso se nhor vos de ci

6 Almas

47




xe che ga a ar

48



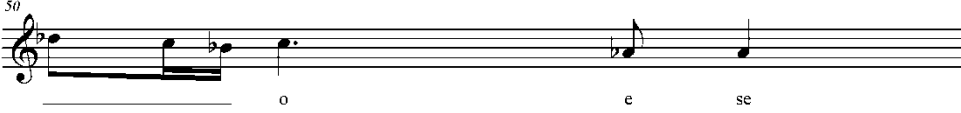
a pon to da su

49



a sal va çã ã

50




o e se

51



c ja pe lo di vino



52



a mo or de De e us

Bendita e louvada sejas  
 A sagrada paixão e morte  
 De nosso senhor Jesus Cristo  
 Advogai os fieis cristãos  
 Lembrai-vos das benditas almas  
 Que estão nas penas do purgatório  
 Ajudemo-las a retirar  
 Com um padre nosso e uma ave Maria  
 E seja pelo divino amor de Deus  
 Mais vos peço e irmãos meus  
 Um padre nosso e uma ave Maria

Por aqueles que andam em pecado mortal  
 Que nosso senhor os deixe chegar  
 Ao arrependimento dos seus pecados  
 E seja pelo divino amor de Deus  
 Mais vos peço irmãos meus  
 Um padre nosso e uma ave Maria  
 Por aqueles que andam  
 Sob as águas do mal  
 Que nosso senhor os deixe chegar  
 A ponto da sua salvação  
 E seja pelo divino amor de Deus

<b>Nome</b>	Almas
<b>Tipo</b>	Cântico religioso
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se três noites durante a semana santa.
<b>Origem</b>	Soalheira.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	Fa 3, Fa 4.
<b>Tonalidade</b>	Não aplicável.
<b>Modos</b>	Modo frígio (transposto a dó). Escala base: dó-réb-mib-fá-sol-láb-sib-dó (1/2 tom, 1 tom, 1 tom, 1 tom, 1/2 tom, 1 tom, 1 tom).
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa em graus conjuntos. Depois há intervalos de 3ª M, 3ª m e 4ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a mínima e a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso binário (2/2).
<b>Estrutura rítmica</b>	O andamento é lento e o ritmo é baseado em -  - ou quando há ornamentações com a mesma sílaba - 
<b>Estrutura da Letra</b>	Esta canção não está estruturada por versos com rima. É uma oração.
<b>Análise semântica</b>	A letra desta canção é uma oração sobre a paixão e morte de Jesus Cristo. Pede-se que Jesus advogue as almas dos fiéis cristãos na entrada do paraíso.

## Recolha n.º 89

### Ladaíinha

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

San an ta Ma ri i

a o o ra

pro o bis


Irmãos da Misericórdia: Santa Maria

Povo: Ora probis

Irmãos da Misericórdia: Santo António

Povo: Ora probis

Repetem o mesmo cântico com os Santos todos.

<b>Nome</b>	Ladaínha.
<b>Tipo</b>	Cântico religioso.
<b>Contexto</b>	Esta canção canta-se durante a procissão dos passos, na semana Santa.
<b>Origem</b>	Soalheira.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Do 3.
<b>Tonalidade</b>	Si b M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 4ª P e 3º m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase rítmica -  - repete-se dando a cadência lenta da procissão.
<b>Estrutura da Letra</b>	
<b>Análise semântica</b>	



## Recolha n.º 97

### São João

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**

3 Ai são Jo ão p'ra ver as mo ças ó ai  
 5 fez u ma fon te de pra ta  
 7 ai São Jo ão p'ra ver as mo ças ó ai  
 9 fez u ma fon te de pra ta  
 11 ai as mo ças não vão à á gua  
 13 ai São Jo ão to do se ma ta  
 15 ai as mo ças não vão à á gua  
 17 ai São Jo ão to do se ma ta

Ai São João para ver as moças  
 Ó ai fez uma fonte de prata  
 Ai São João para ver as moças  
 Ó ai fez uma fonte de prata

Ai as moças não vão à água  
 Ai São João todo se mata  
 Ai as moças não vão à água  
 Ai São João todo se mata

Ai se fores ao São João  
 Ó ai trazei-me um São Joãozinho  
 Ai se fores ao São João  
 Ó ai trazei-me um São Joãozinho

Ai se não puderem com um grande  
 Ai trazei-me um pequenino  
 Ai se não puderem com um grande  
 Ai trazei-me um pequenino

Ai fui ao São João à Guarda  
Ó ai da Guarda fui ao Bonfim  
Ai fui ao São João à Guarda  
Ó ai da Guarda fui ao Bonfim

Ai vi lá tudo embandeirado  
Ai com bandeiras de cetim  
Ai vi lá tudo embandeirado  
Ai com bandeiras de cetim (ou marfim)

(As informantes referiram que muitas vezes não importava o significado das palavras, o que interessava era a rima. Por isso pode ser marfim ou cetim.)

Ai São João perdeu a capa  
Ó ai no meio de uma latada  
Ai São João perdeu a capa  
Ó ai no meio de uma latada


Ai a pé ou a cavalo  
Ou nos braços do meu amor  
Ai a pé ou a cavalo  
Ou nos braços do meu amor

Ai juntaram-se as moças todas  
Ai compraram uma encarnada  
Ai juntaram-se as moças todas  
Ai compraram uma encarnada

Ai São João gosta de ver  
Ó ai cachopas à sua beira  
Ai São João gosta de ver  
Ó ai cachopas à sua beira

Ai eu hei-de ir ao São João  
Ó ai hei-d'ir lá e se lá for  
Ai eu hei-de ir ao São João  
Ó ai hei-d'ir lá e se lá for

Ai venham cá venham beber  
Ai ó moças da Soalheira  
Ai venham cá venham beber  
Ai ó moças da Soalheira

<b>Nome</b>	S. João.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se enquanto saltavam as fogueiras de S.João.
<b>Origem</b>	Esta canção é muito conhecida a nível nacional. Uma das informantes disse que já na barriga da sua mãe ouvia cantar esta música, o que pela idade septuagenária da senhora dá ideia da antiguidade da canção.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Sol 3.
<b>Tonalidade</b>	Sol M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	A canção começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 4ª P, 3ª M e 5ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima e a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo desta canção é baseado em colheias e semínimas, ocorrendo também síncopas - 
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema desta canção é a festa de S. João. As moças surgem sempre associadas a este Santo que tem a fama de ser casamenteiro.

## Recolha n.º 98

### Senhora das Necessidades

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Se nho ra das nece ssi da des já cá vi mos à bar  
rei ra Se nho ra das nece ssi da des já  
cá vi mos à bar rei ra a bri as por tas Sc  
nho ra ao po vo da So a lhei ra a  
bri as por tas Sc nho ra ao po vo da So a  
lhei ra

Senhora das Necessidades  
Já cá vimos à barreira  
Senhora das Necessidades  
Já cá vimos à barreira

Abri as portas senhora  
Ao povo da Soalheira  
Abri as portas senhora  
Ao povo da Soalheira

Aleluia aleluia  
Aleluia já é festa  
Aleluia aleluia  
Aleluia já é festa

Alegrai-vos mãe de Deus  
Nossa alegria é esta  
Alegrai-vos mãe de Deus

Nossa alegria é esta  
Senhora das Necessidades  
Que dais ao vosso menino  
Senhora das Necessidades  
Que dais ao vosso menino

Todos os meninos choram  
Só o vosso está caladinho  
Todos os meninos choram  
Só o vosso está caladinho

Aleluia aleluia  
Aleluia já é festa  
Aleluia aleluia  
Aleluia já é festa

Alegrai-vos mãe de Deus  
Nossa alegria é esta

Alegrai-vos mãe de Deus  
 Nossa alegria é esta  
 Senhora das Necessidades  
 A vossa capela cheira  
 Senhora das Necessidades  
 A vossa capela cheira

Aleluia aleluia  
 Aleluia já é festa  
 Aleluia aleluia  
 Aleluia já é festa

Cheira a cravos cheira a rosas  
 Cheira à flor da laranjeira  
 Cheira a cravos cheira a rosas  
 Cheira à flor da laranjeira

Alegrai-vos mãe de Deus  
 Nossa alegria é esta  
 Alegrai-vos mãe de Deus  
 Nossa alegria é esta

<b>Nome</b>	Senhora das Necessidades.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	No Domingo de Pascoela, uma semana depois da Páscoa, cantam este cântico durante os festejos em louvor da Senhora das Necessidades.
<b>Origem</b>	Soalheira.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	Si 2, Si 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhido em Re b M, transposto para Sol M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Este cântico começa com dois intervalos de 3ª M, um descendente e outro ascendente. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3ª m e 4ª P.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia e a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento.
<b>Estrutura rítmica</b>	O cântico começa com uma anacrusa de colcheia. A frase rítmica - ♪ ♪ ♪ ♪ ♪ ♪ ♪ - repete-se ao longo do cântico.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico é um louvor á Senhora das Necessidades.

## Recolha n.º 101

### Martírios

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

Ben di ta'c lou va da sc. —

3 — ja —

5 — a pai não do re den

7 to o — or pa

9 ra nos li vrar das cu —

11 — ul pas mor reu por

13 nos so a mor — o —

15 — or

17 na vos sa san ta ca be —

19 — c — ça —

Martirios

2  
21

— coro as d'es pi nhos cra

23

va a ram por

25

en tre do res in tri

27

i gas fon tes dc

29


san gue ma na a

31

ram

Bendito e louvado seja  
A paixão do redentor  
Para nos livrar das culpas  
Morreu por nosso amor

Na vossa santa cabeça  
Coroa de espinhos cravaram  
Por entre dores intrigas  
Fontes de sangue manaram

<b>Nome</b>	Martírios.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se durante a quaresma.
<b>Origem</b>	Soalheira.
<b>Recolha</b>	Grupo de senhoras do Rancho Folclórico da Soalheira.
<b>Âmbito</b>	La b 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Não aplicável.
<b>Modos</b>	Modo hipodórico (transposto para Si b) Escala sib – do – re b – mi b – fa – sol b – la b – si b (1 tom, 1/2 tom, 1 tom, 1 tom, 1/2 tom 1 tom, 1 tom).
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Si $\flat$ .
<b>Intervalos</b>	Este cântico começa com uma 3ª M. Depois há graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a mínima e a unidade de compasso é a breve. É um compasso binário (2/2).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo lento é baseado em mínimas e semínimas - 
<b>Estrutura da Letra</b>	Este cântico não tem rima, é uma oração.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico é sobre a paixão de Jesus Cristo.



## Recolha n.º 118

### Três Marias

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

E  
o os e  
do mi i  
ne e au  
xi i li os me  
eos e o os u  
bi i

2 Três Marias

28



a as sal

31



va to ros me

34



os e

37



o os u

40



bi i

43



a as con

46



su u ma los me

49



cos c

52



o os c

55



c o

57



os

Eos domine  
Auxílios meos  
Ubias salvatorios meos  
Ubias consumatos meos

<b>Nome</b>	Três Marias.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico era cantado na sexta feira santa na procissão que ia da capela até à igreja. Cantavam as Três Marias no fim da procissão.
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	La 2, Fa #3.
<b>Tonalidade</b>	Não aplicável.
<b>Modos</b>	Cromatismo dificulta identificação de modo. Centricidade da nota do# contribui para a percepção de elementos do modo hipodórico transposto (a dó#): dó#-ré#-mi-fá#-sol#-lá-si-dó# (1 tom, 1/2 tom, 1 tom, 1 tom, 1/2 tom, 1 tom, tom). A peça termina na nota lá, uma das duas notas da escala que não são ouvidas ao longo da canção. O final é, por isso, suspensivo, se considerarmos que o modo hipodórico está subjacente.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Considerando o modo hipodórico com a nota dó# como final, as alterações ocorrentes serão ré, sib e dó.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 3ªm.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4)
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo baseia-se em - ♪♪♪ - ou - ♪♪ ♪♪
<b>Estrutura da Letra</b>	Este cântico é uma oração sem métrica definida.
<b>Análise semântica</b>	

## Recolha n.º 120

### Alvichas

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**

Dai m'as al vi chas se nho ra

dai m'as al vi chas se nho ra

que vo las ve nho pe di re

que vo las ve nho pe di re

o vo sso a ma do fi lho

o vo sso a ma do fi lho

já tor nou a re ssur gi re

já tor nou a re ssur gi re

Dai-me as alvichas senhora  
Dai-me as alvichas senhora  
Que vo-las venho pedir  
Que vo-las venho pedir

O vosso amado filho  
O vosso amado filho  
Já tornou a ressurgir  
Já tornou a ressurgir

Já dá o sol na igreja  
Já dá o sol na igreja  
Já alumia o sacrário  
Já alumia o sacrário

Fomos pedir as alvichas  
Fomos pedir as alvichas  
À senhora do Rosário  
À senhora do Rosário

A senhora do Rosário  
A senhora do Rosário  
Tem o seu rosário certo  
Tem o seu rosário certo


Vimos pedir as Alvichas  
Vimos pedir as Alvichas  
Ao divino Espírito Santo  
Ao divino Espírito Santo

Quem o rezar cada dia  
Quem o rezar cada dia  
Achará o céu aberto  
Achará o céu aberto

Aleluia aleluia  
Aleluia aleluia  
Aleluia já é festa  
Aleluia já é festa

Recorde senhor prior  
Recorde senhor prior  
Acorde não durma tanto  
Acorde não durma tanto

Já apareceu a aleluia  
Já apareceu a aleluia  
Detrás da porta travessa  
Detrás da porta travessa

<b>Nome</b>	Alvichas ou Alvissaras.
<b>Tipo</b>	Cântico religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico era cantado quando se aparecia a aleluia, no sábado de Páscoa.
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	Do 3, Sol 3. A segunda voz, que faz um intervalo de 3ª, vai a La 3.
<b>Tonalidade</b>	Não aplicável
<b>Modos</b>	Modo lídio transposto (a dó). A escala-base é, provavelmente, dó-ré-mi-fá-sol-lá-si-dó (mesma disposição intervalar da escala diatónica maior, 1 tom, 1 tom, 1/2 tom, 1 tom, 1 tom, 1 tom, 1/2 tom). No entanto, a nota si nunca ocorre. A hipotética ocorrência da nota sib, em lugar do si natural, justificaria que se considerasse que o modo subjacente é o mixolídio (transposto a dó). A disposição intervalar desta escala, transposta a dó, seria dó-ré-mi-fá-sol-lá-sib-dó (1 tom, 1 tom, 1/2 tom, 1 tom, 1 tom, 1 tom, 1/2 tom, 1 tom).
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 4ª P e 3ª M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário.
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase -  - é repetida durante o cântico.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico é de alegria pois ressuscitou Jesus Cristo.

## Recolha n.º 122

### Encomendação das Almas

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

Mais vos peço meus ir

mãos â

os â

aos â

Encomendação das Almas

2

9

10

11

12

13

14

15


16

17


Encomendação das Almas

3

18

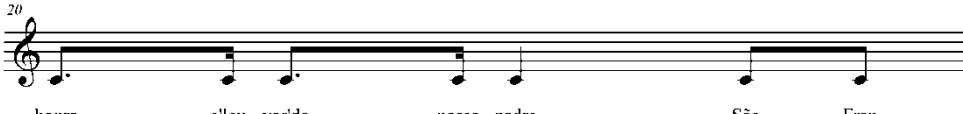


19




ia a Em

20




honra e'lou vor'do nosso padre São Fran

21




cisco i

22




i

23



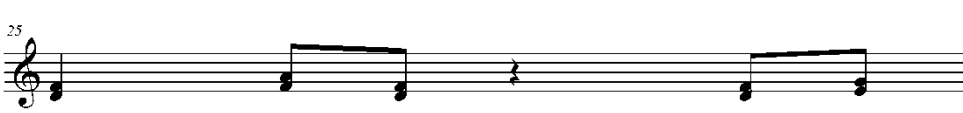
— sco

24



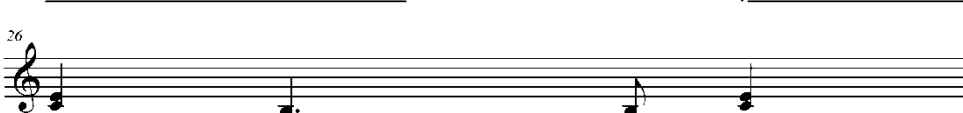
o i

25



i

26





Encomendação das Almas

4

27

28

sco o Qu'ele

29

sej'o procura dor das nos sas almas

30

a

31

a

32

lma as

33

a

34

35

Encomendação das Almas

5

36    
 ————— ma —————

37    
 ————— as

38    
 Per ant'o'nosso se nhor Je sus

39    
 Cristo i —————

40    
 —————

41    
 sto o i —————

42    
 —————

43    
 —————

44    
 ————— sto o

(toca a sineta três vezes com tempo igual - ♪♪♪-)

Mais vos peço meus irmãos  
Que rezemos um pai nosso e uma Avé Maria  
Em honra e louvor de nosso padre S. Francisco  
Para que ele seja o procurador da nossas almas  
Perante Nosso Senhor Jesus Cristo

(toca a sineta três vezes com tempo igual - ♪♪♪-)

(uma pessoa reza)

Pai nosso que estais no céu  
Santificado seja o vosso nome  
Venha a nós o vosso reino  
Seja feita a vossa vontade  
Assim na terra como no céu

(O coro responde)

O pão nosso de cada dia Nos dai hoje  
Perdoai-nos as nossas ofensas  
Assim como nós perdoamos  
A quem nos tem ofendido  
E não nos deixais cair em tentação  
Mas livrai-nos do mal 374men

(uma pessoa reza)

Ave Maria cheia de graça  
O senhor é convosco  
Bendita sois vós entre as mulheres  
Bendito é o fruto do vosso ventre Jesus

(O coro responde)

Santa Maria mãe de Deus  
Rogai por nós pecadores  
Agora e na hora da nossa morte e ámen

(uma pessoa reza)

Dai-lhes senhor o eterno descanso

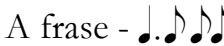
(O coro responde)

Entre o esplendor da luz perpétua  
374

(uma pessoa reza)  
Descansem em paz

(O coro responde)

Amen

<b>Nome</b>	Encomendação das Almas
<b>Tipo</b>	Cântico religioso
<b>Contexto</b>	Este cântico canta-se nos domingos da quaresma às nove da noite. Canta-se sete vezes. No fim dos versos reza-se o Pai Nosso e uma Ave Maria.
<b>Origem</b>	Em todas as povoações estudadas existe um cântico de encomendação das almas.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Sol 3. A segunda voz, que faz um intervalo de 3ª, vai a Si 3.
<b>Tonalidade</b>	Do M
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos, intervalos de 4ª P, 3ª m e 3ª M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase -  - corresponde aos versos ditos sem ornamentações.
<b>Estrutura da Letra</b>	Este cântico é uma oração sem métrica definida.
<b>Análise semântica</b>	Esta oração encomenda as almas a S. Francisco para que ele advogue por elas perante Jesus Cristo.

## Recolha n.º 123

### Marcha do Senhor da Saúde

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Allegro**

2 As a le gres ra pa ri gas da nos

4 sa ter ra mar chan do sa bem qu'ao som das can ti gas vai o

6 po vo me lho ran do à vis ta dos na mo ra dos do bam

8 no ve los de li nho pa ra mei as e bor da dos to das

10 são cos tu rei rinhas ó Senhora da Sa ú de vol ta do pa ra se rra dos ma les des te

12 mundo li vra a nos sa te rra \_\_\_\_\_ fá ze i qu'a ju ven tu de su bin'da go ra vi da en

14 con tre no ca mi nho a luz da nos sa er mi da na tu a voz ri so nha Sou to da

16 ca sa vai to do só o de Por tu gal \_\_\_\_\_ En le ve so nha por

qu'ès tão be la não tens i gual \_\_\_\_\_

As alegres raparigas  
Da nossa terra marchando  
Sabem que ao som das cantigas  
Vai o povo melhorando  
À vista dos namorados  
Dobam novelos de linho  
Para meias e bordados  
Todas são costureirinhas

Ó Senhor da Saúde  
Voltado para a serra  
Dos males deste mundo  
Livrai a nossa terra  
Fazei que a juventude  
Subindo agora à vida  
Encontre no caminho  
A luz da nossa ermida

Na tua voz risonha  
Souto da Casa vai todo só  
De Portugal  
Enleve e sonha porque és tão bela  
Não tens igual

As canções da nossa terra  
São mais cheias de alegria  
Ao cantá-las pede logo  
Repeti-las todo o dia  
Nossas vozes bem sonantes  
Uma a uma sem parar  
Vamos erguê-las de novo  
Nós nascemos para cantar

Ó Senhor da Saúde  
Voltado para a serra  
Dos males deste mundo  
Livrai a nossa terra  
Fazei que a juventude  
Subindo agora à vida  
Encontre no caminho  
A luz da nossa ermida

Na tua voz risonha  
Souto da Casa vai todo só  
De Portugal  
Enleve e sonha porque és tão bela  
Não tens igual

Quando nasce o sol de Agosto  
Bebe a água na ribeira  
Vai-te embora que é sol posto  
Vai-te embora ó lavadeira  
Ao pé da água que corre  
A lavar o seu bragal  
Deixando roupa lavada  
Nas praias de Portugal

Ó Senhor da Saúde  
Voltado para a serra  
Dos males deste mundo  
Livrai a nossa terra  
Fazei que a juventude  
Subindo agora à vida  
Encontre no caminho  
A luz da nossa ermida

Na tua voz risonha  
Souto da Casa vai todo só  
De Portugal  
Enleve e sonha porque és tão bela  
Não tens igual



## Recolha n.º 128

### Paixão

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Ben di to'e lou va do se e ja —

a pai xão do o re den

tor pa ra nos li i vrar das

cul u ul pas mo rreu por

no o sso a mor pa de ceu

tan tos tor men en — tos

du ros mar tí i rios na cruz

mo rreu pa ra a nos sal va a —

ar se ja ben di i to Je

sus quan do por nós pa de



Paixão

2  
31



ces es te e

34



ó bom Je

37



su su sal va dor

40



quem é que

43



po o ssa'en ten de e er

46



Tan tos ex ce e ssos d'a mor

49



na vo ssa san ta ca be e

52



ça c'ro as d'es pi i nhos cra

55



varam por en tre do o res in

58



cri ve i eis fon te de

61



san an gu'e ma naram ben di ta'e

Paixão

3

58  
lou va da se c ja a

61  
a pai xão do o re den tor

64  
pa ra nos li i vrar das cul u ul

67  
pas mo rreu por

69  
no o sso a mor

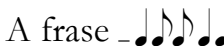
Bendita e louvada seja  
A paixão do Redentor  
Para nos livrar das culpas  
Morreu por nosso amor

Quanto por nós padecestes  
Ô bom Jesus salvador  
Quem é que possa entender  
Tantos excessos de amor

Padeceu grandes tormentos  
Duros martírios na cruz  
Morreu para nos salvar  
Seja bendito Jesus

Na vossa santa cabeça  
C'roas de espinhos cravaram  
Por entre dores incríveis  
Fontes de sangue manaram

Bendita e louvada seja  
A paixão do redentor  
Para nos livrar das culpas  
Morreu por nosso amor

<b>Nome</b>	Paixão.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se ao início da missa na semana santa. É referido que também cantavam quando andavam a mondar o trigo, quando havia trigo.
<b>Origem</b>	Recolhemos, noutras povoações, cânticos com a melodia parecida com este mas com o nome de Bendito.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	Re 3, La 3.
<b>Tonalidade</b>	Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com notas repetidas. Depois há intervalos de 3ª M, 3ª m e graus conjuntos.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	A frase  repete ao longo do cântico.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema deste cântico é a paixão de Jesus e os martírios que ele sofreu.

## Recolha n.º 129

### São João

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

**Adagio**

A bai i xai vos la va dei ci ras  
ai dei tai a ra ma ao chã ão

Abaixai-vos Ramalheiras  
Ai deitai o ramo ao chão  
Deixai passar os romeiros  
Ai que vão para o S. João

S. João que estais no céu  
Ai encostadinho à lua  
Acompanhai o ranchinho  
Ai até ao cimo da rua

Cachopas erguei-vos cedo  
Ai a varrer o pó à rua  
Vêem os anjos cantando  
Ai aleluia aleluia

<b>Nome</b>	S. João.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Esta canção cantava-se enquanto saltavam as fogueiras de S. João. Os informantes referiram que este S. João é diferente dos que se cantam noutros lados e que só o ouviram ali.
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, La 3.
<b>Tonalidade</b>	Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com um intervalo de 4ª P. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3ª m e 3ª M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a semibreve. É um compasso quaternário (4/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo baseia-se em semínimas e mínimas.
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 7 e 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	É um cântico em louvor de S. João.

## Recolha n.º 133

### Bendito

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Ben dito e lou va do

mil ve e zes e ma ais

Lou va do e ben di i to

Ben di i i to se jai ais do

min go de Ra mos não po o



de scr ma ais fe cha ram

se as por or tas ben di i i

to se jai ais

Bendito e louvado  
Mil vezes e mais  
Louvado e bendito  
Bendito sejais

Domingo de Ramos  
Não pode ser mais  
Fecharam-se as portas  
Bendito sejais

<b>Nome</b>	Bendito.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se nos domingos da Quaresma durante a via sacra.
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	Si 2, Mi 3.
<b>Tonalidade</b>	Não aplicável.
<b>Modos</b>	O facto de as notas fá e sol nunca ocorrerem dificulta a identificação do modo. É provável que a escala-base seja a do modo frígio (transposto a si). Esta possibilidade é reforçada pelo facto de a nota si se ouvir claramente como <i>finalis</i> (nota com maior centricidade ao longo da canção). É com si que a peça começa e termina. Esta escala terá as notas si-dó-ré-mi-fá#-sol-lá-si (1/2 tom, 1 tom, 1 tom, 1 tom, 1/2 tom, 1 tom, 1 tom). A hipotética ocorrência da nota fá natural, em vez de fá #, poderia tentar-nos a identificar aqui o modo hipofrígio. De notar que nenhum fá ocorre ao longo da peça. No entanto, no modo hipofrígio a <i>finalis</i> (ou final) seria mi. Ora, a centricidade de si nesta canção é bem mais significativa que a de mi, ficando, portanto, de lado a hipótese de se tratar de uma escala hipofrígia.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com um intervalo de 3ª m . Depois há graus conjuntos e 3ª M.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo é baseado em -  - quando há ornamentações aparecem semicolcheias - 
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 6 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico bendiz o Senhor.

## Recolha n.º 134

### Senhor da Saúde

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

Ó se nho or da sa ú de di  
zei me on de mo rai ais ó se nho or da sa  
ú de di zei me on de mo rai ais ao  
fun do do Souto da ca sa Je sus lá no meio dos so bci  
rai ais ao fun do do Souto da Ca sa Je sus lá  
no meio dos so brei rai ais

Ó Senhor da Saúde  
Dizei-me onde morais  
Ao fundo do Souto da Casa, Jesus  
Lá no meio dos sobreirais

Ó Senhor da Saúde  
O vosso terreiro é chão  
Mandai-o lavar Senhor ó Jesus  
Que p'ro ano dará pão

Ó Senhor da Saúde  
A vossa fama é boa  
Foram tantos os milagres Jesus  
Que chegaram a Lisboa

Ó Senhor da Saúde  
Quem vos varreu a Capela  
Foram as moças solteiras Jesus  
Com raminhos de marcela

Nosso Senhor da Saúde  
Acudi à nossa terra  
Livrai o nosso povo  
Da fome e peste da guerra

Nosso Senhor da Saúde  
Amigo dos pobrezinhos  
Olhai pelo nosso povo Jesus  
Dai saúde aos pobrezinhos




Nosso Senhor da Saúde  
És o meu maior abrigo  
Olhai pelos doentinhos Jesus  
Quando estão em perigo

Nosso Senhor da Saúde  
Eu canto-vos com prazer  
Juro-vos neste dia Jesus  
Amar-vos-ei até morrer

Nosso Senhor da Saúde  
Vinde abaixo à ladeira  
Vinde buscar a mortalha Jesus  
Que tive à cabeceira

Nosso Senhor da Saúde  
Ó fonte de santidade  
Santifica o meu povo Jesus  
Dando-lhes fraternidade

<b>Nome</b>	Senhor da Saúde.
<b>Tipo</b>	Cântico religioso.
<b>Contexto</b>	O santo padroeiro do Souto da Casa é S. Pedro. No entanto, a festa maior que fazem é ao Senhor da Saúde no quarto fim-de-semana de Agosto. A procissão de velas que é enorme sai da igreja e dirige-se para o santuário percorrendo uma distância de aproximadamente dois quilómetros. Esta canção canta-se no fim da procissão depois do sermão.
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	La 2, Si 3.
<b>Tonalidade</b>	Recolhida em Re b M, transposta para Re M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Este cântico começa com um intervalo de 6ªM. Depois há notas repetidas, graus conjuntos e intervalos de 4ªP, 3ªM e 3ªm.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumento. É um compasso binário de subdivisão ternária.
<b>Estrutura rítmica</b>	O cântico começa com uma anacrusa de colcheia. O ritmo baseia-se em - 
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 7, 8 e 9 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico é em louvor do Senhor da Saúde.

## Recolha n.º 135

### Senhor Deus Misericórdia

Souto da Casa


Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

Se e nhor o or De us  
mi se ri có ó  
ó ó or di a a  
per dão se nhor por tan ta gen te  
mi se ri có ó  
ó ó or di a a  
pie da de p'ró co ra ção de men te  
mi se ri cór ó  
ó ó or di a a

(homens) Senhor Deus  
(mulheres) misericórdia  
(homens) perdão senhor p'ra tanta gente  
(mulheres) misericórdia  
(homens) piedade para o coração demente  
(mulheres) misericórdia  
(homens) senhor tem compaixão dos pecadores  
(mulheres) misericórdia  
(homens) vosso amável coração

(mulheres) misericórdia  
 (homens) pois que o abriu dura lança  
 (mulheres) misericórdia  
 (homens) de tão amarga paixão  
 (mulheres) misericórdia  
 (homens) terno Jesus concedei-nos  
 (mulheres) misericórdia  
 (homens) de nossos crimes perdão  
 (mulheres) misericórdia

<b>Nome</b>	Senhor Deus de Misericórdia.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Este cântico cantava-se na missa.
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	La 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Não aplicável.
<b>Modos</b>	Modo hipolídio (original, em dó). A canção não termina com a finalis (fá), sendo o seu fim suspensivo.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 3 <sup>a</sup> m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo baseia-se em - 
<b>Estrutura da Letra</b>	Neste cântico os versos não têm uma métrica definida.
<b>Análise semântica</b>	Este cântico é uma oração pedindo misericórdia pelos pecados.

## Recolha n.º 136

### Verónica

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

Ó vó só ó né  
 4 qui tran  
 7 si per vi i iam  
 10 am é ten di  
 13 té é de vi  
 16 dé é té é  
 19 si és do o lo ci co  
 22 do lor me  
 25 e o

Ó vó só ó né  
 Qui transit per viam  
 É tendité devidé é té  
 Si és dolocico dolor meo

<b>Nome</b>	Verónica.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Era cantada na sexta feira santa na procissão que ia da capela até à igreja. Cantavam a Verónica ao princípio da procissão.
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	Mi b 3, La 3.
<b>Tonalidade</b>	Não aplicável.
<b>Modos</b>	Modo lídio transposto a sol ou mistura (tonal) de sol maior e menor. A peça termina de forma suspensiva, sobre o sétimo grau da escala. A sucessão mi-mib sugere mistura modal (maior/menor) no contexto de uma tonalidade de sol. No entanto, a sucessão sol-mi-sol-lá-sol faz-nos ouvir uma escala modal, mais do que uma escala tonal.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Mib, no contexto do modo lídio transposto a sol.
<b>Intervalos</b>	O cântico começa com notas repetidas. Depois há graus conjuntos e intervalos de 3 <sup>a</sup> m.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a semínima, a unidade de compasso é a mínima. É um compasso binário (2/4).
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo baseia-se em - ♪♪♪♪ No final há uma frase sincopada - ♪♪♪♪
<b>Estrutura da Letra</b>	Este cântico é uma oração sem métrica definida.
<b>Análise semântica</b>	

## Recolha nº 137

### Martírios

Souto da Casa

Recolha de Miguel Carvalhinho

Adagio

4 Lá em ci ma ao cal vá rio está um

7 cra veí ro o à cru u uz u u u

10 u uz u u u uz u uz

13 a á gua com que se rega

16 é o san gue de e Je su u us

19 u us u s


Lá em cima ao calvário  
Está um craveiro à cruz  
A água com que se rega  
É o sangue de Jesus

Além vão as três Marias  
Todas três vão a chorar  
Vão à cata de Jesus  
Não o puderam achar

Ó meu Deus quem fora homem  
Ó meu Deus quem homem fora  
Quem subiu ao calvário  
Beijar o ceptro à coroa

Foram-no achar em Roma  
Revestido no altar  
Com um cálice de ouro na mão  
Missa nova quer canta

Lá em cima ao altar mor  
Onde se diz domine  
Parte-se a história ao meio  
Fica Deus conforme é

<b>Nome</b>	Martírios.
<b>Tipo</b>	Cântico Religioso.
<b>Contexto</b>	Cantavam este cântico depois de cantar as almas, durante a semana santa.
<b>Origem</b>	Souto da Casa.
<b>Recolha</b>	Grupo de Cantares do Souto da Casa.
<b>Âmbito</b>	Sol 2, Fa 3.
<b>Tonalidade</b>	Do M.
<b>Modos</b>	Não aplicável.
<b>Alterações Ocorrentes</b>	Não aplicável.
<b>Intervalos</b>	Este cântico começa com graus conjuntos. Depois há intervalos de 3ªM, 3ªm e 4ªP.
<b>Compasso</b>	A unidade de tempo é a colcheia, a unidade de compasso é a mínima com um ponto de aumentação.
<b>Estrutura rítmica</b>	O ritmo deste cântico baseia-se em - 
<b>Estrutura da Letra</b>	As quadras têm versos de 7 e 8 sílabas.
<b>Análise semântica</b>	O tema deste cântico é a paixão e morte de Jesus Cristo.

#### 4.6.2- Quadro das canções recolhidas ordenadas por tipos.

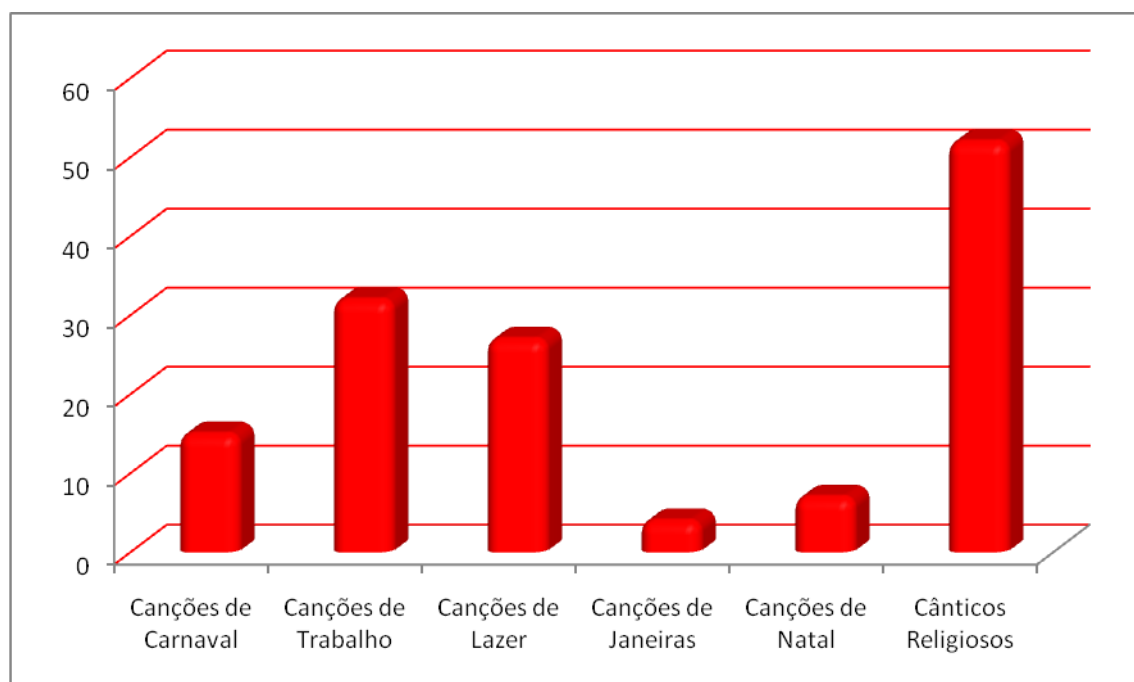
Canções de Trabalho	Canções de Lazer	Canções de Natal	Canções de Janeiras	Canções de Carnaval	Cânticos Religiosos
Recolha nº 1	Recolha nº 35	Recolha nº 5	Recolha nº 21	Recolha nº 2	Recolha nº 6
Recolha nº 4	Recolha nº 63	Recolha nº 28	Recolha nº 45	Recolha nº 3	Recolha nº 9
Recolha nº 7	Recolha nº 65	Recolha nº 50	Recolha nº 70	Recolha nº 8	Recolha nº 10
Recolha nº 17	Recolha nº 66	Recolha nº 51	Recolha nº 107	Recolha nº 13	Recolha nº 11
Recolha nº 22	Recolha nº 68	Recolha nº 52		Recolha nº 23	Recolha nº 12
Recolha nº 24	Recolha nº 69	Recolha nº 93		Recolha nº 33	Recolha nº 14
Recolha nº 25	Recolha nº 71	Recolha nº 109		Recolha nº 34	Recolha nº 15
Recolha nº 26	Recolha nº 72			Recolha nº 38	Recolha nº 16
Recolha nº 27	Recolha nº 73			Recolha nº 42	Recolha nº 18
Recolha nº 30	Recolha nº 77			Recolha nº 43	Recolha nº 19
Recolha nº 40	Recolha nº 82			Recolha nº 54	Recolha nº 20
Recolha nº 41	Recolha nº 83			Recolha nº 55	Recolha nº 75
Recolha nº 44	Recolha nº 85			Recolha nº 56	Recolha nº 29
Recolha nº 46	Recolha nº 88			Recolha nº 64	Recolha nº 31
Recolha nº 53	Recolha nº 90			Recolha nº 92	Recolha nº 32
Recolha nº 74	Recolha nº 94				Recolha nº 36



Recolha n° 76	Recolha n° 102				Recolha n° 37
Recolha n° 78	Recolha n° 104				Recolha n° 39
Recolha n° 84	Recolha n° 106				Recolha n° 41
Recolha n° 87	Recolha n° 108				Recolha n° 47
Recolha n° 91	Recolha n° 110				Recolha n° 48
Recolha n° 95	Recolha n° 112				Recolha n° 49
Recolha n° 96	Recolha n° 116				Recolha n° 57
Recolha n° 99	Recolha n° 117				Recolha n° 58
Recolha n° 100	Recolha n° 119				Recolha n° 59
Recolha n° 111	Recolha n° 124				Recolha n° 60
Recolha n° 121	Recolha n° 131				Recolha n° 61
Recolha n° 125					Recolha n° 62
Recolha n° 126					Recolha n° 67
Recolha n° 127					Recolha n° 79
Recolha n° 130					Recolha n° 80
Recolha n° 132					Recolha n° 81
					Recolha n° 86
					Recolha n° 89

					<b>Recolha n° 97</b>
					<b>Recolha n° 98</b>
					<b>Recolha n° 101</b>
					<b>Recolha n° 103</b>
					<b>Recolha n° 105</b>
					<b>Recolha n° 113</b>
					<b>Recolha n° 114</b>
					<b>Recolha n° 115</b>
					<b>Recolha n° 118</b>
					<b>Recolha n° 120</b>
					<b>Recolha n° 122</b>
					<b>Recolha n° 123</b>
					<b>Recolha n° 128</b>
					<b>Recolha n° 129</b>
					<b>Recolha n° 134</b>
					<b>Recolha n° 135</b>
					<b>Recolha n° 136</b>
					<b>Recolha n° 137</b>
					<b>Recolha n° 138</b>
					<b>Recolha n° 139</b>

#### 4.6.3- Gráfico representando as canções recolhidas



#### 4.7- Análise Comparativa

O presente trabalho tem, como foi referido no capítulo Metodologia, o estado da questão e fontes, uma abordagem que abarca várias perspectivas. Depois da recolha e análise das canções do repertório nas povoações estudadas, consubstanciando a perspectiva etnográfica, pesquisámos outros cancioneiros e recolhas, no sentido de perceber se estas composições se encontravam já editadas e se tinham algumas diferenças com as que apresentamos, realizando assim a perspectiva etnológica.

Consultámos a revista Adufe que publica o Cancioneiro Monsantino, uma recolha de Eurico Salles Viana. Nesta recolha aparece uma canção, na página 35, que se chama Tai Pum considerada como jogo de roda.

A canção tem a mesma melodia que a recolha nº 34- A saia da nossa Ana (Castelo Novo) recolhida neste trabalho, que consideramos como canção de Carnaval para ser dançada. O ritmo é muito parecido, havendo algumas diferenças devido à interpretação. O texto é diferente aparecendo “o balão da nossa ama” em vez de “a saia da nossa Ana”. A onomatopeia é “ai taipum biri biri biri bum” na recolha de Monsanto e “ai taipum chiri biri biri bum” na nossa recolha. A comparação à roda de um carro e o efeito de fazer abanar o sobrado é idêntica.

T A I P U M

JOGO DE RODA

*allegretto*



O ba-lão da nos-sa a-ma Ai tai-  
 Quan-do vai par' á co-si-nha Ai tai-  
 pum bí-ri-bí-ri bí-ri-bum É com' á ro-da dum  
 pum bí-ri-bí-ri bí-ri-bum Faz a-ba-nar o so-  
 car-ro É com' á ro-da dum car-ro  
 bra-do Faz a-ba-nar o so-bra-do

O balão da nossa ama,  
 Ai taipum,  
 Bíri bíri  
 Bíri bum!  
 É com'à roda dum carro;  
 É com'à roda dum carro!  
 Quando vai par'à cozinha,  
 Ai taipum,  
 Bíri bíri

Bíri bum!  
Faz abanar o sobrado.  
Faz abanar o sobrado!

Faço rendas, vendo rendas...  
Ai taipum,  
Bíri bíri  
Bíri bum!

Cada metr' é um pataco;  
Cada metr' é um pataco!  
Quatro metros não mi chegam  
Ai taipum,  
Bíri bíri  
Bíri bum!

Prà roda do meu casaco!  
Prà roda do meu casaco!

Faço rendas, vendo rendas...  
Ai taipum,  
Bíri bíri  
Bíri bum!

Cada metr' é um tostão;  
Cada metr' é um tostão!  
Quatro metros não mi chegam  
Ai taipum,  
Bíri bíri  
Bíri bum!

Prà roda do meu balão!  
Prà roda do meu balão!

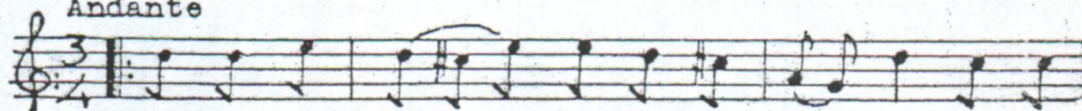
Neste Cancioneiro Monsantino encontrámos também um cântico de Páscoa intitulado Alvissaras. No presente trabalho apresentamos uma canção recolha nº 120- Alvichas (Souto da Casa), que se cantava na segunda feira a seguir à Páscoa quando se iam pedir as alvissaras. Neste caso a semelhança é a nível do texto pois musicalmente são muito diferentes.



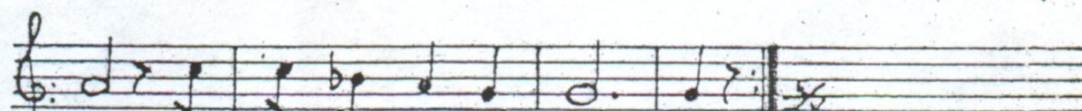
# ALVISSARAS

## CÂNTICO DA PÁSCOA

Andante



Ai Dai-m'al...vi...ças, ó Sinho...ra Qu'eu as  
Ai Sal...va...ção... pa...r'ê minh'alma Gra...ça



ve...nho a pi...di...ri...  
pa...ra mi ser...vi...ri...

Ai!  
Levantei-me madrugada  
A varrer o meu balcão;  
Ai!  
Ouvi os anjos cantar:  
Aleluia, 'Surreição!

Ai!  
Dai-m'as alviss'as, Senhora,  
Eu vos as venho pedir!  
Ai!  
Qu'o vosso amado Filho  
Já tornou a rissurgir!

Ai!  
J'apariceu 'Aleluia,  
Quem 'achou, quem 'acharia!  
Ai!  
Achou-'ò sinhor Prior.  
Fechada na scristia!

Ai!  
Dai-m'as alviss'as, Senhora,  
Que as venho a pedir,  
Ai!  
Salvação par'à minh'alma,  
Graça para mi servíri!

Ai!  
J'apariceu 'Aleluia;  
Ditoso di quem 'achou!  
Ai!  
Achou-'ò sinhor Prior,  
No sacrário a fechou!

Ai!  
Ricordai, sinhor Prior,  
Ricorde, não durma tanto!  
Ai!  
Já vimos da Igreja,  
Vamos par'ò 'Sp'rito Santo!

No livro *A Canção Popular Portuguesa* de Fernando Lopes Graça, na página 122, consultámos uma canção intitulada *Senhora da Póvoa*, canto de romaria recolhida na aldeia de Atalaia do Campo que dista três quilómetros de Castelo Novo. No presente trabalho apresentamos a recolha nº 61- *Senhora da Serra* (Castelo Novo), que também se canta aquando da romaria a esta santa. As semelhanças são a nível do texto que tem uma quadra quase igual.

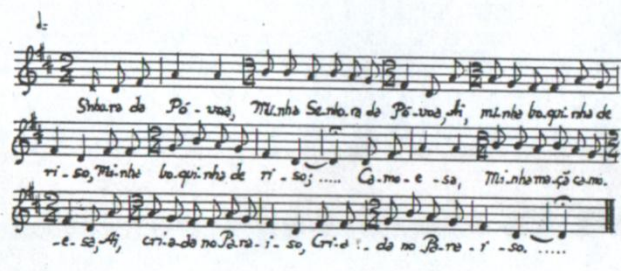
122 FERNANDO LOPES GRAÇA

3

S'nhora do Souto,  
Nossa Senhora do Souto,  
Quem vos molhou o terreirinho,  
Oh, quem vos molhou o terreirinho?  
Das Donas,  
Foram os rapazes das Donas, } bis  
Cuma borracha de vinho.

50. SENHORA DA PÓVOA  
Canto de romaria

Atalaia do Campo (Beira Baixa)



2

S'nhora da Póvoa,  
Minha Senhora da Póvoa,  
Ai, 'stás viradinha à terra,  
'stás viradinha à terra;  
Virada à terra,  
Bem pudéreis vós, Senhora,  
Ai, rogar os que andam na guerra,  
Rogar os que andam na guerra.

A CANÇÃO POPULAR PORTUGUESA

3

S'nhora da Póvoa,  
Minha Senhora da Póvoa,  
Ai, pequenina e airosa,  
Pequenina e airosa;  
A gente vem,  
A gente vem de tão longe,  
Ai, só por ver tão linda rosa,  
Só por ver tão linda rosa.

4

S'nhora da Póvoa,  
Minha Senhora da Póvoa,  
Ai, quem vos deu o guião verde,  
Quem vos deu o guião verde?  
Um mocinho,  
Ai, um mocinho da raia,  
Ai, duma doença que teve,  
Duma doença que teve.

5

S'nhora da Póvoa,  
Minha Senhora da Póvoa,  
Ai, mandai o tempo alegre;  
Há oito dias,  
Há oito dias que chove  
Ai, água fria como a neve,  
Água fria como a neve.



No livro *Tradições Musicais da Extremadura* de José Alberto Sardinha, na página 546, consultámos uma canção intitulada *Martírios do Senhor* (*Bendito da Paixão*), recolhida em Alcobaça. No presente trabalho recolhemos um cântico religioso recolha nº 39- *Bendito e Louvado* (Castelo Novo), cantado na semana santa. As semelhanças são a nível musical. A melodia é muito parecida, as diferenças prendem-se com a interpretação. O ritmo é igual e o texto também.

**PARTITURA N.º 67** **MARTÍRIOS DO SENHOR (Bendito da Paixão)**



Alcobaça, Turquel, Feitosa, 1984  
 Informador: Joaquim do Nascimento  
 Tom no original: si menor  
 Tom na transcrição: ré menor  
 Faixa 29 do Disco 2

**A notar:**  
 - modo menor puro (eólio);  
 - âmbito de uma sexta menor;  
 - melodia hexacordal.

♩ = 97



Ben-di - ta e lou - va - da se - ja — A Pai-xão do Re-den - tor; —  
 Pa-ra nos li - vrar, das cul - pas, Mor-reu por nos - so a mor! —

546

No livro *Cancioneiro Popular Português* de Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça, na página 67, consultámos uma canção intitulada *Bendita e Louvada Seja*, recolhida em S. Miguel de Acha. A nível musical é muito idêntico à canção referida no parágrafo anterior. O texto é maior mas o tema é o mesmo.

# 40. BENDITA E LOUVADA SEJA\*

*Encomendação das almas*

F. Lopes-Graça

S. Miguel de Acha/Idanha-a-Nova, Castelo Branco

1953

$\text{♩} = 63$

Ben - di - ta e lou - va - da

se - ja Sa - gra - da Mor - te e

Pai - xã o, Pai - xão di

Je - sus - us Cri - i

sto

E se - ja pe - lo a

mor - di Deus, se

e e ja A -

lem - brai - vos, meus ir - mã



- os. — das ben - di - tas al -  
 mas — qui lá 'stão — no Pur -  
 - ga - tó — ó — ó —  
 - ó — ri - o. A - ju - dai -  
 a ti - ra — ri — e'um Pa -  
 - dri Nos — so — e ù-a A - ve Ma - ri - a. i —  
 - i — i —  
 - a. — E — se — ja — pe —  
 - lo a — mor — di Deus. se —  
 - e — e — ja. —

Na página da direita: Genebres da Dança dos Homens (Lousa, Castelo Branco)

68

No livro *Tesouros da Literatura Popular Portuguesa* de António Manuel Couto Viana, na página 72, consultámos um canto dos reis intitulado *A Pombinha*. No presente trabalho recolhemos um cântico religioso, recolha nº 57- *Perdão ò meu Deus* (Castelo Novo). As semelhanças são a nível da melodia que é igual. O ritmo também é ternário e é bastante parecido. O texto é totalmente diferente.



### A POMBINHA

(Canto dos Reis)



A pombinha vai voando  
 Voando vai à porfia,  
 A ver quem chega primeiro  
 Aos pés da Virgem Maria.

Não vos damos as janeiras  
 Porque são dos lavradores  
 Vimos cantar-vos os reis  
 Que são dos nobres senhores.

Eu, senhores, fui a Belém  
 E de lá vim espantado  
 De ver o Jesus, meu bem,  
 Numas palhinhas deitado.

Foi tão grande a minha pena  
 Pelo ver tão pobrezinho  
 Que as lágrimas dos meus olhos  
 O molharam no bercinho.

Ora não choreis, meus olhos,  
 Meus olhos não desmaieis  
 Que daqui a pouco tempo  
 Vereis chegar os três reis.

Os três reis são do Oriente,  
 São reis, adoram um rei;  
 Mas é Rei Omnipotente  
 Que mais vos diga não sei,

A pombinha vai voando,  
 Voando vai à porfia,  
 Vimos cantar-vos os reis  
 Pois é hoje o seu dia.

Mal haja esse rei Herodes  
 Capitão falso e daninho  
 Que ensinou aos três Reis Magos  
 Às avessas o caminho.



Mas Deus, como poderoso  
Deu-lhes estrela de guia  
Que os conduziu ao presépio  
Onde o Menino jazia.

Quem traz oiro, incenso e mirra,  
Dos desertos d'além-mar?  
São três reis: Gaspar um deles  
Belchior, e Baltasar.

Oiro fino lhe of'recem  
Como a rei celestial;  
Incenso, como divino  
Mirra como imortal.

A pombinha vai voando,  
Voando vai à porfia;  
Viva o senhor desta casa  
Maila sua companhia.

No livro cantares do povo português de Rodney Gallop, consultámos esta canção, na página 113, recolhida no Bombarral. No presente trabalho recolhemos uma canção, recolha nº 96- Oliveira da serra (Soalheira), com o mesmo texto e com a melodia idêntica.

95. Recolhida no Bombarral.

*Andante.*

A o - li - vei - ra da ser - ra O ven - to

le - va a flô - ri, Ô ai, ó lin - da, Só a mim ninguem me

le - va, Ô ai, ó lin - da, Pa - ra o pé da mea a - mor.

8

No livro cantares do povo português de Rodney Gallop consultámos esta canção, na página 55, recolhida no Maranhão no Alto Alentejo.

Recolhemos duas canções neste trabalho, recolha n° 27- Ó és tão linda (Alpedrinha) e recolha n° 44- Fui-me deitar a dormir (Castelo Novo), que têm a melodia idêntica, embora o texto seja totalmente diferente. Esta melodia foi também cantada por Maximiano de Sousa (Max), nos anos sessenta do século XX, com o nome de “A Mula da Cooperativa”. Não encontramos nenhuma partitura desta música para apresentar.



No livro cantares do povo português de Rodney Gallop consultámos, na página 91, uma canção recolhida em Penamacor na Beira Baixa, cantada por um individuo que estava na cadeia e recolhida por Rodney Gallop. No presente trabalho recolhemos três músicas que se assemelham. As canções recolha n° 46- Loureiro (Castelo Novo) e recolha n° 22- Loureiro (Alpedrinha), têm duas quadras exactamente iguais. A melodia tem muitas semelhanças, embora o compasso seja diferente. A canção recolha n° 90- Loureiro (Soalheira), tem o mesmo texto mas a melodia é totalmente diferente.

CANTARES DO POVO PORTUGUÊS 91

65. Recolhida do mesmo.

Andante.

ze - la; Ca - sa com e - la ó Jo - a - qui En - qui

Casar com ela não caso,  
Que ela a mim não me faz conta.  
Loureiro, ó verde loureiro,  
Seco no meio e verde na ponta.


No livro cantares do povo português de Rodney Gallop consultámos, na página 67, uma canção recolhida em Arganil. A imagem da menina a apanhar laranjas no laranjal e a pô-las no avental, está também descrita na recolha nº 42- Encontrei a Amélia (Castelo Novo), do nosso trabalho. A melodia é muito diferente.



CANTARES DO POVO PORTUGUÊS 67

32. Recolhida duma mulher de sessenta anos, que na sua mocidade era a cantadeira de Arganil.

*Moderato.*



Eu vi a 'Nar - da, Eu vi, eu vi — Eu vi a  
'Nar - da, Eu vi, eu vi —, Tão pe-que - ní - na, Cho-rar por  
ti. Tão pe-que - ní - na, Cho-rar por ti,

Eu vi a 'Narda no laranjais  
Apanhar laranjas prò aventais.  
Eu vi a 'Narda naquele outeiro,  
Tão pequenina, tocar pandeiro.

No livro cantares do povo português de Rodney Gallop consultámos, na página 114, uma canção em louvor de S. João. No nosso trabalho apresentamos a recolha nº 97- S. João (Soalheira). A melodia é muito parecida, o texto é diferente.

114 CANTARES DO POVO PORTUGUÊS

96. Cantiga de S. João, recolhida no Bombarral.

*Allegretto.*



Don-de vin-des, ó São Jo-ão, Que  
nho de ver as lu-guei-ras E  
vin-des tão mo-lha-di-nho? Ve-ni-nho. Re-pe-  
co-lher o ros-ma-ni-ca, re-pe-ni-ca, re-pe-ni-ca, São Jo-ão be-be água á té-ca.

No livro cantares do povo português de Rodney Gallop consultámos, na página 48 uma canção que o autor intitula de “variante do Ladrão” e explica que “o Ladrão acha-se largamente espalhado em Portugal, e o ilustre Francisco de Lacerda interpretava o seu simbolismo como sendo o do ladrão de amor e malhador de corações...”<sup>35</sup>. Apresentamos a recolha nº 3 - Ó ladrão (Alcongosta), que se insere neste espírito do ladrão de amores. A canção era dançada no Carnaval, o homem que andava sem par procurava roubar uma menina. O texto é diferente e a melodia também, no entanto há este contexto referido por Gallop que aproxima estas canções.

48 CANTARES DO POVO PORTUGUÊS

10. Cantiga bailada, recolhida em Serpa: Variante do «Ladrão». Tal como o «Malhão», o «Ladrão» acha-se largamente espalhado em Portugal, e o ilustre Francisco de Lacerda interpretava o seu simbolismo como sendo o do ladrão de amor e malhador de corações, hipótese que parece confirmada pelo texto da presente canção e das que levam os n.ºs 37 e 106.

*Moderato.*

Fôz-te tú. fôz-te tú. la - drão. Fôz-te

tú. fôz-te tú. la - drão. Rou-ba-dor das chaves Do meu co - ra -

ção. Rou-ba-dor das chaves Do meu co - ra - - ção.

Aquele que não rouba a moça  
Fica sendo o paspalhão.

<sup>35</sup> GALLOP, Rodney.: *Op. Cit.*, p. 48.



## **5- Propostas para a difusão do repertório recolhido e perspectivas de investigação**

### **5.1- Propostas para difusão do repertório**

#### **5.1.1- Arranjos das canções recolhidas**

#### **5.1.2- Projecto e “Compact Disc” Ninho**

### **5.2- Proposta pedagógica para o futuro**

### **5.3- Criação de um Centro de Estudos**

## **5.1- Propostas para difusão do repertório.**

As canções que recolhemos já não desaparecem, o facto de estarem editadas salva-as da extinção. No entanto pensamos que é fundamental a difusão deste repertório pois enriquece a cultura musical regional e nacional. As canções, que tiveram um papel importante na vida das populações, à época, podem continuar a desempenhar uma função essencial para as populações de hoje.

Estas melodias fazem parte do património inteligível do nosso povo. Fazê-las reviver é avivar as memórias e as tradições antigas. Conscientes da subjectividade das emoções que possam suscitar, acreditamos que a experiência de ouvir estas canções é reconfortante e fará as pessoas revisitarem outra realidade que já esqueceram.

### **5.1.1- Arranjos das canções recolhidas.**

Como além de investigador, neste trabalho, somos também instrumentista, compositor e arranjador, apresentamos seguidamente arranjos de quatro canções, recolhidas.

Nas canções Encontrei Amélia, Loureiro e Cântico à Senhora da Serra fizemos arranjos para guitarra clássica e voz.

No primeiro arranjo apresentamos uma introdução, que servirá também de ponte entre as estrofes, baseada no material melódico do tema. Depois apresentamos o tema instrumental antes de entrar a voz, que será

acompanhada pelo harpejo dos acordes com a dedilhação polegar, indicador médio e anelar, na mão direita.

O arranjo da canção Loureiro é baseado na técnica de guitarra clássica, conhecida como trémolo. A melodia inicial, realizada em trémolo, serve também como ponte entre as estrofes e é baseada no material melódico da canção.

No arranjo da canção Senhora da Serra desenvolvemos, no início, uma frase que acaba com o harpejo de Sib M para depois entrar em Dó M. Esta modulação acontece no tema e pareceu-nos interessante desenvolver um motivo melódico que serve, à semelhança dos arranjos anteriores, como introdução e ponte entre as estrofes.

Para a canção A Oliveira se Queixa fizemos um arranjo para coro a quatro vozes. Como o tema desta canção é o lamento da árvore, pois roubam-lhe o fruto e podam-lhe a rama, decidimos utilizar um processo de composição descritivo. Assim, existem algumas sucessões de intervalos que não são permitidos pelo cânone da composição tonal, inserindo-se mais em escolas mais contemporâneas. No compasso vinte e três aparecem, nas duas primeiras vozes, três acordes de terceira paralela que acabam num intervalo de oitava. Esta sucessão de acordes confere uma sonoridade mais escura à peça, ilustrando o tom de lamento do texto.

No segundo tema do CD Ninho, Anabela, este tipo de composição é também utilizado quando o clarinete realiza sons onomatopaicos, imitando um lobo ou um assobio lisonjeiro.

## Encontrei a Amélia

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

En con trei A mé lia no la ran jal a'a

3 pa nhar la ran jas p'ró a ven ta al vem co mi go

6 A mé lia vem s'eu te não a mo não a mo nin guém

9 vem co mi go A mé lia vem

11 s'eu te não a mo não a mo nin guém

## Encontrei a Amélia

Arranjo de Miguel Carvalhinho

**Voice**

**Guitar**

**Gtr.**

En con trei A mé lia no la ran jal a pa nhar la ran jas

p'ró a ven ta al vem co mi go A mé lia vem se'eu te não a mo não

a mo nin guém



Encontrei a Amélia num laranjal  
A apanhar laranjas p'ró avental  
Vem comigo Amélia vem  
Se eu te não amo não amo ninguém

Encontrei a Amélia na laranjeira  
A apanhar laranjas por brincadeira  
Vem comigo Amélia vem  
Se eu te não amo não amo ninguém

## Senhora da Serra

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

No ssa se nho ra da se rra no ssa

3 sc nho ra da sc c rra pc que ni na

6 e ai ro sa pe e que ni na

8 c ai ro sa

## Senhora da Serra

Arranjo de Miguel Carvalhinho

Music score for "Senhora da Serra" (Arranjo de Miguel Carvalhinho). The score is written for Voice and Guitar (Gtr.).

The score is divided into four systems, each with a Voice staff and a Guitar staff.

**System 1:** The Voice staff contains five measures of whole rests. The Guitar staff contains five measures of music.

**System 2:** The Voice staff contains five measures of whole rests. The Guitar staff contains five measures of music.

**System 3:** The Voice staff contains five measures of music. The lyrics "Nos sa Se nho ra da scr ra nos sa Se nho ra da" are written below the staff. The Guitar staff contains five measures of music.

**System 4:** The Voice staff contains five measures of music. The lyrics "ser ra pe que ni na e ai ro sa pe que ni na e ai rosa" are written below the staff. The Guitar staff contains five measures of music.

23

ve nho lá de tan tas lé guas ve nho lá de tan tas lé gu as

Gtr.

23

28

só p'ra ver tão lin da ro sa só p'ra ver tão lin da ro sa

Gtr.

28

Nossa senhora da serra  
Pequenina e airosa  
Venho de lá de tantas léguas  
Só p'ra ver tão linda rosa

Nossa senhora da serra  
Minha rosa em botão  
Ao fundo do Alentejo  
Chega a vossa protecção

Nossa senhora da serra  
Minha rosa encarnada  
Ao fundo do Alentejo  
Chega a vossa nomeada

Nossa senhora da serra  
Olhai o vosso menino  
Que se vai para Castela  
Vai ser castelhaninho

## Loureiro

Castelo Novo

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

3 Lou rei ro ver de lou rei ro lou

6 rei ro a ssi a ssim im lou rei ro ver de lou

rei ro lou rei ro a ssi a ssim im en

9 ga nas t'u ma don ze la ca sa com e la ó Jo a

12 quim im en ga nas t'u ma don ze la ca sa com

15 e la ó Jo a quim im

# Loureiro

Arranjo de Miguel Carvalhinho

1

Voice

Guitar

2

Gtr.

3

Gtr.

4

Gtr.

Loureiro

The musical score for 'Loureiro' is presented in two systems. Each system consists of a vocal line (treble clef) and a guitar line (Gtr., treble clef). The time signature is 3/4, and the key signature has two flats (B-flat major). The guitar part is played on the 5th string, indicated by the number '5' at the beginning of the first system. The lyrics are in Portuguese and are aligned with the vocal line.

**System 1:**

- Measure 2: Vocal line has a whole rest. Guitar line has a continuous eighth-note pattern.
- Measure 7: Vocal line has a whole rest. Guitar line continues the eighth-note pattern.

**System 2:**

- Measure 8: Vocal line has a whole rest. Guitar line continues the eighth-note pattern. The word 'Lou' appears at the end of the measure.
- Measure 11: Vocal line has the lyrics 'rei ro ver de lou rei ro lou'. The guitar line continues the eighth-note pattern.
- Measure 13: Vocal line has the lyrics 'rei ro as sim as sim lou'. The guitar line continues the eighth-note pattern.

Loureiro 3

15

rei ro ver de lou rei ro lou

Gtr. 15

17

rei ro as sim as

Gtr. 17

18

sim en ga nas te'u ma don

Gtr. 18

20

ze la ca sa com e la ó Jo a

Gtr. 20

22

quim en ga nas te'u ma don

Gtr. 22



Loureiro

4

24

ze la ca sa com e la ó Jo a

Gtr.

26

quim

Gtr.

26

Loureiro verde loureiro  
 Loureiro assim, assim  
 Enganaste uma donzela  
 Casa com ela ó Joaquim

Eu hei-de subir ao loureiro  
 Hei-de descer pela rama  
 Só para ver o travesseiro  
 Ai que o meu amor tem na cama

Casar com ela não caso  
 Que ela a mim não me faz conta  
 Loureiro verde loureiro  
 Seco no meio verde na ponta

Loureiro verde loureiro  
 Loureiro da azinhaga  
 Todos fazem o que podem  
 Ai e o loureiro é que paga

Tendes um loureiro à porta  
 Tendes o balcão sombrio  
 Quem tem sombra tem regalo  
 Quem tem regalo tem brio

E o loureiro é que paga  
 O loureiro paga tudo  
 Loureiro verde loureiro  
 Da azinhaga ramalhudo

## A Oliveira se Queixa

Soalheira

Recolha de Miguel Carvalhinho

Moderato

A o li vei ra se quei ei xa a o li vei ra se  
 quei ei xa ai se quei xa e tem ra zão ai se  
 quei xa e tem ra zão que lhe co lhem a zeí  
 to o na que lhe co lhem a zeí to o na ai lhe  
 dei tam a ra ma'ao chão ai lhe dei tam a  
 chão

A oliveira se queixa  
 A oliveira se queixa  
 Ai se queixa e tem razão  
 Ai se queixa e tem razão

Que lhe colhem a azeitona  
 Que lhe colhem a azeitona  
 Ai lhe deitam a rama ao chão  
 Ai lhe deitam a rama ao chão

Debaixo da oliveira  
 Debaixo da oliveira  
 Ai nem chove nem cai orvalho  
 Ai nem chove nem cai orvalho

Menina que há-de ser minha  
 Menina que há-de ser minha  
 Ai não me dê tanto trabalho  
 Ai não me dê tanto trabalho

Os amores da azeitona  
 Os amores da azeitona  
 Ai são como o milho miúdo  
 Ai são como o milho miúdo

A acabada da azeitona  
 A acabada da azeitona  
 Ai lá vai amor lá vai tudo  
 Ai lá vai amor lá vai tudo

Debaixo da oliveira  
Não faz frio nem faz calor  
Debaixo da oliveira  
Não faz frio nem faz calor

À sombra da sua rama  
encontrei o meu amor  
À sombra da sua rama  
encontrei o meu amor

A folha da oliveira  
Tem biquinhos como a renda  
A folha da oliveira  
Tem biquinhos como a renda

A estes rapazes de agora  
Já não há quem os entenda  
A estes rapazes de agora  
Já não há quem os entenda

A folha da oliveira  
Não é curta nem comprida  
A folha da oliveira  
Não é curta nem comprida

Nela se pode escrever  
Saudades a uma amiga  
Nela se pode escrever  
Saudades a uma amiga

A azeitona miudinha  
Apanhada uma a uma  
A azeitona miudinha  
Apanhada uma a uma

As meninas de hoje em dia  
Não têm vergonha nenhuma  
As meninas de hoje em dia  
Não têm vergonha nenhuma

*Dedicado ao Coro da S. R. Musical da Pedreira*

# A oliveira se queixa

(Tradicional da Soalheira)

Recolha e arranjo de Miguel Carvalhinho  
(revisão de Adolfo Mendes)

**Moderato**

**SOPRANO**  
E - la\_\_ se quei - xa, E - la\_\_ se quei - xa, a o - li - vei - ra se *mf*

**ALTO**  
O - li - vei - ra, o - li - vei - ra, o - li - vei - *mf*

**TENOR**  
O - li - vei - ra, o - li - vei - ra, oli - vei - ra se *mf*

**BAIXO**  
O - li - vei - ra, o - li - vei - ra, o - li - vei - ra *mf*

6 *mp*  
quei - xa, a o - li - vei - ra se quei - xa, ai se que - xa tem ra - zão, ai se

*mp*  
ra, o - li - vei - ra ai tem ra - zão, ai se quei -

*mp*  
quei - xa, oli - vei - ra se queixa ai se quei - xa e tem ra - zão, ai

*mp*  
quei - xa, o - li - vei - ra quei - xa tem ra - zão a - i

11 *mf* *ff*

quei-xa e tem ra-zão. E - la se quei - xa, e - la se quei - xa,

*mf* *ff*

xa tem ra - zão. O - li - vei - ra, o - li - vei - ra,

*mf* *ff*

8 queixa tem ra-zão. O - li - vei - ra, o - li - vei - ra,

*mf* *ff*

tem ra - zã - o. O - li - vei - ra, o - li - vei - ra, que

17 *mf*

a ra ma ao

*mf*

lhe dei-tam a ra-m'ao chão, ra - ma ao

*mp*

8 lhe dei - tem

*mp*

lhe co-lhem a-zei-to - na dei - tam ra-m'ao chão, lhe dei - tam

24 *f*

chão. E - la - se quei - xa, e - la - se quei - xa,

chão. O - li - vei - ra, o - li - vei - ra,

O - li - vei - ra, o - li - vei - ra,

O - li - vei - ra, o - li - vei - ra,

29 *mp* *p* rit. *pp*

e - la - se quei - xa, e - la - se quei - xa,

*mp* *p* *pp*

o - li - vei - ra, o - li - vei - ra.

*mp* *p* *pp*

o - li - vei - ra, o - li - vei - ra.

*mp* *p* *pp*

o - li - vei - ra, o - li - vei - ra.

### 5.1.2- Projecto e “Compact Disc” Ninho.

Logo que começámos a editar as partituras das canções que recolhêramos nasceu a ideia de formar um agrupamento musical capaz de difundir a música de tradição oral.

Como mantemos uma carreira musical com cerca de vinte anos, tendo participado em variadíssimos projectos e feito concertos em Portugal e no estrangeiro, temos a noção de quando há matéria de facto para conceber um projecto. Em conversa com o também investigador em etnomusicologia Fernando Gordo chegámos à conclusão que formar um grupo capaz de fazer concertos em que a música de tradição oral estivesse representada, seria uma ideia interessante, e então começámos a fazer contactos.

Como trabalhamos na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco, que é um estabelecimento de ensino superior de música, temos contacto com muitos músicos quer sejam professores, colaboradores ou alunos. Convidámos o Pedro Ladeira, clarinetista e professor na referida escola. Além de ser um bom executante, tem um contacto com a música de cariz mais popular pois é mestre de uma banda filarmónica da região, o que lhe permite conhecer bem as características do repertório em questão. O instrumento clarinete tem um timbre que nos parece adequado para conjugar com a voz nestas canções. Depois, surgiu a Irene Ferreira, na altura a acabar o curso superior de violino, que nos maravilhou com a sua voz magnífica e desde logo se identificou com o repertório. A sonoridade do violino não está longe deste repertório pois é um instrumento que também acompanhava estas músicas. Faltava ainda quem desse logo a imagem sonora da música de cariz popular. Assim, convidámos o Sérgio Chitas, na altura estudante de guitarra clássica mas com conhecimentos de música popular em bandolim. A percussão que está sempre presente na maior parte destas canções beirãs, muito identificadas com o adufe, ficou a cargo de Aldovino Munguambe, percussionista de orquestra que encara esta música com o recorte exigido para a música erudita.

Estava então constituído o grupo: Miguel Carvalhinho guitarra de 10 cordas, Irene Ferreira violino e voz, Sérgio Chitas bandolim, Pedro Ladeira

clarinete e Fernando Gordo guitarra baixo. Começámos a ensaiar de imediato para elaborar um repertório para concertos.

O nome Ninho, com o qual baptizámos o projecto, inspira-se na essência da música, no início, antes de haver a separação entre música erudita e popular. Em sentido poético “a casa materna” da música desta região do mundo – Península Ibérica, Norte de África, margens do Mar Mediterrâneo.

O símbolo que escolhemos para este projecto, é a cegonha, ave de arribação, comum à região atrás mencionada, que personifica a viagem que as canções de tradição oral fazem quando são transmitidas.

O repertório que começámos a trabalhar, tem várias ramificações, como os ninhos das cegonhas. A música de tradição oral, com arranjos de canções recolhidas neste trabalho e noutros projectos. Música de autores como Eric Satie, Jacques Ibert ou Carlos Paredes, que tem uma sonoridade que rotulamos de profundamente mediterrânica, e canções que compusemos ao longo da carreira. Estes três caminhos confundem-se num concerto em que se descobre a música que nos diz respeito.

Depois de realizarmos diversos concertos em que a adesão do público foi entusiasta e sincera decidimos avançar para a gravação de um “Compact Disc”. O C.D. Ninho, que apresentamos em anexo, foi gravado por uma equipa de profissionais:

- Produtor Executivo: Custódio Castelo.
- Masterização: Estúdio “Pé de Vento” por Fernando Nunes
- Design Gráfico: Rui Monteiro.

Desafiámos ainda o escultor José Simão para que, inspirado no conceito do grupo Ninho, fizesse uma escultura que acompanhasse o C.D.. Aceite o convite, dedicou-nos uma série de duzentas esculturas numeradas, que acompanham este trabalho musical.

O escritor José Pires dedicou-nos uma página de literatura que está incluída no C.D. e que é a sua leitura da nossa música.



O C.D. foi apresentado no Centro Artístico Albicastrense, em Castelo Branco, no dia vinte de Janeiro de dois mil e nove pelas quinze horas e trinta minutos. A tarde estava fria mas o calor humano que se gerou à volta desta celebração foi comovedor.

Apresentamos, seguidamente, as notícias que saíram nalguns jornais a propósito do lançamento do C.D. e do Projecto Ninho.

14 31 DEZEMBRO 2009 NOTÍCIAS DA COVILHÃ

CULTURA

## Cantigas da Gardunha preservadas

Grupo Ninho fez recolha de cantigas do início do século XX que até serviam para matar a fome



**Músicas foram criadas para funções como a sacha do milho**

Cantigas da Serra da Gardunha, do início do século XX, que até serviam para matar a fome, foram resgatadas do risco de extinção pelo grupo Ninho que as gravou num disco distribuído com uma escultura.

A recolha das músicas foi feita junto de pessoas com mais de 70 anos. "São músicas que já os avós delas cantavam", explica Miguel Carvalhinho, músico e professor de guitarra clássica na Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART) de Castelo Branco. "Estamos a trabalhar um repertório com um mínimo de 100 anos" e que faz parte da identidade regional e do País. Aliás, o músico garante que são temas que ainda inspiram música contemporânea, mas com tendência para se perder.

"Estas músicas antigas perdem-se porque já não cumprem a função para que foram criadas", ou seja, já não se sacha o milho, já ninguém faz a monda do trigo ou outros trabalhos agrícolas em

vam o ritmo. "Tenho testemunhos de senhoras que diziam que cantavam até para matar a fome", destaca Miguel Carvalhinho, para dar o exemplo de como cantar fazia parte de todas as tarefas do dia-a-dia, sobretudo dos trabalhos agrícolas. "Hoje ouvimos rádio ou televisão, mas na altura não havia electricidade. Não havia outra maneira de ouvir música, senão cantando e quando possível ter alguns instrumentos".

A recolha enquadra-se na área de investigação do doutoramento em etnomusicologia de Miguel Carvalhinho na Universidade da Extremadura, em Espanha. Mas além desse trabalho de campo, encontrou-se com outros músicos, quase todos da ESART, e nasceu o Ninho. Músicos com formação clássica que apostam em salvar as músicas, "colocá-las fora do risco de extinção, levá-las ao grande público e mostrar que a música de tradição oral serve para inspirar outros autores". "Queremos que as pessoas também percebam que a música de tradição oral tem

muito a ver com a sua região e o seu País", sublinha. Uma mensagem dirigida a todas as idades.

Irene Ferreira, de 24 anos, é a vocalista do Ninho. "Foi um grande desafio, mas é um gosto estar neste projecto", refere à Agência Lusa. "Pensei que as pessoas da minha idade não iam gostar, mas afinal vêm ter comigo e dizem que adoram".

O CD de estreia é acompanhado de uma peça de José Simão, escultor e docente da ESART. A princípio mostrou-se renitente em aceitar fazer uma escultura para distribuir numa caixa de CD. "Depois cheguei a uma forma articulada", explica à Lusa. Duas peças em aço que se encaixam e com espaço para uma pequena folga que serve para pôr de pé a árvore com um ninho no topo.

O Ninho é constituído por Aldovino Munguambe (percussão), Fernando Gordo (baixo), Irene Ferreira (voz e violino), Miguel Carvalhinho (guitarra de dez cordas), Pedro Ladeira (clarinete) e Sérgio Chitas (bandolim).

Jornal Regional Notícias da Covilhã 31 de Dezembro de 2009

Boas Festas

LBAT, Lda.

BRANCO

OSIL

de Baterias e Acessórios, Lda.  
5 - 6000 Castelo Branco  
72 343 079

Vamos à  
Ladra  
amanhã no  
Bar  
Património

*Vamos à Ladra?* é uma pequena feira da ladra que vai acontecer durante a tarde de amanhã, quinta-feira, no Património Bar, entre as 15 e as 20 horas.

Nesta feira pode-se vender, comprar e trocar de tudo. Esta iniciativa parte do colectivo *Pépa, Loli & Belle*, em colaboração com o Património Bar. *Pépa, Loli & Belle* são o alter-ego de duas artesãs e uma gestora cultural que partilham o gosto pelas artes decorativas não tradicionais: o artesanato urbano/contemporâneo.

Este colectivo já conta com alguns eventos na manga e o *Vamos à Ladra?* é o primeiro de muitos.

Miguel  
Carvalhinho  
apresenta *O  
Ninho* este  
domingo no  
CAA

O músico albicastrense Miguel Carvalhinho vai apresentar este domingo, no Centro Artístico Albicastrense, o seu mais recente trabalho, intitulado *O Ninho*. O concerto de apresentação tem início às 15 horas.

Miguel Carvalhinho trabalhou este CD no Distrito de Castelo Branco onde confessou à *Gazeta* "buscou inspiração".

Jornal Regional Gazeta do Interior 16 de Dezembro de 2009

Miguel Nuno Marques Carvalhinho 2010

437



■ O guitarrista Miguel Carvalhinho esteve no terreno a recolher tradições orais da Serra da Gardunha. Parte do que conseguiu deu origem à gravação do CD *Ninho* que vai ser apresentado ao público a 25 de Janeiro, no Cineteatro Avenida, em Castelo Branco

Miguel Carvalhinho

## “É pena que a arte musical seja vista como uma arte menor”

Célia Domingues - JF

**JORNAL DO FUNDÃO** – Como surgiu a ideia da recolha de cânticos da região e porquê na Serra da Gardunha?

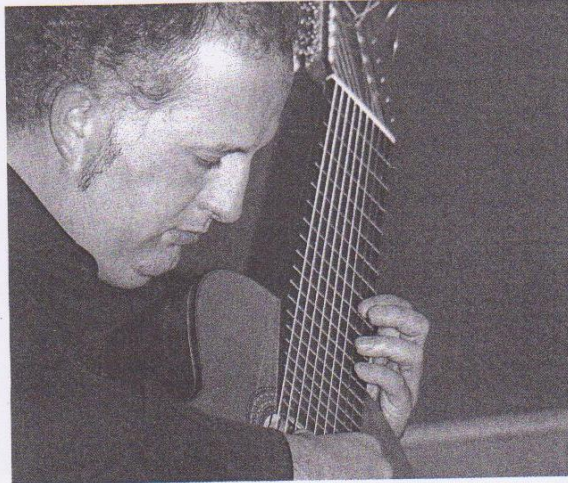
**MIGUEL CARVALHINHO** – Quando comecei o doutoramento na Universidade da Extremadura, foi-me proposto fazer algo sobre músico-museologia, sobre a tradição oral, algo a que estive sempre ligado. Sou beirão e estes cânticos foram sempre a banda sonora da minha infância e adolescência. Em Castelo Novo, onde vivi, tinha dois vizinhos que como sabiam que eu era músico, me falavam de algumas músicas que conheciam. Como a nossa linha de investigação prevê a comparação e a interação entre os povos, perceber o que se passou em termos de música ao longo dos tempos, decidimos trabalhar em oito povoações da Gardunha, para tentar saber até que ponto existem músicas comuns ou não. Trabalhei assim em Alpedrinha, Soalheira, Castelo Novo, Casal da Serra, Lourical do Campo, São Vicente da Beira, Souto da Casa e Alcongosta.

Que dificuldades encontrou no terreno?

A maior dificuldade foi encontrar as pessoas exactas. Por exemplo, em Alpedrinha foi muito difícil, estava quase a desistir quando encontrei alguém. Noutros casos, tive que me deslocar várias vezes, porque a pessoa ou não estava, ou estava doente. Este tipo de música popular deixou de ter um aspecto funcional. Hoje em dia as pessoas já não trabalham no campo como antigamente, o ritmo de vida é diferente. Antes de existirem os meios de entretenimento que conhecemos, quem quisesse ouvir música, tinha de a fazer, quem quisesse cantar tinha de compor ou pedir a alguém que o fizesse.

As pessoas explicaram-lhe em que contexto a música era cantada?

As entrevistas que fiz são conversas espontâneas, mas eu tinha um guião decorado. O que me interessava saber, enquanto investigador, era em que contexto se cantava aquela canção. Sabe-se que existiam músicas para determinados tipos de funções... cantava-se até para matar a fome. Por exemplo, músicas que tenham a ver com a Nossa Senhora da Serra ou das Necessidades ou da Orada, têm muito a ver com um cântico que se canta em todo o lado que é o Cântico da Aleluia, no sábado que antecede o domínio de Páscoa. Tinha acabado



“A obra de Fernando Lopes Graça, Salles Viana e do Michel Jacometti reflecte minimamente a riqueza do repertório recolhido na Beira, mas não chega”

a penitência e jejum.

Como realizou a recolha e tratamento dos dados?

Primeiro de tudo, ouvi o que as pessoas nos disseram e depois fiz a análise musical, uma vez que as partituras é o garante que as coisas não desapareçam. Depois trabalhou-se no repertório e foi daí que nasceu o projecto *Ninho*, com um conjunto de músicos de enormes qualidades (Irene Ferreira - voz, violino, Miguel Carvalhinho - guitarra de 10 cordas, Pedro Ladeira - clarinete, Sérgio Chitas - bandolim, Fernando Gordo - baixo e Aldovino Munguambe - percussão), ligados à Escola Superior de Artes. Fizemos

os arranjos dessas músicas para a formação com uma sonoridade muito particular porque não é vulgar, neste tipo de música, ouvir a conjugação de um clarinete com um bandolim e uma guitarra de 10 cordas e com técnicas de execução típicas da música erudita.

Porque se distanciou da abordagem musical mais popular?

Porque a exigência da música erudita leva a que haja uma técnica muito mais aprofundada do instrumento, isto é, as potencialidades próprias dos instrumentos são exploradas até à exaustão e isso sim, tem o seu peso em termos de emoção. Quando usamos este tipo de sonoridade como base, fica uma coisa diferente e fica muito mais tocante.

Acha que a riqueza musical da Beira está perdida?

Na verdade, grande parte não está registada. Não houve ainda um estudo muito aprofundado sobre o assunto. A obra de Fernando Lopes Graça, Salles Viana e do Michel Jacometti reflecte minimamente a riqueza do repertório recolhido na Beira, mas não chega. Mas muita gente que escreveu sobre o assunto, como Teófilo Braga, não sabiam música, registavam apenas a parte escrita e perdeu-se muita coisa ao longo dos tempos. É pena que a

arte musical seja vista como uma arte menor no conjunto das artes, porque se as pessoas soubessem escrever música, não se tinham perdido muitas canções que, ao deixarem de ser cantadas, ficam irremediavelmente perdidas.

Estas músicas têm características únicas? Podem ser potenciadas?

Têm sim. A proximidade com Espanha é uma característica que nos enriquece de determinada maneira. Como estamos a fazer este trabalho com a Universidade da Extremadura, temos contacto com o trabalho que é feito por eles e descobrimos coisas fantásticas. Recolhi, por exemplo, a música *A chita da minha blusa*, que é cantada na Soalheira, que tem a mesma melodia, o mesmo ritmo, de uma música de Cedillo, em Espanha. Canto por vezes coisas à minha orientadora na Universidade, que depois ela me canta o mesmo em espanhol. Existe aqui um traço de união, da antiga Lusitânia, que merece ser estudado de outra forma.

O CD oferece uma escultura de José Simão que representa um ninho. Como surgiu a ideia?

O ninho é de uma cegonha, que é uma ave migratória, que cobre este território a voar, leva e traz os bebés (riscos), mas também as músicas no nosso imaginário. O CD

### PERFIL

#### Paixão pela música

Nascido em 1971, natural de Gonalvo, concelho da Guarda, iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Castelo Branco. Já percorreu quase todo o Mundo em concertos. Tem-se apresentado em recitais de música de câmara com: Moscow Piano Quartet, Daniel Rowland, Quarteto Capela, Custódio Castelo, Margarida Guerreiro, Cristina Branco, entre outros. Em 2004 produziu e gravou com Luís Amaro, em guitarra portuguesa, o C.D. *Cântico para Carlos Paardes* para a editora Artemágica. Actualmente é professor adjunto de Guitarra Clássica na Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco. No projecto *Ninho* assume a direcção artística sendo também compositor e autor. As guitarras utilizadas por Miguel Carvalhinho são um modelo único de oito cordas construída por Óscar Cardoso e um modelo de dez cordas construída por Casimiro Lozano.

tem ainda imagens de Rui Monteiro, que é designer e faz as projecções nos concertos ao vivo. O desafio ao escultor José Simão é longo do porque é beirão, porque a obra tem dimensão internacional. CD oferece ainda uma página de leitura com um texto de José Pinheiro.

O que gostaria de ainda fazer para conservar o património musical da Região?

A minha necessidade artística prende-se com o palco, logo, nunca consideraria um músico teórico. Tenho necessidade de apresentar a música em palco. Acho que merecíamos ter um Centro de investigação, que trabalhasse com a Universidade da Extremadura com outras universidades, porque o património que temos é ibero-americano. O que este Centro pode trazer à investigação era a parte África e a parte de Timor, onde seria interessante fazer recolhas e perceber e conhecer o legado deixado em termos de tradições orais. Acho que poderia ser uma instituição, ligada ao Politécnico de Castelo Branco.

À Escola Superior de Artes?

Sim, as coisas estão a andar proposta já foi feita, está a ser avaliada, o que não impede que as pessoas continuem a investigar, porque uma das ideias que o Centro vai desenvolver é também etnomusicológico que há em cada de nós.

Jornal Regional Jornal do Fundão 7 de Janeiro de 2010



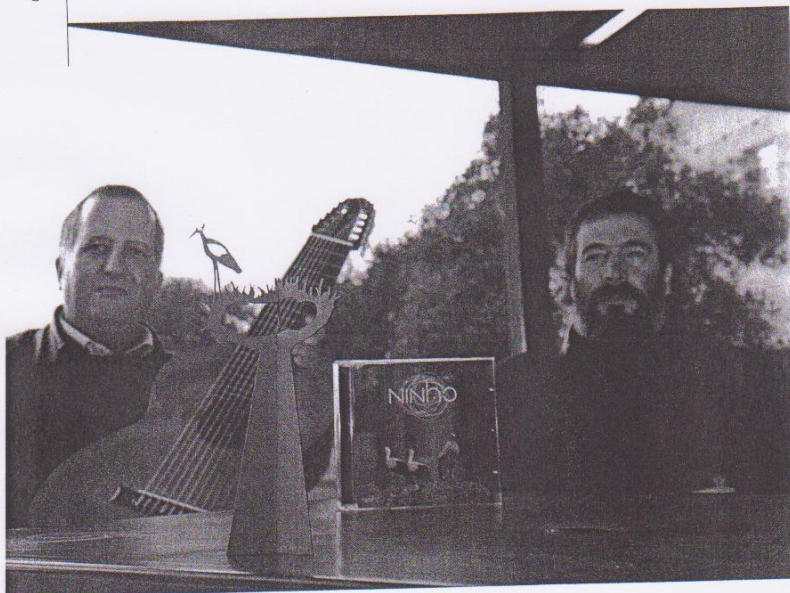
E

MÚSICA & ESCULTURA

CAMPO DE TIRO

## Um ninho com cegonha dentro

*Para ajudar a vender o seu primeiro CD, um novo grupo decidiu vender o disco com... uma escultura dentro*



LUIS FAUSTINO

O “compact disc”, vulgar CD, como suporte musical, está a entrar em decadência, pelo que Miguel Carvalho lembrou de lançar o primeiro disco do seu grupo, “Ninho”, com... uma escultura. O guitarrista falou ao amigo e conterrâneo José Simão, que achou “um pouco difícil”, mas com o tempo e o convívio com os músicos acabou por tirar do aço

uma obra. “A única condição era caber no CD. Podia ter feito só ramos, por exemplo, mas fiquei na ideia do ninho de cegonha. De certa forma, fiz uma revisitação à minha escultura de Alcácer do Sal.” Só que esse ninho, plantado na área de serviço da auto-estrada, tem 3,5 metros de altura — e o incluído no CD tem 15 centímetros e a originalidade de ser do tipo

“faça você mesmo”. Como diz o escultor, “esse aspecto lúdico de participação é interessante, mas seria difícil uma escultura verdadeiramente tridimensional estar ali agarrada... Teriam de ser peças de encaixe ou articuladas”. Simão optou por duas peças que encaixam e se transformam, com

MIGUEL CARVALHO, COM A SUA GUITARRA DE DEZ CORDAS, E JOSÉ SIMÃO, QUE ESCULPIU O AÇO PARA A EDIÇÃO ESPECIAL, DE 200 EXEMPLARES, DO DISCO DO GRUPO ALBICASTRENSE O “NINHO” ([www.myspace.com/ninhomusica](http://www.myspace.com/ninhomusica))

uma simples dobra, no ninho que é também o nome do disco. “É um conceito artístico... é um sítio de afectos e de discordâncias. Todos nós temos um ninho. No aspecto musical, é a procura da essência das coisas, onde é que a nossa música surgiu. A tradição oral, que é uma das facetas deste disco, é uma música que existe há muitos anos cantada pelo povo e que não se sabe de onde veio”, diz Miguel Carvalho. Por outro lado, aparece o “importante símbolo” da cegonha, uma ave mediterrânica, de entre o Sul da Europa e o Norte de África, que “é mais ou menos onde se insere esta música”. As letras são tradicionais ou da autoria do guitarrista e compositor, que se inspira no património da serra da Gardunha. Dá a voz e o violino Irene Ferreira. No clarinete, está Pedro Ladeira, no bandolim Sérgio Chitas, no baixo Fernando Gordo e, na percussão, Aldovino Munguambe. ■ ANABELA NATÁRIO

O CD, QUE NOS DÁ A OUVIR MÚSICAS QUE “AS PESSOAS DEIXARAM DE CANTAR, PORQUE DEIXARAM DE TRABALHAR NO CAMPO”, TEM AINDA OUTRA SURPRESA: UMA MISTERIOSA 13ª FAIXA...



### Depardieu detido

É conhecido o temperamento do actor gaulês Gérard Depardieu. Desta feita, “Obélix” apanhou uma fúria com um carro estacionado no seu lugar, no bairro parisiense de Saint-Germain-des-Prés, e danificou-o a pontapés, além de lhe partir o pára-brisas. Depois rumou a casa, como se nada fosse. Mas... foi reconhecido por um vizinho — e a polícia deteve-o para interrogatório.



### Wood recebe ultimato

O guitarrista dos Rolling Stones Ron Wood foi encostado à parede pelos restantes membros da banda: ou pára de beber ou é afastado do grupo. Wood anda a consumir uma média de duas garrafas de vodka por dia, segundo o jornal “News of The World”. Terá sido o próprio Mick Jagger a dizer-lhe que ou se trata ou não participa na próxima digressão, em Abril.



### Beckham arrependido

Se pudesse voltar atrás, David Beckham gostaria de ter ficado no Manchester United, confessou à BBC. Actualmente a jogar no AC Milan (emprestado pelo LA Galaxy), o futebolista britânico voltará a defrontar a sua antiga equipa a 10 de Março, na Liga dos Campeões.

POR KATYA DELIMBEL

Revista Única do jornal nacional Expresso 9 de Janeiro de 2010



# Cultura

17

## FAMALICÃO Cantares tradicionais na Casa da Cultura

O Grupo de Cantares "Camponeses de Aldeia do Bispo", do Centro Cultural e Desportivo daquela localidade, actua este Sábado, pelas 21h00, na Casa da Cultura de Famalicão da Serra no âmbito do Projecto Andarilho, promovido pelo Núcleo de Animação Cultural da Câmara da Guarda.

O grupo, com 10 anos, passou a introduzir na apresentação dos seus espectáculos a demonstração do ciclo anual das suas tradições mais ancestrais, através da dramatização em palco das diferentes actividades agrícolas e culturais, nomeadamente as relacionadas com a ceifa, a malha, a desfolhada, a pisa da castanha, as jareiras, os rituais da quaresma, os serões, as romarias etc., para o que tem contado com a participação activa dos seus 23 elementos. Desta forma tem sido possível promover não só a cultura e as tradições da região, mas também proporcionar ao público uma hora de espectáculo mais apelativo, juntando conexões didácticas, refere a agenda cultural.

## ALMEIDA Exposição no CEAMA

O Centro de Estudos de Arquitectura Militar de Almeida (CEAMA) tem patente ao público até final do mês a exposição "Fins Portugaliase - Nos confins de Portugal. Cartografia militar e identidade Territorial". Como vem já sendo hábito, o CEAMA, na senda das melhores novidades quer pela qualidade quer pelo interesse científico, tem vindo a oferecer aos seus visitantes, o que de superior se faz em Portugal quer ao nível da cartografia, quer ao nível da arquitectura militar, garante a autarquia, sublinhando terem solicitado, por esse motivo a itinerância da referida exposição. Esta foi realizada pelo Instituto Geográfico do Exército e coordenada por Maria Helenas Dias, cuja inauguração naquele Instituto deu-se no passado dia 24 de Novembro, no âmbito do seu 77º aniversário.

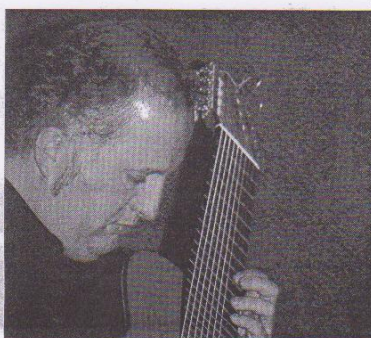
## PINHEL Aleixo na Biblioteca

A Biblioteca Municipal de Pinhel tem patente ao público a partir deste Sábado a exposição "António Aleixo em Madureira", composta por um original conjunto de trabalhos, gravados em madeira, que homenageiam o conhecido poeta português. A abertura coincide com um Workshop denominado "Passo a Passo de uma Exposição".

## Ninho dá a conhecer as músicas tradicionais da Gardunha

*É em Castelo Branco que o projecto Ninho vai lançar o seu primeiro trabalho, um revisitar de músicas tradicionais que estavam no esquecimento, que Miguel Carvalhinho, natural de Gonçalo, recolheu junto de oito localidades da Gardunha, e que podem ser ouvidas com uma sonoridade pouco habitual.*

Gabriela Marujo  
gabmarujo@terra.com



Miguel Carvalhinho é o mentor e director artístico do projecto Ninho

**E**ruditicamente popular. Falamos do CD Ninho, o primeiro trabalho do projecto com o mesmo nome, formado por um conjunto de músicos ligados à Escola Superior de Artes de Castelo Branco, dos quais se destaca o seu mentor e director artístico, Miguel Carvalhinho, e que será lançado oficialmente este Sábado no Cineteatro Avenida, naquela cidade. «É um revisitar de músicas tradicionais que estavam no esquecimento, pouco divulgadas, e com este trabalho de recolha que tenho feito, e com o trabalho de arranjo que o Ninho faz, ficam com uma sonoridade diferente do que as pessoas estão habituadas a ouvir mas a raiz, a essência, é uma coisa muito conhecida que está no património do povo», sintetiza o músico, natural de Gonçalo, freguesia do concelho da Guarda.

Ainda que muito pouco divulgado publicamente, este trabalho parece estar a agradar a quem já ouviu uma pequena parte do que vai ser mostrado no próximo Sábado. «O que tenho registado é que o público adere muito facilmente a este tipo de música e fica de certa forma emocionado», garante Miguel Carvalhinho, sublinhando serem as emoções que move este projecto. «É o que nos faz deslocar a um sítio fazer um concerto, as pessoas querem-se emocionar, e nós conseguimos fazer isso. E depois uma coisa interessante é que o público mais novo, sobretudo os mais pequeninos, que a princípio pensámos que pudessem não ligar à nossa

música, ficam entusiasmados e deixam-nos a nós muito satisfeitos», afirma.

O CD Ninho resulta de uma recolha de tradições orais da Serra da Gardunha. Ou melhor, uma parte do que Miguel Carvalhinho obteve. Tudo começou quando se encontrava a tirar o doutoramento na Universidade da Extremadura, altura em que lhe foi proposto fazer uma actividade na área da musicologia, sobre a tradição oral, algo a que o músico sempre esteve ligado. O facto de ser beirão e os cânticos desta região terem sido a banda sonora da sua infância e adolescência pesou na escolha. Alpedrinha, Soalheira, Castelo Novo, Casal da Serra, Louriçal do Campo, São Vicente da Beira, Souto da Casa e Alcongosta foram as localidades onde fez a recolha de cânticos específicos da Serra da Gardunha. Depois de ouvir as pessoas, foi vez de fazer a análise musical, pôr tudo em partitura e trabalhar no repertório. E é aqui que nasce o projecto Ninho, composto por além de Miguel Carvalhinho (guitarra de 10 cordas), Irene Ferreira (voz e violino), Pedro Ladeira (clarinete), Sérgio Chitas (bandolim), Fernando Gordo (baixo) e Aldovino Munguambe (percussão).

Questionado se está nos seus planos fazer uma recolha no concelho da Guarda, de onde é natural, Miguel Carvalhinho responde: «Tive que seleccionar um campo de

estudo que não fosse muito vasto porque o trabalho tinha que ter um certo limite, mas está na minha cabeça fazer um Centro de Investigação, ligado ao Politécnico de Castelo Branco, mas que possa fazer as recolhas de todos os sítios onde ainda haja pessoas que saibam cantar, e isso é um trabalho que demora muito tempo a fazer». «Muitos anos» e, por outro lado, «não é fácil encontrar pessoas que ainda consigam transmitir este repertório. E depois tem que ser com muito cuidado, muita disponibilidade. Enfim, é um trabalho de persistência», confessa, concordando que é um trabalho que tem que ser desenvolvido o quanto antes para que as tradições não fiquem irremediavelmente perdidas. Daí que uma das preocupações do projecto Ninho seja a edição em partitura. «A partir do momento que as coisas estão editadas em partitura já não desaparecem, é uma arma muito forte no garante da sua continuidade», refere ainda, acrescentando que «a cultura escrita é a cultura que sobrevive».

Para já, não há nenhum espectáculo agendado para a Guarda, mas Miguel Carvalhinho convida os interessados a ouvir o Viva a Música da Antena 1 no próximo dia 25 de Fevereiro. «Ficaram muito entusiasmados com o disco, o que a mim me deixa muito satisfeito, porque é promoção e divulgação a nível nacional de um trabalho oriundo da nossa região», finaliza.

## GUARDA Vivaci expõe 50 anos dos Beatles

Até ao próximo dia 8 de Fevereiro, o Centro Comercial Vivaci da Guarda dá a conhecer tudo sobre os "Beatles". Toda a informação sobre a história da banda inglesa será exposta naquele Centro Comercial. O espaço receberá ainda, dia 30 de Janeiro, pelas 21h30, um concerto muito especial - de uma banda de tributo aos "Beatles" - composto inteiramente por músicas do grupo de Liverpool.

Num ambiente que remete para a década de 60, serão expostas as biografias da banda e dos músicos, a discografia, fotografias e uma série de informação minuciosa complementar, como por exemplo o número de espectadores que estiveram em cada concerto dos míticos músicos. A informação vai ser acompanhada pelo sistema de som do Centro Comercial que passará exclusivamente temas dos "Beatles". «Para completar a experiência, na televisão de um espaço que recita o ambiente característico de uma casa dos anos 60 passará continuamente um vídeo produzido em exclusivo para o evento. A exposição inclui também um painel com o mítico "Yellow Submarine" que permitirá ao público colocar-se na pele dos elementos da banda e tirar fotografias.

## Recital no TMG

O pequeno auditório do Teatro Municipal da Guarda (TMG) recebe esta noite, a partir das 21h30, o Recital de Poesia de Manuel António Pina, integrado no Ciclo a ele dedicado, promovido pelo TMG, Câmara Municipal e Centro de Estudos Ibéricos.

A poesia é de todos, e por isso foi convidada gente improvável como músicos, professores, dirigentes de instituições ou comerciantes a subir ao palco daquela estrutura cultural para recitar a poesia de Manuel António Pina. Os poemas têm o acompanhamento ao piano de Élia Fernandes, que compôs para estas músicas originais, lê-se na agenda cultural do TMG.

## Filmes do IMAGO

O Café Concerto do Teatro Municipal da Guarda exhibe na próxima Terça-feira, dia 26, a partir das 22h00, seis filmes premiados na categoria Onda Curta/RTP2 na 9ª edição do IMAGO - Festival Internacional de Cinema Jovem, que decorreu no Fundão entre 26 de Setembro e 5 de Outubro.



21 de Janeiro de 2010

reconquista

cultura 19

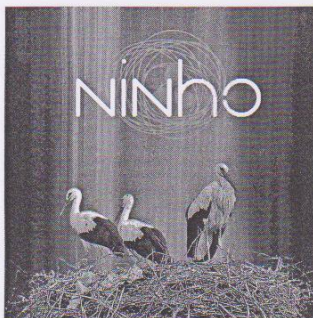
Concerto sábado pelas 21H30 no Cine-Teatro Avenida

## Um Ninho de grandes músicas

*O projecto Ninho sobe ao palco do Cine-Teatro Avenida este sábado. Uma oportunidade para ser apreciada a excelência da música de tradição oral portuguesa e de raízes mediterrânicas a que certamente ninguém ficará alheio. No site do Reconquista o CD está à venda e pode ser ouvido um dos temas.*

O músico albacastrense Miguel Carvalhinho apresenta o projecto Ninho no Cine-Teatro Avenida no próximo sábado, dia 23, pelas 21H30. Este concerto em Castelo Branco marca a afirmação deste projecto do conhecido guitarrista e compositor que se faz acompanhar em palco por Irene Ferreira – voz e violino, Pedro Ladeira – clarinete, Sérgio Chitas – bandolim, Fernando Gordo – baixo, Aldovino Mungumbe – percussão e Rui Monteiro – imagem.

Depois do enorme sucesso que constituiu o lançamento deste projecto em Dezembro último no Centro Artístico Albicastrense, é a vez do maior palco da cidade o receber, antes de o mesmo se fazer à estrada por esse país fora. Miguel Carvalhinho refere por isso ao Reconquista que é enorme a expectativa que todos depositam nesta actuação do próximo



Passatempo Ninho

### Dez bilhetes duplos para sábado

Reconquista tem 10 bilhetes duplos para oferecer e para concorrer basta responder à seguinte questão: Qual o nome do músico mentor do projecto Ninho?

As respostas podem ser enviadas por SMS para o 916636090; ou por e-mail para cristina.saraiva@reconquista.pt, indicando no assunto "Passatempo Ninho".

Em qualquer das modalidades escolhidas para concorrer deverá indicar nome completo, número de BI ou Cartão do Cidadão e contacto telefónico. As respostas são aceites até sexta-feira, dia 22, às 18H00 e será feito um sorteio entre todas as participações. Os vencedores serão avisados por telefone e só será feita uma chamada. Não sendo esta atendida os bilhetes são entregues aos suplentes.

afectos carregada".

Com uma série de concertos em perspectiva para os próximos tempos, Ninho vai mostrar-se também ao país dentro de sensivelmente um mês (a 25 de Fevereiro) no programa de Armando Carvalheda, na estação de rádio Antena 1, transmitido

em directo do lisboeta Teatro da Luz.

"A música de tradição oral portuguesa e a música de autores consagrados como Eric Satie, Jacques Ibert, ou Carlos Paredes contam a história deste concerto que tem como pano de fundo a paisagem mediterrânica, esse Ninho de cultura de onde nasceram as sonoridades que nos dizem respeito" reitera o mentor deste trabalho.

Reconquista associa-se a este projecto dando-lhe visibilidade e ajudando na sua promoção, pela sua regionalidade e excelência. Um trabalho que, sem dúvida, merece ser acarinhado e apreciado por todos. Nesse sentido, o site do jornal (em [www.reconquista.pt](http://www.reconquista.pt)) é mais uma janela onde os nossos leitores e todos os interessados poderão aceder a informação, mas também à compra deste CD, intitulado precisamente Ninho, para além de disponibilizarmos a audição de um dos temas nele incluídos, mais precisamente o tema de abertura "Viradinho ao Norte".

Também no nosso escritório sito na Rua de S. Miguel, junto à Sé, em Castelo Branco, o CD irá estar disponível para poder ser adquirido pelos interessados.

Num mundo cada vez mais global graças às tecnologias da informação via Internet, este trabalho, a venda do CD e outras novidades sobre o grupo podem ainda ser consultadas em [www.myspace.com/ninhomusica](http://www.myspace.com/ninhomusica).

Refira-se ainda que o projecto Ninho conta com um texto de apresentação a cargo de José Pires e que o escultor José Simão também a ele se associou com um original expressamente projectado para o efeito.

José Júlio Cruz

No Politeama, em Lisboa

## Reconquista leva-o à 'Gaiola das Loucas'

O Jornal Reconquista, em parceria com o Teatro Politeama, oferece a possibilidade de cinco dos seus leitores poderem assistir ao último espectáculo de Filipe La Faria, em Lisboa, disponibilizando bilhetes duplos para a sessão de dia 26 de Janeiro, terça-feira, pelas 21H30.

"A Gaiola das Loucas" é a peça em exibição com luz, música, intriga, equívoco, histerismo, oportunismo, sentimentalismo, emoção, maneirismo, insinuação. Aqui tudo é excesso; tudo é brilho; tudo é resplandecência. Nada, porém, é mais cativante do que a inspirada interpretação de José Raposo, como refere o crítico Rui Monteiro.

A "Gaiola das Loucas" parte de "La Cage aux Folles", com dramaturgia de Harvey Fierstein, música de Jerry Herman, adaptação e encenação de Filipe La Faria e vai estar em cena

no Politeama até 17 de Março.

Para concorrer basta dizer qual é o título original da peça, em francês. As respostas podem ser enviadas por carta para Jornal Reconquista – Rua de S. Miguel, n.º 3 – 6000 – 181 Castelo Branco; por SMS para o 916636090; ou por e-mail para cristina.saraiva@reconquista.pt, indicando no assunto "Passatempo La Faria".

Em qualquer das modalidades escolhidas para concorrer deverá indicar nome completo, número de BI ou Cartão do Cidadão e contacto telefónico.

As respostas são aceites até 22 de Janeiro, às 12H00 e será feito um sorteio entre todas as participações, que têm sido muitas.

Os vencedores serão avisados por telefone e só será feita uma chamada. Não sendo esta atendida os bilhetes são entregues aos suplentes.

Eskalos de Cima

## Cantar as Janeiras a favor do Haiti

A associação Guardiões da Luz, de Escalos de Cima, vai cantar as Janeiras pelas ruas da freguesia no próximo sábado, dia 23 de Janeiro. Parte das verbas vão reverter a favor das vítimas do terramoto do Haiti.

Música, vozes afinadas, alegria e convívio são os ingredientes principais para aceitar este desafio aliado a uma causa solidária.

Segundo o presidente da associação – Raphael

é uma maneira de darmos o nosso contributo a este povo que está em sofrimento."

Antes do percurso pelas ruas para cantar as Janeiras, que está agendada para as 21H00, os Guardiões estão também a preparar um jantar-convívio que vai decorrer no salão da junta de freguesia.

Os interessados em participar no jantar devem entrar em contacto com a direcção através do número

Jornal Regional Reconquista 21 de Janeiro de 2010

## 18 cultura



Espectáculo memorável no Avenida

### Um "Ninho" de acordes musicais

O Cine Teatro Avenida, foi o palco escolhido para um espectacular concerto, onde um grupo musical, liderado por Miguel Carvalhinho, poder exteriorizar, numa interessante simbiose de sons, a sua valia técnica e a grandeza da música tradicional portuguesa.

Com um excelente exercício vocal, Irene Ferreira, na plena posse dos seus notáveis recursos de cantora, através de uma bem conseguida actuação, a todos encantou. Enfatizada pelo intimismo acústico que se desprendia dos instrumentos que a apoiavam, nomeadamente a guitarra de dez cordas, dedilhada com mestria por Manuel Carvalhinho, o clarinete de Pedro Ladeira e a percussão, magistralmente executada por Aldovino Mungumbe, Irene Ferreira foi debitando os seus temas, com graciosidade e leveza, ora abordando canções bucólico/pastoris, ora embrenhando-se em melodias dolentes e suplicantes, tão peculiares da nossa beira, ora interpretando ritmos de cantares, tão peculiares das nossas tradicionais romarias, ora interpretando músicas de consagrados autores, com Eric Satie, Jacques Ibert, no que foi notavelmente acompanhada pelo som monocórdico do adufe, tocado por Aldovino Mungumbe.

O projecto 'Ninho' apresentou-se muito afinadinho, com uma proposta musical excelente e de elevada qualidade interpretativa, sabendo fundir, de maneira genial, instrumentos de sopro, com os padrões e ritmos das cordas, com especial relevância para o bandolim de Sérgio Chites e para a guitarra baixo, dedilhada por Fernando Gordo, os quais emprestaram

ao conjunto, uma fabulosa identidade sonora, bem definida.

Neste contexto, deu-nos a conhecer, o actual panorama musical, que ressalta das melodias tradicionais portuguesas, do cancionero da Beira Baixa.

Com uma sonoridade que nos fez recordar, amiudadamente, os característicos ritmos de Carlos Paredes, o 'Ninho' impôs-se pela versatilidade de temas apresentados.

Durante todo o concerto, a actuação do clarinetista, Pedro Ladeira, que até saltou do palco, para vir tocar entre o público, pautou-se sempre por uma sonoridade impar, com um jogo de mãos deslumbrante, caprichosamente conseguido. A autenticidade do grupo, a riqueza do fraseado musical, os ritmos subtilmente bem elaborados, a versatilidade das composições apresentadas, foram bem o reflexo da excepcional qualidade dos instrumentalistas presentes em palco.

Referência especial para a acção rítmica de Aldovino, um belíssimo executante, que durante hora e meia mostrou as suas excelentes qualidades de profundo conhecedor da função que está reservada a um elemento de percussão, no contexto do conjunto. A sua capacidade criativa, esteve bem patente, não só no magnífico solo que protagonizou, como ainda em todo o concerto.

Um concerto que agradou em pleno, tendo o público, com os seus fortes e prolongados aplausos "obrigado" os executantes a interpretarem mais três músicas, extra programa.

Fabião Baptista



**DESENTUP, IR.**

**Desentupimentos  
Mecânicos**

**S.O.S 24 HORAS**

**Esgotos e Canalizações**

Telef. e Fax: 272997335

Telemóvel 917439544; 969137345

ou [www.desentupir.com](http://www.desentupir.com)

Jornal regional Reconquista 28 de Janeiro de 2010

## **5.2- Proposta pedagógica para o futuro**

O repertório que recolhemos, de canções de tradição oral, é muito rico a nível melódico e rítmico. São melodias muito antigas que podem ser utilizadas como material de trabalho nas disciplinas de Análise e Técnicas de Composição, nas escolas de ensino vocacional da música. Também no ensino superior, nas disciplinas ligadas à composição poder-se-ia trabalhar com este material. Os alunos poderiam fazer novas composições a partir de uma melodia determinada, ou fazer uma orquestração para uma pequena orquestra, que pudesse depois tocar a composição.

Com a inclusão destas canções nas disciplinas acima mencionadas, motivaremos os alunos, que poderão vir a ser profissionais, para a importância de preservar e divulgar a música de tradição oral.

## **5.3- Proposta para a criação de um Centro de Estudos**

A criação de um Centro de Investigação no âmbito da etnomusicologia justifica-se pela necessidade de preservar um património valioso de tradição oral que, pela ordem natural das coisas, se vai perdendo, uma vez que, os portadores deste saber vão desaparecendo.

Na sequência da investigação sistemática que está sendo realizada por investigadores ligados à Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco, no âmbito da realização de doutoramento na Universidade de Extremadura (Espanha), surge a consciência profunda de que há muitas canções de tradição oral, cantadas nas povoações da Beira Interior, que ainda não foram recolhidas, editadas e interpretadas. Por outro lado surge também a evidência de que a preocupação em preservar este património e o reconhecimento da sua importância, existem desde pelo menos os finais do século XIX. Autores como Pierre Sanchis, P. Fernando Tomaz, Francisco



Serrano, Correia Lopes, Rodney Gallop, Jaime Lopes Dias, Michel Giacometti ou Fernando Lopes Graça realizaram estudos de cariz etnomusicológico por terras da Beira Interior, reconhecendo assim a existência e a importância de registar, e desta forma preservar, este repertório de canções na sua maioria ligadas à vida rural.

Esta preocupação em salvar este património de tradição oral é sentida também por outros autores, não necessariamente ligados à etnomusicologia enquanto ciência. São pessoas que, muitas vezes num acto solitário, recolhem as memórias da “sua terra” e as escrevem e editam em monografias, geralmente patrocinadas pelas autarquias locais ou outras entidades. Ainda existe outro fenómeno que poderá contribuir também para o tema e que se prende com o facto de, de há uns anos a esta parte, a tecnologia de captação de som e imagem se ter vulgarizado. Assim há muitas pessoas que, também num acto sem consistência científica mas bastante louvável, registam as festas, procissões ou outras manifestações populares onde o repertório mencionado costuma ser executado.

A criação de uma instituição que possa servir de base para recolher, receber, editar, interpretar e pôr à disposição do público interessado este repertório será assim de todo o interesse para a preservação das canções de tradição oral. Um Centro de Investigação que possibilite um trabalho de recolha bem organizado com uma metodologia reconhecida, um fiel trabalho de edição em partitura, uma interpretação de análise musical e textual com rigor científico servindo o objectivo de disponibilizar para consulta esse material terá com certeza uma utilidade grande e uma boa aceitação por parte da população em geral. A credibilidade de um Centro desta natureza será muito importante para que o público anónimo que tenha em casa material recolhido o possa disponibilizar.

O facto deste Centro de Investigação no âmbito da etnomusicologia, ser criado no seio da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco justifica-se plenamente pois tem no seu quadro e área de influência investigadores, músicos de profissão, que se estão especializando na edição em partitura destas canções tendo em vista a sua difusão. Assim, este Centro de Investigação poderá contribuir também para a criação musical a partir do repertório de tradição oral e consequentemente para o surgimento de novas músicas de raiz e inspiração tradicional, desenvolvendo assim o interesse pedagógico por este tipo de repertório.

As parcerias que a Escola Superior de Artes Aplicadas tem já com a Universidade da Extremadura, permitem neste campo da etnomusicologia, realizar um trabalho de comparação com aquela província espanhola e assim poder perceber as raízes e aparentes interações do património musical de tradição oral da Raia.

O trabalho de investigação seguido pela Universidade da Extremadura no campo da etnomusicologia está muito desenvolvido e a sua ligação com a “Ibero-América” abre outros caminhos e leva este estudo a outros destinos. Através da participação em congressos, seminários e outros eventos sobre esta temática ou ainda como dinamizador, este Centro participará no crescente interesse europeu por esta matéria. Será ainda de valorizar a nossa relação com os países africanos de língua oficial portuguesa e alargar o conceito para “IBERO-AFRO-AMERICA”.

## **Objectivos Gerais**

- Entrevistar informadores relevantes nas povoações da Beira Interior

- Recolher as canções e músicas de tradição oral na Beira Interior
- Recolher os instrumentos utilizados no acompanhamento das canções e músicas de tradição oral da Beira Interior
- Recolher a bibliografia e outros documentos coevos existentes sobre o tema
- Disponibilizar a bibliografia existente e outros documentos coevos sobre o tema
- Transcrever em partitura as canções e músicas da tradição oral na Beira Interior
- Editar em partitura as canções e músicas da tradição oral na Beira Interior
- Promover a difusão pública das canções e músicas da tradição oral na Beira Interior
- Promover o interesse pedagógico das canções e músicas da tradição oral na Beira Interior

### **Objectivos Específicos**

- Realizar uma entrevista tipo para recolha do património musical
- Gravar o som e a imagem das entrevistas
- Transcrever em documento Word as entrevistas realizadas
- Escrever em partitura, utilizando software adequado, as músicas e canções recolhidas

- Catalogar os instrumentos utilizados no acompanhamento das músicas e canções recolhidas
- Catalogar a bibliografia e outros documentos escritos em biblioteca
- Catalogar o material sonoro em fonoteca
- Catalogar o material de imagem em videoteca
- Construir uma base de dados digital para consulta na internet
- Dinamizar congressos, seminários e outros eventos sobre esta temática junto da população escolar
- Realizar concursos de composição a partir de temas recolhidos da tradição popular

### **Recursos humanos**

O campo de trabalho deste Centro é bastante vasto. Existem muitas populações, ainda que com um número reduzido e envelhecido de habitantes, na Beira Interior. O trabalho de recolha de canções e músicas e de outros documentos, é uma tarefa árdua que tem que ser realizada fora do horário normal de trabalho condicionado pela disponibilidade dos informadores. O trabalho de edição de partituras e outros materiais, bem como a sua disponibilização na internet, biblioteca, fonoteca e videoteca requer um trabalho técnico especializado.

Assim a nível de recursos humanos este Centro necessitará de:

- Três investigadores com experiência de campo e trabalho realizado no âmbito da etnomusicologia
- Um técnico de imagem
- Um técnico de som
- Um técnico de informática
- Um administrativo

### **Recursos materiais**

Um Centro desta natureza terá que ter um espaço físico que contemple um centro documental acessível ao público, e um laboratório com gabinetes de apoio devidamente apetrechados.

O Centro necessitará de constituir uma pequena biblioteca com as obras publicadas mais significativas e relevantes na área da etnomusicologia para trabalho interno e de consulta in loco.

O Centro necessitará de material informático portátil e material de captação de som e imagem:

- Três computadores portáteis com software de gravação, edição e edição de partituras actualizado
- Duas câmaras de filmar
- Um gravador digital áudio com várias pistas
- Dois microfones dinâmicos

- Dois tripés
- Uma aparelhagem Hi-fi.
- Uma mesa de mistura de som
- Um monitor de imagem
- Um vídeo projector

Para as deslocações o Centro necessitará de uma viatura ampla que possa deslocar material, técnicos e investigadores para as recolhas.



## 6 - Conclusão

Ao concluir este trabalho registamos com agrado o conhecimento musical, cultural e pessoal que adquirimos, além da consciência da importância social do investigador.

A etnomusicologia, ciência que nos era estranha quando começámos este ciclo de estudos, passou a fazer parte da nossa vida quotidiana.

Com a recolha do repertório musical de algumas povoações da nossa região, aprofundámos o nosso conhecimento dos usos e costumes antigos que povoam as nossas tradições. O contacto que mantivemos com os locais, enquanto fizemos as entrevistas, permitiu-nos recolher lendas, histórias, opiniões sobre a vida antiga e a actual, além do repertório musical. Estes testemunhos são, na nossa opinião, importantes para a investigação noutras áreas, como por exemplo a etnografia. As entrevistas encontram-se transcritas no capítulo dos anexos.

A análise musical que realizámos, enriqueceu os nossos domínios melódicos e harmónicos. Quando escrevemos as melodias das canções que gravámos, desenvolvemos o ouvido, e quando analisamos a tonalidade e as modulações operadas, desenvolvemos o conhecimento da harmonia. Além disso, alargamos o nosso repertório de material musical, para realizar novas composições ou arranjos.

A difusão do repertório, que é o último passo na nossa investigação, levou-nos a criar o grupo “Ninho”. Este projecto abriu-nos horizontes artísticos ainda difíceis de medir. Pela aceitação que o público tem tido até à data, pensamos haver possibilidades de continuar a fazer arranjos destas



canções, ou doutras que possam vir a ser recolhidas, e realizar mais trabalhos discográficos.

A dimensão social dum trabalho desta natureza é enorme. A recolha das canções é um acto nobre, que torna o investigador num garante da memória colectiva de um povo. As canções aqui recolhidas já não desaparecem facilmente, o facto de estarem escritas em vários suportes garantem uma durabilidade maior. A análise musical que é feita, pode despertar o interesse dos compositores para realizarem as suas composições. A difusão deste repertório aumenta o interesse da população em geral por este tipo de canções. Alguns ouvem-nas pela primeira vez e conhecem-nas, outros recordam-se de as ouvirem há muito tempo e revisitam espaços e vivências do antigamente.

O gosto que desenvolvemos pela investigação nesta área não acaba com a realização deste trabalho. A consciência que temos do repertório que ainda está por recolher, bem como a importância da realização de trabalhos desta natureza, impedem-nos de parar. A proposta de criação de um centro de estudos, que apresentamos será alvo do nosso máximo empenho pois permitirá continuar a investigar nesta área e aprofundar os nossos conhecimentos no âmbito da etnomusicologia.

## 7- Bibliografia

- ABRAHAM, Gerald: *"The concise Oxford History of Music"*. Oxford University Press, 1979.
- AGURRE BAZTÁN, Ángel: *"Diccionario temático de antropología"*. Barcelona, Boixareu Universitaria, 1993.
- BARIOS MANZANO, M. Pilar: *"Fuentes y metodología para el estudio de la música de tradición oral en Extremadura"*. En Saber Popular, Revista Extremeña de Folklore, nº 19-20 (2002 – 2003), Fregenal de la Sierra, 2004.
- BARIOS MANZANO, M. Pilar: *"Danza y Ritual en Extremadura"*. Madrid-Cáceres: CIOFF España-Consorcio, Cáceres 2016, 2009.
- BARIOS MANZANO, M. Pilar: *"Historia de la música en Cáceres. 1590 – 1750"*. Cáceres, Institución Cultural "El Brocense", 1980. Edição digital de 2006: Portal de Património Musical Extremeño, Legado, investigação y transmisión. <http://nuestramusica.unex.es>.
- BARIOS MANZANO, M. Pilar: *"La música en la catedral de Coria. 1590 – 1755"*. Cáceres, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Extremadura, 2000.
- BARIOS MANZANO, M. Pilar: *"Los animales en la música de tradición oral (Los cancioneros, la danza y el baile)"*. En: Los animales en la cultura extremeña. Javier Marcos Arévalo (coord.). Badajoz, Carisma, 2002, pp. 301 - 357.
- BARIOS MANZANO, M. Pilar: *"Danza y ritual en la tradición extremeña"*. En III Jornadas Nacionales Folclore y Sociedad: Cultura Tradicional en España . Proyectos de Investigación en fase de realización y resultados recientes. Madrid, CIOFF-INAEM, 2006, pp. 55-93.
- BARIOS MANZANO, M. Pilar: *"Música popular de tradición oral y su aplicación en contextos escolares"*. En la tradición oral en Extremadura. Utilización didáctica de los materiales. Mérida, Consejería de Educación, Ciencia y Tecnología, 2004.

- BARRIOS MANZANO, M. Pilar; JIMÉNEZ RODRIGO, Ricardo: *“Música y tradiciones populares en las torres cacereñas. Un proyecto de música y educación musical”*. En actas del I Congreso de Música y Educación Musical en Extremadura. Cáceres, Portal digital: Patrimonio Musical Extremeño, Legado, investigación y transmisión. <http://nuestramusica.unex.es,2001>.
- BARTOK, Bela: *“Escritos sobre música popular”*. Madrid, Siglo XXI, 1979.
- BARROSO GUTIÉRREZ, Félix: *“Fuentes documentales de algunos temas seriados profano-religiosos”*. En Revista de Folklore, nº20, Valladolid, Fundación Joaquín Díaz, 1982.
- BLOM, Eric: *“The new everyman Dictionary of Music”*. Everyman, 1988.
- “BORDA D’ÁGUA” (Almanaque): Editorial Minerva, Lisboa, 2006.
- BRANCO, João de Freitas: *“História da Música Portuguesa”*, publicações Europa – América, 1995.
- CAMARA DE LANDA, Enrique: *“Etnomusicología”*. Colección Música Hispana. Madrid, Ediciones del Instituto Complutense de Ciencias Musicales. 2004.
- CAPDEVIELLE, Ángela: *“Cancionero de Cáceres y su provincia”*. Cáceres, Diputación Provincial, 1969.
- COUTO VIANA, António Manuel: *“Tesouros da Literatura Popular Portuguesa”*, Verbo, Lisboa, 1985.
- CARVALHO RODRIGUES, Maria da Ascensão Gonçalves: *“Cancioneiro da Cova da Beira”*, Fundão, 1986.
- CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shaw; BRANCO, Jorge Freitas: *“Vozes do Povo”*. Celta editora, Oeiras, 2003.
- CRIVILLÉ Y BARGALLÓ, Joseph: *“Historia de la música española, 7. El folklore musical”*. Madrid, Alianza, 1983.
- CRUCES, Francisco y otros: *“Las culturas Musicales, lecturas de etnomusicología”*. Editorial Trotta, 2001.
- DÍAZ, Joaquín: *“La memoria permanente”*. Valladolid, Ámbito, 1991.

- DÍAZ VIANA, Luis: *“Musica y culturas”*. Madrid, Eudeba, 1993.
- DOMINGUEZ MORCILLO, Ángel: *“Las Mayas de Valdeobispo”*. Cáceres, Inédito, 2001.
- FERNANDES, Cónego A. Mendes: *“Vila da Soalheira (subsídios para uma monografia)”*. Edição de autor, 2001.
- GALLOP, Rodney: *“Cantares do Povo Português”*. Instituto para a alta cultura (2ª edição), Lisboa, 1960.
- GARCÍA MATOS, Manuel: *“España es así: Música y danza popular”*. En Bruno Nettl: *Música folklórica y tradicional de los continentes occidentales*. Madrid, Alianza, 1985.
- GARCÍA MATOS, Manuel: *“Antología del folklore musical de España, interpretada por el pueblo español”*. Madrid: Hispavox, 1959.
- GIL GARCÍA, Bonifacio: *“Hallazgos de veintiocho canciones populares de Extremadura, recogidas en los años 1884 – 1885”*. En Revista de Estudios extremeños. Badajoz, Institución Pedro de Valencia, 1947, pp. 429 – 447.
- GUERRA IGLESIAS, R. DÍAZ IGLESIAS, S.: *“Los Sonidos de un Pueblo”*. Música, textos y contextos en Piornal. Cáceres: Institución Cultural “El Brocense”, 2008.
- GIACOMETTI, Michel: *“Cancioneiro Popular Português”*. Círculo de Leitores, 1981.
- HORMIGO, Mª Gabriela Ribeiro do Rosário: *“Memórias da Minha Aldeia”*. Câmara Municipal de Castelo Branco, Castelo Branco, 2005.
- LEÓN, Francisco: *“Música de Tradición oral en Torrejoncillo (Cáceres)”*. Institución Cultural “El Brocense”, 2003.
- LEÓN, Francisco: *“Reflexiones sobre la música tradicional extremeña en los coros escolares: naturaleza del repertorio y problemas sobre su utilización”*. Eufonia, Didáctica de la música, 2004.

- LOPES DIAS, Jaime: *“Etnografia da Beira”*, volume II. Livrarias Ferin, Lisboa, 1964.
- LOPES GRAÇA, Fernando: *“A Canção Popular Portuguesa”*. Europa América, 3ª edição, Lisboa 1984.
- LOPES MARCELO, Manuel: *“Beira Baixa”*. Editorial Presença, Lisboa, 1993.
- MANTEROLA ALDEOKOA, Ander: *“Consideraciones sobre la religiosidad popular en la investigación etnográfica”*. En Ohitura, estudos de Etnografia Alavesa, nº 5. Vitoria-Gasteiz: Diputación Foral de Alava. 1987.
- MAPONE: *“Castelo Novo Estudos Para Uma Monografia”*. Gráfica de Coimbra, Coimbra 1975.
- MICHELS, Ulrich: *“Guide illustré de la Musique”*. Fayard, 1988.
- MONTEIRO, José: *“Introdução ao Cancioneiro da Beira Baixa”*. Em Revista Lusitana nº 38, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1941.
- MORAIS, Domingos: *“O Estado Presente da Etnomusicologia em Portugal”*. Associação Portuguesa de Educação Musical, Boletim 42/43, Jul./Out, Lisboa, 1984.
- MOTA, A.J. Salvado: *“Monografia d’Alpedrinha”*. Tipografia Particular e Curiosa, 1933.
- OYOLA FABIÁN, Andrés: *“La investigación folklórica en la zona de la Sierra de Badajoz”*. En [http://nuestramusica.unex.es /Etnomusicología y Folklore/Estudio por zonas](http://nuestramusica.unex.es/Etnomusicología_y_Folklore/Estudio_por_zonas)
- PRATA, Maria do Carmo Ramos: *“Cadernos de património cultural da Beira Baixa, São Vicente da Beira uma Vila Medieval”*. Câmara Municipal de Castelo Branco, 2001.
- RECOLHA DA COORDENAÇÃO DISTRITAL DE BEJA: *“Literatura Popular do Distrito de Beja”*. Beja, 1986.
- SALLES VIANA, Eurico: *“Cancioneiro Monsantino”*. Adufe revista de Etnografia, Orquestra Típica Albicastrense, Castelo Branco, 1989.
- SARDINHA, José Alberto: *“Tradições Musicais da Estremadura”*. Tradisom, Lisboa, 2000.

SCHLINDLER, Kurt: *“Musica y Poesía de España y Portugal”*. Salamanca: Centro de Cultura Tradicional y Diputación Provincial, 1991. (1ª edición: Folk music and poetry of Spain and Portugal. New York: Hispanic Institute in the United States, 1941).

TORRES, Rosa Maria: *“As Canções Tradicionais Portuguesas no Ensino da Música”*. Editorial Caminho, Lisboa, 1998.

WINTHROP, R.H.: *“Dictionary of Concepts in Cultural Anthropology”*. Westport – CT: Greenwood Press, 1991.

ZALDÍVAR GRACIA, Álvaro: *“Las enseñanzas musicales y el nuevo Espacio Europeo de Educación Superior: El reto de un marco organizativo adecuado y la necesidad de la investigación creativa y performativa”*. En Revista Interuniversitaria de Formación de Profesorado, 19(1), 2005.

[http://www.mapas-portugal.com/Satellite\\_Image\\_Photo\\_Portugal.htm](http://www.mapas-portugal.com/Satellite_Image_Photo_Portugal.htm)

[pt.wikipedia.org/wiki/Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal)

<http://alcongosta.com/>

[http://www.cm-castelobranco.pt/freguesias\\_louricalcampo](http://www.cm-castelobranco.pt/freguesias_louricalcampo)

<http://www.jf.soutodacasa.com/>

<http://nuestramusica.unex.es>







## **8- Anexos**

**Anexo 1 - Transcrição da entrevista em Alcongosta, 11-02-09**

**Anexo 2 - Transcrição da entrevista em Alcongosta, 19-02-09**

**Anexo 3 - Transcrição da entrevista em Alcongosta, 04-02-09**

**Anexo 4 - Transcrição da entrevista em Alpedrinha, 17-10-07**

**Anexo 5 - Transcrição da entrevista em Alpedrinha, 24-10-07**

**Anexo 6 - Transcrição da entrevista em Alpedrinha, 07-11-07**

**Anexo 7 - Transcrição da entrevista no Casal da Serra, 22-03-09**

**Anexo 8 - Transcrição da entrevista no Louriçal do Campo, 07-11-07**

**Anexo 9 - Tanscrição da entrevista em Castelo Novo, 19-06-05**

**Anexo 10 - Tanscrição da entrevista em Castelo Novo, 10-04-06**

**Anexo 11 - Tanscrição da entrevista em S.Vicente, 10-02-07**

**Anexo 12 - Tanscrição da entrevista na Soalheira, 05-04-08**

**Anexo 13 - Transcrição da entrevista na Soalheira, 11-04-08**

**Anexo 14 - Tanscrição da entrevista no Souto da Casa, 04-06-08**

**Anexo 15- D.V.D. da canção A oliveira se queixa, Recolha nº 84, da Soalheira**

**Anexo 16- C.D. Ninho**



## **Anexo 1 - Transcrição da entrevista à D<sup>a</sup> Gertrudes e D<sup>a</sup> Maria Delfina em Alcongosta, 11-02-09**

Seguindo a indicação dada pelo senhor José Mendes Martins dirigimo-nos ao Centro de Dia de Alcongosta para procurar pessoas que nos pudessem cantar as canções desta aldeia. Estavam sentados à lareira vários idosos e, depois de nos apresentarmos e de apresentar o nosso trabalho, bem como o motivo que nos levava ali, responderam-nos que já não tinham motivos para cantar e que a memória já era fraca e que não se lembravam de quase nada. No entanto indicaram uma outra senhora que se devia lembrar pois é conhecida por ter uma boa voz e por cantar na aldeia. Seguindo a indicação dada deparamos com duas senhoras sentadas ao sol, debaixo de um estendal de roupa a fazer renda. Apresentámo-nos referindo o nosso propósito e as senhoras dispuseram-se a falar connosco.

Mig.- Então diga-me lá o seu nome se não se importar.

G- Ai então o senhor quer levar o nome?

Mig.- Gostava de saber como é que se chamam as senhoras.

G- Então o meu nome é tão feio, é tão velho...

Mig.- Então como é que se chama?

G- Gertrudes Rolão Nunes.

Mig.- Eu sei que não é simpático perguntar a idade às senhoras mas se me pudesse dizer o ano em que nasceu...

G- A nós já não nos importa, a gente já não espera por mais nada, já só esperamos pelo caixão. Eu nasci em 32, já tenho 76 anos.

Mig.- E a senhora como é que se chama?

D- Eu? Maria Delfina dos Santos.

G- Carregada de tamancos.

(risos)

D- Eu nasci em 21.

G- Já tem 87.

D- Daqui por três meses faço 88.

Mig.- E sempre viveram aqui em Alcongosta?

G- Sim, sim.

Mig.- Então conhecem muito bem as músicas que aqui se cantavam.

D- A gente conhece as músicas mas cantá-las é que já não posso. Eu já não estou a falar só por mim, já aqui tenho um emblema. Já tenho uma pilha, já estou a trabalhar a pilhas.

G- Tem mais força, tem mais corda.

D- E já vou com quase três anos papados, daqui por três anos estico o pernil se lá chegar. Só tenho seis anos de duração.

G- Quem o sabe ainda não o disse.

Mig.- Ó D<sup>a</sup> Gertrudes diga-me lá, cantava-se muito por aqui?

G- Sim isto aqui era um ninho de passarinhos.

D- Era sempre uma cantarela pegada.

G- Eu na minha juventude, a gente trabalhava na agricultura, sempre no campo.

Mig.- E que trabalhos é que faziam aqui?

G- Cavávamos, sachávamos, regávamos, mondávamos, íamos ao mato, íamos à lenha, fazia-se todo o trabalho da agricultura.

D- Trabalhava-se muito na fruta.

Mig.- Quais eram as culturas que aqui faziam?

G- Aqui era toda a cultura, desde a batata ao feijão, milho, trigo, pão, feijão, tudo, fazia-se toda a agricultura a gente vivia só da agricultura. Havia os cesteiros...

D- E o ordenado era fraco.

G- Pois claro, então eu comecei a ganhar três e quinhentos ao dia.

D- E eu três escudos.

Mig.- Era de sol a sol não era?

G- Pegava a gente às nove e era até à noite.

Mig.- E então andavam sempre a cantar?

G- Ai isso era como os pássaros, às vezes para espairecer a fome. Então não era? Era mesmo. A gente comia de manhã alguma coisita. Um prato de sopa do outro dia à noite.

D- Não havia café.

G- Um prato de sopa, uma malga de miga, assim uma malga antiga. Agora é uma tigela uma coisa assim mais fina, naquele tempo era uma malga. Uma malga de miga com pão migado azeite, sal e alho que o bacalhau ficava na mercearia.

(risos)

Mig.- Depois iam a trabalhar?

G- Depois ia a gente a trabalhar até ao meio dia. Ao meio dia a minha mãe, quem diz a minha dizia cada uma as suas, iam-nos a levar qualquer coisinha, um bocadinho de sopa, pão, um bocadinho de ovo frito, às vezes um ovo era partido para quatro. Era assim a vida. Ou umas azeitonas...

D- Ou uma sardinha dividida por dois.

G- Eu isso nunca, eu como só tinha o meu irmão a minha mãe nunca fez isso, mas era os condutos da gente era assim.

Mig.- Então o que é que cantavam digam-me lá, quando andavam lá para a agricultura.

D- A Senhora da Póvoa.

G- Cantávamos a Senhora da Póvoa agora no tempo das mondas, da monda do trigo. Em vindo Março que é o mês que anda o passarinho mais rente ao chão, era no tempo das mondas.

Mig.- Então e como é que cantavam isso? Diga-me lá!

G- Como é que cantávamos, cantávamos assim:

Nossa Senhora da Póvoa

E o vosso manto tem renda

Pum pum pum (fazendo o gesto de quem toca um adufe)

Mig.- Ai era com o adufe?

G- Sim e depois diziam-lhe:

A renda bem podias vós senhora  
Dar-me gente com quem me entenda  
Mig.- E tinha mais quadras?  
D- Ui! mais de um cento.

Nossa Senhora da Póvoa  
Vinde abaixo à ladeira  
Ladeira vinde a ver nascer o sol  
Debaixo de uma salgueira

G- Era assim muitas mais.  
D- Cantávamos o Anjinho da Guarda, a Santa Luzia.  
G- Isso era depois para Setembro. Esta era em Março. Cantávamos o Entrudo.  
Mig.- Então como é que era o Entrudo?  
G- Ai esse ladrão era tão mau.  
Mig.- Era mau de cantar?  
G- Não não era mau, a gente é que dizia.

O Entrudo era bom homem  
O Entrudo era bom homem  
Se não fosse tão velhaco  
Foi à fonte com três moças  
Foi à fonte com três moças  
Trouxe de lá vinte e quatro

G- Mas esta não era assim esta era do S. João.

O Entrudo já vem perto	O Entrudo era bom homem
Vem chegando a Alpedrinha	Se não fosse tão magão (maganão)
Vem chegando a Alpedrinha	Se não fosse tão magão (maganão)
Vem dizendo às cachopas	Foste a almoçar a Alpedrinha
Vem dizendo às cachopas	Foste a almoçar a Alpedrinha
Dai-me caldos de galinha	E jantar foi ao Fundão

Mig.- Se ele não fosse tão ...

G- Magão, maganão. Ai você está aí a por isso, se os meus filhos vêem isso deitam-me o fogo.

Mig.- Não vêem não que isto é só para eu trabalhar. É só para eu chegar a casa e escrever as músicas. E antes do Entrudo havia o quê? O Natal não era?

G- Era o Natal e por isso se diz, há um ditado que diz:

Quem canta o Entrudo por o Natal ou é burro ou animal

E depois quando vinha o Entrudo diziam assim:

Quem canta o Natal por o Entrudo nem é animal nem é burro.

Já tinham passado as duas coisas.

Mig.- Então e as Janeiras, como é que cantavam aqui as Janeiras?

G- Isso as Janeiras eu nunca cantei, mas cantava-se.

D- Cantavam os garotos aí pelas portas.

G- Já lá não vai, 'Ti Maria dê-me uma luz!

D- Eu também já não.

G- Ai como é que era? Vimos cantar as Janeiras...

Mig.- Mas do Natal lembra-se de certeza.

G- Do Natal lembro-me.

D- Ó meu menino Jesus ó meu menino tão lindo logo quisestes nascer numa noite de tanto frio.

G-

Ó meu menino Jesus  
Ó meu menino tão lindo  
Logo quisestes nascer  
Na noite de tanto frio

Nada deste mundo quero  
Nada me parece bem  
Nada deste mundo quero  
Nada me parece bem

Na noite de tanto frio  
Na noite do caramelo  
Ó meu menino Jesus  
Ó meu menino tão belo

São José e Maria  
A caminho de Belém  
São José e Maria  
A caminho de Belém

Alegre-se o céu e a terra  
Cantemos com alegria  
Alegre-se o céu e a terra  
Cantemos com alegria

Numa noite escura e fria  
Nossa Senhora foi mãe  
Numa noite escura e fria  
Nossa Senhora foi mãe

Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria  
Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria

Entraí pastores entraí  
Por esses portais adentro  
Entraí pastores entraí  
Por esses portais adentro

Filho da virgem Maria  
Convosco é que eu estou bem  
Filho da virgem Maria  
Convosco é que eu estou bem

Vinde a adorar o menino  
No seu santo nascimento  
Vinde a adorar o menino  
No seu santo nascimento



Entraí pastores entraí	Que já nasceu Deus menino
Por esses portais sagrados	Filho da virgem Maria
Entraí pastores entraí	Que já nasceu Deus menino
Por esses portais sagrados	Filho da virgem Maria

Vinde a adorar Deus menino	Nossa Senhora lavava
Numas palhinhas deitado	São José estendia
Vinde a adorar Deus menino	Nossa Senhora lavava
Numas palhinhas deitado	São José estendia

Alegre-se o céu e a terra	O menino está chorando
Cantemos com alegria	Com tanto frio que tinha
Alegre-se o céu e a terra	O menino está chorando
Cantemos com alegria	Com tanto frio que tinha

Mig.- Durante a Quaresma não se cantava nada?

G- Na Quaresma era os Martírios.

D- Nas sete semanas da Quaresma não se cantava mais cantiga nenhuma, eram sete semanas. Entrava domingo gordo...

G- Dia de Carnaval ainda se festejava o Carnaval, mas quarta-feira de cinzas já ninguém cantava.

D- Nem se comia carne.

G- A carne que sobrava do dia de Carnaval metiam-na na salgadeira só a comiam no sábado da Páscoa ou no domingo. Mas isso já não me lembro, isso era o que ouvia dizer. Não havia frigorífico.

Mig.- Então lembram-se dos Martírios?

G- Então não lembro!

Mig.- Quer cantar um bocadinho?

G- Isso são mais cansativos.

Mig.- Se são sempre iguais se me cantar uma quadra depois eu escrevo a música.

G- Os martírios é assim.

Demonstrai-vos Jesus Cristo

É de segundo Mateus

Digam todos em voz alta

Em voz alta morreu Deus

Digam todos em voz alta

Em voz alta morreu Deus

G- Isto é só uma que canta, ou um homem. E depois diz o povo a acompanhar que vai aqui (apontando para uma capela).

D- Esta capela é o calvário.

G- Depois o povo responde assim.

Bendito e louvado seja

Ó paixão do redentor

Para nos livrar das culpas

Morreu por nosso amor

O vosso divino nome

É Jesus de Nazaré

Ó que fora tão ditoso

Que morrera pela fé

Ó que fora tão ditoso

Que morrera pela fé

G- Depois torna outra vez o povo.

Bendito e louvado seja

Ó paixão do redentor

Para nos livrar das culpas

Morreu por nosso amor

O vosso divino cabelo

D- Isso é os martírios.

G- É os martírios do senhor que são vinte e cinco.

O vosso divino cabelo

Bendito e louvado seja

Mais fino que o próprio ouro

Ó paixão do redentor

Onde tem ele raízes

Para nos livrar das culpas

Tem a minha alma o tesouro

Morreu por nosso amor

G- Depois cantava-se o cabelo...

Mig.- E podia-me dizer os versos, sem cantar, só dizer os versos.

D- Ó é que é muito grande. É muito grande. Tem que se começar na cabeça e acabar nos pés.

G- Eu tenho-os num papel. Quere-os levar num papel. Eu comecei a escrevê-los mas não acabei.

D- Então ela mora além, depressa os vai a buscar.

( A senhora dona Gertrudes levanta-se e dirige-se a casa para procurar o dito papel. Continuámos a entrevista com a senhora dona Maria Delfina.)

Mig.- Diga-me lá os martírios assim sem cantar.

O vosso divino cabelo  
Mais fino que o próprio ouro  
Onde tendes as raízes  
Tem minha alma um tesouro

A vossa santa cabeça  
Coroadada de mil espinhos  
Já correm rios de sangue  
Já de sangue correm rios

Os vossos divinos olhos  
Estão inclinados ao chão  
Inclinai-os à minha alma  
Também ao meu coração

Os vossos divinos ouvidos  
Estão ouvindo os meus pecados  
P'ra que no dia do juízo  
Sejam todos perdoados

As vossas divinas faces  
Sofreram mil bofetadas  
Por duros ferros algozes  
Escarnecidas e pisadas

O vosso divino rosto  
Cheio de escarros nojentos  
Por nossos feios pecados  
Senhor Deus tantos tormentos

A vossa divina boca  
Vinagre e fel amargoso  
Por nossos feios pecados  
Castigo eterno horroroso

Os vossos divinos braços  
Pregados neste madeiro  
Deles ficaste pendente  
Bom Jesus Deus verdadeiro

As vossas divinas costas  
Pesada cruz conduziram  
Perante ferros algozes  
Mais e mais o oprimiram

O vosso amável coração  
Que o rasgou dura lança  
Convide que nele entremos  
Cheios com toda a confiança

( A senhora não se lembrava de mais versos, e enquanto esperávamos pela senhora dona Gertrude continuámos a conversa.)

Mig.- Então e qual era aqui a padroeira?

D- É a Senhora da Anunciação.

Alcongosta é pequenina

Feita de pedra morena

Dentro dela ouvem missa

Dois olhos que me dão pena

( A senhora dona Gertrudes regressa.)

G- Não os tenho lá.

Mig.- Então deixe estar.

D- Já me esqueci de muitos. Vossos divinos joelhos mais alvos que...

G- Mais brancos que a neve pura

Vossos divinos joelhos

Mais brancos que a neve pura

Deles já correm rios de sangue

Pelas ruas da amargura

O vosso divino lado

Cruelmente foi rasgado

Dele correu em abundância

Remédio para o pecado

Vossos divinos pés  
Pregados com duros cravos

D- Eu sabia-os doutra maneira

Vossos divinos pés  
Foram com ferro ofendidos  
Mas foi rasgada a sentença  
Contra milhões de perdidos

Vosso divino corpo  
Ferido e todo chagado  
Dele correu em abundância  
Remédio para o pecado

Os martírios bem acabados  
Da cabeça até aos pés  
Digam todos consumado  
Consumado todo és

G- Depois a gente era assim.

Os vossos divinos pés  
Pregados com duros cravos  
Deles correu em abundância  
Remédio para o pecado

Estas quinze partições  
Ó meu Deus vo-las entrego  
Para que no dia do juízo  
Minha alma tenha remédio

Lá em cima ao calvário  
Está um craveiro na cruz  
As folhinhas que lhe caem  
É o sangue de Jesus

G- Isso é quando chegávamos aqui em cima.

Mig.- E era com a mesma música?

G- Não.

Mig.- Então e que música era?

Lá em cima ao calvário

Está um craveiro à cruz

As folhinhas que lhe caem

É o sangue de Jesus

Mig.- Então esta melodia que agora cantou cantava-se sempre a seguir a cada parte do corpo.

D- Não a seguir a cada parte do corpo era o Bendito e louvado seja. Esta cantava-se cá em cima como esta:

A virgem anda de luto

Por estas sete semanas

G- Mas essa era na encomendação das almas.

D- Não também era com esta música.

A virgem anda de luto

Por estas sete semanas

Que lhe morreu o seu filho

Filho das suas entranhas

D- E depois era o bendito e louvado.

Mig.- Isto então era feito durante as sete semanas, e a que dia?

G- Aos domingos à noite. Traziam uma cruz de madeira com uma toalha de linho com rendas nas duas pontas, e era posto assim tipo de cachecol. Faz de contas que eu sou a cruz e estas pontas passavam assim, não é Ti Maria?

Mig.- Então estava-me a dizer que a encomendação das almas é diferente então.

D- A encomendação das almas é de noite.

G- Aí a partir da meia noite...

D- E a última tinham de ir à porta do cemitério. Eu nunca lá fui na minha vida.

G- Eu também não. Aquilo era gente que sabia.

Mig.- E sabem cantar?

G- Não eu já não lhe dou o jeito.

D- Era gente mais antiga do que nós.

G- No fim de regrarmos os martírios, estes anos atrás, quando chegávamos lá abaixo, eu e a Salete Feles e a Graça Moreira e ainda era outra... Ao fim de rezarmos a salve rainha lá à porta da igreja, ainda rezávamos estas quatro canções. Ficávamos muito cansadas, a garganta já não...

Mig.- Então e como é que é a salve rainha?

G- A salve rainha não era cantada.

D- Cantado era no meu tempo que ainda havia cá um homem antigo na igreja, a uma certa hora, isso é que se podia ouvir por gosto, depois ficou uma filha a cantar o bendito e louvado também na igreja.

G- Já morreu.

D- Era só durante um certo tempo, o da paixão.

G- E o pão do céu. O pão do céu ainda o hoje cantam. Depois de darem a sagrada comunhão quando era o encerramento do sacrário, cantávamos o pão do céu. E tem sido louvado por muitos padres que cá vêm. Este bispo que agora, este bispo novo da Guarda, quando cá vem cantam-lhe sempre o pão do céu.

Mig.- E como é que é?

G- Isto parece-me que sozinha não me atrevo...

D- Canta só a primeira.



(Uma vizinha chama a senhora dona Gertrudes para ver se tem luz em casa.)

D- Nós aqui era uma alegria nesta terra, nós estamos aqui no alto de uma serra mas a nossa aldeia tinha fama muita.

Mig.- Tinha muita fama?

D- Tinha sim senhor. Gente muito trabalhadora, muito trabalhadora aqui não havia ninguém que roubasse nada a ninguém. Agora já não se diz isso porque há para aí muito emigrante que a gente já não sabe de onde eles são nem a geração deles. A gente deixava uma porta aberta, a gente deixava a chave na porta de manhã até à noite e ia para qualquer lado sem responsabilidade nenhuma sem nada. Hoje já nem a gente dentro de casa se calhar escapa. É como se para aí vê. Nós aqui sempre gente muito trabalhadora, gente muito arrojada, gente muito sonhadora. Sonhavam onde haviam de fazer um negócio, onde haviam de ganhar dinheiro, por isso é que Alcongosta tem prédios quase em todo o lado. E agora, infelizmente veio para aí raças de todas as nações, a gente já nem os conhece, a gente de Alcongosta está quase acabada. Tenho a impressão que do meio de Alcongosta para cima a mais velha que já cá está sou eu, não há cá mais ninguém mais velha do que eu.

G- Pois não.

D- Pelo menos da fonte para cima não há. Estava cá ainda a Reginalda mais velha do que eu mas já morreu.

Mig.- Então e esse pão do céu, consegue cantar?

G- O pão do céu é assim.

(cantava só uma pessoa)

Bendito sejas

Bendito sejas

Mil vezes ainda mais

Mil vezes ainda mais

No céu e na terra

A homens ingratos

Bendito sejas

Bendito sejas

(Depois o povo respondia)

G- Não era assim? Já falta a garganta.

Mig.- Então a festa aqui da padroeira era a da Sr<sup>a</sup> da Anunciação?

G- Olhe trago-lhe aqui uma coisa já antiga de 1976. (a senhora trazia um cartaz das festas da Sr<sup>a</sup> da Anunciação de 1976). Aqui era a virgem e aqui era o programa dos cantares que cá vinham. Nunca pode ser antes do 8 e depois do 15 de Setembro. Olhe esta é que é a Sr<sup>a</sup> da Anunciação e tem aqui o Anjinho da Guarda.

D- Eu todos os dias de manhã digo “Anjo do senhor anunciou a Maria e ela concebeu por obra e graça do divino Espírito Santo ave Maria”.

G- O anjo é que anunciou a Maria que estava grávida.

D- E depois a Senhora diz “Eis-me aqui escrava do senhor.” E depois rezamos três Ave Marias.

Mig.- E cantavam alguma música à Senhora da Anunciação?

G- Essa então é que não sou capaz agora.

D- Eu não tenho voz nenhuma para ela.

Mig.- Mas a Dona Gertrudes tem.

D- Ai esta encantou a geração dela toda.

Mig.- Então cante lá a Sr<sup>a</sup> da Anunciação.

G-

Senhora da Anunciação

Que lá estais na tabuinha

Ó que tão pequeno trono

Para tão alta rainha

Ó que tão pequeno trono

Para tão alta rainha

Senhora da Anunciação

Ela lá em cima vem

Com o seu menino ao colo

Seu cabelo ao desdém

Com o seu menino ao colo

Seu cabelo ao desdém

Senhora da Anunciação  
Estais virada para a rua  
Estais a ver se vês entrar  
Alguma devota sua  
Estais a ver se vês entrar  
Alguma devota sua

Logo foi para ser santa  
Senhora da Anunciação  
Olhai para mim olhai  
Sou filha de uma viúva  
Tenho mãe e não tenho pai  
Sou filha de uma viúva  
Tenho mãe e não tenho pai

Senhora da Anunciação  
Minha mãe minha madrinha  
Dai-me da vossa riqueza  
Que eu sou muito pobrezinha  
Dai-me da vossa riqueza  
Que eu sou muito pobrezinha

Senhora da Anunciação  
A vossa capela cheira  
Cheira a cravos cheira a rosas  
Cheira à flor da laranjeira  
Cheira a cravos cheira a rosas  
Cheira à flor da laranjeira

Senhora da Anunciação  
Minha roseirinha branca  
Quando nascestes ao mundo  
Logo foi para ser santa  
Quando nascestes ao mundo

Senhora da Anunciação  
Como estais tão encarnada  
Estais virada para o povo  
Fostes agora restaurada

(G- Esta inventaram-na agora há uns anos quando fizeram o restauro.)

D- E cá na Alcongosta tínhamos uma amoreira no largo e também cantavam uma cantiga.

Alcongosta pequenina  
Duas coisas lhe dão graça  
É o relógio na torre  
E a amoreirinha na praça

G- Quando lá puseram o relógio.

D- Mas um dia mais tarde cortaram a amoreira. Andaram-na a cortar para alargar o recinto. Depois inventaram-lhe uma cantiga. Foi pelo São João que lhe cortaram a amoreira.

Ó meu São João Batista  
Ó meu Batista três vezes  
Já cortaram a amoreira  
Que era o regalo dos malteses

D- Quer dizer nas noites de calor a malandragem às vezes deixavam-se dormir em volta da amoreira porque havia assim três degraus.

G- A juventude.

D- Ai eu ainda estava solteira.

Mig.- Então e como é que se cantava cá o São João?

G- Ai vossemecê quer as mais difíceis.

João ai ó meu lindo São João  
Ai ó meu belo marinheiro  
nheiro Levai-me na vossa barca  
Ai para o rio de Janeiro

Mig.- Diga lá só a letra!

G- Ó meu S. João Batista, ó meu santo marinheiro levai-me na vossa barca para o Rio de Janeiro.

D-

Santo como o São João

Em Portugal não entrou

No ventre de sua mãe

Jesus Cristo adorou

Quando Nossa Senhora chegou ao pé da Santa Isabel que estava grávida, o menino saltou-lhe logo do seio.

Mig.- E então esse era o São João que cantavam cá?

G- Então isto em vindo o mês de Maio e Junho e parte do de Julho, se o senhor aqui estivesse por essas fazendas onde andasse pessoal, ouvia-se no povo.

D- Olhe o meu marido a cantar além naquela quinta que se além vê, chamam-lhe a Quinta da Pedralvas, ouvia-se aqui quase na Alcongosta.

G- Então e quando o meu avô, que no céu esteja, morreu. O meu avô materno morreu e foi sepultado dia de Carnaval e naquele tempo havia uns lutos muito pesados. Eu era neta mas a minha mãe vestiu-me de luto e eu fui para além para as cerejas com catorze anos. Andávamos além atrás das casas da quinta, chamavam-lhe os Trigais, andávamos ali nos leirões. E quem lá andava, o Ti Joaquim Correia, o Ti Joaquim Inverno, a mulher, eu e a Ti Mari Marques, andávamos lá parece que éramos umas cinco pessoas e eles cantavam o S. João como ele era, o Ti Joaquim Inverno... eu era garota e também queria cantar mas tinha medo da minha mãe, e a minha mãe que Deus tem não moravam aqui, moravam ali em baixo, abaixo da capela, e eu não queria cantar com medo da minha mãe. E ele “anda canta que a tua mãe não te conhece, anda que a tua mãe não vê que és tu, anda que somos nós. E eu acompanhava-os a cantar o São João. Quando cheguei a casa comi porrada da minha mãe. A minha mãe bateu-me por andar a cantar estando de luto. Nunca me esqueceu.

D- Tínhamos cá uma mulherzinha na Alcongosta que era a Ti Teresa do Crispim, a regrar os martírios ao pé desta capela do Divino Espírito Santo, ouviam-na em claro nas Donas.

G- A regar os martírios era assim como eu cantei, mas depois quando chegavam aos pés diziam assim

Ó quem nos desencravará  
Os três cravos da memória  
Minha alma fora gozara  
O reino da vossa glória

Mig.- Então e essas canções mais fáceis de cantar quando andavam a regar...

D- Isso era a toda a hora.

G- Isso era qualquer moda.

Mig.- Então e que modas diga-me lá!

G- Eu sei-as todas mas assim de momento...

Mig.- Mas nós temos tempo.

G- Até à noite e então o lanche?

Mig.- Até à hora do lanche e eu depois volto cá.

G- É só a gente querer era só abrir a boca.

D-

Linda letra é o A	António bonito nome
Para quem lhe dá o valor	Quem foi a tua madrinha
É com A que se escreve	Quem foi a santa Mulher
O nome do meu amor	Que tão lindo gosto tinha

Mig.- Isso tinha música ou era só assim dito?

D- Então não cantava eu agora é que já não posso.

G- Isto era nos bailaricos.

Quem me dera um pão quente	Para dar ao meu amor
Uma laranja partida	Que anda de beíça caída
Quem me dera um pão quente	Para dar ao meu amor
Uma laranja partida	Que anda de beíça caída

Ó enleio ó enleiozinho  
Vamos nós a desenleiar  
Meu amor é contrabandista  
Vamos nós a contradançar

(Passa um avião e a senhora dona Maria Delfina aponta e diz que é o Guterres, ex primeiro ministro que é das Donas e que viria ao funeral do pai que se realizava nesse dia.)

Mig.- Essa era a Enleia não era?  
D- Era as do bailarico, mas havia mais.

Ó ladrão ó ladrão  
Ó ladrão sou eu  
(e a gente tocava os dedos como se fossem umas castanholas)  
Se eu fora ladrão  
Roubava-te eu

G- Andava um na roda sem par, então ele tirava-se de além e ia a roubar uma da roda e depois dizia.

Já cá vai roubada

Já cá vai na mão

Já cá vai metida

No meu coração

D- E às vezes descalças e com a barriguinha com fome. Cantavam para aí, em todos os canto se fazia uma dança. Às vezes um a tocar um realejo, tínhamos um homem que tocava um harmónio às vezes escangalhava-se no meio da dança...

G- Sabe o que é que ele dizia? Se eu quiser ver as galinhas, agora é galinhas mas naquele tempo eram pitas, quem quer ver as pitas todas atrás de mim é pegar no harmónio. É como a que sou um galo com um saco de milho. Esse era o Ti Manel Canuto. Então e o Ti Manel Fernandes que chegava ali com um realejo Fum fum fum fum forrum fum fum, pronto as cachopas estivessem calçadas ou estivessem descalças iam logo tudo para o baile. Era assim o tempo.

Mig.- Então e que músicas se cantavam nesses bailes?

D- Era tudo. Eu ainda me lembro de uma que dançavam muito lá no pátio.

Menina da garrafinha

Que levas que tão bem cheira

Levo saudades de amor

Que embarca à quarta-feira

D- À segunda-feira!

G- Ou à quarta era o dia que calhasse.

O meu amor vem além

Pelo andar o conheço

Tem o passo miudinho

Como à folhinha do seixo



Ai agora é que me maneio

É que me maneio

É que me rebolo

Nos braços do meu amor

Agora é que me consolo

G- Veja lá o que hoje me deu, para que é que eu saí de casa.

D- Olha até me esqueci que tinha a dor na perna.

Mig.- Isto quem canta seus males espanta.

G-

Quem canta seus males espanta

Eu vivo atrapalhado

Diz-me lá ó meu amor

Quantas cantigas tem o fado

G- Também havia essa.

D-

Sei um saco de cantigas

Ainda mais um guardanapo

Se as começo ao desafio

Anda que eu desato o saco

Mig.- Então e quando andavam a regar o que é que cantavam?

G- Ai isso era mais a sacha do milho.

Eu hei-de subir ao alto  
Ao alto hei-de subir  
Mas quem ao mais alto sobe  
Ao mais baixo vem cair

Mas este estilo já é o dos ranchos, já não é a popular do campo.  
Que sachais  
Sachadeiras que sachais  
Ai os milheirais do meu sogro  
Deus vos faça o dia grande  
Para sachar o milho todo

Ceifadeiros que andais à calma  
À calma ceifando o trigo  
Ceifa as penas da minha alma  
Ceifa-as e leva-as contigo  
Que ceifais ceifadeiros  
Que ceifais  
Ai os milheirais do meu sogro  
Do meu sogro  
Deus vos faça o dia grande  
Ai para ceifar o milho todo

Mig.- E na azeitona o que é que cantavam?  
G- Na azeitona cantava-se de muita maneira.  
D- Cantava-se a “Azeitona já está preta”.

Mig.- Mas era muito antiga?

G- Essa moda da azeitona vem do Almurtão, isso foi tirado da Senhora do Almurtão. A gente cantava outra no Verão quando andava nas fazendas mas já não me lembro, já está o livro passado já passou a folha.

Mig.- E também apanhavam o milho?

G- Nós aqui semeávamos pouco milho. Nós era mais a batata e depois o trigo. O milho que a gente semeava era depois no restolho depois de tirar o trigo, era o milho seródio mas isso...

D- Nós aqui o terreno era pouco e aproveitavam-no mais para plantas de fruto. E quer dizer o milho quer sol, como as batatas querem sol, se forem semeadas à sombra só dão rama.

G- porque isto era assim: Isto aqui é um leirão, a gente plantava árvores mas era só nos cômaros como estão ali aquelas, está a ver? E o leirão ficava todo limpo para semear batata, feijão e depois então milho. O milho era ali mais para os lados do rio.

Mig.- Então quando andavam a regar o que é que cantavam? Dona Gertrudes tem que me cantar aí mais duas ou três músicas!

G- Se eu me lembrasse cantava que não me custava nada. A gente cantava todas as que vinham à ideia.

D- Cada coisa tinha sua época só que havia muitas, aí era um saco.

G- É como eu digo era um saco de cantigas. Esta cantávamos muito quando andávamos a regar, quando lançava o sacho ao tornadouro vinha logo quase a metade do corte.

D- E as batatas, quando mal se descuidavam já andavam as batatas a rebolar na água.

O meu amor é padeiro

Ó ai traz a cara enfarinhada

Ó ai traz a cara enfarinhada

Os beijos sabem-me a pão

Ó ai não quero saber mais nada

Ó ai não quero saber mais nada

D- Era assim o que nos vinha à ideia.

E então quando a gente andava assim com um patrão que era velhaco, a gente trabalhava de sol a sol, de sol a sol não, pegávamos às nove até ao anoitecer. Então a gente quando andava naquelas fazendas a sombra ia andando e a gente às vezes cantava assim.

Já o sol se vai a pôr

Lá p'ra detrás do barracão

Alegria para nós

Tristeza para o patrão

Vínhamos assim “Abaixa-te Manel” isso era uma lenda.

Diz que uma vez um homem tinha um filho que era muito baldão, trabalhar não queria, chamava-se Manuel. E então o pessoal que lá andava sabia como era e quando o sol assim ia a abaixar diziam assim “Abaixa-te Manel, ah lambão tão devagar que tu andas, abaixa-te Manel! E o patrão dizia “Abençoado pessoal que andam a puxar pelo meu filho!” Mas era para o sol. A gente dizia para o sol.

D- Era uma lenda mais antiga mas nós sabiamo-la.

## **Anexo 2 - Transcrição da entrevista à D<sup>a</sup> Gertrudes, Dona Leopoldina e D<sup>a</sup> Maria Delfina, em Alcongosta a 19-02-09.**

Os intervenientes nesta entrevista são: O investigador (Mig.), a D<sup>a</sup> Gertrudes (G), a Dona Leopoldina (L) e a D<sup>a</sup> Maria Delfina (D).

Mig.- Ó Dona Gertrudes diga-me lá uma coisa, estive a ouvir o que nós estivemos a gravar o outro dia e há uma coisa que eu não percebo lá no “pão do céu”.

G-

Ó pão do céu

A quem sustentais

Ò homens ingratos

Bendito sejas

G- Primeiro é uma só que canta.

Mig.- E pode cantar outra vez?

G- Ai eu hoje ando muito nervosa.

L- Ande vá ponha-se a cantar!

G- Hoje não dou carreira direita!

(Uma pessoa cantava)

Ó pão do céu

A quem sustentais

A homens ingratos

Bendito sejas

(O povo respondia)

Bendito sejas

Mil vezes ainda mais

No céu e na terra

Bendito sejas

G- A pessoa que canta a primeira canta a mesma três vezes, o mesmo verso. E o povo responde três vezes na mesma.

Mig.- E isso cantava-se quando?

L- Pela Páscoa, durante a quaresma.

G- Em aparecendo a aleluia desiste. Este cântico é à sagrada comunhão. Isto já é muito antigo. Assim como o “Bendito e louvado das trovoadas”.

D- E o pai dela cantava o “Salve Rainha” isso é que era lindo de se ver, mas morreu o homem e nunca mais ninguém a cantou. E o pai da Ti Mari Porquéria cantava o “Salve Rainha” ao início da missa. O gajo era pequenino mas tinha lá uma garganta que até fazia eco na igreja, mas já nunca mais ninguém a cá cantou.

G- Ele como ia a compor os cestos pelas aldeias. Antigamente iam assim pelas aldeias a compor os cestos para se governarem, então nas terras onde estava ia sempre à missa e cantava a “Salve Rainha” e as pessoas depois admiravam porque nunca tinham ouvido cantar tão lindo, perguntavam muita vez por ele no mercado.

Mig.- E já não se lembram?

D- Ô aquilo era muito cansativo a “Salve Rainha” toda cantada, e o povo respondia.

G- Eu ainda era assim garotita e não a apanhei.

L- Eu nunca mais a ouvi cantar.

Mig.- Então em passando a quaresma já se podia cantar outra vez, não era?

G- Em passando a quaresma já se canta qualquer verso na igreja.

Mig.- Não eu digo aí fora nos trabalhos.

G- Mas este cântico não se cantava na rua, era só na igreja. O “Pão do céu” e a “Salve Rainha” também.

D- E a outra que cantava a tua avó.

G- Mas aquela que cantava depois do Natal, acho que era no 3º domingo a seguir do Natal, era assim.

Nome de Maria

Que tão doce é

Salvai a minha alma

Que ela vossa é

Ela vossa é

Sempre o há-de ser

Salvai a minha alma

Quando eu morrer

Quando eu morrer

Quando acabar

Salvai a minha alma

Para um bom lugar

Para o paraíso

Salvai a minha alma

Dia de juízo

Dia de juízo

Numa boa hora

Salvai a minha alma

P'ro reino de agora

Mig.- E cantavam na igreja?

D- Cantavam sim senhora, só haviam cá três mulheres que a cantavam. Mas as três mulheres é como é que era só uma voz.

G- Era como que se estivessem a cantar aí para o microfone que não desmandavam. Era a minha avó, a Ti Amália e a Ti Mari Cristina do Frade.

Mig.- E a sua avó como é que se chamava?

D- Oh! Já morreram todas.

G- A minha avó já morreu há trinta e cinco anos, no dia dezassete de Novembro e já morreu com noventa e três anos. Chamava-se Ana Josefa Rolão. Ela era uma artista. O meu avô, que Deus tem, quando estavam a regrar os martírios no Espírito Santo fazia uma panela de café negro e ia a levar uma malga. Sabe o que é uma malga não sabe, é uma tigela, agora é que já é tudo rico, mas naquele tempo era uma malga. Levava duas malgas de cada vez, que era para aquelas que estavam a regrar os martírios. Era a minha avó, era a Ti Teresa do Crispim.

D- Essa regrava os martírios aqui nesta capela e ouvia-se em claro nas Donas.

L- Regre lá os Martírios aqui para o homem.

G- Então eu já lhos ensinei, já lhos cantei e tenho-os aqui escritos, não estão é todos. Vossemecê entende a letra? Isso é letra de músico... Uma pessoa sozinha canta até aqui, uma quadra, depois o povo responde.

Bendito e Louvado seja

A paixão do redentor

Para nos livrar das culpas

Morreu por nosso amor

G- E falta aí no fim

Recorda se estais dormindo

Nesse sono tão profundo

Lá estão as almas gritando

As almas do outro mundo

Recorda se estais dormindo

Nesse sono tão galante

Lá estão as almas a arder

Nesse fogo tão ardente

D- E esta que eu rezo quando entro num cemitério.



Ó adro sagrado  
E almas que estais ao lado  
Já fostes como a mim e  
Eu hei-de ser com'a vós  
Pedi no céu a Deus por mim  
Que eu na terra peço eu por vós

E depois rezo-lhes um padre nosso pelas almas todas que estão sepultadas  
naquele cemitério.

Mig.- Mas isso era cantado ou era dito.

D- Não, era dito.

G- Eu em chegando ao fim da rua digo assim

Adeus ò lugar sagrado  
Alminhas que estais ao lado  
Vós já fostes como a mim  
Eu hei-de ser com'a vós  
Pedi a Deus por mim  
Que eu peço a Deus por vós

D- Pois mas eu não é assim.

G- Cada uma é como aprendeu. Pois ali são os martírios.

Mig.- Então eu vou ler e diga-me se estão bem, que eu deixo-lhe aqui a folha.

Demonstrai-nos Jesus Cristo  
É de segundo Mateus  
Digam todos em voz alta  
Em voz alta morreu Deus

Os vossos divinos ouvidos  
Estão ouvindo os meus pecados  
Lá no dia de juízo  
Sejam todos perdoados

O vosso divino nome  
É Jesus de Nazaré  
A quem fora tão ditoso  
Que morrera pela fé

A vossa divina face  
Está muito magoada  
Foram os cruéis algozes  
Que lhe deram mil bofetadas

A vossa divina cabeça  
Coroadada de mil espinhos  
Já correm rios de sangue  
Já de sangue correm rios

A vossa divina boca  
Cheia de fel amargoso  
Por amor dos meus pecados  
Padeceu Deus tão bom poderoso  
(ou castigo eterno horroroso)

O vosso divino cabelo  
Mais fino que o próprio ouro  
Onde tendes as raízes  
Tem a minha alma um tesouro

O vosso divino rosto  
Cheio de escarros nojentos  
Por amor dos meus pecados  
Padeceu Deus Tantos tormentos

Os vossos divinos olhos  
Estão inclinados ao chão  
Inclinai-os à minha alma  
Também ao meu coração

A vossa divina garganta  
Lhe enlearam uma corda  
Entre a minha alma por ela  
Senhor dai-lhe misericórdia

Os vossos divinos ombros  
Estão feridos no madeiro  
Onde tendes a minha alma  
Fazei dela um travesseiro

O vosso divino peito  
Cruelmente foi rasgado  
Dele correu em abundância  
Remédio para o pecado

Os vosso divinos braços  
Estão alvorados na cruz  
Por amor dos meus pecados  
Padeceu Deus tão bom Jesus

O vosso divino lado  
Lhe espetaram uma lança  
Entre a minha alma por ela  
Dai-lhe senhor confiança

As vossas divinas mãos  
Cravadas com duros cravos  
Tudo isto padeceste  
Por amor dos meus pecados

O vosso amável coração  
Que o rasgou dura lança  
Convide que nele entremos  
Cheios com toda a confiança

A vossa divina cintura  
Lhe enlearam uma toalha  
A virgem que está aos pés  
Com uma verde mortalha

(ou)

A vossa divina cintura  
De grossas cordas ligaram  
De rua em rua com elas  
Como um réu vos arrastaram

Os vossos divinos joelhos  
Mais brancos que a neve pura  
Já correm rios de sangue  
Pelas ruas da amargura

Os vossos divinos pés	O vosso divino corpo
Cravados com duros cravos	Sepultado num caixão
Tudo isto padeceste	Por amor dos meus pecados
Por amor dos meus pecados	Padeceu Deus morte paixão

Ó quem os desencravaras	Recorda se estás dormindo
Os três cravos da memória	Nesse sono tão profundo
Minha alma fora gozar	Lá estão as almas gritando
O reino da vossa glória	As almas do outro mundo

Estas quinze partições	O vosso divino corpo
Ó meu Deus vo-las entrego	Ferido e todo chagado
Para que no dia de juízo	Dele correu em abundância
Minha alma tenha remédio	Remédio para o pecado

Recorda se estás dormindo  
Nesse sono tão galante  
Lá estão as almas gritando  
Nesse fogo tão ardente

D- Porque os martírios já os há... já não são todos iguais está a compreender?

G- Os desta mulher são uns...

D- Sei uns novos que não é nada que se compara com estes, mas agora é que já os não sei... mas tinha-os lá até numa cartilha, não sei se já ma levaram ou se ainda está lá em casa.

Mig.- Então e depois da quaresma...

G- Depois da quaresma canta-se quantas aldrabices há.

D- Sábado é que aparecia a Aleluia às dez horas da manhã, nós aqui na Alcongosta, o primeiro a pegar no badalo era ali o sacristão do Alcaide. Em tocando a Aleluia no Alcaide tocava logo na Alcongosta e por essas aldeias todas ouvia-se tocar...

L- Era uma alegria.

D- Então toda a minha gente pequena e grande tudo cantava a Aleluia, era um dia de alegria que eu sei lá.

G- E quem andava no campo naquele tempo era agricultura.

D-

Aleluia aleluia

Aleluia Surreição

Ressuscitou nosso senhor

Para nossa salvação

Aleluia aleluia

Aleluia com prazer

Ressuscitou nosso senhor

Para nunca mais morrer

G- Isso é a Senhora da Póvoa.

Já apareceu a Aleluia

Aleluia serreição

Serreição ressuscitou

Nosso senhor

Para a nossa salvação

E o sino a tocar, dão dão dão dão dão dão, o pessoal do campo, o pessoal da agricultura era tudo à mão, era tudo feito à base de mão, não havia lá

máquinas nem tractores, era tudo à enxada. Então quando tocava no sino a Aleluia a enxada era espetada na terra e tiravam o chapéu da cabeça e tudo cantava a Aleluia. E havia e há, que ainda lá está quinta, no chão de Saldeia, a dona daquela fazenda aquela hora já tinha um cesto, assim um açafate, chamamos-lhe um açafate grande com bolo da festa. Os bolos da festa são os bolos da Páscoa, antigamente toda a gente fazia agora é que já não, já há tudo a vender já ninguém sabe fazer nada.

D- A minha vizinha ainda os faz.

G- E eu também os fazia se fosse preciso. Então tinha aquele açafate já com aqueles bolos dentro, uma chouriça ou duas ou três não importava porque até aquela altura ninguém comia carne na quaresma. Era preciso tirarem uma bula para comerem carne.

L- Também eram só dez tostões...

G- Pagava-se ao senhor padre. Era um papel lá tinha umas letras, já não sei o que é que dizia, quando nos íamos confessar trazíamos aquela bula e podíamos comer carne. Só nas terças e nas sextas é que não, nos outros dias podia-se comer só um bocadinho, não era muita porque não a havia.

L- Haver havia.

G- Os ricos é que a tinham mas também não a comiam como queriam, como agora comem.

D- Desde a quarta-feira de cinzas até aparecer a Aleluia não se comia carne nem terças nem sextas.

G- Se cresciam uns bocadinhos no dia de Carnaval, que havia o bucho e morcela larga, um bocadinho de toucinho, se crescia metiam na salgadeira só comiam depois quando aparecia a Aleluia. Então quando aparecia a Aleluia, quando o sino dava a primeira badalada, ela punha aquele cesto à cabeça, com uma toalha de linho branco por cima, que aquilo até desbancava, e ela saía de casa direita aos trabalhadores que eram aos dez e doze e mais naquela quinta, tudo em fileira, quando então a patroa saía da casa os empregados, naquele tempo não era empregados era trabalhadores, punham-se todos na fila que estavam a trabalhar, a enxada espetada na terra e eles todos a cantar a Aleluia a olharem para a patroa. Ela chegava ali com aquele cesto ao pé do pessoal e dizia “Aleluia! Aleluia!” e o pessoal respondia “Aleluia surreição!”. Então ela estendia ali aquela toalha, partia o bolo e a chouriça e vinho e os trabalhadores todos comiam um bocadinho aquela hora.

Mig.- Então e a senhora como é que se chama?

L- Ai eu não tenho nome eu não interessa.

G- Então não tens nome? Então és moura. Não foste à pia da água benta? Só se fores pagã.

L- Leopoldina Correia Rodrigues Nunes.

Mig.- E que idade é que a senhora tem?

L- Vou fazer setenta e um. Olhe, faço agora no dia quinze de Março os setenta e um.

Mig.- Então, se a seguir ao Aleluia toda a gente cantava, eu agora quero saber quais as canções que cantavam.

G- Se eu cantasse as cantigas todas que eu cantava e que sabia, você podia ir a ver de uma semitralha (semi trailer) para as levar todas.

Mig.- Eu já trouxe uma carrinha de caixa aberta para isso.

G- Ai não cabiam lá. Isso era ensacar, ensacar. Ensacavam ali nas cantigas como quem estivesse a ensacar alhos.

Mig.- Então diga-me lá pelo menos duas ou três.

G-

Ó tristeza ó tristeza

Tu podes mais que a alegria

Ó tristeza ó tristeza

Tu podes mais que a alegria

Entras dentro do meu peito

A toda a hora do dia

Entras dentro do meu peito

A toda a hora do dia

A alegria e a tristeza

Tudo por mim tem passado

A alegria e a tristeza

Tudo por mim tem passado

Se muito me tenho rido

Muito mais tenho chorado

Se muito me tenho rido

Muito mais tenho chorado

Alegria não a tenho	Ó morte ó negra morte
Tristeza comigo mora	Contra ti tenho mil queixas
Alegria não a tenho	Ó morte ó negra morte
Tristeza comigo mora	Contra ti tenho mil queixas
Se eu alcanço o que eu desejo	Quem hás-de levar não levas
Minha tristeza irá fora	Quem hás-de deixar não deixas
Se eu alcanço o que eu desejo	Quem hás-de levar não levas
Minha tristeza irá fora	Quem hás-de deixar não deixas

Ó meu amor se tu fores	Ó morte ó negra morte
Leva-me podendo ser	Levastes a minha mãe
Ó meu amor se tu fores	Ó morte ó negra morte
Leva-me podendo ser	Levastes a minha mãe
Eu quero ir a acabar	Levastes a minha alegria
Onde tu fores morrer	Leva comigo também
Eu quero ir a acabar	Levastes a minha alegria
Onde tu fores morrer	Leva comigo também

Mig.- E esta cantava-se quando?

D- No campo e a qualquer hora.

L- Os cachopos e as cachopas a andar à roda.

G- E então os rapazes quando queriam namorar uma rapariga, aí nos seus dezoito vinte anos, faziam serenatas pelas ruas de noite.

D- Tocavam um realejozito, frum fum fum frum fum fum, e os outros a cantarem de volta.

Mig.- E cantavam o quê?

D- Estas cantigas, uma qualquer, era o que vinha à ideia.

G-



Menina chega à janela  
Vem a ver a serenata  
Menina chega à janela  
Vem a ver a serenata  
Vem a ouvir as cordas de ouro  
Bandolins todos de prata  
Vem a ouvir as cordas de ouro  
Bandolins todos de prata  
Menina chega à janela  
Já que varandas não tens  
Menina chega à janela  
Já que varandas não tens  
Vem a ver o teu amor  
Se é algum dos que aqui vem  
Vem a ver o teu amor  
Se é algum dos que aqui vem

G- E depois tocavam o realejo e depois...

Abrem-se as portas do céu  
E as janelas do mundo  
Abrem-se as portas do céu  
E as janelas do mundo  
Só tu janela maldita  
Não te abres nem por um segundo  
Só tu janela maldita  
Não te abres nem por um segundo

L- Viu esta tão bonita.

Mig.- É bonita é.

G- Na minha juventude isto era como se estivesse a puxar era como se fosse uma gravação. Era as que vinham à ideia.

O sol é que alegra o dia

Pela manhã ao nascer

O sol é que alegra o dia

Pela manhã ao nascer

Eu sei quem anda triste

Só se alegra em me ver

Eu sei quem anda triste

Só se alegra em me ver

O coração mais os olhos

São dois amigos leais

O coração mais os olhos

São dois amigos leais

Quando o coração está triste

Os olhos dão os sinais

Quando o coração está triste

Os olhos dão os sinais

Ó coração de pombinha

Ó asas da Primavera Ó coração de pombinha

Ó asas da Primavera

Eu desejava saber

Os teus intentos quais eram

Eu desejava saber

Os teus intentos quais eram

Cantigas ao desafio

Comigo ninguém as cante

Cantigas ao desafio

Comigo ninguém as cante

Eu tenho quem mas ensine

Meu amor é estudante

Eu tenho quem mas ensine

Meu amor é estudante

O meu amor é aquele	Tem o andar miudinho
Pelo andar o conheço	Como a flor do codeço
O meu amor é aquele	Tem o andar miudinho
Pelo andar o conheço	Como a flor do codeço

G- olhe eu vou contar-lhe uma coisa mas isto é falado, os pregões de Lisboa. Quando os ouvi eu ainda era garotita, com os meus cinco ou seis aninhos. Como a cantiga da Mari Papoila.

Mig.- Então e como é a da Mari Papoila?

G- Ai isso ainda dá muito na televisão.

Mig.- E os pregões de Lisboa era como?

G- Os pregões de Lisboa era quando iam a vender tudo à cabeça, às costas, com um burrinho. Era assim, os pregões de Lisboa:

Manhã cedo o sol doirado	Lá vem também a peixeira
A tudo vai dando cor	Com o seu traje pitoresco
Já é dia na cidade	Dizendo ou viva da costa
Já nela se ouve rumor	Ou então carapau fresco
Vendedores ambulantes	Erre erre mexilhão
Começam a aparecer	Ou pescadinha marmota
Vamos lá ver ó freguesas	Compre um raminho de flores
O que trazem para vender	Ou figos da capa rota
Oito horas à nossa porta	E com a lata no braço
Passa agora a tia Chica	Fresquinha quais arroio
Com sua voz compassada	Passa linda vendedeira
Apregoa fava rica	Vendendo o queijo saloio

Merque o cabaz de notícias  
Ou Século Notícias Voz  
Ó boa amora da horta  
Quem compra amêijoas para arroz  
E agora de toda a parte  
Se ouve gente que apregoa  
Gritando quem quer laranjas  
Quem compra laranjas boas  
E tudo lá vão deixando  
Pela cidade o vendedor  
E para ganhar a vida  
Que cansaço que suor

Mig.- E onde é que aprendeu isso?

G- Foi de garota, não sei.

L- Então olhe lá, a Amália Rodrigues o primeiro trabalho dela era a vender limões.

D- E nasceu aqui no Fundão e foi criada na Covilhã.

G- E a família dela era ali do Castelejo. Ela é descendente do Castelejo. Mas eu vi-a em pessoa ao cimo do chão que a gente trazia, no caminho que agora leva à do Vergílio. Ia o Ti Eugénio Afonso e a mulher a pedirem esmola, e eles iam para baixo e vinha aquela rapariga, uma jovem, vinha ela e outra vinham as duas aqui para Alcongosta a passear. E eles pediram-lhe uma esmolinha, “ó minhas meninas dêem-me lá uma esmolinha!” a Ti Ana que ele não via. Foi a primeira vez que vi uma nota de vinte escudos. E ela deu-lhe vinte escudos ao ceguinho, e o Ti Eugénio pôs-se assim “Olha um papel para é que presta um papel”. Ele não via e nunca tinha recebido nenhuma. Eu andava a aninhar com um aninho as batatas e ouvi a conversa. Ela era assim uma moça alta e tinha a boca grande.

L- Então era para cantar.

Mig.- Então e quando andavam nas batatas que cantigas cantavam?

G- Isso era quantas melodias havia no mundo...

Mig.- Então vamos lá a cantar mais uma!

G- Vocemecê é terrível para puxar o fio à meada... já viu Ti Maria.

D- Então é a vida dele.

À uma hora fui nascido

Às duas fui baptizado

Às três andava de amores

Às quatro estava casado

Às cinco estava doente

Às seis sacramentado

Às sete já estava morto

Às oito já sepultado

G- Se o senhor aqui estivesse no tempo das cerejas, quando eu tinha trinta anos, gravava aqui muitas cantigas. Eram os ranchos a cantarem e às vezes ao desafio. E depois diziam

Viva o meu surra o teu

Viva o meu que é melhor que o teu.

Olhe o senhor já daqui leva muita aldrabice. Aldrabice não que isto era verdade, era a juventude.

L- Canta a menina da garrafinha!

Minha mãe mandou-me à fonte

A buscar água fresquinha

Ó minha mãe não me bata

Que eu parti a cantarinha

Minha mãe mandou-me à escola

Aprender a ler a escrever e a contar

Deixei a memória em casa

Só com a preguiça de a levar

L- Esta que a Ti Ana Adelaide cantava assim connosco.

Ai menina da garrafinha	Que embarca à segunda-feira
Ai que levas que tanto cheira	Da semana que há-de vir
Saudades do amor	Levo saudades de amores
Que embarca à segunda-feira	Quem os há-de ver partir

D- Eu é que já não posso.

G-

O meu amor abalou-me	Alegria não a tenho
Só p'ra ver o que eu fazia	Tristeza comigo mora
Julgava que eu que chorava	Se eu alcanço o que eu desejo
Ainda canto de alegria	Minha tristeza irá fora

Meu amor abalou-me  
Nem um ai me pode dar  
Apertou-me a mão e disse  
Quem te pudera levar

G- Era quando abalavam para a tropa sempre na segunda-feira da Senhora do Souto. Depois iam ali à Senhora do Souto ali às Donas, que é feita na segunda-feira de Páscoa. E depois passava a linha do comboio em baixo, era o comboio das seis, era o que levava os soldados, mas isso não era eu que nessa altura ainda era catraia. Fui lá só uma vez mas levei uma sova da minha mãe porque fui sem ordem e não passei dos eucalípiós para baixo.

D- Eu uma vez fui lá mas armou-se lá um barulho com os das Donas...

Mig.- Mas guerrearam?

D- Era por causa dos bombos, havia cá uns bombos como ainda hoje há. Juntou-se aí um rancho de raparigas e rapazes e foram a cantar à Senhora do Souto, os das Donas não os queriam lá... Sabe havia muita rivalidade entre os de Alcongosta e os das Donas, nunca se deram assim muito bem. Agora já não.

G- Mas ainda lá há pique!

D- Ainda lá há sangue como aqui na Alcongosta.

G- E vinham para cá todos os dias a trabalhar os das Donas. Governavam-se aqui mas não podiam ver a gente lá em baixo.

D- E cá na Alcongosta ninguém os tratava mal. E a água com que regam as batatas e tudo é daqui que vai, é nossa. Se lhes cortássemos a água da ribeira que vai cá de cima eles lá em baixo morriam à sede. Eles também dizem que só têm água quando é das trovoadas porque nós não a podemos segurar cá em cima.

G- E vinham de noite a deitar as águas todas por debaixo. E quando era em Março vinham a limpar a ribeira para se marcarem as aduas. Tocavam o sino num domingo e vinha o pessoal das Donas, os homens com roçadoras e sachos.

D- Mas tinham que levar um guarda à frente deles.

G- Vinham então dois GNR com eles.

D- Eles vinham debaixo para cima e depois passavam aqui pelo povo abaixo, mas não vinham sozinhos, vinha a guarda com eles. Não se podia dizer uma fala que eles era logo rente ao malho. Eram muito maus, a gente das Donas não era de confiança.

G- E depois como lhe ia dizendo as raparigas, ora hoje era domingo dia de Páscoa era dia de festa, segunda-feira era dia da Senhora do Souto também não se trabalhava, e os namorados os rapazes iam nesse dia para a tropa. E então elas iam todas contentes e eles também todos contentinhos por levarem ali a noiva ao lado, ia tudo para a festa. Lá dançavam umas modinhas, lá diziam os segredos deles, mas quando chegava a hora do comboio, ali é que havia assim caras voltadas para o lado a chorar. E depois quando o comboio partia ali do Fundão, ó pá ali com a bolsa às costas. Levavam todos uma bolsa de cretone com duas bolas assim grossas pareciam dois medronheiros, e ali iam eles pumba pumba a baterem com os calcanhares no cu para apanharem o comboio. Quantos já o apanharam com ele em andamento...

D- Ah comboio negro comboio negro que levas lá o meu amor!

G- Ah! Já cá tenho uma na ideia, a moda da nossa azeitona, não é a azeitona já está preta.

Debaixo da oliveira

Ai não chove nem cai orvalho

Menina que há-des ser minha

Ai não me dê tanto trabalho

Oliveira do alto

Ai do vento lhe leva a flor

Só a mim ninguém me leva

Ai para o pé do meu amor

A oliveira se queixa

Ai se queixa é com razão

Que lhe colhem a azeitona

Ai deitam-lh'a rama ao chão

A folha da oliveira

Ai não é larga nem comprida

Nela se pode escrever

Ai saudades de uma amiga

Oliveira pequena ai que

Azeitona poderá dar

Dará uma dará duas

Ai Três se carregar

G- Mas não era só uma que cantava. Uma começava, eu não porque havia as mais velhas do que eu. E quando era nas regas.

Água leva o regadio

Vai levar o regador

Enquanto rega e não rega

Vira-te p'ra mim amor

Água leva o regadio

Água leva o almeirão

Enquanto rega e não rega

Vira-te para mim João



Água leva o regadio	Ó malmequer mentiroso
Vai regar o meu jardim	Quem te ensinou a mentir
Enquanto rega e não rega	Tu dizes que me queres bem
Vira-te p'ra mim Jaquim	E de mim estás a fugir

Malmequer não é constante  
Malmequer muito queria  
Mas este fujo de ti  
A qualquer hora do dia

G- Havia também o Bendito e Louvado das trovoadas.

Mig.- E quando é que se cantava?

G- Quando havia trovoadas. Mal rebentava o primeiro trovão, umas era

Santa Bárbara bendita  
No céu está escrita  
Com papelinhos de água benta  
Livrai-nos Senhor destas tormentas

E outras cantavam o Bendito e Louvado

Bendito e Louvado sejam  
Ó virgem puríssima  
Santa Maria  
Do fruto ventre sagrado  
Ó virgem puríssima  
Santa Maria

D- Diziam os nossos antigos que até onde chegava o som deste cântico não havia perigo nenhum, não caíam pestes em cima de ninguém.

L- Então e o meu avô?

D- É porque não o andava a cantar e foi-se acautelar debaixo de uma pedra, o que não é bom, nem debaixo das árvores.

G- Eu era um papagaio, qualquer coisa que ouvia ficava cá. Olhe em 52 vieram cá à nossa terra missionários brasileiros. Um chamava-se padre Arsénio, e outro padre José Maria Gonçalves, e eles faziam uma pregação à noite. Havia missa e eles levavam o povo onde eles queriam. Estavam cá hospedados na casa do senhor Alvino e o povo dava-lhe.

L- E os filhos também tocavam.

G- Os filhos tocavam guitarra e banjo e bandolim era nas novenas na Senhora da Anunciação. E nós ouvíamos o que os padres diziam e diziam coisas muito lindas, falavam muito lindo e ensinaram uma cantiga ao povo. Quando a gente saía da igreja vinha tudo a cantar aquela música. Era as missões não era a novena era a missão.

Chamem-no Jesus

Vamos à missão

Ouvir as palavras

Ouvir as palavras

Que nos salvarão

E a gente saía da igreja a cantar por esses campos e por essas ruas.

Ainda cá temos a cruz sacrossanta que está ali na capela. É a igreja redentorista sacrossanta.

Mig.- Eu agradeço as informações que me deram.

G- Você agradece só as canções.

Mig.- Não eu agradeço tudo o que me contaram.

G- Lembrei-me agora de outra.

Alta serra da Gardunha	Cravo branco à janela
Onde o penedo caiu	É sinal de casamento
Alta serra da Gardunha	Cravo branco à janela
Onde o penedo caiu	É sinal de casamento
Ninguém diga o que não sabe	Menina recolha o cravo
Nem afirme o que não viu	Qu'ó casar ainda tem tempo
Ninguém diga o que não sabe	Menina recolha o cravo
Nem afirme o que não viu	Qu'ó casar ainda tem tempo

No alto daquela serra	À entrada de Alcongosta
Tem meu pai um castanheiro	Está um tanque d'água fria
No alto daquela serra	À entrada de Alcongosta
Tem meu pai um castanheiro	Está um tanque d'água fria
Que dá castanhas em Maio	Onde o meu amor se lava
Cravos brancos em Janeiro	A toda a hora do dia
Que dá castanhas em Maio	Onde o meu amor se lava
Cravos brancos em Janeiro	A toda a hora do dia

Alcongosta terra pobre  
Agora já tem nobreza  
Alcongosta terra pobre  
Agora já tem nobreza  
Já lhe puseram no meio  
O símbolo da fortaleza  
Já lhe puseram no meio  
O símbolo da fortaleza

É a casa grande, já a viu? Tem brasão. Era do senhor Manuel Coutinho. Ainda hoje se rezam três missas no dia da almas. Uma é pelo povo, outra pelas almas do purgatório e outra pelo morgado.

D- E quando vieram as invasões francesas, os mouros chamavam-lhe os mouros, fugiu tudo para a serra. Havia uma senhora que ou estava grávida ou impossibilitada de fugir e ficou em casa. Quando os franceses entraram pelas casas porque estavam abandonadas, deram com aquela mulher ali e não lhe fizeram nada, trataram muito bem a mulherzinha. Não vê que às vezes falam de haver haveres enterrados, foi nessa altura que as pessoas tinham esses haveres e enterravam-nos e depois morreram e por aí ficaram. Dizem os antigos. Ali em cima quando se começa a descer para a serra de Alpedrinha, conta o meu pai que no céu esteja, que havia lá um cruzeiro de pedra. E o meu pai estava a servir na quinta da serra. Um dia de noite ouviu-se um estrondo e no outro dia estava o cruzeiro estendido e uma cova grande aberta e cacos partidos. Dava a impressão que arrancaram um pote e diziam que estava cheio de libras, mas aquele que o arrancou tinha cavado.

L- A minha mãe andava à palha mais o meu avô e o Ti Joaquim Rocha e passavam, aqui era um penedo grande, e aqui passava uma veredinha por onde passavam. Aí estava também uma coisa cheia de libras. Elas a passarem todos os dias ali e não viram nada e depois foram lá e arrancaram aquilo. Mas eles levaram um livro onde aquilo estava escrito onde estava aquilo mais ou menos e coiso... e o penedo tinha uma cruz.

G- Diziam que tinha uma cruz que não se via porque estava virada para baixo, era preciso sonhar onde estavam essas coisas. Eu tive esse, um sonho desses, de garota aí talvez com os meus nove ou dez aninhos ou talvez nem isso. Nós trazíamos uma fazenda, os meus avós e os meus pais que Deus os tenha trataram aquela fazenda quarenta e dois anos mas era à renda não era deles. E eu sonhei que num dos leirões, e naquele leirão havia duas pereiras carvalhal preta e uma carvalhal branca. Eu uma vez sonhei que entre aquelas duas pereiras havia ali um haver, e esse haver o que era: Tipo de um melão assim sobre o comprido, um melão comprido grande, mas abria ao meio como quem abre uma caixa ou uma mala.

D- Chamavam-lhe uma condessazinha, era assim deste tamanho.

G- Esse melão estava enterrado a duas enxadadas, quer dizer, isto era a enxada e o pessoal por exemplo para cavar batatas cavava só aquela enxadada, afundava mandavam para trás e faziam outra. E aquilo estava a duas enxadadas de profundidade. Eu sonhei com aquilo aquela profundidade, mas encima da tampa, aquilo estava fechado, não sabia o que lá havia dentro, estava uma cobra, uma cobra assim enrolada parecia uma rodilha feitiça e cabeça assim no ar no meio da cobra, toda enroladinha. Eu sonhei com aquilo uma noite e o sonho que tive à primeira noite tive-o depois outra vez, não foi

na noite a seguir foi depois. Naquele sonho aparecia uma senhora, que eu dizia que era a Nossa Senhora, de branquinho, com o vestidinho azul e um mantinho branco, muito pequenina com uma coroa, como lhe chamam, uma auréola, e dizia-me “Tira!” e eu dizia “Tenho medo!” e ela disse-me “Traz o teu irmão!”. Quando me lembro disto o meu corpo parece que até abala! “Trazes o teu irmão e o teu irmão pega-lhe assim com a mão e tu viras-lhe a cabeça para o lado. Quando tu virares a cabeça do teu irmão a cobra foge e o teu irmão tira”. E o que é que tirava? Abria-se aquela parte da condessa e por dentro era só ouro, moedas, moedas de ouro, moedas amarelas, depois é que me disseram que era ouro. E eu sonhei uma noite e sonhei outra adiante, mas não disse à minha mãe e disse a uma vizinha, à Ti Nazaré do Zé Águas. E eu contei-lhe que tinha tido um sonho e assim assim. E ela disse-me “Ai doidinha não havias de ter dito que ainda sonhavas outra vez e tiravam-no vós, assim já o tirou outra ou outro.” E foi verdade, fomos nós lá ao chão e nessa noite é que o tinham tirado. Estava a poça à profundidade que eu dizia.

D- Quando sonha uma sonham duas.

G- E eu depois dizia:

Eu tive um sonho dourado

Sonho que a minha alma quer

É morrer cantando o fado

Nos braços de uma mulher

D- Estás sempre com aldrabices, de vez em quando espetas uma.

G- Mas isto pertencia a um homem mas fui eu que a cantei.

Mig.- Muito bem, obrigadinho.

D- Nosso senhor lhe dê saúde!

G- E que encontre assim mais duas velhotas, ainda mais velhas do que nós, e que lhe digam coisas ainda mais antigas. Cá na nossa terra há-de ser difícil. Era a Ti Gertrudes do Passinhas. E que o aceitem de tão boa vontade como a gente o atendeu.

Mig.- Bem – Haja! Eu agradeço.

G- Viva com muita saúde e que a sua vida dure tanto como as nossas cantigas duram.

(Entretanto começaram a contar histórias e continuámos a entrevista)

G- Cá na Alcongosta, no quintal daquela casa que tinha o brasão, havia uma abebereira que era uma figueira que dava abebras, e nunca deu fruto. E eles esperaram um ano, esperaram outro, e então ele pensou em mandou cortar a abebereira e os irmãos da mesa, ou o padre pensaram em fazer um santo do tronco da abebereira. Chamaram-lhe Santo Amaro, dizem que o Santo Amaro era o advogado das águas. Houve um ano ou dois que não choveu e então pensaram em fazer uma procissão pela serra da Gardunha toda a fora com o Santo às costas. O santo era leve e ia às costas.

D- Se um tropeça...

G- Sabe lá quantos é que tropeçaram, não esmurraram foi o santo. E então cantavam assim:

Santo Amaro dos calos

Mandai água que está a terra seca

G- E depois dizia assim o povo detrás

Já abre greta

Já abre greta

G- Quando chegaram lá em baixo à porta do morgado que tinha dado o toro para fazer o santo, o povo parou e puseram ali o santo virado para a casa lá do senhor Manuel Coutinho, e o senhor Manuel Coutinho veio à janela onde está o brasão. E eles lá estavam a dar louvores ao senhor e cantaram a tal cantiga. Esse senhor Manuel Coutinho chegou à janela e diz “Foste criado na minha horta, fruto teu nunca o vi, agora fazeres milagres, olha toma daqui! (e faz-lhe o manguito).

D- Isto são lendas antigas. E aquela dum senhor que também tinha um carvalhal muito grande, e lá no povo precisavam de um santo, e foram ao dono que lhes disse que fossem lá cortar o carvalho na condição de lhe deixarem o resto da lenha para ele. No fim de fazerem o santo fizeram-lhe uma festa e puseram o nome ao santo de S. João Tiago. Andavam por aí com o santo João Tiago e pronto. Quando chegou à porta do senhor que tinha dado o carvalho, fizeram-lhe uma homenagem pois claro. E o homem vem de lá e disse assim “E também quero cantar a minha quadra. Ó meu São João

Tiago criado no meu carvalhal, tu e a manjedeira do meu burro sois todos irmãos carnal.” Do resto do carvalho fez uma manjedeira para o burro.

G- Tanto era o santo como o burro, eram irmãos carnaís. Esta também lá fica?

Mig.- Fica pois já vou escrevê-la...

D- Ai que agora ia a dizer porra! E havia aquela da abebereira. Um homem tinha lá uma abebereira e uma mulher que era lá vizinha de vez em quando subia à abebereira para ver se lá tinha alguma abebra. Mas as abebras não estavam lá porque alguém as tinha comido ou a abebereira não as deu. E depois da abebereira fizeram um senhor, fizeram o Senhor do Horto. No dia da procissão a mulherzinha...

G- Horto com H, não é?

D- Eu ainda escrevo o açúcar com dois “s”, e a minha neta ainda goza comigo. E depois fizeram também uma procissão ao Senhor do Horto. Cortaram a abebereira e do toro da abebereira fizeram um santo, o Senhor do Horto, fizeram-lhe a festa e depois a procissão, depois lá aquela mulherzinha pôs-se assim: “Ai meu Senhor do Horto tanta abebra que já comi do vosso santo corpo. Tanta vez me embarrei a vós p’ra cima e p’ra baixo.

G- Subia e depois ao descer agarrava-se.

D- Porque antigamente não havia televisão e os homens que tinham o vício do copinho, tabernita, e depois vinha de lá e era uma festa em casa. Aquele que não tinha vício passava os serões em casa ao lume a ajudar a fazer a comida para dar a um porquito que lá tinham se o queriam comer ao fim do ano.

G- Olha comer ao fim do ano... ou para vender e pagar uma rendita que tinham.

D- E o meu pai que no céu esteja, não digo que não gostasse de vinho também bebia um copinho, mas sempre foi muito familiar, quer dizer passava os serões, e por fim tive-o três anos na minha casa onde acabou por morrer.

G- E também passava os serões a expurgar a verga, porque os homens de Alcongosta trabalhavam mas as mulheres é que lhe expurgavam a verga... refegava-se um molho de varas e gente é que as desbulhava, agora dizem descascar mas nós “Olha onde é que vais?” “O meu Manel andou a refegar um molho de varas e eu vou lá a expurgue-las.”

Mig.- Então as alcunhas das aldeias eram como?

G- Os de Alcongosta eram os corujeiros.

Mig.- Por causa das corujas?

D- Como estamos cá na serra...

G- A gente de Alcongosta sempre foi muito ambiciosa, tratadora de vida, aventureira.

D- Gente trabalhadora mas séria e honrada.

G- Muito hospitaleiro, que Alcongosta é muito hospitaleira, vier quem vier sempre há-de haver um bocado de pão para se lhe por na mesa, ou duas azeitonas. Encher a barriga a quem vem com fome. E até há um ditado que diz “Quem bebe água na Alcongosta nunca mais de lá sai.” Um rapazinho que para aí viesse, um garoto, um desvaldorido, qualquer lhe dava trabalho e ficava a servir. Depois diziam que em Alcongosta não se pode beber água porque quem faz isso nunca mais de lá sai.

Mig.- Então e como é que era aquela quadra das alcunhas?

G- Depois esta gente de Alcongosta comprava as cerejas e a fruta a estas pessoas todas aqui à volta. Hoje já vai tudo de camioneta mas antigamente era de comboio e a pé. Eu cheguei a ir com doze cestos à cabeça até á Lardosa e ao Louriçal...

D- E eu cheguei a ir para a Idanha com uma gravidez de sete meses e meio na barriga.

Mig.- Então para acabar digam-me lá essa das alcunhas!

G- Os das aldeias chamavam-nos a nós corujeiros. Os de Aldeia Nova eram os Bruxeiros, os das Donas cabeças, os de Valverde saboleiros, os do Fundão gravatinhas, os do Alcaide pouca barba e mau cabelo, os da Fatela era uma puta rua acima e para baixo era tudo a eito, os de Vale Prazeres eram lhá e mataram três homens por causa de uma uva, uma galinha foi para a vinha e picou uma uva e deram-lhe logo um tiro. Os da Atalaia pimpões, os de Castelo Novo lagarteiros, os cucos são do Louriçal, gravatinhas de S. Vicente.

D- Os do Souto da Casa eram carvoeiros.

G- Os da Soalheira eram ladrões.

D- E os de Alcains cães.

Mig.- Eu agradeço-lhes muito.



### **Anexo 3 - Transcrição da entrevista ao senhor José Mendes, em Alcongosta, no dia 4 de Fevereiro de 2009**

Esta entrevista realizou-se no dia 4 de Fevereiro na casa do senhor José em Alcongosta. Já o conhecíamos há alguns anos uma vez que é um artesão muito conhecido pelos seus trabalhos em esparto. Nesta entrevista tentámos saber quais as canções que se cantavam em Alcongosta mas só conseguimos uma. O senhor José não quis cantar pois a sua esposa estava doente e não lhe parecia bem. Assim recolhemos as suas composições poéticas em quadra, bem como alguns aspectos da história de Alcongosta.

Os intervenientes nesta entrevista são o investigador (Mig.) e o senhor José (J).

J- Antigamente a gente agarrava uma mão cheia de fruta e ia a vender ali pelas terras, agora é preciso licenças e autorizações e... O que é que quer que lhe diga?

Mig.- Primeiro quero que me diga o seu nome.

J- José Mendes Martins, conhecido também por José Mendes Martins da Encarnação. Antigamente éramos dois primos na família com o mesmo nome, José Mendes Martins. Eu era o mais novo e a minha mãe era Encarnação e depois era só “o Zé da Ti Encarnação o Zé da Ti Encarnação”. Ele era o Zé Mendes e eu era o Zé da Ti Encarnação. Andei muitos anos em negócio e tive de assinar também Encarnação. Ainda uma vez nas finanças estiveram a implicar comigo que eu se calhar que ainda um dia ia a ter problemas por assinar lá na contribuição que pagava. Lá escreveram para a Direcção dos comerciantes e disseram que sim senhora pois era o nome de uma firma.

Mig.- Muito bem! E que idade é que tem o senhor José?

J- Se Deus quiser, faço 86 anos no dia 9 de Março, se Deus quiser.

Mig.- 86 anos e anda aí direitinho ainda.

J- Por enquanto ando sim senhora. Também é o que vale, a minha mulher doente e se fossemos os dois doentes então ainda pior era.

Mig.- E diga-me uma coisa senhor José, lembra-se de algumas canções que aqui se cantavam?

J- Vou-lhe a dizer uma que é cá da terra, feita por mim.

Mig.- Ai essa foi feita por si. Há quanto tempo?

J- Ainda não há muito tempo, mas fui eu é que a fiz, é sobre a nossa terra.

Mig.- Então diga lá.

Ó cerejas de Alcongosta  
De uma bela região  
Província da Beira Baixa  
Do concelho do Fundão

Se querem boa fruta na mesa  
Prefiram a portuguesa  
E a que está em primeiro  
É a da Cova da Beira

Quem não vem a Alcongosta  
Não sabe dar o valor  
Venham cá na Primavera  
Ver cerejeiras em flor

Belos homens de Alcongosta  
Para trabalhar são dos primeiros  
Para plantarem cerejeiras  
Arrancaram castanheiros

Ver cerejeiras em flor  
Dá vontade de cantar  
Quando lhes está a cair a flor  
Até parece que está a nevar

Bela terra é Alcongosta  
Situada nas montanhas  
As terras que dão cerejas  
Deram muitas castanhas

Cerejeira é linda em flor  
Também é linda com fruto  
Toda a cereja amadura  
Até abalar o cuco

Formosa terra de Alcongosta  
Como ela não há igual  
Na produção de cerejas  
É rainha de Portugal

Rapaz vamos às cerejas  
Que eu bem sei onde elas estão  
Nos pomares de Alcongosta  
No concelho do Fundão

Quem quiser colher cerejas  
Tem muito que dar à unha  
Quem não vai a Alcongosta  
Não vê o jardim da Gardunha

Alcongosta pequenina  
Mas é grande em população  
Foi na travessa do forno  
Que caiu um avião

(foi em 47)

Alcongosta pequenina	Tome lá estas cerejas
Duas coisas lhe dão graça	Que ainda são das primeiras
É o relógio na torre	São do pomar do meu pai
E a amoreira na praça	Que eu não tenho cerejeiras

Alcongosta pequenina	Tome lá estas cerejas
Vila se pode chamar	Não diga que fui eu que lhas dei
Onde a Senhora da Serra	Que eu não tenho cerejeiras
Três dias estive a morar	Depois dizem que as roubei

Quem passar por Alcongosta	Alcongosta pequenina
Suba também à serra	Mas é grande em rendimento
Vá também ver a penha	Ande lá por onde andar
Onde apareceu a Senhora da Serra	Não me sai do pensamento

Eu pertenço à Beira Baixa  
Uma bela região  
Minha terra é Alcongosta  
Do concelho do Fundão

Sou José Mendes Martins ainda mais Encarnação

Mig.- Muito bem. E assim destas populares, ou tradicionais daqui mesmo, feitas por outras pessoas, pelos mais antigos que o senhor?

J- É que a mim agora não me está a lembrar muitas coisas sabe?

M- Por exemplo quando andavam nos trabalhos agrícolas, não cantavam?

J- Cantavam, mas quer dizer, agora não me está a lembrar assim muitas coisas. Mas eu vou-lhe a dizer outra que não é assim muito antiga mas também é assim grossa.

Quando me casei

Eu sempre julguei que fazia bem

Nem pensei sequer

Que a minha mulher tinha ainda mãe.

Quando me lembrei

Já tarde piei tinha o passo dado

Confesso sem medos

Que se fosse mais cedo não me tinha casado

Olha as sogras olha as sogras

Que elas sejam contra mim não se me importa

Quem tiver a sogra em casa é pô-la a bater a asa

Que eu nem de barro a quero à porta

E para tanto azar eu fui a habitar

Para a sua casinha

Por qualquer questão

Eu era o ladrão da sua filhinha

Mas um dia zangado  
Já muito entrado com o bom do Cartaxo  
Houve sol e dó deitei-a sem dó  
Pelas escadas abaixo

E para seu mal foi para o hospital  
Toda escangalhada  
Com a tola partida a boca torcida  
E a vista empenada

Quando de lá veio para a sua casinha  
Vinha tão mansinha que depois me disse  
Julgava-te mais tenro  
Desculpa meu genro toda esta chatice

Minha sogra arrebitada  
Já lá está Deus lhe perdoa  
Era amiga da pinguinha  
Mas não queria caldo nem broa

E de manhã em despique  
Tinha sempre este capricho  
Visitar o alambique  
Para lá matar o bicho

Traz a cabeça atada  
Essa grande alcoviteira  
Que a partiu nas escadas  
Com uma grande bebedeira

Que ralhe com ela e chora  
Para mim torna-se feio  
Deitou-me a língua de fora  
Que tem mais de palmo e meio

Mig.- Essa é boa e quem é que fez essa?

J- Esta é boa para a malta. É por mim também. E tenho mais, tenho muitas.  
Então assim uma nova.

Fala-se muito em Portugal  
Só não fala quem é mudo  
Já veio a nova moeda  
Reformaram o escudo

Fala-se muito em Portugal  
Nos cafés e nos hotéis  
Acabaram com o escudo  
Como acabaram com os dez reis

Com esta troca de moedas  
Houve muitas confusões  
Acabaram com o escudo  
E também com os dez tostões

Mas para acabar o escudo  
Teve que vir o dia exacto  
Acabaram com o escudo  
Como acabou o pataco

Com esta troca de moedas  
Houve muita confusão  
Acabaram com o escudo  
E também com o tostão

No ano dois mil e dois  
Limparam as carteiras  
O ministro do ambiente  
Teve de fazer mais lixeiras

Na França acabaram com o franco  
Na Espanha com as pesetas  
Fazem sapatos de plástico  
Com solas de vacas loucas

Mig.- Muito engraçada essa!

J- Então vou-lhe a dizer outra assim também boa.

Tenho ao lado uma vizinha

J- Esta também pode ser cantado, mas estar agora a cantar...

Mig.- Cante lá um bocadinho!

Tenho ao lado uma vizinha

Que nunca mais quis fumar

Que fuma e conduz um carro

O seu vestido é de chita

Mas se fosse mulher minha

E que lhe fica tão bem

Pobre dela coitadinha

Trata bem o seu marido

Até engolia o cigarro

E sabe ser boa mãe

E a minha também usou

Estas meninas de agora

Em caso de experimentar

Estas que de agora são

A tabaco a mim cheirou

Trazem o cigarro na boca

Mas tal tarefa apanhou

E o isqueiro na mão

Usam os lábios pintados

Lava-te bem lavadinha

E pintam as sobrancelhas

Que já sabem quem tu és

Usam brincos da moda

Pintam as unhas das mãos

Mas não lavam as orelhas

Mas nunca lavam os pés

(se vão a lavar os pés tiram a tinta das unhas...)

Estas meninas de agora

De sapato e boa meia

Debaixo da permanente

Semente de arroba e meia

Mig.- E essa também é sua?

J- Esta é toda minha.

Mig.- E a música também foi o senhor que fez?

J- Pensei em cantar assim desta maneira. As outras também.

Mig.- As outras também eram cantadas?

J- Eram e a gente se quisesse também as podia cantar todas. Mas eu agora para as estar aqui a cantar...

Mig.- E essa música era o senhor que fazia?

J- Era sim senhora, e há mais, há mais...

Mig.- E aqui na volta cantavam muito também ou não?

J- Ai cantavam, cantavam para aí muita coisa. Às vezes andavam para aí a cantar. Antigamente eram os rapazes e as raparigas. Antigamente os rapazes davam volta às ruas a cantar aí pelas ruas, arranjavam um Harmónio e andavam na desgarrada. E era dançar, era melhor tempo que agora.

Mig.- E era em que altura que faziam isso?

J- Oh em qualquer altura do ano. Às vezes juntavam-se uma data de rapazes “Vamos a dar uma volta!” Havia cá muita gente, agora Alcongosta já não tem metade da gente. Sabe o que é, o resultado da gente é o seguinte: Ainda o outro dia me fizeram uma entrevista, muitas muitas eu tenho feito muitas entrevistas, e diziam “porque é que o artesanato acaba e porque é que acaba”, eu já dei uma escola, aí não me lembra agora, uma formação.

Mig.- Um curso.

J- Já dei um curso. Olhe além, eu já fui à União Europeia. Eu na União Europeia fui aprovado como um bom professor. Não estou agora a mentir.

Mig.- Eu sei disso.

J- Tenho tido muitos convites, muitas coisas. Quer dizer, pode haver um com a minha profissão, ou mais do que um, não é, em Portugal ou não sei o quê. Mas se os há eu ainda não sei onde eles estão. Nunca encontrei colega nenhum em lado nenhum. E então esta era uma arte indispensável à minha profissão. Porque antigamente as pessoas... havia um lagar, o lagar estava pronto a trabalhar, tudo reparado, não tinha ceiras não trabalhava.

Mig.- As ceiras eram feitas aqui...



J- As ceiras eram feitas em Alcongosta e para o país a fora. Alcongosta no tempo da segunda guerra mundial havia, nem que mais não fosse, aí há sessenta anos, como diz o outro, havia mais de cem famílias a viver desta profissão.

Mig.- Do esparto?

J- Do esparto. Eram ceiras para todos os lagares, era para onde calhava, na região toda. Nas Mouriscas também era uma terra grande. E havia mais aí pelo país fora lá de vários lados. E agora, quer dizer, eu já fui à Praça da Alegria, já fiz programas com o Júlio Isidro. Tenho ido a Coimbra, já fui a Aveiro, quer dizer... não fui a mais lados porque não posso ir. Não estou a nomeá-los todos mas a Nisa, a Castelo Branco, já fui à Lousã, já fui a Pombal, isso tudo porta fora como diz o outro, a Góis, a Poiares, ao Piodão.

Mig.- E aqui em Alcongosta qual era a festa que faziam?

J- A festa era a Senhora da Anunciação, a padroeira de Alcongosta é a Senhora da Anunciação.

Mig.- E é quando essa festa?

J- A festa é feita sempre no segundo domingo de Setembro.

Mig.- E nessa altura cantavam alguma coisa?

J- Cantavam sim senhor cantavam.

Mig.- E lembra-se como era?

J- Lembro pois.

Mig.- Então cante lá um bocadinho ó senhor José, faz favor.

J- Ora eu estar a cantar e a minha mulher doente...

Senhora da Anunciação

Minha mãe minha madrinha

Dai-me da vossa riqueza

Que eu sou muito pobrezinha

Dai-me da vossa riqueza

Que eu sou muito pobrezinha

Senhora da Anunciação

Minha santa padroeira

Tu és a santa mais linda

Que tem a Cova da Beira

Tu és a santa mais linda

Que tem a Cova da Beira

Senhora da Anunciação  
Ela lá em cima vem  
Com o seu menino ao colo  
Seu cabelo ao desdém  
Com o seu menino ao colo  
Seu cabelo ao desdém

Mig.- Seu cabelo... como é que é?

J- Seu cabelo ao desdém, quer dizer, cabelo despenteado.

Mig.- E havia mais festas?

J- Também estava aí uma da Santa Bárbara que por aí havia, e fazem, também já a fizeram este ano.

Mig.- E essa Santa Bárbara é quando?

J- A festa de Santa Bárbara agora não a têm feito, era no fim de Maio primeiro domingo de Junho, mas ao fim deram em não a fazer pelo seguinte, é na altura em que a anda toda a malta às cerejas. Quer dizer o povo não podia concorrer porque tinham as cerejas para colher e tal e depois desistiram mais. Ainda não há muitos anos que a fizeram mas agora não a têm feito. Têm feito a festa do Santíssimo Sacramento.

Mig.- E isso é quando?

J- É no terceiro domingo de Janeiro, já foi feita este ano. Vem cá a música vem tudo mas é uma festa assim muito religiosa. É uma festa que mete a irmandade.

Mig.- A irmandade?

J- Sim quando há um funeral vai a irmandade, quer dizer, umas certas pessoas com opas e cruces e bandeiras que é a irmandade. A esmola que é é os anuais, a pessoa paga um tanto todos os anos. Quando há um funeral que a pessoa está inscrita na irmandade, a irmandade vai toda. Mas se a pessoa não estiver inscrita aquele dia ou paga a multa, o excesso como diz o outro de não ter pago, ou então não leva a irmandade. São coisas antigas... Mas é feita todos os anos, vem música vem tudo, ui isso vem para aí gente que eu sei lá, mete muita gente. Não é assim festa de arraial nem nada porque é uma festa católica.

Mig.- E fazem também uma procissão?

J- Fazem mas, quer dizer, é uma tradição muito antiga. São nomeados os irmãos da mesa, tem o escrivão, tem o juiz. São nomeados todos os anos aqueles que hão-de ser para o ano. É só os que estão inscritos na irmandade por fora não vai lá ninguém. Depois tem aquela coisa de dizer irmão da mesa depois vai a escrivão, tesoureiro, depois vai a juiz. Depois quando está em juiz sai para fora. São coisas antigas mas bem feitas. Eu já tenho ido a certos sítios vai às vezes o padre com uma cruz ou um sacristão e não vai mais ninguém. Nós pelo menos aí uns dez homens ou oito, como às vezes se juntam, todos com uma vela alta a alumiar o defunto.

Mig.- Então diga-me lá, eram estas festas que se faziam e depois já não haviam festas nenhuma?

J- Depois não havia mais festa nenhuma.

Mig.- E diga-me uma coisa senhor José quais eram os trabalhos agrícolas que faziam aqui?

J- Era, antigamente, era semear batatas, aqui em Alcongosta era tudo a semear batatas. Era uma batata de fama, muito gostosa porque a terra é de barro. A terra de barro faz a batata muito saborosa. Quer dizer, havia pessoas que já conheciam as batatas e diziam eles que comiam estas melhores só com azeite e sal do que algumas com carne. Há aí batatas que quando se cozem ficam ali abertas e brancas e tudo. Há assim aquelas coisas em que Alcongosta tinha fama, mas agora o povo, tudo o que o senhor aí vê de cerejeiras por aí fora eram castanheiros.

Mig.- E há quantos anos é que semearam, aí, plantaram as cerejeiras?

J- Há cinquenta anos para cá. Arrancaram para aí os sultos todos e arrancaram os sultos todos também foi o seguinte. Antigamente a fruta toda que se vendia em Portugal era só dentro de cestos, depois vieram as caixas de madeira, os cestos já não tinham tanta concorrência, deram em desistir. Depois outros emigraram para a França e a madeira que aí estava não tinha rendimento nenhum. A madeira para os cestos era cortada de quatro em quatro anos ou cinco.

Mig.- E era madeira dos castanheiros?

J- De castanho, era madeira de castanho. Os cestos eram feitos em madeira de castanho.

Mig.- Para fazerem estes cestos de Alcongosta.

J- Havia aí muitas cesteiras muitas. Era capaz de haver aí duzentos cesteiros. E havia mais de cem esparteiros a trabalhar o esparto. Depois os cestos deram

em não ter rasgo, os homens não tinham trabalho, sim não havia ninguém que lhes comprasse a mercadoria que faziam, abandonaram os cestos que não rendiam nada cá dedicaram-se às cerejas arrancaram os soutos para plantar cerejeiras. E é como diz o outro os homens tomaram outra vida. E tomaram outra vida pelo seguinte também, o senhor sabe bem que antigamente era assim os filhos, já me têm procurado porque é que os meus filhos não aprenderam a minha arte, os meus filhos não têm culpa. A culpa foi minha e a culpa foi que eu fiz, eu tenho a quarta classe, há setenta e tal anos, nem todos têm a quarta classe do meu tempo. Andavam na escola mais de setenta alunos só em rapazes, fora as raparigas. Hoje se calhar andam lá para aí meia dúzia ou nem isso. Eu ganhei um prémio do melhor aluno da escola, cinquenta escudos naquele tempo.

Mig.- Cinquenta escudos, era dinheiro não era?

J- Era dinheiro naquele tempo e também já tenho ganhado prémios da minha arte. Ainda há dias ganhei um na Covilhã setecentos e cinquenta euros. Às vezes onde tenho concorrido também mos têm roubado. Já já os têm roubado, em vez de os darem a mim... ainda há tempos em Góis deram o prémio lá a outro, a malta por fora só faltou bater ao presidente da Câmara. Aquele presidente da Câmara gostou que lá ficasse na terra sabe. O meu artesanato é original, eu vou à serra arrabanho o esparto dobro-o e faço tudo. A matéria prima sou eu que a procuro. Aquele que lá ganhou o prémio em Poiães foi o seguinte, fez a casa dos bombeiros, estava bem feita não digo o contrário, em fósforos. Mas veja lá os fósforos são feitos na fábrica.

Mig.- Pois são.

J- se fosse feita com uns pauzinhos quaisquer mais mal feitos tinha outro valor. Aquilo era trabalho manual mas não era artesanato. Depois tinha um papelão para colar aquilo tudo, tudo coisas de fábrica. Eu a peça com que concorri e ganhei setecentos e cinquenta euros é aquela ali, que o senhor também lá tem uma. Aquilo é muito trabalhado.

Mig.- Pois é.

J- Ainda outro dia, no domingo o disse aquilo é pior que a matemática. Aquilo é mais complicado do que se julga. Meter aqueles cordões, meter aquilo tudo.

Mig.- E lendas aqui? Aquela lenda da Senhora da Serra, conte-me lá essa história se faz favor.

J- A Senhora da Serra, antigamente lá fizeram a capela e a capela está feita no limite de Castelo Novo. Mas ficou a pertencer a capela a Alcongosta e ao Souto da Casa e a Castelo Novo. Porque quando fizeram a capela fizeram uma calçada, chamava-lhe a gente a Calçadinha da Penha, aí talvez cem metros

por um metro de largura, uma para o lado de Castelo Novo, outra para o lado do Souto da Casa e outra para o lado de Castelo Novo.

Mig.- Eram três calçadas então.

J- Eram três calçadinhas, chamavam-lhe a Calçadinha da Penha.

Mig.- E isso há quantos anos?

J- As pessoas antigamente cá da nossa terra e doutros lados, que antigamente havia ladainhas, em Maio, havia ladainhas não sei se o senhor sabe, iam lá à ladainha, de Alcongosta iam lá à ladainha.

Mig.- Mas era a cantar?

J- Lá iam em religião. Era uma devoção que se fazia antigamente, mas depois a capela foi demolida. Foi demolida com uma isca, uma faísca. Andavam lá, porque se for a ver está lá uma lapa grande encostada a como a que é uma chorça. Essa lapa, nesse sítio era a capela e veio uma faísca, foi mesmo verdade que o meu pai lembra-se disso, veio uma faísca rachou aquela pedra que caiu na capela e demoliu-a. Depois ao outro dia os homens de Alcongosta andavam lá a apanhar esparto e quando foram viram assim a capela toda demolida e estava lá a Senhora da Serra. A santa estava lá boa, trouxeram-na para Alcongosta. Depois estive cá então três dias. Os de Castelo Novo vieram cá a buscá-la e os de Alcongosta deram-lha de boa vontade porque a capela estava no limite de Castelo Novo. Mas se estivesse no limite de Alcongosta ela hoje estava feita de novo, eu já o disse uma vez ali no Fundão, numa conferência, se estivesse no limite de Alcongosta já estava feita mas os de lá de Castelo Novo nunca tiveram habilidade para isso vá, nunca a fizeram. Depois então a santa foi lá para Castelo Novo e os de Alcongosta iam lá também à festa mas todos a bem não era a mal. Iam lá na segunda-feira da Páscoa à festa e então havia esta cantiga assim

Alcongosta pequenina

Vila se pode chamar

Onde a Senhora da Serra

Três dias estive a morar

Como cá estive três dias inventaram-lhe esta cantiga.

Mig.- Ai inventaram ou foi o senhor que inventou?

J- Inventaram-lhe esta cantiga.

Mig.- E como é que se cantava isso?

J- Cantavam de riso vá. Mas o verso era

Nossa senhora da serra vá,

Alcongosta pequenina

Vila se pode chamar

Onde a Senhora da Serra

Três dias estive a morar

Mig.- Mas isso tinha uma música.

J- Pois tinham música tinham muitas coisas.

Mig.- E ainda há aí em Alcongosta quem se lembre dessas músicas?

J- Não a música que cá havia era um pífaro e bombos e iam à Senhora da Serra os pífaros e os bombos e uma caixa.

Mig.- Mas eu estou a dizer agora, actualmente, há aí alguma senhora ainda que se lembre de como é que se cantavam essas músicas?

J- Não, não há aí muito. A malta antiga não quer saber disso, a malta nova já não quer saber mas os velhos não há aí muitos não. Que eu saiba não sei quem é que para aí haja. Está aí uma mas está também muito doente. Estão aí duas olhe, se quer saber qualquer coisa mais é ir lá em cima ao Centro de Dia. Está a perceber?

Mig.- Tenho que lá ir tenho.

J- Mas não diz que fui eu que o lá mandei.

Mig.- Não, não, não digo.

## **Anexo 4 - Transcrição da entrevista à Sr<sup>a</sup> Conceição Lucas em Alpedrinha no dia dezassete de Outubro de dois mil e sete**

Data: Dezassete de Outubro de dois mil e sete

Local: Casa da Sr<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Conceição em Alpedrinha

Os participantes nesta entrevista foram o investigador (Mig.) e a informante (C).

Mig.- Então vamos começar. Começava por lhe perguntar o nome completo.

C- Maria da Conceição Silva Lucas.

Mig.- E nasceu quando?

C- Mil novecentos e trinta e cinco no dia 8 de Maio.

Mig.- E sempre viveu em Alpedrinha?

C- Sempre, sempre até casei e o meu marido ia todas as semanas e vinha e eu estive aqui sempre. Criei aqui as filhas, foram ali educadas no colégio, fizeram a quarta classe primeiro, claro, depois estiveram aqui no colégio, e daqui é que foram para a universidade.

Mig.- E desde sempre também gostou de música.

C- Sempre, sempre, cantei no coro da igreja.

Mig.- Muito bem.

C- Desde os doze anos que eu canto no coro da igreja. Ainda era a Sr<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Delfina Osório uma senhora muito velhinha já, que morreu já muito velhinha, há muitos anos. Depois ficou o sr. Padre Ruivo, padre Augusto Ruivo, que era tio do senhor padre Ruivo que estava... que ainda deu aulas aqui no colégio. Deu, deu aqui aulas. Agora está mal, coitado já não exerce. E, e depois por fim quando morreu essa senhora era ele o padre Ruivo que nos ensaiava, que ele sabia muito bem música.

Mig.- Sabia música. E havia muita gente aí que cantava?

C- Mas na igreja, no coro da igreja.

Mig.- Então podemos começar se calhar por essas músicas. Além dessas músicas que cantavam ao domingo, isso é um reportório mais ou menos igual em todas as igrejas não é?

C- Sim, sim , era quase sempre as mesmas. Hoje ainda as cantam, algumas coisas mas é raro, porque as pessoas actuais não gostam, umas não gostam outras não querem.

Mig.- Pois as canções mais antigas.

C- Sim. Mas que havia músicas muito bonitas...

Mig.- Podemos começar por exemplo pelo Natal, o que é que cantavam aqui no Natal.

C.- Cantavam era Ó meu menino Jesus, ó meu menino tão belo.

Mig.- Quer cantar um bocadinho?

C- Logo vieste nascer na noite do caramelo. Era sempre. Alegrem-se os céus e a terra. Cantavam-se assim essas músicas.

Mig.- Quer começar por essa?

Ó meu menino Jesus	Logo vieste nascer
Ó meu menino tão belo	Na noite do caramelo
Ó meu menino Jesus	Logo vieste nascer
Ó meu menino tão belo	Na noite do caramelo

Alegrem-se os céus e a terra

Cantemos com alegria

Alegrem-se os céus e a terra

Cantemos com alegria

Que já nasceu o menino

Filho da virgem Maria

C- E depois tem outros versos, não sei se quer que os cante.

Mig.- Tem algum próprio de Alpedrinha que não tenha ouvido cantar assim em mais nenhuma...



C- No Natal? Há vários, há vários cânticos do Natal. Se eu tivesse sabido antes...

Mig.- A gente pode continuar outro dia.

Ai vinde todos à porfia

Cantai um hino de louvor

Hino de paz e de harmonia

Que os anjos cantam ao senhor

Glória

In excelsis deo

Glória

In excelsis deo

C- É conhecido mas agora até cantamos pouco. Os jovens agora há coisas que não gostam tanto.

Mig.- E depois em Janeiro, as janeiras ainda fazem aqui ou já não?

C- Sim ainda se cantam as janeiras.

Mig.- E qual era o cântico que cantavam?

C- Ó havia várias. A ver se eu me lembro. As que ensaiou o senhor padre António Parente.

Mig.- Esse senhor padre esteve cá há quantos anos?

C- Ó já há muitos anos, eu era nova mas eu ainda cantei, ainda ensaiei com ele, ensaiei com o senhor cônego Fazenda, com o senhor cônego Rebelo que esse formou cá um coro muito bonito, em Alpedrinha, grande. Cantava-se muitas coisas, coisas de Natal coisas da época de Verão quando as pessoas andam no campo a trabalhar, era tudo coisas, o que se cantava no coro, nunca mais cá há um coro assim.

Mig.- E era o senhor padre que ensaiava.

C- O senhor cônego Rebelo que ensaiava. Era três padres que eram de Alpedrinha: cônego Fazenda, cônego Rebelo e o padre Pinto mas esse não ensaiava. Depois mais tarde é que veio o senhor vigário que ele também era

um músico... também nos ensaiou outras janeiras ensaiadas por ele pelo senhor vigário. Como é que eram... quando começo às vezes a cantar é que...

Mig.- Pois, mas a gente tem tempo, se tiver disponibilidade.

C- Essas do senhor cônego Fazenda, a cônego Rebelo e do padre parente, as do padre Parente

Dai as janeiras com alegria	Um dia muito feliz
As boas festas vos vimos dar	Vos traga nosso senhor
Dai as janeiras com alegria	Que ele nasça em vossas casas
Que Deus vos há-de por bem pagar	Cheio de paz e de amor

Um ano muito feliz  
Vos traga nosso senhor  
Que ele entre em vossas casas  
Cheio de paz e amor

C- Estas, estas eram as do senhor padre Parente

Rindo e cantando com alegria  
As boas festas vos vimos dar  
Dai as janeiras com alegria  
Que Deus vos há-de por bem pagar

C- Estas eram do senhor padre Parente.

Mig.- Mas foi ele que as fez ou...

C- Ele era músico também, e foi ele que fez a música. E as do senhor vigário como é que eram... eu sei-as todas mas agora por o momento não me estou a lembrar. E também sabia as Janeiras antigas que cantavam no tempo da minha

avó mas agora não me lembro também. Sou capaz de me vir a lembrar depois, eu escrevendo, para não me esquecer.

Mig.- Se estiver na disposição depois nós podemos fazer mais noutro dia. E aquelas janeiras mais tradicionais?

C.- As mais tradicionais é as que agora o rancho canta, o rancho de cá, também não me lembro, só quando estou a cantar é que me lembro, às vezes estou sozinha e lembro-me e começo a cantar.

Mig.- Mas a gente pode seguir, podemos seguir para mais cânticos de igreja, quer dizer não é de igreja, de origem religiosa por exemplo na semana santa, costumavam cantar as almas, os martírios.

C- Sim.

Mig.- Já não fazem hoje em dia ou fazem?

C- Não este ano não, há dois anos que já não cantam. Não há cá quem cante já. Os novos não querem e também não sabem e os idosos já estão com uma certa idade e também já não querem sair à rua de noite porque as almas e os martírios eram sempre cantados à noite só.

Mig.- Como é que se organizavam as pessoas, como é que se escolhiam.

C- As pessoas mais antigas juntavam-se, era a minha mãe...

Mig.- E a sua mãe como é que se chamava?

C- Benvinda. Não havia cá outra Benvinda, só a minha mãe. Era a minha mãe, era o meu pai, os pais aqui desta senhora do café, a D<sup>a</sup> Maria José também cantavam a mãe e o pai. Era outra senhora que se chamava Isaura que era irmã do senhor cônego Fazenda, nascida e criada cá em Alpedrinha, que essa tinha uma voz... Era, pronto eram vários casais, ia sempre o casal. Os homens cantavam o baixo, ensaiavam assim elas sozinhas sem terem ninguém.

Mig.- Cantavam a duas vozes diferentes é isso?

C- Duas vozes diferentes. As almas era, eu só me lembro de ouvir cantar a minha mãe, porque eu ia, de miúda, ia e gostava sempre de ir com a minha mãe. E ela chamava-me para eu lhe fazer companhia, “Vá filha olha!”, quando às vezes o meu pai vinha cansado porque o meu pai trabalhava em cantoneiro das estradas e às vezes o meu pai, tinha dias em que vinha muito cansado e não queria ir. “Ó Joaquim então não queres ir então e agora?” “Olha leva a Conceição contigo”, e eu ia com a minha mãe para lhe fazer companhia mas fui aprendendo e foi por isso que agora eu sei estas coisas todas. As almas era.

Ó irmãos vos peço ó irmãos meus

Irmãos meus irmãos meus

eus

Mais vos peço

Mais um padre nosso

Irmãos meus irmãos meus

Eus

C- Depois rezavam, rezavam, rezavam o pai nosso e a Avé Maria e depois voltavam a cantar a mesma música. Era só isto que cantavam. Sempre esta música e depois cada música que cantavam rezavam o pai nosso. Primeiro rezavam pelas almas do purgatório, pediam, “pois vamos rezar pelas almas do purgatório”. Paravam um bocadinho de cantar para rezar e depois cantavam outra vez assim como eu cantei.

(entrou nesta altura o marido da senhora, o senhor Raul, e pediu se podia assistir. Será identificado com um R nesta transcrição.)

Mig.- E havia um sítio específico?

C- Havia. Era primeiro na igreja, no largo da igreja ao lado, depois era no calvário, depois vinham do calvário ali ao pé de uma cruz que ali há na estrada, antes da Misericórdia, nunca reparou? Quando se vai na estrada, quando se vem para baixo antes da Misericórdia há uma cruz.

Mig.- É as alminhas não é?

R.- Os correios velhos.

C- O senhor já não se lembra dos correios velhos. Quando se desce ao lado esquerdo. Por baixo do clube.

Mig.- Já sei, já sei, já estou a ver onde é.

C- Cantavam aí e depois vinham a cantar aí na Misericórdia, no cantinho do adro da Misericórdia, depois era aqui no Santo António. E aonde eu tinha mais medo era ali no cemitério velho, mesmo ali ao pé do cemitério é que cantavam. E era a última vez.

Mig.- Mas era mesmo para meter medo ou quê?

C- Pelas almas, era para rezar só pelas almas.

Mig.- Mas ninguém vinha à janela?

C- Essas coisas toda a gente tinha respeito gostavam de ouvir mas não vinham a ver. Agora os martírios às vezes juntavam-se outras pessoas que gostavam de vir a ouvir e a ajudar a cantar. Sabiam, sabiam.

Mig.- E os martírios também era na mesma altura?

C- Era na quaresma. As almas eram cantadas só nas sextas-feiras da quaresma e os martírios era nas terças e nos domingos, era dias diferentes, terças feiras e domingos. Sei só que, quer os versos todos? Posso depois é escrever. Ou dizer e o senhor escreve.

Mig.- Eu agradecia.

C- Os martírios espere lá, o primeiro verso é:

O centro da vossa cruz

C- Estou a começar muito alto e depois não chego lá.

O centro da vossa cruz

É de Jesus de Nazaré

C- Isto cantava só uma pessoa e depois as outras pessoas respondiam o outro verso que eu vou agora a cantar

Ainda espero de morrer

Pela vossa santa fé

C- E depois era:

A vossa divina cabeça

Coroadada de mil espinhos

Por amor dos meus pecados

Sofreu Deus tantos martírios

C- Depois era sempre assim. Era, desde, começava na cabeça e terminava nos pés, dizia-se todo o corpo de Deus. Era os ombros...

Mig. E era sempre com esta música.

C- Sempre com esta música, canta o primeiro verso uma pessoa que tenha uma boa voz, porque é cansativo e depois o grupo respondia. Com duas vozes, sempre com duas vozes, mas ensaiado por elas, por as pessoas do campo, não tinham músicos a ensaiar aqui. Era ensaiado pelos meus pais, pela senhora Maria Rosa Parra, por várias pessoas antigas, casais antigos e era sempre assim.

Mig.- Depois passando a quaresma cantavam o aleluia não era?

C- Depois cantavam assim durante a quaresma toda, mas isso era sempre, na sexta feira era as almas, na terça feira e nos domingos era os martírios. Só podiam cantar depois as boas festas, ou chamavam as alvíssaras, se fossem cantar na quaresma.

Mig.- Ah está certo...

C- Iam depois a cantar as boas festas, umas pessoas diziam as boas festas, outras diziam dar as alvíssaras, porque iam às casas ricas a cantar. Chegavam à entrada das portas das pessoas, sem ninguém as ouvir, começavam a cantar, aquele grupinho começavam a cantar, e as pessoas depois vinham a abrir a porta e davam-lhes uma bebidazinha ou um bolinho. Se que tinham, quem tinha não é. Era assim que era hábito. E davam, levavam uma bolsinha e davam um dinheiro, como as pessoas queriam. Depois aquele dinheiro era, se dividia pelo grupo que ia a cantar.

Mig.- Mas as que cantavam as boas festas tinham que ter cantado as...

C- Só se cantassem os martírios e as almas, ninguém ia a dar as boas festas.

Mig.- E como é que era a música das boas festas?

C- A música antiga... agora não me lembro.

Mig.- Mas há uma moderna, uma mais actual, é isso?

Boas festas boas festas boas festas vimos

Dar

C- Por exemplo tinham que dizer o nome da pessoa da casa

Aos amigos desta casa nós vimos cumprimentar

C- Era assim mas estas não são as antigas, estas já são as que cantam agora para aí de qualquer maneira como é que eram? Eh pá! ainda cantámos o ano passado isto na missa lá em baixo na Touca.

Aleluia aleluia

Aleluia já é festa

Aleluia aleluia

Aleluia já é festa

Alegrai-vos mãe de Deus

Nossa alegria é esta

Alegrai-vos mãe de Deus

Nossa alegria é esta

Boas festas boas festas

Boas festas vimos dar

C- agora falhou-me a voz. Assim não consegue gravar.

Mig.- Consigo, consigo, aliás tem uma voz muito bonita.

C- Isto só estando eu assim um bocado. Eu própria a ensaiar.

Mig.- Sem a gente pode combinar outro dia, até com os textos não é.

C- Por exemplo eu a cantar as boas festas ao senhor padre

Acorde senhor vigário

Acorde não durma tanto

Venha a dar as boas festas

Ao divino espírito santo

Venha a dar as boas festas

Ao divino espírito santo

Acorde senhor vigário

Ponha o pé na escadinha

Venha a dar as boas festas

Ao ranchinho de Alpedrinha

Venha a dar as boas festas

Ao ranchinho de Alpedrinha

C- Tinham assim vários versos, e depois, isto era ao senhor vigário. A primeira casa onde iam era à do senhor padre.

Mig.- E em que dia?

C- No sábado de aleluia, logo. Sábado de aleluia e se pudesse ser era no sábado de aleluia que davam logo a toda a gente. Nas casas, não era em todas as casas não é? Às casas que as pessoas entendiam que deviam de dar as boas festas e que eram bem recebidos, porque havia pessoas que não gostavam e ainda hoje há pessoas que não gostam não é? As pessoas assim mais ricas, a senhora Lurdes Maia, a senhora dona Auzenda, os avós do Pedro Boavida. Iam assim a essas casas. E sempre davam dinheiro.

Mig.- E depois no domingo não faziam nada então.

C- Quando não cantavam tudo, em todas as casas no sábado iam no domingo. Domingo de aleluia, domingo de Páscoa.

Mig.- E a nível de tradições mais religiosas, assim de festividades religiosas, depois o que é que havia a seguir à Páscoa?

C- A seguir à Páscoa já não havia nada. Havia era antigamente as trevas e essas coisas que eu já não me lembro.

Mig.- As trevas como é que faziam isso?

C- Havia a missa das trevas que era na quarta-feira, quarta-feira santa, mas eu era muito garota, isso mal me lembro dos cânticos. Ainda há um cântico que nós cantamos na procissão do senhor dos passos. Esse é o cântico mais antigo que ainda a gente canta.

Mig.- E como é?

C- Que o Bragança quando cá vem adora ouvir aquele cântico. Não sei se ele já o canta lá em Castelo Novo na procissão dos passos, não sei se ele já ensaiou isso.

R.- Então e como é que ias cantar.

C- Então é como a gente canta quando é na procissão, paramos em cada passo.

Ó vós homens

Qui transitis

Per viam

Atendite



Atendite

Edvidete

Silensdolo

Sicudomo

Meus

C- De vez em quando já me falha a voz.

Mig.- É muito bonito.

C- Cantado a três vozes.

Mig.- E isso vem da tal missa das trevas?

C- Isto é cantado na procissão dos passos, na procissão do nosso senhor dos passos, e depois é cantado na sexta-feira santa.

Mig.- E o senhor dos passos costuma ser quando?

C- Costuma ser aqui na Misericórdia, sai da Misericórdia... é no quinto domingo da quaresma.

Mig.- E depois...

C- Cantado a três vozes é lindo

Mig.- Ainda cantam a três vozes agora?

C- Cantamos, ainda cantamos a três vozes.

Mig.- Gostava de ver isso.

C- É uma questão de o senhor, nessa altura, um dia vir cá.

R- E a Verónica?

C- É este da Verónica, que eu cantei na Verónica.

R- Ai é julgava que era outro.

C- Ó vós todos que passais. Isto é em latim.

Mig.- Pois, tem uma parte em português e outra em latim não é?

C- Não não tudo em latim. Ó vós homes. O senhor padre, o senhor vigário é que nos explicava. Ó vós todos que passais vede se há dor igual à minha. Parece que era assim que ele nos dizia. O senhor padre Ruivo, o senhor

vigário já morreu há quantos anos antes da minha mãe, para aí uns trinta anos que ele morreu. Que ele é que nos ensaiava estas coisas.

Mig.- E depois o ano continuava, as festas religiosas, digo eu, ligadas aos santos populares. Havia tradição aqui de comemorar os santos populares?

C- Havia. O S. João cantava-se sempre quando era o saltar das fogueiras, quase em todas as ruas havia fogueiras, agora é que não.

Mig.- Essas coisas vão-se perdendo.

C- Então este ano houve a festa dos escuteiros, que fizeram ali no largo, quando se vai para a estação, ali naquela estrada, ao pé da junta de freguesia. Fizeram aí a festa dos escuteiros, tinham lá o monte do rosmão, não puseram o rosmão a queimar. Nem acenderam a fogueira. Eu lembro-me, de miúda era assim, toda a gente se punha de volta da fogueira a cantar, a cantar o S. João.

Mig.- E como é que cantavam?

C- O antigo?

Mig.- Sim sim.

Subiu

S. João subiu ao céu

Ai S. João subiu ao céu

C- Não estou a cantar bem, não me lembro agora do verso todo, mas a música é assim.

Subiu ao céu

Ai S. João

Subiu ao céu

Mig.- A gente pode combinar outro dia.

C- Só eu começando-me assim a lembrar, às vezes, o meu marido que diga, tenho ido às vezes com ele à azeitona, colhemos todos os anos à azeitona. Lá lembro-me destas coisas e canto tudo lá, mesmo sendo na azeitona.

R- Na azeitona é que ela começa lá a cantar isso.

C- S. João subiu ao céu, aí este verso até é tão bonito...

R- Eu julgava que a Verónica era cantada de outra maneira. Aquela vez que está gravada ainda não é?

C- Da Verónica, é esta, só que é cantada a três vozes. Gravei-a para a Verónica sozinha, gravada eu a cantar sozinha. Porque é só uma pessoa que canta. Não sei se o senhor se lembra, houve aí uns três anos que se fez, no tempo do senhor padre Igrejas, que se fez a paixão ao vivo.

R- O senhor doutor não gravou isso tudo?

C- Ainda cá não estava o senhor doutor

Mig.- Estava mas não estava ainda a fazer o que estou a fazer agora. Não estava desperto para estas coisas não é! Pois deve ter sido muito engraçado as coisas feitas como antigamente. Faziam só o S. João, ou que outros santos populares faziam Sr<sup>a</sup> Conceição?

C- Era as festas do S. João, era as festas do S. António mas eu sinceramente ao S. António não me lembro quais eram os cânticos que cantavam e depois pelo Verão adiante era as pessoas que andavam no campo a trabalhar e sempre a cantar a regar e a fazer a vida do campo, o meu pai andava sempre a cantar e a minha mãe. Sempre.

Mig.- Nas vindimas também?

C- E nas vindimas, por exemplo o meu pai andava sempre a cantar

Água leva o regador

Água leva o regador

Ai água leva

Vai regando

Vai regando

Enquanto rego

E não rego

No meu amor vou pensando

Vou pensando

enquanto rego

E não rego

Ai no meu amor vou pensando

C- Era assim que se cantava, a moda da rega tinha vários versos também, esta é a moda da rega e a outra, e há também a da azeitona.

Mig.- E como é que era a moda da azeitona?

C- A da azeitona. A ver se eu sou capaz de começar.

Da oliveira

Debaixo da oliveira

Ai nem chove nem cai orvalho

Nem cai orvalho menina

Que há-de ser minha

Ai não me dê

Tanto trabalho

Que há-de ser minha

Menina que há-de ser minha

Ai não mê tanto trabalho

D'água se cria

Debaixo de água se cria

Ai peixinhos que nadam bem

Que nadam bem

Também me eu ando criando

Ai para limpar o de alguém

C- Era assim, a música era assim, a letra é vários versos conforme as pessoas sabem.

Mig.- E ainda se lembra de alguns versos?

C- A folha da oliveira nem é larga nem comprida, nela se pode escrever as saudades de uma amiga.

Mig.- É tão engraçada, é bonita.

C- A folha da oliveira...

R- Mas canta lá essa, parece-me que nunca te ouvi cantar essa.

Da oliveira

A folha da oliveira

Ai não é larga nem comprida

Larga nem comprida

Nela se pode escrever

Ai as saudades de uma amiga

C- Tem vários versos que eu depois, se quiser posso.

Mig.- Eu agradecia.

C- Tanta vez que eu tenho cantado isto ao pé de ti. Mas ele não liga nenhuma.

Mig.- E o Anjo da Guarda tem alguma música específica ?

C- O Anjo da Guarda tem tem.

Mig.- E quando é que é o Anjo da Guarda?

C- O Anjo da Guarda é em Agosto, terceiro domingo de Agosto.

Mig.- Ainda se lembra dele?

C- O Anjo da Guarda lembro-me, e este também conforme vou cantando vou-me lembrando dos versos. O Anjo da Guarda sei-o todo, como sei os martírios, as almas é que só sei aquela letra. É só ó irmãos meus, ó irmãos meus e depois rezam.

Mig.- Mas havia mais? Se calhar havia mais também.

C- Só me lembro disto.

R- Mas na monografia de Alpedrinha o Salvado Mota tem lá os versos do Anjo da Guarda.

C- Do Anjo da Guarda?

R- Do Santo António também tem, não tem o livro?

Mig.- Não, tenho que arranjar.

R- Eu tenho lá um mas ofereceram-mo não é, mas posso dispensar... se quiser...

Mig.- À venda já não estará esse livro não é? Cante-me lá o Anjo da Guarda.

Ó Anjo da minha guarda

Ó anjo da minha guarda

Ai estás viradinho

À linha

Estais viradinho

À linha

Estás a ver se vês

Estás a ver se vês entrar

Ai o ranchinho de Alpedrinha

O ranchinho de Alpedrinha

Ó Anjo da minha guarda

Ó Anjo da minha guarda

Ai quem vos varreu a capela

Quem vos varreu a capela

Foi o rancho de Alpedrinha

Foi o rancho de Alpedrinha

Ai com raminho de

De marcela

Com raminho de

De marcela

Ó anjo da minha guarda

Ó anjo da minha guarda

Ai que dais a quem vos vem ver

Dou-lhe água da minha fonte

Dou-lhe água da minha fonte

Ai se a quiserem beber

C- É assim, mas tem mais versos. E era cantado a duas vozes também.

Mig.- Também não a queria estar a cansar muito porque enfim...

C- Eu agora também não me estava a lembrar...

Mig.- Se me quiser fazer o favor de pensar um bocadinho nestas coisas e depois a gente pode fazer outro dia.

C- Está bem, está bem. Hoje também não estava à espera.

Mig.- Exactamente, mas é como lhe digo, a mim também me interessa esta coisa assim espontânea não é.

R- Sim pois mas isto tem muita coisa. O Anjo da Guarda então.

C- Ó meu anjo da guarda...

R- ...minha doce companhia guardai-me nesta noite e amanhã todo o dia.

C- Isso era os últimos versos. Ó anjo da minha guarda minha doce companhia guardai-me nesta noite e amanhã todo o dia. Mas este era o último verso que se cantava.

Mig.- Por hoje chegava e depois a gente vê talvez outro dia mais, com mais pormenor.

C- E há outras canções da azeitona também bonitas, por exemplo. Mas esta já é mais, já não é tão... bem era do tempo em que eu ouvia à minha avó cantar. Como é que era esta... Alumia-me ó candeia. Antiga, antiga. Lembrei-me agora porque às vezes não me lembro.

Alumia-me ó candeia  
Ai até ao cimo da rua  
Alumia-me ó candeia  
Ai até ao cimo da rua  
Ai como te hei-de alumiar  
S'ele está claro e faz lua  
Ai como te hei-de alumiar  
S'ele está claro e faz lua  
A candeia por estar alta  
Ai não deixa de alumiar  
A candeia por estar alta  
Ai não deixa de alumiar  
Ai o meu amor  
Estar longe não deixa de  
Me lembrar

C- Esta é muito linda também, é muito antiga.

M- E essa cantava-se quando.

C- Nas descamisas do milho. Quando se estava a descamisar o milho. Sabe como é?

(Entretanto tocou o telefone e a senhora teve de atender e terminámos assim a entrevista)



## **Anexo 5 - Transcrição da entrevista à Sr<sup>a</sup> Conceição em Alpedrinha no dia vinte e quatro de Outubro de dois mil e sete.**

Data: Vinte e quatro de Outubro de dois mil e sete.

Local: Casa da Sr<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Conceição em Alpedrinha.

A entrevista ficara marcada desde o nosso primeiro encontro com a Sr<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Conceição no dia dezassete de Outubro.

A senhora já tinha procurado alguns textos e tentara-se lembrar de outras canções para nos cantar.

O marido da senhora, o senhor Raul, esteve presente desde o início e participou também na conversa, contudo não cantou.

Mig.- Então vamos começar a nossa segunda reunião.

C- Por qual, por qual, por uma qualquer?

Mig.- Uma qualquer, nós tínhamos ficado de que a senhora Conceição fosse procurando, se fosse lembrando das letras, portanto agora é o que quiser cantar. Nós a última vez tínhamos gravado umas janeiras, não é?

C- Sim mas acho que não eram estas, não sei se eram estas.

Mig.- Mas quais são essas?

Boas festas boas festas	Rindo e cantando com alegria
Boas festas vimos dar	As boas festas vos vimos dar
À gentinha desta casa	Dai as janeiras com alegria
Nós vimos cumprimentar	Que Deus vos há-de por bem pagar

Boas festas boas festas	Ainda agora aqui cheguei
Boas festas vimos dar	Mal pus o pé na escada
À gentinha desta casa	Logo o meu coração disse
Nós vimos cumprimentar	Aqui mora gente honrada

Ainda agora aqui cheguei	Um ano muito feliz
Mal pus o pé na escada	Vos traga nosso senhor
Logo o meu coração disse	Que ele entre em vossas casas
Aqui mora gente honrada	Cheio de paz e de amor
Rindo e cantando com alegria	Rindo e cantando com alegria
As boas festas vos vimos dar	As boas festas vos vimos dar
Dai as janeiras com alegria	Dai as janeiras com alegria
Que Deus vos há-de por bem pagar	Que Deus vos há-de por bem pagar

Mig.- São bonitas.

C- Estas são as que fez o senhor padre Parente.

Mi.- Têm mais ou menos quantos anos?

C- Devia eu ter aí uns doze ou treze anos.

Mig.- Quando ele as fez?

C- Quando ele as fez. Eu tenho setenta e dois... há outras mas eu para mim é as que mais gosto são estas.

Mig.- E havia outras mais tradicionais não era?

C- As outras mais tradicionais é. Eu acho que as cantei no outro dia.

Mig.- O “Ainda agora aqui cheguei”.

C- Esse verso está aqui mas com outra música. As que cantávamos com o senhor professor Junqueira do Fundão.

Mig.- Era professor aqui de Alpedrinha, era professor primário?

C- Professor de música na Liga, foi quem ensaiou o primeiro coro. O primeiro coro da Liga, porque houve outros coros mais antigos do tempo do senhor cônego Rebelo e deste senhor padre Parente que ainda cá esteve uma temporada. Depois acabou por morrer já era... ele esteve em Manteigas depois para aqui é que veio quando já estava mais velhinho, mas era natural aqui de Alpedrinha.

R- Isso tem mais de sessenta anos, tens setenta e três ou setenta e dois.

C- Agora não me lembro das outras.

Mig.- E as que disse do senhor padre Ruivo?

C- Agora não me lembro delas. É isso, essas eu não tenho as letras, tenho as letras na cabeça, só que agora não me lembro delas. Pode ser que em cantando outra coisa me venha à ideia.

Mig.- Tínhamos ficado de ver também as cantigas da azeitona.

C- Sim, sim e do Anjo da Guarda. Eu cantei ou não?

Mig.- Cantou, salvo erro, uma.

C- Só cantei uma.

R- Ui há tantas.

C- Não, há vários versos. No domingo é que eu podia fazer isso, com mais calma, mas estive cá a irmã dele que apareceu de surpresa. Na sexta-feira uma das irmãs e depois o dia que a outra se ia embora, que essa se ia embora foi quando a mais velha em Lisboa caiu, disse que estava na igreja, deu-lhe qualquer coisa, agora não fala, está no hospital de Santa Maria. Pronto mas essas coisas também me tirou... foi muita coisa no fim de semana. Então vamos ao Anjo da Guarda.

Mig.- Vamos ao Anjo da Guarda então.

Ó anjo da minha guarda

Ó anjo da minha guarda

Ó anjo da minha guarda

Ó anjo da minha guarda

Ai estais viradinho à linha

Ai quem vos varreu a capela

estais viradinho à linha

Quem vos varreu a capela

Estais a ver se vês entrar

Foi o rancho de Alpedrinha

estás a ver se vês entrar

Foi o rancho de Alpedrinha

Ai o ranchinho de Alpedrinha

Ai com raminho de marcela

O ranchinho de Alpedrinha

Com raminho de marcela

Ó anjo da minha guarda	Ai se a quiserem beber
Ó anjo da minha guarda	Se a quiserem beber
(esta não está bem enganei-me)	Ó anjo da minha guarda
Ó anjo da minha guarda	Ó anjo da minha guarda
Ó anjo da minha guarda	

Ai que dais a quem vos vos vem ver	Ai que dais aos vossos romeiros
Que dais a quem vos vos vem ver	Que dais aos vossos romeiros
A água da minha fonte	Dou-lhe água da minha fonte
A água da minha fonte	Dou-lhe água da minha fonte

Ai sombra dos meus castanheiros  
Sombra dos meus castanheiros

C- Há muitos mais versos.

Mig.- São bonitos e está a cantar muito bem, muito bem.

C- Há muito mais versos.

Mig.- E esta seria a melodia do Anjo da Guarda.

C- Sim esta era a antiga mesmo.

R- Mas não cantaste isso da outra vez já?

Mig.- Creio que sim mas não tinha os versos todos.

C- Mas há mais mas agora eu...

Mig.- Mas músicas era só essa, melodia era só essa?

C- Sim a antiga era esta.

Mig.- E agora há outra então.

C- Não, não, ninguém a canta. Ninguém a sabe. Ou por outra há pessoas que sabem, mas não estão cá, outras...

Mig.- Pois, vão-se perdendo as coisas assim não é?

C- A minha mãe é que sabia isto tudo e a minha avó e com elas é que eu aprendi. Havia outro verso ao Anjo da Guarda.

Mig.- Se quiser só dizer não é preciso cantar.

C- Havia vários versos mas agora não me lembro deles.

Mig.- E nós também tínhamos ficado de ver aquelas melodias do St. António, do S. João.

C- Do S. João, do S. António há cânticos mas já vêm de, acho dos livros que há em Lisboa a vender. É o responso mesmo do S. António, esse também o sei. É mesmo responso que toda a gente reza ao S. António.

Mig.- E o S. João como é que era?

C- Lá está, não me lembrei de escrever os versos.

De S. João, no altar de S. João nascem rosas amarelas, S. João subiu ao céu a pedir pelas donzelas. Este sei-o mas os outros.

Mig.- E a música como era.

De S. João

Ai no altar de S. João

Ai nascem rosas amarelas

As amarelas S. João subiu ao céu

Ai a pedir pelas donzelas

C- Agora só me lembro deste verso.

Mig.- Mas a música é muito bonita.

C- A música é muito linda.

Mig.- E é muito antiga também?

C- Sempre o adufe a acompanhar. Sempre, havia uma pessoa cá que sabia tocar muito bem o adufe. Quando saíam estes ranchos, era na altura das fogueiras, estavam à volta da fogueira as pessoas a saltar a fogueira e o rancho cá... mas era normalmente, chegavam ali e cantavam.

Mig.- Pois não é um rancho folclórico.

C- Não era um rancho folclórico era um rancho de pessoas que se juntavam e levavam o adufe e “vamos ver as fogueiras, vamos dar volta às fogueiras”. Corriam as fogueiras. Agora já nem há fogueiras.

Mig.- E nessas alturas as pessoas saltavam à fogueira e havia namoricos?

C- Muitas vezes era aí que começavam os namoricos. Porque agora a gente vê essas meninas, como eu aqui vejo porque está aqui o Álamo com música até às três da manhã, que andam por aí na rua e vêm até ali, aquilo é praticamente uma discoteca. No nosso tempo não saíamos de casa sem as nossas mães. Nada, nós não saíamos, o meu marido que diga. Se eu alguma vez fui a um bailarico sem a minha mãe ir. Nunca!

Uma vez combinei com as minhas irmãs, a minha mãe já estava na cama, havia um bailarico.

R- E levou uma tarefa.

Mig.- Ai foi levou uma tarefa? Jesus!

C- A minha avó é que dormia sempre comigo, porque éramos muitos irmãos, éramos seis e então eu dormia sempre com a minha avó. E havia uma moça muito minha amiga, que ainda é viva que está aí, que é a mulher do Zé Álvaro. E chegou lá a nossa casa, ela estava perto. A avó dela morava perto da nossa casa e ela vinha para o pé da avó porque a avó já estava muito velhinha, vinha a dormir com a avó. E a moça aparece-me lá e disse-me “Ó Conceição hoje há baile. Ó senhora Francisca deixe lá ir a Conceição mais as irmãs ao baile.” “Ó filha por mim não me importo mas a mãe já está na cama” dizia a minha avó. E diz assim a moça, começou a insistir. “Ande deixe-a lá ir que a gente vai só um bocadinho a ver como é que o baile está.”

A minha mãe, nós tínhamos duas casas. A minha mãe faz, de conta, dormia ali naquela casa e era só atravessar a rua, e nós dormíamos, eu a minha avó e os meus irmãos na outra casa. Como éramos muitos e as casas eram pequenas, nós estávamos na outra casa com a minha avó. E disse assim a minha avó “Então anda, ide lá um bocadinho mas olha que eu não me deito sem vocês virem. Vão lá um bocadinho.” Fui ao baile mais as minhas duas irmãs e a tal moça, o meu marido estava lá e estava o baile cheio de gente. Mal nós chegámos chegou a minha mãe, ela deu por nós fecharmos a porta, e mais fechámos a porta devagarinho na outra casa, não devia estar a dormir, e ela

sabia que eu namorava o meu marido. Ela deu conta de nós abrímos a porta e de sairmos, foi só o tempo de ela se vestir, daí a nada ela estava lá. Nem chegámos a dançar nem nada. A gente quando se encontra com essa moça ela diz assim “Ó Conceição e aquele dia que nós fomos ao baile sem a tua mãe saber e ela foi logo a ver de vocês.”

Mig.- E então vieram logo para casa.

C- Ai nem cheguei a... apenas vi a minha mãe à porta chamei logo as minhas irmãs, viemos logo embora.

Mig.- Eram tempos difíceis.

C- Agora não é assim, agora dão a chave às meninas, elas andam até às tantas por aí. No meu tempo não era assim. O meu marido ia lá a casa e a minha mãe estava sempre ali ao pé de nós sempre. Conversávamos todos não é.

R- Isto é um minuto. Quando quis pedir a mão, para dar autorização para namorar a filha, cheguei lá e tentava falar com ela. Quando ela verificava que era para falar nesse fim “ai espera aí que está ali o padeiro que eu já venho”. Ia-se embora e não queria que eu dissesse nada sobre ela. Não dizia nada.

C- Agora é muito diferente.

Mig.- Mas nessas ocasiões cantavam-se outras coisas. Por exemplo quem é que fazia os bailes?

C- Os bailes eram os rapazes que se juntavam uns poucos e combinavam com quem tinha um gravador ou uma coisa qualquer que tocasse, um realejo...

R- Um acordeão, uma aparelhagem.

Mig.- Pois na altura já havia gira discos não é?

R- Era um ou dois discos, estava sempre a tocar o mesmo não é. A gente tocava sempre a mesma era tango valsa e marcha, e não havia mais nada. Aqueles discos eram só tangos marchas e valsas, nunca me há-de esquecer.

Mig.- E não havia pessoas que cantassem?

C- Não nos bailes não.

R- Às vezes lá apareciam umas pessoas a cantar ao desafio e tal.

Mig.- Mas isso era quando já havia algum vinho à mistura...

R- Sim quando já havia algum vinho a ferver.

C- Não mas nesses bailaricos em geral eram sempre organizados em casas de pessoas, que viviam lá nas próprias casas. Por exemplo na vossa casa a tua

mãe ainda emprestou a sala várias vezes. Onde a minha mãe foi a ver de nós era a casa onde mora hoje a Anunciação, que a senhora morava lá e emprestou a parte de baixo para a gente ir. Faziam assim não é? Emprestando aquela parte do rés do chão para a gente ir para lá fazer o bailarico. E a minha mãe esse dia ou não lhe apetecia ou não sei enfiou-se na cama mais cedo do que os outros dias.

Mig.- Só que deu pelas filhas saírem

C- Pois deu isso. Pois a gente pronto quando me encontro com a Aninhas, não sei se a conhece, ela vai muito à Dona Suzete, a mulher do Sr. José Álvaro.

R- É era difícil e para namorar era preciso, era à janela, não estávamos cá a namorar juntos. Ela falava lá de cima e eu falava cá de baixo. Só quando mais tarde quando as coisas iam se aproximando começámos a entrar em casa. Quando entrei em casa, põe aqui a cadeira e depois a cadeira lá a um quilómetro desviado e lá estava ela.

Mig.- E depois ia-se aproximando a cadeira...

R- E quando saía, quando saía com ela para qualquer lado levava o irmão a guardar-me. Ai passei coisas com a minha mulher... Um homem habituado a viver em Lisboa, um homem habituado a eu sei lá, a fazer trinta por uma linha, como se costuma dizer, mas isto é real. Estar sujeito a isto... e talvez daí nascesse mais amor, mais estima mais, mais consideração pelas pessoas, mais... tudo. E é claro que daí talvez um amor mais profundo, um amor mais puro, vivido, enquanto que, nós homens não é, e o senhor sabe tão bem como eu, fazíamos lá fora aquilo que a gente queria e nos apetecia, e depois vir a namorar assim... é uma diferença.

C- Então mas o Tomás ia connosco porque ele foi, aquele meu irmão nasceu tinha eu vinte e um anos. Fui eu que o criei, praticamente fui eu que o criei. Tomou-me uma amizade que eu não podia ir para lado nenhum sem o levar. Tanto que até no principio que a gente casou, o meu marido estava em Lisboa e vinha cá nos fins de semana, ele estava sempre aqui ao pé de mim, sempre, vinha para aqui todo o dia, toda a noite se fosse preciso estar aqui ao pé de nós. Depois no fim de semana quando ele vinha é que então ele estava cá ao pé de mim, mas depois ao fim do jantar íamos levá-lo a casa da minha mãe íamos os dois e ele ficava lá. Habituou-se de tal maneira a lidar comigo e a viver comigo que ele não queria outra coisa, só queria andar comigo para todos os lados para onde eu fosse.

R- Ouve lá agora outra coisa, os cantares do Espírito Santo nunca houve assim grande.

C- Do Espírito Santo? Não.



R- É que eu ando a fazer uma colecção de álbuns de tudo de Alpedrinha, às vezes aparecem-me essas coisas, ainda lá não me apareceu lá assim nenhum cântico do Espírito Santo.

Mig. E o outro dia cantou aquela muito bonita da rega, o que é que havia assim mais de cânticos ligados à agricultura.

C- Havia a rega, quando as pessoas andavam a regar, andavam mesmo a regar e a cantar. Sempre, viravam o tornadouro enquanto a água lá chegava a baixo a pessoa cantava, depois mesmo a cantar virava-se o tornadouro e cantavam. O meu pai era sempre assim, sempre, onde ele andava no campo.

R- E a tua mãe também.

C- E a moda da ceifa.

Mig. – Como é que era a moda da ceifa?

C- Ai agora não me lembro dela.

Ai assente-se aqui menina

Ai à sombra do meu chapéu

C- Mas isto é o fim, agora não me lembro.

R- Finalmente não conseguiste fazer nada.

Mig.- Mas havia aqui muitos campos de ...

C- Semeavam muita coisa, mesmo a minha mãe semeava, tinha uma fazenda aqui para a serra.

R- E quando estavam a desbulhar o milho não cantavam também. Isso também havia coisas engraçadas.

C- Cantavam essa que eu cantei o outro dia.

Mig.- A do Alumia-me ó candeia. É tão bonita.

C- É bonita não é? E havia outra que era, quando a gente estava a descamisar o milho.

Mas estou tão esquecida... se eu escrevesse... mas aconteceu isto tudo esta semana.

R- Ainda não é hoje que fica.

Mig. Mas pode ficar para a semana, eu tenho todo o tempo do mundo para gravar estas coisas.

C- Cantei a da rega, pode ser que entretanto me lembre de...

Mig. –A da rega cantou, a do regador.

C- Ai a da oliveira também cantei, mas só cantei um verso.

Mig.- Cantou a da oliveira? E como é que era a da oliveira. Pode ser que por uma venham as outras. A conversa é como as cerejas e é como as cantigas também. A gente começa a cantar e depois vêm outras.

C- Da oliveira, debaixo da oliveira, nem chove nem cai orvalho. Esta já cantei.

Mig.- Já, ficou gravada.

C- E depois tem muitos versos.

Menina cai orvalho

Menina que há-de ser minha

Menina que há-de ser minha

Ai não me dê tanto trabalho

Ai não me dê tanto trabalho

De água se criam

Que há-de ser minha

Debaixo de água se criam

Peixinhos que nadam bem

Que nadam bem

Também me ando criando

Ai para o amparo de alguém

C- A folha da oliveira não é larga nem comprida. Esta também já a cantei.

Azeitona miudinha

A azeitona miudinha

Aia anda bailando no pio

Bailando no pio

C- Mas agora não me lembro do verso.

R- Tens que tirar a mão da frente da boca quando estás a cantar.

C- Está bem mas agora não me lembro. Eu tenho que ver se os escrevo.

Mig.- Então fazemos na próxima, se lhe der jeito, na próxima quarta-feira, dá-lhe jeito?

C- Dá.

R- Do Santo António não tens nada?

C- Do Santo António tenho o responso.

Mig.- Mas isso é nacionalmente conhecido.

C- Sim é conhecido.

R- Não, aquela que vocês cantavam ao fim do Santo António, como é? Não é responso?

C- Não do Santo António isso foi o senhor padre que fez, o senhor vigário. O responso não, o responso já vinha nos livros que a gente comprava em Lisboa.

Mig.- E nessas da agricultura havia a da azeitona. Mas havia só uma ou havia várias?

C- Não há vários versos.

Mig.- Mas a melodia era sempre a mesma?

C- Era a melodia era sempre a mesma. Havia era vários versos.

Mig. – E na vindima, tinha algum cântico especial?

C- Na vindima acho que por vezes cantavam-se as coisas que a gente sabia, mas assim não sei. Assim directamente da vindima não sei. Agora na descamisa é que era, é que se cantava essa da “Alumia-me ó candeia” e aquela “Ó és tão linda”.

R- E a do loureiro?

C- Essa do loureiro também se cantava tanto na vindima como...

Mig.- E como é que é essa música?

Loureiro verde loureiro	Só para ver o travesseiro
Loureiro da baga preta	Ai que a menina tem na cama
Loureiro verde loureiro	Só para ver o travesseiro
Loureiro da baga preta	Ai que a menina tem na cama
Na vida dos namorados	Por mais que o loureiro cresça
Ai sempre há-de haver quem se meta	Ao céu não há-de chegar
Na vida dos namorados	Por mais que o loureiro cresça
Ai sempre há-de haver quem se meta	Ao céu não há-de chegar
Hei-de subir ao loureiro	Por mais amores que eu tenha
Hei-de descer pela rama	Ai a ti não te hei-de deixar
Hei-de subir ao loureiro	Por mais amores que eu tenha
Hei-de descer pela rama	Ai a ti não te hei-de deixar
O loureiro bate bate	Com as pontas no telhado
Que eu bem no oiço bater	Ai para o amor entender
O loureiro bate bate	Com as pontas no telhado
Que eu bem no oiço bater	Ai para o amor entender

C- Era assim tinha vários versos.

R- E a outra do alecrim. Não há umas músicas engraçadas do alecrim?

C- O alecrim aos molhos, mas essa é muito conhecida.

Mig.- também a cantavam por aí?

C- Sim cantava-se muito.

Mig.- E isso era nas vindimas, nas descamisas, também cantavam essas músicas todas não era?

C- Nas descamisas cantava-se o que vinha à cabeça. Por vezes era. Mas a que se cantava muito era esta “Ó és tão linda”. E essa que eu já cantei da candeia, “Alumia-me ó candeia”. Essa era mesmo quando a gente estava, porque às vezes descamisava-se o milho na rua, na nossa rua pelo menos não havia luz eléctrica, era à luz de um candeeiro petromax. E à luz de uma candeia de azeite ou de petróleo é que se cantava, é que se descamisava o milho, por isso é que se cantava muito essa do “Alumia-me ò candeia”. Porque alumia-me ó candeia até ao cimo da rua. Pronto era muito tradicional, e cantava-se a...

R- Aquelas serenatas que se faziam...

O meu amor me deixou

O meu amor me deixou

Na primavera das flores

Ó és tão linda

Na primavera das flores

Inda me deixou a tempo

Inda me deixou a tempo

De eu amar outros amores

De eu amar outros amores

Se Alpedrinha fosse minha

Se Alpedrinha fosse minha

Como é da liberdade

Ó és tão linda

Como é da liberdade

Fazia dela uma vila

Fazia dela uma vila

Ou então uma cidade

Ó és tão linda

Ou então uma cidade

C- Esta também tinha muitos versos, agora não me lembro deles. Tenho que ver se me lembro deles.

R- És uma enciclopédia que fica aí e não...

C- Isto pode-se adaptar qualquer verso, mas estes são os mais antigos que eu estou a cantar.

Mig.- E no Carnaval cantava-se alguma coisa?

C- No Carnaval, no Carnaval não me lembro de se cantar nada, jogava-se era muito à pele, chamava a gente o jogo da pele. Que era na rua, quase em todas as ruas se jogava a isso. Punha-se um banco, por exemplo isto era uma rua não é, punha-se além um banco, aqueles bancos da gente se sentar baixinhos não é, punha-se o banco, o banco era a marra. E a gente jogava assim a pele.

Mig.- Mas era uma pele?

C- Uma bola, uma bola de borracha. A gente chamava-lhe a pele, antigamente, as primeiras que eu me lembro até eram feitas de trapos, cheias de trapos. Lembro-me da minha mãe fazer essas bolas e depois por fora eram aos quadradinhos, e por dentro era cortiça moída, para ficar mais leve. Lembro-me bem ainda disso, porque não havia bolas de borracha.

R.- Essa do abaixa-te ó serra alta.

Abaixa-te ó serra alta

Abaixa-te ó serra alta

Que eu quero ver o Fundão

Ó és tão linda

Que eu quero ver o Fundão

Para ver o meu amor

Para ver o meu amor

Nas grades duma prisão

Ó és tão linda

C- Era uma que tinha, quer dizer tinha o namorado na cadeia no Fundão e então fizeram-lhe este verso.

R- Abaixa-te ó serra alta que quero ver a Lardosa

C- Quero ver o meu amor se anda na folha da rosa

R- Abaixa-te ó serra alta quero ver Alpedrinha, é qualquer coisa assim.

Mig.- Abaixa-te ó serra alta, a serra da Gardunha.

C- A serra da Gardunha, pois. Estava a explicar da bola e depois, estávamos dalém, éramos 5 ou 6 pessoas, e ficavam as mesmas 5 ou 6 deste lado. As que estavam dalém jogavam assim a bola, suponhamos que era isto, deitava-se assim e com esta mão atirava-se se havia um que apanhava a bola, essa pessoa já não jogava mais.

R- Se a apulava se a apulava.

C- Que a apanhava, se caísse no chão, essa pessoa que a apanhava rodava com ela no chão a ver se batia no banco.

R- Isso são os tais jogos tradicionais. Não conhece esse jogo tradicional?

Mig.- Mais ou menos, nunca joguei.

C- Mas era o que se fazia mais no Carnaval.

Mig.- E cantigas, não cantavam o Entrudo?

R- Cantigas eu acho que havia cantigas de Carnaval.

Mig.- Não cantavam o Entrudo, não choravam o Entrudo aqui?

C- Que eu me lembre não. E havia então que era muito tradicional, que também deixou de haver, durante o ano, antigamente toda a gente ia à fonte com um cântaro de barro, não é, porque não havia água canalizada. Eu, ainda bastante água acarretei à cabeça e bastantes cântaros parti. Eu levava-os à cabeça cheios de água, de vez em quando, caía um cântaro. E as ruas não eram direitas. Íamos ali do Outeiro que é aquela rua que passa aqui por detrás do colégio, que era onde nós morávamos, não sei se conhece.

Mig.- Conheço.

C- Daí íamos ao chafariz das seis bicas quando era no Verão a encher uma talha de água, tínhamos que ir várias vezes com o cântaro para enchermos a talha que a minha mãe não nos deixava sair sem encher a talha de água, porque não havia água tinha que se ter água para tudo. Para os animais, para tudo. E então, por exemplo, se caía um cântaro e partia uma asa guardava-se esse cântaro, não o deitavam fora. Toda a gente fazia assim. Havia uma bilha, partia-se a asa da bilha ficava inutilizada, não a deitavam fora. Quando era no Carnaval corríamos aqui a estrada a jogar à caqueira, era o jogo da caqueira.

Era mesmo um jogo tradicional do Carnaval. Era um grupo de pessoas que estavam deste lado e vinham outros atrás, não o mesmo grupo, ia um à frente deitava o cântaro assim para trás. Formavam uma fila, eram cinco ou seis os que queriam entrar no jogo. Iam cinco ou seis e aquela que estava na frente deitava o cântaro enquanto o pudessem apanhar ninguém perdia. O cântaro ia ao ar e o que estava atrás apanhava-o. Depois esse que o apanhava passava-o para outro, depois o outro que o apanhava deitava também para o outro. Se o deixavam cair e se partia perdiam o jogo. Começava outra vez novamente o jogo. Corríamos as ruas assim.

R- Eu fazia sempre ao contrário, fazia por partir o cântaro que era para irem buscar outro.

C- Depois às vezes as próprias pessoas que moravam nas ruas é que tinham “olhem lá tenho aqui um cântaro tomem lá outro.” Já faziam isso, guardavam mesmo os cântaros e as bilhas.

Mig.- E cantava-se alguma coisa nessas alturas?

C- Não, não me lembro de cantar nada. Isso não me lembro.

Mig.- Bom ficamos com a canção da ceifa.

C- O “caminhava ó cantava muito”, que não sei se era daqui. Quando era nas descamisas do milho era um cântico que era também muito bonito. Isso era com a minha avó mas eu não sei se era daqui.

Mig.- Bom mas é já muito antigo concerteza.

C- Era muito antigo.

Vamos ao colégio novo

Santa Teresa de Jesus

Pelo caminho da luz

Caiu uma queda no chão

Vamos colégio novo

Santa Teresa de Jesus

Pelo caminho da luz

Caiu uma queda no chão

Vamos a ver São Fiel

Os fieis que a levantaram

Santa Teresa de Jesus

Todos com o chapéu na mão

Vamos a ver São Fiel

Os fieis que a levantaram

Santa Teresa de Jesus

Todos com um chapéu na mão



O primeiro foi seu pai	O terceiro Jesus do céu
O segundo seu irmão	Ó que linda geração
O primeiro foi seu pai	O terceiro Jesus do céu
O segundo seu irmão	Ó que linda geração

C- A minha avó cantava muito isto nas desbulhas do milho. Eram várias coisas que vinha à cabeça é que se cantavam.

Mig.- Engraçado porque essa música fala do colégio de S. Fiel.

C- Fala no colégio de S.Fiel, mas não sei porquê.

R- Não sei se eram as pessoas quando iam lá.

Mig.- Ou se foi uma música que fizeram quando o colégio foi construído.

R- Pois mas podia ser criada cá e ser cantada quando as pessoas iam lá. Porque isso não deve ser do S. Fiel, deve ser das pessoas que iam a S. Fiel.

C- Isso não sei, sei que a minha avó cantava muito isto, e eu gostava muito de a ouvir cantar que ela também tinha uma boa voz

R- De S. Martinho não há nada?

C- Não, já cantei a da azeitona. Do Anjo da Guarda ainda há outra mas esta é a que se canta no fim da procissão.

Mig.- Mas canta-se na igreja ou já fora então?

C- Já quando a procissão regressa, quando a procissão sai da capela e no regresso já da procissão é que se canta isto.

Santo Anjo que me guardas	És meu santo companheiro
Noite e dia sem cessar	Desde a hora em que nasci
Eu te rendo minhas graças	Ó perdoa se algum dia
E te quero sempre amar	Teus conselhos não segui

Santo Anjo que me guardas  
Noite e dia sem cessar  
Eu te rendo minhas graças  
E te quero sempre amar

Santo Anjo que me guardas  
Noite e dia sem cessar  
Eu te rendo minhas graças  
E te quero sempre amar

Que seria da minha alma  
Sem a tua protecção  
Não me deixes meu bom anjo  
Em nenhuma ocasião

E na hora derradeira  
Desta vida que é mortal  
Apresenta esta alma a Deus  
Na mansão celestial

Santo Anjo que me guardas  
Noite e dia sem cessar  
Eu te rendo minhas graças  
E te quero sempre amar

C- É sempre no final e antes da procissão, e do Anjo da Guarda sair, canta-se este... A procissão sai sempre a dar a volta ao recinto todo no fim da missa e então antes do Anjo da Guarda sair canta-se.

Mig.- E essa música quem fez?

C- Foi o senhor padre Ruivo, padre Augusto Ruivo, não foi o padre Ruivo foi um tio dele.

Mig.- E terá quantos anos?

C- Ó já deve ter muitos anos, eu era garota quando entrei para o coro, eu tinha doze anos quando entrei para o coro e depois já sempre me lembro de cantar isto no Anjo da Guarda.

R- De S. Sebastião também não há pois não?

C- Também não me lembro.

Mig.- E a da ceifa, lembra-se da da ceifa?

C- Alentejo não tem sombra senão a que vem do céu assente-se aqui menina à sombra do meu chapéu. Assim é que era.

Ai Alentejo não tem sombra

Ai senão a que vem do céu

Ai assente-se aqui menina

Ai à sombra do meu chapéu

C- Isto é um verso, mas agora outro?

Mig.- Mas iam daqui para o Alentejo ceifar?

C- Não mas antigamente as pessoas era assim, faziam um verso conforme lhe vinha à cabeça nem viam se rimava bem ou não. Eu lembro-me do meu pai cantar isto, e eu até cantava bastantes... Agora não me lembro, a música é assim.

Mig.- A música é bonita, nunca a tinha ouvido.

C- O meu pai cantava um verso tão bonito que era. Por baixo... Por cima se ceifa o trigo por baixo fica o restolho, menina não se enamore do homem que pisca o olho.

Mig.- E isso cantado fica como?

Ai por cima se ceifa o trigo

Ai por baixo fica o restolho

Ai menina não se enamore

Ai do homem que pisca o olho

C- Agora veio-me à ideia este que me lembro do meu pai o cantar, mas doutros não sei. Sou capaz de ainda me lembrar deles mas... foi uma semana muito...

Mig.- Ficamos então para a próxima quarta feira.



## **Anexo 6 - Transcrição da entrevista à Sr<sup>a</sup> Conceição realizada em Alpedrinha no dia sete de Novembro de dois mil e sete.**

Data: Sete de Novembro de dois mil e sete

Local: Casa da Sr<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Conceição em Alpedrinha

Esta entrevista ficara marcada no dia vinte e quatro de Outubro de dois mil e sete.

A senhora Dona Conceição ficara de procurar o texto completo dos martírios para os cantar.

O marido da senhora, o senhor Raul, esteve presente desde o início e participou também na conversa, contudo não cantou.

Mig.- Então vamos hoje gravar os martírios que também se faziam na semana santa.

C- Na semana santa, todas as semanas da quaresma dois dias.

Mig.- E eram que dias da semana?

C- Era nas, as almas eram terças e sextas e os martírios podia ser ao domingo ou, eram sempre duas vezes por semana que iam a cantar.

Mig.- À noite?

C- À noite, sempre à noite quando o povo estava tudo sossegadinho em casa era bonito a gente ouvir aquilo na calada da noite.

R- Não estás com a garganta afinada.

C- Hoje não e dói-me a cabeça, devia ter tomado um comprimido.

Mig.- Vamos só ver se...

C- De maneiras que, como já disse cantavam em cada capela, à porta de cada capela cá de Alpedrinha. Primeiro no calvário e depois na igreja, depois vinha-se à cruz, que é a tal dita cruz que eu já expliquei ao senhor. Depois era na Misericórdia, depois vinha-se ali, era aqui no Santo António, daqui era ali na capela de St. Catarina ao pé da Sra. Dona Suzete, nessa capelinha. Depois era

onde morava o senhor Zé Fragueiro, como é que se chamava a esse nicho que estava lá? Era a nossa senhora da Oliveira acho eu.

R- Não, representava qualquer coisa que...

C- Era ali que se cantava pronto, ali era a última que se cantava.

Mig.- E como é que se cantava?

O centro da vossa cruz

As vossas divinas faces

É Jesus de Nazaré

Levaram mil bofetadas

(Isto depois respondia o povo)

Foram dadas pelo Judas

Ainda espero de morrer

Pelo Judas foram dadas

Pela vossa santa fé

A vossa divina cabeça

A vossa divina boca

Coroadada de mil espinhos

Cheia de fel amargoso

Por amor dos meus pecados

Por amor dos meus pecados

Sofreu Deus tantos martírios

Sofreu Deus tão poderoso

Os vossos divinos cabelos

Os vossos divinos ouvidos

Mais finos que o próprio ouro

Estão ouvindo os meus pecados

Aqui tendes a minha alma

Lá no dia de juízo

Fazei dela um tesouro

Serão todos perdoados

Os vossos divinos olhos

A vossa divina garganta

Estão inclinados ao chão

Enrolada com uma corda

Inclinai-os à minha alma

Por amor dos meus pecados

Também ao meu coração

Sofreu Deus misericórdia

Os vossos divinos ombros	A vossa divina cintura
Denegridos do madeiro	Enrolada com uma toalha
Aqui tendes a minha alma	A Virgem que estava a ver
Fazei dela um travesseiro	Com uma linda verde mortalha

As vossas divinas mãos	Os vossos divinos joelhos
Foram pregadas numa cruz	Arrastados pelo chão
Por amor dos meus pecados	Por amor dos meus pecados
Perdoai-nos bom Jesus	Senhor tende compaixão

Os vossos divinos pés  
Estão pregados numa cruz  
Por amor dos meus pecados  
Perdoai-me bom Jesus

C- Aqui terminou e depois no final de tudo é isto:

Acorda ó pecador	Acorda ó pecador
Nesse sono em que estás	Nesse sono do auditório
Rezemos um padre nosso	Rezemos um padre nosso
Pelas almas dos nossos pais	Pelas almas do pregatório (purgatório)

C- E no fim de cada canção destas rezava-se um pai nosso, no fim das duas. Rezavam, no fim de rezar cantavam outra vez a segunda.

Mig.- E isto fazia-se como fez agora nos sítios todos.

C- Sim cantavam-se sempre esses versos todos.

Mig.- Isso ainda demorava algum tempo.

C- O primeiro verso cantava uma pessoa sozinha e depois o segundo a seguir era o grupo todo.

Mig.- As duas primeiras frases era uma pessoa não era? Depois os outros dois respondia o grupo.

C- Depois os outros dois respondia o grupo. Assim sempre até ao fim. Era cansativo mas era lindo, era lindo, depois quer dizer, na calada da noite ouvir-se isto... eu ouvi já aqui na minha casa várias vezes aqui no Santo António, mas eu já não ia a cantar nessa altura. Eu só ia quando a minha mãe foi viva. Gostava de ir com a minha mãe.

Mig.- E então a outra canção que me disse que tinha? Conte-me lá a história dessa canção.

C- Essa era, era um cântico que cantavam. Dantes não havia concertinas, não havia essas coisas, quando o povo estava, quando havia uma festa ou assim e se juntava um grupinho, uma tocava o adufe e as outras pessoas cantavam e ao mesmo tempo dançavam.

R- Eu acho que aí no coiso, desculpe lá Senhor Doutor, acho muitas vezes o pecado.

C- Mas isso é sempre, foi por amor dos meus pecados. Era assim.

R- Pois mas isso agora é uma composição, é uma questão de vocês comporem. Mas acho que, dentro de mim existe, que repetir muitas vezes o meu pecado, eu não sei se realmente estará em condições de...

Mig.- São os martírios. Isto seria assim.

C- Era assim, era assim que era cantado. O primeiro verso canta uma pessoa sozinha, que tenha uma boa voz, não é, para aguentar estes sítios todos.

Mig.- E são doze ou treze minutos de cada vez não é? Mas depois o silêncio da noite, aquela envolvência também devia ser...

C- Depois até quando as pessoas estavam em casa, certas pessoas que estavam em casa juntavam-se ao mesmo grupo e iam a ouvir cantar e outras que sabiam ajudavam também a cantar.

Mig.- Fantástico, e a várias vozes não é?

C- Era sempre com duas ou três vozes. Mas ensaiavam como eu já disse, não tinham um músico para ensinar nem nada. Eram elas, o grupo que se juntava,



juntava-se por exemplo na casa ali daquela senhora, dos pais da senhora do café, porque ela também ia. Ela tinha uma loja boa, e era sempre dentro da loja para as pessoas não ouvirem onde era o ensaio. E primeiro ensaiavam e depois é que saíam a cantar.

Mig.- Fantástico, devia ser mágico.

C- Era sempre aí quê, pelas nove da noite. Nove mais ou menos, dez horas, iam a cantar que era quando tudo estava sossegadinho e era bonito a gente ouvir, ouvir-se ao longe aquelas vozes todas.

Mig.- Devia ser bonito. E a música que estava a dizer, desculpe lá.

C- A música que eu estava a dizer é:

A menina que anda no bailho

Ai quem quiser vir tocar nele

A menina que anda no bailho

Ai quem quiser vir tocar nele

Ai é bonita bailha bem

Ai há-de ter a mão ligeira

Ai é bonita bailha bem

Ai há-de ter a mão ligeira

Hei-de ir pedi-la a seu pai

Ai minha mãe perdi o lenço

Ai hei-de ir pedi-la a seu pai

Ai minha mãe perdi o lenço

Antes que lha peça alguém

Ai no terreiro a bailar

Ai antes que lha peça alguém

Ai no terreiro a bailar

Ai as armas do meu adufe

Ai minha mãe não me dá outro

Ai as armas do meu adufe

Ai minha mãe não me dá outro

Ai são de pau de laranjeira

Ai em cabelo hei-de andar

Ai são de pau de laranjeira

Ai em cabelo hei-de andar

C- Era assim.

Mig.- E dançavam.

C- E ao mesmo tempo, ou cantavam todos. Isso ainda me eu lembro de fazerem assim estes bailaricos, em vez de ser uma concertina ou assim, uns cantavam e outros dançavam.

Mig.- E outras músicas que se cantavam nessa altura, nesses bailes?

C- Agora não me ocorrem.

Mig.- Disse-me que já a sua mãe cantava não é?

C- Era a minha avó.

Mig.- Ai, isso, é muito antigo então.

C- Nós aprendemos e como eu digo está gravado, e acho até que está gravado no disco da Liga, tenho impressão que isso foi gravado no disco da Liga. Porque a Liga teve um coro e a primeira pessoa que veio cá ensaiar foi o professor Junqueira que era do Fundão. Esse senhor já morreu.

R- Não tem o disco da Liga?

Mig.- Não.

R- Eu posso lhe oferecer um se quiser.

Mig.- Agradecia.

C- Depois recolheu, ele recolheu assim também coisas que a gente sabia, coisas antigas e tenho impressão que isto foi gravado no disco da Liga.

Mig.- Mas já com um arranjo para coro, ou foi cantado assim?

C- Cantado assim, mas claro ensaiado por um mestre e com muitas vozes, com várias vozes. Não tenho a certeza se está gravado no disco mas que o coro cantou isto cantou e depois quem gravou também isto e depois tocava a música foi um professor que esteve aqui no colégio, como é que ele se chamava. O professor, ele é de Castelo Branco. O professor Carlos Gama, é, é foi o professor Carlos Gama, que gravou depois também várias coisas porque ensaiou o coro da Liga. Quer dizer dava aqui música no colégio e à noite ensaiava o coro da Liga. Ainda andou muito tempo, tivemos muitas saídas com ele e tudo. E eu também fazia parte desse coro. Não sei se no outro dia cantei a do Loureiro.

Mig.- Sim. Era muito bonita, essa era muito bonita também.

C- A que eu queria mais completa era a do S. João mas não me lembro dos versos.

(O senhor Raul trouxe um disco, que nos ofereceu, e a conversa acabou assim.)

## **Anexo 7 - Transcrição da entrevista realizada no Casal da Serra no domingo dia 22 de Março de 2009.**

Deslocámo-nos à aldeia de Casal da Serra no início de Março para tentar encontrar informantes para o nosso estudo. Encontrámos um café onde nos indicaram a casa de uma senhora. A senhora encontrava-se doente e não nos pode ajudar, estava impossibilitada de cantar. Voltámos ao café onde o dono nos informou que no domingo dia 22 se iria realizar um almoço de comemoração do dia da Mulher e do dia do Homem, e que estaria reunida a maioria da população. Pareceu-nos ideal a perspectiva de ter a maioria da população num evento festivo, propício á recolha de canções de tradição oral.

No referido domingo, depois do almoço, juntaram-se todos numa roda e começámos a entrevista.

Como o ruído de fundo era perturbador e as pessoas falavam ao mesmo tempo é-nos difícil transcrever o que cada pessoa disse. Assim, resumimos o que o grupo disse tentando contextualizar a canção e a sua origem.

Começaram por cantar uma canção de Arlindo de Carvalho “Chapéu Preto”. Esta canção serviu para desinibir as pessoas, que cantaram entusiasticamente em grupo.

A azeitona já está preta	É mentira é mentira
A azeitona já está preta	É mentira sim senhor
Já se pode armar aos tordos	Eu nunca pedi um beijo
Já se pode armar aos tordos	Quem mo deu foi meu amor
É mentira é mentira	Ó que lindo chapéu preto
É mentira sim senhor	Ó que lindo chapéu preto
Eu nunca pedi um beijo	Naquela cabeça vai
Quem mo deu foi meu amor	Naquela cabeça vai

Ó que lindo rapazinho

Quem me dera ser colete

Ó que lindo rapazinho

Quem me dera ser colete

Para genro do meu pai

Quem me dera ser botão

Naquela cabeça vai

Quem me dera ser botão

É mentira é mentira

Para andar agarradinho

É mentira sim senhor

Para andar agarradinho

Eu nunca pedi um beijo

Juntinho ao teu coração

Quem mo deu foi meu amor

Quem me dera ser botão

É mentira é mentira

É mentira é mentira

É mentira sim senhor

É mentira sim senhor

Eu nunca pedi um beijo

Eu nunca pedi um beijo

Quem mo deu foi meu amor

Quem mo deu foi meu amor

Uma senhora do grupo desafiou um senhor para cantar uma canção sozinho, dizendo que “vossemecê tem boa voz”.

O senhor chama-se José Esteves da Anunciação e tem 76 anos. A canção “Manuel dos Santos” foi aprendida pelo senhor José em Castelo Branco.

Toureiro de lusa raça

Manuel dos Santos

De portal teve o cortejo

Espada coroadada de louros

Levantou pejo uma praça

És o maior de entre tantos

Dominando um bravo rejo

Bravo matador de toiros

Já ganhou o rosa de oiro

Manuel dos Santos

Por valente maestria

Matador de pulso forte

Ao vê-lo à frente do toiro

Que a vida te dê encantos

Com nobreza e galhardia

Que Deus te dê muita sorte

Corre a multidão em massa  
E a casa fica cheia  
Já não há lugar na praça  
Quando vi esta toureia

Manuel dos Santos  
Espada coroada de louros  
És o maior de entre tantos  
Bravo matador de toiros

Vive o povo de emoção  
Por amar cara faiena  
Manuel do coração  
Onde vive a própria arena

Manuel dos Santos  
Matador de pulso forte  
Que a vida te dê encantos  
Que Deus te dê muita sorte

Depois, as senhoras indicaram outro senhor que “também tem muito boa voz”. O senhor João Esteves que tem setenta e três anos. Ele cantou um fado.

Não te quero nada  
Se julgas que eu te perdi  
Simplesmente te esqueci  
Já não quero mais  
Lembrar que te amei  
Esquecido o passado  
Só procurei amor e felicidade  
Deus fez a minha vontade  
O meu caminho encontrei  
Meu Deus perdoa-me os pecados meus  
Protege o meu destino  
Dai calor ao meu viver  
Meu Deus com o teu poder divino

Ilumina o meu caminho  
Que eu não te quero perder  
Não estou perdido  
O meu caminho encontrei  
...

(o senhor esqueceu-se da letra)

Perguntámos pelas canções mesmo do Louriçal, aquelas que por exemplo se cantavam por altura das festas dos santos. Cantaram então uma em louvor de Santo António.

Se milagres desejares  
Recorrei a Santo António  
Vereis fugir o demónio  
Das tentações infernais  
Recupera-se o pedido  
Rompe-se a dura prisão  
E no auge do furacão  
Segue o mar embravecido  
E no auge do furacão  
Segue o mar embravecido

Cantam em seguida uma canção em louvor do Casal da Serra, como se fosse um hino. Referiram que foi um padre que compôs a música, há mais de cinquenta anos.

Tim tim eu sou do Casal	Ao entrar neste local
Eu sou do Casal da terra sadia	Só vejo serras e pedrenias
Tim tim eu sou do Casal	Ao entrar neste local
Eu sou do Casal da terra sadia	Só vejo serras e pedrenias

Tim tim olaré tim tim

Você diz que não eu digo que sim

Tim tim olaré tim tim

Você diz que não eu digo que sim

Adeus que eu me vou embora

Se eu não me demoro porque é que choras

Adeus que eu me vou embora

Se eu não me demoro porque é que choras

Ao romper da bela aurora

É que a gente canta p'la estrada a fora

Ao romper da bela aurora

É que a gente canta p'la estrada a fora

Não vale a pena chorares

Que eu vou depressa e hei-de voltar

Não vale a pena chorares

Que eu vou depressa e hei-de voltar

Tim tim eu sou do Casal

Eu sou do Casal da terra sadia

Tim tim eu sou do Casal

Eu sou do Casal da terra sadia

Tim tim eu sou do Casal

Eu sou do Casal da terra sadia

Tim tim eu sou do Casal

Eu sou do Casal da terra sadia

Ao entrar neste local

Só vejo serras e pedrenias

Ao entrar neste local

Só vejo serras e pedrenias

Ao entrar neste local

Só vejo serras e pedrenias

Ao entrar neste local

Só vejo serras e pedrenias

Cantaram depois outra música no mesmo estilo, ou seja de louvor ao Casal da Serra. Pelo que disseram as senhoras esta canção terá mais de cinquenta anos e que fora uma professora da Soalheira que nos anos cinquenta do século passado ensaiara várias peças de teatro e várias canções.

Das aldeias portuguesas

A nossa não tem rival

É a terra mais bonita

É a terra mais bonita

Das terras de Portugal

É pequena mas airosa

No cimo da serra fica

Não há terra mais formosa

Não há terra mais formosa

Não há terra tão bonita

Casal da Serra terra natal

Cantinho lindo de Portugal

Vamos cantá-lo em ternos cantos

Mostrando ao mundo os seus  
encantos

Casal da Serra terra natal

Cantinho lindo de Portugal

Vamos cantá-lo em ternos cantos

Mostrando ao mundo os seus  
encantos

Este povo é gente humilde

Quando a amizade se encerra

Cantai de novo a canção

Cantai de novo a canção

De louvores à nossa terra

Desde o vale até ao pico

Desde o monte ao sopé

Fica a serra da Gardunha

Fica a serra da Gardunha

E o Casal que lindo é

Casal da Serra terra natal

Cantinho lindo de Portugal

Vamos cantá-lo em ternos cantos

Mostrando ao mundo os seus  
encantos

Casal da Serra terra natal

Cantinho lindo de Portugal

Vamos cantá-lo em ternos cantos

Mostrando ao mundo os seus  
encantos



Cantam depois as Janeiras antigas.

Ainda agora aqui cheguei	De quem é aquele chapéu
Pus o pé numa escada	Que além está dependurado
Logo o meu coração disse	É do senhor desta casa
Aqui mora gente honrada	Que é um homem muito honrado
Logo o meu coração disse	É do senhor desta casa
Aqui mora gente honrada	Que é um homem muito honrado

Se não davam as Janeiras diziam “trinca martelos e torna a trincar o Barbas de Chibo não tem nada para dar.”

Uma das senhoras contou uma história engraçada. Numa das casas onde cantaram as Janeiras deram-lhes uma morcela de cinza, a dona da casa como não tinha mais nada para dar, fez uma morcela com cinza fria da lareira. No fim da volta nocturna pela aldeia foram comer a morcela e perceberam o engano. Então voltaram à casa da dita senhora e cantaram a seguinte quadra:

Ainda agora aqui estivemos  
Já cá estamos outra vez  
Vimos trazer a morcela  
À grande bácia que a fez

Uma senhora Carolina de setenta e dois anos canta uma canção de S. João dizendo que a aprendeu quando era um criança e tinha treze anos.

Na noite de S. João	Soltei uma feita em tiras
Vê lá tu meu grande traste	Voltou de novo a cair
Que fiz um grande balão	Era o peso das mentiras
Com as cartas que mandaste	Que não a deixavam subir

Vê lá S. João vê lá S. João	Logo o Santo se amofina
Vê lá se tens dó de mim	A ralar me respondeu
Porque eu S. João não vou no balão	Pede outra coisa menina
De querer um marido assim	Que a tanto não chego eu
Eu pedi a S. João	Vê lá S. João vê lá S. João
Um milagre bem preciso	Vê lá se tens dó de mim
Eu pedi com devoção	Porque eu S. João não vou no balão
P'ra te dar muito juízo	De querer um marido assim

Cantam depois a Mocita dos Caracóis, dizendo que era uma canção banal, isto é que era conhecida, além da própria aldeia.

Mocita dos Caracóis	Já passaram ribeirinhas
Dá-me um beijo minha querida	Ribeiros e arredores
Não ouves os rouxinóis	Já passaram ribeirinhas
Cantando como heróis	Ribeiros e arredores
Histórias da nossa vida	Mesmo antes que eu mal me esconda
Não ouves os rouxinóis	Sempre sigo a tua ronda
Cantando como heróis	Mocita dos caracóis
Histórias da nossa vida	Mesmo antes que eu mal me esconda
	Sempre sigo a tua ronda
	Mocita dos caracóis

Cantaram depois uma canção que cantavam quando andavam à azeitona. Cantavam ao desafio, os homens com as mulheres e inventavam muitas quadras para a mesma música.

No tempo que além vivi

Ó prima ó linda

Os teus olhos a chorar

És tão linda coradinha

Que dá castanhas em Maio

Ó prima ó linda

Cravos roxos em Janeiro

És tão linda coradinha

Logo o meu coração disse

Ó prima ó linda

Além vem quem hei-de amar

És tão linda coradinha

Castelo Branco se queixa

Ó prima ó linda

De não ter moças formosas

És tão linda coradinha

O coração mais os olhos

Ó prima ó linda

São dois amigos leais

És tão linda coradinha

Venham ao Casal da Serra

Ó prima ó linda

Que até as silvas dão rosas

És tão linda coradinha

Quando o coração está triste

Ó prima ó linda

Logo os olhos dão sinais

És tão linda coradinha

Ó lindo Casal da Serra

Ó prima ó linda

Quem te agora passeasse

És tão linda coradinha

No alto daquela serra

Ó prima ó linda

Tem meu pai um castanheiro

És tão linda coradinha

Desde o cimo até ao fundo

Ó prima ó linda

E no meio se sentasse

És tão linda coradinha

Ó lindo Casal da Serra	Onde os rapazes se juntam
Ó prima ó linda	Ó prima ó linda
Ao lado tens um pinhal	Quando vão pr'ó arraial
És tão linda coradinha	És tão linda coradinha

Há um senhor que desafia o Ti António a ir cantar uma canção.

Ora vem comigo ó Celeste vem comigo  
Ora vem comigo regar o jardim  
Ai eu não me esqueço de ti ó Celeste  
Ai não te esqueças Celeste de mim

Ai eu sou filho de um pobre marinheiro  
E a minha casa são praias do mar  
E a minha cama é feita de rosas  
Eu durmo sozinho de noite ao luar

O senhor António disse que teve uma trombose havia muitos anos e que, depois disso toma um comprimido que lhe tira a memória. Ele sabia muitas músicas.

Ainda cantou outra música, um fado, Carmencita.

Chamava-se Carmencita  
Era a cigana mais bonita  
Do que um sonho ou uma visão  
Diziam que era a cigana  
Mais linda da caravana

Mas não tinha coração  
Diziam que era a cigana  
Mais linda da caravana  
Mas não tinha coração

E os afagos e carinhos  
Perdeu-se pelos caminhos  
Sem nunca os ter conhecido  
Anda buscando aventura  
Como quem anda à procura  
De um andarilho perdido  
Anda buscando aventura  
Como quem anda à procura  
De um andarilho perdido  
Numa noite de luar  
OuvIU-se galopar  
Dois cavalos fugindo  
Carmencita linda graça  
Renegando sua graça  
Foi atrás de um sonho lindo  
Carmencita linda graça  
Renegando sua graça  
Foi atrás de um sonho lindo

Ouve esta canção magoada  
Que envolve o pó da estrada  
Quando passa a caravana

Carmencita Carmencita

Se não fosse tão bonita

Seria sempre cigana

Carmencita Carmencita

Se não fosse tão bonita

Seria sempre cigana

A senhora Rosalina cantou sozinha uma canção que lhe tinha ensinado a sua bisavó e depois a sua mãe.

Um velhinho caminhava

Enquanto eu reparava

Onde o velhinho seguia

Segurava em sua mão

Uma varinha de um pau

E uma voz que assim dizia

Já não vejo como via

Não posso como eu podia

Já se foi a mocidade

Quando a velhice aparece

Aqui está o que acontece

A quem chega à minha idade

Coitado de quem é pobre

Que pede á porta de um nobre

Uma fatia de pão

Disse-lhe o rico repara

Bate-lhe a porta na cara

Tratando-o como um cão

Disse-me então o velhinho

Com a voz cheia de carinho

Nunca maltrates ninguém

Que a vida é um além vão

E de hoje para amanhã

Tu és velhinho também

Que a vida é um além vão

E de hoje para amanhã

Tu és velhinho também

Cantou depois, acompanhada pelos presentes, um fado que se chama Xaile de minha mãe.

O xaile de minha mãe	Diz meu filho com amor
Que me aqueceu com carinho	Nem um manto de rainha
O xaile de minha mãe	Diz meu filho com amor
Que me aqueceu com carinho	Nem um manto de rainha
Mais tarde serviu também	Para mim tem mais valor
Para agasalhar meu filhinho	Do que o xaile da avozinha
Mais tarde serviu também	Para mim tem mais valor
Para agasalhar meu filhinho	Do que o xaile da avozinha
Com suas franjas brincava	A ambição desmedida
Ou dormia docemente	Que a minha alma contém
Com suas franjas brincava	A ambição desmedida
Ou dormia docemente	Que a minha alma contém
Quando minha mãe cantava	Era vê-lo toda a vida
As canções de antigamente	Aos ombros de minha mãe
Quando minha mãe cantava	Era vê-lo toda a vida
As canções de antigamente	Aos ombros de minha mãe

Uma senhora canta também um fado que garante ser muito velhinho.

Quando eu comecei a amar-te	E agora vivo te amando
Eras tu uma criança	Ás escondidas chorando
Só em pensavas em brincar	Chamando por ti meu bem
Não te ligava importância	Ó minha cigarreira perfumada
A idade foi crescendo	Tão dedicada que até merece fitinha de ouro
O amor cresceu também	Ó minha cigarreira perfumada
E agora vivo te amando	Tão dedicada que até merece fitinha de ouro
Ás escondidas chorando	
Chamando por ti meu bem	Faz-me lembrar a minha pobre namorada

Vestido branco e cabelos loiros

Faz-me lembrar a minha pobre namorada

Vestido branco e cabelos loiros

O grupo referiu que cantavam esta canção enquanto andavam a trabalhar no campo, ou então quando se dançava numa roda.

Depois um senhor começou a dizer uns versos que tinha feito antes de ir para a tropa. Depois, cantou com uma música que tinham feito na tropa com um amigo acordeonista.

Foi no dia dezassete de Março

Que a minha terra deixei

Disse adeus aos meus amigos

À minha mana abracei

Eu então segui caminho

Sem nada disso faltar

E o caminho que eu segui

Foi para a vida militar



E o caminho que eu segui  
Foi para a vida militar

Logo que entrei no quartel	Rapazes da minha idade
Formei logo à direita	Rapazes da minha inspecção
Cortaram-me o meu cabelo	Livrai-vos de para aqui virdes
Foi a primeira desfeita	Que vindes para uma prisão
Cortaram-me o meu cabelo	Livrai-vos de para aqui virdes
Foi a primeira desfeita	Que vindes para uma prisão

Depois a senhora Carolina e o senhor João cantaram uma canção à desgarrada, começou a senhora e o senhor respondeu. Explicaram-nos que esta canção tinha sido feita para uma peça de teatro, há muitos anos atrás, no Casal da Serra.

E a ciência do amar	Eu sei que estás aí
Para amar é que aprendi	Tão bonita tão perfeita
Se me tens algum intento	Só te quero procurar
Fala-me que eu estou aqui	Se queres ser minha sujeita
Se me tens algum intento	Só te quero procurar
Fala-me que eu estou aqui	Se queres ser minha sujeita

Eu sujeita não sou  
Não és do meu pai contente  
Não quero ficar no mundo  
Desgraçada para sempre  
Não quero ficar no mundo  
Desgraçada para sempre

Desgraçada para sempre	Se seu pai está a dormir
Você não há-de ficar	Vamo-lo nós a acordar
Desgraçada para sempre	Se seu pai está a dormir
Você não há-de ficar	Vamo-lo nós a acordar
Se tiver alguma fama	Com testemunhas à frente
Ainda espero de lha tirar	Para falso não jurar
Se tiver alguma fama	Com testemunhas à frente
Ainda espero de lha tirar	Para falso não jurar

Eu a fama não a tenho	E o jurar ainda tem tempo
Mas ainda me pode vir	Até lá ao dar da mão
Eu a fama não a tenho	E o jurar ainda tem tempo
Mas ainda me pode vir	Até lá ao dar da mão
Fala mais devagarinho	Só lhes quero procurar
Que está meu pai a ouvir	Pela tua geração
Fala mais devagarinho	Só lhes quero procurar
Que está meu pai a ouvir	Pela tua geração

Minha geração é boa  
Nada tem que procurar  
Minha geração é boa  
Nada tem que procurar  
Sou de raça dos judeus  
Só por morte há-de acabar  
Sou de raça dos judeus  
Só por morte há-de acabar

O senhor José Esteves cantou uma canção sozinho.

Você não sei bem porquê	Eu sei eu sei bem porquê
Mas gosto de vê-la	Eu sei o motivo
Não sei não sei bem porquê	Eu sei eu sei bem porquê
Não posso esquecê-la	No seu ar altivo

Você finge que não vê	Você finge que não vê
Que não dá por tal	E que não me quer
Talvez um dia você	Porque um dia você
Venha a ter tormento igual	Gosta de outro qualquer

Você por desgraça  
Por mais que eu lhe faça não gosta de mim  
Você bem podia ser minha alegria  
Tanto e assim você me castiga  
Por mais que a persiga não mostra sinal  
Você sempre esquiva vaidosa e altiva  
Você não me quer

O senhor João começou a cantar uma canção.

Ó lua que vais tão alta  
Ó minha mãe minha amada  
Nascia o sol do poente  
Era já noite cerrada  
Nascia o sol no poente

Era já noite cerrada  
Rebinaque e rabanetes  
Tubarões e carapaus  
Fogo de vista foguetes  
E um cortejo de lacraus  
Fogo de vista foguetes  
E um cortejo de lacraus  
Os tempos vão muito maus  
Lá p'ros lados da cubalta  
P'ra morrer já pouco falta  
Eu já mandei ler a sina  
Toma lá penicilina  
E ó lua que vais tão alta  
Toma lá penicilina  
E ó lua que vais tão alta  
Rebinaque e rabanetes  
Tubarões e carapaus  
Fogo de vista foguetes  
E um cortejo de lacraus  
Fogo de vista foguetes  
E um cortejo de lacraus

No final as senhoras comentavam que esta canção era muito antiga.

Perguntámos então se teriam mais alguma canção que nos quisessem cantar. A resposta foi que tinham muitas mais, podendo estar a cantar até à meia noite.

Uma senhora começa a cantar uma melodia muito conhecida na Beira Baixa mas com uma letra diferente.

Ó luar da meia noite	Ó lindo Casal da Serra
Ó luar da meia noite	Ó lindo Casal da Serra
Alumia cá p'ra baixo	Lá onde tens um pinhal
Alumia cá p'ra baixo	Lá onde tens um pinhal
Eu perdi o meu amor	Onde os rapazes s'ajuntam
Eu perdi o meu amor	Onde os rapazes s'ajuntam
Às escuras não o acho	Para ir para o arraial
Alumia cá p'ra baixo	Para ir para o arraial

Depois as senhoras perguntaram-nos se conhecíamos a canção da Senhora da Orada, uma vez que tínhamos estado em S. Vicente. Embora faltando à verdade, respondemos que não pois queríamos ouvir se havia diferenças na melodia ou na letra desta canção.

Nossa senhora da Orada	Nossa senhora da Orada
A vossa capela cheira	Quem vos varreu o terreiro
Nossa senhora da Orada	Nossa senhora da Orada
A vossa capela cheira	Quem vos varreu o terreiro
Cheira a cravos cheira a rosas	Foi as moças do Casal
Cheira flor da laranjeira	Com um raminho de loureiro
Cheira a cravos cheira a rosas	Foi as moças do Casal
Cheira flor da laranjeira	Com um raminho de loureiro

Pedimos para nos cantarem o “Menino Jesus”

Alegrem-se os céus e a terra	Entraí pastores entraí
Cantemos com alegria	Por esse portal adentro
Alegrem-se os céus e a terra	Entraí pastores entraí
Cantemos com alegria	Por esse portal adentro
Que já nasceu o menino	Vinde adorar o menino
Filho da virgem Maria	No seu santo nascimento
Que já nasceu o menino	Vinde adorar o menino
Filho da virgem Maria	No seu santo nascimento

Alegrem-se os céus e a terra  
Cantemos com alegria  
Alegrem-se os céus e a terra  
Cantemos com alegria  
Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria  
Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria

A senhora Carolina cantou a canção

Natal Natal Natal Natal  
Filhós com vinho não fazem mal  
Natal Natal Natal Natal  
Café com leite não há igual

Natal Natal terra legal  
Filhós com vinho não fazem mal

Perguntámos se cantavam o “Aleluia” e responderam afirmativamente começando de imediato a cantar.

Aleluia aleluia

Aleluia aleluia

Aleluia aleluia

Aleluia aleluia

Ressuscitou como disse

Aleluia aleluia

Aleluia aleluia

Aleluia aleluia

Aleluia aleluia

Alegrai-vos virgem Maria

Aleluia aleluia

Aleluia aleluia

Aleluia aleluia

Aleluia aleluia

Levantei-me de madrugada

Eu pedi-lhe uma folhinha

A varrer o meu balcão

Ela disse-me que não

Encontrei Nossa Senhora

Eu tornei-lhe a pedir

Com um raminho de ouro na mão

E ela deu-me o seu cordão

Aleluia aleluia

Aleluia aleluia

Aleluia aleluia

Aleluia aleluia

A senhora Rosalina canta uma canção

Ó mulher eu compro-te uma saia

Ó mulher eu compro-te uma saia

Isso não maridinho isso não maridinho

Que eu não sou mulher de praia

Compra-me um litro de vinho

Água fria faz mal isso sim maridinho

Água fria faz mal isso sim maridinho

Ó mulher eu compro-te umas meias

Ó mulher eu compro-te umas meias

Isso não maridinho isso não maridinho

Que eu não tenho as pernas feias

Compra-me um litro de vinho

Água fria faz mal isso sim maridinho

Água fria faz mal isso sim maridinho

Ó mulher eu compro-te um burrinho

Ó mulher eu compro-te um burrinho

Isso sim maridinho isso sim maridinho

Para andar a cavalinho



Mas compra-me um litro de vinho  
Água fria faz mal isso sim maridinho  
Água fria faz mal isso sim maridinho

Depois a senhora Rosalina disse que ia cantar uma canção com uns versos inventados por ela.

O refrão é cantado por todos, por isso a melodia é conhecida.

Meninas amai o coxo  
Que o coxo também se ama  
Pois dá muito gosto vê-lo  
Ir aos saltinhos p'ra cama

Ai ai ai ai  
Olha o cheiro que a rosa tem  
Ai ai ai ai  
Vem à janela donzela vem vem  
Ai ai ai ai  
Olha o cheiro que a rosa tem  
Ai ai ai ai  
Vem à janela donzela vem vem

Atirei com o meu martelo  
Para dentro do convento  
Ai como as freiras brincavam  
Com o meu martelo lá dentro

Ai ai ai ai

Olha o cheiro que a rosa tem

Ai ai ai ai

Vem à janela donzela vem vem

Ai ai ai ai

Olha o cheiro que a rosa tem

Ai ai ai ai

Vem à janela donzela vem vem

Minha avó ia mijar

Para debaixo da ramada

Ai como a gente se ria

Com os traques que a velha dava

Ai ai ai ai

Olha o cheiro que a rosa tem

Ai ai ai ai

Vem à janela donzela vem vem

Ai ai ai ai

Olha o cheiro que a rosa tem

Ai ai ai ai

Vem à janela donzela vem vem

O meu pai quando me fez

Minha mãe não estava quieta

(ai ai ai que bom!)

Por isso é que me chamam

Rosalina levada da breca

Ai ai ai ai

Olha o cheiro que a rosa tem

Ai ai ai ai

Vem à janela donzela vem vem

Ai ai ai ai

Olha o cheiro que a rosa tem

Ai ai ai ai

Vem à janela donzela vem vem

Depois cantam uma canção com uma dança. Um homem e uma mulher cantam à desgarrada e no fim chocam com as cabeças, imitando o gesto de marrar.

Ó Margarida moleira

Ó minha cara safada

Ó Margarida moleira

Ó minha cara safada

Vai levar a roupa ao dono

Que a trazes emprestada

Vai levar a roupa ao dono

Que a trazes emprestada

Se a trago emprestada

Não tenho nada que é teu

Se a trago emprestada

Não tenho nada que é teu

Tenho muito gosto nela

Foi o meu pai que me a deu

Tenho muito gosto nela

Foi o meu pai que me a deu

Pum pum minha Margarida  
Pum pum minha prenda amada  
Pum pum minha Margarida  
Pum pum minha prenda amada  
Pum pum já te paguei tudo  
Pum pum não te devo nada  
Pum pum já te paguei tudo  
Pum pum não te devo nada

Semeei no meu quintal  
Uma semente de repolho  
Semeei no meu quintal  
Uma semente de repolho  
Nasceu-me lá um careca  
Com uma batata no olho  
Nasceu-me lá um careca  
Com uma batata no olho

Pum pum minha Margarida  
Pum pum minha prenda amada  
Pum pum minha Margarida  
Pum pum minha prenda amada  
Pum pum já te paguei tudo  
Pum pum não te devo nada  
Pum pum já te paguei tudo  
Pum pum não te devo nada

## **Anexo 8 - Reprodução em texto da entrevista realizada no Louriçal do Campo no dia 7 de Novembro de 2007.**

Os intervenientes na entrevista são o investigador (Mig.) e duas senhoras (M1 e M2).

Mig.- Então vamos lá começar, isto está a gravar e vamos conversar e a gente esquece-se disto, está bem?

M1- Vamos conversando.

Mig.- Como me disseram era para ser mais gente mas como andam à azeitona...

M2- Há muita gente a trabalhar.

Mig.- mas ainda há muita gente que conhece assim músicas no Louriçal?

M2- Músicas músicas...

M1- Esta como foi aqui criada de pequenina é capaz de...

Mig.- A senhora como é que se chama?

M2- Maria da Conceição Nunes.

Mig.- E tem que idade? Eu sei que não se pergunta a idade a uma senhora mas como isto é para um estudo...

M2- Setenta e oito.

Mig.- E sempre morou cá no Louriçal?

M2- Ai sou filha cá do Louriçal, sou filha mesmo de cá. Nascida, criada, baptizada, casada tudo. E já estou casada há 53 anos.

Mig.- E a senhora?

Senhora 1-Eu sou do Sobral do Campo. Estou aqui há 41 ano.

Mig.- É como se já fosse filha do Louriçal. E tem que idade?

Senhora 1- 79.

Mig.- E chama-se?

M1- Maria José Manuel. Manuel é do marido, pois ele era Joaquim Manuel e puseram-me Manuel quando me casei.

Mig.- Ai é? E o nome de família era o como?

M1- Bernardino.

Mig.- Maria José Bernardino.

M1- O meu pai era José Bernardino e a minha mãe era Rosália Teodoro, nascidos e criados no Sobral.

Mig.- Então a senhora ficou com que nome?

M1- Manuel porque no registo só ficou Maria José. Antigamente os nomes eram registados pelo regedor e perguntava: “Como é que se chama a menina?” “Maria José” e ficava Maria José.

Mig.- Mas também não havia computadores, não havia televisão...

M2- Não havia nada, nem rádio.

Mig.- Então como é que as pessoas se divertiam?

M1- A cantar!

M2- Às vezes havia um moço que vinha e tocava uma flauta, assim pequenino, um realejo. Às vezes nos domingos juntávamo-nos no largo da lomba lá em cima, e havia esta casa grande que tinha sete criadas, e depois cada uma tinha o seu serviço, quando acabavam de fazer o serviço iam uma e outra e juntava-se ali um grupo mas bom. Isto no meu tempo de cachopa.

Mig.- Cachopa de que idade?

M2- Os meus 15, 16 anos. Eu era uma cachopa e elas já eram umas mulheres. Mas os domingos custavam muito a chegar, agora até já são demais. Domingo era para a gente se divertir. Começávamos à roda, umas com as outras, da bem não aparecia o realejo, começavam a tocar e dançava-se até que o tocador... Faziam-se rodas grandes, a pontos de se fazer uma roda ali outra já ao pé dos correios, outra para o S. Sebastião, havia muita gente...

Mig.- E cantavam também?

M2- Cantavam as cantigas, era a do “Salta o paspalhão para o meio”.

Mig.- E como é que era essa música?

M2-

Salta o paspalhão para o meio

Salta o paspalhão para o meio

Duas voltas quero dar

Duas voltas quero dar

M2- E mais, agora não sei mais. E também.

Esta rua tem pedrinhas	Alargai-vos raparigas
Quero as mandar tirar	Que o terreiro é estreito
Esta rua tem pedrinhas	Alargai-vos raparigas
Quero as mandar tirar	Que o terreiro é estreito
Com biquinhos de alfinete	Quero dar duas voltinhas
Para o meu amor passear	Quero dá-las a meu jeito
Com biquinhos de alfinete	Quero dar duas voltinhas
Para o meu amor passear	Quero dá-las a meu jeito

M2- Isto era assim.

Mig.- Mas esta fazia parte do “Salta o paspalhão para o meio”?

M1- É mais ou menos. Alargai-vos e a roda alargava.

M2- Juntavam-se quando se dizia que o terreiro é estreito e agarrava-se um ao outro e davam duas voltinhas.

M1- Ai tantas cantigas que a gente cantava...

Mig.- E mais e mais?

M2-

Ai de mim tanta laranja, tanta silva tanta amora  
Ai de mim tanta laranja, tanta silva tanta amora  
Tanta menina bonita e o meu pai sem uma nora  
Tanta menina bonita e o meu pai sem uma nora

Mig.- Isso era um rapaz que cantava?

M2- Todos, todos.

M1- E havia aquela.

Ó que pinheiro tão alto  
Quem há-de colher as pinhas  
É a menina (fulana de tal)  
Que se chama Mariquinhas  
Mariquinhas como passou  
Olá como tem passado.  
(agarravam-se e depois)  
Eu passo bem e você  
E você muito obrigado

M1- Havia assim muitas cantigas que a gente cantava...

Mig.- Cante lá esta outra vez!

M1- inventavam-se assim cânticos. E tem outra que é assim.

Dá cá um beijinho  
Dois é conta certa  
Dá-me cá mais outro  
Ora aperta aperta  
Mas bem apertado  
Na folha da rosa  
Na raiz do cravo  
Ora aperta aperta  
Mas bem apertado  
Na folha da rosa  
Na raiz do cravo



Mig.- Estas eram cantigas de roda?

M1- De roda, de roda.

M2- Havia também quando era assim, isto era na quaresma, havia o Raminho, o Anel, o Caqueiro, mas isso era tudo em volta assim às ruas.

Mig.- Mas era na quaresma?

M1- Era o Jogo da Bola.

M2- Isto era nos domingos só, durante a semana não havia vagar.

Mig.- E então durante a quaresma podiam cantar estas músicas?

M1 e M2- Não não!

M2- Jogavam ao Raminho e ao Anel.

Mig.- Pois na quaresma fazia-se isto porque não se podia cantar.

M2- Agora cantam tudo.

M1- Era uma roda e depois sentados, Ó Lourenço Lourenço aqui fica o lenço. Quer dizer andavam à volta e depois deixavam ficar o lenço atrás de um, andava um à volta a cantar e os outros a ver onde deixava o lenço, se ela lá chegava e o lenço ainda lá estava batia-lhe. E jogavam também ao Caqueiro, andavam assim com um cântaro e atiravam para trás.

M2- Deitavam-lhe uma pinha a arder...Era uma roda, era uma bicha, corriam as ruas, uma deitava a uma a outra apulava e deitava para a outra e depois conforme se deitava ia-se indo para a frente. Mas a gente dava volta às ruas sem deixar cair o cântaro. Aquela que deixasse cair o cântaro levava malha.

M1- Tinha que por outro. Tinha que ir a ver de outro.

M2- Algumas mais velhas já eram afinadas e arranjavam um de lata. Mesmo que caísse não se partia.

Mig.- E então assim na altura do Carnaval cantavam algumas músicas?

M2- No Carnaval era isto, era assim.

Mig.- E o Entrudo, não cantavam o Entrudo aqui?

M2- Choravam o Entrudo choravam. Uma vez ainda eu era garota, o Ti Jaquim Rato, o pai da Antónia, uma vez era assim com a bebedeira,

“Eu sou Jaquim Rato

A minha mulher é Rata Maria  
Os meus filhos são todos Ratos  
E eu sou o pai da Rataria”

E cantavam assim:

É verdade ou não companheiro?  
É verdade é verdade é verdade.

Mas lá longe, lá longe.

M1- O meu homem uma vez tinha um burro e o burro deu-lhe um coice na boca e partiu-lhe um dente. Eu não estava cá porque quando me casei com o meu marido ele tinha 62 e eu 38, mas eu ouvia contar as coisas porque também lhe choravam o Entrudo a dizer que ele tinha um burro que era dentista...

M2- “Olha lá Joaquim Manel então tu não te envergonhas de teres um burro dentista? Não te envergonhas!

Mig.- Mas cantavam. Como é que era a música?

M2- Eu já não sei...

M1- No Sobral cantavam mesmo, mas eu já não sei assim inventar nada...

“Ai camarada regalada e viva...” e depois contavam o que se tinha passado, e depois perguntavam “É verdade ou não companheiro?” “É verdade, é verdade, é verdade.”

M2- E aqui qualquer coisinha eles apanhavam tudo. Qualquer coisinha que acontecesse, mesmo quando era pelas matações, que dantes criavam o porquinho e faziam as matações, qualquer coisa que fizessem aquilo tinha que sair pelo Entrudo. Mas ninguém sabia só eles que andavam na festa é que sabiam o que ia a acontecer. “Vê lá tu até querias comer as patas do animal!” Tiravam-lhe as unhas e metiam para os bolsos de cada um. “Tu deixastes dar um coice ao porquinho, deu-te um beijo, deu-te um abraço, que grande abraço!”, era assim eram coisas assim.

Mig.- Isso era no Carnaval mas cantavam as Janeiras?

M1- Cantavam.

Mig.- E lembram-se como eram?

M2- As Janeiras cantavam, como é que era Maria?

M1-

Ainda agora aqui cheguei

Já pus o pé na escada

Logo o meu coração disse

Aqui mora gente honrada

Logo o meu coração disse

Aqui mora gente honrada

Aquela relvinha que o vento gelou

A virgem Maria que ela passou

Deveras à nascença que já deu à luz

Já nasceu em Belém o menino Jesus

Deveras à nascença que já deu à luz

Já nasceu em Belém o menino Jesus

Levante-se senhor João

Desse banquinho de prata

Venha-nos dar as janeiras

Que está um frio que mata

Venha-nos dar as janeiras

Que está um frio que mata

Deveras à nascença que já deu à luz

Já nasceu em Belém o menino Jesus

Deveras à nascença que já é nascido  
Já nasceu em Belém o menino querido

Levante-se minha senhora  
Desse banco de cortiça  
Venha-nos dar as Janeiras  
Ou morcela ou chouriça  
Venha-nos dar as Janeiras  
Ou morcela ou chouriça

Deveras à nascença que já deu à luz  
Já nasceu em Belém o menino Jesus  
Deveras à nascença que já é nascido  
Já nasceu em Belém o menino querido

M1- Cantavam assim muitas coisas.

M2- A noite dava para essas coisas todas. E não havia televisões, não havia nada de barulhos, nada e a gente podia sair à noite, tudo sossegadinho, toda a gente ouvia. Agora não, mesmo que se sáisse não ouvem nada porque estão nas televisões, estão nos cafés até altas horas não é. Mesmo o encomendar das almas e assim nunca mais se ouviu...

M1- E nas Janeiras se não lhe davam nada. Se lhe davam agradeciam, mas se não...

Talinc'o martelo  
E torna a talincar  
O barbas de farelo  
Não tem nada p'ra nos dar.

M2- Mas sempre davam, agora mesmo se fôssemos não davam nada. Ainda fomos ao Casal e à Soalheira a cantar as Janeiras e a encomendar as almas.

M1- Mas as almas era na Quaresma, mas era à noite, não havia luz, não havia nada, as mulheres embrulhavam-se com os coisos ninguém as conhecia. Hoje anda tudo nas ruas.

Mig.- E sabem cantar ainda a Encomendação das Almas.

M1e M2-

Ó almas que estais dormindo

Nesse sono tão profundo

Rezemos um padre nosso

P'las almas do outro mundo

P'las almas do outro mundo

M2- E depois tocava-se uma campainha e rezava-se um pai nosso pelas alminhas do outro mundo. E há outra que é.

Ó almas que estais dormindo

Nesse sono em auditório

Rezemos um padre nosso

P'las almas do purgatório

P'las almas do purgatório

Ó almas que estais dormindo

Nesse sono em que estais

Rezemos um padre nosso

P'la alma dos nossos pais

P'la alma dos nossos pais

Mig.- Mas como é que era aquela do auditório?

M2- Era o que diziam era para dar com purgatório.

M1- Nós no Sobral era um bocadinho diferente, nós na semana santa cantávamos os Martírios.

Mig.- E aqui não cantavam os Martírios?

M2- Também cantavam. Mas cantavam no campanário da torre da igreja.

Mig.- E como é que eram os Martírios?

M2- Isso é que eu não sei porque nunca os cheguei a aprender. Isto era a minha mãe e da idade da minha mãe. Eu queria ir com elas mas elas não deixavam ir as garotas era só as mulheres.

Mig.- Já não se fazem hoje em dia?

M2- Já não se fazem nada destas coisas na rua.

M1- Nós na igreja ainda cantamos os versos da via sacra mas na rua já não.

M2- É por isto, está tudo metido nos cafés e nas televisões. E mesmo que se fizesse alguma coisa... E isto do encomendar das almas é só nas encruzilhadas das ruas, por exemplo cantava-se aqui no largo da fonte e depois ia-se ao mercado ali à frente.

M1- Nós no Sobral começávamos na santa cruz, não sei se conhece o Sobral, um grupo só, juntava-se ali e como estava tudo em silêncio ouvia-se tudo e quando acabávamos outro grupo noutro lado começava e a gente ouvia-os. Não andávamos pelas ruas era só num sítio. Mas eu já não me lembro já estou muito esquecida.

M2- Aquilo era bonito e além de ser bonito era sossegadinho e era uma coisa que as pessoas gostavam. Gostavam de acordar e até rezavam. Mas ouvia-se, a noite estava serena. Mas também havia homens, também cantavam homens.

Mig.- E a aleluia, cantavam aqui a aleluia também?

M1- Isso era as Alvissas.

Mig.- Então e como era.

M2-

Levante-se senhor prior	Aleluia aleluia aleluia aleluia
Que já dá o sol no adro	Levante-se senhor prior
Levante-se senhor prior	Que já dá o sol na cruz
Que já dá o sol no adro	Levante-se senhor prior
Venha a dar as boas festas	Que já dá o sol na cruz
À senhora do Rosário	Venha a dar as boas festas
Venha a dar as boas festas	Ao coração de Jesus
À senhora do Rosário	Venha a dar as boas festas
Aleluia aleluia aleluia aleluia	Ao coração de Jesus

Aleluia aleluia aleluia aleluia

Aleluia aleluia aleluia aleluia

M1- Mas cantavam também a pessoas, só que diziam o nome das pessoas.

M2- E as pessoas davam as amêndoas.

M1- Aqui davam 2 escudos, ali 20, ali 10...

Mig.- E depois dividiam?

M1- Fazia-se assim, “Vamos cantar as Janeiras mas é para isto.”

M2- Uma vez tivemos cá um rancho e íamos a cantar as Janeiras para receber dinheiro para o rancho.

Mig.- E os santos populares aqui, cantavam alguma coisa?

M2- Isso tudo morreu aqui, tudo morreu. Mas acendiam as fogueiras e cantavam.

São João subiu ao céu

Ó ai sozinho sem mais ninguém

São João subiu ao céu

Ó ai sozinho sem mais ninguém

Ai numa mão levava o cálice

Ai na outra Jesus meu bem

Ai numa mão levava o cálice

Ai na outra Jesus meu bem

São João ao ver as moças

Ó ai fez uma fonte de prata

São João ao ver as moças

Ó ai fez uma fonte de prata

Ai as moças não vão a ela

Ai São João todo se mata

Ai as moças não vão a ela

Ai São João todo se mata

São João ao ver as moças

Ó ai fez uma fonte de cortiça

São João ao ver as moças

Ó ai fez uma fonte de cortiça

Ai as moças não vão a elas

Ai São João todo s'arriça

Ai as moças não vão a elas

Ai São João todo s'arriça

Se fores ao S. João de Braga

Ó ai traz-me um São Joãozinho

Se fores ao S. João de Braga

Ó ai traz-me um São Joãozinho

Ai se não puderes com um grande

Ai se não puderes com um grande

Ai traz-me lá um pequenino

Ai traz-me lá um pequenino

M2- Eram coisas assim inventadas que já vinham dos nossos antepassados. Ai uma vez bati com os chavelhos noutro. Porque fez fumo um saltou de um lado outro saltou de outro... ai que grande trapaça. E ficou tudo bem. Se fosse com a ala a gente podia-se queimar, mas com o fumo não se via e esbarrámos... mas tudo se passou.

M1- Esta é do Louriçal

Mig.- Essa é o quê?

M2- Minha terra é uma aldeia.

Mig.- É feito por quem?

M1- Isto já foi feito pelo Arlindo de Carvalho, não foi?

M2- Não, foi pelo senhor Pardal. Um senhor que esteve no colégio de S.Fiel.

Mig.- E há quantos anos mais ou menos?

M2- Ui! Isso já há muitos anos, há muitos anos.

M1- Era eu pequenita que fizeram um cortejo em Castelo Branco, já não sei para que era, era eu pequena.

M2- Já há muitos anos.

Mig.- É a marcha do Louriçal, é assim que se chama?

M2- Tem aqui mesmo “Marcha do Louriçal”.

Mig.- E então como é que é?

Minha terra é uma aldeia

Tão activa tão airosa

É um regalo cantar

Neste grupo popular

Fica um botão de rosa

Serra da Gardunha

Não há na Beira igual



O teu nome está ligado  
Ao povo do Louriçal  
Em teu regaço  
Junto ao meu coração  
Fica Louriçal do Campo  
Abençoadinho torrão  
As belezas naturais  
Que o nosso povo encerra  
Tem perfumes nos pinhais  
Onde cantam os pardais  
Belezas da nossa terra  
Serra da Gardunha  
Não há na Beira igual  
O teu nome está ligado  
Ao povo do Louriçal  
Em teu regaço  
Junto ao meu coração  
Fica Louriçal do Campo  
Abençoadinho torrão  
Louriçal entre as colinas  
É da serra entre as neblinas  
Dá-lhe graças peregrinas  
As águas do rio Ocreza  
Serra da Gardunha  
Não há na Beira igual  
O teu nome está ligado  
Ao povo do Louriçal

Em teu regaço  
Junto ao meu coração  
Fica Louriçal do Campo  
Abençoadinho torrão  
Tão pequenino e gentil  
Cabe na palma da mão  
Louriçal de encantos mil  
Se um dia for ao Brasil  
Cabe no meu coração  
Serra da Gardunha  
Não há na Beira igual  
O teu nome está ligado  
Ao povo do Louriçal  
Em teu regaço  
Junto ao meu coração  
Fica Louriçal do Campo  
Abençoadinho torrão

Mig.- Que engraçado. Isso é o hino?

M2- É uma marcha.

M1- Nós temos mesmo o hino do Louriçal que foi feito pelo Emanuel.

Mig.- Ai é?

M1- Há Cds, foi lançado agora na festa de S. Fiel, só que eu não comprei nenhum porque não tenho onde o ouvir. Mas é bonito o hino mesmo que o Emanuel fez.

M2- Nós não comprámos nenhum.

Mig.- E o que é que tem mais aí?

M1- Isto era do rancho.

Mig.- E eram de cá?

M1- Pim pim ao redor.

Mig.- E como é então?

Pim pim ao redor

Meu bem como o sol

Canta o pintassilgo

Baila o rouxinol

Pim pim ao redor

Meu bem como o sol

Canta o pintassilgo

Baila o rouxinol

Igreja do Louriçal ó ai

Caiadinha até ao chão

Igreja do Louriçal ó ai

Caiadinha até ao chão

Por causa das raparigas ó ai

É que os rapazes lá vão

Pim pim ao redor

Meu bem como o sol

Canta o pintassilgo

Baila o rouxinol

Pim pim ao redor

Meu bem como o sol

Canta o pintassilgo

Baila o rouxinol

Adeus lindo Louriçal ó ai

Estás formado num cabeçaço

Adeus lindo Louriçal ó ai  
Estás formado num cabeça  
Tens rapazes como a lua ó ai  
Raparigas de alto preço  
Pim pim ao redor  
Meu bem como o sol  
Canta o pintassilgo  
Baila o rouxinol  
Pim pim ao redor  
Meu bem como o sol  
Canta o pintassilgo  
Baila o rouxinol  
Adeus lindo Louriçal ó ai  
Logo aqui à entrada  
Adeus lindo Louriçal ó ai  
Logo aqui à entrada  
Tens uma roseira branca ó ai  
Ao pé de outra encarnada  
Pim pim ao redor  
Meu bem como o sol  
Canta o pintassilgo  
Baila o rouxinol  
Pim pim ao redor  
Meu bem como o sol  
Canta o pintassilgo  
Baila o rouxinol

Mig.- E sabe-se quem é que fez esta ou não se sabe?

M2- Isto é tudo do senhor Pardal.

Mig.- E esse senhor viveu cá no Louriçal? Ou era de cá?

M2- Não ele não era de cá, mas era professor no colégio de S. Fiel e era solteiro e então fazia músicas. Ele também era muito sabido.

Mig.- E então aí pelos campos também se cantava muito?

M2- Isso cantava, cantavam-se muitas cantigas.

Mig.- Por exemplo agora nesta altura da azeitona o que é que cantavam.

M2- No tempo da azeitona, nós íamos para lá, eu sei lá eu sei lá o que a gente cantava, eu sei lá. Cada uma dizia sua coisa e depois metiam, aquilo eram homens e mulheres, eles cantavam das oliveiras e nós cantávamos cá de baixo, ao desafio uns com os outros. Mas havia-os lá que sabiam muito bem pegar na cantiga e seguir. Enquadrá-las, a gente começava e eles enquadravam, até a gente se enfadar.

Mig.- Cantavam ao desafio?

M2- Ao desafio, era ao desafio.

Mig.- Ainda sabem cantar alguma música dessas?

M2- Só lembrando-nos, assim...

M1- Eu ouvia muitas vezes assim quando eram os homens que por lá andavam. Como é que era aquela, dizia-se as mulheres já estão no rabo, quer dizer que já tinham muito para apanhar. Gritavam lá das oliveiras os homens “-Ó João! – Quei! – Dá cá um podão! – P’ra quei?

- P’ra matar aqueles que além vão! – Ei!”. E às vezes andavam uns grupos de uns lados e outros dos outros e depois respondiam, também do coisa. As cabeças, das memórias já passaram.

M2- Olhó cambão!

M1- E aquela da gente oferecer os ramos a pessoas que passavam na estrada, que a gente andava ao pé da estrada.

M2- Tome lá este raminho cheio de alegria todos deram votos para entregar a V. Senhoria. Às vezes a gente encontrava assim, bem és capaz de me dar assim alguma má resposta, mas não. “À mas eu agora não tenho cá nada, não tenho cá nada...” Mas lá iam dando. Depois juntava-se esse dinheiro e ao fim da feia faziam uma ceia. Era assim.

Mig.- Fantástico. E nas vindimas também cantavam aqui?

M2- Não aqui fazia-se pouco as vindimas. As vindimas aqui eram muito pequenas e cada uma fazia para si. As maiores era aqui a casa grande, era o senhor Campos dantes, metiam assim pessoal, mas eu assim aí nunca fui.

Mig.- E na rega, por exemplo?

M2- Também não, também não, também não. A gente temos as nossas hortitas, cada um tem sua hortinha...

Mig.- E então nas desfolhadas, nas descamisas ?

M2- Às vezes havia assim essas descamisas, na desfolhada pois.

M1- Mas também era assim, essas coisas que a gente já não se lembra.

M2-Bom eu também não ia porque a minha mãe não deixava.

M1-Eu fui a algumas mas não, a memória já não... Só me lembro era de quando arranjavam uma maçaroca, chamavam-lhe “milho rei”. Aquela maçaroca vermelha. Tinha que se dar um abraço a todos, era cachopos e cachopas.

M2- Naquela altura nem a gente se podia chegar ao pé de um rapaz. Oh valha-nos Deus! E era por isso que a minha mãe nunca nos deixava ir. Pelo menos a mim, a minha mãe andava a servir. Em casa, dizia-se que há melhor andar do que em casa estar. E eu tinha que estar lá. Não há melhor andar do que é em casa estar e então não me deixava ir. Ao fim da desfolhada havia bailarico, não era, e então ela não me deixava ir. Nunca me deixou.

Mig.- E Natal o que é que se cantava aqui?

M1- O Menino Jesus.

M2- Era o menino Jesus.

Mig.- E como era.

M1- Então os rapazes quando fazem o madeiro, bom ainda antes do Natal começam logo a andar aí a cantar o menino Jesus.

M2- Quando andam a arranjar o madeiro já andam, aquilo é até de manhã.

M1- Fazem mais barulho do que aquilo que eles valem.

M2- É é, fazem muito barulho. Cá é o menino Jesus, o que eles cantam na igreja é o que se canta cá fora.

M1- Mas eles cantavam muito assim.

Natal Natal

Filhós com vinho não fazem mal

M1- Cantavam muito isso.

M2- E outros coitados nem sabiam, era só Natal Natal Natal Natal. Já não há natais como havia dantes.

Mig.- Pois, isto está tudo mudado.

M2- Agora o senhor professor não pode tirar muita coisa daqui.

Mig.- Então não posso, já tirámos aqui algumas músicas. Pensei que pudessem haver ainda algumas da rega.

M2- Não aqui não.

M1- Cantava-se muito aquelas coisas da “Oliveira da serra”, essas coisas mais populares.

M2- o “milho verde milho verde”.

M1- Mas isso já são cânticos de canções e isso tudo.

Mig.- E aqui o S. Fiel não tinha nenhuma música?

M1- Tem, tem o hino de S. Fiel.

Mig.- Tem aí o hino?

M1- Não.

Mig.- Não o sabem cantar?

M1- Assim de cor não sabemos.

M2- À entrada do colégio

Cheira a uma pêra madura

É o mártir S. Fiel deitado na sepultura.

M1- A gente temos mas é o hino, o hino de S. Fiel.

Mig.- E isso foi feito, sabem por quem foi feito?

M1- Não sei.

Mig.- E cantava-se quando, em que altura?

M2- Na festa, é só na festa de S. Fiel. A Banda... ( e começam a trautear)

M1- Só lendo.

Mig.- Não eu só queria ter a ideia de como é.

M1- Também há o hino de S. António.

Mig.- E como é que é?

M1- Também só lendo.

M2- A gente... é muita coisa e a memória também já falha.

Mig.- E esses hinos ao S. António e ao S. Fiel foram feitos por pessoas aqui da terra?

M1- Não, não. É nacional, é internacional até S. António morreu em Pádua não é?

Mig.- Então o que têm escrito são edições.

M1- O S. Fiel é que é mesmo daqui. Foi aqui que fizeram, não sei quem que fez o hino.

M2- Quem estava no colégio...

M1- Isso ainda foi feito pelos padres jesuítas, porque o S. Fiel veio para cá porque foram os padres jesuítas que o pediram.

M2- Ele era mártir, era mártir. O que cá temos é mesmo os ossos.

M1- Frei Agostinho da Anunciação, Frei Agostinho da Anunciação, foi quem trouxe para cá os restos, o corpo vá, ou sendo as ossadas, que vieram para cá de Roma. Queriam um santo mártir e então lá de Roma mandaram,

M2- Por isso o colégio ficou o Colégio de S. Fiel.

M1- Pois, e então como ele não tinha nome, estava nas catatumbas (catacumbas) e como não tinha nome, puseram-lhe Fiel, fiel, S. Fiel.

M2- Foi fiel à pátria ele morreu degolado, quer dizer tem um golpe assim. As ossadas está tudo, quer dizer, tem cera.

M1- Isso, se quiser algum dia assim fazer alguma coisa sobre o S. Fiel eu tenho uns papéis feitos por um padre. Fizeram um apanhado.

Mig.- O colégio tem muitos anos não tem?

M2- Tem tem, isto foi só na implantação da república que incorreram de cá os padres e assim.



M1- Depois é que eles abalaram de cá depois da implantação da república é que eles os puseram de cá para fora. Porque isto tem muitos muitos anos antes disso.

M2- Tanto que a Tapada da Renda, onde estão agora os rapazes, era de freiras e a madre, a madre que era a superiora, era madrinha da minha mãe da crisma. A minha mãe tinha sete anos e fugia para lá porque nós temos a horta perto, pega mesmo.

M1- Mas a vida dessa freira era uma vida muito bonita.

M2- Aqui quando incorreram com os senhores padres elas também fugiram.

Mig.- Ai foi?

M2- Também, também fugiram.

M1- A madre Rita de Jesus. As casas dela, quase todas são, Jesus Maria José.

M2- E ela morreu, ela morreu ainda nova, ela tinha quê, sessenta e cinco anos.

M1- Sim. Porque quando as puseram daqui para fora, ela foi para a terra dela que é Mendinho ou ...

M2- Mendinho, Mendinho.

M1- E da primeira vez ela ainda mandou depois, não sei se dez freiras para o Brasil. Antigamente que iam nestes barquinhos pequenos à vela. Mandou para lá parece-me que dez freiras. Depois ainda mandou mais outro grupo, mas ela já não conseguiu ir porque apanhou uma doença e morreu. Mas foi do Brasil que depois partiram todos os outros colégios que ela tem. Porque ela tem colégios em todos os lados, no estrangeiro.

Mig.- Santa Maria de Jesus não é?

M1- Não, a madre Rita de Jesus.

Mig.- Exactamente.

M1- Madre Rita de Jesus foi beatificada o ano passado em Viseu, que fomos lá à beatificação dela, tem lá também um colégio, tem em Fátima, tem em Coimbra, tem em várias cidades e mesmo de coiso, de estrangeiro.

Mig.- E aqui o colégio sempre foi uma referência.

M1- No colégio de S. Fiel estudaram lá grandes, mas muito grandes políticos. Eu estive ali numa casa em Castelo Branco em que os avós, que era D. João Franco, foi um dos grandes políticos de muito antes da implantação da república, e estudou aqui, estudou aqui no colégio de S. Fiel.

Mig.- Até era engraçado fazer aqui um trabalho sobre o colégio.

M1- Eu tenho uma sobrinha que tinha, conhecia um senhor que tinha um livro que ele fez sobre o colégio de S. Fiel. Mas não sei se ela o tem, ela vive em Lisboa, não sei se ela tem contacto com esse senhor, se não. Mas ele tinha um livro feito do antigo mesmo, do principio do colégio de S. Fiel.

M2- E a S. Fiel vinha assim muita gente do Sobral, da Partida à missa aqui a S. Fiel.

M1- Vinham à missa aqui a S. Fiel, porque antigamente também não havia padres, e então aqui como havia muitos que eram os jesuítas que estavam ali... a minha mãe vinha do Sobral aqui à missa ao Domingo.

M2- E daquelas aldeias dalém vinha muita gente à missa.

M1- Aos Domingos lá se alevantavam e sabiam a que horas era a missa e vinham aqui à missa, porque também não havia padres.

Mig.- Pois porque tinham cá o mártir não é?

M1- Não, nessa altura não tinham cá o mártir S. Fiel, acho que era só o colégio dos jesuítas, depois Frei Agostinho da Anunciação é que trouxe para cá o S. Fiel.

M2- Esse Frei Agostinho da Anunciação era daqui. Tanto que a casa do Manel foi onde ele nasceu.

M1- A que já desmancharam.

Mig.- Então em acabando a azeitona eu se calhar volto cá, pode ser?

M2- Depois logo se vê se há pessoas que se lembrem de mais alguma coisa. A gente já está caduca.

M1- E pessoas mais antigas que se lembrem dessas coisas já não há. Como eu disse ao senhor, eu não sou de cá, estou aqui há quarenta e um ano.

M2- És mais de cá do que és da tua terra.

M1- Sim, sou porque também lá estive pouco tempo. Eu parti de lá aos onze anos e praticamente ia lá nas festas e ainda era quando ia.

Mig.- As pessoas são de onde estão.

M2- É verdade .

Mig.- Eu agradeço-lhes muito.

M1- Agora que eu me lembro aquela minha professora era a Dona Emília.

## **Anexo 9 - Transcrição da entrevista ao senhor António Caféde e ao senhor Francisco da Costa em 19 de Junho de 2005.**

Local: Na casa do senhor António Cafede em Castelo Novo.

Hora: Cerca das 18.00H.

Este encontro tinha sido combinado havia mais de seis meses. Assim não houve nenhuma surpresa acerca do que se iria passar. As coisas estavam mais ou menos preparadas e os intervenientes sabiam exactamente ao que vinham. Além disso já tinha havido um encontro anterior onde se cantaram as cantigas “profanas” de Castelo Novo.

Reunimo-nos na sala da casa do sr. António Cafede. Uma divisão pequena mas acolhedora. Sentámo-nos à volta de uma mesa onde tinham sido colocadas as folhas com as letras das músicas que iam ser cantadas. O sr. António Cafede e o sr. Francisco da Costa sentaram-se à minha frente. Lá fora era o final de uma quente tarde de Verão, não havia ruído que pudesse interferir na captação do som, a não ser as mulheres que apareceram no final da gravação pois entraram em casa. Assim liguei o gravador e não se falou mais dele, isto é, esquecemo-nos que estávamos a gravar.

Os diálogos que se seguem são a transcrição do que se passou nessa tarde de Setembro, durante cerca de uma hora. São identificados três intervenientes: António Cafede (A), Francisco da Costa (F) e Miguel Carvalhinho (M).

A- Isto era à entrada da missa que se cantava a Salvé Rainha logo.

F- Não era ao fim do terço ou coisa, ao fim de rezar o terço.

A- Lembro-me na igreja.

F- Ainda hoje ao fim de rezar o terço.

A- Mas ò Chico este cântico aqui cantava-se na igreja, na igreja não se rezava o terço quando era antes da missa.

F- Rezava-se na quinta-feira da Ascensão.

A- Mas este cântico aqui cantava-se todos os domingos na igreja.

F- Não filho não estás a fazer confusão com outra coisa qualquer.

A- O Ti Cardoso, o Carriço cantavam sempre na igreja antes disto aqui assim, a Salvé Rainha.

F- estás a fazer confusão, esta Salvé Rainha cantava-se quando se cantava o Pai Nosso, quando se cantava as Avé Marias , quando se cantava o terço todo

A- Certo.

F- E no final do terço era a Salvé Rainha.

A- Não sei se isto terá então interesse.

M- Tem concerteza.

A- havia um, não sei como é que chamam a isso, o sacristão que era o Ti Cardoso, esse é que era o regra esse cantava lá .

F- Eu explico se calhar mais rápido aqui ao senhor Carvalhinho. Havia um solista que cantava uma frase e o povo respondia com outra.

M- Exacto.

F- Então é isso que a gente pode fazer aqui agora.

M- Então vá.

F- Os dois, pronto, canto eu ou cantas tu.

A- Cantas tu, um canta e o outro responde.

F- Então canta tu sozinho e depois respondemos os dois, é assim ?

A- Pois pode ser.

(Entoam e Cantam o Salve Rainha)

F- Salve Rainha.

(A- Estás um bocado alto)

F e A- Mãe de misericórdia, vida doçura, esperança nossa, Salve a vós  
bradamos, os degredados, filhos de Eva, por vós suspiramos, gemendo e  
chorando, neste vale de lágrimas, eia pois advogada nossa, esses vossos olhos,  
misericordiosos, a nós volvei, e depois deste desterro, nos mostrai a Jesus,  
bendito o fruto do vosso ventre, ó clemente ó piedosa doce, sempre virgem  
Maria, rogai por nós santa mãe de Deus, para que sejamos dignos, das  
promessas de Cristo, ámen Jesus, esta salve que cantamos, oferecemo-la a  
Maria, que nos livre do demónio, mais da sua companhia, as contas do seu  
rosário, têm uma grande valia, fazem tremer o inferno, quando falam em

Maria, Jesus Maria José, Jesus José e Maria, o meu coração vos dou, coração e alma minha.

F- Isto é um bocado chato.

M- Cantavam-se quando estas coisas?

F- Quinta feira da Ascensão sempre e era às vezes no mês de Maria também, no mês de Maio quando era o terço, quando eram dias solenes ou assim.

M- E agora vamos ouvir o quê?

F- A salve rainha era no fim, bem não sei.

A- Eu tenho por ordem.

F- Ai tens por ordem, bom isto ainda se faz hoje, está muito actual.

M- Pode ser, mas pode ser.

(Cantam a Mãe Dolorosa)

F- Estava a mãe dolorosa.

A e F- Junto aos pés da cruz chorosa, enquanto o filho pendia, enquanto o filho pendia, mãe de Jesus trespassada, de dor junto aos pés da cruz, rogai por nós, rogai por nós, rogai por nós a Jesus.

F- É só isto.

M- cantava-se quando esta?

F- Na semana santa.

A- Na semana santa no período da Quaresma.

(O senhor António vai folheando os cânticos e o senhor Francisco vai recusando os cânticos dizendo que são actuais)

A- Ó Chico o coiso é que isto fique cá o que se fazia na época.

F- Isto não se fazia, faz-se.

M- faz-se há quanto tempo?

A- Mas daqui amanhã se isto aqui acabar.

M- Mas faz-se há muito tempo ou não?

F- durante o mês de Maio cantamos isto, quase todos os dias.

A- Canta-se hoje, amanhã...

M- Mas há quanto tempo.

F- agora, agora.

M- Não, mas há muito tempo que já se canta?

F- Sim cantava-se cá em tempos e continua-se a cantar.

(Antes de cantar o miraculosa o senhor Francisco diz “isto é de Fátima para cá”)

(Cantam o Miraculosa)

A e F- Miraculosa rainha dos céus, sob o teu manto tecido de luz, faz com que a guerra se acabe na terra, haja entre os homens a paz de Jesus, faz com que a guerra se acabe na terra, haja entre os homens a paz de Jesus, em teu regaço bendita mãe toda a amargura remédio tem,

F- e a outra.

A- Mira...

F- não não, falta outra parte, está aí nesse livro e neste também deve de estar.

A- Eu fui até onde sabia.

(continuam a procura do cântico e cantam)

A e F- Em teu regaço bendita mãe, toda a amargura remédio tem, as nossas almas pedem que vá, junto da guerra fazer a paz.

F- agora aqui volta à miraculosa, então cantamos isto mal.

(Discutem o porquê de terem cantado mal)

M- querem cantar isto outra vez?

F- do princípio?

M- Sim toda.

A e F- Miraculosa rainha dos céus, sob o teu manto tecido de luz, faz com que a guerra se acabe na terra, haja entre os homens a paz de Jesus, faz com que a guerra se acabe na terra, haja entre os homens a paz de Jesus, nossa senhora

mãe de Jesus, dá-nos a graça da tua luz, virgem Maria divina flor, dai-nos a esmola do teu amor, miraculosa rainha do céu, sob o teu manto tecido de luz, faz com que a guerra se acabe na terra, haja entre os homens a paz de Jesus, faz com que a guerra se acabe na terra, haja entre os homens a paz de Jesus, no teu regaço bendita mãe, toda a amargura remédio tem, as nossas almas pedem que vás, junto da guerra fazer a paz, miraculosa rainha do céu, sob o teu manto tecido de luz, faz com que a guerra se acabe na terra, e haja entre os homens a paz de Jesus, faz com que a guerra se acabe na terra e haja entre os homens a paz de Jesus.

A- Agora há aqui um bocadinho só, que isto aqui tem continuação mas eu não sei, gostava que ficasse aí registado, isto era um perdão ó meu deus que se cantava.

F- O senhor padre canta isso muita vez.

A- só que isto tem mais para a frente e eu não sei, mas eu sei isto aqui e se ficar aí registado,

(o senhor Francisco procura no livro que tem o cântico “Perdão ó meu deus”. Não encontra e começam a cantar, ensaiam uma vez e depois cantam)

A e F – Perdão ó meu Deus, perdão e indulgência, perdão e clemência, piedade e perdão.

A- Aqui há segundas vozes.

F- Acho que isto tem muito mais coisas.

M- E agora encomendações das almas.

A- Agora aqui há seis quadras.

F- Cantam-se só duas.

M- É como quiserem.

F- Isto aqui era cantado só de noite, perto da meia noite quando tudo estava a dormir, era ensaiado em segredo para as pessoas não saberem, para acordar as pessoas.

A- No castelo, no alto.

F- Tudo caladinho e cantava-se em diversos pontos da terra.

M- E isto em que altura?

F- Na semana santa, e então cantava-se assim à noite, e então havia uma primeira voz, uma pessoa única que fazia a solo as duas primeiras linhas e depois todos cantavam as outras duas, isto é um bocadito puxado, isto é um bocadito esquisito de musicar.

A- Vamos lá. F- É às ondas.

A- Vamos tentar, um mantém uma primeira voz e o outro faz uma segunda?

F- Ah pois, sim sim, queres manter a primeira?

A- É como tu quiseres.

F- Entro eu na primeira e depois entras tu na segunda para ter mais impacto.

(Cantam a encomendação das almas)

F- Já lá vai para o calvário, aquele manso cordeiro.

F e A- Já as ruas estão regadas com o seu sangue verdadeiro.

F- Ó meu Deus quando vos deram, fel vinagre a beber.

F e A- que lágrimas choraria a virgem que estava a ver.

(A- eu não estou, a minha voz aqui não dá...)

A e F- Ó meu Deus da minha alma, ó Deus do meu coração, hoje aqui estamos lembrando , passos da vossa paixão.

M- Esta cantava-se então por todo o povo?

F- Não era a andar. Em diversos locais. Na praça, no largo do senhor Bragança, na Bica, aqui no Cruzeiro, num terreirinho que há ali assim ao cimo desta calçada, às vezes naquele lado onde é a Associação, em diversos locais.

M- E era muita gente então que fazia aquilo.

F- Não eram assim muitos porque aquela hora muitos já não tinham autorização de andar na rua.

A- Vinham às vezes à janela.

F- Eram velhotes, pessoas ligadas à igreja.

M- E combinavam-se em segredo.

F- A última vez que fizemos isto cá, foi há quê, quatro anos, cinco anos?

A- Não então não foi há tanto.

M- Mas lembram-se disto desde há muito tempo então.

F- Sim.

A- Isto normalmente era só homens, mas depois começaram a haver umas vozes...

M- E a seguir ?

A- Agora temos aqui os martírios.

(Cantam os martírios)

A e F- Bendita e louvada seja, a paixão do redentor, que para nos livrar das culpas, morreu por nosso amor, sofreu tão grandes...



(F- só depois na outra linha por causa da tonalidade, tu não consegues arrancar aí no tom preciso na segunda voz, A- Então vá lá)

Sofreu tão grandes tormentos, duros martírios na cruz, morreu para nos salvar, bendito seja Jesus, quando por nós padeceste, ó bom Jesus salvador, quem a ?? entender, tantos excessos de amor, sofreu tão grandes tormentos, duros martírios na cruz, morreu para nos salvar, bendito seja Jesus.

F- Depois há aqui muita coisa.

A- Há muito mais versos por aí a fora.

F- Mas já fica com a ideia.

A- Aleluia, aleluia.

F- Isso canta-se aí por fora.

A- Está certo mas há quantos anos isto aqui se canta, sempre se cá cantou.

F- Está bem, está bem, está bem.

(combinam entre eles qual o texto a utilizar a partir de um livro e cantam em latim)

F e A- Aleluia Aleluia Aleluia Aleluia, Aleluia Aleluia Aleluia Aleluia Aleluia .- refrão

A- “Ora por no ubi zeu”.

A e F- refrão

A- “Regina cale ir e tare”.

A e F- refrão

A- Uma lenga lenga que isto nunca mais... o padre arranjava sempre uma maneira de...

F- Um rex um rex sine dixit.

A- Agora temos a nossa aleluia que eu arranjei que é recente, não sei se tem interesse...

(Cantam a Aleluia)

A- Aleluia aleluia aleluia já é festa, (está um bocado alto)

A e F- Aleluia e aleluia aleluia já é festa, já apareceu a aleluia, detrás da porta travessa, já apareceu a aleluia, detrás da porta travessa, detrás da porta travessa, quem a achou quem a acharia, achou-a o senhor vigário, no sacrário de Maria, achou-a o senhor vigário no sacrário de Maria, aleluia aleluia aleluia já é festa, alegrai-vos mãe de Deus, nossa alegria é esta, alegrai-vos mãe de Deus, nossa alegria é esta.

A- Isto é o que se canta aqui na Senhora da Serra, na páscoa, à porta dos festeiros.

M- A música é do senhor António ?

A- A música fui eu que a fiz.

M- E a letra também ?

A- A letra era a que estava cá já.

F- Pois mas mudaste aí um bocadinho.

A- Esta aleluia cantava-se cá também.

M- Isto tem quantos anos, mais ou menos ?

A- Ui...

F- Esta aqui é nova, adaptou-a.

A- Tem quinze anos.

F- Mas a outra isso quando eu nasci já se cá cantava.

M- A outra aquela que fizeram antes, mas e este texto também é seu.

A- Não, não, é da primeira,

(Cantam outra melodia com a letra da aleluia)

M- esta música então é mais antiga.

A e F- É, é.

M- É a da Nossa Senhora da Serra.

A- Espera aí estamos a cantar a Senhora da Serra, não é esta aqui...

(entoam e procuram lembrar-se da melodia, o senhor Francisco canta a aleluia antiga)

A- Na Senhora da Serra, quando se canta aqui vai-se buscar ali.

F- Vai-se buscar ali aquilo.

A- Exactamente.

M- Então querem cantar a Senhora da Serra? Isto é a festa a seguir ao domingo de Páscoa.

A- Este aleluia é no domingo de Páscoa e a Senhora da Serra é para a segunda-feira, fazia-se a visita aos festeiros e tal, pela rua, porque depois a banda ainda canta outra aleluia, porque o Mineiro, o regente ali da banda, viu que aquilo ali não dava e então fez (entoa a melodia da outra aleluia)

F- Fez uma a três por quatro

(continuam a entoar a aleluia da banda).

M- Querem cantar a Senhora da Serra ?

A e F- Nossa Senhora da Serra, Nossa Senhora da Serra, pequenina e airosa, pequenina e airosa, venho de lá de tantas léguas, venho de lá de tantas léguas, só para ver tão linda rosa, só para ver tão linda rosa, Aleluia e aleluia aleluia já é festa, já apareceu a aleluia detrás da porta travessa, detrás da porta travessa quem a achou quem a acharia, achou-a o senhor vigário no sacrário de Maria, aleluia aleluia aleluia já é festa, alegrai-vos mãe de Deus, nossa alegria é esta.

M- Tem mais uma quadra não tem ?

A- Tem outra quadra ainda mas isso depois, tem muitas tem muitas, inventavam-se, iam roubar quadras da Senhora do Almortão.

A- Tenho aqui uma minha mas isto aqui se calhar não vale a pena.

F- Salve rainha aí a primeira.

A- Mas mais rápida.

F- A rezar o terço.

M- Mas nas ruas

A- Nas ruas, nas ruas.

F- Às vezes também nas ruas na procissão de quinta feira da Ascensão, mas cantava-se na igreja também muita vez.

A- Certo mas o cântico disto, o forte era cantado nas ruas na quinta-feira da Ascensão, em todo o povo, em volta da rua cantava-se.

F- Só me lembro naquele dia.

M- Era como?

A- Depois está aqui a Avé Maria.

F- Mas esta é um bocadinho difícil.

(cantam o pai nosso)

A e F- Pai nosso que estais no céu santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu, o pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, e não nos deixeis cair em tentação mas livrai-nos do mal amen, Avé Maria cheia de graça, o senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre Jesus

(F- agora as mulheres)

Santa Maria mãe de deus rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte amen Jesus.

A e F- gloria ao pai e ao filho e ao espírito santo, como era no princípio, agora e sempre e ámen, Avé Maria...

A- Esta é que pelas ruas toda a gente cantava, miúdos, novos, velhos.

F- Era interessante é que o sacristão tinha a voz grossa, e a parte do padre mais um conjunto de homens cantavam uma, depois respondia aquele coro todo de mulheres que tem a voz mais fina, voz feminina, os homens iam à frente e as mulheres atrás, as mulheres não tinham lugar ao pé dos homens.

M- Ai não?

F- Não, não havia lá misturas, mesmo o padre dizia logo ao organizar a procissão, “homens à frente mulheres à retaguarda”, nem o marido podia ir ao pé da mulher,

(conta uma história que se passou com ele e o padre da aldeia para ilustrar o que disse)

A- Agora o Bendito e Louvado.

F- O que é isso é alguma coisa de comer ?

A- É é, comer é só no fim e se calhar vamos comer à tua casa que é mais perto... vamos lá embora, arranja lá o tom.

(Entoam e começam a cantar)

A e F- Bendito e louvado sejas

A- Não, não não.

F- Não é isto? Então não sei lá o que seja.

A- Bendito e louvado sejas.

A e F- O santíssimo sacramento da eucaristia, o fruto do ventre da virgem, Maria, sem pecado original, concebida.

F- É só isto, este Bendito e Louvado não era o que se cantava na missa ?

A- Era, todos os domingos.

F- Cantava-se os Santos e depois cantava-se o Bendito.

M- O santo é agora a seguir.

A- Agora o Santo.

A- Santo.

A e F- Santo santo, ó meu deus ó meu senhor, senhor, já estão o céu e a terra cheia viva o seu santo louvor, louvor, glória seja ao pai e ao filho e ao espírito santo.

M- Isto é o cântico ao Senhor da Serra.

A- Senhor de Misericórdia.

M- Perdão, Senhor da Misericórdia agora em Setembro.

A- Canta-se na novena, nove dias antes da festa, e canta-se no dia, na igreja quando a banda se cala na rua.

(cantam o cântico ao Senhor da Misericórdia)

A e F- Jesus dulcíssimo, espelho de mansidão, imprimi as vossas chagas, no meu coração, Jesus de dulcíssimo, espelho de mansidão, imprimi as vossas chagas, no meu coração, Jesus dulcíssimo, ferido e chagado, livrai a minha alma, do feio pecado, Jesus dulcíssimo, ferido e chagado, livrai a minha alma, do feio pecado, Jesus dulcíssimo, da lança ferido, livrai a minha alma, do infernal inimigo, Jesus dulcíssimo, da lança ferido, livrai a minha alma, do infernal inimigo.

A- E este é um cântico de Natal ao menino Jesus, para acabar o ano, este aqui canta-se em diversos lados só que há muita diferença aqui já para Alpedrinha.

M- Mas na letra ou na música? A- Tem muitos versos ao menino Jesus, a música altera um pouco de terra para terra.

F- qual é este, o antigo ?, eu acho que devíamos começar aqui neste verso.

(cantam o cântico de Natal)

A e F- Ó meu menino Jesus, ó meu menino tão belo, ò meu menino Jesus, ó meu menino tão belo, logo vieste nascer na noite do caramelo, logo vieste nascer na noite do caramelo, alegrem-se os céus e a terra cantemos com alegria, alegrem-se os céus e a terra, cantemos com alegria, que já nasceu o menino, filho da virgem Maria, que já nasceu o menino filho da virgem Maria, entrai pastores entrai, por esse portal sagrado, entrai pastores entrai, por esse portal sagrado, vinde adorar o menino, numas palhinhas deitado, vinde adorar o menino, numas palhinhas deitado, alegrem-se os céus e a terra, cantemos com alegria, alegrem-se os céus e a terra, cantemos com alegria, que já nasceu o menino, filho da virgem Maria, que já nasceu o menino, filho da virgem Maria.

M- Cantava-se na igreja, no madeiro.

F- Exactamente.

M- E cantavam-se mais canções de Natal ou não ?

A- E às vezes com os copos cantava-se, quer ver, isto há aqui uma reprimenda...

(cantam outro cântico)

A e F- Natal Natal Natal Natal, filhós com vinho não fazem mal.

A- Uma vez, no tempo do padre Joaquim Ribeiro, cantou-se lá na igreja e a malta nova ao fim cantou isto e ele “Eh pá estais para aí!!!!”

M- Mas havia mais cânticos de Natal aí ou não ?

A- depois há aqueles cânticos tradicionais (trauteiam algumas melodias), mas isto é universal.

A- Agora aqui é o tal espanhol, quer gravar?

M- Quero, quero.

A- Tu aqui não sabes a música.

F- Nem sei espanhol.

(Canta um outro cântico)

A- Às portaldas de Belém, está um ninho sem calzone, às portaldas de Belém está um ninho sem calzone, por detrás e por diante se lhe vê o chicharrone, por detrás e por diante se lhe vê o chicharrone, arre burriquito,arre arre arre arre arre, arre burriquito arre arre arre, vamos a Belém que se está a fazer tarde.

A- Isto aqui era o Joaquim Aguardente que cantava este menino Jesus, onde ele o ouviu...

M- Isto também é antiquíssimo não é?

A- Antiquíssimo cantava um tio meu, isso aí quando havia assim uns copos e tal ele saía sempre com esta coisa aqui, só que isto é um misto de português quando vem aqui a buscar u um “niño” e o “calzone” e o “chicharrone”, não sei se isto tem alguma tradução para espanhol...

(Na última parte da reunião falou-se dos instrumentos e instrumentistas que havia na terra para acompanhar os cânticos que foram cantados.)

M- E aquela questão dos instrumentos, havia aí gente que tocava ?

A- Sim.

F- Havia para aí uns acordeõzitos.

A- havia cá no tempo da minha mãe, em 1904, a minha mãe depois quando ela saiu por volta de 1925 ou 30.

F- Na igreja para cânticos religiosos nunca vi.

M- Não, mas para a outra parte.

F- Isso sim havia quem tocasse uma viola, uma guitarrazita e coiso.

A- Em 1925-30 havia cá um senhor que tocava flauta, que ainda conheci esse senhor, António Rodrigues.

F- Ah!, mas esse senhor era de uma antiga banda que não é a nossa lembrança que existiu cá em Castelo Novo, e tocava flauta nessa banda.

A- Havia um irmão do Augusto da loja que nessa altura já tocava o violino ou a rabeca, havia também salvo erro o irmão do Zacarias que tocava também guitarra ou violão.

F- Que estava para o Brasil.

A- E depois havia aí mais, o próprio ti Zacarias já nessa altura, havia o Zé Pinto que também tocava viola, que era um feitor aqui da casa Correia.

F- Mas a gente não conheceu essa gente.

A- Estou a falar com conhecimento de causa, Chico, estou a dizer que a minha mãe foi testemunha cantou nesse coro, que era o pai daquela Amélia de Jesus, em 1925 – 30.

M- Pois mas essas pessoas já eram adultas nessa altura.

F- Em 1800 e tal.

M- E aquelas cantigas que nós vimos o outro dia faziam parte também desse repertório? A- Escolhiam mais a semana santa que era quando se juntavam e tal e depois iam para a rua com aquele canto, ah mas aquilo exigia já uma certa conduta, na terra havia já uma certa diferença, eu sou fulano de tal, e então o tal senhor que tocava violino, está claro que com toda a conjuntura ninguém mais coiso, e depois a minha mãe também ainda cantou, havia um padre Parente que era oriundo de Vale Prazeres, vinha cá na semana santa, e tinha duas irmãs que vinham com o padre Parente cá acompanhar todos os cânticos cá de Castelo Novo com o coro de cá, nós tínhamos aí um conjunto de vozes, eu conheci parte dessas pessoas, mas já com uma idade terminal a senhora Marcelina, a senhora Etelvina, a menina Silva, a senhora Engrácia do Sameiro, a Patrocínia do Tomás eram um conjunto de vozes que iam para a igreja com uma facilidade de meterem primeira voz, segundas vozes e terceiras vozes que havia aí um conjunto de pessoas que brincavam com esses cânticos, tinham uma rotina eu ainda me lembro da Engrácia do Sameiro a meter segundas vozes, eu era miúdo, era aquela coisa ali certinha a rigor. Está claro o que é que isso acontecia, parte das pessoas quase que iam á missa para se deliciarem



com o canto, isso era uma coisa que puxava a juventude, M- e havia uma grande tradição.

F- Uma tradição de gente que gostavam de cantar de tocar e de coiso. A- As desfolhadas era a mesma coisa, por vezes havia as desfolhadas como eu já lhe tinha contado, mas depois está claro havia as famílias, a família Gomes, eram quatro ou cinco irmãs que havia aí, ainda está aí a Lurdes Gomes ali para cima, a mãe do Zé Carlos, a mãe cantava maravilhosamente, depois era a Deolinda e a Maria Augusta, que depois quando havia as desfolhadas, podiam não ser próximas, mas para efeitos do cantar eram também convidadas para dar realce aquilo. Havia também depois uma cunhada delas, chamada Maria Rata que tinha uma voz espectacular, um soprano ou o que era aquilo. Aqui no cruzeiro, eu ainda tive esse privilégio, à noite, ouvia-se ali para a Catoula, por volta da meia noite, meia noite e tal, o senhor nem queira saber o que aquilo era. Essa coisa do Alumia-me ou candeia ali com segundas vozes, à hora que era um repouso total, ouvir aquilo era uma coisa maravilhosa. E depois havia os homens de taberna com as suas cantileiras que há aí...

( o senhor António Cafede canta uma Aleluia que foi ele que fez)

A- Aleluia Aleluia haja paz e alegria, vamos louvar o senhor e sua mãe virgem Maria, vamos louvar o senhor e sua mãe virgem Maria, Aleluia Aleluia nesta Páscoa redentora, senhor de Misericórdia de graças nossa Senhora, senhor de Misericórdia de graças nossa senhora, Aleluia Aleluia é a alegria do povo, nossa Senhora da Serra abençoi Castelo Novo, nossa Senhora da Serra, abençoi Castelo Novo.

A- Esta é inédita.



## **Anexo 10 - Entrevista com o Senhor Casimiro em 10 de Abril de 2006 em Castelo Novo.**

Esta conversa decorreu num fim de tarde do dia 10 de Abril de 2006 na casa do senhor Casimiro. Nascido em Castelo Novo, conta já setenta e oito anos de idade tendo sempre vivido nesta aldeia. Desde sempre foi uma pessoa que se interessou pela vida social e cultural da terra, participando na Fábrica da Igreja, como festeiro nas festas de Castelo Novo, etc... Parece-nos que será um testemunho válido e fidedigno da história deste povo, desde finais do século dezanove até ao século vinte e um.

A entrevista decorreu num ambiente calmo, estando o senhor Casimiro à nossa espera e tendo já pensado durante alguns dias nos assuntos que nos iria relatar.

O gravador esteve sempre ligado, não foi um elemento perturbador do normal decorrer da conversa pois rapidamente nos esquecemos dele.

M- Vamos começar pelas festas, quais eram as festas mais importantes ?

C- As festas importantes em Castelo Novo, para bem lhe dizer, era o Senhor da Misericórdia pois tínhamos a seguir a Senhora da Serra.

M- O senhor da misericórdia era o mais importante, e isso que datas é que são, mais ou menos.

C- É de tempos imemoráveis.

M- mas no ano realiza-se quando?

C- Sempre no primeiro domingo de Setembro, no primeiro domingo de Setembro desde que eu me lembro, claro eu estou daqui a pouco com oitenta anos nunca me recorde de ser alterada, sempre, sempre no primeiro domingo de Setembro, era a festa mais importante, depois a seguir tínhamos a Senhora da Serra que é na segunda-feira a seguir à Páscoa, mas antes da Páscoa, da festa da senhora da serra tínhamos aquela tradição que era fazermos a semana santa que era uma semana muito importante em que fazíamos a procissão dos passos quando era na altura, no terceiro domingo, salvo erro, da Quaresma que a gente fazia a procissão dos passos depois no domingo de Páscoa tínhamos a procissão da ressurreição e na segunda-feira a seguir ao domingo de Páscoa é que é a segunda-feira da senhora da serra claro, depois tínhamos a festa do santo António, tínhamos a festa do São Brás, lembro-me que nessa festa era uma festa de uma tradição de, eu sei lá, já o meu pai no céu esteja dizia que era do antigo que faziam aquela festa, porque aquilo era um, ali aquela capela era uma capela muito antiga, era uma capela antigamente diziam, dizia o meu pai, no céu esteja, que ali havia, era um mosteiro que tinha sido

passado dali, aqui de baixo do ramal aqui de Castelo Novo numa fazenda que era até do meu pai, no céu esteja, fazenda essa que eu ainda me lembro, que é aqui, é logo ali, vamos lá, quando a gente está agora na estrada de Castelo Novo à direita há uma casita baixita velha, depois há umas outras casas e a seguir a essas casas há ali um oilivalzinho com uma vinha e uma casa, aí chamavam o mosteiro de Monserrate, que era o mosteiro de Monserrate, dizia o meu pai no céu esteja, claro o meu pai se fosse vivo hoje eu sei lá quantos anos tinha, há 46 anos que morreu e morreu com 85, porque eu claro tenho esta idade porque o meu pai, no céu esteja, casou duas vezes, e eu sou o mais velho do segundo matrimónio, porque é como digo o meu pai se fosse vivo hoje tinha cento e vinte e tal anos, cento e vinte e cinco ou... e ele já dizia naquela altura, e eu ouvia, que ali era o mosteiro de Monserrate. Antigamente ouvia ele dizer, ao pai dele já também que era o mosteiro de Monserrate, que dali levaram era a senhora das candeias, o são Sebastião lá para cima depois para a capela do são Brás, onde é agora, essa capela do senhor são Brás depois tinha muitos terrenos ali à volta, tinha um capelão, tinha lá a casa lá para trás, deitaram aquilo abaixo aqui há uns anos que era a casa do capelão, tratava lá umas hortas que há uma horta que agora os senhores Correias apanharam aquilo tudo, de formas que essa festa era no primeiro domingo de Fevereiro, que era o dia de são Brás é sempre no primeiro domingo de Fevereiro e então essa festa era uma feira que se fazia ali, que o meu pai no céu esteja, e isso já é da minha lembrança, faziam ali grandes negócios, faziam negócios ali, vinham aqueles charnecos da charneca aqui propositadamente.

M- É onde agora?

C- A charneca, vamos lá, podemos dizer, é toda aquela parte ali.

M- Do pinhal?

C- Oleiros, Sarzedas, vinham aqueles indivíduos de propósito a esta feira para comprar bezerros, para levarem para a criação deles, o meu pai no céu esteja, então já sabia quando era a feira ia lá para cima para o Sabugal, para a Guarda, para aquela região comprar aqueles vitelos porque já estava à espera que eles viessem para vender aqui, fazia-se sempre ali uma feira importante, naqueles cabeços. Depois havia a missa havia a procissão em volta da capela, naquela altura era em volta da capela, e a seguir depois havia, naqueles cabeços, estas mulherzitas mais antigas cá de Castelo Novo, uma delas que era a Cândida Trindade e era a prima Amélia de Jesus, faziam aquelas galheteiras de café e com as picas e assim sucessivamente.

M- As picas é o pão de azeite ?

C- Exactamente, as picas era o pão de azeite e claro, á noite, havia um arraialzeco e tal, uns bailaricos, e além dos bailaricos às vezes acabava em pancada, havia pancada.

M- E os bailes eram como ?

C- Os bailes naquela altura era um armónicozito, era uma concertinazita, era um realejo, que eu naquela altura comecei assim a ter uma certa idade vamos lá, eu fazia maiores bailes em Castelo Novo do que se faz num arraial, do que se hoje se faz numa festa.

M- Mas tocava o senhor ?

C- Eu a tocar realejo, a tocar realejo tudo dançava e de maneiras que temos aquela, onde é agora o centro, como é que se chama.

M- O centro de dia.

C- A Associação, aquela casa era de uma família que se chamava Ti Rainha e o Ti Rei, e então nós chegávamos lá e dizíamos assim “Ti Rainha dispensa-mos a sala para nos divertirmos agora pelo Carnaval e tal ?” “ Sim senhora e tal, às ordens”, dava-mos ali bailes que não queira saber, a toque de realejo.

M- Aqui o São Brás tinha algum cântico especial?

C- Não, nunca conheci cântico nenhum especial ao São Brás, a Senhora da Serra tem os versos da Senhora da Serra.

M- E como é que são ?

C- Os verso da Senhora da Serra são diversos, mas eu é como digo, a memória já não abrange.

M- Mas não consegue cantar um bocadinho da Senhora da Serra?

C- Não, eu cantar não, a garganta já não me dá, havia por exemplo diversos versos, mas agora assim de repente, quer dizer eu se não estiver assim de conversa as coisas lembram-me.

M- Então descreva-me lá como é que era a festa do Senhor da Misericórdia.

C- Ora a festa do Senhor da Misericórdia naquela altura, vamos lá, no tempo em que eu me criei, no tempo em que eu era garoto, havia cinco homens, que é que faziam a festa. E a festa começava no sábado, a festa, vamos lá, ficava de uns anos para os outros, quer dizer andava pelas ruas, não era como agora. Era nomeada pelas ruas, começava ao fundo do povo, por exemplo apanhava ali aquele redondo, que algumas vezes me calhou a mim e ao meu pai, no céu esteja, porque aquela casa que era do senhor, aquela casa era nossa, toda aquela casa, depois o meu pai é que vendeu metade não foi ao pai do Chico da Costa, foi a outro, e esse outro é que vendeu ao pai do Chico da Costa, de maneiras que ... já não sei donde ia...

M- Estava a dizer por causa dos festeiros.

C- Os festeiros, os festeiros, era um circuito que corria o povo todo, eram sempre cinco homens, eram cinco festeiros, e então a festa começava no sábado, começava no sábado não, começava na segunda-feira antes do Senhor de Misericórdia, por exemplo, é sempre no primeiro domingo, mas começava na segunda-feira a novena, chamado o terço, todos os dias, tocava a sineta lá da capela do senhor da Misericórdia e as pessoas iam à novena, era, começava na segunda-feira até sábado que era as novenas, pronto, a novena do senhor da Misericórdia, ao sábado fazia-se a procissão, só quatro homens é que pegavam no andor do senhor da Misericórdia, naquela altura. Ninguém mais pegava no andor do senhor da Misericórdia, tinha aqueles quatro homens que eram os irmãos da Misericórdia. Eram os irmãos da Misericórdia, onde eram o meu pai, era o Anselmo, era o Isidoro Marques e quem era o outro meu Deus... naquela altura eu já só me recorda do Augusto Esteves, fazia parte também.

M- E o seu pai como se chamava?

C- Isidoro Casimiro. Era o meu pai, o tal Isidoro Marques, o Augusto Esteves e o tal Anselmo. Eram os quatro homens só dedicados ao andor, não havia mais ninguém que pegasse no andor, que eram os tais irmãos da Misericórdia.

M- Todos os anos?

C- Todos os anos eram sempre os mesmos, e então ao sábado à noite havia então a novena, havia a missa e depois seguia a procissão. Chegávamos à praça e na praça havia uma pombinha de fogo preso.

M- Mas isso antes do senhor da Misericórdia?

C- Não no sábado à noite, quando chegava ali o senhor da Misericórdia num letreiro muito grande, estava estendido no meio da peça do fogo enrolada. Quando o senhor da Misericórdia apontava mesmo à entrada da praça, quando o senhor da Misericórdia entrava mesmo à entrada da praça, o fogueteiro deitava o fogo à peça que estava, e o senhor da Misericórdia, o letreiro com o senhor da Misericórdia retratado ia desenrolando, desenrolando todo até que caía por completo.

M- Em fogo portanto.

C- O fogo originava a que o senhor da Misericórdia, aquilo estava cheio de peças em volta, até que o senhor da Misericórdia ficava então estendido. Depois dali, no fim daquela peça acabar de arder, a procissão seguia para a igreja matriz. O senhor da Misericórdia saía da capela dele, cá embaixo. Ora chegava à igreja, ficava depositado na igreja até domingo. Domingo então

havia a missa e depois seguia novamente a procissão a dar volta á aldeia toda. Corria a rua toda da aldeia, chegava à igreja o Senhor da Misericórdia ficava novamente lá depositado, e na segunda-feira seguia a festa novamente, mas no domingo no fim da missa e tal à noite havia um ramozito.

M- O ramo era o quê?

C- O ramo era umas ofertas que eu dava o fulano dava, o senhor dava, uns davam uns bolos, outros davam umas garrafas de vinho que era para adquirir rendimentos, aquelas ofertas eram vendidas em leilão para se realizar dinheiro para cobrar as despesas da dita festa. Na segunda-feira havia a alvorada, novamente com a banda, se houvesse banda, que havia festas que nem banda tinha, e seguia a missa novamente. Seguia a missa e ali terminava, a parte religiosa só terminava à noite, a missa era por alma naquela altura de todos os indivíduos que tinham feito parte da Misericórdia, e que tinham contribuído nas festas. À noite havia novamente a procissão com a recolha do Senhor da Misericórdia para a capela dele. Segunda feira à noite. Não é como agora. E ficava ali o ano todo.

M- E a Senhora da Serra, como é que era?

C- A Senhora da Serra, vamos lá, a Senhora da Serra era uma festinha assim passageira, não é como é hoje, hoje já tem assim um certo encaramento, antigamente não antigamente a festa da Senhora da Serra no sábado, no sábado vamos lá começava no sábado às dez horas, praticamente, quando aparecia a aleluia, que era às dez horas que aparecia a aleluia, a malta como eu e outros mais, naquela altura, estava tudo à espera que aparecesse a aleluia, quando eram as dez horas da manhã, as dez horas a bater no relógio e os sinos todos a tocar, era essa a aleluia. Claro no domingo de Páscoa antes da senhora da serra havia as boas festas pelas casas. No domingo antes da Senhora da Serra, antes da festa. No sábado aparecia a aleluia, no domingo então, nessa altura à saída da missa juntava-se o pároco com o sacristão mais dois ou três, cada um com a sua opa, e então a garotada toda atrás do padre e parava-se nesta casa, parava-se naquela, o padre entrava dentro de casa mais o sacristão a dar as boas festas e a miudagem ficava cá fora.

M- Mas isso era no domingo de Páscoa?

C- Domingo de Páscoa, e a malta ficava toda à espera cá fora que chegasse o dono da casa à porta, ou à varanda, ou à janela, conforme era a casa, a deitar as amêndoas. Uns deitavam amêndoas, outros deitavam tostões, dinheiro assim. Depois a malta todos assim de cambalhada, quando aquilo estava um bocadinho demorado que o padre se entretia um bocadinho de conversa com as pessoas lá dentro e tal, a malta cá fora não sossegava “Aleluia! Aleluia! Amêndoas cá para a rua, Aleluia! Aleluia! Venham amêndoas cá para a rua.” Na segunda-feira seguia a festa, terminava a festa da Senhora



da Serra à noite, na terça-feira juntava-se novamente, que eu ainda fiz isso algumas vezes, juntava-se então o padre mais o sacristão mais meia dúzia de miúdos e íamos dar as boas festas ao povo da ribeira. Eu muitas vezes trazia o cavalo, o senhor padre vinha no cavalo, por exemplo quando era longe, montava-se no cavalo e depois ia a esta casa e aquela e dizia-me para mim “ Ó Zé agora levas o cavalo e esperas-me além, chegávamos a ir a dar as boas festas até às Zebras. Porque havia uma rua nas Zebras que pertencia a Castelo Novo. Ainda eu fui lá algumas vezes acompanhado com o senhor padre.

M- Ainda são muitos quilómetros de distância.

C- Ainda são, passa-se aqui à Atalaia, havia uma rua que pertencia aqui a Castelo Novo.

M- E porquê?

C- Era o limite, passava aqui à Póvoa, passava à Atalaia, tudo por aí a fora, passava além em frente ao posto da Soalheira, por aí a fora e ia até lá abaixo ao Monte Barriga, por aí a fora e ia apanhar uma rua às Zebras. Era a rua maior que estava, e senhor padre ia lá à terça feira a dar as boas festas.

M- A senhora da serra é na segunda-feira a seguir à Páscoa.

C- Exactamente.

M- E faziam alguma celebração em especial ou era só a missa?

C- Era só a missa e a procissão, mais nada, a cantar a aleluia, aleluia aleluia, e mais nada.

M- E há alguma lenda da senhora da serra?

C- Há aqueles versos da senhora da serra, nossa senhora da serra, tão linda em botão, vem lá de tão longe, eu passa-se assim as coisas.

M- Mas a senhora da serra apareceu na serra?

C- Vamos lá, a senhora da serra, há quem diga que foram os árabes, em tempos, em guerras que houve, e então vieram-se a refugiar na nossa serra, aqui. E então trouxeram aquela santa dos Escalos com eles, e então onde é que eles pernhoitaram, foram pernhoitar na penha da senhora da serra, por isso tem o nome da penha da senhora da serra. Lá mesmo no alto, antigamente tinham lá um capelão.

M- Nessa ermida.

C- Nessa ermida tinham um capelão, agora devoraram aquilo tudo, eu fui lá no ano passado a ver, havia a pia baptismal, havia a sacristia e havia lá o sítio onde o padre fazia as suas exéquias, e assim sucessivamente. Acontece



que a senhora da serra, ficou então ali. Ficou ali, chamada a senhora da serra, por estar ali. Acontece que, o povo de Castelo Novo, naquele tempo, ia em procissão cá de baixo, de Castelo Novo, lá acima a fazer a festa. Faziam a festa, iam em procissão, na segunda-feira a seguir à Páscoa.

M- Mas isso ainda é da sua lembrança ou já não é?

C- Não isso já não é, tenho um rascunho, era garoto, já me recorda de ir o pessoal lá e fazer aquelas coisas conforme fazem hoje os do Souto da Casa que vêm lá festejar ainda também. Acontece que há uma lenda que dizia que ninguém sabia ao certo como ela tinha aparecido ali. Mas há lendas, eu já li num livro, que foram aquelas tropas, que fugiram para a nossa serra, e que trouxeram com elas e ali ficou. No meio disto tudo os de Alcongosta, que iam lá levavam a imagem para Alcongosta. E então como a senhora da serra estava em Castelo Novo, o limite da penha está todo dentro de Castelo Novo, e o povo começou a fazer a festa toda lá em cima, ela não se sentia bem. Isto é a lenda que eu ouvia ao meu pai, no céu esteja, que os de Alcongosta iam lá e roubavam a senhora da serra e levavam-na, depois ela aparecia novamente na gruta. Depois iam os do Souto da Casa, a mesma coisa, andavam naqueles três vinténs. Os de Alcongosta queriam a senhora da serra, os do Souto da Casa queriam a senhora da serra, os de Castelo Novo faziam-lhe a festa. Os do Souto da Casa e os de Alcongosta queriam se apoderar da Santa. Mas a santa só se sentia bem na gruta. E então por mais vezes que a roubassem os de Alcongosta ou os do Souto da Casa, ela novamente aparecia na gruta. O povo de Castelo Novo ao aperceber-se dessas desavenças entre as três freguesias, o que é que eles resolveram, resolveram fazer a festa à senhora da serra lá em cima, pegaram nela em procissão e trouxeram-na para Castelo Novo onde ficou até à data.

M- Muito bem.

C- E acabou a guerra para Alcongosta, Souto da Casa e Castelo Novo. Isto era aquilo que contavam, verdade ou mentira, mas tem a sua lógica. De formas que ainda hoje os de Alcongosta dizem “roubastendes a Senhora da Serra” não nós não roubámos a Senhora da Serra, vocês é que a roubavam ela não se sentia lá bem e voltava para a gruta, nós levámo-la para baixo e ela nunca mais voltou para a gruta. É a lenda que eu conheço.

M- E o Senhor da Misericórdia tem alguma lenda?

C- O Senhor da Misericórdia, eu só conheço uma lenda, que o meu pai no céu esteja dizia, tanto assim que já tenho ouvido o padre fazer esse sermão referente a isso. Houve uma epidemia de gafanhotos e que até a rama dos pinhos, naquela altura comiam, devoravam tudo, e então o povo de Castelo Novo resolveu então fazer uma festa ao Senhor da Misericórdia, que aí é que começou a lenda do Senhor da Misericórdia. Fizeram uma procissão ao

Senhor da Misericórdia para que lhes acudisse, que não tinham mantimentos, punham couves, semeavam milho, semeavam aquilo e os gafanhotos devoravam tudo. E então a primeira procissão que fizeram ao Senhor da Misericórdia, que conforme o Senhor da Misericórdia ia em procissão, isto era aquilo que contava o meu pai, no céu esteja, conforme o Senhor da Misericórdia ia andando pela procissão, aquela camada de gafanhotos vinha morrer tudo agarrado às paredes. Ficava tudo agarrado às paredes tudo morto. E então a partir dessa data consideraram um milagre tão grande que ficaram sempre a fazer a festa ao Senhor da Misericórdia. Esta é a única lenda que eu ouvia dizer do Senhor da Misericórdia. São coisas muito antigas, isto vem de tempos imemoráveis, isto eu sei lá há quantos anos...

M- Então e voltando aquela parte que estava a contar do Ti Rei e da Tia Rainha, como é que se divertiam as pessoas nessa altura então?

C- Era um realejozito a tocar.

M- Era todos os dias?

C- Não, era só aos domingos, depois mais tarde, quando a gente começou a ter assim mais coiso, o que é que acontece, tivemos um ano, aí em 1946. O ano de 1946 nunca me esqueceu, todos os domingos tínhamos um baile cá no açougue, no largo da bica. Juntava-se ali a rapaziada toda e então pagávamos uma cota, um dava 25 tostões, o outro dava 10 tostões, outro dava cinco escudos, conforme era as posses e tivemos então o Manuel Augusto que era do Salgueiro do Campo, um acordeonista, todos os domingos tínhamos o baile. Mas anterior a isso e assim sucessivamente nós tínhamos bailes onde era eu o Manuel Ramos, que está aí vivo ainda, nós os dois a tocar realejo fazíamos maiores bailes do que se fazem hoje de qualquer banda ou de qualquer conjunto. Porque naquela altura também havia muita gente, Castelo Novo tinha muita gente, havia muita rapaziada, muitas raparigas. No tempo em que o meu irmão foi à inspecção eram 28 rapazes, no meu ano fomos 22, hoje há anos em que não vai nenhum, se vai 1 ou 2 é muito.

M- E além dos bailes faziam outras festas ligadas à agricultura?

C- As festas ligadas à agricultura, as maiores eram as desfolhadas. A gente na altura tirava muito milho, a nossa ribeira de Castelo Novo, saíam daqui milhares de alqueires de milho. E esse milho era cultivado sabe como? A maior casa era a casa Correia, a casa Caldeira que semeavam aqueles milhos e depois davam terças ao povo. Por exemplo o senhor apanhava um leirão o outro apanhava outro leirão de milho, tudo ao terço. Quer dizer o terço era duas partes para o dono e um para quem trabalhava a terra. À noite, esses milhos quando estavam maduros, havia então as desfolhadas que era, cortava-se o milho juntava-se num monte e depois íamos para esta desfolhada a descascar o milho. Ao fim de acabar a descasca do milho, assim de tirar o

folhelho ao milho, as maçarocas iam caneiros iam para o outro, havia sempre um garrafão com aguardente, havia sempre um prato com figos. Comiam-se uns figos, bebiam-se uns copos de aguardente, se havia um indivíduo que tocasse realejo, toca de tocar realejo, toca de haver baile, era até às tantas ali a divertir-se não é. Eu tive um ano, mais um irmão meu que está em Castelo Branco, que levámos trinta e uma ou trinta e duas noites sempre nessas festas por fora. Hoje íamos, por exemplo, a ajudar o senhor, amanhã ia o senhor a ajudar aquele, no outro dia juntava-se o pessoal e íamos a ajudar aquele e era tudo feito assim. Eram as tais festas.

M- E quais eram os assuntos que se falavam nessas desfolhadas?

C- Eram os namoros, depois quando aparecia uma maçaroca, assim, vermelha, chamavam-lhe a maçaroca do amor, quer dizer, se era ela que aparecia com a maçaroca tinha que receber um beijo dos rapazes todos, se era um rapaz, tinha que receber um beijo das raparigas todas. Era uma sorte, aquilo era sorte. Depois estava tudo a descascar com maior força a ver aquele que havia de encontrar a maçaroca. Às vezes aparecia mais que uma, e mais que duas e aquilo era uma paródia.

M- E cantava-se também ?

C- Então não cantava, tinha os cânticos, por exemplo milho verde, milho verde, milho verde maçaroca, à sombra do milho verde namorei esta cachopa. E assim sucessivamente. Depois havia bailes, onde ia, recordo-me bem, no dia 20 de Outubro, nunca mais me esqueceu. Estávamos nós numa malha de milho, começou-se a armar uma trovoadas. As malhas era a tirar o milho da maçaroca com os mongais, cinco ou seis dum lado, cinco ou seis do outro, as raparigas todas a deitarem as maçarocas para os mongais e nós tumba tumba tumba tumba a malhar o milho, era assim as nossas festas eram assim feitas. Armou-se então aquela trovoadas no dia 20 de Outubro, toca de juntar o milho todo na eira, deitou-se uns panos por cima, deitou-se-lhe os caneiros todos por cima, daquilo tudo para não entrar a chuva, e fomos depois, foi ali numa fazenda, aquela quinta é agora do Bernardo, onde tem os pomares, que era dum homem chamado Ti Manuel Maria. Tinha duas filhas, tinha três filhos, éramos assim quase todos da mesma idade, e naquela altura lá andávamos, eu a tocar o realejo e tudo a dançar e eu andava a dançar com a filha do Ti Manuel Maria chamada Rosa que está na França. Nós, a moda que andávamos a tocar era uma valsa, e então a gente a ver aquele que batia melhor o sapateado e aquela coisa toda. Às duas por três a casa era velha, nós lá andávamos na sala, arrumámos lá os móveis, às duas por três, para trás e para diante a tocar o realejo, ela agarrada a mim, às duas por três parte uma tábua eu meto pé, e esfolei a perna toda, e vai a rapariga e cai de cima de mim. Vem de lá o pai “Ah desgraçado que já estás lixado, ainda bem que ela caiu em

cima de ti olha se tu caís de cima dela... eu queria ver eu queria ver”. Havia estas paródias, a gente divertia-se.

M- Mas isso era no Verão e durante o Carnaval?

C- Durante o Carnaval havia, claro, entre o Natal e a Quaresma, aquela semana do Carnaval os rapazes e as raparigas juntavam-se todos a jogar a caqueira, corriam-se as ruas todas com um cântaro. A cantar e a gente de costas para trás aventava o cântaro, e alguém o tinha de apanhar. E coríamos assim as ruas todas da aldeia.

M- E se não apanhassem o cântaro, partia-se ?

C- Quando não apanhavam o cântaro partia-se e eh pá aquilo era um alegria... Havia alguns que já faziam quase de propósito, mas também havia muitos que se davam ao luxo de nunca deixar cair o cântaro. No domingo de Carnaval cada um punha as suas máscaras, corria-se o povo todo, por exemplo uns davam uma chouriça outros davam isto e coisa para se fazer o petisco. Depois na terça-feira gorda havia o enterro do Entrudo. Fazíamos o enterro ao Entrudo. E aí terminava tudo e a partir dessa data nunca mais havia bailes. Durante a Quaresma ninguém dançava, não havia bailes para ninguém. Era um respeito mútuo que havia naquela altura, hoje já se não respeita nada disso não é, mas naquela altura aquilo era mesmo a rigor. À meia-noite de terça-feira para a quarta-feira de cinzas. Na quarta-feira havia a missa, era chamada a quarta-feira de cinzas, e tudo ia à missa, lá vinha o senhor padre depois com a cinza dos ramos que eram queimados no domingo de ramos, com a cinza para por na testa e tal, e era assim a nossa vida naquela altura.

M- e depois chegava a Páscoa, a Senhora da Serra e a partir daí...

C- A partir daí havia bailes, é como digo, era raro um domingo que não houvesse um baile.

M- E havia aí gente a cantar e a tocar, que instrumentos tocavam?

C- Os instrumentos que se tocavam naquela altura, é como eu digo, lá havia um indivíduo que tinha uma concertinazita, chamavam-lhe o Francisco Pataco, já morreu, tinha uma concertinazeca, mas antes disso havia um irmão meu que chegou a ter um acordeão, foi o primeiro acordeão que teve o Manuel Augusto do Salgueiro do Campo. Havia um indivíduo que era o José Simplício que tinha uma guitarra de fado. Uma vez tocava ele a guitarra, outras vezes eu o realejo e era assim.

M- E rabeca, não havia aí quem tocasse a rabeca?

C- Não, não rabeca não havia ninguém, era apenas a guitarra, era a concertinazita, e era o realejo. Cheguei a ter um realejo, alto lá com ele...

M- Fica a faltar o Natal, como é que era o Natal aqui?

C- O Natal, vamos lá, era naquela altura todos os indivíduos que iam à inspecção esse ano, ali oito dias antes juntavam-se e iam a ver do madeiro. Mas o madeiro era roubado, naquela altura, não era oferecido. A gente, e eu, ainda aconteceu algumas vezes, chegar ao palheiro do meu pai, no céu esteja, tirar-lhe as vacas e o carro para irmos a ver do madeiro. Ao outro dia o meu pai chegava e dizia “Ah ladrões, andastes na farra esta noite” “então porquê meu pai”, “as vacas ainda estão suadas, ainda estão todas suadas e tal”. Chegávamos a levar madeiros, quando chegávamos ali cá à bica, havia a única rua por ali acima, naquela altura não havia aquele trânsito por além, depois chegávamos ali com o madeiro e tinha que vir outra junta para levar o madeiro para a praça. Depois juntava-se o povo, uns a empurrar o carro. Chegava-se à praça descarregava-se o madeiro e ali ficava. Quando era nas vésperas do Natal a gente ia e pegava fogo ao madeiro. Uns levavam umas chouriças, outro um garrafão de vinho, era uma festa ali de volta, cantavam o menino Jesus ali. Era velhos e novos, novos e velhos, tudo a cantar o menino Jesus ali de volta do madeiro. Depois quando chegava a hora da missa do galo, íamos à missa e quando voltávamos da missa do galo, íamos para o madeiro e era assim até às tantas. Até porque depois havia bebedeiras, havia indivíduos que se deixavam dormir ali à volta do madeiro, e lá passavam a noite...

M- E depois a passagem do ano?

C- A passagem do ano, naquela altura não havia passagens do ano. Agora é que há passagens do ano mas naquela altura nós não ligávamos a isso.

M- Só para ficar registado, diga-me o seu nome então.

C- José Cunha Casimiro.

M- E a idade.

C- Setenta e oito anos.

M- E a profissão.

C- Agricultor, comerciante. De tudo um pouco nada. A vida está de rastos.

M- Falando das actividades económicas, as pessoas dedicavam-se a quê?

C- Isto era uma miséria antigamente. Até aqui há vinte anos para cá. As pessoas começaram a ter umas reformas e essa coisa toda.

M- E as pessoas dedicavam-se a quê?

C- Aos terrenos, à agricultura. Uns semeavam umas batatas, outros semeavam centeio, o meu pai, no céu esteja, semeava grandes alqueves de centeio, tínhamos anos de juntar seis homens malhar centeio dois dias. A minha mãe tinha uma panela grande, que era preciso um afogueiro para a tirar do lume, era preciso duas pessoas para a tirar do lume. Fazia o comer, naquela altura, vamos lá, eu, não é para estar a gabar-me, mas nunca passei fome. A casa do meu pai, no céu esteja, foi sempre uma casa abastada. Ele chegou a ter a casa Caldeira e a casa Correia toda arrendada. Tinha alguns cinco ou seis ganhões, quer dizer a trabalhar com juntas de vacas, pastores e aquilo tudo.

M- Havia muitas ovelhas e cabras ?

C- Havia, já naquela altura havia. Não havia tanto como há agora porque estava tudo cultivado. Era só a parte da serra que era destinada a pastos, de resto era tudo cultivado. Não havia um cantinho que não fosse cultivado. A serra tem lá grandes terrenos. Eu abalei daqui debaixo com oito anos, para o Sameiro, é onde está a barragem, esse prédio era nosso. Que é agora de um sobrinho meu, que é tenente-coronel. De maneiras que ali é que foi a minha criação. Mas passou-se muito maus tempos. Olhe vou-lhe dizer, naquela altura nós tínhamos os lameiros tudo de ervas para os gados e aquela coisa toda, a miséria era tão grande ou tão pouco que chegavam lá ao pé do meu pai, no céu esteja, eu era puto, “deixe-nos lá apanhar uns saramaguinhos ali nos lameiros”, o meu pai lá dizia “olha ide apanhai dos maiores mas não arrastai muito a erva pois o gado não a come tão bem, apanhai o que puderdes”. Depois lá apanhavam os saramagos, vinham para baixo e lavavam os saramaguinhos todos bem lavadinhos, depois vinham à azenha do meu sogro e doutros mais pedir um pó de farinha para fazerem o esparnegado.

M- Como é que se chamava? Esparregado?

C- Esparnegado. E assim sucessivamente. Outros chegavam ao pé do meu pai, no céu esteja, “Ó Ti Isidoro Casimiro faça lá favor!”, “Então o que é que vós quereis?”, “Dê-nos lá um molhinho de palha para metermos na enxerga. Na cama, veja bem. Todos os anos despejavam a palha velha e metiam palha nova, nos colchões. De modos que o meu pai dizia assim, “Olha ide além ao cabeceiro”, tínhamos os cabeceiros da palha assim cá na rua, “ide lá mas não tirai muita porque são os lençóis das minhas vaquinhos”. Mas nunca negou um molho de palha a ninguém...

M- E depois a emigração como é que foi ?

C- A emigração já foi em mil novecentos e cinquenta e tanto. Para Lisboa o pessoal emigrou muito cedo. Ora em Lisboa quem os metia na carris, no caminho de ferro, era o senhor doutor Tomás Gamboa, aqui de Alpedrinha, que era o sogro do senhor Pina Ferrão, da associação Pina Ferrão



aqui de Alpedrinha, nessa altura vamos lá, começou aí em 1940 ou menos um pouco. Eu recorda-me, eu nasci em vinte e sete, portanto em trinta e sete houve a grande cheia, que foi quando levou as azenhas todas. Uma espécie de um dilúvio que houve na nossa ribeira, que abalou a Malguinhas, abalou diversos.

M- A Malguinhas era o quê?

C- A Malguinhas era uma mulherzinha que lhe chamavam a Malguinhas.

M- Mas morreu?

C- Foi uma cheia.

M- E apareceu depois ou não?

C- Depois apareceu. Essa cheia foi em 37 em 1937 a 13 de Novembro de 1937. Eu era pequenito, tinha dez anos, estava a minha mulher aqui nesta casa, que esta casa era do avô da minha mulher, que tinha casado uma filha, ou que fosse uma tia da minha mulher. Quando o meu sogro mais a minha sogra, se armou aquela trovoadas tão grande, começaram “ai Jasus que temos lá os nossos haveres cima!”. Quando veio aquela trovoadas tão grande, caiu à ribeira, olhe que chegou a água aqui, os pedregulhos, amieiros, aquela coisa toda, trancou a ribeira toda por aí acima, não ficou uma parede inteira à beira da ribeira. Árvores grandes, abalou com tudo. Essa Malguinhas, essa Maria, chamavam-lhe a Maria não sei quê, a gente só a conhecia por Malguinhas, ora eu tinha para aí os meus dez anos, nessa altura, nós nessa altura já morávamos lá em cima no Sameiro, onde está a tal dita barragem, que eu nasci aqui em baixo, aqui na ribeira, depois daqui é que fui lá para cima. O meu pai, no céu esteja, depois comprou aquele prédio, fomos lá para cima e tal, e essa Malguinhas quando viu a cheia tão grande, ela mais o homem “Ai Jasus vamos embora, vamos embora!” já estavam na rua, já estavam cá no meio da rua e ela, “Ai que me fica lá o ouro e tal...” e ela entra dentro da azenha a ver do ouro, quando vinha a sair cai-lhe a toça da azenha em cima, nunca mais ninguém a viu, desapareceu. Foi a azenha, veio direitinha de encontro aquela ponte que está, chamada agora a ponte romana, não sei se conhece aquele largo, ficou tapada para sempre, nunca mais foi aberta, depois é que a ponte foi feita cá abaixo. O meu sogro morava lá em cima à beira da ribeira, mais a minha sogra, que naquela altura não era mas..., vão daqui, quando lá chegam não viram azenha nem viram animais tinha abalado tudo. A azenha tinha abalado também abalaram uma quantidade de azenhas. Aqui aparecia um burro, além aparecia um porco, além um cavalo, além aparecia uma vaca, além aparecia um novilho. E essa Maria Malguinhas, chamada Maria Malguinhas, foi no dia 13 de Novembro de 1937. A dezassete de Maio arma-se outra trovoadas, tão forte ou tão pouco, que chegou aos mesmos pontos, a água, do

que chegou a primeira. Mas como a primeira já tinha levado tudo, já não havia mais nada para levar. E essa Malguinhas, essa mulherzinha, aparece depois numa beirada da Atalaia chamada as “entráguas”, chamada as “entráguas” bem digo, numa quinta lá à beira da ribeira. O dono daquela quinta vai lá à ribeira e qual não é o espanto dele quando vê assim um braço no ar, quer dizer a primeira trovoada que veio arrasou cobriu-a toda de areia, a segunda descobriu-a. Foi então quando ela apareceu no dia 17 de Maio. Ela foi no dia 13 de Novembro e em 17 de Maio de 1938 foi quando ela apareceu nas beiradas da Atalaia. Lá depois a apanharam, a mulherzinha, trouxeram-na para Castelo Novo e fizeram-lhe o funeral, estava intacta, estava tal qual tal qual como se tivesse sido nas vésperas. Quer dizer estava enterrada na areia e a areia conservou-a.

M- E a emigração para o estrangeiro foi a partir de mil novecentos e cinquenta ?

C- A emigração para o estrangeiro foi entre mil novecentos e quarenta, começaram a emigrar para o estrangeiro.

M- Muita gente então.

C- Muita, uns foram a salto, eu tive um irmão que deu cinco contos naquela altura, e foi a salto, mas nessa altura, olhe que eu tive um ano, eu tinha onze anos, o meu pai tinha três juntas de vacas, naquela altura, a fazer os carretos, os carros de bois para fazer o transporte para Castelo Branco, daquilo que se cultivava aí nas quintas, batata, feijão, milho. Vinham aqueles alentejanos lá de baixo de Nisa, e daí ali assim sucessivamente comprar no mercado de Castelo Branco. O meu pai, no céu esteja, tinha então três juntas de vacas, eram dois ganhões, aos onze anos o meu pai metia-me, quer dizer, um ganhão ia na frente e outro ganhão ia atrás e eu ia no meio deles, com uma junta de vacas a caminho de Castelo Branco. Tive um ano que até era o domingo do Senhor da Misericórdia, esse dia à noite tive que embarcar a caminho de Castelo Branco, com uma carrada de batatas.

M- e demoravam quanto tempo ?

C- Nós abalávamos daqui à tarde, ao anoitecer, para Castelo Branco, chegávamos ali a Alcains, havia ali um chafariz, por cima de Alcains havia ali um chafariz à beira da estrada, o que é que nós fazíamos, chegávamos ali aos quinze e vinte ganhões, quinze e vinte carros de bois a caminho de Castelo Branco, uns de Alpedrinha outros da Soalheira, outros daqui, juntávamos todos e íamos todos por aí abaixo. Vinham aquelas mulherzitas de Alcongosta com atados de cestas e cestos à cabeça chegavam aqui já estavam à minha espera, porque sabiam que as juntas do meu pai, no céu esteja, eram sempre valentes, e chegavam aqui e já estavam à espera que a gente aparecesse. A gente aparecia deitavam então o cesto para cima do carro e lá íamos todos por



aí a baixo. Chegávamos lá então ao tal chafariz que é por cima do cruzamento de Alcains, cá mais acima um pouco, havia um chafariz que ainda lá está hoje. Chegávamos ali púnhamos os carros na espera, tirávamos as vacas e ali passávamos uma hora, uma hora e meia a dar de comer ao gado e o gado a descansar. Quando nos parecia que coisa a gente arrancava a caminho de Castelo Branco. Mas antes de isso, chegávamos ali e essa raparigas que vinham dali e aquela coisa toda, eu naquela altura já era assim leiriano, dava para o realejo, veja bem nem descansávamos, chegava ali toca de parar os carros, toca de comer a bucha e no fim arranjávamos ali um bailarico, arranjávamos um bailarico e lá seguíamos a caminho de Castelo Branco.



## **Anexo 11 - Reprodução em texto da entrevista com as senhoras de S.Vicente, em 10 de Fevereiro de 2007**

Local: Restaurante Mila no Casal da Fraga (anexa de S. Vicente da Beira).

Numa das vezes que almoçávamos no Restaurante Mila perguntámos à Sr. Dona Mila se conhecia algumas pessoas que ainda soubessem cantar algumas canções da terra. A resposta foi positiva. A senhora ficou de contactar as pessoas para marcarmos uma reunião onde se pudesse fazer a entrevista.

Demorou cerca de um mês a marcar o encontro, o Inverno mostrava-se frio e húmido adoentando as intervenientes que necessitavam da garganta em condições para cantar. Assim, num Domingo à tarde, logo a seguir ao almoço, deslocámo-nos ao Restaurante Mila para realizar o trabalho de campo.

As senhoras que apareceram eram de uma boa disposição contagiante, tornando o ambiente muito descontraído e animado. Não necessitámos de utilizar nenhuma estratégia para “quebrar o gelo”.

Há alturas da entrevista em que, por estarem várias pessoas a falar ao mesmo tempo, se criou um certo ruído na comunicação, tornando imperceptíveis algumas palavras. Na transcrição optámos por transcrever o essencial das várias vozes garantindo o contexto e o fio condutor. Quando as palavras que não se percebiam eram essenciais para garantir o fio condutor da conversa ou faziam parte de algum texto de canção, tentámos perceber o que fora dito junto das intervenientes.

Os intervenientes nesta entrevista são o investigador (Mig.) e quatro senhoras (M1,M2,M3 e M4).

M1 – Ai coitadinha que não têm patrão.

M2 - ... se quer albardar o meu burrito também lho dou.

(risos)

Mig- Se a minha mulher sabe já não me deixa para cá vir...

M1- O senhor já está encantado aqui com a São.

Mig- Já viu?

M2- Olhe, olhe, escute, o outro dia, eu ia no fundo de todas, ia eu mais estas duas aqui. E lá de cima um cachopo russo, mas russo pintado, faz assim lá de cima “Anda para cá minha paixão”.

Ele julgava que eu me zangava ou que fazia alguma coisa...

Mig- e foi...

M2- E eu faço-lhe “Oh meu amor”

M1- Oh meu querido, pois claro.

(risos)

M2- Ele o meu amor e eu a minha paixão. Até ao fim meu amor andava de braço dado comigo, mas eu sou séria graças a Deus.

Mig- Eu sei, mas está cheia de saudades dele.

M2- Estou com saudades da minha paixão.

Mig- está cheia de saudades da paixão.

M3- Escute lá agora esta, depois fôramos ao almoço a outro lado, a filha telefonou para lá quando estávamos no almoço, e ela disse-lhe assim “Oh menina já cá arranjei um querido, agora levo-o. Olha, dá para ti e para mim, mas é mais para ti porque é novo.

M2- Eu já estou velha.

(Risos)

Mig- Muito bem eu só lhe vou pedir se se chega um pouco para trás para ver se. Mas para já os seus nomes, a senhora como é que se chama... espere aí espere aí, primeiro a senhora

M1- Maria dos Anjos Cardoso Gama

M2- Eu como sou pobrezinha só me chamo Maria do Céu.

Mig- E a senhora?

M3- Maria Rita Rodrigues.

Mig- E a senhora?

M4- Maria da Luz.

Mig- São todas Marias. Isto é assim eu sei que não se pergunta a idade às senhoras

M2- Digo-lhe que tem dezoito

(Risos)

M1- Eu nasci em mil novecentos e vinte e nove, para Maio a vinte e quatro faço setenta e oito.

Mig- A senhora tem dezoito...

M2- Eu tenho dezoito mas faço também setenta e oito.

M3- Eu setenta e quatro.

M4- E eu setenta e dois.

Mig- É bom as pessoas terem esta idade porque me vão cantar canções de quando eram pequeninas.

M2- Olhe ia uma senhora de idade com uma lanterna na mão, não tínhamos luz, a pedir ao meu pai, “Ó Zé deixa lá vir a cachopa”, cantar os martírios que era eu uma garota, “deixa lá vir a cachopa, deixa lá vir a cachopa”

Mig- Começamos com os martírios?

M2- Toda a vida cantei os martírios. É melhor por o rádio.

M4- Ela põe o rádio porque somos muito poucas. Sendo muitas é que dá.

Mig- Podemos começar com os martírios, isso cantava-se quando?

M1- Na Quaresma.

M4- Todas as sextas-feiras da Quaresma.

M2- Íamos a dar uma volta ao calvário e à fonte e pelas quintas, tudo caladinho

M1- Tudo caladinho mas daquela vez riramo-nos bastante, está lá no rádio. Olha depois quando estiver na parte temos que lhe explicar temos que dizer ao senhor para apagar.

M2- Não podemos por lá o piru.

M1- Foi a gravar à casa da minha irmã, olhe ela tinha um alguidar de massa a crescer para fazer pastéis de carne. Perguntou-lhes como é que eram os usos e costumes das nossas festas. O que é que se comia. Perguntou-me a mim e eu... (e o meu Pedro diz-me “vai lá a falar do piru mãe?”)

M2- Como é que é? É Piru ou peru?

Mig- P E R U.

M1- Também matamos um pi..., toda a gente mata um piru.

(Risos)

Mig- Olhem e se começarmos assim, começamos assim pelas canções que se cantavam...

M2- Aonde, onde é que quer? A sachar o milho?

Mig- A sachar o milho, depois vamos aos martírios. Eu sei que os martírios puxam um bocadinho pela voz não é?

M1- Eram muitas e todas cantavam bem.

Mig- Então o que é que se cantava quando se sachava o milho?

M2- Então era assim, eu cantei tanto...

(começam a cantar a canção de sachar o milho)

Ai mondadeiras do meu milho	Ó que grande calma tem
Ai sachai o meu milho bem	Ai para quem anda no campo
Não olheis para o caminho	Meu amor que tu lá andas
Ai que a merenda já lá vem	Ai encosta-te a lírio branco

O Alentejo não tem sombras

Ai senão a que vem do céu

Encosta-te aqui amor

Ai á sombra do meu chapéu

M2- Ó gaita se eu me agarro nesse tempo até os (não se percebe uma palavra) da Serra da Gardunha!

Mig- Então esta cantava-se a sachar o milho. Mas havia mais não havia?

M2- Há muitas.

Mig- Como é que era?

Agacha-te ó serra alta

Ai que quero ver a Lardosa

Quero ver o meu amor

Ai que anda na folha da rosa

Abaixa-te ó serra alta

Ai que quero ver o Fundão

Quero ver o meu amor

Ai que anda na ceifa do pão

O meu amor é baixinho

Ai eu alta também não sou

O pano mais asadinho

M1- Ó São escuta uma coisa porque é que tu não sobes

M2- Tu sabes se eu posso alevantar...

(não percebemos aqui algumas coisas)

M1-( Canta a quadra da ceifa do pão)

M4-

Abaixa-te ó serra alta

Que as outras se abaixarão

Quero ver o meu amor

Ai que anda na ceifa do pão

Mig.- E a serra é a da Gardunha, para se baixar para se ver a Lardosa.

M1-

Dai-nos por beijos a Gardunha

Cantando hinos de amor

Mais linda não há nenhuma

S. Vicente de (toca o telefone e não se percebe a palavra)

Mig.- Então e esta é qual? É o hino de S. Vicente?

M1,2,3,4- É pois.

Mig- Vamos lá ao hino de S. Vicente. Isto foi feito por quem?

M1- Pelo senhor José Lourenço. Era um poeta.

Mig- Tem quantos anos mais ou menos?

M2- Isto tem muitos anos...

M1- Já tem uns setenta ou mais.

M3- Sessenta? Tem mais de cem. Onde é que já vai o Zé Lourenço? Setenta e quatro tenho eu já.

M4- Se pondo-vos a discutir isso nunca mais daqui saímos.

Mig.- Então vá vamos lá cantar o hino. Pode ser?

M1- Havíamos de saber quando foi o cortejo de oferendas porque isto foi feito para isso.

M2- Ai mas aquilo está a gravar? (refere-se à câmara de filmar) Ai o meu filho se vê o que eu estou a dizer.

Mig- Não tem mal nenhum.

M4- Deixa-te lá agora do teu filho.

Mila- Cantem lá que também quero ouvir essa!

Somos de tão linda terra

S. Vicente terra tão nobre

S.Vicente mimo jardim

Tão risonha e tão fagueira

Nascidos na Beira Baixa

Em teu seio se descobre

Onde há encanto sem fim

Alma grande a nossa beira

Nascidos na Beira Baixa

No teu seio se descobre

Onde há encanto sem fim

Alma grande a nossa beira



Temos por berço a Gardunha	A nossa vila cantamos
Cantando hinos de amor	Para mais a sublimar
Mais linda não há nenhuma	E a todos saudamos
S. Vicente jardim em flor	Com o nosso alegre cantar

M1- E depois fomos lá a cantar ao palco

M3- Nós também lá fomos a cantar.

Mig- Então e na apanha da azeitona cantavam alguma coisa ou não ?

M2- Na apanha da azeitona era assim...

Os amores da azeitona

Ai solidão solidão

São como os da cotovia

Ai ai ai ai ai

Acabadas d a azeitona

Ai solidão solidão

Vai-te embora em romaria

Ai ai ai ai ai

Vai de laço ó Maria

Tudo é um bem querer

Estava o par(e) amoroso

Não te posso ir a ver

M1- E o meu pai que Deus tem, andávamos no chão de ... chegou lá e disse assim

M3- Olha que aquilo está a gravar tudo

M1- (não se importa e continua) Ó filha, ó filha, eu ia a subir as escaditas e andava “ai ai ai”, ó filha, ele era engraçado, o que é que foi quem é que te bateu?

Mig- Andava a dizer ai ai ai...

M2- E também é outra. Como é que é a da prima?

Ó prima ó linda, és tão linda coradinha

O meu amor disse que vinha

Ó prima ó linda

Antes da lua nascer

És tão linda coradinha

Ó lua que vais tão alta

Ó prima ó linda

Meu amor sem aparecer

És tão linda coradinha

Mig- É muito bonito!

M1- Sabíamos um saco cheio.

M2- Eu? Eu não era um saco, era esta casa da Mila cheia...

Mig- Então e mais e mais e mais? Nas desfolhadas, cantava-se?

M1- Oi isso eram todas. Na tapada de Franco eu e mais o Zé Tété e mais a minha professora. É na barragem, no meio da barragem, e nós a cantáramos aquela do amor de perdição, isso era... (começa a cantar)

Teresa de Albuquerque foi morta pelo amor...

M2- Essa não é para aqui.

M1- E a minha professora...

Mig.- Mas isso era cantado onde?

M1- Nas desfolhadas.

Mig- Então cante lá se faz favor!

M1- Ai eu só já sei dois ou três.

Mig.- E a canção era daqui.

M1- Não a canção era da... do... do filme, da Teresa de Albuquerque.

Mig.- E na apanha da azeitona só cantavam isso.

M2- Ai, cantávamos muita coisa...

Mig.- E na vindima?

M1- Na vindima era tudo a eito.

M4- Na azeitona é que era só a da azeitona, mas no resto cantava-se tudo para tudo o que se fazia no campo.

Mila- Cantem aqui as cantigas antigas mesmo aqui de S.Vicente.

Eu tenho um limão correndo

Ó prima ó linda

À tua porta parou

És tão linda coradinha

Quando o limão te quer bem

Ó prima ó linda

Que fará quem o deitou

És tão linda coradinha

M1- Havia cá uns homens que cantavam tão bem...

O ... quando eu morri

Ó prima ó linda

Pelo amor Joaquim

És tão linda coradinha

Agora que já o tenho

Ó prima ó linda

Tomara-o fora de mim

M1-(Ui!)

És tão linda coradinha

Ó rabi de Mimorri

Ó prima ó linda.

Pelo amor Manuel

És tão linda coradinha

Agora que já o tenho

Ó prima ó linda

Faço-lhe uma vida cruel

És tão linda coradinha

Mig- Quando não o tinha queria-o, agora que já o tem faz-lhe uma vida cruel...

Toma lá meu coração

Olha que andas dentro dele

Ó prima ó linda

Ó prima ó linda

Se o quiseses matar podes

Se o matas também morres

És tão linda coradinha

És tão linda coradinha

M1- Com as mãos engadanhadas, de sol a sol, a apanhar azeitona

Eu te dei meu coração

Ó prima ó linda

Coisa que dar não podia

És tão linda coradinha

Já te dei a melhor coisa

Ó prima ó linda

Que no meu peito havia

És tão linda coradinha

Mig.- E mais, eu quero ouvir tudo

Mila- Cantam o St António, cantam os martírios...

Mig.- O Stº António

M2- Eu sou irmã de S. Francisco e sou irmã de...

M4- Tem muitas irmãs

(Entra um bebé com a mãe no restaurante e é causa de dispersão...)

Mig.- Vamos lá então, vamos lá cantar o Stº António.

M2- Ai o Stº António é muito pasmado.

Mig.- Mas é que eu assim ficava com ela, escrevia-a, está a perceber?

M2- O Stº António não senhora!

Mig.- Já não se perdia...

(M3 começa a cantar e as outras acompanham)

António santo

De Jesus querido

Dai-me sempre o vosso patrocínio

M3- Isso é muito triste.

Mila- Cantai a Srª da Orada.

Mig.- A Srª da Orada, ai a Srª da Orada tem uma música também?

M3- Ai então não tem.

M1- Olhe desculpai lá, porque eu nasci na música, sou vizinha da banda e eu tenho um ouvido...

M4- Sim.

M1- A Srª da Orada, nós não vamos cantar como a banda a toca. Vai para a Srª da Póvoa, vai para a Rainha Santa.

Mig.- Como é que era a Srª da Orada?

M4- Mas ó Janja, mas agora estas pessoas mais novas que nós cantam diferente, porque nós cantamos como a banda.

M1- (Começa a cantar a canção e pergunta) mas a Sr<sup>a</sup> da Orada não está ali na cassete?

M4- Quando a gente cantava assim como a banda, a gente assim no fim fazia Ta Ta Tchim Ta Ta Tchim.

M1- Pois como a banda fazia.

Mig.- Então vamos lá cantar a Sr<sup>a</sup> da Orada!

M1- Abaixai fazei favor!

M3- Tem de começar uma de vós.

M4- Vá começai vós atão!

M3- Sandes mais velhas, sandes mais velhas.

Mig.- Comecem lá então.

M1- Nossa senhora d'Orada.

M2- Vá temos que dizer o que se vai a cantar.

M1- Nossa senhora d'Orada vinde abaixo à ribeira (...) nossa senhora d'Orada quem vos varreu a capela. Tem que ser o terreno e a ponte. Olha eu às vezes no outro dia, eu começo na serra e acabo no Algarve, são uns trinta e cinco versos. No fim eu canto baixinho na cama

Nossa senhora da serra

Dizei-me adonde morais

Ó cimo de S.Vicente

No meio dos pinheirais

M1- Depois venho por aí abaixo

Nossa senhora d'Orada...

M2- A gente sabe tudo porque é que estás agora a dizer. Olhe lá mas aquilo está a apanhar as asneiras? (referindo-se à câmara de filmar)

Mig- Não aquilo só apanha o que é bom.

M3- Olha que apanha tudo.

Mig.- Cantem lá a senhora d'Orada, vamos lá!

Nossa senhora d'Orada  
Vinde abaixo à ribeira  
Nossa senhora d'Orada  
Vinde abaixo à ribeira  
Vinde a ver a mocidade  
De S. Vicente da Beira  
Vinde a ver a mocidade  
De S. Vicente da Beira

Nossa senhora d'Orada	Cheira a cravos cheira a rosas
A vossa capela cheira	Cheira a flor de laranjeira
Nossa senhora d'Orada	Cheira a cravos cheira a rosas
A vossa capela cheira	Cheira a flor de laranjeira

Nossa senhora d'Orada	Nossa senhora d'Orada
Quem vos varreu a capela	Vossa água tem virtudes
Nossa senhora d'Orada	Nossa senhora d'Orada
Quem vos varreu a capela	Vossa água tem virtudes

As moças de S.Vicente	Com ela tantos doentes
Com raminhos de marcela	Recuperam a saúde
As moças de S.Vicente	Com ela tantos doentes
Com raminhos de marcela	Recuperam a saúde

Nossa senhora d'Orada	Chega a vossa nomeada
Ó que senhora tão linda	À cidade de Coimbra
Nossa senhora d'Orada	Chega a vossa nomeada
Ó que senhora tão linda	À cidade de Coimbra

Nossa senhora d'Orada  
As costas vos vou virando  
Nossa senhora d'Orada  
As costas vos vou virando  
Minha alma se vai rindo  
Meus olhos se vão chorando  
Minha alma se vai rindo  
Meus olhos se vão chorando

M2- Elas enganam-me, elas enganam-me.

M1- Não é nada disso ó São.

Mig.- Mas havia mais ou não?

M2- Tem muitos, muitos, muitos.

Mig.- E a senhora d'Orada festeja-se quando?

M1- Quarto Domingo de Maio.

Para os cânticos religiosos quiseram recorrer a uma cassette que fora gravada havia muitos anos por um senhor de Coimbra.

Depois de ouvirmos a cassette pudemos constatar que a entrevista versava sobre os usos e costumes da terra: as festas populares, os pratos típicos e as músicas que se cantavam na quaresma.

Continuamos a transcrição desta entrevista a partir do momento em que as senhoras começaram a cantar seguindo a voz da cassette. Assim os martírios



que é cantado de forma responsorial, tinha a primeira voz na cassete e as senhoras que estavam na nossa presença faziam o coro.

Solista- E o vosso nome

Coro- Divino é Jesus de Nazaré

Solista- Quero viver e

C- morrer pela vossa santa fé

S- A vossa santa

C- cabeça por uma coroa de espinhos cravada

S- Por entre dores

C- Vividas fonte de sangue ma...

S- Vosso cabelos

C- Divinos por (?) em sangue ensopados

S- Sangue que veio

C- (?) de nossos feios pecados

S- Vosso sagrado

C- Ouvido tão (?) os meus pecados

S- Lá no dia de

C- juízo eles serão perdoados

S- Os vossos santíssimos

C- Olhos verteram lágrimas (?)

S- P'ra livrar as nos-sas

C- almas no (?)

S- Vosso belíssimo rosto

(É melhor confirmar a letra com as pessoas)

Mig- E agora ainda se faz, faz-se cá ainda...

M2- Faz mas eu já não vou.

Mig.- Mas é só senhoras ou também há homens?

M1- Também há homens.

M4- Até havia cá um senhor que ia com um instrumento.

Mig.-Ai era, e que instrumento?

M1- Clarinete, tocava muito bem.

M2- E cantavam o aleluia.

Mig.- Então e não conseguem cantar o aleluia sem ouvir isto?(a cassette)

M2- Aleluia aleluia - está muito alto.

M3- Então começa mais baixo.

M1- Começa Maria!

Aleluia aleluia aleluia aleluia

Recorda senhor vigário, recorda senhor vigário

Que já dá o sol na cruz

Venha a dar as boas festas

Venha a dar as boas festas

Ao coração de Jesus

Aleluia aleluia aleluia

A roseira do sacrário

A roseira do sacrário

Vem os anjos colhem rosas

Vem os anjos colhem rosas

Quem me dera ter lá uma

Aleluia aleluia aleluia aleluia

Mig.- Então e as almas, como é que eram as almas? E quando é que se cantavam as almas?

M1- Também era na quaresma.

Mig.- Mas era à noite também?

M1- Não havia cá luz e a gente andava com lanternas e íamos à torre toda toda a vila ouvia.

Bendita e louvada seja

A sagrada paixão de nosso senhor

Cristo

Mais vos peço meus irmãos um padre nosso e uma

Ave Maria

Por aqueles que andam sobre as águas do mar

Nosso senhor vos traga a porto de salvamento

Mais vos peço ó meus irmãos um padre nosso e uma ave Maria

Por aqueles que andam em pecado mortal

Nosso senhor os converta à vossa divina graça

Mais vos peço ò meus irmãos

Um padre nosso e uma Avé Maria

Pelas benditas almas que estão nas penas do

Purgatório

E seja pelo amor de Deus

Mig.- O santo António é que não me cantaram.

M2- Ai o santo António é muito triste.

Mig.- Então mas já não se canta?

M4- Canta-se na igreja quando é da novena.

Mig.- Cantem lá só um bocadinho que eu acho que há uma parecida...

António Santo

De Jesus querido

Dai-me sempre o vosso patrocínio

Valei-me António

Na final agonia

Levai minha alma

Na despedida

Para que possa louvar

A Jesus e Maria

Mig.- Mas digam-me só a letra, só os versos. Pode ser?

M2- Ai não tenho.

M3- Valei-me António na final agonia...

M1- António Santo, de Jesus querido, valha-me sempre o vosso patrocínio

## **Anexo 12- Reprodução em texto da entrevista realizada na Soalheira dia 5 de Abril de 2008.**

Esta entrevista realizou-se na escola primária da Soalheira. As sete senhoras que falaram e cantaram fazem parte do coro do rancho folclórico da Soalheira. Começámos por perguntar se sabiam cantar músicas antigas. As respostas, contraditórias, choveram ao mesmo tempo tornando impossível transcrever as frases proferidas. Este ambiente de conversa animada durou toda a entrevista. Para dificultar ainda mais a audição, com o propósito da transcrição, havia um grupo de pessoas que estavam atrás da câmara e falaram durante a entrevista toda criando um ruído de fundo perturbador.

Assim, transcrevemos as letras das músicas e descrevemos o contexto em que se cantavam, fazendo uma síntese daquilo que foi dito pelo grupo, não individualizando o discurso.

Os participantes nesta entrevista foram o investigador (Mig.) e o grupo acima descrito (grupo).

Mig.- Então boa noite, eu gostava de saber então se ainda se lembram das músicas mais antigas que se cantavam aqui na Soalheira.

Grupo: Um das senhoras disseram que sim e outras que não se lembravam pois não tinham participado nas tarefas agrícolas, nomeadamente na apanha da azeitona. Nomearam a canção Chapéu Preto que é uma canção de autor mas muito popular nesta região. Espontaneamente começaram a cantar uma canção de Ceifa.

Vamos à ceifa ceifa na mão

Ceifar o trigo que o trigo é pão

Vamos à ceifa ceifa na mão

Ceifar o trigo que o trigo é pão

Bailam nas fontes coradinhas como nós

Bendito seja o senhor mas disse a uma só voz

Mig.- Isto é uma canção de ceifa não é? E na azeitona o que é que cantavam?

Grupo: Nomearam a canção Oliveira da Serra que é muito popular nesta região. Uma senhora chamada Maria José começou a entoar uma canção.

A oliveira se queixa	Menina que há-de ser minha
A oliveira se queixa	Menina que há-de ser minha
Ai se queixa e tem razão	Ai não me dê tanto trabalho
Ai se queixa e tem razão	Ai não me dê tanto trabalho

Que lhe colhem a azeitona	Os amores da azeitona
Que lhe colhem a azeitona	Os amores da azeitona
Ai lhe deitam a rama ao chão	Ai são como o milho miúdo
Ai lhe deitam a rama ao chão	Ai são como o milho miúdo

Debaixo da oliveira	A acabada da azeitona
Debaixo da oliveira	A acabada da azeitona
Ai nem chove nem cai orvalho	Ai lá vai amor lá vai tudo
Ai nem chove nem cai orvalho	Ai lá vai amor lá vai tudo

Grupo: Referiram que eram os homens que cantavam a primeira quadra, que pressupõe um pedido de namoro, e que havia namoros que continuavam depois da colheita da azeitona e outros que acabavam como nos diz a segunda quadra.

Cantam então a Ciranda que é cantada, segundo uma das senhoras, pelo rancho da Idanha, ou pelo rancho dos Enxames, segundo a opinião de outra senhora.

Ó ciranda cirandinha  
Anda sempre a cirandar  
A azeitona miudinha  
Anda a ciranda no ar

Cantam depois o Dom Solidom que é muito popular nacionalmente.

Olha a rosinha dom Solidom  
Como vai airosa  
Olha a rosinha dom Solidom  
Como vai airosa  
Põe a mão na trança  
Dom Solidom  
Não te caia a rosa  
Põe a mão na trança  
Dom Solidom  
Não te caia a rosa  
Não te caia a rosa  
Dom Solidom  
Não te caia a fita  
Não te caia a rosa  
Dom Solidom  
Não te caia a fita  
Olha a rosinha  
Dom Solidom  
Como vai bonita  
Olha a rosinha

Dom Solidom

Como vai bonita

(Uma senhora canta umas quadras que inventou para esta música.)

Olha a rosinha

Lá vai ela a passear

Olha a rosinha

Lá vai ela a passear

Mentiu à mãe

Para ir a namorar

Mentiu à mãe

Para ir a namorar

Lá vai a rosinha

Com a saia a dar a dar

Lá vai a rosinha

Com a saia a dar a dar

Mentiu ao pai para ir a namorar

Mentiu ao pai para ir a namorar

(Cantam uma música que ouviram cantar ao rancho do Fundão.)

Ó rosita eu pedi-te um beijo

Ó rosita eu pedi pedi

Ó rosita eu pedi-te um beijo

Ó rosita eu pedi pedi



Passaste não me falaste	Que eu também lá quero ir
Nem p'ra mim olhaste	Eu sou rapariga nova
Mas eu bem te vi	Quero me ir a divertir

Passaste não me falaste	Ó rosita eu pedi pedi
Nem p'ra mim olhaste	Ó rosita eu pedi-te um beijo
Mas eu bem te vi	Ó rosita eu pedi pedi

Siga a roda siga a roda	Passaste não me falaste
Que eu também lá quero ir	Nem p'ra mim olhaste
Siga a roda siga a roda	Mas eu bem te vi

Passaste não me falaste  
Nem p'ra mim olhaste  
Mas eu bem te vi  
Anda lá para diante  
Que eu atrás de ti não vou  
Anda lá para diante  
Que eu atrás de ti não vou

Eu quero encontrar  
O amor que me deixou  
Eu quero encontrar  
O amor que me deixou

Grupo: Duas senhoras disseram-nos que esta música antigamente se cantava com o nome de Helena em vez de Rosita. Referiram ainda que se cantava no

tempo da azeitona ou na ceifa, durante o trabalho agrícola “cantavam todo o dia, era a alegria! Quando havia pessoas a sachar, toda a gente sabia”.

Milho verde milho verde

Milho verde milho verde

Milho verde maçaroca

Milho verde miudinho

Milho verde milho verde

Milho verde milho verde

Milho verde maçaroca

Milho verde miudinho

À sombra do milho verde

À sombra do milho verde

Namorei uma cachopa

Namorei um rapazinho

À sombra do milho verde

À sombra do milho verde

Namorei uma cachopa

Namorei um rapazinho

Milho verde milho verde

Milho verde do sertão

Milho verde milho verde

Milho verde do sertão

À sombra do milho verde

Namorei o meu João (ou um rapazão)

(As senhoras contaram que faziam outras quadras com o nome de propriedades da Soalheira.

Por exemplo: milho verde do Enchidro e namorei o meu Isidro.)

Grupo: Cantaram depois a canção do S.João, que faziam enquanto saltavam as fogueiras.

Ai São João para ver as moças

Ó ai fez uma fonte de prata

Ai São João para ver as moças

Ó ai fez uma fonte de prata

Ai se não puderem com um grande

Ai trouxe-me um pequenino

Ai se não puderem com um grande

Ai trouxe-me um pequenino

Ai as moças não vão à água

Ai São João todo se mata

Ai as moças não vão à água

Ai São João todo se mata

Ai fui ao São João à Guarda

Ó ai da Guarda fui ao Bonfim

Ai fui ao São João à Guarda

Ó ai da Guarda fui ao Bonfim

Ai se fores ao São João

Ó ai trouxe-me um São Joãozinho

Ai se fores ao São João

Ó ai trouxe-me um São Joãozinho

Ai vi lá tudo embandeirado

Ai com bandeiras de cetim

Ai vi lá tudo embandeirado

Ai com bandeiras de cetim (ou marfim)

Grupo: As senhoras referiram que muitas vezes não importava o significado das palavras, o que interessava era a rima. Daí que pudesse ser marfim ou cetim.

Ai São João perdeu a capa

Ó ai no meio de uma latada

Ai São João perdeu a capa

Ó ai no meio de uma latada

Ai juntaram-se as moças todas

Ai compraram uma encarnada

Ai orvalhadas orvalhadas orvalhadas

Ai viva o rancho das moças solteiras

Ai orvalhadas orvalhadas orvalhadas

Ai viva o rancho das mulheres casadas

Grupo: As senhoras referiram que cantavam esta canção em volta da fogueira. Uma das senhoras disse que já na barriga da sua mãe ouvia cantar esta música e saltava a fogueira.

Uma das senhoras tenta lembrar-se de uma música que cantavam na azeitona mas não consegue, “viva o meu churra no teu, viva o meu que é melhor que o teu”.

Uma das senhoras, espontaneamente, disse que se lembrava de uma música que o seu pai cantava e começou a cantar. As outras senhoras que também se lembram dessa música acompanharam-na.

Meu pai ralha-me a valer  
Se eu vou à janela só para te ver  
Meu pai ralha-me a valer  
Se eu vou à janela só para te ver  
Salta o muro do quintal  
Vem falar-me ao roseiral

Grupo: A senhora que começou a cantar esta canção disse que o pai quando vinha do trabalho se sentava à lareira e começava a cantar e foi assim que ela aprendeu.

A senhora que tentava lembrar-se de uma música que cantavam na azeitona, começou a cantar.

Viva o meu  
Churra no teu  
Viva o meu  
Que é melhor que o teu

Grupo: A senhora que cantou esta canção referiu que havia mais versos. Depois de alguma conversa sobre o facto de a câmara de filmar estar ligada ou não, começaram a cantar espontaneamente.

A mim não me enganas tu	Está cru deixai-o cozer
A mim não me enganas tu	Está cru deixai-o cozer
A mim não me enganas tu	Está cru deixai-o cozer
A panela ao lume	Dizem mal de mim
E o arroz está cru	Deixai-o dizer

Grupo: As senhoras referiram que esta música é muito antiga. O nome da música será a mim não me enganas tu. Mas há mais versos que não conseguiram cantar. Uma das senhoras contou que o pai e a mãe lhe diziam em tom de repreensão “O raio da cachopa que anda sempre a cantar!” ao que ela respondia “Quer que eu chore?”.

Começaram a cantar uma música que é muito conhecida a nível nacional.

Já passei a roupa a ferro  
Já passei o meu vestido  
Amanhã vou-me casar  
E o Manel é meu marido  
Todos me querem eu quero algum  
Quero o meu Manel  
Não quero mais nenhum  
Todos me querem eu quero alguém  
Quero o meu amor  
Não quero mais ninguém  
Ai eu quero quero quero  
Amanhã vou-me casar  
Já passei a roupa a ferro

Grupo. Uma das senhoras canta a canção mas, dirigindo-se ao marido, altera o verso “ e o Joaquim é meu marido”. As outras riem-se e dizem-lhe que está a dar graxa ao marido e que está a puxar a brasa à sua sardinha.

(Uma senhora começou a cantar espontaneamente.)

A chita da minha blusa

Já se não usa assim assim

A chita da minha blusa

Já se não usa assim assim

Não quero a minha riqueza

Só quero a pobreza do meu Joaquim

Não quero a minha riqueza

Só quero a pobreza do meu Joaquim

Vai de roda raparigas

Vai de roda sem parar

Cantemos nossas cantigas

(não se lembram do último verso)

A chita da minha blusa

Já se não usa da cor do grão

A chita da minha blusa

Já se não usa da cor do grão

Não quero a minha riqueza

Só quero a pobreza do meu João

Não quero a minha riqueza

Só quero a pobreza do meu João

Vai de roda raparigas

Vai de roda sem parar

Cantemos nossas cantigas

(não se lembram do último verso)

Grupo: A reunião acabou com a marcação de outra entrevista para daí a quinze dias.





## Anexo 13 - Transcrição da entrevista realizada na Soalheira em 11 de Abril de 2008

Esta entrevista ficara marcada no dia 05 de Abril, sendo a segunda reunião que fazíamos com este grupo de senhoras. Apesar de termos ficado com a promessa de que seria o mesmo número de pessoas apareceram menos, somente quatro senhoras metade das que tinham estado na primeira reunião. Desta vez não havia a confusão de vozes e o corrupio de gente que houvera da primeira vez pois não era dia de ensaio do rancho. As senhoras deslocaram-se à antiga escola primária para nos cantarem as canções que sabiam. Com este ambiente é possível individualizar o discurso na transcrição. O Ti Joaquim, marido duma senhora que estava presente, tocou um búzio.

Os intervenientes nesta entrevista são o investigador (Mig.) e quatro senhoras.

Senhora 3: Quando chegávamos à Borrallheira, toca-se os búzios.

Senhora 4: (tentando fazer o búzio soar) Então como é que eles tocavam? É que isto fazia um barulho... Ouvia-se de noite para reunir as pessoas.

Senhora 2: Experimente lá Ti Joaquim!

Mig.- Servia para quê o búzio?

Senhora 4: Para chamar as pessoas. Quando iam para a azeitona, de manhã muito cedo, era para reunir as pessoas.

Ti Joaquim: Para pegar ao serviço, ao meio dia ou à noite, às cinco horas, para largar o serviço tocavam o búzio.

(Uma senhora pega num dossier com letras de músicas e começa a ler as letras.)

Senhora 4:

Debaixo da oliveira

Não faz frio nem faz calor

À sombra da sua rama

encontrei o meu amor

A folha da oliveira

Tem biquinhos como a renda

A estes rapazes de agora

Já não há quem os entenda

A folha da oliveira  
Não é curta nem comprida  
Nela se pode escrever  
Saudades a uma amiga

Mig.- Então essa música como era? Como é que se cantava essa música? Era música da apanha da azeitona não era?

A oliveira se queixa	Que lhe colhem a azeitona
A oliveira se queixa	Que lhe colhem a azeitona
Ai se queixa e tem razão	Ai deitam a rama ao chão
Ai se queixa e tem razão	Ai deitam a rama ao chão

Senhora 4: Ai às vezes também cantavam assim:

Ai ló ai larilolela  
Ai ló ai larilolela  
Ai ó lai ó larilolo  
Ai ó lai ó larilolo

Senhora 1: Quando chegavam ali ò cimo do cabeça...

Senhora 3: Quando chegávamos à Borralheira, todas contentes!

Uma senhora começa a cantar a Oliveira da Serra.

Ó oliveira da serra	Ó i ó ai
O vento leva a flor	Só a mim ninguém me leva
Ó oliveira da serra	Ó i ó ai
O vento leva a flor	Para o pé do meu amor

Ó i ó ai	Se lhe colhem a azeitona
Só a mim ninguém me leva	Ó i ó ai lhe deitam a rama ao chão
Ó i ó ai	
Para o pé do meu amor	

A oliveira se queixa	A folha da oliveira
Se queixa e tem razão	Tem biquinhos como a renda
A oliveira se queixa	A folha da oliveira
Se queixa e tem razão	Tem biquinhos como a renda

Ó i ó ai	Ó i ó ai estes rapazes de agora
Se lhe colhem a azeitona	Ó i ó ai já não há quem os entenda
Ó i ó ai lhe deitam a rama ao chão	Ó i ó ai estes rapazes de agora
Ó i ó ai	Ó i ó ai já não há quem os entenda

Senhora 1: Esta também é linda só que a outra era a mais antiga.

Senhora 4 : Não é o ser mais antiga. A outra era a que cantavam quando vinham da azeitona.

Senhora 3: Andávamos por lá todo o dia a cantar. Era tão engraçado.

Senhora 4: Que músicas antigas é que quer?

Mig.: As mais antigas cantadas aqui na Soalheira.

Senhora 5: Essa que a Ti Mari José tem aí.

Senhora 4: É a tal da azeitona. Mas tem versos lá à maneira deles.

Senhora 1: É versos antigos.

Senhora 4: Como é que eram? Deixa-os lá ver.

A azeitona miudinha

Apanhada uma a uma

As meninas de hoje em dia

Não têm vergonha nenhuma

A azeitona miudinha

Já morreu quem te apanhava

Agora ficas no campo

Abandonada

Senhora 1: Isso foi a minha cunhada.

Senhora 4: E a do Dom solidom. Essa também cantavam quando vinham da azeitona.

Olhá Rosinha dom solidom

Como vai airosa

Olhá Rosinha dom solidom

Como vai airosa

Põe a mão na trança

Dom solidom

Não te caia a rosa

Põe a mão na trança

Dom solidom

Não te caia a rosa

Não te caia a rosa

Dom solidom

Não te caia a fita

Não te caia a rosa

Dom solidom

Não te caia a fita

Olhá Rosinha

Dom solidom

Como vai bonita  
Olhá Rosinha  
Dom solidom  
Como vai bonita  
Olhá Rosinha lá  
Lá vai ela a passear  
Olhá Rosinha lá  
Lá vai ela a passear  
Fugiu à mãe para ir  
A namorar Fugiu à mãe para ir  
A namorar  
Olhá Rosinha dom solidom  
Como vai airoso  
Olhá Rosinha dom solidom  
Como vai airoso  
Põe a mão na trança  
Dom solidom  
Não te caia a rosa  
Põe a mão na trança  
Dom solidom  
Não te caia a rosa  
Não te caia a rosa  
Dom solidom  
Não te caia a fita  
Não te caia a rosa  
Dom solidom  
Não te caia a fita

Olhá Rosinha

Dom solidom

Como vai bonita

Olhá Rosinha

Dom solidom

Como vai bonita

Senhora 1: Estas eram muito antigas.

Senhora 4: E também havia a outra do Dom solidom que também cantavam.

Senhora 2: Nós cantamos solidão.

Senhora 4: Mas vamos lá a ver. Solidão, a gente aplica a palavra solidão não é? Uma pessoa que está só... e Solidom é o som. É como lólarilóló, faz de conta ou larilólela. Lá em cima está o tiroliroliro, cá em baixo está o tirolioló. É a mesma coisa. Acho eu!

Mig.- E esse dom solidom que versos é que tinha?

Senhora 3: Já não me lembro já foi há cinquenta ou sessenta anos...

Mig.- E cada vez há menos gente a apanhar a azeitona.

Senhora 2: E depois a gente deixa de cantar.

Mig.- E nos bailes que se organizavam aí na...

Senhora 1: Nas ruas, nas ruas.

Senhora 4: Ai há as da descasca.

Milho verde milho verde

À sombra do milho verde

Milho verde maçaroca

Namorei uma cachopa

Milho verde milho verde

À sombra do milho verde

Milho verde maçaroca

Namorei uma cachopa

Milho verde milho verde

Milho verde milho verde

Milho verde miudinho

Milho verde folha estreita

Milho verde milho verde

Milho verde milho verde

Milho verde miudinho

Milho verde folha estreita

À sombra do milho verde

À sombra do milho verde

Namorei um rapazinho

Namorei uma sujeita

À sombra do milho verde

À sombra do milho verde

Namorei um rapazinho

Namorei uma sujeita

Senhora 1: Destas sabemos umas poucas.

Senhora 4: Nós temos uma zona aqui, a quantos quilómetros fica o Satão?

Nós temos uma zona aqui, a quantos quilómetros fica o Satão?

Senhora 1: Aí uns três quilómetros.

Senhora 4: Então aquela zona ali chama-se o Satão, noutra é a Gesteira, noutra é o Vale do Urro.

Senhora 1: A Borralheira.

Mig.- São fazendas ou assim?

Senhora 1: Sim, sim.

Senhora 3: O Enchidro.

Mig.- E faziam quadras com esses nomes? Então digam lá, no Satão era o meu João.

Senhora 4: Do Enchidro é o meu Isidro.

Senhora 1: E do Joaquim?

Senhora 3: Do Joaquim não há.

Senhora 3: A gente sabíamos tantas canções quando andávamos a sachar.

Senhora 4: E havia as do São João.

Ai eu hei-de ir ao São João

Ó ai hei-de lá e se lá for

Ai a pé ou a cavalo

Ou nos braços do amor

Ai a pé ou a cavalo

Ou nos braços do amor

Ai se fores ao São João

Ó ai trouxe-me um São Joãzinho

Ai se não puderes com um grande

Ai trouxe-me um pequenino

Ai se não puderes com um grande

Ai trouxe-me um pequenino

Ai orvalhadas orvalhadas orvalhadas

Ai viva o rancho das mulheres casadas

Ai orvalhadas orvalhadas orvalheiras

Ai viva o rancho da moças solteiras

Ai fui ao São João à Guarda

Ó ai da Guarda fui ao Bonfim

Ai fui ao São João à Guarda

Ó ai da Guarda fui ao Bonfim

Ai vi lá tudo embandeirado

Ai com bandeiras de cetim

Ai vi lá tudo embandeirado

Ai com bandeiras de cetim

Ai São João gosta de ver

Ó ai cachopas à sua beira

Ai São João gosta de ver

Ó ai cachopas à sua beira

Ai venham cá venham beber

Ai ó moças da Soalheira

Ai venham cá venham beber

Ai ó moças da Soalheira

Senhora 1: Depois há versos bonitos pá!

Senhora 4: Este aqui está lá no São João. No chafariz do S. João.

Mig-Ai estão escritos no chafariz de S. João?

Senhora 1: Este está.

Senhora 4: Está num azulejo.



Mig.- E qual é o Santo ou a Santa padroeira da Soalheira?

Senhora 4: São Lourenço.

Mig.- E há alguma canção ao São Lourenço?

Senhora 1: Não, não temos.

Senhora 4: Temos mas é uma espécie de laudes, e então a gente no dia de S. Lourenço cantamos. É assim, aqui há uns cinquenta e tal anos a diocese da Guarda, o bispo da altura, mandou fazer em todas as paróquias da diocese fazer um “sagrado auspere”. E o que é isso, é estar um dia e uma noite nosso senhor exposto, cada dia numa paróquia. Portanto durante o ano inteiro estava sempre nosso senhor exposto numa paróquia. E então nós cá na Soalheira escolhemos o dia de S. Lourenço. É de nove para dez de Agosto, que é o dia de São Lourenço, o dia do nosso padroeiro é dia dez de Agosto. E então Nosso Senhor estava exposto desde as nove da noite do dia nove de Agosto até às nove da noite do dia dez. Agora já não é assim, as pessoas estão de idade. As mais novas já não têm... não têm possibilidades porque umas estudam e outras trabalham e chegam a casa cansadas e já não fazem isso. De maneira que só as pessoas de idade é que fazem isso.

Mig.- Mas há aqui outra festa não há?

Senhora 4: A Senhora das Necessidades.

Mig.- E há algum cântico à Senhora das Necessidades?

Senhora 4: Temos, temos as Alvissaras.

Mig.- As Alvissaras... mas isso tem a ver com a Páscoa não é?

Senhora 3: É Domingo de Páscoa.

Senhora 4: No Domingo de Páscoa vamos cantar as Alvissaras à Nossa Senhora porque a festa é no Domingo de Pascoela, no Domingo a seguir.

Senhora 3: Oito dias depois, com Adufes assim. ( Aponta para o adufe que entretanto a senhora 4 tirou de um saco).

Senhora das Necessidades

Abri as portas senhora

Já cá vimos à barreira

Ao povo da Soalheira

Senhora das Necessidades

Abri as portas senhora

Já cá vimos à barreira

Ao povo da Soalheira

Aleluia aleluia

Aleluia já é festa

Aleluia aleluia

Aleluia já é festa

Alegrai-vos mãe de Deus

Nossa alegria é esta

Alegrai-vos mãe de Deus

Nossa alegria é esta

Alegrai-vos mãe de Deus

Nossa alegria é esta

Alegrai-vos mãe de Deus

Nossa alegria é esta

Senhora das Necessidades

A vossa capela cheira

Senhora das Necessidades

A vossa capela cheira

Senhora das Necessidades

Que dais ao vosso menino

Senhora das Necessidades

Que dais ao vosso menino

Cheira a cravos cheira a rosas

Cheira à flor da laranjeira

Cheira a cravos cheira a rosas

Cheira à flor da laranjeira

Todos os meninos choram

Só o vosso está caladinho

Todos os meninos choram

Só o vosso está caladinho

Aleluia aleluia

Aleluia já é festa

Aleluia aleluia

Aleluia já é festa

Aleluia aleluia

Aleluia já é festa

Aleluia aleluia

Aleluia já é festa

Alegrai-vos mãe de Deus

Nossa alegria é esta

Alegrai-vos mãe de Deus

Nossa alegria é esta

Mig.- E só cantavam essa música para fazer as Alvissaras?

Senhora 4: Temos outra

(começam a cantar a mesma canção com uma diferença no texto: Em vez de povo da Soalheira dizem rancho da Soalheira. A nível da melodia acrescentam no fim a melodia com o texto em “lá, lá, lá”.)

Mig.- Será então uma versão diferente para o rancho.

Senhora 4: Não é só para o rancho, não é só para o rancho. Temos duas músicas diferentes.

Senhora 2: Esta tem o “lá, lá, lá” talvez fique mais alegre, sei lá...

Mig.- E então iam cantar as Alvissaras pela terra toda?

Senhora 1: Pelas ruas aos ricos, íamos aos ricos.

Senhora 3: Em volta da capela.

Senhora 2: E nós no rancho também já temos ido.

Mig.- Iam pedir as amêndoas. Mas na semana santa não se pode cantar isso, pois não?

Senhora 4: Não, só no Domingo de Páscoa, e atenção, no Domingo de Pascoela, é o Domingo a seguir à Páscoa, primeiro Domingo de Páscoa. E então vinham, a nossa festa tem muita nomeada. Não tanto como a Senhora do Almurtão, não tanto. Antigamente tinha muita nomeada, agora é que não mas antigamente sim. E então vinham outros grupos de outras terras cantar as Alvissaras à Senhora das Necessidades.

Senhora 1: É verdade, é verdade.

Senhora 4: Nós temos lá uma fotografia, que o meu marido tirou um ano que cá viemos, o primeiro ano. E até as mulheres, as pessoas traziam as merendas, porque naquela altura não havia a vender, não havia restaurantes, cada um tinha que trazer o farnel para comer. E ali no bairro da misericórdia não havia nada era só cabeços.

Mig.- Ali onde estão os bombeiros e a escola?

Todas: Sim, sim.

Senhora 4: Não existia ali nada, era só cabeços. As pessoas, veja bem as pessoas que vinham, aquilo era só cabeços e enchia-se de pessoas a comerem os farnéis.

Senhora 1: Traziam os adufes e era tão bonito, aqueles ranchos ali da Atalaia, da Póvoa, de Castelo Novo.

Senhora 3: Tinha muita fama a nossa festa.

Senhora 1: Acaba tudo, acaba tudo.

Mig- E na semana santa o que é que cantavam?

Senhora 1: Aqui na semana santa não cantávamos nada.

Senhora 4: Só as almas, só as almas. São três vezes.

Mig.- São três vezes?

Senhora 3: Três noites.

Senhora 2: Acho que a minha filha tem isso gravado. Ela pode lhe emprestar isso.

Mig.- Mas a mim interessava-me ouvir. Conseguem cantar as almas?

Senhora 2: Eu não, eu não costumo ir com elas.

Senhora 4: Somos poucas agora. Costumamos ser vinte. Ao Paúl fomos quantas?

Senhora 1: Doze.

Senhora 4: Ai! Conta as lá se queres ver.

Senhora 3: Mais?

Senhora 4: Éramos dezasseis. E faltou a Estela Gonçalves, a minha cunhada São, faltou a ...

Somos vinte.

Mig.- Cantam também os martírios?

Senhora 4: É os martírios. É os martírios mesmo que nós cantamos. Cantamos também as almas mas as pessoas gostam mais das almas.

Mig.- Não conseguem cantar agora?

Senhora 4: Não que não temos quem cante a voz fina.

Senhora 2: Cantamos sem a voz fina. Vá lá.

Bendito e louvado seja

Na vossa santa cabeça

A paixão do redentor

Coroa de espinhos cravaram

Para nos livrar das culpas

Por entre dores intrigas

Morreu por nosso amor

Fontes de sangue manaram

Senhora 4: Mas tem uma voz fina, eu é que não... quer dizer fica muito bonito.

Mig.- Isto são os martírios. E as almas?

Senhora 3: Isto sem a letra...

Senhora 4: A letra a gente sabe de cor.

Senhora 1: Ai é aquela que a gente ensaia?

Bendita e louvada sejas	E seja pelo divino amor de Deus
A sagrada paixão e morte	Mais vos peço e irmãos meus
De nosso senhor Jesus Cristo	Um padre nosso e uma ave Maria
Advogai os fiéis cristãos	Por aqueles que andam em pecado mortal

Lembra-vos das benditas almas	Que nosso senhor os deixe chegar
Que estão nas penas do purgatório	Ao arrependimento dos seus pecados
Ajudemo-las a retirar	E seja pelo divino amor de Deus
Com um padre nosso e uma ave Maria	

Senhora 4: E ainda há outro.

Mig.- E qual é o outro verso?

Mais vos peço irmãos meus	Que nosso senhor os deixe chegar
Um padre nosso e uma ave Maria	A ponto da sua salvação
Por aqueles que andam	E seja pelo divino amor de Deus
Sob as águas do mal	

Senhora 1: Este também é muito bonito.

Senhora 4: E também cantamos a Salve Rainha.

Mig.- E a Salve Rainha canta-se quando?

Senhora 4: A Salve Rainha canta-se, nós cá na Soalheira cantamos quando chegamos da procissão do Senhor dos Passos. Quinta-feira Santa faz-se cá a procissão do Nosso Senhor dos Passos. A procissão em volta da aldeia, da aldeia que agora é vila, dá a volta à povoação e onde há capelas e na igreja matriz pousam o Nosso Senhor que vai no andor e passa o povo todo por baixo. Quer dizer a procissão não pára. É assim, passam as pessoas por baixo do andor. Está o andor na capela de S. Sebastião que é a primeira paragem, depois passam por baixo com as velas acesas. Conforme passam por baixo vão logo andando para cima.

Senhora 3: Umas para cá outras para lá.

Senhora 4: Depois o andor está ali até a última pessoa passar. A última pessoa passa, a procissão já está toda alinhada, está tudo parado com as velas acesas e o andor passa com a irmandade das almas da Santa Casa da Misericórdia, todos com umas opas roxas e os anjinhos.

Mig.- Quem são as pessoas que levam o andor?

Senhora 4: Podem ser da Santa Casa mas não tem que ser.

Senhora 1: São pessoas que gostam de levar o andor. Ou as pessoas que têm promessas.

Senhora 4: E depois chega-se à capela de Santo António, aí é um espaço curto. Chega-se à capela de Santo António está a procissão já toda formada, o andor passa pelo meio, pára outra vez em frente ao Santo António, voltado para o povo, as pessoas dão outra vez a volta, passam outra vez por baixo com as velas acesas e vamos caminhando, caminhando outra vez em direcção à igreja matriz. Na igreja matriz volta a passar outra vez o andor e seguem então para a capela. Mas nós temos a ladainha, há um grupo de homens que vai cantar a ladainha, é a ladainha de todos os santos. E o povo responde.

Santa Maria

Senhora 3: Isto são eles que cantam.)

Ora probis (Povo responde)

Santo António

Ora probis

Senhora 4: Está a compreender?

Senhora 2: Cantam os santos todos.

Senhora 4: São Miguel, São Lourenço, São Sebastião...

Mig.- E é sempre a mesma música?

Todas: Sim, sim sempre!

Senhora 4: Vão cantando mas deixam espaço, vão espaçando, não é tudo seguido, tudo seguido. Vão caminhando e depois cantam um santo, depois o povo responde. Quando chegam... depois a procissão da igreja matriz segue para a Senhora das Necessidades que é lá a capela onde fica Nosso Senhor dos Passos, e então à chegada da procissão cantamos a Salve Rainha.

Salve rainha

Mãe misericórdia

Vida doçura

Esperança nossa

Filhos de Eva

A vós suspiramos

A vós suspiramos

Gemendo e chorando

Neste vale de lágrimas

Em ardores

Em ardores

Esses vossos olhos

Misericordiosos

Misericordiosos

A vós roguei

Nesse desterro

Nos mostrai Jesus

Nos mostrai Jesus  
Bendito fruto  
Do vosso ventre  
(Têm dúvidas na letra)

Mig.- A música é sempre esta?  
Todas: É sempre esta.  
Senhora 4: Mas o fim é que é bonito.

Amen Jesus  
Maria José  
Salvai a minha alma  
Que ela vossa é  
Que ela vossa é  
É e há-de ser  
Salvai a minha alma  
Quando eu morrer

Senhora 1: A gente assim sem papel, mas não faltam muitas.  
Mig.- E durante a quaresma não e pode cantar nada não é?  
Senhora 4: Bem não se pode... a gente canta... mas não e deve cantar.  
Mig.- E nos tempos antigos?

Senhora 4: Nos tempos antigos não cantavam. Olhe, antigamente era assim: Todos os domingos havia bailaricos, no Verão e na Primavera e no Carnaval. Era bailaricos a toda a hora, mesmo nas ruas, nós temos o largo da fonte que era ali que as pessoas... porque havia muitos filhos não é! Havia muitos rapazes e muitas raparigas e então juntavam-se ali. Andavam numa dança só com um realejo, uma coisa, como é que se chama, uma gaita de beijos. Depois quando vinha a quaresma não se dançava nem se cantava. Então o que é que faziam para se entreter, não havia televisão, não havia carros não



havia nada. Então era a jogar à marra e então o que era a marra. Punha-se uma pedra grande, veja bem na minha rua que agora passam lá, não digo milhares mas umas centenas de carros passam lá todos os dias. Então naquele tempo nós jogávamos à marra na rua, veja lá os carros que passavam, não passavam carros nenhuns. Passava o carro do senhor doutor Ramos que era aqui do Lourçal.

(Começa uma conversa em que nomeiam os carros que passavam. Umas dizem que passava o do senhor Rolão e outras dizem que era o Taxi do senhor Breia, um Ford que tinha uma grande roda atrás. Passava ainda o do doutor Amaral.)

Nessa altura andavam as galinhas nas ruas e recolhiam à noite. O senhor doutor Amaral matava-as com o carro e comprava-as. Ele não fazia questão as galinhas iam na frente e ele se matasse matava, mas comprava-as. Galinha caseira não é brincadeira... e as pessoas coitadas não tinham outro poder senão vendê-las. Ele pagava-as bem.

E então jogávamos à marra. Punha-se assim uma pedra e ficavam umas de cá e outras de lá. Depois deitávamos a bola para lá, e elas faziam assim. (mandar a bola pelo chão em direcção da pedra.)

( O objectivo do jogo era acertar na pedra do meio, ou marrar na pedra do meio o maior número de vezes.)

(Uma senhora diz que só jogavam raparigas e outras dizem que os rapazes também)

(As senhoras dizem que jogavam ao Lenço, à Bilharda porque não se podia cantar. Chegava à meia-noite da terça-feira de Carnaval e parava o baile porque começava a Quaresma.)

As senhoras referiram que nesses bailes se tocava uma flauta ou uma concertina, mas a partir de um certo tempo já havia aparelhagem. A primeira aparelhagem que houve era a do senhor Carvalho.

As senhoras referiram também que se dançavam as contradanças no Carnaval, em que usavam uns fatos muito bonitos e tinham um pau com umas fitas no meio.)

Mig.- E falta-nos o Natal, o que é que cantavam no Natal?

Senhora 1- A nossa música de Natal deve ser a mais bonita que se canta na Beira Baixa. Olhe as pessoas de cá que estão fora, em Lisboa, na Guarda, em Coimbra, eu sei lá... vêm cá sempre só por causa da missa do galo. Muitos, é por causa da missa do galo. E é na missa do galo que se canta o Menino Jesus.

Alegrem-se os céus e a terra	Ó meu menino Jesus
Cantemos com alegria	Meu tão lindo amor perfeito
Alegrem-se os céus e a terra	Ó meu menino Jesus
Cantemos com alegria	Meu tão lindo amor perfeito

Que já nasceu o menino	Se vós tendes frio frio
Filho da virgem Maria	Vinde lá para o meu peito
Que já nasceu o menino	Se vós tendes frio frio
Filho da virgem Maria	Vinde lá para o meu peito

Em Belém à meia-noite	Ó meu menino Jesus
Meia-noite de Natal	Delícia do coração
Em Belém à meia-noite	Ó meu menino Jesus
Meia-noite de Natal	Delícia do coração

Nasceu Jesus no presépio	Só por vós se pode estar
Maravilha sem igual	Toda à noite em oração
Nasceu Jesus no presépio	Só por vós se pode estar
Maravilha sem igual	Toda à noite em oração

Alegrem-se os céus e a terra  
Cantemos com alegria  
Alegrem-se os céus e a terra  
Cantemos com alegria  
Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria  
Que já nasceu o menino  
Filho da virgem Maria

Senhora 1- Então é bonito?

Mig. É muito bonito... Eu sei que não é muito simpático nós perguntarmos a idade às senhoras, mas eu é só para saber mais ou menos há quanto tempo se cantavam estas canções... A senhora como é que se chama?

Senhora 1- Maria José Félix.

Mig.- E que idade tem?

Senhora 1- 74.

Mig.- E a senhora que está ao lado?

Senhora 2- Leonor Ferreira.

Mig.- E que idade tem?

Senhora 2- 50.

Mig.- E a senhora?

Senhora 3- Maria Eusébio.

Mig.- E tem que idade a senhora?

Senhora 3- 76.

Mig- E a senhora?

Senhora 4- Eu, Maria Rosa. Tenho 68.

Mig.- E a menina já agora...

Menina- Cláudia Justo, 24 anos.

Mig.- E o senhor?

Senhor- António Pereira Domingues, 60.

Mig.- Lembram-se de outras canções que se cantavam por aqui?

Responderam que não mas que sabem muitas do rancho. Quando perguntei se as cantigas do rancho eram da Soalheira, disseram que sim mas o repertório que mencionaram é popular ou do compositor Arlindo de Carvalho.

Cantaram então o Loureiro

Loureiro verde loureiro

Loureiro assim assim

Loureiro verde loureiro

Loureiro assim assim

Enganaste uma donzela  
Casa com ela ò Joaquim  
Enganaste uma donzela  
Casa com ela ò Joaquim

Por mais que o loureiro cresça  
Ao céu não há-de chegar  
Por mais que o loureiro cresça  
Ao céu não há-de chegar

Casar com ela não caso  
Ela a mim não me faz conta  
Casar com ela não caso  
Ela a mim não me faz conta

Por mais amores que eu tenha  
Ai a ti não quero deixar  
Por mais amores que eu tenha  
Ai a ti não quero deixar

Loureiro verde loureiro  
Seco no meio verde na ponta  
Loureiro verde loureiro  
Seco no meio verde na ponta

Hei-de subir ao loureiro  
Hei-de descer pela rama  
Hei-de subir ao loureiro  
Hei-de descer pela rama

Só p'ra ver o travesseiro  
Ai que a menina tem na cama  
Só p'ra ver o travesseiro  
Ai que a menina tem na cama

Senhora 4- E o Toma lá dá cá também é muito bonito.

Mig.- Como era então?

Se me deres algum degredo  
Dai-mo à beira da serra  
Sempre quero estar dizendo  
Soalheira é minha terra

Toma lá dá cá  
Dá cá toma lá  
O meu coração  
Arrecad'ó lá  
Toma lá dá cá  
Dá cá toma lá  
O meu coração  
Arrecad'ó lá

Soalheira é minha terra  
(não se percebe a letra)

Senhora 4- A música é regional mas a letra é cá da Soalheira.



## **Anexo 14 - Reprodução em texto da entrevista realizada no Souto da Casa em 4 de Junho de 2008.**

Esta entrevista realizou-se na Casa do Povo onde ensaia, desde há quatro anos o Grupo de Cantares do Souto da Casa. O modelo desta entrevista foi a de um concerto, como este grupo faz. A disposição do grupo foi em pé como um coro e cantaram o repertório todo. Nos intervalos das músicas fomos perguntando acerca da idade das canções e em que circunstâncias eram cantadas. Seguidamente transcrevemos as letras das músicas e descrevemos o contexto em que se cantavam, fazendo uma síntese daquilo que foi dito pelo grupo, não individualizando o discurso.

Começámos por nos apresentar e descrever os objectivos da entrevista. Depois perguntámos os nomes e as idades das pessoas envolvidas que são os seguintes.

Lúcia, 68 anos

Conceição 78

Leonor 72

Ana 90

Encarnação 77

Elisa 68

Alzira 64

Maria da Ascensão 70

Maria 69

Ana Paula 32

Maria Fernandes 69

Maria Garrida

José 74

Albano 47

Joaquim Lobato 69

Este repertório já era cantado pela “Ti Ana”, a senhora que tem noventa anos e que é o elemento mais velho do grupo, quando era pequena.

São músicas identificadas por todos como sendo originárias do Souto da Casa e cantados desde sempre.

Começaram por cantar a cantiga da cereja. Referiram que esta canção não é muito antiga porque a cultura da cereja não tem muitos anos também. Não sabem quem compôs esta música.

### Cantiga da Cereja

Somos da Cova da Beira

Cá da terra das cerejas

Que a senhora da Gardunha

Lá do alto nos proteja

Ora toma lá

Nossa terra Souto da Casa

Outra mais linda não há

Lindas e boas cerejas

Vão para muitos países

Mas é na nossa terra

Que elas têm as raízes

Ora toma lá

Ora toma lá

Nossa terra Souto da Casa

Outra mais linda não há

Quando andamos na colheita

Cantamos alegremente

Pois são as nossas cerejas



Que governam muita gente

Ora toma lá

Ora toma lá

Nossa terra Souto da Casa

Outra mais linda não há

Até os passarinhos cantam

Com muito mais alegria

É no tempo das cerejas

Que eles comem todo o dia

Ora toma lá

Ora toma lá

Nossa terra Souto da Casa

Outra mais linda não há

Semei linho na serra

Esta canção era cantada nas festas e nas eiras quando se trabalhava. O linho já não se cultiva há mais de quarenta anos na serra da Gardunha. “Era uma coisa que dava muito trabalho” referiu a Ti Ana. Em relação à idade desta música, foi dito que “é mais velha do que nós todas”.

Semei linho na serra

Hei-de te amar truz truz

Sem leira nem meia leira

Hei-de te amar traz traz

Quando nasceram os homens

Hei-de te amar bem entendes

Nasceu a má sementeira

Ó delicado rapaz

Semei linho na serra	Hei-de te amar truz truz
Não me nasceu nem um grão	Hei-de te amar traz traz
Quando nasceu a mulher	Hei-de te amar bem entendes
Nasceu logo a ilusão	Ó delicado rapaz

Hei-de te amar truz truz	Semei linho na serra
Hei-de te amar traz traz	E ficou todo queimado
Hei-de te amar bem entendes	Quando nasceu a mulher
Ó delicado rapaz	Logo nasceu o pecado

Semei linho na serra	Hei-de te amar truz truz
Sem rego nem meio rego	Hei-de te amar traz traz
Quando nasceram os homens	Hei-de te amar bem entendes
Nasceu o nosso degredo	Ó delicado rapaz

### Moda da castanha

Esta canção está muito ligada à população do Souto da Casa por vários motivos como nos foi contado:

Segundo reza a lenda, havia um grande souto nesta encosta da Gardunha, dos soutos do Alcambar do Fundão plantados no tempo do rei D. Dinis e que se estendiam quase até S. Vicente. Este Souto tinha uma casa. A população que residia num lugar que hoje se chama a Courela, antes chamada Feijoeira, depois de uma praga de gafanhotos, mudou-se mais para cima para a encosta onde se situava o Souto da Casa.

A base de alimentação nos tempos antigos, antes da introdução da batata, era a castanha.

A história do Carvalhal passa-se no século dezanove em que um nobre de nome Garret queria tirar os terrenos baldios aos camponeses que os amanhavam e os consideravam seus. Então a população do Souto da Casa, em

mil oitocentos e noventa revoltou-se, tocando os bombos, e impediram que lhes fosse retirada a terra, os castanheiros e os pastos. Ainda hoje na quarta-feira de cinzas se deslocam em procissão até ao Carvalho, onde fazem uma grande festa. A festa era tão importante que até foi concedida uma autorização do arcebispado da Guarda que autorizava quem fosse à festa a comer carne, apesar de ser tempo de quaresma.

No alto da Gardunha

Ai meu bem

Tem meu pai um castanheiro

Que dá castanhas em Maio

Ai meu bem

Cravo roxo em Janeiro

O ouriço quando nasce

Ai meu bem

Logo começa a picar

Também eu quando nasci

Ai meu bem

Foi logo para te amar

No souto do carvalho

Ai meu bem

Está um reboleiro a abanar

Está dizendo viva viva

Ai meu bem

Morra quem não sabe amar

A castanha quando nasce

Ai meu bem

Nasce dentro do ouriço

Também tu quando nasceste

Ai meu bem

Nasceu o meu feitiço

Se fores ao monte

Esta canção não tinha uma época específica do ano para ser cantada. Era cantada enquanto se acariava a lenha ou apanhava as pinhas e já tem muitos anos.

Se fores ao monte leva o pucarito bebe

Água da fonte p'ra ficares bonito

Olhas as raparigas que lindas que são  
Elas são maganas da nossa paixão  
Olha os rapazes que desempenados  
São os guardadores dos nossos pecados

Se fores ao monte a apanhar as pinhas  
Não vás sozinho vai com as meninas

Olhas as raparigas que lindas que são  
Elas são maganas da nossa paixão  
Olha os rapazes que desempenados  
São os guardadores dos nossos pecados

Se fores ao monte apanhar a lenha  
Não vás sozinho espera que eu venha

Olhas as raparigas que lindas que são  
Elas são maganas da nossa paixão  
Olha os rapazes que desempenados  
São os guardadores dos nossos pecados  
Se fores ao monte em dias de frio  
Leva o cestinho que está vazio

Olhas as raparigas que lindas que são  
Elas são maganas da nossa paixão  
Olha os rapazes que desempenados  
São os guardadores dos nossos pecados

## Alecrim

Foi-nos dito que esta canção, apesar de ser muito popular, no Souto da Casa tem uma forma diferente de ser cantada que se mantém inalterada. Esta canção cantava-se também na altura do S. João quando se saltavam as fogueiras.

Alecrim alecrim aos molhos

Por causa de ti choram os meus olhos

Ai meu amor quem te disse a ti

Que a flor do campo é o Alecrim

Alecrim alecrim dourado

Que nasce no campo sem ser semeado

Ai meu amor quem te disse a ti

Que a flor do campo é o alecrim

Alecrim tens a condição

De morrer queimado pelo S. João

Ai meu amor quem te disse a ti

Que a flor do campo é o Alecrim

Sachadeiras

Esta canção era cantada quando se sachava o milho. A Ti Ana referiu que aprendera esta canção quando tinha sete ou oito anos e ia sachar com um sachinho pequenino para ao pé das mulheres. Ela hoje tem noventa. Esta canção foi cantada a duas vozes.

Que sachais sachadeiras	A sachar não me mandai
Que sachais	A sachar
O milheral do meu sogro	Que eu não sei correr o eito
Dia grande	Falar de amores
Deus vos faça o dia grande	Mandai-me falar de amores
Que sachais o milho todo	Para isso tenho jeito
Dia grande	Falar de amores
Deus vos faça o dia grande	Mandai-me falar de amores
Que sachais o milho todo	Para isso tenho jeito

Que sachais sachadeiras  
Que sachais  
Sachais o meu milho bem  
Para o caminho não olheis  
Para o caminho não olheis  
Para o caminho que a merenda já lá vem  
Para o caminho não olheis  
Para o caminho que a merenda já lá vem

Ora bate lavadeira

Esta canção era cantada enquanto iam lavar a roupa à ribeira

Fui à ribeira a lavar  
Levou-me a água o sabão  
Lavei a roupa com rosas  
Ficou-me o cheiro na mão

(refrão)

Ora bate lavadeira

Lavadeira bate

As nossas cantigas

Não têm remate

Ora bate lavadeira

E torna a bater

As nossas cantigas

Não têm que ver

Se eu quisesse dar penas

Dava ao povo que falar

Ia-te ver à ribeira

Quando estavas a lavar

(refrão)

Fui à ribeira p'ra ver Ana

Encontrei a Isabel

Encontrei-me com quem eu queria

Caiu-me a sopa no mel

(refrão)

## S. João

Esta canção cantava-se enquanto saltavam as fogueiras de S. João. Referiram que este S. João é diferente dos que se cantam noutros lados e que só o ouviram ali. Cantam a duas vozes

Abaixai-vos Ramalheiras	S. João que estais no céu
Ai deitai o ramo ao chão	Ai encostadinho à lua
Deixai passar os romeiros	Acompanhai o ranchinho
Ai que vão para o S. João	Ai até ao cimo da rua

Cachopas erguei-vos cedo  
Ai a varrer o pó à rua  
Vêem os anjos cantando  
Ai aleluia aleluia

Ó lua ó linda lua

Esta canção cantava-se na descamisada do milho. Utilizaram dois termos: descamisar e descamuchar o milho.

Ó lua ó linda lua	Ó lua ó linda lua
Não venhas cá ao serão	Não digas à minha amada
Ai para quem anda de amores	Ai que eu passei à porta dela
Ó ai quer escuro e luar não	Ó ai ao romper da madrugada



Ao romper da madrugada	Muito padece quem ama
Sai o pastor da cabana	Mais padece quem adora
Ai gritando em voz alta	Ai mais padece quem vê
Ó ai muito padece quem ama	Ó ai o amor a toda a hora

### Senhor da Saúde

O santo padroeiro do Souto da Casa é o S. Pedro. No entanto a festa maior que fazem é ao Senhor da Saúde no quarto fim-de-semana de Agosto. A procissão de velas que é enorme sai da igreja e dirige-se para o santuário percorrendo uma distância de aproximadamente dois quilómetros.

Esta canção canta-se no fim da procissão depois do sermão.

### Ó Senhor da Saúde

Dizei-me onde morais  
Ao fundo do Souto da Casa, Jesus  
Lá no meio dos sobreirais

### Ó Senhor da Saúde

O vosso terreiro é chão  
Mandai-o lavrar Senhor ó Jesus  
Que p'ro ano dará pão

### Ó Senhor da Saúde

A vossa fama é boa  
Foram tantos os milagres Jesus  
Que chegaram a Lisboa

### Ó senhor da Saúde

Quem vos varreu a Capela  
Foram as moças solteiras Jesus  
Com raminhos de marcela

Nosso Senhor da Saúde  
Acudi à nossa terra  
Livrai o nosso povo  
Da fome e peste da guerra

Nosso Senhor da Saúde  
Vinde abaixo à ladeira  
Vinde buscar a mortalha Jesus  
Que tive à cabeceira

Nosso Senhor da Saúde  
Amigo dos pobrezinhos  
Olhai pelo nosso povo Jesus  
Dai saúde aos pobrezinhos

Nosso Senhor da Saúde  
Eu canto-vos com prazer  
Juro-vos neste dia Jesus  
Amar-vos-ei até morrer

Nosso Senhor da Saúde  
És o meu maior abrigo  
Olhai pelos doentinhos Jesus  
Quando estão em perigo

Nosso Senhor da Saúde  
Ó fonte de santidade  
Santifica o meu povo Jesus  
Dando-lhes fraternidade

Marcha do Senhor da Saúde

Esta marcha canta-se desde sempre. Quando chegavam ao santuário cantavam esta canção em marcha.

As alegres raparigas  
Da nossa terra marchando  
Sabem que ao som das cantigas  
Vai o povo melhorando  
À vista dos namorados  
Dobam novelos de linho

Para meias e bordados  
Todas são costureirinhas

Refrão

Ó Senhor da Saúde  
Voltado para a serra  
Dos males deste mundo  
Livrai a nossa terra  
Fazei que a juventude  
Subindo agora à vida  
Encontre no caminho  
A luz da nossa ermida  
Na tua voz risonha  
Souto da Casa vai todo só  
De Portugal  
Enleve e sonha porque és tão bela  
Não tens igual

As canções da nossa terra  
São mais cheias de alegria  
Ao cantá-las pede logo  
Repeti-las todo o dia  
Nossas vozes bem sonantes  
Uma a uma sem parar  
Vamos erguê-las de novo  
Nós nascemos para cantar

### Refrão

Quando nasce o sol de Agosto

Bebe a água na ribeira

Vai-te embora que é sol posto

Vai-te embora ó lavadeira

Ao pé da água que corre

A lavar o seu bragal

Deixando roupa lavada

Nas praias de Portugal

### Refrão

### Marcha do Souto da Casa

Esta canção é cantada em forma antifonal. O coro das mulheres canta um verso e o dos homens responde com outro verso. É cantada como despedida do rancho do palco.

Somos do

Souto da Casa

Cá do coração da Beira

Coração da Beira

O teu lindo nome

Teu lindo nome

Ouve-se na terra inteira

Na terra inteira

Alto da Gardunha

Da Gardunha

Altar de Portugal

De Portugal

Vem juventude

Com alegria sem igual

E sem igual

Refrão

Adeus Souto da Casa

Ó terra de beleza

És o encanto

Da terra portuguesa

Adeus Souto da Casa

Aldeia sem igual

Terra tão linda

Orgulho de Portugal

De Portugal

Podes orgulhar-te

E orgulhar-te

Da beleza dos teus campos

E dos teus campos

Os teus arredores

Teus arredores

Estão cheios de encantos

E de encantos

Os que te visitam  
Te visitam  
Têm grande recordação  
És a linda aldeia  
Predilecta da nação  
E da Nação  
Adeus Souto da Casa  
Ó terra de beleza  
És o encanto  
Da terra portuguesa  
Adeus Souto da Casa  
Aldeia sem igual  
Terra tão linda  
Orgulho de Portugal  
De Portugal

Oferecemos flores  
Oferecemos flores  
Cantar com alegria  
Com alegria  
Eis o nosso lema  
O nosso lema  
Quer de noite quer de dia  
E quer de dia  
Temos dentro do peito  
Dentro do peito  
O coração a pular

E a pular  
Queremos com afecto  
A todos abraçar  
Abraçar  
Adeus Souto da Casa  
Ó terra de beleza  
És o encanto  
Da terra portuguesa  
Adeus Souto da Casa  
Aldeia sem igual  
Terra tão linda  
Orgulho de Portugal  
De Portugal

Encomendação das Almas

Este cântico canta-se nos domingos da quaresma às nove da noite. Canta-se sete vezes. No fim dos versos reza-se o Pai Nosso e uma Ave Maria.

(toca a sineta três vezes com tempo igual)  
Mais vos peço meus irmãos  
Que rezemos um pai nosso e uma Avé Maria  
Em honra e louvor de nosso padre S. Francisco  
Para que ele seja o procurador da nossas almas  
Perante Nosso Senhor Jesus Cristo  
(toca a sineta três vezes com tempo igual)  
(uma pessoa reza)

Pai nosso que estais no céu  
Santificado seja o vosso nome  
Venha a nós o vosso reino  
Seja feita a vossa vontade  
Assim na terra como no céu  
( O coro responde)  
O pão nosso de cada dia Nos dai hoje  
Perdoai-nos as nossas ofensas  
Assim como nós perdoamos  
A quem nos tem ofendido  
E não nos deixais cair em tentação  
Mas livrai-nos do mal amen

(uma pessoa reza)

Ave Maria cheia de graça  
O senhor é convosco  
Bendita sois vós entre as mulheres  
Bendito é o fruto do vosso ventre Jesus

( O coro responde)

Santa Maria mãe de Deus  
Rogai por nós pecadores  
Agora e na hora da nossa morte e ámen

(uma pessoa reza)



Dai-lhes senhor o eterno descanso

(O coro responde)

Entre o esplendor da luz perpétua

(uma pessoa reza)

Descansem em paz

( O coro responde)

Amen

Em jeito de piada o grupo diz “agora descansamos em paz”.

Verónica

Foi referido que este é também um cântico da semana santa. É cantado em latim.

Ó vós ó né

Qui transit per viam

É tendi té é devidé té

Si és dolocico dolor meo

Esta canção é cantada por três senhoras.

Era cantada na sexta feira santa na procissão que ia da capela até à igreja. Cantavam a Verónica ao principio da procissão e atrás do esquife cantavam as “Três Marias”.

## Paixão

Esta canção cantava-se ao início da missa. É referido que também cantavam quando andavam a mondar o trigo, quando havia trigo.

Bendita e louvada seja	Quanto por nós padeceste
A paixão do Redentor	Ó bom Jesus salvador
Para nos livrar das culpas	Quem é que possa entender
Morreu por nosso amor	Tantos excessos de amor

Padeceu grandes tormentos	Na vossa santa cabeça
Duros martírios na cruz	C'roas de espinhos cravaram
Morreu para nos salvar	Por entre dores incriveis
Seja bendito Jesus	Fontes de sangue manaram

Bendita e louvada seja  
A paixão do redentor  
Para nos livrar das culpas  
Morreu por nosso amor

## Bendito

Esta canção cantava-se nos domingos da quaresma durante a via sacra.

Bendito e louvado	Domingo de Ramos
Mil vezes e mais	Não pode ser mais
Louvado e bendito	Fecharam-se as portas
Bendito sejais	Bendito sejais

Bendito e louvado  
Mil vezes e mais  
Louvado e bendito  
Bendito sejais

Bendito e louvado  
Mil vezes e mais  
Louvado e bendito  
Bendito sejais

Senhora das dores  
Que aflita estais  
Com o vosso filho  
Bendita sejais

P'ró monte calvário  
Senhor caminhaís  
Com a cruz aos ombros  
Bendito sejais

Bendito e louvado  
Mil vezes e mais  
Louvado e bendito  
Bendito sejais

Bendito e louvado  
Mil vezes e mais  
Louvado e bendito  
Bendito sejais

Além vem Jesus  
Pisado e mais  
Carregando a cruz  
Bendito sejais

Além vai Jesus  
Que lhe quereis vós  
Eu quero ir com ele  
Que morreu por nós

Bendito e louvado  
Mil vezes e mais  
Louvado e bendito  
Bendito sejais

## Martírios

Cantavam este cântico depois de cantar as almas.

Lá em cima ao calvário	Além vão as três Marias
Está um craveiro à cruz	Todas três vão a chorar
A água com que se rega	Vão à cata de Jesus
É o sangue de Jesus	Não o puderam achar
Ó meu Deus quem fora homem	Foram-no achar em Roma
Ó meu Deus quem homem fora	Revestido no altar
Quem subiu ao calvário	Com um cálice de ouro na mão
Beijar o ceptro à coroa	Missa nova quer cantar

Lá em cima ao altar mor  
Onde se diz domine  
Parte-se a história ao meio  
Fica Deus conforme é

Senhor Deus misericórdia

(homens) Senhor Deus  
(mulheres) misericórdia  
(homens) perdão senhor p'ra tanta gente  
(mulheres) misericórdia  
(homens) piedade para o coração demente  
(mulheres) misericórdia  
(homens) senhor tem compaixão dos pecadores

(mulheres) misericórdia  
(homens) vosso amável coração  
(mulheres) misericórdia  
(homens) pois que o abriu dura lança  
(mulheres) misericórdia  
(homens) de tão amarga paixão  
(mulheres) misericórdia  
(homens) terno Jesus concedei-nos  
(mulheres) misericórdia  
(homens) de nossos crimes perdão  
(mulheres) misericórdia

Alvichas

Este cântico era cantado no domingo de Páscoa depois do aleluia.

Dai-me as alvichas senhora	Já dá o sol na igreja
Dai-me as alvichas senhora	Já dá o sol na igreja
Que vo-las venho pedir	Já alumia o sacrário
Que vo-las venho pedir	Já alumia o sacrário
O vosso amado filho	Fomos pedir as alvichas
O vosso amado filho	Fomos pedir as alvichas
Já tornou a ressurgir	À senhora do Rosário
Já tornou a ressurgir	À senhora do Rosário

A senhora do Rosário	Recorde senhor prior
A senhora do Rosário	Recorde senhor prior
Tem o seu rosário certo	Acorde não durma tanto
Tem o seu rosário certo	Acorde não durma tanto
Quem o rezar cada dia	Vimos pedir as Alvichas
Quem o rezar cada dia	Vimos pedir as Alvichas
Achará o céu aberto	Ao divino Espírito Santo
Achará o céu aberto	Ao divino Espírito Santo

Aleluia aleluia  
Aleluia aleluia  
Aleluia já é festa  
Aleluia já é festa  
Já apareceu a aleluia  
Já apareceu a aleluia  
Detrás da porta travessa  
Detrás da porta travessa